

CRÓNICAS DE ALLARYIA

A MANOPLA DE KARASTHAN



FILIPE FARIA

CRÓNICAS DE ALLARYIA

A MANOPLA DE KARASTHAN

Prémio Branquinho da Fonseca Expresso/Gulbenkian

EDITORIAL PRESENÇA

[http: //www.allaryia.cjb.net](http://www.allaryia.cjb.net) aewyre@email.com

FICHA TÉCNICA

Título Crónicas *de Allaryia A Manopla de Karasthan*

Autor Filipe *Faria*

Copyright © by Filipe Faria e Editorial Presença, Lisboa, 2002

Capa Samuel *Santos*

Pré-impressão, impressão e acabamento Multitipo *Artes Gráficas, Lda*

1ª edição, Lisboa, Abril, 2002

Depósito legal 169 153/02

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa à EDITORIAL PRESENÇA Estrada das Palmeiras, 59 Queluz de Baixo

2745-578 BARCARENA Email info@editpresenca.pt Internet [http //www editpresenca pt](http://www.editpresenca.pt)

Digitalização e arranjos de Vítor Chaves

Mãe, pelo incondicional apoio

Pai, pelos genes

Pedro, pela amizade e pelas ideias

Manowar, por me terem ensinado a acreditar em mim

J. R. R. Tolkien, por ter sido quem foi

Gary Gygax, por anos de inspiração e diversão

PREFÁCIO

A quem estiver a pegar nestas páginas, que me permita apresentar-me. Dos muitos nomes pelos quais sou conhecido, usarei aquele com o qual os humanos me denominam e peço aos representantes das restantes e mui respeitáveis raças que não se sintam ofendidas ou de qualquer forma excluídas devido à minha escolha: Pearnon, o Escriba, vosso humilde servo, e eternamente ao vosso dispor.

A história que vos vou contar nestas páginas é a de um mundo heróico, das suas origens, mutações e dos seus eventos ao longo da inexorável passagem das areias do tempo. Esse mundo é Allaryia, um dos supostamente muitos focos de vida na vasta imensidão cósmica, um mundo de grandes heróis e infames vilões, florestas verdejantes e desertos inóspitos, poderosas nações e mesquinhos impérios, Allaryia, mundo que já foi o meu lar e sobre o qual eu agora escrevo, sempre observando o Cronoscópio Extemporâneo...

Tudo começou do Nada, o nada absoluto e inconcebível da pura não-existência. No entanto, para haver nada tem de haver qualquer coisa que o possa definir como tal, um algo que exista como o antónimo do nada.

Esse algo era, na realidade, dois algos, duas coisas concretas cuja existência justificava a não-existência do Nada. Esses dois algos eram duas forças opostas cuja junção criava o dito algo. No entanto, a constante oposição das duas era forte, e acabou por inevitavelmente criar outra coisa, a própria força entre as duas, ou por assim dizer intermédio dos algos. A oposição não só criou esse intermédio, como também causou várias outras reacções, que se propagaram pelo Nada como a ondulação da superfície de um rio atingida por uma pedra. Nesse instante, algo aconteceu, algo que se impôs e se sobrepôs ao Nada, que teve uma vasta porção sua convertida em algo concreto e existente. A partir desse momento, foi desencadeada uma

sequência de eventos que vieram a criar a imensidão cósmica e os dois algos e o seu intermédio continuaram a sua inconsciente tarefa durante um incomensurável espaço de tempo, que passou a ter significado. Findo esse período, surgiu inevitavelmente vida numa das incontáveis criações, um pequeno grão no meio da imensidão cósmica, nutrido pela luz das chamas de um astro ardente inconscientemente criado pela oposição dos algos, mas que bastou para que os três fossem imbuídos com a sua essência, tornando-se seres vivos e conscientes. Assim nasceram Sirul, Luris e Siris, as onipotentes Entidades, sendo Sirul o oposto de Luris e Siris a entidade neutra, o eterno intermédio. Juntos eram o Delta. Fascinadas pela sua própria criação e possuídas por um furor criativo, as Entidades investiram os seus esforços nesse pequeno grão onde a vida brotara e nele labutaram com afinho e carinho. Deram-lhe um nome, que foi fatalmente mudando ao longo dos tempos, sendo hoje conhecido a todos como Allaryia. Para que este mundo não fosse demasiado castigado pelas chamas do astro flamejante que o iluminava, o Delta criou três espécies de entes, cada um moldado à imagem de uma Entidade: os divaroth, seres angelicais, servos de Sirul; os azigoth, seres demoníacos, servos de Luris; e os uman, seres andróginos, servos de Siris. Os três trabalharam em conjunto pela primeira e última vez e encarregaram-se da construção do projecto das Entidades: o Pilar de Allaryia, com o qual atravessaram o mundo. As Entidades alimentaram esse pilar com a sua própria essência, que fazia com que este girasse em si e rodasse Allaryia de modo a que a luz nutridora do astro ígneo pudesse alimentar a totalidade do planeta. As três espécies assentaram no Pilar e fizeram dele o seu domínio, violentamente contestado nas eras seguintes. Então o Delta descansou e assistiu ao desenrolar do milagre da vida e viu como se iam desenvolvendo seres no mundo que agora florescia à medida que o ar se purificava, a água brotava das fontes e as plantas germinavam numa miríade de cores até então desconhecidas. Sem interferir, as Entidades observaram a evolução das suas criações e alegraram-se ao vê-los tornarem-se seres conscientes, se bem que incapazes de outra coisa senão garantir a sua própria sobrevivência.

Mesmo assim, a beleza desses seres, chamados animais, encantava o Delta, que se deleitava com a sua companhia e que decidiu criar para si e para os seus adorados animais um santuário digno do esplendor do mundo onde viviam. Assim nasceu Syntadel, lar das Entidades e lugar de maravilhas e milagres, calamidades e atribulações. No seu domínio paradisíaco Sirul alegrava-se ao ver o cervo a pastar, o veado a beber a água cristalina dos lagos e o coelho a saltar pelos frutíferos e verdejantes campos, enquanto, soberba no seu domínio cimério, Luris encontrava a sua satisfação ao ver o lobo a rasgar a garganta

do veado, o cuco a expulsar os seus irmãos do ninho e a mosca a debater-se desesperadamente na teia da aranha. Plácido no seu remo contrabalançado, Sins estava satisfeito com o equilíbrio.

Mas um animal encontrava maneiras de se esquivar à ordem natural e começava a quebrar as leis elementares. Esse animal aprendera a usar armas toscas para se defender dos seus predadores, aprendera a fazer fogo para sobreviver durante o agreste Inverno e aprendera a matar animais muitas vezes o seu tamanho através da astúcia que ia adquirindo conforme o tempo passava. Esse animal começava a chamar a atenção das Entidades, atraídas pelas proezas deste ser tão diferente dos restantes. Mal podia o Delta saber que nos seus adorados animais se encontravam resquícios da essência caótica primordial resultantes da deflagração da Criação, quando as Entidades forçaram a sua existência no Nada. Essa mesma essência revelava-se com mais força neste estranho animal, que superava as adversidades de uma forma que o Delta não julgava possível. Pela primeira vez, as Entidades sentiram que estavam perante um ser que poderiam considerar de certa forma seu igual, e a primeira reacção foi a de mostrar a esse novo ser que eram superiores a ele. Passaram a chamá-lo Humano, outro nome cujo significado se perdeu nos tempos, e exigiram veneração quando ele deu mostras de inteligência suficiente para tal. Mas os humanos temeram o Delta e fugiram dele sem o venerar. Quando souberam que as Entidades não lhes queriam mal, no entanto, aproximaram-se delas, maravilhados com a sua perfeição e divina sabedoria e veneraram-nas.

Assim terminou a Primeira Era, a Era da Criação.

A Segunda Era decorreu em paz e harmonia e os humanos amadureceram e multiplicaram-se, venerando cada uma das Entidades com igual devoção. Houve boas e más acções, nascimentos e mortes e o Delta estava satisfeito com a estabilidade.

Mas na Terceira Era, fogo caído do céu anunciou o fim do que as Entidades haviam criado. Do fumo e das cinzas surgiram os Filhos do Caos, manifestações das caóticas transformações ocorridas durante a Era da Criação, surgindo como resposta da entropia para dizimar o que fora criado e devolver o grão de vida de Allaryia ao caos primordial da imensidão cósmica.

Grande era a força dos Filhos do Caos e terrível a sua acerada fúria. Desceram sobre Allaryia numa cólera devastadora e assolaram tudo em redor num furor demente. Mesmo as Entidades os temeram, pois eram manifestações do seu próprio poder destrutivo, o choque entre o que existe e o Nada, o devastador rasgo entre o algo e a entropia. O céu chorava, a terra sangrava, o ar estagnava e o fogo sufocava com a destruição causada. Então o Delta voltou a sua atenção para os humanos, também eles possuidores da essência caótica

que alimentava os Filhos do Caos, e neles viram a esperança. Armaram-nos com aço rutilante, encheram-lhes os corações de alento e enviaram-nos contra os seus poderosos algozes, dando início a uma série de grandes e sangrentas batalhas. Cada Filho do Caos que os humanos deitavam por terra era de imediato aniquilado pelas Entidades, que se uniam no Delta para expurgar aquela terrível ameaça à sua criação. Titânicas batalhas foram lutadas em Allaryia, montanhas foram niveladas e oceanos foram represados, mas o poder dos Filhos do Caos era grande e os humanos, feridos e cansados, viram-se no lado perdedor após inúmeros conflitos. O Delta apercebeu-se de que ou revelava aos humanos o que até então lhes escondera ou a sua criação seria destruída pelos Filhos. Ensinaram a Palavra aos humanos, a Palavra que construía o Pilar do Mundo, a Palavra que moldara os alicerces da sua criação, a força motriz que usava a essência das Entidades para criar e conceber. Os humanos aprenderam depressa, absorvendo os conhecimentos que as Entidades lhes transmitiam com uma sede que a partir de então se tornou insaciável. Munidos desse novo saber, investiram contra os Filhos do Caos, atacando com aço e o que passou a ser conhecido por Magia, a Palavra usada para destruir em vez de criar devido à necessidade.

Por fim, os Filhos do Caos foram vencidos e escoraçados, fundidos à terra que haviam tentado destruir e a paz foi alcançada, se bem que a um custoso preço. Foi necessária quase uma era para que Allaryia recuperasse das suas fendas, que alteraram a sua superfície para sempre. Durante esse tempo o Delta despendeu todos os seus esforços para reparar o mal que havia sido feito e esqueceu os humanos por completo. Estes refugiaram-se na terra castigada, lamberam as suas feridas e lamentaram os seus mortos. Foi uma era que terminou em pranto e lamentações e os humanos para sempre guardaram ressentimento ao Delta por os ter abandonado naquela hora de necessidade.

Na Quarta Era, a Era da Discórdia, os humanos renegaram as Entidades. Talvez fosse inevitável. Talvez a salvação de Allaryia, o ter revelado a Palavra aos humanos, estivesse destinada a ser a perdição do Delta. Talvez. Corrompidos pelo poder da Arte da Palavra, a Magia, os humanos cresceram em arrogância e prepotência e fundaram vastos impérios, fazendo uso da Magia para os seus próprios fins mesquinhos e recusando-se a venerar o Delta, que entretanto tornara a voltar as suas atenções para os seus filhos esquecidos, esperando encontrar júbilo e sendo recebido com desprezo. Pela primeira vez, Sirul e Luns ficaram zangados e decidiram castigar os insolentes humanos. Sins observava.

Desceu então sobre Allaryia um período glacial e os humanos sofreram muito nesse tempo. Mas eram resistentes e arranjam forma de sobreviver, aprendendo as lições dos seus primos que viviam em regiões frias e fazendo uso

da

Arte da Palavra quando necessário. Enfurecidas, as Entidades opostas pioraram as condições e, no seu furor, quase assolaram a terra que amavam e mataram inúmeros dos seus queridos animais.

Os humanos teriam certamente perecido, mas as Entidades caíram em si e pararam imediatamente, apressando-se a reverter o processo de modo a que a vida pudesse florescer uma vez mais. Como castigo, o Delta acordou em vedar o acesso dos humanos à Essência, obrigando-os a reconstruir as suas vidas e as suas terras pelas suas próprias mãos. Sirul arrependeu-se amargamente e desistiu de vergar os humanos à sua vontade, retirando-se para Syntadel para ajudar os seus adorados animais. Luns, no entanto, não esqueceria a insolência dos humanos e tramou um plano para os castigar de forma mais severa sem pôr a sua criação em risco. Sins observava.

Decidiu retirar da essência dos humanos o pior que eles tinham, raiva, inveja, egoísmo e todos os outros defeitos que tinham vindo a desenvolver. Usando-os como ingredientes, criou outros seres, feitos do pior que havia dentro dos humanos e chamou-os thuragar, anões feios, pois eram baixos e atarracados e assemelhavam-se muito aos humanos que nasciam com deformidades. Apesar disso, os thuragar eram fortes e robustos e, motivados pelas emoções negativas com as quais Luns os imbuíra, guerrearam contra os humanos. Seguiram-se longos e sangrentos conflitos e o sangue de muitos thuragar e humanos regou o solo convalescente e escorreu pelos nos ainda combalidos.

Satisfeito com a semente venenosa que plantara, Luns retirou-se, mas Sirul apercebeu-se do que o seu oposto fizera e decidiu fazer o contrário, extraiu o que de melhor havia nos humanos, amor, sensibilidade e afecto, e com eles criou seres aos quais deu o nome de eahan, elfos feéricos, pois eram belos, encantadores, e a sua voz lembrava o canto melodioso dos pássaros. Alheios à guerra entre os humanos e os thuragar, os eahan viveram solitários nas florestas, nas montanhas e nas planícies e veneravam Sirul de boa e livre vontade. Desses eahan, uns poucos conseguiram renunciar os seus espíritos selvagens e despreocupados que ansiavam pelo chamamento do ermo e foram viver com Sirul para Syntadel. Assim nasceram os eahlan, eahan brancos. Um dia, Luns apercebeu-se de que o seu oposto estava a ficar mais poderoso por obter a veneração dos eahan enquanto os thuragar, sendo feitos do pior que havia nos humanos, se recusavam a venerá-la e cometeu a mais vil das acções, que para sempre amaldiçoou Allaryia.

Repetindo o processo que realizara com os humanos, extraiu o pior que havia dentro dos thuragar e criou uma nova raça, maligna até ao âmago do seu deturpado ser e chamou-os drahrefs. Venerando Luns de livre vontade, restabeleceram o equilíbrio, mas nunca se teriam contentado com isso, pois a sua acção seguinte foi aliarem-se aos thuragar e a seu lado guerrearem contra

os humanos. Nessa era sangrenta, muitos humanos fugiram para Syntadel para viver com Sirul e os eahlan, pedindo perdão que lhes foi concedido. Durante esse período conturbado, Sirul e Luris efectuaram pela primeira vez o que durante toda a sua imortal vida haviam visto: o acasalamento.

Dessa união nasceram Torun, um ser parecido com os humanos, dotado de uma força colossal e irradiando a pureza de Sirul, e Wrallach, uma besta medonha parecida com um lobo, um autêntico engenho de destruição. Luris, sempre a tramar enredos e planos, acasalou ainda em segredo com um humano e dessa união sacrílega nasceu Seltor, que viria mais tarde a representar um papel importante na história.

Juntos, os drahregs e os thuragar quase escorraçaram os humanos, mas os que viveram em Syntadel, os chamados sirulianos, juntaram-se aos seus irmãos e combateram com alento. Após muitas vitórias e derrotas, os dois exércitos chocaram num confronto final e, contra todas as expectativas, os thuragar viraram-se contra os drahregs, eles próprios enojados pelo mal absoluto que motivava a existência dos corruptos seres. Nessa batalha, por pouco os drahregs não foram erradicados num genocídio vingativo. Resignadas, as Entidades abandonaram Allaryia e assim terminou a Quarta Era, a primeira a entrar nos anais da história dos novos senhores de Allaryia, os humanos.

No início da Quinta Era, magos humanos encontraram uma forma de contornar a barreira que o Delta havia erguido entre eles e a Essência, passando a extraí-la do próprio Pilar do Mundo. Desta forma, os humanos prosperaram e criaram vastos impérios, enquanto os thuragar se esconderam debaixo da terra e se propagaram pelos seus domínios subterrâneos e os eahan simplesmente tentavam viver as suas vidas. No entanto, Seltor, o filho de Luris e de um humano, também trabalhava arduamente. Ocupou Syntadel, transformando-a num lugar de pesadelo e renomeou-a Asmodeon. Nesse profano domínio Seltor deturpou e perverteu muitas das formas de vida existentes e criou novos seres malignos, servos que obedeciam incondicionalmente ao seu criador, criaturas tão poderosas como os tyarch, tão malignas como os ogroblins e tão tacanhas como os ulkekh lens. Cometeu mesmo o hediondo acto de aviltar eahan capturados, criando dessa forma os eahanoir, eahan negros.

A Quinta Era terminou em paz, mas a Sexta começou com guerra.

Com um autêntico exército das trevas, Seltor invadiu Allaryia e trouxe consigo a que veio a ser chamada a Era Negra. Os thuragar isolaram-se em bastiões defensivos nos seus covis e os humanos foram forçados a combater sozinhos contra as forças de Seltor.

À beira do desespero, foi com alegria e renovada esperança que os humanos receberam uma inesperada proposta dos eahan. Formou-se então a Aliança e, pela primeira vez, os Primogénitos e os seus irmãos belos combateram lado a lado.

Incomodado por este imprevisto, Seltor apressou-se a incrementar o seu poder, pactuando com Wrallach, filho negro de Luns e corrompendo Torun, filho puro de Sirul, de modo a que este deambulasse por Allaryia sem nutrir qualquer tipo de sentimento por humanos ou eahan. Com tão poderoso aliado, o exército negro causou sérios reveses à já fraca Aliança e esta viu-se forçada a efectuar uma guerra de guerrilha, evitando a hoste principal com Wrallach. Cansado da fútil resistência, Seltor uniu as suas forças numa única horda e assolou a já devassada Allaryia.

Face a este óbvio desequilíbrio, Sins, a Entidade neutra, interveio pela primeira vez, criando um minério especial nas montanhas dos thuragar, com o qual poderia ser fabricada a arma que reporia o equilíbrio no conflito. Um ferreiro thuragar de renome, Istegard, encontrou este minério e com ele forjou a lendária Lança de Istegard. Motivado pelo poder da arma, Istegard convenceu os thuragar da importância de ajudar os humanos e os eahan contra Seltor e os seus compatriotas concordaram.

Num ataque desesperado, a Aliança enfrentou a Horda nas Colmas Sangrentas, local de inúmeras batalhas, disposta a lutar até ao fim. Os thuragar atacaram a Horda inesperadamente pela retaguarda e dispersaram a guarda de Wrallach. Face a tão terrível inimigo, mesmo os thuragar se acobardaram, mas Istegard enfrentou a besta com a sua lança e matou o terrível lobo com um só golpe, que partiu a lança em dois. O veneno do sangue de Wrallach matou o corajoso thuragar, mas com o seu sacrifício, a Aliança pôde escapar à Horda, apesar de os seus números estarem bastante reduzidos. Finalmente, cientes de que o fim se aproximava, os reis e rainhas e os mais íntegros membros de casas nobres humanas sacrificaram as suas vidas e permitiram que as suas almas fossem alojadas num exército de cem armaduras douradas, fabricadas pelos ferreiros siruhanos. Na batalha do Sol Nascente, a Aliança, os thuragar e a Hoste Dourada digladiaram-se com a Horda num conflito final e a luz do Sol reflectida das armaduras de ouro desbaratou os servos de Seltor, que foram escoraçados e totalmente derrotados. Após esta pesada derrocada, Seltor refugiou-se em Asmodeon e a paz reinou durante muitos anos.

Assim terminou a Sexta Era e seguiu-se-lhe a Sétima, a Era dos Deuses.

Sirul, Luns e Sins haviam aprendido que em tudo no seu mundo era preto ou branco, nem mesmo um intermédio dos dois, e isso levou-os a tomarem uma decisão. A essência de cada um dividiu-se e incorporou-se em avatares, seres vivos escolhidos por cada uma das entidades que se tornaram nos Novos Deuses e assim desapareceu o Delta dos anais da história. Devido a esses Novos Deuses, Allaryia passou por um período conturbado, durante o qual as divindades lutaram entre si por veneradores e poder e por pouco não se

desencadeou uma guerra santa total

entre os Novos Deuses e os seus fiéis. Para além deste grave problema, o nobre sacrifício dos reis humanos deixara os tronos vazios, que vieram a ser ocupados por filhos bastardos e ilegítimos e usurpadores. Com tais tensões políticas, vieram inevitavelmente a fome, o caos, a miséria e a guerra para os reinos humanos. Seltor viu a sua oportunidade nesta instabilidade e, tendo acabado de lamber as feridas há muito tempo, agiu de imediato. Astuto como sempre, notou a inexperiência aos Novos Deuses e explorou a de Ankhamon, o mortal que poderia ter vindo a ser o deus da morte.

Acreditando nas palavras doces e sugestões aparentemente plausíveis do filho de Luris e motivado pela arrogância de um deus, Ankhamon caiu no artil de Seltor e viu-se atacado por várias outras divindades, um confronto ao qual ele não sobreviveu. Manhoso, Seltor convenceu os Novos Deuses a deixá-lo tomar o lugar da falecida divindade no panteão e apressou-se a pôr o seu plano em prática. Em breve, Asmodeon tornou-se no novo reino dos mortos e a primeira coisa que Seltor fez foi trazer Wrallach de volta, procedendo a planejar a conquista de Allaryia. Aproveitando a instabilidade, subiu servos seus aos tronos nos vários reinos humanos e através deles subjugou os humanos sem ter de mobilizar os seus ávidos exércitos, que aumentavam dia a dia nos reinos negros de Asmodeon. Alheios à ameaça pendente, os eahan e os thuragar continuaram com as suas vidas e nada foi feito durante essa conturbada era.

No início da Oitava Era, um homem apercebeu-se do perigo iminente.

Esse homem era Zoryan, o arquimago. Com a ajuda de Aezrel Thoryn, um caminhante, um guerreiro errante, matou a criatura que Seltor usara para dominar Ul-Kathen, cidade de esplendores e o refúgio da Hoste Dourada. Após esse feito, os dois seguiram numa busca pela lança partida de Istegard, pois sem ela seria impossível unir os reinos humanos, já que o sangue real se havia irremediavelmente diluído durante as gerações. Sabendo que o poder de uma Entidade residia na arma e que este poderia convencer os reinos humanos a unirem-se, Zoryan partiu em busca dela, acompanhado por Aezrel. Perseguidos pelos moorul, os tenentes de Seltor, os dois companheiros passaram por árduas provas até encontrarem os pedaços da lança nas Colinas dos Mortos, que antes se haviam chamado as Colinas Sangrentas.

Entretanto, Torun, filho de Sirul, continuava corrompido e deambulava por Allaryia em aventuras boémias. Com isso, a vantagem era de Seltor, pois este tinha Wrallach sob o seu comando. Finalmente cientes do perigo que Seltor representava, coube então aos Novos Deuses restabelecerem o equilíbrio e estes enviaram uma agente divina, Sarea, para abrir os olhos de Torun, o que só veio a conseguir após duras provas a seu lado.

Mas Seltor já se havia apercebido de que começavam a ser tomadas acções contra si e apressou-se a mobilizar o seu exército, tendo os Aesh'Alan, feiticeiros negros como generais e os moorul como tenentes, e Wrallach como arauto de morte e destruição, que assolaram tudo pelo seu caminho em direcção às regiões civilizadas de Nolwyn. As florestas dos eahan e as montanhas dos thuragar foram vitais barreiras que retardaram o avanço da nova Horda para dar tempo a Aezrel e Zoryan, que haviam entrado no reino de Tharobar, o deus ferreiro thuragar, e haviam convencido a divindade a reforjar a Lança de Istegard na Bigorna Dourada, criando Ancalach, a espada dos reis, a arma que poderia unir os reinos humanos. Com o bravo sacrifício dos eahan, que viram grande parte das suas florestas destruídas e queimadas até às raízes, Aezrel e Zoryan voltaram a tempo e o guerreiro foi coroado pela posse de Ancalach. Unidos agora por um rei, os reinos humanos juntaram-se aos thuragar e aos eahan, que choravam a perda das suas florestas, e combateram a Horda com fúria vingativa. O sangue fluiu como as águas das nascentes durante meses e a vitória só foi alcançada graças ao sacrifício de muitos e nobres heróis: Tungar, o rei dos Cavaleiros das Águias e a sua montaria, a águia anciã Kraw, morreram a enfrentar Grinthnarke, o pai dos Tyarch. Torun, o semideus que finalmente alcançou a redenção, digladiou-se com Wrallach, perdendo tempo a procurar na pele do animal a cicatriz da Lança de Istegard, o único sítio na pele coberta de pêlo impenetrável através do qual poderia enfiar a sua espada e matar o lobo. Mas a ferida já cicatrizara e Torun teve de combater com os seus próprios dentes e mãos, tombando após partir o pescoço do amaldiçoado lobo. Zoryan, o arquimago de bom grado concedeu a sua vida para assegurar o triunfo no campo de batalha, absorvendo com o seu corpo o mais negro dos feitiços de Seltor, que canalizara as suas energias através dos seus generais, os Aesh'alan, para destruir os exércitos que se lhe opunham. Após a custosa vitória, Aezrel, o rei sem linhagem, o herói do povo, a última esperança, foi a Asmodeon com Sarea e combateu o próprio Lorde Negro numa batalha épica. Desconhecido é o destino de Aezrel, mas o seu prolongado desaparecimento após a batalha com Seltor, o usurpador de deuses, leva-nos a concluir que o pior aconteceu. Seguiram-se épocas conturbadas após a vitória, nas quais os deuses, envergonhados pelos erros cometidos, voltaram as suas atenções para os seus veneradores.

Assim principiou a Oitava Era, na qual presentemente nos encontramos. Os que se opõem à sombra perderam o seu campeão e será difícil manter a ordem. Presentemente, Aereth Thoryn, o mais velho dos dois filhos de Aezrel Thoryn, reina em Ul-Thoryn, a antiga Ul-Kathen, renomeada em honra e memória do seu pai, que se segregou forçosamente das restantes províncias da antes poderosa nação humana de Nolwyn. O primogénito de Aezrel mostrou-se

desinteressado em empunhar Ancalach, a Espada dos Reis, alegando que estes são tempos de paz e convalescença, nos quais foices e não armas devem ser empunhadas. No entanto, a verdade é que estes são tempos em que o povo e a própria Allaryia precisam de heróis, homens e mulheres corajosos que se disponham a lutar para impor a justiça e a ordem e para impedir que alguém como Seltor venha a emergir das trevas. Tanto o povo como Allaryia continuam à espera...

Pearnon, o Escriba

PRÓLOGO

A lâmina desceu como um relâmpago dirigido à cabeça de Aewyre Thoryn. O jovem cerrou os olhos quando as faíscas resultantes do impacto entre as duas espadas embotadas lhe ofuscaram a vista já obstruída pelo visor do elmo. Aewyre deixou a arma do seu oponente deslizar pelo lado plano da lâmina da sua de modo a que a força do golpe o desequilibrasse. O adversário perdeu o equilíbrio e o jovem transformou a sua defesa num contra-ataque, girando a sua espada num arco, atingindo os rins do homem ajoelhado e prostrando-o.

Largando a sua espada, o homem deu a entender que o combate acabara. Aewyre permitiu-se um uivo de triunfo e removeu o elmo. Era um bem-parecido jovem alto e bem constituído, com cabelos negros ligeiramente ondulados que estavam empapados de suor, que lhe escorria abundantemente pela cara, colando-lhe madeixas de cabelo à testa. Aewyre estendeu a mão ao seu mestre caído e ajudou-o a levantar com um sorriso que exibia a sua dentadura branca e perfeita, uma perfeição quebrada apenas por um incisivo inferior ligeiramente saliente, consequência de uma pancada durante os treinos. Daveanorn, o seu mestre, um barbudo veterano de guerra com cabelos coroados de branco pelos seus cinquenta anos, sorria com satisfação pelo progresso do seu aluno.

Tão dotado como o teu pai! Aezrel ficaria orgulhoso se te visse.

Vindo a súbita tristeza nos olhos escuros do jovem, que normalmente radiavam a energia de uma criança, apesar de ter mais de vinte invernos, Daveanorn pôs uma mão no ombro do seu aluno e mudou de assunto.

Finalmente dominaste essa técnica. Demorou até eu conseguir tirar esse teu péssimo hábito de medir forças com o teu adversário. Vês agora como é muito mais útil usar a força dele para nosso proveito?

Sim, mestre, agora vejo, mas... respondeu curtamente Aewyre.

Pressentindo que o seu aluno queria voltar ao assunto que haviam discutido no dia anterior, Daveanorn apressou-se a interrompê-lo.

Então que me dizes a irmos petiscar qualquer coisa e ir ter com as meninas da corte, ha? Enfatizou a sugestão com um jovial piscar de olho e uma cotovelada no braço de Aewyre.

O jovem sorriu, mas ergueu a mão como sinal para que o seu mestre parasse de tentar retardar a conversa.

Mestre, sabe que este assunto é inevitável. Mais sério, Daveanorn respondeu:

Aewyre, pensa bem. Sejam os honestos, o teu irmão nosso senhor é um bom homem e rege bem a província, mas empunha a espada tão bem como um cavalo e suja as calças cada vez que há sarilho. Ul-Thoryn precisa, para além de um regente justo e com jeito para coisas de dinheiro, de um braço forte e uma boa espada. Tu sabes que eu já estou velho e alguém de confiança tem de estar por perto para o caso de alguma coisa acontecer ao teu irmão. Esse alguém não são aquelas víboras gananciosas na corte de certeza, ou aquele mago marado com a pedra na testa...

O jovem brincava com o incisivo saliente de boca fechada, mexendo nele com a língua enquanto pensava, um hábito que adquirira.

Mestre, não devia falar assim do nosso senhor... admoestou Aewyre num tom jocoso. Mas de que sirvo eu ao meu irmão? E ele o mais velho e eu passo os dias a treinar, sei lá dirigir uma província. Que lhe pode acontecer nos dias que correm hoje, morrer de tédio?

Tão teimoso como o pai... murmurou Daveanorn, levantando a voz de seguida. Já vi que não vale a pena. Vai lá então, faz o que bem te apetecer.

O mestre espetou a espada na terra batida do jardim do pátio e retirou-se. Aewyre apressou-se a puxá-lo para trás e a abraçá-lo como gesto de despedida. No entanto, antes que pudesse dizer alguma coisa, Daveanorn libertou-se dos seus braços.

Desejo-te sorte, Aewyre Thoryn, mas partes sem a minha bênção.

Sem mais uma palavra retirou-se com passos firmes e decididos. As palavras de Daveanorn haviam magoado Aewyre, que não compreendia

sequer por que razão o seu mestre ficara assim. Até parecia que tinha alguma responsabilidade para com Thoryn! Aereth era o primogénito, a ele lhe cabia reger a província, a ele fora passado o fardo do seu pai. Aewyre nunca se dera muito bem com o seu irmão, nem tão-pouco se dera mal, mas dizer que a relação entre ambos era de tolerância seria uma educada suavização. Não seria isso a demover o jovem da sua decisão. Olhou uma vez mais para a espada do seu mestre, que era também o seu amigo, e caminhou em direcção ao palácio, atravessando o pátio poeirento de terra batida para os treinos. Estava uma tarde quente e o calor tornava a armadura de couro fervido que envergava muito desconfortável. O interior de pano da armadura estava empapado de suor, o exterior tinha uma imunda crosta de sujidade e o próprio Aewyre estava encharcado e com manchas escuras na cara. Vários homens cumprimentaram-no enquanto caminhava, soldados da guarnição que cessavam os grunhidos que o esforço do seu rigoroso treino deles exigia para cumprimentarem o jovem guerreiro com acenos de cabeça e palavras de saudação. Não havia formalidades entre o mais jovem dos irmãos Thoryn e os homens da guarnição já o sabiam há tempo suficiente para isso não lhes causar confusão. A todos Aewyre respondeu com um aceno de cabeça, sem parar de andar e o estrépito de embates de madeira contra madeira renovava-se à medida que avançava.

É melhor pôr-me um pouco mais apresentável...”, pensou, passando por baixo do arco de mármore com uma panóplia de armas ao centro, que demarcava o pátio de treinos.

A terra poeirenta transformou-se em pedras calcetadas e o guerreiro dirigiu-se à caserna para depositar a espada embotada e a imunda armadura de couro. Feito isto, seguiu para Allahn Anroth, o palácio real de Ul-Thoryn, o coração da majestosa cidade renomeada em honra e memória do seu pai, Aezrel Thoryn. Atravessando vários corredores sumptuosamente decorados com tapeçarias de finas lãs, mosaicos e frescos nas paredes a retratarem cenas de batalhas, passou também pela Sala dos Reis, uma larga câmara circular da qual quatro corredores se projectavam. Como o nome dizia, os reis de Ul-Thoryn, de todo Nolwyn antes das recentes proclamações de independência das restantes províncias, descansavam nela em cima de pedestais. Os seus corpos embebidos em ouro, o metal que o tempo não conseguia deslustrar, envergavam as resplandecentes armaduras dentro das quais haviam combatido em defesa do seu país e mantinham a expressão nobre dos seus semblantes para todo o sempre. Uma enorme clarabóia

de vidro colorido retratava o brasão de Nolwyn, representado por uma *águia* vermelha a ascender à frente de um sol amarelo de oito pontas, cada uma representando os condados da região quando Nolwyn fora inteiro. O brasão era projectado no chão de mármore pela luz do sol que passava pelo vitral e pelo brilho da lua durante a noite. Parou por momentos na sala, assaltado, como era habitual, pelo pensamento de que o seu pai também deveria estar ali. Sacudiu a cabeça face à inutilidade de continuar a remoer sobre o mesmo assunto e continuou. O ocasional guarda saudava-o, envergando uma completa armadura metálica, ostentando o brasão de Nolwyn ao peito. Tal como a clarabóia, o brasão datava da altura em que Ul-Thoryn fora a capital de todo Nolwyn, não a presente cidade-estado. Finalmente, chegou aos seus sumptuosos aposentos, onde um banho morno o esperava junto ao fogo da lareira. Aewyre passava bem sem luxos, mas já aprendera há muito tempo que não importava quantas cadeiras laçadas deitasse fora, quantos espelhos partisse ou quantas bacias de prata usasse para alimentar os cães, os servos do palácio arranjariam sempre mais. O seu suspiro foi abafado quando tirou a camisa suja por cima da cabeça, atirando-a de seguida para cima de uma cadeira com encosto de estofado brocado a ouro. Tirou um pano de cima de um jarro prateado de boca estreita e serviu-se de um pouco de vinho fresco numa obra-prima dum cálice também de prata. Atirou o resto das suas roupas sujas para cima dos lençóis do mais fino linho da sua cama com dossel e pernas ornamentadas e entrou na água quente com uma deliciada exalação.

Já limpo, vestiu a sua armadura, uma camisa de couro de manga curta com uma coiraça para o tronco e duas espaldeiras para os ombros. Colocou os seus braçais, atou os dois coxotes às coxas, as grevas às suas botas, a bainha vazia ao cinto e pegou no seu escudo de borda afiada com o brasão de Nolwyn. Por fim, enrolou um largo lenço vermelho ao pescoço. Devidamente equipado, saiu discretamente do seu quarto e caminhou, sorrateiro, pelos corredores aparentemente vazios do palácio. O que ia fazer era provavelmente um disparate, mas enfim... duvidava de que o seu irmão ficasse muito aborrecido. Aewyre remoeu-se em pensamentos até chegar a uma porta vigiada por dois estóicos guardas do palácio com olhar átono, envergando armaduras completas e empunhando lanças. Os dois ergueram o seu punho ao peito em deferência, mas tão depressa voltaram às posições originais que ninguém diria que se tinham mexido. Aewyre inspirou fundo.

O vosso senhor chama-vos, bons homens. Aereth Thoryn requisita a presença de ambos no Salão Real.

Nenhum dos dois piscou, mas ambos se entreolharam. Aewyre sabia muito bem que tinham ordens explícitas para nunca abandonar os postos. Ainda assim, reuniu todo o sangue azul que pensou ter e esforçou-se por parecer majestosamente autoritário. Pareceu conseguir, pois os guardas saudaram Aewyre mais uma vez e retiraram-se a passo rápido. Olhando para trás, o jovem abriu a grande porta e fechou-a atrás de si cuidadosamente, encostando-se a ela para contemplar o que estava num estrado no centro da sala lúgubre, iluminada apenas por um fecho de luz poeirenta que incidia num bem mais precioso que todo o ouro do palácio: a espada do seu pai, Aezrel Thoryn, o campeão de Allaryia, o rei ilegítimo. A arma trouxera-a a moribunda Sarea da fortaleza de Asmodeon, onde Aezrel havia alegadamente perecido e agora encontrava-se cravada na fresta de um singelo pedestal de mármore com o nome e o epitáfio de Aezrel nele inscritos a ouro. Reunindo coragem, Aewyre avançou, subiu os degraus do estrado e admirou a arma.

A Espada dos Reis, baptizada Ancalach pelo seu pai, era uma magnífica obra de arte, bem como uma poderosa arma. O punho decorado tinha um centro largo que se estreitava em direcção ao botão adornado, o que permitia um controlo excepcional da arma com uma ou duas mãos, protegidas por copos banhados a ouro (que nunca parecia sair ou ficar riscado) que curvavam para cima. A impressionante lâmina de gume duplo feita do minério trabalhado por Istegard e depois reforçada pelo próprio Gorfannan era leve como madeira e mais dura que diamante, com uma aguçada ponta e um fio sempre afiado, como o polegar de Aewyre atestara após vários testes em sequência de uso intensivo da espada. O jovem guerreiro ainda não havia descoberto o segredo da arma, que o seu pai levava consigo, pois apesar de ser uma arma de qualidade que ultrapassava de longe os critérios dos melhores ferreiros thuragar, parecia não ter qualquer propriedade fantástica. Nas mãos do seu pai, no entanto, fora uma força destruidora imparável. Aereth, o seu irmão mais velho, guardara-a em memória do seu pai, mas Aewyre sabia que Ancalach não era algo para exhibir, mas para usar. Inspirou fundo mais uma vez e crispou os dedos lenta mas firmemente no punho da espada. Reunindo toda a sua resolução, puxou com força e a lâmina silvou ao deslizar para fora da fresta do mármore. Pronto. Estava feito. Não se permitiu pensar mais e, como uma criança que partira alguma coisa e queria

fugir antes que alguém a descobrisse, embainhou Ancalach na sua bainha decorada e dirigiu-se a passos largos para a porta. Constatou que os guardas ainda não haviam voltado e correu pelos corredores, apoiando a mão no punho da espada para evitar que esta se lhe metesse no caminho das pernas. Para a sua surpresa, deu com um grupo de raparigas da corte, servas e dançarinas no corredor do seu quarto. Lynna, uma serviçal que sempre chamara a atenção de Aewyre devido aos seus cabelos louros e olhos azuis, coisa invulgar em NoIwyn, foi a primeira a falar.

Lorde Aewyre, são verdadeiros os rumores que irá deixar-nos? Aewyre olhou em volta nervosamente e desejou que os seus dedos

crescessem o suficiente para cobrir o punho e os copos da espada. Como sabiam elas que ia partir? Não só as paredes do palácio como também as pedras do pátio pareciam ter ouvidos. Ergueu a mão livre como para parar e sossegar o grupo de mulheres que avançava inexoravelmente na sua direcção como uma maré a subir.

Belas donzelas, os rumores são verdadeiros, não vo-lo nego, mas...

Uma mulher morena de brilhantes cabelos pretos e uma tiara de flores abriu caminho por entre as outras e atirou-se aos braços de Aewyre.

Fique, Aewyre. Prometo que farei com que a sua estadia valha a pena...

Agradeço a sua tentadora oferta, bela donzela, mas devo partir e...

Uma jovem de cabelos castanhos e lábios pintados empurrou a morena para o lado e beijou Aewyre. O jovem desembaraçou-se dela mas abriu a boca só para receber um beijo da limpadora de latrinas, uma mulher gorda e bexigosa. Aewyre afastou-a, enojado, mas manteve a compostura, tentando acalmar as mulheres antes que se descontrolassem e colocou-se numa galante posição de discurso, sem tirar a mão esquerda de Ancalach.

Queridas donzelas, muito me custa de facto deixar-vos e a razão dita que eu devia ficar para ter o prazer de usufruir da vossa companhia. No entanto, algo irracional em mim força-me a partir em busca da aventura, por muito que eu possa sofrer estando longe de vós. Por isso vo-lo peço, donzelas, deixai-me partir quanto antes, levando cada uma de vós no meu coração, para que eu possa o mais breve possível saciar esta cruel demanda do espírito que me priva de vós.

Aewyre permitiu-se um suspiro de alívio, que foi abafado pelos sonoros gemidos de encanto das mulheres quando notou que as suas palavras haviam tocado os seus corações. Aproveitou a oportunidade para se escapulir e ficou satisfeito por saber que afinal as aulas de retórica com o mago Allumno não haviam sido inúteis. Como se os pensamentos de Aewyre o tivessem invocado, o mago surgiu ao virar do corredor.

Era um homem de estatura mediana na casa dos quarenta. O seu cabelo negro lúcido tinha cãs nas têmporas, era liso com uma risca ao meio e escorria pelos lados da cabeça, com uma e outra madeixa pendendo à frente da cara, que parecia invulgarmente jovem para a sua idade. Allumno tinha poucas rugas e a maior parte delas devia-se à gema escarlate que tinha incrustada na testa. Essa gema fora o último feitiço de Zoryan, o arquimago, que antes de morrer transferira a sua alma para a jóia do seu colar, que procurou um hospedeiro apropriado, tendo escolhido Allumno para esse efeito. Através dela, Allumno tornou-se num capaz feiticeiro cuja energia latente aumentava a cada dia, para além de contribuir para o bom estado da sua cara, como o mago sempre acrescentava. Tinha uma cova no queixo e envergava uma capa vermelha com capuz sobre uma camisa e umas calças brancas, ambas folgadas e as últimas enfiadas em botas grevadas por tiras de feltro. Tinha um amuleto ao pescoço que representava a cabeça dourada de uma cobra a abocanhar um rubi polido e levava um volumoso alforje de couro a tiracolo. Empunhava ainda um bastão de madeira incrustado de estranhos caracteres na ponta nodosa, na qual estava incrustado um rubi polido.

Viva, Aewyre. Vejo que deixas para trás vários corações destroçados. Não tens pena das raparigas.

A boca do guerreiro estava aberta, mas Aewyre não conseguiu falar. Allumno fingia não olhar para Ancalach, mas Aewyre sabia muito bem que o mago a vira.

Estás a esconder-te de alguém?

Que disparate fizeste desta vez?

Eu...

Não, não digas mais nada. Ainda me lembro muito bem das tuas fantasias de criança. Pensei que tivesses crescido o suficiente para as tirar da cabeça, mas parece que voltaram.

Não me digas, vais levar a Ancalach e partir mundo fora rumo a Asmodeon, certo?

Aewyre suspirou.

Não há maneira de te esconder coisas, pois não?

Esconder? Mas tu..

Bom, de qualquer maneira... interrompeu Aewyre, recuperado da surpresa. A minha decisão está tomada. Vou para Asmodeon descobrir o que aconteceu ao meu pai e vou levar a Ancalach comigo. Vais impedir-me?

O mago fitou o jovem demoradamente, após o que pareceu reflectir. Aewyre teria jurado que a gema de Allumno brilhava à medida que os seus olhos se perdiam como se estivesse a recordar eventos passados.

Igualzinho ao teu pai disse por fim. Tal como ele disse quando a alma de Zoryan tentou através de mim impedi-lo de ir para Asmodeon...", pensou, aparentemente divertido.

Aewyre olhou para o mago na expectativa, impaciente.

Vou contigo disse Allumno por fim, batendo com o bastão no chão, produzindo um som seco que ecoou pelos longos corredores. Mesmo que não seja só pela possibilidade de te fazer mudar de ideias.

Podes fazer o teu melhor.

Assim farei... Suponho que informar o teu irmão da partida, seguindo os mínimos padrões da cortesia e regras de boa conduta, está fora de questão?

Se já sabias, por que perguntaste? retorquiu o jovem, rindo ao ver o mago abanar a cabeça.

Allumno parecia estar já equipado com tudo do que precisava, por isso Aewyre foi com ele até à cozinha, onde uma serva parecia aguardá-los.

Olá, Kalina. Acabaram por descobrir o meu esquema, por isso o melhor é partir o mais depressa possível.

Sim, lorde Aewyre. Aqui tendes as vossas provisões.

A rapariga morena e roliça entregou um saco que Aewyre prontamente colocou na sua mochila e fez menção de se ir embora.

Lorde Aewyre, não vos estais a esquecer de algo?

O jovem fez um sorriso amarelo e esfregou a nuca, mas a serva pôs as mãos nas ancas e começou a bater com o pé com uma expressão admoestadora na cara. Aewyre suspirou, pegou na rapariga pelos braços e beijou-a, largando-a de seguida e deixando-a a suspirar para trás.

És indecente disse Allumno.

Eu sei respondeu Aewyre com tom despreocupado. O mago abanou a cabeça.

Os dois chegaram ao pátio e começaram a caminhar em direcção à cidade para depois saírem pelos portões, mas Aewyre não pôde

deixar de reparar na espada de Daveanorn, que continuava cravada no chão e na qual a luz alaranjada do sol outonal se reflectia. O jovem caminhou para a espada do seu mestre e ficou a observá-la com a mão direita no pomo de Ancalach. Após breves segundos de reflexão, suspirou, resignado, e caminhou para a saída sem trocar mais nenhuma palavra com Allumno. Foi então que ouviu um leve tinir de sinos.

Oh não, ele não...”, pensou.

Boas tardes, Aewyre! veio uma irritante voz atrás de si. Aewyre virou-se e fitou quem lhe dirigira palavra: Dilet, o bobo.

Era um homem magro e de baixa estatura, de nariz afiado e com uma narina mais alta que a outra, que lhe dava um aspecto cómico. Os seus olhos curiosos com carúnculas bem visíveis piscavam repetidamente por baixo de longas e sempre arqueadas sobrancelhas. As suas orelhas largas apontavam para a frente e a sua larga boca ostentava duas fileiras de pequenos dentes, com a excepção de um par de incisivos parecidos com os de um coelho. Vestia um tradicional fato de bobo, colorido, berrante, com listras vermelhas e amarelas predominantes, sapatos e barrete cheios de sinos nas pontas. O homem era uma autêntica amálgama de características físicas que não condiziam, e fora nomeado bobo pelo seu irmão precisamente por isso.

Para ti é lorde Aewyre, verme.

Mil perdões, lorde Aewyre disse Dilet, fazendo uma claramente zombeteira vénia. Queira desculpar a minha humilde pessoa por vos faltar ao respeito. Então deixais-nos? Que fará o palácio sem vós? perguntou, fingindo preocupação.

Terão de arranjar outro para cortar a tua língua bífida, bobo.

Oh sim, gostaríeis de me cortar a língua com essa espada que nem vos pertence. Que diria Aezrel de tão impróprio uso de tão nobre arma?

Aewyre enfureceu-se repentinamente, tanto por se ter descuidado ao ponto de permitir que Dilet visse Ancalach como pela menção ao nome do seu pai e pegou em Dilet pelo colorido colarinho.

Nunca mais quero ouvir o nome do meu pai saindo dessa tua imunda goela, bobo. O seu nome não será infamado por vermes como tu, entendeste?

Pe-perfeitamente, lorde Aewyre... tartamudeou Dilet, apercebendo-se de que fora longe demais.

Aewyre empurrou-o bruscamente para o chão e retirou-se com Allumno, que olhou para o bobo e abanou a cabeça antes de ir.

Um dia, maldito, pagarás por tudo. Isso eu juro. E tu também, mago. Não perdem pela demora... ameaçou Dilet silenciosamente enquanto se levantava e sacudia o pó das suas roupas.

Alguns, numa câmara escura, um par de pontos luminosos luzia com um intenso brilho escarlate, duas fontes de luz alimentadas por um ódio desmesurado, incomensurável. Uma manopla embateu violentamente contra a dura rocha que cercava o corpo que alojava os dois olhos, seguida por uma pancada de outra. Os embates sucederam-se vezes sem conta, e incontáveis vezes o tom seco e metálico ressoara pela câmara, numa interminável sinfonia de metal retinente. O tempo era inexistente e inútil neste espaço confinado, medido apenas por pancadas e desprovido de significado para a criatura aprisionada. Subitamente, quebrando a monotonia do indeterminado período de tempo passado, algo sucedeu. Pela primeira vez, a pedra cederá. O brilho vermelho intensificou-se e as manoplas começaram a bater com força redobrada. Sim... sim! Mas algo estava errado... As irregulares pancadas desferidas começaram a ser acompanhadas por outras provenientes do exterior. A rocha ruía. A odiada luz do astro dourado, que significava dor e sofrimento, foi bem-vinda pela criatura quando passou pelas recém-criadas frestas poeirentas na pedra. Os raios, no entanto, queimavam-no. Proferindo um som pela primeira vez desde há demasiado tempo para que se pudesse lembrar, a criatura urrou de raiva e dor, e as pancadas no exterior cessaram. A criatura, no entanto, não parou, abrindo as frestas mais e mais, até que um grande pedaço finalmente cedeu e caiu. Precipitou-se para fora com raiva, passando com a sua pesada armadura através de cascalho e pedras em queda e caindo desajeitadamente no chão. Ouvia um som que lhe pareceu estranho por em nada se parecer com o tinir metálico ao qual se habituara, mas avivou-lhe as memórias do sofrimento e dor que causara há muito tempo atrás. Ergueu a cabeça e viu três figuras, cuja mistura cromática lhe causou confusão, habituado como estava à escuridão total. Mas havia uma figura que estava curvada no chão, o seu joelho com uma mancha vermelha. Uma cor lhe despertou algo no âmago do seu ser... Vermelho... Memórias de dor... E sangue, muito sangue... Sim, *sangue*. Era isso! Como que instintivamente, levou a mão à espada, desembainhou-a e ergueu-se. As três figuras estacaram, imobilizadas pelo medo que a criatura inspirava. Sangue...

SANGUE! urrou a criatura com uma voz do além, cortando e talhando os corpos selvaticamente com a sua espada negra, regozijando-se

com os espirros de sangue que ensopavam a sua armadura e banhando-se seguidamente na essência vital das suas vítimas.

Foi então que a cor do sangue lhe avivou a memória. Sangue... vermelho... tudo lhe parecia de repente tão familiar... aço... espada... Espada! Sim, era isso!

Aezrel? palavreou, não compreendendo totalmente o que dizia.

No entanto, a palavra estava-lhe gravada na cabeça e cada som usado para a pronunciar avivou-se em chamas na sua mente quase vazia.

Aezrel disse, por fim, levantando-se.

A luz do sol incomodava-o, chegava mesmo a causar-lhe dor, mais ainda por ter passado tanto tempo debaixo de terra. Olhou em redor e viu paredes de pedra enrugada, que o cercavam e subiam de forma íngreme. Acompanhou a subida e viu que ela tinha fim, pelo que embainhou a espada e começou a escalar as paredes, alheio ao elevador de madeira que se encontrava perto das pilhas de carne sangrenta, às quais as moscas já acorriam.

LIVRO PRIMEIRO

ENCONTROS INESPERADOS

Após quase cinco semanas de viagem fora das estradas, Aewyre e Allumno passaram a fronteira entre Lennhau e Syrith. As relações diplomáticas entre Ul-Thoryn e Vaul-Syrith sempre haviam sido boas, mas por essa mesma *razão* os dois companheiros desviaram-se da estrada a mando de Allumno, que aconselhara Aewyre a não tornar conhecido o facto de que praticamente fugira do palácio, mas não lhe explicara a razão, dizendo que as "subtilezas políticas" lhe fariam mal à cabeça. Os dois avançaram pela planície ondulante, cuja abundante vegetação esvoaçava ao sabor da suave brisa, o que fazia com que o terreno parecesse vivo. O mago começou a resmungar por não terem trazido cavalos, mas Aewyre estava alegre com a súbita sensação de liberdade e caminhava a passos longos e decididos, em nada facilitando a caminhada do mago, que se via forçado a marchar com a ajuda do bastão de modo a conseguir acompanhar o irreverente jovem.

Aewyre, desacelera um pouco. O teu companheiro de viagem é velho e as minhas pernas, para além de não serem tão compridas como as tuas, já não são o que eram.

Anda, Allumno! Já sabes que essa de te fingires velho e frágil não pega comigo respondeu o jovem sem sequer olhar para trás.

Se não abrandas o passo, transformo-te em caracol! ameaçou.

Pronto, pronto. Não é motivo para tanto...

Olha interrompeu o mago, vejo pessoas à distância.

Aewyre olhou na direcção para a qual Allumno apontava e reconheceu uma figura montada a cavalo e outra, mais pequena, que caminhava ao seu lado.

Parecem estar armados. Que fazemos? perguntou o prudente feiticeiro.

Não são nenhuma patrulha e esta é uma região segura. Não vale a pena evitá-los, anda.

O mago não pôde refutar os argumentos de Aewyre, por isso foi atrás, mas clarificou a sua mente para usar a Palavra, caso fosse necessário. À medida que as figuras se aproximavam, Aewyre pôde ver que a figura montada era uma mulher loura com o brasão de Syrith no escudo, um cavalo amarelo sobre duas rosas brancas, que voltou para dentro como sinal de paz.

O seu acompanhante era um velho thuragar com uma pesada armadura por cima de uma cota de malha que cobria o seu corpo todo e um elmo globular. *Trazia*, ao cinto um temível martelo de guerra de cabeça pesada com um bico de corvo atrás e um espeto em cima e um escudo que fazia parte da sua manopla esquerda.

A mulher é nobre. Vê lá como te portas avisou Allumno.

Não te preocupes. Com mulheres sei eu lidar asseverou Aewyre enquanto virava o seu escudo.

É precisamente isso que me preocupa acrescentou Allumno. Quando estavam à distância de um golpe de lança, os dois pares

pararam.

Saudações, viajantes. Sou Worick, filho de Taramon dos Veios de Ouro e acompanho Lhiannah Syndar, filha de Sunlar Syndar, regente de Vault-Syrith.

Allumno preparou-se para cumprir a sua função de diplomata, mas Aewyre interveio antes que ele pudesse proferir uma palavra.

Saudações, Worick de Taramon e saudações, bela Lhiannah... disse Aewyre, fazendo uma cortês vénia. Eu sou Aeren e o meu companheiro é Alieno. Somos dois viajantes sem casa e erramos por estas regiões.

Estais muito bem armados para viajantes observou Lhiannah, com um tom de suspeita.

Era uma bela mulher loura, cujos longos cabelos resplandeciam ao sol como fios de ouro. *Trazia*, por cima de uma camisa de fino linho vermelho uma coiraça embelezada com relevos dourados que salientavam as protuberâncias que a placa tinha para não apertar o peito e uma gargantilha justa com um botão na forma de uma rosa branca. Os seus braços eram firmes e bem definidos pelo esforço de manejar uma espada, tinha mitenes pretos de cabedal acoplados em braçais nas mãos e um amuleto prateado enrolado à volta do braço esquerdo.

A sua espada estava embainhada numa bainha decorada com pedras preciosas e o punho tinha a forma de uma rosa. Da sua sela pendia uma aljava com setas para um arco curto que trazia num estojo de couro pendurado também na sela.

Aewyre aproximou-se e o thuragar crispou a mão no cabo do seu martelo. Tinha todo o ar de um veterano de guerra, com a cara marcada por cicatrizes de vários feitios, algumas cruzando-se entre si e falhas nos dentes que lhe sobravam. Tinha o típico nariz abatado da sua raça e olhos pequenos e pretos por baixo de sobrelhas farfalhudas. A sua invulgar barba espessa dava-lhe pelo peito e era cinzenta com uma mecha branca que começava abaixo do lábio inferior. Da mesma cor eram os seus cabelos que lhe chegavam ao ombro, decorados por duas pequenas tranças no lado direito. Aewyre apressou-se a estender as palmas das mãos para o thuragar num sinal de paz e olhou para a princesa. A essa distância, pôde ver que os seus olhos tinham uma cor invulgar: eram azuis, com manchas amarelas parecidas com pepitas de ouro.

Vendo que o "viajante" não iria falar tão cedo, a princesa continuou.

Que fazeis nesta região tão bem armados? Não sereis por acaso bandidos?

Senhora, peço-vos que não nos ofendeis. Viemos em paz e estamos apenas de passagem. Claro que agora sou capaz de ficar por cá mais tempo...

Allumno revirou os olhos e a princesa também pareceu ter-se apercebido da discreta insolência de Aewyre, mas manteve a compostura.

E por que razão haveríeis de ficar?

Bom, agora que tive o prazer de saber o vosso nome, gostaria de vos conhecer melhor. Allumno atirou os braços ao ar e Worick virou o olhar para ele, desconfiado, mas Lhiannah não tirava os olhos de Aewyre.

Então gostaríeis de me conhecer... gozou a princesa, esporeando o cavalo, que começou a caminhar à volta do guerreiro. O cavalo circundou-o uma vez, depois duas e à terceira, Aewyre quis agarrar a sela do animal para o obrigar a parar, mas em vez disso agarrou a perna de Lhiannah. Os músculos da coxa retesaram-se de imediato e quando Aewyre virou a cara, só pôde ver a sola da bota a vir contra a sua cara e a embater no seu queixo. Allumno abanou a cabeça enquanto Aewyre caía na densa relva da planície. Lhiannah desmontou do cavalo, desembainhou a sua espada e fez sinal a Worick que se afastasse.

O thuragar já empunhava o seu martelo, mas obedeceu e manteve o olhar fixo no mago, que levantou os braços e baixou o olhar, dando a entender que não iria intervir.

Homem algum toca em mim dessa forma.

Aewyre limpou o fio de sangue que lhe escorria do canto da boca e riu enquanto se erguia. Desembainhou a sua espada e atirou o seu escudo para o chão, tendo o cuidado de manter o brasão virado para baixo.

Sem escudo desafiou, analisando a arma da mulher: uma comprida espada triangular que terminava numa ponta em forma de diamante, boa para estocadas. Viu a princesa a enfiar o indicador num dos anéis metálicos que ligavam os copos à lâmina e colocou a espada em guarda.

Se isso faz com que se sinta mais seguro, tudo bem replicou a princesa, também atirando o escudo para o chão, e aproximaram-se.

Os dois oponentes estudaram-se um ao outro, cada um desferindo estocadas desajeitadas de modo a obter uma ideia da velocidade do adversário. Então Lhiannah tomou a iniciativa, desferindo um golpe lateral em arco que Aewyre facilmente aparou, ripostando com um corte de cima, que Lhiannah bloqueou. Aproveitando o corpo exposto de Aewyre, a princesa tentou um golpe à virilha, mas o seu adversário, num movimento pouco ortodoxo, deixou os joelhos cair e apanhou o pé que visava as suas partes baixas. Os dois oponentes afastaram-se um do outro e começaram o verdadeiro ataque. Aewyre era um ótimo espadeiro, mas Lhiannah parecia uma cobra quando atacava com a sua espada, mais rápida que a do guerreiro. Primeiro afastava Aewyre com furiosos golpes circulares para depois investir com golpes frontais que poderiam empalar um homem, mas Aewyre surpreendia-a sempre com o seu estilo de luta invulgarmente simples mas eficiente e com um e outro movimento complexo. Os dois trocaram vários golpes, defesas e contragolpes e ao fim de algum tempo tinham ambos alguns cortes superficiais. Lhiannah desferiu outro golpe em arco dirigido à cabeça e Aewyre aparou-o, deixando a espada deslizar pela sua lâmina. A arma de Lhiannah, no entanto, não era tão pesada como a de Daveanorn, por isso ficou apenas um pouco fora de balanço, e Aewyre aproveitou para girar e desferir uma rasteira em vez de um golpe de espada, causando a queda de Lhiannah. Aewyre então lançou-se para cima da princesa, tentando imobilizá-la, mas recebeu um inesperadamente forte murro no queixo, que permitiu a Lhiannah inverter a posição. Prendendo os braços de Aewyre com os joelhos, a

princesa preparou-se para aniquilar o jovem com um golpe do punho da sua espada, mas Aewyre surpreendeu-a com as suas pernas, executando uma tesoura no seu pescoço e batendo com a cabeça dela no chão. Lhiannah deu uma cambalhota para trás após o impacto e Aewyre levantou-se. Vendo a sua adversária ainda ajoelhada e aparentemente atordoada, investiu, sendo surpreendido por um golpe repentino e fulminante que poderia ter atravessado o seu abdómen, não fosse pelos ótimos reflexos do jovem, que torceu as ancas e permitiu que a espada rasasse na sua armadura para penetrar na defesa de Lhiannah. Uma expressão de horror atravessou os olhos arregalados da princesa ao ver que estava completamente exposta, mas Aewyre puxou o braço para trás e desferiu-lhe uma cotovelada na cara, repreendendo-se por amachucar as imaculadas feições da princesa, que caiu. Aewyre constatou que ela estava visivelmente atordoada e encostou a ponta da espada à sua garganta. Quando ouviu relva a ser pisada por pesados passos apressados atrás de si, virou-se a tempo de ver o pequeno mas massivo thuragar a lançar-se contra o seu flanco.

Worick atingiu Aewyre nas costelas, os dois caíram e rebolaram no chão, cada um lutando para manter o controlo. Aí Aewyre apercebeu-se do perigo no qual estava, lembrando-se do quão terrível um thuragar podia ser num combate corpo a corpo. Allumno aproximou-se de Lhiannah para acabar com aquela luta absurda antes que Aewyre pudesse fazer mais mal a outros ou a si mesmo. Debruçou-se para ajudar Lhiannah a levantar-se, mas esta desferiu-lhe um doloroso pontapé na virilha, agarrou a cabeça do mago, colocou os pés no seu peito e atirou-o para trás, caindo com os joelhos em cima dele e encostando a sua espada à garganta de Allumno com a intenção de o impedir de usar a Palavra.

Um som que eu não entenda e degolo-te, mago ameaçou. A explosão de dor na sua virilha ainda perdurava, e Allumno viu-se incapaz de sequer responder. Entretanto, Aewyre debatia-se furiosamente com Worick, mas o thuragar mantinha-o firme no chão e os dedos frios da sua manopla já haviam alcançado a sua garganta, começando a apertar com um aperto de ferro. Aewyre esmurrou-o uma, duas, três vezes, partindo-lhe o nariz e abrindo-lhe uma ferida na têmpora direita, mas o thuragar não largava. Começou a pensar se seria verdade que, quanto mais perto um thuragar está da terra, mais forte fica...

Já estás... sussurrou-lhe o thuragar.

O ar começou a faltar-lhe quando ouviu as palavras de Lhiannah.

Fica quieto, vagabundo, ou o teu amigo feiticeiro morre.

Aewyre conseguiu virar a cabeça e viu Allumno numa situação mais perigosa que a sua. As coisas não estavam a correr bem...

Inesperadamente, o mago estalou os dedos com algo que tirara furtivamente do seu alforje, cegando Lhiannah com um clarão e principiou a recitar um encantamento, mas antes que pudesse completar a frase, a princesa desferiu um golpe cego de cima. Allumno desviou a cabeça e ouviu a terra a ser perfurada pela espada. Lhiannah improvisou e empurrou a espada para o lado como uma alavanca, de modo a decapitar Allumno. O mago foi suficientemente rápido para agarrar o punho da arma, ficando com o gume perigosamente perto da garganta.

Se me matardes, princesa, com o meu último suspiro, transformarei o vosso sangue em chumbo disse o mago friamente.

Lhiannah recuperou a visão e fitou-o. Já havia visto feiticeiros antes, e este parecia ser um deles. Também já vira o que tais homens eram capazes de fazer e não duvidou de que a sua vida corria perigo. Olhou para Worick e viu que o thuragar estava em vantagem, mas ainda não havia conseguido inutilizar o insolente espadeiro. Reflectindo sobre a sua própria situação, chegou à conclusão de que seria melhor considerar o confronto um empate.

Worick! gritou. Larga esse vagabundo!

O thuragar fitou a sua princesa, incrédulo, e continuou a árdua tarefa de estrangular aquele jovem que se debatia como se estivesse deitado em cima de pregos.

Faz o que te digo! Larga-o!

Relutantemente, Worick aliviou a pressão do aperto e foi lentamente largando Aewyre, que ia procedendo da mesma maneira. Lhiannah voltou a olhar para Allumno.

Tréguas, mago?

Tréguas... respondeu Allumno, esforçando-se por conter um suspiro de alívio. A princesa foi levantando a espada e Allumno baixou o braço lentamente. Quando se viu fora de perigo, pronunciou uma única palavra.

Lhiannah atirou-se instintivamente ao chão, reparando de seguida que lhe choviam flores em cima. Aewyre foi incapaz de conter uma sonora risada sufocada enquanto Allumno cruzava os braços e esboçava um meio sorriso zombeteiro. O rosto de Lhiannah estava vermelho e os seus olhos ardiam em Allumno, mas relaxou de seguida e levantou-se.

Muito ardiloso admitiu com voz trémula. Posso não ser especialista em magia, mas devia ter calculado que tão poderoso encantamento não poderia ser conjurado de forma tão simples...

‘É facto admitiu Allumno. Desejais continuar esta inútil e perigosa querela ou podemos parlamentar como pessoas civilizadas?

Atenta a como falas com a princesa rosnou Worick.

A menos que desejeis que vos cresçam urtigas na língua, sugiro que vos caleis enquanto eu falo com a princesa.

O thuragar levou a mão ao martelo, mas Lhiannah ergueu a sua mão. Worick limpou o sangue do nariz, cruzou os braços e fitou o mago com um olhar ameaçador. Ignorando o thuragar, Allumno caminhou em direcção ao escudo de Aewyre e ergueu-o, limpando a terra e deixando o sol resplandecer no brasão.

Aewyre Thoryn, filho de Aezrel Thoryn, campeão de Allaryia

disse num tom imponente, apontando para o portador desse nome

e Allumno da Gema Vermelha, conselheiro real de Aereth Thoryn, regente de Thoryn fez uma vénia, ao vosso dispor.

Worick bateu com a mão na testa, mas Lhiannah, alheia a assuntos diplomáticos, permaneceu impassível.

E que faz o irmão de Aereth Thoryn tão longe de casa? indagou.

Procuro aventura, princesa. A vida na corte consegue ser muito entediante esclareceu Aewyre, esfregando as marcas vermelhas que os dedos do thuragar haviam deixado no seu pescoço.

A palavra ”aventura” suscitou de imediato o interesse de Lhiannah.

E aonde vos dirigis?

Como destino final temos Asmodeon.

A simples menção da antiga fortaleza de Seltor alarmou Worick.

São loucos então, mas não vos impediremos. Podem passar pelas terras de Syrith se se mantiverem fora de sarilhos.

O thuragar queria que os dois se fossem embora o mais depressa possível, já que se tinha há muito tempo apercebido da irrequietude de Lhiannah. As patrulhas regulares já não lhe chegavam e estava certo de que a jovem andava farta da vida na corte e que ansiava por aventuras, por isso receou que Aewyre lhe enchesse a cabeça de ideias tolas.

Agora vão. A princesa tem outros deveres dos quais se deve encarregar. Vamos, Lhiannah.

A princesa, no entanto, estava absorta nos seus pensamentos. Tinha levado um dedo ao lábio e olhava para o vazio, como se estivesse a reflectir profundamente.

Lhiannah? Passa-se alguma coisa?

Vou convosco disse a princesa.

Aewyre estava prestes a esboçar um largo sorriso, mas conteve-o antes que ele fosse para além de levantar o canto da sua boca de modo a não trair as suas emoções.

E por que haveríamos de querer companhia? indagou, cruzando os braços de forma insolente e arqueando as sobrancelhas.

Haveis-me visto a lutar e necessitareis de toda a ajuda possível se o vosso destino é Asmodeon.

Por que desejais acompanhar um vagabundo? inquiriu maliciosamente.

Porque sois um vagabundo que luta bem admitiu com um sorriso afectado. Fostes o melhor adversário que tive até hoje e não iria perder a segunda volta da nossa contenda retorquiu Lhiannah.

Nem pensar! interferiu Worick. A menina Lhiannah vem comigo de imediato para o palácio!

Já não sou nenhuma menina, Worick. Podes vir comigo ou ficar, mas podes ter a certeza de que eu vou deixar esta terriola. A situação pareceu estranhamente familiar a Allumno...

Lhiannah, já te esqueceste do que te ensinei? Um soldado nunca abandona o seu comandante.

Então executa-me disse, puxando as rédeas do cavalo na direcção de Aewyre e Allumno, que se preparavam para partir.

Pedras me partam... Lhiannah! gritou o thuragar. A princesa olhou para trás.

Então, vens ou ficas, comandante? perguntou, provocadora.

Sabes muito bem que a única maneira de te forçar a ficar era matar-te. Está claro que te acompanho, mas se tentares ir embora sem deixar um aviso ao teu pai, aí podes crer que vou arranjar maneira de te manter aqui... e viva.

Lhiannah riu e largou as rédeas para beijar o thuragar na face. Worick estrebuchou e soltou-se do abraço, exibindo a natural aversão que o seu povo tinha a demonstrações de afecto. A princesa escreveu uma carta de despedida ao seu pai, dizendo que voltaria "oportunamente" e deu uma palmada na garupa do cavalo, que voltou para o palácio.

Agora, a menos que queiram confrontar uma patrulha syrithiana, sugiro que nos apressemos disse Lhiannah, enfiando o arco curto e o escudo atrás das costas e tomando a dianteira do grupo. Aewyre e Allumno entreolharam-se, encolhendo os ombros e avançando. Worick foi por último, agitando a cabeça e resmungando.

Isto teria acontecido se ela tivesse recebido as devidas bastonadas naquela cabeça teimosa quando era pequena? É claro que não! Pedras me partam...

Aewyre e Allumno passaram por Uforn, uma aldeola remota de Syrith, para comprarem provisões e equipamento para Lhiannah e Worick, que permaneceram escondidos no bosque para evitar que a princesa fosse avistada. A conselho de Allumno e a desacordo de Aewyre compraram também cavalos, que poderiam vender antes de chegarem à montanha. O guerreiro discordou até ao fim, pois tinha um certo receio das bestas e nunca fora grande cavaleiro. Após partirem, Aewyre cavalgou ao lado de Worick, a sua face uma máscara de esforçada concentração, enquanto Allumno meditava e Lhiannah se mantinha na dianteira.

Desculpe o nariz, mestre Worick disse Aewyre, olhando para o ridículo penso que Lhiannah improvisara, mantendo uma lasca de madeira polida presa ao nariz com pedaços de tecido atados na nuca do thuragar.

Não é nada. Uma vez um ogroblin partiu-me todas as costelas do lado esquerdo ao cair em cima de mim e passei uma noite inteira com o pulmão a sangrar.

E como escapou? tentou Aewyre prosseguir com a conversa para se distrair do desassossego que o cavalo lhe causava.

É uma longa história. E trata-me por Worick, nada de "você" ou "mestre Worick" que isso faz-me sentir velho. Fitou Aewyre. Não gosto quando me fazem sentir velho.

Muito bem... Worick.

O thuragar estava a ser tudo menos simpático, mas essa era a atitude natural da raça e Aewyre sabia que nada mais poderia esperar do veterano. Apesar de tudo, Worick mostrava-se aberto para com ele e o jovem calculava que essa atitude se devia ao respeito que os thuragar tinham por guerreiros, principalmente os mais capazes. Não gostava nada de Allumno, pois os thuragar eram um povo guerreiro e desprezavam os "cobardes" magos que dependiam de forças exteriores para lutar. Reparando que Lhiannah estava a uma distância segura, aproveitou para questionar o thuragar a seu respeito.

Worick, posso fazer-te algumas perguntas?

Fá-lo por tua própria conta e risco. Aewyre riu.

Não é nada sobre ti.

Despacha-te então. Não gosto de ficar a falar muito tempo. Seca-me a garganta e não temos nada para beber a não ser água. Se para a próxima não comprares *soyg* como te pedi, parto-te a cara.

Aewyre suspirou. *Soyg era a insuportável* aguardente dos thuragar, fabricada através de um tosco processo de fermentação de fungos. Poucos humanos aguentavam mais que uma caneca e nenhum eahan a bebia sem ir de seguida para um templo tratar do fígado.

Já te disse que a culpa é da Lhiannah. Ela sabia que Uforn era o teu ponto de abastecimento e não quis deixar pistas explicou Aewyre pacientemente. Worick resmungou, por isso Aewyre continuou. Posso fazer agora as perguntas?

Sê breve.

Ela é tão difícil como parece ou faz-se de dura? Worick olhou para ele, incrédulo e voltou a olhar para a frente, resmungando sobre qualquer coisa que fora a mais imbecil que ele já ouvira. Então?

Não vês, estúpido? A Lhiannah é uma arinnir! disse Worick rispidamente, esforçando-se por falar baixo.

Aewyre ficou perplexo. As arinnir eram tribos de mulheres que viviam numa sociedade matriarcal. Ao contrário do que muitos pensavam, não odiavam homens nem os matavam sempre que possível, mas estas tinham um papel subserviente de escravos na sua sociedade. Para além disso, pouco mais se sabia acerca delas, já que nenhum homem era permitido nos seus domínios e cada mulher que lá entrava nunca mais era vista. Como nunca haviam ameaçado região alguma e pareciam apenas desejar que as deixassem em paz, a maior parte dos regentes correspondiam com esse desejo. Alguns, não todos, como grupos de foras-da-lei, mas esses haviam aprendido da pior forma que, apesar de pregarem a paz, as arinnir eram extremamente eficazes a defender as suas terras.

Uma arinnir? Que faz ela então aqui, em Syrith? Que eu saiba, não há arinnir em todo Nolwyn.

Worick limpou a garganta, esgarrou para o lado, ajustou o "penso" e começou.

Sunlar Syndar, o pai de Lhiannah, não era nenhum inútil como o teu irmão.

Aewyre ignorou o insulto.

Para além de cumprir as funções de regente, era também aventureiro por natureza. Muitos monstros matou, rapaz, e muito tesouro

arrecaudou. Numa das suas aventuras, deu com uma tribo de arinnir, que o aprisionaram.

Mantiveram-no cativo durante anos como um escravo, mas nunca o conseguiram vergar. Pela sua força e coragem, foi escolhido como reprodutor da própria Pacificadora Worick pronunciou o título com um tom zombeteiro, fingindo dar grande importância ao nome, uma mulher cuja posição está abaixo apenas da Matriarca. Da Pacificadora, uma tal de Lhiannon, teve gémeos, um irmão e uma irmã. Sabendo que o seu filho iria ser um escravo e que a sua filha ia ser criada por aquelas megeras, Sunlar encontrou a força que lhe faltava e conseguiu escapar com os dois filhos.

Simplesmente assim? Ficou motivado e fugiu?

Claro que não, estúpido. Foi uma luta que esses bardos rabilas deviam cantar até ao fim dos tempos, em vez de chorarem sobre o seu amor perdido e lamuriarem-se sobre as mulheres que nunca vão ter... mas estou a afastar-me do assunto. Eu estava lá, jovem, era prisioneiro condenado a trabalhos forçados. Sunlar libertou-me e juntos fugimos dali, fomentando uma revolução com os restantes escravos. Aquele mulherio teve a lição da sua vida... O thuragar riu de forma gutural e maliciosa. Jurei fidelidade a Sunlar Syndar a partir daquele dia. Ele queria que eu fosse o protector da sua filha, coisa que me desagradou ao princípio, mas que o martelo de Tharobar estilhace A a Bigorna Dourada, até este thuragar ficou comovido com aquela criaturinha de cabelos doirados que sempre teve o hábito de mijar em cima de mim... Riu, mas abanou a cabeça como para afastar pensamentos afectuosos. Era tão agressiva que ninguém diria que era filha da Pacificadora. Saiu mesmo ao pai... Gostava de andar à lambada com os rapazes, mas comigo ela não fazia farinha. Tinha o hábito de dar sovas nos filhos de toda a gente importante da cidade e arranjou muitos problemas ao pai. Uma vez, um rapazola mais arrojado puxou-lhe a saia para cima. Vai ter de comer papas até ao fim da vida...

Worick riu mais uma vez.

Não vejo qual é a graça disse Aewyre.

Estava a pensar como ficarias sem dentes explicou o thuragar. O melhor é tirares aqueles cabelos e aquela cara da tua cabeça ou ela ainda te priva do teu melhor amigo Worick olhou para baixo de modo a deixar bem claro ao que se referia. E se te meteres com ela, racho-te ao meio com o meu martelo.

Nenhuma mulher é de ferro.

Ela não é de ferro, rapaz. É de aço. E o meu martelo também...

Veremos... disse Aewyre, convencendo-se a si próprio de que as ameaças do thuragar eram brincadeira. Então e o irmão de Lhiannah?

Perante esta pergunta, Worick empalideceu.

Worick? Que se passa?

O thuragar olhou para Aewyre com fúria e bateu com os calcanhares nos flancos do cavalo, tomando a dianteira do grupo. O jovem ficou a olhar, incrédulo, para o thuragar que se distanciava.

Disse algo de mal? indagou-se e decidiu pensar em coisas mais agradáveis para se distrair, como o corpo desnudo de Lhiannah.

Aewyre avançou para o lado de modo a ter uma vista de perfil da princesa. Percorreu o seu corpo com o olhar, começando pela sua coxa tonificada por longas caminhadas e realçada pelas calças apertadas, continuando pelo seu elegante e recto tronco, infelizmente tapado por aquela maldita armadura, chegando à sua bela face, de contornos suaves e delicados e terminando nos seus fulgurantes cabelos dourados.

Dama de ferro... gracejou.

Allumno estava sentado de pernas cruzadas em cima do cavalo, mantendo o equilíbrio inconscientemente. O seu olhar estava fixo num determinado ponto do horizonte. As suas pernas estavam entorpecidas e os olhos estavam prestes a secar devido ao longo tempo que o mago permanecera sem os fechar, mas isso não o incomodava no seu transe. Dentro da gema incrustada na sua testa, distinguível apenas com um olhar minucioso, redemoinhava uma névoa cintilante e rosada.

”Muito bem, Allumno, agora fecha os olhos e deixa a Essência fluir”, disse uma voz dentro da sua cabeça, a de Zoryan, o arquimago.

As almas dos que pereciam em Allaryia eram levadas aos reinos dos deuses que reverenciavam, mas aqueles que usavam a Arte da Palavra estavam fadados a serem diluídos na essência do Pilar aquando da sua morte, visto não venerarem nenhum deus, mas a gema que Allumno carregava na frente era a âncora ao mundo dos vivos que possibilitava, Zoryan de vaguear pelo Pilar do Mundo e falar com o seu pupilo.

O mago obedeceu e imediatamente sentiu um formigueiro proveniente do seu abdómen, que fluíu até aos seus membros. Allumno fixou um monte de calhaus, escolheu o maior e concentrou-se. O calhau começou a levitar e voou até uma curta distância da cara de Allumno.

O mago apoiou o queixo entre o indicador e o polegar e pensou. Olhou para Worick e pareceu ficar inspirado. A gema na sua testa brilhou quando Allumno fixou o olhar no calhau e a pedra começou a ser desbastada e cinzelada por uma força invisível até se tornar numa réplica da cara de Worick com uma língua bífida e com minhocas a saírem do seu nariz bolboso. A pedra foi então fendida e estilhaçou-se. Allumno cruzou os braços e sorriu, satisfeito.

Ao segundo dia de viagem, os quatro companheiros montaram um acampamento num arvoredor no sopé da montanha. Allumno acendera uma fogueira e Aewyre estava a derreter queijo num pequeno caldeirão.

É uma velha receita do meu pai disse Aewyre enquanto adicionava ervas ao queijo derretido. Após uma breve espera, foi buscar pedaços de carne seca e deu a cada um dos seus companheiros um espeto de madeira que ele mesmo afiara. Espetou um pedaço de carne para cada um e embebeu-os no queijo, depois esperou que o queijo solidificasse e serviu os seus companheiros, que comeram avidamente.

Devo dizer que, para um guerreiro, cozinhas tão bem como uma mulher observou Worick, rompendo seguidamente numa sonora gargalhada.

Lhiannah e Aewyre fitaram-no com uma expressão zangada.

Após o repasto, Allumno e Worick foram deitar-se, Lhiannah montou a primeira vigia e Aewyre fez questão de a acompanhar. Estava uma noite estrelada, bem visível através da ramagem das nogueiras que cobriam parcialmente o acampamento. Lhiannah estava sentada num velho toco a afiar a espada com uma pedra de amolar, sem sequer olhar para Aewyre, sentado num tronco caído a seu lado. A fogueira crepitava e as suas chamas iluminavam a princesa como uma estátua de ouro.

Aconteceu alguma coisa entre o Worick e o teu irmão? perguntou.

Lhiannah parou abruptamente de afiar a espada e levantou os olhos para fitar Aewyre. Embainhou a sua arma, enfiou a pedra no bolso e começou a remexer na fogueira com um graveto, soltando várias faíscas a cada gesto.

Por que perguntas? indagou, sem olhar para o guerreiro.

O Worick reagiu de uma forma estranha quando eu perguntei por ele.

Sem tirar o olhar da fogueira, Lhiannah continuou.

Sologhn, o meu irmão, era um bom guerreiro, tal como o meu pai antes fora. Era incapaz de permanecer em casa muito tempo e o combate era para ele uma necessidade. Participava em todas as incursões contra tribos drahregs e fortes dos boaroars nas montanhas. Worick a comandar as operações e Sologhn como seu tenente. Um dia, a caminho de um bando de drahregs, foram emboscados pela aliança de duas tribos. Worick havia escolhido um atalho que passava por um desfiladeiro. Foram atacados com flechas por cima e as duas saídas foram tapadas por lanceiros. Sobrou menos de um quarto do grupo de guerra e entre os mortos estava o meu irmão, que Worick tomara sob a sua responsabilidade.

Um súbito enrugamento da testa de Lhiannah e o estalo do graveto traíram as suas emoções. Aewyre aproximou-se e pôs o braço por cima dos seus ombros, estacando quando sentiu um movimento brusco e algo afiado demasiado perto de uma certa parte da sua anatomia. Lhiannah fitou-o com um fogo nos olhos que parecia arder com mais intensidade que o da fogueira.

Já magoei homens por bem menos que esse gesto e já fiz pior a quem ousou ir mais além. Dá-me uma boa razão para eu não espetar a minha adaga agora mesmo.

Não lhe ocorrendo nenhuma, Aewyre começou a ficar nervoso, pensando se Lhiannah levaria a cabo a sua ameaça.

De repente, algo silvou perto do par e cravou-se no tronco onde Aewyre se sentara. Os cavalos relincharam e Lhiannah levantou-se, desembainhando a espada, e Aewyre fez o mesmo assim que se recompôs.

Worick! Mago! Levantem-se! gritou a princesa.

Em poucos segundos o grupo formara um círculo de escudos com Allumno no meio. O mago começou a recitar algo quando uma voz vinda de algures no arvoredado disse:

Quem são e quais são as vossas intenções no domínio dos eahan da montanha?

Lhiannah preparou-se para responder, mas Aewyre pareceu reconhecer a voz e fez-lhe menção que se calasse. Apesar de não gostar de ser comandada, a princesa obedeceu e olhou para o jovem, que fitava a flecha espetada no tronco.

Quenestil, se mais algum eahan é efeminado o suficiente para usar penas de andorinha na flecha o meu nome não é Aewyre Thoryn! Sai da tua toca, sua velha raposa matreira!

Os restantes companheiros olharam entre si como se pensassem que Aewyre havia endoidecido, mas logo de seguida ouviram o farfalhar de folhas e uma figura aproximou-se do grupo. Aewyre pensou em correr na sua direcção, mas lembrou-se de que havia dezenas de arcos prontos a lançar uma chuva de setas e reteve-se.

Quando o indivíduo lhe chegou ao pé, no entanto, os dois executaram um complicado cumprimento de mãos eahan e abraçaram-se de seguida.

Aewyre, seu lobo recluso! Sabes muito bem para que servem as penas da andorinha! Se eu te acertasse com uma a milhas de distância, já te calavas! Finalmente saíste da gaiola dourada?

Dizes bem, amigo assentiu Aewyre. Worick, Lhiannah, quero apresentar-vos um velho amigo meu, Quenestil

Anthalos, o eahan do olho de águia e arco infalível.

O eahan beijou a mão da princesa, obedecendo ao procedimento humano e cumprimentou Worick com um quase imperceptível aceno de cabeça. O mútuo desagrado entre os hedonistas eahan e os estóicos thuragar era conhecido por toda Allaryia. Allumno também era seu conhecido e os dois trocaram o mesmo cumprimento efectuado com Aewyre, apesar de menos caloroso. Quenestil era um eahan da montanha, exibindo os característicos cabelos arruivados, orelhas pontudas de lóbulos pegados à cara e olhos cinzentos da raça. As suas feições eram delicadas como as de todos os seus congéneres, se bem que fosse robusto para a normalmente esguia raça, endurecido pelo clima da montanha. O seu nariz era delgado, tinha uma fita de couro à volta da testa e penas de águia atadas ao cabelo no lado esquerdo. Envergava uma bonita pele de carcaju castanha e amarelada como camisa, pele de carcaju que servia de tanga e lhe cobria as pernas e outra pele de carcaju como capa até aos flancos. Tinha braçais e botas de couro cobertas por mais pele de carcaju e as suas únicas armas eram um elaborado arco composto de madeira, osso e tendão, cuja munição estava guardada numa aljava de camurça e uma comprida faca de punho nodoso embainhada numa tosca bainha de couro. Era um shura, um protector da Natureza e um servo da Mãe. O seu sorriso reconfortante assegurava os companheiros de que estavam em segurança.

Peço a todos desculpa pelo susto, mas têm sido vistos drahregs e mercenários e todo o cuidado é pouco. Chegámos ao ponto em que temos de assumir uma atitude hostil perante cada um que encontramos.

Desculpas aceites, Quenestil, agora chama os teus amigos para celebrarmos este feliz reencontro!

Então diz-me, Aewyre. Que fazes tão longe do palácio? A ama de leite morreu? gracejou o shura.

És tão engraçado... Devia cortar a tua língua e usá-la para ganhar a vida como bobo.

Os dois riram e deram palmadas nas costas um do outro.

Não, eu já estava farto daquilo continuou, olhando para a fogueira. Tinha de me ir embora, procurar aventura. Eu e os meus companheiros estamos a pensar ir para Asmodeon.

Quenestil assobiou e arregalou os olhos, surpreso com a audácia do grupo.

Sempre em grandes aventuras. Nunca te contentaste com as coisas pequenas e agradáveis da vida... Desde aquele dia em que os regentes de Nolwyn se encontraram num concílio com os eahan que tu me pareceste uma cria de águia a querer voar...

Uma figura chamou a atenção de Aewyre no meio do grupo de eahan, que mantinham uma certa distância dos companheiros. Era um humanóide muito alto com um corpo musculoso coberto por pêlo de uma cor amarelo-acastanhada. Tinha uma cara larga, um nariz achatado de grandes narinas transversais, com uma abundante juba amarelo-escura e a sua única vestimenta era uma tanga bordada, apertada por um cinto do qual pendiam duas armas invulgares constituídas por uma afiadíssima lâmina em contracurva com duas pontas e um punho com guarda com espinhos. O que a criatura fazia na companhia de eahan, Aewyre não soube dizer, por isso foi questionar Quenestil.

Diz-me, que criatura é esta que vos acompanha?

A criatura é um antroleo esclareceu o eahan.

Aewyre estava visivelmente surpreso. Antroleos eram uma raça rara, lendária para alguns, de humanóides cuja destreza em batalha era temida e respeitada por todos os que os conheciam.

Que faz ele convosco? persistiu Aewyre.

Encontrámo-lo numa fossa armadilhada. É um exilado mas ainda não revelou a ninguém o motivo da sua fuga. Babaki é o seu nome e é forte como um urso, mas não faz mal a uma mosca e é um dos seres mais amigáveis que já vi, por isso deixamo-lo andar connosco.

De facto, enquanto falavam, trepavam esquilos pelas costas de Babaki e uma doninha foi comer da sua mão. Aewyre ficou fascinado

decidiu apresentar-se ao antroleo. Levantou-se e caminhou na sua direcção, assustando os animais que se haviam agregado à volta de Babaki. O antroleo virou a cara para Aewyre, fitou-o e esboçou o que pareceu ser um sorriso com a sua boca-focinho. Os seus olhos, no entanto, traduziam a dor que lhe ia na alma e transmitiam uma tristeza deprimente ao jovem guerreiro.

Saudações, sou Aewyre Thoryn.

Prazer em conhecer o grande guerreiro Aewyre. Quenestil falou muito de ti. Babaki é o nome que adoptei. O meu verdadeiro nome é impronunciável para vocês sem-pêlo.

O prazer é meu, Babaki disse Aewyre, sentindo-se à vontade com a informalidade do antroleo. Posso saber o que fazes tão longe dos da tua espécie?

Sou um exilado. Agora, se me dás licença, quero chamar os meus amigos outra vez disse Babaki, virando a cara e fixando o seu olhar no arvoredo.

Com certeza...

Sentindo-se meio abatido com a tristeza do antroleo, Aewyre decidiu juntar-se aos alegres eahan e dançar com eles. Só teve pena que não houvesse eahannas no grupo... Worick fora dormir, evitando qualquer contacto com os "patetas alegres de orelhas pontudas", Allumno meditava e Lhiannah falava com Quenestil. Os companheiros adormeceram tarde nessa noite.

PERIGOS NO BOSQUE

Na manhã seguinte, Aewyre acordou com uma câibra no pescoço. Ainda estava demasiado mole devido a anos de camas macias, mas mais umas noites ao relento e haveria de se habituar. Os restantes companheiros ainda dormiam.

Estava um dia fresco, com neblina no bosque cheio de orvalho cintilante. Aewyre espremeu o musgo de um ramo e bebeu a água fria e refrescante que dele saiu. Saciado, constatou então que os eahan haviam desaparecido sem deixar rasto.

Típico... pensou, apesar de estar desapontado pelo facto de Quenestil nem se ter despedido.

Perdido nos seus pensamentos, quase não ouviu o pisar de folhas atrás de si. Virou-se rapidamente e levou a mão ao punho da espada, relaxando ao ver Quenestil a carregar provisões com o enorme antroleo a seu lado.

Não pensaste que eu te deixaria tão facilmente, pois não? Acabaste de ganhar dois companheiros, velho amigo.

Aewyre não pôde esconder o seu contentamento.

E tu, Babaki?

Não tenho casa. Vou para onde o vento me arrastar.

Bom, nesse caso, bem-vindos ao...

Acho que é altura de escolhermos um líder interrompeu Allumno, afinal já desperto. Eu proponho o Worick, é o mais experiente de todos nós e um bom guerreiro.

Eu também juntou-se Lhiannah, bocejando.

Eu não conheço bem o thuragar, por isso escolho o Allumno; é o mais sábio de nós disse Quenestil.

Babaki limitou-se a encolher os ombros e a deixar um pardal pousar no seu dedo.

Sou forçado a admitir que Worick é um líder nato e estará melhor no comando admitiu o próprio Aewyre.

Todos os olhares se voltaram então para o thuragar, que parecia ter ficado agitado com a decisão.

Obrigado, mas não. O Allumno que chefie.

Uma expressão de surpresa atravessou a cara de todos menos Quenestil e Babaki.

Não pretendo liderar o grupo. Disse Allumno, mas Aewyre sabia muito bem que não era bem assim. Proponho o Aewyre. A ideia desta viagem partiu dele...

Durante alguns momentos ninguém disse nada, até que o jovem falou. Bom, se é assim, aceito e agradeço. Prometo que tentarei ser um bom líder.

Tentar não chega. E se nos meteres nalgum sarilho, tens de te haver comigo acrescentou rispidamente o thuragar.

Aewyre assentiu com um ligeiro sorriso

Vamos levantar o acampamento. Quanto mais cedo atravessarmos as montanhas, melhor, ordenou, ansioso por começar a cumprir as funções de líder.

Relutantemente, os companheiros obedeceram e começaram a longa caminhada. Worick caminhou atrás.

Dois dias depois, numa bela manhã, Aewyre sentiu o peso da sua bolsa bastante aliviado e constatou que ela havia desaparecido.

Algun de vocês tem a minha bolsa? perguntou, puxando as rédeas do seu cavalo três vezes, como se o animal se recusasse a parar. Quenestil e Babaki caminhavam a pé e também se detiveram.

Como ninguém respondeu, Aewyre continuou:

Eu tenho lá cinquenta sóis! Se algum de vocês ma tirou, vai ter sérios problemas!

Humanos... gracejou Worick. Mais desapegados a bens materiais que eles só mesmo os patetas dos eahan. Pedras me partam, como é que se perde uma... Ei! Onde está a minha bolsa? gritou de repente.

Calem-se os dois! vociferou Quenestil. Worick olhou para o eahan com os punhos cerrados.

Atreves-te a mandar-me calar, sua amostra de...

Cala-te Worick! Desta vez fora Aewyre a proferir a ordem. Ele está a ouvir alguma coisa.

O silêncio foi então total, com a exceção do ruído dos pássaros. Quenestil pegou no braço do antroleo.

Babaki, és o mais rápido de todos nós. Apanha-o! gritou a última palavra e apontou para uns arbustos.

Inesperadamente rápido, como se a ideia de caçar uma presa tivesse acordado o seu instinto animal, o antroleo lançou-se na perseguição da criatura que já estava em fuga. Os seus sentidos centraram-se todos na pequena figura humanóide que corria a uma velocidade surpreendente, apesar das curtas pernas que possuía. Babaki sentia o medo da criatura, captava o odor da sua transpiração, ouvia a sua respiração ofegante tão bem como os ramos e gravetos que ele quebrava na corrida. O caçador corria com uma graça felina, usando por vezes as quatro patas para subir superfícies íngremes e a sua velocidade superior permitiu que apanhasse a presa, apesar do avanço inicial que a criatura tivera. Babaki saltou para cima do humanóide, envolvendo o pequeno corpo nos seus poderosos braços e abocanhando a sua garganta. Isto fora para o qual ele nascera. Era um caçador por natureza, um predador... Não!

O antroleo caiu em si a tempo de impedir que o animal que o dominara fechasse as mandíbulas e dilacerasse a garganta da criatura que não lhe fizera mal algum. Babaki soltou o humanóide, que se encolheu, aterrado. Não fazia ideia de que tipo de criatura se tratava, era um ser parecido com os humanos, mas apesar de ser um espécime adulto, não excedia uma criança em tamanho. Vestia uma camisa de alças vermelha por cima de uma suja camisola branca de mangas arregaçadas e umas calças de tecido castanho. Calçava botas encharcadas de fabrico delicado, inadequadas para viajar nos bosques e carregava uma mochila demasiado grande. Na cabeça tinha ainda uma boina vermelha cuja comprida ponta caía para o lado. O antroleo quis pedir desculpa, mas viu as bolsas de Aewyre e Worick e pegou na leve criatura por trás, carregando-a na mão esquerda e levando as sacolas com a direita. Quando os companheiros o avistaram e à sua presa, Worick foi o primeiro a falar.

Um burrik! O que faz um desses sacaninhas aqui? Ainda bem que o mataste, antroleo, senão estaríamos todos na penúria e sem mantimentos.

Como para contrariar o thuragar, a figura mexeu-se.

Deixaste-o vivo? Ora isso é fácil de resolver, vou abrir o seu pequeno crânio à martelada e dar o pouco miolo que ele tem de comer aos corvos!

Calma, Worick interveio Lhiannah em defesa da criatura.

Como é que um ser tão pequeno nos poderia fazer mal? Além disso, está indefeso e desarmado.

Como nos pode fazer mal? Indefeso e desarmado? Pedras me partam, um burrik é capaz de te roubar os olhos sem tu dares por isso e ao mesmo tempo esvaziar os teus bolsos com os pés! Além disso, são mais traiçoeiros e ardilosos que os eahanoir!

Agradeço os elogios, caro senhor, mas poderia agora pedir ao seu amigo peludo que me pusesse no chão? Já chega o susto que ele me pregou! disse o burrik com uma vozinha aguda.

Mas o pior de tudo é a sua insolência e o seu atrevimento! Ora vem cá, seu pequeno monte de esterco. Deixa que o meu martelo faça o susto passar...

Calma, Worick. Pode ter roubado o nosso ouro, mas isso não é razão para o esquartejares. Podes largá-lo, Babaki. O antroleo soltou o burrik e este compôs a sua camisa. Diz-me, pequeno, como te chamas? perguntou Lhiannah suavemente, curvando-se e apoiando as mãos nos joelhos. Aparentemente, simpatizava com a criatura, mas porquê, nenhum dos companheiros percebia.

Taislin Mãos-de-lã, ao vosso dispor, linda senhora. E qual é o nome da presença que me agracia? disse, retirando a boina num gesto cortês.

Lhiannah sorriu, para surpresa ainda maior dos presentes.

Eu sou Lhiannah, princesa de Vault-Syrith. O eahan chama-se Quenestil e aquele é Aewyre Thoryn, filho de Aezrel Thoryn. O teu captor é Babaki, o exilado. O homem de túnica é Allumno, feiticeiro de Thoryn e aquele é...

Worick, executor de burriks proclamou ameaçadoramente o thuragar.

De onde vens, Taislin? perguntou, com uma voz quase maternal.

A minha morada é Allaryia, linda senhora. Chamo cada toca, cada árvore oca, cada cabana e cada caverna a minha casa.

E provavelmente chamas a todas as posses dos outros teus haveres, não é? rosnou o thuragar, que era segurado por Aewyre e Babaki.

Foi por isso que mandaram esse... amigo vosso caçar-me? Mas que falta de consideração! Vi uns pobres viajantes aflitos com o peso e, como simpatizei convosco, decidi aliviar-vos da vossa *carga*, sem vos incomodar. E agradecem-me? Não! Mandam-me matar! Dias negros são estes em que vivemos, não haja dúvida! A compaixão desvanece-se, o ódio e a desconfiança prevalecem...

Se vocês não o calam, juro que lhe arranco os olhos e lhos enfio pela boca para que ele possa ver a porcaria que de lá sai! gritou Worick com a barba eriçada, agarrado por Aewyre, Babaki e Quenestil.

Lhiannah riu-se e afagou o cabelo do burrik como faria com uma criança. Taislin sorriu e os seus felinos olhos castanhos de pupilas biconvexas brilharam. Parecia um humano com nanismo, pois as suas feições de adulto ficavam deslocadas no seu pequeno corpo. Tinha cabelo preto despenteado e finas sobrancelhas que arqueavam sempre por cima dos seus curiosos olhos de gato permanentemente arregalados. O seu nariz arrebitado e o seu sorriso quase recto eram outras características da curiosa face que Worick tanto queria partir.

Bom, nós não estamos assim tão carregados, por isso acho que vamos manter as nossas sacolas, sim? sugeriu Lhiannah.

A cara de Worick estava tão vermelha que parecia estar prestes a explodir.

Está bem, só queria ajudar. Agora, se a linda senhora mo permitir, retiro-me, pois pode ser que haja mais viajantes aflitos que necessitem de auxílio.

Worick cerrou os dentes com tal força que Babaki receou que os partisse e até Allumno revirou os olhos perante a demonstração da bizarra filosofia sobre os direitos de posse dos burriks.

Espera, não gostarias de te juntar a nós? Alguém com as tuas habilidades pode ser-nos muito útil sugeriu Lhiannah.

O quê?! gritaram todos os companheiros em uníssono, destacando-se a possante voz de Worick.

Aewyre, sabes muito bem que vais precisar de toda a ajuda possível e um burrik com estes talentos é muito versátil.

O guerreiro viu-se forçado a concordar com Lhiannah, mas a ideia de aceitar Taislin no grupo parecia-lhe a mesma coisa que atirar o dinheiro ao lago. Reflectiu por breves momentos com o olhar expectativo do burrik sobre si e Worick a rosnar até tomar uma decisão e aproximar-se de Lhiannah.

Fica sob tua responsabilidade sussurrou ao passar por ela.

A princesa sorriu e Aewyre ajoelhou-se para olhar Taislin cara a cara.

Escuta bem, nós *não* estamos muito carregados, *não* precisamos de ajuda para levar o nosso dinheiro e se eu alguma vez te apanhar a remexer no equipamento, o Worick amassa-te à martelada. O thuragar pareceu acalmar-se com a sugestão. Fui claro?

A despeito das ameaças, Taislin gritou de alegria e atirou-se ao pescoço de Aewyre, abraçando-o.

Obrigado! Obrigado! Sei que nos vamos divertir juntos! Que bom, agora estou acompanhado. Vamos envolver-nos em grandes demandas, matar drahregs, salvar princesas, punir o mal e preservar a justiça...

Taislin continuou com o seu rol de aventuras muito depois de Aewyre se ter solto do seu abraço, para o azar de Babaki, que teve de conter Worick o tempo todo.

Os sete companheiros trotavam ininterruptamente nos bosques de folhas castanhas, avermelhadas e douradas há dias. Quenestil havia-lhes dito que estavam prestes a abandonar o sopé da montanha e Aewyre queria deixar a montanha para trás o mais depressa possível. Finalmente, ao entardecer, o exausto grupo decidiu por votos unânimes fazer uma paragem. Quenestil foi rondar a área e Allumno preparou o fogo enquanto os restantes iam montando o acampamento e amarrando um dos cavalos. Taislin empoleirou-se num ramo e ia mandando ordens com a sua vozinha aguda, que irritava Worick quase tanto como as frases do burrik. Finalmente, o thuragar não aguentou mais e desferiu uma martelada na árvore. Teria continuado se Babaki não o agarrasse mais uma vez. Passado algum tempo, já com a fogueira a arder, Quenestil voltou com uma expressão preocupada na face.

Drahregs foi a única palavra que proferiu, mas foi o suficiente para alarmar o grupo inteiro. Drahregs eram odiosos e temidos humanóides que guerreavam com todas as outras raças. Havia constituído a principal força das hostes negras durante a Guerra da Hecatombe, mas apesar de o seu senhor ter morrido e de grande parte do exército ter sido chacinada em Ul-Thoryn, os seus números voltaram a ser preocupantes alguns anos após a sua derrota. Chamavam às escarpas de Carcar-en-Moroth o seu lar, mas imensos bandos independentes e tribos vagueavam por toda Allaryia. Em geral, a sua presença significava problemas.

Uns quarenta. Cercaram-nos e podemos contar com pelo menos cinco para cada um. Que te parece, Aewyre?

Eles que venham afirmou, convicto na temeridade da inexperiência.

Podes cozinhar como uma mulher, mas uma mulher com túbaras, pelo menos disse Worick, chegando o mais perto possível de um cumprimento.

Têm arqueiros? perguntou o guerreiro.

Não, só lanças.

Quanto tempo até chegarem cá?

Pouco. Nem chega para eu armadilhar a área. Acho que ouviram os berros do Worick disse, olhando para o thuragar acusadoramente.

Estás a sugerir o quê? Que eu fique calado durante o resto da viagem? Para isso terás de me cortar a língua, eahan, e convidado-te a tentar fazê-lo desafiou.

Chega, Worick. Temos assuntos mais importantes. Formem um escudo com Allumno, Babaki, Quenestil e Taislin lá dentro disse, apontando para um bosque de árvores cerradas. Não vale a pena partirmos para a ofensiva. O Quenestil pode usar o seu arco e Allumno os seus feitiços sem terem de se preocupar com lanças ordenou Aewyre.

Não achas melhor fazer uma barricada? Troncos não faltam sugeriu Worick, sentindo que deveria ser ele a tratar dos aspectos tácticos. Ao contrário dos outros, o experiente veterano sabia muito bem que estavam em apuros: quarenta drahregs contra um grupo na sua maioria jovem e inexperiente, mas não iria permitir que tocassem em Lhiannah.

Não há tempo. Não ouviste o que o Quenestil disse? Ignorando a repreensão de Aewyre, Worick continuou:

Então manda o burrik e o eahan treparem às árvores para poderem atacar traiçoeiramente como gostam disse com um toque azedo na voz que não escapou ao shura e o Allumno fica protegido por nós.

É uma boa ideia concordou Aewyre. Quenestil?

Tem a sua lógica admitiu o eahan com uma expressão de escárnio para o thuragar.

Taislin trepou uma árvore e Quenestil seguiu-o. Os três guerreiros formaram um círculo à volta de Allumno, escudos erguidos. O mago plantou o bastão no solo e começou a recitar um encantamento.

Não gosto de lutar com um feiticeiro por perto resmungou Worick.

Podes não gostar, desde que lutes retorquiu Aewyre.

E os cavalos? lembrou-se Lhiannah, testando a tensão do seu arco curto.

Aewyre nada disse e ficou a pensar, mas Worick foi mais rápido.

Manda o burrik soltá-los no momento certo. Um estouro de cavalos bem colocado fará uns belos estragos...

Não dá. Só amarrámos um deles...

Worick murmurou qualquer coisa insultuosa e Lhiannah mordeu o lábio em expectativa.

Sempre disse que era uma estupidez prender só um, pedras me partam...

Quando ouviram os primeiros passos (drahregs não conseguiam ser discretos a menos que muito bem treinados), flectiram as pernas numa posição defensiva e aguardaram. Aewyre lambia os lábios em expectativa e os seus dedos desprendiam-se do punho da espada para reconsolidarem o seu forte aperto. A sua pior luta até esse dia fora uma escaramuça com bandidos da estrada, numa noite na qual partira numa patrulha com vigias da Ronda Exterior e na qual matara o seu primeiro homem e sete outros. Fora o seu baptismo de aço e agora seria mais uma vez posto à prova... Abruptamente, o barulho cessou e, logo de seguida, surgiu um drahtag ululante. Envergava uma armadura de couro escurecido com placas de metal queimado desajeitadamente afixadas em zonas vitais. Os seus longos e sujos cabelos entrançados, dos quais pendiam penduricalhos de ossos, esvoaçavam como cobras. Brandia uma cimitarra de lâmina com serrilha, porque os drahtags colocavam a dor das vítimas acima da eficácia das armas. Uma flecha de Quenestil furou-lhe a garganta de um lado ao outro, silenciando-o para sempre, mas fizera barulho suficiente para assustar os cavalos, que desataram a galopar desenfreadamente para longe. Outros dois drahtags seguiram o seu companheiro, um deles morrendo com uma flecha de Lhiannah no coração e o outro apanhado por raízes vindas do solo, fruto da magia de Allumno, que se enrolaram à sua volta e lhe espremeram a vida para fora do corpo. Cinco vinham ainda atrás dos três defuntos, correndo numa total desorganização, sem qualquer noção de formações. Lhiannah abateu um e Quenestil ainda atingiu outro no olho, mas entalou o seu arco num ramo e perdeu tempo precioso. Os restantes quatro urraram de satisfação ao chegar perto dos seus adversários e desferiram golpes desvairados com

as suas cruéis armas. Com o seu martelo, Worick partiu o braço da espada a um drahhreg e, proferindo o grito de guerra do seu clã, rodou o pulso e aproveitou o balanço para despedaçar a cara do seu adversário, cujo corpo caiu para trás com a força do golpe.

Já estás declarou o thuragar.

Para surpresa de Aewyre, Babaki não atacou o drahhreg que se dirigia a si, deixando que a princesa o enfrentasse.

Lhiannah bloqueou a espadada lateral do primeiro drahhreg com o escudo e aparou o golpe do segundo, vindo de cima, com a espada. Desceu a sua lâmina pelo gume da cimitarra e desferiu um corte na anca do drahhreg, afastando o outro ao mesmo tempo, empurrando a sua cimitarra com o escudo. Sem perder um segundo, levou a espada atrás e avançou com uma estocada que trespassou a barriga do monstro. O outro voltou a investir enquanto o seu companheiro *agonizava* com as mãos no estômago. Desferiu outro golpe desajeitado que Lhiannah aparou com a espada, mas cuja força a obrigou a recuar enquanto o drahhreg avançava para cima dela. Lhiannah olhava-o agora cara a cara, contemplando as suas feições verrugentas escuras como carvão, o seu nariz curvo e a sua boca com dentes de caninos afiados e amarelos, que exalava um odor pútrido. Aproveitando a proximidade do drahhreg, Lhiannah levantou o joelho acima com força e os olhos vermelhos subitamente arregalados do monstro disseram-lhe que acertara no alvo. Seguidamente, deu-lhe uma cabeçada, partindo o seu nariz borbulhento, do qual jorrou sangue e penetrou o seu coração com a espada.

Aewyre esperou calmamente que o seu drahhreg se aproximasse e desse o primeiro golpe. O seu coração palpitava como um trovão no seu peito, mas manteve a calma. Julgando o adversário assustado, o monstro uivou de satisfação e desferiu um golpe de cima para rachar a cabeça do humano. No último segundo, Aewyre deu um passo lateral, ficando de lado para o drahhreg e sentiu o deslocamento de ar que a cimitarra provocou ao rasar pelo seu nariz. Limitou-se então a estocar de lado para empalar o seu adversário, que só se apercebeu de que ia morrer ao sentir inesperadamente as suas entranhas a serem atravessadas pelo aço frio da Ancalach.

Foi então que o verdadeiro ataque começou e os drahhregs surgiram por todos os lados. Taislin saltou para cima de um que passara por baixo do seu ramo, agarrou o seu queixo, levantou-lhe a cara e cortou a sua garganta exposta, deixando-se cair com ele e rolando para a árvore mais próxima. Quenestil largou outra seta que voou contra o peito de um drahhreg, que uivou em agonia ao cair, agarrando a haste

da flecha. Das mãos de Allumno relampejaram umas rajadas azuis que eriçaram os cabelos dos companheiros e fritaram um drahhreg enquanto outro se contorcia com o corpo perfurado por farpas que o mago animara. A luta mais furiosa decorria na área que os três guerreiros defendiam e na qual já estavam amontoados vários cadáveres. O círculo foi quebrado pela simples pressão dos números dos inimigos e Lhiannah foi separada dos outros, por isso os companheiros estavam a ter dificuldades para conter a maré de drahhregs. Lhiannah estava completamente cercada, mas os drahhregs não estavam a lutar para matar com as cimitarras e alguns deles lutavam desarmados, como se a quisessem capturar. Worick girava selvaticamente o martelo, esmagando quem se aproximasse da sua poderosa arma enquanto tentava chegar a Lhiannah e Aewyre, vendo que o seu estilo era perigoso contra um inimigo numeroso, via-se forçado a reverter a técnicas de luta em massa para sobreviver, varrendo o ar à sua frente com a Ancalach quando o espaço o permitia e estocando rapidamente quando ele era escasso. Allumno esticou os braços, abriu as mãos e atirou os braços para os lados, criando um leque de chamas que queimou os drahhregs que atacavam pela retaguarda. Babaki lutava com pouca eficácia, manejando as suas terríveis *shwafwif* como se estivesse a enxotar um cão. Matou apenas um drahhreg e limitava-se a ferir os restantes que o atacavam, encontrando-se brevemente em desvantagem e ferido. Worick também recebeu o seu primeiro corte quando um drahhreg lhe golpeou o ombro, mas que caiu de seguida com a cabeça rachada. Aewyre sentiu algo a perfurar a barriga da sua perna, mas continuou a lutar. Taislin fora apanhado por um drahhreg após ter cortado mais uma garganta e enquanto rebolava para a protecção da árvore. Espetou-lhe a adaga no peito e o monstro arremessou-o contra o tronco da árvore com um grito de fúria. O esconderijo de Quenestil havia sido descoberto e os seus adversários forçaram-no a sair com golpes e arremessos de lança. O eahan saltou para cima de um deles e espetou-lhe a faca na cara, mas os restantes caíram-lhe em cima e espancaram-no até perder os sentidos. Worick havia caído ao chão como consequência de um drahhreg lhe ter agarrado as curtas pernas. O monstro viu o pé do thuragar a dirigir-se contra a sua cara e sentiu cartilagem e dentes a partirem-se com o impacto, mas os outros drahhregs imobilizaram Worick e agrediram-no com clavas para o subjugar. Allumno preparava-se para transformar a lança de um drahhreg numa vara de espetos, mas algo explodiu na sua nuca e o mago caiu, inconsciente. Um drahhreg sorriu, afagando o pomo da sua

cruel

cimitarra. Lhiannah estocava em direções aleatórias, mas tudo o que via eram punhos, braços, cotovelos e ombros escuros. Tentou manter-se consciente no meio do espancamento, largando a espada e usando os seus punhos e pés, mas a escuridão tapou-lhe os olhos rapidamente.

Aewyre apercebeu-se de que estava sozinho e já não se importava com a morte, julgando os seus companheiros mortos, mas com quantos malditos drahegs levaria consigo. Recebeu um golpe no jarrete da perna cuja barriga já estava ferida e ajoelhou-se com a dor. Começaram então literalmente a chover pés de drahegs no seu corpo.

Pai... suplicou Aewyre nos breves momentos de consciência que lhe restaram antes da escuridão e o alívio da inconsciência.

A cabeça de Babaki doía-lhe. Estava com frio no peito e a circulação havia quase estagnado nos seus membros. Um fio de um líquido quente escorreu-lhe da testa, passou pelos seus olhos ainda fechados e alojou-se no canto da sua boca. Tinha um sabor férreo... seria sangue? Lentamente, o antroleo abriu os olhos e deu consigo de mãos atadas atrás das costas e de pernas dobradas com os pés atados às coxas. Estava deitado em cima de um monte húmido de folhas mortas e viu os seus companheiros, ainda inconscientes, também amarrados. Havia drahegs suados por todo o lado e o seu fétido odor corporal era ofensivo para o sensível nariz de Babaki. Foi então que deu pela falta de alguém. Onde estava Lhiannah?

Olhou em redor com a sua visão apurada e avistou um aglomerado de drahegs. Reconheceu uma forma encostada a uma árvore e ajustou os olhos de modo a que pudesse reconhecer o brilho dourado dos cabelos da princesa, iluminados pelo fogo de uma tocha. Começou a estrebuchar, mas as cordas que lhe amarravam os pulsos não cediam. Tentou ouvir o que diziam, mas a sua língua era desconhecida ao antroleo.

Eu perdi *quantos* soldados? gritou Ar-Barak, o comandante do grupo.

Quase três mãos, *Arrhak* calculou Ygram, o sargento.

Grande perda para o nosso pequeno grupo...

Sim, *Arrhak*. Grande perda...

Grande perda... insistiu Ar-Barak, algo ausente, como se tivesse descortinado algo. Por que haviam atacado o grupo? Ar-Barak só atacava caravanas, humanos com dinheiro. Ar-Barak não era estúpido; tinha a consciência de que estavam em território hostil e que só

homens com carroças justificavam um ataque, não podiam matar tudo o que vissem, senão seriam encontrados e mortos. No entanto, Ar-Barak e os seus homens haviam sentido um... chamamento. Algo os havia atraído para este estranho grupo, algo os impedira de atacar a matar.

Arrhak? Que faremos? indagou Ygram.

Eu... Ar-Barak abanou a cabeça e os seus pensamentos.

Comemo-los. A todos.

E quanto à mulher, *arrhak?* perguntou Ygram, ansioso,

tentando tocar a face de Lhiannah com a sua mão verruguenta e de unhas compridas.

Ar-Barak pareceu despertar, cerrou o punho e desferiu um golpe no queixo do seu soldado.

Ninguém toca na mulher a não ser eu! gritou. Ouviram? Os restantes drahregs acenaram com a cabeça, receosos da ira do seu comandante.

Mas hoje vou ser simpático. Acordem a mulher e eu deixo-vos ver ordenou, esfregando as mãos com um brilho nos olhos negros de pupilas vermelhas.

Os drahregs uivaram e regozijaram, enquanto Ygram ia buscar um cantil de água choca e o despejava na cara da princesa. Lhiannah acordou lentamente, mas ao ver os drahregs que a cercavam começou a estrebuchar com violência. De nada lhe serviu, pois estava com os pulsos e as pernas atados ao grosso tronco de uma árvore. A sua casca rugosa arranhava-lhe as costas, já que a sua coiraça lhe fora retirada. Só não estava completamente nua devido à crueldade dos drahregs, que tinham o hábito de humilhar a vítima, rasgando as suas roupas e depois violando-a. Frustrada, praguejou e cuspiu na cara de Ar-Barak, que a esbofeteou com a sua mão calejada. Babaki forçou as cordas que o amarravam até ficar com uma cãibra nos ombros e braços.

Do topo de uma árvore, Taislin observava com uma mão no ombro esquerdo. O arremesso do drahreg não fora de todo ineficaz e o burrik ficara com o braço inutilizado, talvez partido. Ainda sobravam catorze drahregs, muitos mais do que ele conseguiria matar com a sua pequena adaga. Teria de esperar pela sua oportunidade, mas que faria quando ela chegasse?

O drahreg levou a mão ao ventre de Lhiannah, enfiando-a por baixo da sua camisa e a princesa debateu-se selvaticamente. Deleitado com o sofrimento da mulher, o drahreg virou repentinamente a mão e rasgou um pouco da camisa, exibindo o pedaço vitoriosamente aos

seus homens, que urraram e pediram mais. O capitão não fazia tenções *de* desapontar os soldados e aproximou-se do pescoço de Lhiannah com a sua boca babosa. A ideia de o contacto entre aqueles lábios asquerosos e a pele suave e cremosa de Lhiannah encheu Babaki de uma repulsa tal que este rugiu e lutou para se libertar, chamando a atenção de alguns drahregs. Lhiannah sentia o mesmo que o antroleo e, aproveitando a distração que o rugido do seu amigo provocara, mordeu a orelha pontuda e descaída do drahreg e arrancou um pedaço que cuspiu, enojada. Ar-Barak uivou de dor e esmurrou-a com as costas da mão. Os soldados gritaram por mais e o comandante assentiu, levando a mão à sua orelha mutilada e vendo o sangue na sua mão.

Por isto, puta humana, vais morrer de forma hedionda depois do que eu te vou fazer disse o capitão num

Glottik de sotaque rústico, fulminando-a com os seus olhos vermelhos.

Se me soltar, mato-te. Se morrer, volto para te causar sofrimento até ao fim da tua mísera vida replicou a princesa, sangrando do lábio.

Babaki continuava a tentar soltar-se, já tendo aliviado um pouco a tensão das cordas e tendo começado a cortar as restantes com as suas garras. Antes que pudesse continuar, no entanto, dois drahregs foram ter com ele, um dos quais lhe pegou na juba, forçando-o a olhar para cima. Grunhiu qualquer coisa, mas o antroleo não entendia a língua drahreg e limitou-se a rosnar. O outro deu-lhe um pontapé na cara e o que agarrava Babaki levou a sua cabeça contra o seu joelho protegido por uma placa de metal, cujo ruído ressoou na cabeça do antroleo. Para os drahregs, havia poucas coisas que eles consideravam mais divertidas do que espancar uma vítima indefesa, e estes acharam que também tinham o direito de se divertir e começaram a espancar Babaki. O mesmo drahreg continuava a segurar a sua juba enquanto o outro o esmurrava. A visão do antroleo oscilava de um lado para o outro, consoante a direcção dos murros e pontapés, e ia avistando Ar-Barak, que estava perigosamente perto de Lhiannah. O drahreg puxou as ceroulas para baixo e a arinnir começou a gritar.

E então tudo ficou vermelho.

UM COMPANHEIRO INDESEJADO

Aewyre sentiu duas pequenas mãos a esbofeteá-lo ligeiramente e acordou. Abriu os olhos e viu a cara sorridente de Taislin, mas desta vez o sorriso não se prolongava de um canto da boca ao outro, limitando-se a um mero sorriso de satisfação reconfortante, como se algo o perturbasse. A cabeça do jovem guerreiro doía-lhe e o seu lábio superior estava insensível, o que não era de admirar, considerando a violência com que fora espancado... Foi então que se lembrou de onde estava e o que havia acontecido, saltando para os seus pés e levando a mão à espada, que não se encontrava na bainha, apenas para contemplar uma imagem que o marcou profundamente e que nunca mais iria esquecer.

À sua volta estavam os seus companheiros a confortar Lhiannah e em redor deles estavam os corpos dos drahegs, muitos mais do que Aewyre e os seus amigos haviam morto. Não haviam sido os cadáveres a impressioná-lo, mas o estado em que se encontravam: muitos nem poderiam ser chamados de cadáveres, sendo alguns apenas partes do que antes fora um tronco, braços e pernas espalhados à volta.

Algumas cabeças arrancadas e outros membros pendiam das árvores do terreno, e poucas eram as que não estavam manchadas de sangue, que regara a área inteira e que formava poças em desníveis e desenhos bizarros e horrendamente sugestivos nos troncos e arbustos. As expressões de horror das poucas caras que não haviam sido rasgadas para além de qualquer identificação davam a ideia de que o grupo havia sido atacado pela mais selvagem e brutal criatura que alguma vez imaginariam encontrar e que haviam morrido horrivelmente. Alguém pôs a mão no ombro de Aewyre.

Não sei quem ou o que *fez* isto, mas o Babaki desapareceu disse Quenestil. O shura mostrava óbvio desconforto e repulsa pela visão. Encontrei as suas pegadas.

Aewyre curvou-se e vomitou. O eahan segurou-lhe a cabeça sem nada dizer, esperando que a náusea passasse.

Então sigamo-las sugeriu o guerreiro, limpando a boca com as costas da mão.

Penso que devias ouvir antes o que a Lhiannah tem para dizer

recomendou Quenestil, levando a mão às costelas num súbito acesso de dor. Não é nada. Estão só magoadas. O Worick tem a tua espada disse o eahan, afastando Aewyre com um aceno de mão, respirando lenta e ruidosamente.

Aewyre fez como o seu amigo lhe pedia e, coxeando devido à perna ferida, foi ter com Lhiannah, que estava a ser confortada por Worick. O guerreiro nunca pensou ver a férrea princesa com uma expressão tão abalada e maior ainda foi a sua surpresa ao reparar que Lhiannah se encolhera repentinamente, como se assustada pela sua aproximação.

Vai com calma, jovem disse o thuragar, entregando-lhe a Ancalach. A cachopa acabou de sair de uma espécie de estado de choque.

Aewyre acenou com a cabeça, embainhou a espada e acocorou-se lentamente à frente de Lhiannah, agarrando-lhe os suaves mas firmes ombros, gesto contra o qual, para seu espanto, a princesa não reagiu.

Lhiannah, consegues falar?

Não estou assim tão mal, Aewyre respondeu com uma voz trémula, tentando manter alguma dignidade.

Viste o que aconteceu? Onde está o Babaki?

Foi o Babaki quem fez isto... Eu vi tudo! O comandante drahreg ia violar-me e eu... eu estava amarrada. Lhiannah cerrou os punhos com tanta raiva que as suas unhas por pouco não verteram sangue ao cravarem-se na carne. De repente, ouvimos um rugido animalesco como eu nunca ouvira. Todos se viraram para o Babaki, que tinha o corpo coberto de sangue. Havia montes de carne desfeita aos seus pés. Ele rugiu e atacou. Foi uma matança. As suas garras retalhavam os drahregs e os seus golpes amolgavam as armaduras. Só se ouviam gritos e membros a serem arrancados e carne a ser rasgada...

Lhiannah estremeceu durante a descrição. Nenhum sobreviveu. Quando me avistou, viu-me como mais um inimigo e avançou de dentes arreganhados. Eu gritei o seu nome e ele pareceu reconhecer a

minha voz, porque parou. Ficou a olhar para mim e quando eu me mexi, rugiu com tal fúria que eu pensei que estava morta, mas, quando abri os olhos, ele tinha desaparecido.

Worick abraçou Lhiannah e Aewyre decidiu procurar Babaki.

Consegues encontrá-lo? perguntou a Quenestil, que já se recompusera.

Até um cego o encontraria afirmou o eahan, apontando para o rasto de árvores golpeadas, arbustos desenraizados e sangue.

Worick, Quenestil, Allumno, venham comigo. Taislin, fica com a Lhiannah. Se o Babaki se transformou numa criatura capaz de fazer isto...

O pequeno burrik não ficou satisfeito com a ordem de Aewyre, que dava a entender indirectamente que ele era considerado o mais fraco do grupo, mas obedeceu.

E se ele nos atacar? perguntou Quenestil.

Então, teremos de fazer o que for preciso disse Aewyre, não sem emoção na voz, pois no curto tempo em que o antroleo os acompanhara, conseguira ganhar a afeição de todos os companheiros, devido à sua maneira de ser pacífica e a sua bondade e compreensão.

Os três guerreiros e o mago partiram então, seguindo o bem visível rasto de Babaki, passando por um arvoredo cujos troncos tinham marcas de garras na casca até começarem a ouvir o ruído de água a correr. Quenestil ia à frente, sempre atento, pois tudo indicava a presença do antroleo na área, como o silêncio dos ralos. O eahan manteve o arco à mão enquanto caminhava quase sem ruído pelo solo macio cheio de folhas mortas e galhos podres. Finalmente, chegou perto de um riacho e avistou Babaki, ajoelhado ao pé de um cervo morto, apontando o arco às enormes costas do antroleo. Aewyre, Worick e Allumno chegaram pouco depois e Quenestil fez sinal para que fossem silenciosos. Aewyre deu a entender que iria tentar falar com Babaki e os outros acenaram com a cabeça, apesar de Worick tirar o martelo do cinto e Quenestil voltar a apontar a flecha ao antroleo. O guerreiro humano avançou, indeciso sobre se devia aproximar-se sorrateiramente para não assustar Babaki com movimentos bruscos e correr o risco de ser atacado ao surpreendê-lo ou dar a entender que estava ali e arriscar a ser atacado naquele mesmo sítio. Optou pelo segundo meio, já que estaria mais perto dos companheiros caso Babaki atacasse. Caminhou em direcção ao antroleo sem ter o cuidado de não fazer barulho.

Mas Babaki não se mexeu.

Aewyre tossicou, mas Babaki não deu qualquer indício de ter ouvido.

Aewyre arriscou aproximar-se mais, mas mesmo assim não houve qualquer reacção da parte de Babaki. O antroleo *afagava*, a ganacha de um cervo morto, cuja *garganta* havia sido dilacerada por garras. As suas garras. O antroleo estava encharcado de água, mas ainda se viam rastos e manchas de sangue no seu pêlo. Babaki olhava com os seus olhos tristes para o horizonte, onde o sol lançava os últimos raios que adicionavam um tom alaranjado ao céu roxo. Aewyre experimentou sentar-se ao lado dele, sem conseguir chamar a sua atenção.

Os animais já não vêm ter comigo disse, finalmente, com um tom melancólico na sua suave mas grossa voz.

Sem saber o que dizer, Aewyre pôs-lhe a mão em cima do enorme ombro e o antroleo continuou a fixar o céu com um olhar vazio.

Afinal, o que aconteceu? perguntou Aewyre quando haviam voltado para o acampamento.

Perante o silêncio de Babaki, Quenestil falou:

Ouve, Babaki. Nós somos todos teus amigos. Se nos disseres qual é o teu problema, talvez possamos ajudar.

Ninguém me pode ajudar... asseverou o antroleo melancolicamente. Mas tens razão. Vocês merecem saber, pois devem estar conscientes do perigo que vos acompanha...

Como sabem, os antroleos, a minha raça, são guerreiros por natureza e combatentes temíveis. Entre esses existem os comuns e os de uma linhagem muito antiga, uma poderosa *família* de antroleos com força e velocidade fora do normal. Esses eram os shakarex, a linhagem mais temida entre o meu povo e seus inimigos. Com o júbilo da batalha, transformavam-se em monstros assassinos a cuja fúria poucos sobreviviam. Eu sou o último dessa linhagem...

És o último? perguntou Aewyre, estupefacto. Mas então... por que te exilaste do teu povo?

Não me exilei do meu povo. Exilei-me de todos, evitei qualquer contacto com qualquer raça e errei sem rumo. Foi quando o Quenestil me encontrou na armadilha que eu me apercebi do quanto carecia de companhia. Não sou nenhum solitário e a solidão traz-me sofrimento, mas a possibilidade de me transformar em shakarex é motivo suficiente para me isolar do resto do mundo. Eu não quero matar ninguém... não suportaria, não poderia suportar ter sangue inocente nas minhas mãos... Não mais... Babaki calou-se e levou as mãos à cara.

Tocado pela nobreza e pelo sacrifício do seu amigo, Aewyre pôs a mão no seu ombro. Os Antroleos tinham a reputação de ser francos e expressarem as suas emoções livremente, mas Babaki era *de facto* um livro aberto, o que tornava fácil gostar dele.

Não tens de te afastar, Babaki. Fica connosco e nós ajudar-te-emos, havemos de encontrar uma maneira!

O antroleo fitou Aewyre com os seus olhos tristes, incerto sobre o que devia fazer. Ficar com os seus amigos poderia pôr a vida de todos em risco, mas isolar-se outra vez só traria o suicídio, que não falharia outra vez como aquela fossa em cima de cuja estaca ele não tivera coragem de cair. Além do mais, o entusiasmo de Aewyre era contagiante e, pela primeira vez desde há muitos anos, Babaki sentiu esperança. Pôs a sua enorme pata na mão do seu amigo.

Juntos?

Babaki fungou.

Juntos.

Aewyre sorriu-lhe e deu-lhe uma animadora palmada nas enormes costas, indicando-lhe que se sentasse perto da fogueira e os outros fizeram o mesmo. Allumno pediu-lhes que tirassem as roupas e começou a preparar um unguento especial num pequeno alambique com água por cima de uma trempe, adicionando ervas das suas sacolas e murmurando como se estivesse a recordar a passagem de algum livro.

Manjerona para inchaços e escoriações, nastúrcio para o sangue que as inchou; artemísia para as feridas, nenúfar para o cataplasma que as tapa... e continuou numa ladainha que os companheiros deixaram de escutar.

Babaki foi ter com Lhiannah, remoendo-se de culpa e arrependimento e desculpou-se efusivamente, chegando mesmo a abraçá-la. Worick olhava ameaçadoramente para o antroleo, mas a arinnir nada mais pôde fazer senão perdoá-lo formalmente, pois Babaki chegara ao ponto de oferecer a vida pelo seu perdão.

Quenestil verificou o ombro ainda dormente de Taislin e descartou a ideia de poder estar partido, para grande alívio do burrik, que começou a girar o braço, estremecendo de dor a cada movimento do membro. Os outros aguardaram pacientemente que Allumno acabasse de preparar a sua mezinha enquanto o mago permanecia sentado defronte da fogueira com os braços pacientemente cruzados. Finalmente, quando a água começou a borbulhar, expulsando vapor pelo bico do alambique, Allumno fez moção aos companheiros que se aproximassem e pegou na asa com um pano molhado.

Os que foram feridos por lâminas, aproximem-se. Rápido, enquanto isto está quente.

Aewyre, Worick e Babaki avançaram de camisas na mão; o jovem guerreiro olhava apreensivo para o alambique de água a ferver.

As farpas daquelas cimitarras rasgam cruelmente e são armas imundas. Mostrem-me as vossas feridas...

Worick tomou a iniciativa e indicou o corte no ombro do braço do escudo. Allumno despejou a aromática água na ferida, que fumegou. O thuragar nem piscou e Allumno deu-lhe um pano ensopado com a mesma água.

Tapa-a um pouco com isto. Vai impedir que infecte. Próximo? Aewyre avançou, julgando que se Worick aguentava, também ele o podia fazer, e indicou a sua perna ferida e alguns cortes no tronco. Assim que o mago lhe despejou alguma água na barriga da perna, o guerreiro teve de cerrar os dentes e grunhir de dor. Tentou recuperar a compostura quando as feridas no seu tronco foram purgadas, mas os grunhidos repetiram-se.

"Será que nada magoa os thuragar?", pensou. *"Pele de rocha e ossos de ferro... quão longe estará isso da verdade?"*

O mago procedeu a humedecer as escoriações e equimoses dos restantes companheiros com a água aromática, já menos quente e despejou-a toda da chaleira assim que terminou. Tirou então as ervas ensopadas e esmagou-as com um pilão num almofariz, obtendo uma papa que usou para fazer emplastos para as feridas mais graves. Satisfeito com um trabalho bem feito, guardou o que sobrou do unguento e deu um pouco a cada um dos companheiros em caixinhas de latão. A sacola de Allumno parecia ter um infundável suprimento de coisas úteis, atraindo mais que um olhar discreto de Taislin.

Agora devemos todos descansar aconselhou o mago.

- Eu vigio propôs Worick.

Eu vou queimar os drahregs.

Todos os olhos se voltaram para Quenestil. O eahan já começara a andar em direcção ao local da escaramuça.

Quenestil, espera! pediu Aewyre. Que vais fazer?

-Queimar as imundas carcaças dos drahregs. Não vou permitir que apodreçam nesta floresta e a conspirquem declarou o shura, sem sequer olhar para os companheiros, que se entreolharam. Aewyre encolheu os ombros e foi atrás do seu amigo, seguido por todos menos Allumno, que ficou a tratar de Lhiannah.

Voltaram à horrível cena que nenhum desejava voltar a ver, principalmente agora que o fétido odor da morte pairava com mais força ainda e o zumbido das moscas se intensificava, mas Quenestil virou para uma clareira e lá começou a escavar um buraco com as mãos.

Vais enterrá-los? perguntou Aewyre, perplexo.

Vou queimá-los. Estou só a fazer uma trincheira.

Compreendendo, os outros juntaram-se ao eahan e, com as grandes e rápidas mãos de Babaki, rapidamente fizeram um círculo capaz de albergar um monte de cadáveres. Feito isso, cobriram as mãos com panos e iniciaram a enojante tarefa de transportar as carcaças e pedaços de drahregs para dentro do círculo enquanto Taislin acrescentava pedras à trincheira e armazenava paus, ramos e folhas. Foi uma laboriosa tarefa e Aewyre teve de parar várias vezes para não vomitar outra vez, mas finalmente haviam conseguido um pequeno monte de cadáveres mutilados estofados com os ramos que o burrik armazenara. Com um esgar de ódio, o eahan cuspiu para cima deles e atirou-lhes os panos que usara para cobrir as mãos antes de lhes pegar fogo. Os cadáveres primeiro fumegaram, depois a gordura crepitou e lentamente começaram a arder, libertando um cheiro pestilencial enquanto alimentavam as chamas rugidoras que os consumiam vorazmente, como se mesmo o fogo nutrisse ódio contra os drahregs. Os companheiros observaram, divididos entre o nojo que o espectáculo grotesco lhes causava e o espanto que o fogo sempre consegue inspirar. Um por um, retiraram-se, até que só Quenestil ficou para se certificar de que não haveria nenhum incêndio e para tapar as cinzas com terra.

No dia seguinte, os companheiros acordaram cansados e doridos, quando o Sol já alcançara o seu zénite. Levantaram o acampamento e, após uma frugal refeição matinal, puseram-se lentamente a caminho. Mesmo os cavalos que tinham fugido do combate haviam sido apanhados pela retaguarda dos drahregs e esquartejados, deixando os companheiros a pé a lamentar as mochilas mais pesadas. Quenestil, o batedor do grupo por escolha unânime, explorava adiante enquanto o grupo marchava atrás. As tardes de Outono haviam começado a ficar mais frias e o Sol desaparecia no horizonte cada vez mais cedo. Quenestil estava em sintonia total com o ambiente enquanto andava, ouvindo um corvo a grasnar à distância, um arganaz a armazenar provisões para o Inverno vindouro, um grupo de formigas a carregar sementes para a colónia e até as árvores e plantas a cessarem a sua

actividade lentamente. Os seus passos eram seguros e cada bocado do chão da floresta era minuciosa e instintivamente escolhido e pisado de modo a não deixar marca. Subitamente, sentiu algo quebrar a harmonia da floresta, algo que não pertencia à ordem natural e que desequilibrava o balanço das coisas. Sentiu-se vigiado, por isso não parou, mas abrandou o passo e focou a sua audição nos arredores. No meio do fluido andar das formigas, do grasnar do corvo, das leves patas do arganaz a roçarem contra a casca da árvore, algo respirava lenta e suavemente. E não estava só. Quenestil acocorou-se como para investigar pegadas, colocou as mãos no chão e entrou em sintonia com a Natureza, sentindo a sua mente a ser invadida pela força vital do bosque, em cujo turbilhão de pios, guinchos, vibrações, passos, folhas a cair, água a pingar e o incessante pulsar de vida, o eahan sentiu batidas estranhas, alienígenas às formas de vida da floresta. Três. Três organismos cujos corações batiam cada vez mais depressa, cujo peso vergava o tronco da árvore onde estavam, que rangia. Três.

E ele era só um...

Fácil demais.

Num único movimento, Quenestil girou em si, tirou uma flecha da aljava, colocou-a entre os dedos que já agarravam o arco curvo e, sabendo a localização do seu alvo, soltou o míssil sem fazer pontaria. Um grito de dor atrás das sombras dos ramos de um carvalho assegurou o eahan de que havia acertado, e ele rolou para trás de uma árvore para se cobrir, pois ouvira o puxar de cordas. O ruído seco de pequenos projecteis a perfurarem o tronco confirmou as suas suspeitas.

Quenestil decidiu surpreender os seus adversários, deixou a sua aljava à vista para que os seus algozes pensassem que ele ainda se mantinha escondido, colocou o arco às costas, enfiou duas flechas na boca e trepou a árvore com a agilidade de um carcaju até chegar ao mais alto ramo. Lá de cima reconheceu figuras a mexerem-se, a despeito da fraca luz do pôr do Sol. Outra flecha voou e outra figura caiu sem vida no chão coberto de folhas mortas. Saltou para outro ramo e lançou outra seta, baixando-se para evitar um míssil inimigo atrás do tronco da sua árvore. Começou a ouvir os seus companheiros a aproximarem-se e viu que a última figura fugia. Saltou para o chão e lançou-se em perseguição do inimigo, que, apesar de rápido, não estava habituado a correr no acidentado terreno do sopé da montanha, onde Quenestil vivera desde pequeno. O fugitivo apercebeu-se do eahan que se aproximava, parou e apontou-lhe uma pequena besta atada ao seu pulso.

Quenestil atirou-se ao chão e ouviu o silvo do virote por cima de si levantou-se a uma velocidade impressionante e retomou a perseguição. A figura encapuzada lançou puas de ferro para o chão, que Quenestil facilmente evitou, apenas para constatar que se tratava de uma diversão para o fugitivo lançar um frasco contra uma raiz. O frasco partiu-se e dele saiu uma cortina de fumo, que o escondeu da vista do eahan. Quenestil pensou em entrar em sintonia com a Natureza mais uma vez, mas estava numa situação demasiado tensa e poderia ser alvejado com a besta se ficasse quieto, por isso optou por trepar mais uma vez a uma árvore. Seguiram-se aparentemente intermináveis momentos de silêncio, durante os quais cada um tentava descobrir a posição do outro. Como o alvoroço que os seus amigos estavam a provocar tornava uma sintonia impossível, Quenestil empregou a astúcia. Arrancou uma pinha e atirou-a contra um tronco morto, vagamente reconhecível no meio do fumo. Como esperava, o seu adversário reagiu ao ruído e um virote voou contra o tronco. Quenestil seguiu a direcção de onde o míssil viera e, caminhando em cima de ramos, aproximou-se da árvore, onde distinguiu a figura encapuzada, que estava encostada ao tronco e parecia estar a recarregar a sua besta de pulso. O shura acorcorou-se no ramo, acariciou o dente de carcaju, orando as suas preces ao seu irmão e lançou-se para cima do seu adversário, surpreendendo-o. Os dois caíram num monte de folhas que Quenestil vira e rebolaram pelo chão, lutando pelo controlo um do outro. O seu adversário era esguio e ágil, e levou o joelho às costelas magoadas de Quenestil, que se viu forçado pela dor a largar a figura encapuzada. Ergueu-se de seguida e colocou-se em posição de combate, fitando os olhos pouco visíveis por baixo do capuz. O seu adversário estava completamente coberto por um uniforme preto de capa, capuz e máscara. A sua besta de pulso parecia estar partida, mas empunhava agora um comprido estilete fino e muito afiado e um quebra-espadas, um punhal com um gume afiado e o outro denteado como um pente, com a função de prender espadas e parti-las.

O encapuzado aproximou-se lentamente, com passos cuidadosos, olhando Quenestil nos olhos. Repentinamente, investiu e o eahan desviou-se agilmente, mas a figura mantinha-o à defesa com as suas estocadas e cortes bem apontados e posicionados. O shura foi recuando, até que conseguiu agarrar num ramo, puxou-o enquanto saltava para trás e largou-o contra o peito do seu adversário, que caiu com um grunhido abafado pela máscara negra e deixou cair o estilete. Quenestil precipitou-se para cima do mascarado, torcendo-lhe o pulso com as

duas mãos até ele *largar* o quebra-espadas, mas ao perder a arma, a figura atacou com a sua mão livre, esmurrando Quenestil no queixo. O mascarado sabia lutar, disso não havia dúvida. Provavelmente havia aprendido alguma forma de luta, mas Quenestil combatia como um carcaju obstinado e saltou para cima dele, envolvendo-o num abraço e, antes que este pudesse reagir, o eahan desferiu-lhe uma cabeçada pouco acima da base do nariz, deitando-o por terra.

Acabou por imobilizar a figura encapuzada com os seus joelhos por cima das pernas do seu adversário e encostou-lhe a faca à garganta.

Vamos lá ver então quem vocês são... disse, retirando a máscara do seu oponente caído e estacando, perplexo.

O seu adversário era uma bela mulher de tez pálida, quase tão branca como a lua e de cabelos negros e brilhantes como uma noite estrelada. A suave delineação da sua face, as sobrancelhas finas e as orelhas curvas e pontudas traíam a sua origem eahan, apesar de o olhar ameaçador do seu semblante e os dentes cerrados da sua boca de lábios de cor mais viva que o resto das feições quase ocultarem as suas delicadas características. Os seus olhos em forma de amêndoa eram de um azul muito claro, mas coruscavam de raiva.

Uma eahanna negra, uma eahanoir...

Perdido na contemplação da bela eahanna, Quenestil relaxou o aperto e deu à sua adversária a abertura de que ela necessitava para afastar a faca da sua garganta exposta, desequilibrando-o e aproveitando o momento de superioridade para sacar de um finíssimo cordel com dois paus nas pontas, que enrolou no pescoço de Quenestil para o estrangular. Quando caiu em si, já o eahan estava a dar pela falta de ar e tentou remover o fio que lho estava a privar. O cordel, no entanto, era propositadamente fino para impedir a vítima de o conseguir *agarrar*, pelo que os seus esforços foram em vão. A mulher sussurrou alguma coisa numa língua que Quenestil identificou como a dos eahanoir, os eahan negros, ao seu ouvido mas, à beira da morte, não conseguiu perceber a frase. Foi quando os pontos negros começaram a surgir na sua visão turva que ouviu o baque de um golpe, que fez com que o aperto subitamente cessasse e Quenestil deixou de sentir o peso do corpo da eahanoir em cima de si.

Lhiannah colocou a ponta da sua espada na garganta da mulher vestida de negro enquanto o eahan arfava roucamente por ar.

Os companheiros montaram acampamento muitas milhas adiante, apesar de Quenestil insistir que fora apenas um grupo de bandidos

independentes que atacara o grupo. O eahan, pensou Allumno, parecia ansiar por outro confronto com os seus odiados congêneres negros. Pensou nisso enquanto pegava fogo a uma pilha de madeira e fez uma anotação mental para se lembrar de prestar atenção quando Quenestil vigiasse a prisioneira. Aewyre preparava o seu prato de queijo e carne, um favorito do grupo, apesar das insistências do guerreiro de que devia ser Lhiannah a cozinhar.

A eahanna negra limitava-se a estudar o grupo com os seus olhos brilhantes sempre a observar, lançando mais que um olhar casual a Ancalach, sorrindo maliciosa e insolentemente cada vez que alguém olhava para ela. Quenestil retribuía sempre o olhar com ódio e isso parecia diverti-la. Ainda não pronunciara uma única palavra desde que fora capturada e isso parecia enervar Taislin, que olhava para ela com um misto de desconfiança e curiosidade. Foi essa mesma curiosidade que levou o burrik a levantar-se, encher uma tigela e servir uma porção de comida à prisioneira. O burrik entregou-lha nas mãos e os seus dedos tocaram-se. Esse gesto surpreendeu a eahanoir, que se recompôs imediatamente e falou pela primeira vez.

És muito gentil, pequeno burrik disse em Glottik. Taislin não respondeu, mas fitava a prisioneira com atenção.

A eahanna negra sorriu falsamente e começou a comer, devagar, mas Taislin sabia que ela estava cheia de fome, por isso virou-lhe as costas de modo a que ela pudesse comer sofregamente sem perder a dignidade que obviamente estava a tentar preservar.

Por vezes, os burriks são mais sensíveis e sensatos do que parecem...”, pensou Allumno, a quem nenhum detalhe escapava mesmo enquanto enfiava na boca um pedaço de carne do qual vertia queijo derretido.

Worick resmoneou qualquer coisa sobre roubar companheiros e partilhar comida com bandidos, mas Lhiannah fez-lhe moção que se calasse. O thuragar resmungou e tirou um bloco de pedra da sua sacola, que começou a trabalhar com um cinzel e uma pequena marreta.

Ele tem razão disse a princesa. Não somos drahregs, não vamos deixar a prisioneira morrer à fome, não é, Taislin? Fizeste bem.

O burrik reconheceu o seu próprio mérito com um sorriso e concordou, acenando com a pequena cabeça. O velho thuragar, no entanto, começava a ficar zangado. Parecia que Lhiannah havia adoptado aquele monte de esterco de drahreg como filho! Mas Worick estava preso pelo seu juramento de sangue ao serviço da princesa, e não faria nada a respeito.

Ainda não...”, reconfortou-se a si próprio e sufocou uma risota maliciosa, esculpindo o bloco de pedra com destreza e ouvindo a conversa que Aewyre estava a ter com Allumno e os outros.

...primeiro drahregs disse o jovem. E agora eahanoir. Dois ataques bem na fronteira de Nolwyn. Não te parece estranho?

Deveras respondeu o mago descontraidamente. Não fazia ideia de que a fronteira estava tão pouco segura.

Bah! exclamou Worick, batendo com força no cinzel. Que sabem vocês, dentro dos vossos palácios? Durante anos comandeí patrulhas contra bandos de drahregs perto de Syrith.

Mas e os eahanoir? perguntou Aewyre. Por que estão aqui e por que nos atacaram?

Isso deves perguntar à nossa amiga replicou o thuragar, indicando Slayra com o pequeno martelo.

A verdade é que não sabia responder à pergunta e aparentemente Aewyre não tinha vontade de interrogar a eahanoir. Assim que acabaram o repasto, os companheiros foram deitar-se e Quenestil fez a primeira vigia, apesar de Taislin ter contínua e teimosamente insistido em que ele seria o primeiro. A sua curiosidade ainda não estava saciada, mas o olhar do eahan convenceu-o de que seria melhor não discutir com ele. Quenestil andava esquisito desde a captura da eahanoir, pensou o burrik. Depois da breve discussão, os restantes membros do grupo foram deitar-se nos sacos-cama e Quenestil sentou-se no chão, o arco a seu lado, plantou as mãos no chão húmido e fechou os olhos, não parecendo prestar a mínima atenção à prisioneira. Após um prolongado silêncio, a eahanoir falou.

Que pretendem fazer comigo?

Quenestil abriu os olhos e fitou os da mulher. Achava os seus orbes claros estranhamente chamativos, atraentes mas perigosos.

Logo se verá. Se te portares bem, entregar-te-emos à justiça na cidade mais próxima. Caso contrário, eu mesmo me encarregarei de ti.

Palavras corajosas para quem fala com uma mulher amarrada... provocou a eahanna. Será a minha morte se me entregarem à justiça.

Cada um tem de arcar com as consequências dos seus actos disse Quenestil secamente.

Mas que fiz eu? Não gostas muito de mim, pois não? perguntou a prisioneira.

Não costumo morrer de amores por eahanoir, principalmente os que me tentam matar.

É verdade. Eu tinha-te na mão... Estarias morto se não fosse pela tua amiga.

Bem, isso não te serve de muito agora, pois não?

A eahanna riu da lógica bruta de Quenestil, mas era de facto ela quem estava amarrada e desarmada, por isso mudou o assunto.

Posso ao menos saber o nome do corajoso eahan que me irá possivelmente matar? perguntou sarcasticamente.

Quenestil fitou-a. Estava a provocá-lo, a tentar fazer com que ele cometesse um erro, algo que pudesse possibilitar a sua fuga... Mas ele não iria entrar no seu jogo de troca de insultos e não se deixaria irritar.

Sou Quenestil.

Muito prazer, Quenestil. Chamo-me Slayra.

Assassina Cruel... Um belo nome...

Vejo que sabes eahan negro! exclamou, fingindo surpresa.

Conhece o teu inimigo...

Consideras-me uma inimiga? indagou, inocente.

És uma eahanna negra.

Partes então do princípio de que todos os eahanoir são maus? perguntou, zombeteira.

Tanto como parto do princípio de que o fogo é quente e o gelo é frio proclamou, convicto, que a chuva molha e que o sol aquece.

Os eahan negros eram uma raça quase tão odiada como os drahregs, mas não eram poucas as vezes que trabalhavam com humanos. A sua sociedade não era tão cruel e sangrenta como a dos drahregs, mas compensava essas falhas com uma fria e eficiente organização, levada a cabo por um inflexível sistema de castas. Os eahanoir poucas ou nenhuma vez combatiam em campo aberto, mas muitas batalhas haviam já sido decididas pelas discretas acções desse povo calculista. Assassinato, traição e morte eram as palavras do quotidiano e não confiar em ninguém a norma.

Afinal que faz um grupo de eahanoir na montanha? Certamente não estavam só a passear...

Por acaso, apeteceu-nos respirar os ares frescos dos vales...

Se não queres responder, estás à vontade. Depois logo veremos o que a justiça acha do teu silêncio.

Quenestil chegou à conclusão de que a conversa era uma perda de tempo, por isso voltou a sentar-se e fechou uma vez mais os olhos. Como Slayra nada disse, pensou que poderia finalmente entrar em

sintonia com a Natureza, mas pouco tempo depois, a sua concentração voltou a ser quebrada.

Tenho uma câibra num dedo reclamou a eahanna. Quenestil bufou e abriu os olhos mais uma vez.

Podiam ao menos ter-me amarrado convenientemente.

E que mais desejas? Um faisão numa bandeja de prata? perguntou Quenestil, surpreendendo-se a si próprio com o seu sarcasmo. A culpa devia ser do Worick. Esse thuragar era uma má influência...

Estou a falar a sério. Dói horrivelmente, não consigo adormecer assim disse Slayra com uma expressão de dor na cara. É assim que tratam os vossos prisioneiros? Afinal são muito parecidos connosco, vocês eahan da montanha.

Quenestil sabia que eahan negros eram mestres da dissimulação e muito ardilosos, mas Slayra era convincente e as suas palavras haviam desencadeado uma reacção inesperada: o eahan levantara-se e dirigia-se a ela, indeciso entre esmurrá-la ou ajudá-la com a alegada câibra. Desembainhou a comprida faca e Slayra achou que talvez tivesse ido longe demais, começando a preparar algo que demovesse o eahan, mas não foi necessário.

Um movimento brusco disse, encostando a faca à garganta da prisioneira e mato-te. Sem hesitar, entendeste?

A eahanna negra acenou para trás com a cabeça.

Então vamos ver esse dedo...

Quenestil virou-a de costas e começou a procurar um dedo torto no emaranhado de corda que atava as mãos da prisioneira.

Slayra sorriu. Ao sentir as mãos de Quenestil, aplicou pressão no seu anelar com o polegar para soltar a tampa do seu anel, que escondia uma agulha embebida em veneno forte o suficiente para adormecer cinco cavalos.

Mas nada aconteceu.

Surpresa, Slayra continuou a pressionar o seu dedo, mas apercebeu-se de que o anel já não se encontrava no anelar, nem em qualquer outro dedo. Havia desaparecido. Quenestil remexeu mais um pouco nas suas mãos e disse:

Bom, isso deve chegar.

A eahanoir estava demasiado surpresa para responder, por isso Quenestil retirou-se e voltou à sua posição de sintonia com o bosque.

Ao pé da lareira, Taislin fitava as chamas que o bonito anel reflectia na sua superfície prateada.

Estava um dia outonal invulgarmente quente e os companheiros suavam. Deram com um riacho de água cristalina que, apesar de fria, era convidativa. Todos fizeram tenção de tomar banho, excepto Babaki, que se lambia regularmente e cujo pêlo se mantinha limpo e lúcido, tendo por vezes um aspecto mais asseado que o cabelo dourado de Lhiannah. Quenestil tirou a aljava e começou a despir a sua camisola de pele, mas Aewyre pôs-lhe a mão no ombro:

Ha, Quenestil... Estão aqui duas mulheres presentes...

O eahan pareceu ficar surpreendido, mas lembrou-se dos ridículos tabus dos humanos que o seu amigo lhe relatara e voltou a vestir-se. Os companheiros decidiram que Slayra tomaria banho na nascente, vigiada por Quenestil, Lhiannah banhar-se-ia mais à frente e os restantes distanciar-se-iam mais um pouco para dar privacidade à princesa. Worick não gostava da ideia de deixar Lhiannah sozinha, mas ela enfatizou que quem lhe pusesse os olhos em cima os perderia, enquanto Taislin fazia questão de vigiar Slayra e Aewyre tentava convencer Lhiannah a permitir que ele a vigiasse por detrás de um arbusto. A eahanna negra ria-se no meio da confusão e Quenestil teve de conter uma gargalhada. Quão tolos os humanos! Pareciam encarar os seus corpos como coisas ascorosas que não podiam mostrar aos outros!

Por fim, os dois eahan ficaram ao pé da nascente, Lhiannah dirigiu-se para fora da vista dos dois e os restantes caminharam mais adiante.

Enfim, sós disse Slayra.

Pois é. Despacha-te que eu também quero tomar banho respondeu Quenestil secamente.

A eahanna negra sorriu e desabotoou a capa, entregando-a a Quenestil, que a aceitou relutantemente.

Lembra-te. O Taislin tem o teu equipamento e eu vou ficar com as tuas roupas. Do outro lado do rio espera-te um bosque cheio de lobos, onde dificilmente sobreviverias sem as tuas coisas *e* ao fundo da corrente estão os outros. Se mesmo assim tentares fugir, não te esqueças que a minha flecha tem o teu nome. Fui claro?

Que bruto replicou Slayra, provocante, enquanto tirava as calças pretas, revelando uma anca branca como a cal.

Não tentes fugir insistiu.

Primeiro quero ver se tomo um banho disse a eahanna enquanto despia a sua camisa de tecido negro, depois veremos.

Quenestil nada disse, pôs as roupas de Slayra em cima de uma *pedra*, na qual se sentou, arco na mão. A eahanoir sorriu, sempre provocante, e pôs o pé na água, retirando-o repentinamente.

Está gelada constatou.

Queres que ta aqueça? perguntou Quenestil, surpreendendo-se mais uma vez com o seu sarcasmo.

Por que não pedes ao mago que o faça?

Se não entras agora, prendo-te *e* vou eu tomar banho.

Que bruto repetiu Slayra, e entrou na água.

O eahan observou-a enquanto se banhava, notando a graça com a qual ela propositadamente executava todos os seus movimentos, esfregando a sua pele branca e macia, que brilhava como uma pérola devido à água cristalina que dela escorria. Apesar da inexistência de tabus desse género na sociedade eahan, Quenestil começou a sentir-se desconfortável por estar a olhar tão fixamente para uma mulher nua, por isso começou a testar a tensão do seu arco, largando o fio várias vezes e chegando à conclusão de que estava muito lasso devido à humidade, procedendo a tirar o fio e a dobrar o arco para o atar mais uma vez.

Slayra ria-se do desconforto de Quenestil e continuava a lavar os seus cabelos negros com o sabão que Lhiannah relutantemente repartira com ela. Quenestil ia olhando de soslaio para a eahanna enquanto apertava o fio ao arco, até que reparou numa mancha escura debaixo de água que parecia ir na direcção dela. O eahan interrompeu o seu trabalho e Slayra parou de lavar o cabelo *e* olhou para Quenestil, pensando que a sua sedução havia sido eficaz. Quenestil, no entanto, continuava a olhar para a mancha, que entretanto desaparecera numa zona sombria do riacho. O que fora?

Slayra pensou que Quenestil estava a fingir que não reparava nela, por isso enfiou a cabeça debaixo de água para depois atirar o cabelo para trás; porém, abriu os olhos debaixo de água por acaso e reparou, por entre os seus cabelos esvoaçantes, numa forma turva e negra que parecia nadar na sua direcção. Levou a cabeça para fora de água depressa e ouviu Quenestil a gritar um aviso enquanto a mancha escura se aproximava cada vez mais depressa. Com uma súbita torrente de adrenalina, Slayra tentou correr para fora de água, mas, antes de alcançar a margem, sentiu uma dor aguda na barriga da perna e pressão aplicada na sua carne por duas fortes mandíbulas, que começaram a puxar com brusquidão. Slayra gritou de dor. Quenestil apressou-se a colocar uma flecha entre os seus dedos e a puxar o arco, cujo fio se soltou e chicoteou violentamente a face do eahan, que levou a mão à cara. Slayra debatia-se enquanto as filas de dentes afiados lhe perfuravam a carne e as mandíbulas se cerravam cada vez mais, ameaçando arrancar-lhe a perna. Quenestil então largou o arco, desembainhou a sua comprida faca e pulou para dentro de água, cobrindo a distância que o separava da eahanoir com um único e prodigioso salto. Mergulhou de seguida e distinguiu uma forma verde-oliva no meio das pernas ebúrneas de Slayra e o sangue que se espalhara pela água. Nadou na direcção da criatura, agarrou-a pela cauda e espetou a sua lâmina no seu dorso escamoso.

Contraindo-se violentamente, a criatura largou a perna sangrenta de Slayra e atacou o que lhe havia causado dor com uma velocidade que o eahan não conseguiu acompanhar. Rápido como um raio, ferrou os dentes no antebraço da espada de Quenestil, que subiu à tona e tentou envolver a cabeça da criatura com o seu antebraço mordido. O peixe era mais forte do que o eahan pensara, no entanto, impossivelmente mais forte, e puxou-o para baixo de água. Era agora o seu próprio sangue que turvava a visão de Quenestil, que estocava desajeitadamente com o outro braço, derramando muito do sangue da criatura, que não parecia estar a perder forças, ao contrário do eahan, que não havia tomado fôlego e a quem o ar já começava a faltar.

Concentrou-se então, tentando ignorar a dor, e enfiou a espada no que esperou ser as guelras, mas o peixe parecia determinado a levar Quenestil consigo. Com uma força ganha pela aflição, o eahan torceu a espada e sentiu as vibrações causadas por um estalo, que se distinguiram no meio do turbilhão de bolhas debaixo de água, bem como um relaxamento no aperto das mandíbulas, que lhe permitiu voltar à superfície. Com um ruído rouco, os seus pulmões saudaram o ar e

Quenestil arfou sonoramente, colocando-se de alerta de seguida ao constatar que deixara a faca espetada no peixe. Suspirou de alívio quando o viu a flutuar à superfície, morto e com a faca enterrada na guelra, mas engasgou-se ao ver o animal mais de perto. Era um lúcio, um espécime particularmente grande, mas algo mais nele atraiu a atenção do eahan. Do lúcio escorria algo negro, oleoso, inconsistente, que se diluiu na água e nela se dissolveu antes que o shura pudesse tomar qualquer tipo de acção.

Mãe, o que...?

E então lembrou-se de Slayra e chapinhou na direcção da eahanoir, que jazia numa poça de sangue perto da margem. Quenestil também estava ferido e o seu próprio sangue escorria dos furos causados pelos cruéis dentes do predador, mas o eahan mal reparou. Verificou o pulso de Slayra, que parecia normal, e pegou nela ao colo, deitando-a em cima da sua capa e envolvendo-a nela, deixando a perna ferida de fora. Os companheiros chegaram a correr ao local, Aewyre e Worick de tronco nu e Lhiannah com o peito coberto desajeitadamente pela sua túnica vermelha.

Que aconteceu? perguntou Allumno, impecavelmente arranjado e limpo.

Um... lúcio atacou-a! Depressa, ela está a perder muito sangue! respondeu Quenestil, que parecia visivelmente preocupado enquanto levantava a perna de Slayra e rasgava um pedaço da capa da eahanoir para fazer um garrote.

Taislin e Aewyre foram ajudar, enquanto Lhiannah demonstrava desinteresse pela vida da eahanoir e Allumno procurava um unguento na sua bolsa. Passados alguns momentos, Slayra parecia estar fora de perigo, por isso decidiram montar acampamento naquele mesmo local.

Sabem que mais? Hoje comemos peixe! exclamou Worick, triunfante, carregando às costas o grande animal.

O repasto havia sido bom para variar do habitual prato de Aewyre, do qual a maioria dos companheiros já estava farta e era preferível às "porcarias verdes sensaboronas", como Worick chamava às receitas de Quenestil. Após o jantar, o thuragar estava deitado, a arrotar, com a cabeça encostada a um tronco e o elmo por cima da cara, palitando os dentes com uma espinha. Allumno havia decantado o óleo do peixe, assegurando que era um condimento saudável. Quenestil recusara-se a comer e foi dos últimos a acordar na manhã

seguinte. Passara a noite em transe e espreguiçava os seus músculos doridos enquanto Aewyre polia Ancalach e Lhiannah afiava a sua espada. Taislin havia sido encarregado de vigiar a eahanoir, que parecia ter recuperado do ferimento. Quenestil agora, mais do que nunca, evitava o seu olhar.

Por que a havia salvo? E o que fora aquela mancha negra do lúcio? Um peixe normal não podia ter uma força daquelas. E por que salvara Slayra? Porquê? Era uma pergunta cuja resposta talvez fosse melhor não saber... De qualquer maneira, esse pormenor não escapou a Slayra e divertiu-a. Tudo estava a correr da melhor maneira...

Os companheiros continuaram a viagem, subindo pelo sopé da montanha, em direcção ao último posto civilizado antes do prado alpestre, uma aldeola chamada Llen que Quenestil conhecia. Worick começou a ameaçar arrasar a aldeia se não tivessem *soyg*, mas Quenestil disse que lhe furava os olhos se ele tocasse num só camponês. Worick já tinha o martelo nas mãos quando Aewyre se meteu no meio e assegurou que não podia haver *soyg* numa comunidade tão isolada.

Antes pelo contrário, meu cretino. Já moraram thuragar nestas montanhas e pode ser que eles tenham enriquecido as débeis mentes humanas destes saloios com o processo de fabricar *soyg replicou* o thuragar, tentando contornar Aewyre para rachar a cabeça do eahan.

Claro que têm *soyg interrompeu* Slayra. Esta zona é conhecida pelos destiladores que imitam o processo dos thuragar. Duvido é de que ta vendam...

Ai eles que tentem! Se eu cheirar *soyg* e não a puder beber, esta zona passa a ser conhecida como o Monte do Massacre! barafustou Worick.

Estás avisado, thuragar. Se tocas num cabelo de algum dos habitantes, o meu arco não descansará enquanto não tiver alojado uma flecha na tua garganta.

Isso se eu não esmagar essa tua cabeça oca agora mesmo, *eaban!* rosnou Worick.

Basta! Se continuarem, terão de se haver os dois comigo! ameaçou Aewyre.

Quenestil acalmou-se, mas o thuragar não se calava.

Também posso esmagar duas cabeças ocas, Aewyre. Não te metas.

Já chega, Worick! interveio Lhiannah. Não vêem que é isso que ela quer? perguntou, apontando um dedo acusador a

Slayra, que, por sua vez, apontou o indicador a si própria, como se perguntasse retoricamente se fora ela.

Eu proponho que a entreguemos já nesta mesma aldeia sugeriu a princesa.

Mas ela seria sujeita à justiça popular! Vai ser morta! protestou Taislin, surpreendendo os companheiros mais uma vez. Vocês já repararam sequer que ela nem nos atacou? Slayra ficou para trás e, pelo que o Quenestil nos contou, foi ele quem tomou a iniciativa de lutar!

Taislin, não sejas tacanho repreendeu o eahan. Eram eahanoir e tu sabes que eles nos atacaram.

Não foste tu quem partiu para a ofensiva? Nenhum deles havia mexido um dedo antes de tu usares o teu arco. A meu ver, foste tu quem provocou a luta acusou o burrik.

Quenestil começava a perder a paciência e Slayra sorriu com a possibilidade de mais um conflito. Aewyre teve de intervir mais uma vez.

Basta! Como se o Worick e o Quenestil não fossem suficientes

o thuragar ia dizer qualquer coisa, mas Lhiannah silenciou-o ainda tenho de aturar um burrik emancipado? Quenestil sorriu.

Mas ele não deixa de ter razão, Quenestil. O sorriso desvaneceu-se. Se a entregarmos ao povo de Llen, ela vai ser prontamente executada e a verdade é que ela de facto não nos atacou.

Mas atacou-me a mim! explodiu Quenestil. Será que se esqueceram disso? Quando a Lhiannah chegou, não era eu quem estava a estrangulá-la! Olhou para a princesa como que para pedir apoio. Endoideceram todos? Já ninguém sabe o que um eahan negro é? Nem tu, Aewyre?

Acalma-te, homem! Se é isso que sentes, por que é que não a deixaste ser devorada pelo lúcio?

Acalmar-me? Vocês... Vocês... Esqueçam! Não interessa! exclamou o eahan, dando um passo para trás e caminhando furiosamente para a floresta.

Babaki quis impedi-lo, mas Aewyre pôs-lhe a mão no ombro.

Isso passa-lhe. Amanhã já está de volta assegurou.

O antroleo deixou-se convencer e o grupo dirigiu-se à aldeola. Slayra sorria por baixo do seu capuz.

Llen era uma típica mas pacata aldeola pitoresca, constituída por meia dúzia de edifícios de madeira com tectos de colmo ou ripas, exceptuando a estalagem, que era coberta por sólidas telhas de ardósia,

uma vista única em Llen. Com a proximidade do Inverno, a lenha começava a ser empilhada e os sons das machadadas constantes de ritmo irregular ressoavam pelo lugarejo. O sol do entardecer não alcançava esta zona coberta pela imensa sombra da montanha, o que lhe conferia um certo ar lúgubre, posto imediatamente de parte quando se ouviam os guinchos de alegria das crianças, que corriam com grandes e peludos cães ou rebolavam em cima de toros de madeira, caindo de seguida no chão lamacento e originando repreensões por parte das mães que não estavam ocupadas com os afazeres das suas casas. A chegada dos companheiros suscitou grande interesse por parte das crianças, que correram em direcção aos estranhos, e suspeita por parte dos adultos, que não gostavam de ver estrangeiros bem armados. Este grupo, em particular, era ainda acompanhado por um monstro que os habitantes desconheciam, pelo que muitas mães se interpuseram no caminho dos seus filhos e os levaram para casa. Aewyre achou mais prudente parar e esperar que algum representante chegasse. Não tardou a vir um homem robusto, acompanhado de uma milícia de sete homens armados de lanças, que envergava a pele de um enorme urso e carregava uma espada na bainha. Sobre a cabeça tinha um elmo com pontas de chifre de veado e calçava umas espessas botas de montanha. Quando estava à distância de um golpe de lança, estacou e apresentou-se.

Saudações, viajantes. Sou Tarcán, xerife desta comunidade. Em nome dos habitantes de Llen, dou-vos as boas-vindas à nossa aldeia. Dizei-me, vindes em paz?

Saudações, Tarcán. Vimos em paz.

Aewyre queria dar nomes falsos, pois não lhe apetecia ser tratado como um nobre, que fora uma das razões da sua partida, mas Lhiannah intrometeu-se e apresentou-se e aos companheiros. Ficou surpreendida por não receber nenhuma vénia por parte do xerife.

É com prazer que acolhemos o filho de Aezrel Thoryn e a princesa Lhiannah na nossa modesta aldeia disse Tarcán cortesmente. O Sopé Sombrio, a nossa estalagem, é o único tipo de instalações de que dispomos para viajantes, receio bem... A única coisa com a qual vos podemos honrar é com um jantar.

Apesar de ter faltado ao respeito da princesa, o homem não era de todo rude e conhecia os mínimos procedimentos diplomáticos. NoIwyn já não estava unido, afinal de contas, e esta gente vivia na fronteira.

Será mais que suficiente disse Aewyre.

Ainda bem. Perdoai a minha indiscrição, mas... que criatura é essa? perguntou o xerife, inclinando a cabeça para Babaki, obviamente nervoso.

Essa *criatura* é o nosso amigo Babaki e agradecia que não lhe faltasse ao respeito, xerife admoestou Lhiannah.

Tarcan fez uma vénia, desculpando-se.

Vejo que levais convosco uma prisioneira...

Sim, é uma bandida que nos tentou assaltar. Vamos levá-la à justiça.

E por que não executá-la prontamente? perguntou o xerife, desembainhando a espada de lâmina larga pela metade. Lhiannah sentiu-se tentada a concordar, mas Aewyre impediu o acto.

Agradecemos a vossa amável oferta, xerife, mas pretendemos levá-la a um julgamento justo. Caso contrário, seremos melhores que os comuns bandidos?

Tarcan embainhou a espada, mas ainda não parecia estar convencido.

Nesta aldeia sou eu a lei. Posso julgá-la, SÊ for esse o vosso desejo.

Agora Aewyre encontrava-se numa situação precária. Concordar significaria a morte de Slayra, pois era evidente que Tarcan era o juiz, júri e executor em Llen, mas não aceitar a oferta seria uma séria ofensa para o xerife. O jovem guerreiro gaguejava e Tarcan parecia ir ficando com uma expressão mais séria na cara, quando Allumno interveio.

Muito obrigado pela generosa oferta, xerife, mas escusa de gastar o seu precioso tempo. Esta bandida é procurada e espera-nos uma recompensa em qualquer cidade do outro lado da montanha.

A desculpa do mago era boa, e Aewyre suspirou discretamente de alívio. O xerife assentiu e conduziu os companheiros à estalagem, mantendo a devida distância do antroleo, que julgou ter ofendido. Pelo caminho, deixaram Slayra numa prisão improvisada, uma adega.

O interior d'O Sopé Sombrio não era diferente das outras estalagens: barulhento e animado, mas de dentro provinha um calor agradável. Llen não era muito populosa, mas grande parte dos homens encontrava-se lá dentro e dava para encher a sala de dimensões razoáveis. Em cima da entrada estava uma cabeça de javali e muitos móveis da sala estavam decorados com doninhas e raposas empalhadas. O soalho velho rangia com os passos dos frequentadores e a cerveja jorrava das pipas. No entanto, pairava um odor ácido no ar, que fez Babaki espirrar e causou enjoio aos restantes companheiros.

SoYGf berrou Worick, chamando para si a atenção de todos os convivas.

O thuragar correu até ao balcão, quase atropelando um rapaz imberbe, que entornou a sua primeira caneca de cerveja, e lá bateu com a mão, abanando vários copos, alguns dos quais caíram nos colos de quem os pousara.

Uma *soyg*, estalajadeiro. Sem água, numa caneca bem grande e com uma folha de hortelã pediu, ansioso.

Todos na sala fitavam o thuragar, alguns surpresos, outros irritados. O estalajadeiro, um enorme homem de braços peludos, avental manchado, bigode farfalhudo e cabeça calva parecia também um pouco incomodado, mas assentiu e serviu a bebida. Pensando que afinal não haveria problemas, Tarcen tirou o elmo com chifres de veado e pediu a uma das criadas que arranjasse uma mesa para os seus convidados. Worick bebeu o conteúdo da sua caneca num único trago, pousando-a violentamente no balcão, entornando mais uns quantos copos.

Mas que porcaria é esta? berrou. Eu pedi *soyg*, não água barrenta!

O estalajadeiro respondeu, visivelmente irritado, mas tentando manter a calma.

Isso é *soyg*, caro senhor. Se não gosta, sugiro que se retire e pare de incomodar os meus clientes.

Se isto é *soyg*, então a tua mãe é uma cabra velha e tu espreme esta porcaria das suas tetas enrugadas, meu grande asno!

Os convivas murmuraram em espanto e o estalajadeiro deixou a caneca que estava a esfregar cair. Inclinou-se ao balcão, levando a mão ao ouvido.

O que é que disseste, meia-leca? perguntou. Lhiannah levantou-se, sabendo o que estava para vir.

Disse que a tua mãe é uma cabra velha e que tu espremes as suas tetas encarquilhadas para obter esta água choca e aldrabar estes idiotas indicou à sua volta e ganhar dinheiro suficiente para poderes comprar um bode para ela te dar irmãos! cuspiu Worick.

Surpreendentemente rápido, o estalajadeiro agarrou a barba de Worick e desferiu-lhe um prodigioso soco na cara, que fez com que o thuragar voasse contra uma mesa, partindo-a ao meio e derrubando dois homens sentados à sua volta. Lhiannah desembainhou a espada, mas Tarcen gritou que não haveria derramamento de sangue e levou a mão ao pulso da princesa, que acedeu.

O thuragar levantou-se, esfregando a face enquanto o estalajadeiro saltava por cima do balcão e tirava o avental.

Aprendeste a lição ou tenho de te enfiar na pipa da "água choca", meia-leca?

O Daelnorn, pára imediatamente com isso! gritou o xerife.

É isso disse Worick, pára e vai ver como o novo bode se está a sair com a tua mãe. Se for menino, podes chamar-lhe...

O estalajadeiro urrou e precipitou-se para cima do thuragar, que investiu contra o estômago do homem, empurrando-lhe o ar para fora dos seus pulmões e derrubando-o. Daelnorn tentava levantar-se enquanto recuperava o fôlego, mas Worick não lhe deu essa oportunidade, desferindo-lhe um pontapé na cara, que fez com que o estalajadeiro caísse redondo no chão.

Já estás arrumado? Era de esperar... Eu já lutava contra ogroblins ainda eras tu amamentado pelas velhas tetas da tua mãe...

Daelnorn levantou-se prontamente, pegou numa cadeira e carregou contra o thuragar. Worick surpreendeu-o mais uma vez, avançando para a frente em vez de recuar e esmurrou com violência o epigastro do homem, que largou a cadeira e se ajoelhou aos pés do thuragar, arfando por ar.

Senhor Worick! gritou Tarcan. Se não parar agora mesmo, terei de prendê-lo!

Está tudo bem, xerife. Eu acho que já é hora de o nosso amigo aqui ser amamentado, não é verdade? perguntou, pegando no queixo de Daelnorn.

O homem urrou, pegou em Worick, levantou-o e usou o seu pequeno corpo como martelo para partir uma mesa. Pôs-se em cima dele e procedeu a esmurrá-lo.

Daelnorn, pára imediatamente! gritou o xerife, correndo para os dois combatentes com a espada desembainhada.

Os presentes, no entanto, não pareciam estar minimamente preocupados. Antes pelo contrário, gritavam entusiasmadamente pelo nome do estalajadeiro, alguns apoiando o thuragar só para tornar a coisa mais emocionante.

Daelnorn pegou numa jarra e tentou parti-la na cara de Worick, mas este desviou a cara, sofrendo alguns cortes devido aos estilhaços e golpeou o homem nas costelas com o cotovelo. Sem perder um segundo, agarrou nos parcos cabelos do estalajadeiro e levou a sua cara ao joelho, onde o homem embateu com a testa, caindo ao chão uma vez mais. Worick estalou os dedos, antecipando afinal um bom combate,

mas Daelnorn começou a rir. Tarcán parou, surpreso, e baixou a espada. Tanto os convivas como os companheiros olhavam para o homem caído, que ria sonoramente e batia com a mão no chão. Worick franziu o sobrolho, pensando ter batido com demasiada força na cabeça do homem, mas este não tardou a levantar-se e a abraçar Worick, erguendo-o como um saco de nabos.

Bem-vindo ao Sopé Sombrio, thuragar! Worick estrebuchou. Há muito tempo que não me divertia tanto. Nem os rapazes, não é verdade? perguntou, largando Worick, que estava indeciso entre aceitar as boas-vindas do estalajadeiro ou parti-lo ao meio.

Todos concordaram em unísono e a cerveja recomeçou a verter das pipas como água de uma fonte e os convivas celebraram e entoaram cantigas em honra de Worick. Apesar de um inicial embaraço, o thuragar não tardou a juntar-se à festa e procedeu a esvaziar uma pipa por conta da casa.

O vosso amigo tem uma estranha maneira de se apresentar aos anfitriões... resmungou Tarcán, embainhando a espada.

Aewyre encolheu os ombros e chamou uma criada ruiva de formas avantajadas e o xerife acabou por se sentar.

Boas. Que posso fazer por vós, meus senhores? perguntou a criada, uma jovem rapariga com sardas na face e cabelos ruivos encaracolados.

Por eles, não sei, mas acho que podes fazer muito por mim... disse Aewyre.

Lhiannah olhou para o guerreiro severamente e Allumno pisou-lhe o pé.

”Não te esqueças de que somos convidados!”, parecia o mago dizer.

...como por exemplo servir-me uma cerveja terminou o guerreiro, nada satisfeito, apoiando a cabeça no punho num gesto de aborrecimento.

Lhiannah pediu duas cervejas para si e para Taislin e Allumno requisitou uma simples taça de água quente, não a ferver, apenas fumegante. Babaki pediu apenas água.

Worick cantava com a sua voz de barítono e os convivas tentavam acompanhá-lo. Lhiannah conversava com Tarcán enquanto Allumno preparava as ervas para o seu chá, seleccionando cuidadosamente cada folha. Taislin observava o ritual curiosamente e isso desagradou ao mago.

Se eu der pela falta de uma folha só, transformo-te em sapo disse.

Mas como chega você a tal pensamento, mestre Allumno? Acaso julga-me algum ladrão? Devo assegurar-lhe que prezo muito a minha honestidade e...

Estamos entendidos? perguntou Allumno, com um olhar e um tom de voz que levaram o burrik a acenar nervosamente com a cabeça.

Aewyre estava aborrecido. Se ao menos aquela prepotente da Lhiannah não tivesse dito quem eram... Olhou em redor, tentando entreter-se a observar as criadas, que sempre eram uma vista preferível aos homens sujos e barbudos a arrotar, mas isso não lhe chegava. Levou a caneca de madeira à boca para afogar o tédio, mas reparou em algo que se reflectia na superfície da cerveja preta. Uma imagem obscura, mas que lhe chamou a atenção. Aewyre virou-se e deparou com uma mulher toda vestida de negro, que olhava para ele. O guerreiro alegrou-se subitamente, fitou os seus olhos e o seu sorriso desvaneceu-se. A mulher não olhava casualmente para si, tinha os olhos fixos nos seus. Esses mesmos olhos eram de um negro líquido e brilhavam à distância como se chorasse. No entanto, a expressão grave do seu semblante clássico e nobre de idade indeterminada tirava essa impressão. *Trazia* um vestido de renda completamente negro, com uma abertura na saia decorada que permitia ver a silhueta elegante de uma perna. Os seus lábios convidativos estavam pintados de preto, bem como as suas pálpebras. A mulher começou a andar, dirigindo-se ao balcão. Passou por Aewyre sem tirar os olhos dele e o mundo ao seu redor parecia desvanecer-se, como se tudo não passasse da superfície de um lago, na qual a mulher havia caído como uma pedra, borrando as imagens à sua volta. Deixou então de fitar o guerreiro e tudo pareceu voltar ao normal, apesar de Aewyre se sentir como que enfeitiçado. Deu um toque no braço de Tarcán.

Quem é aquela? articulou o jovem guerreiro desajeitadamente, apontando para a mulher de negro.

Aquela? Ninguém sabe. Apareceu por cá ontem. Não diz nada, não fala com ninguém e nunca ninguém sabe onde ela está. Aparece de vez em quando e assusta as crianças com a sua presença, mas como tem os bolsos cheios, ainda ninguém reclamou. Ela não fez mal a ninguém, por isso deixamo-la em paz.

Estou a ver... respondeu Aewyre, ausente.

"Grande labrego...", pensou o xerife. *"Não perde uma oportunidade."* A dama de negro voltou-se e continuou a olhar para Aewyre que, por fim se levantou, sem dizer nada a ninguém.

Onde vais? perguntou Lhiannah, sem obter resposta.

já vi que o vosso amigo não descansa... comentou o xerife,
bebendo mais um trago.

Aewyre caminhou em direcção à mulher, que parecia atraí-lo como um íman, chamando-o para perto de si. Com um delicado gesto de perna, puxou convidativamente uma cadeira. O jovem guerreiro sentou-se e tentou meter conversa desajeitadamente.

Hãã... saudações, bela senhora... eu... você é de cá? perguntou, não lhe ocorrendo mais nada.

A mulher não respondeu, limitando-se a olhá-lo com aqueles olhos escuros, profundos e misteriosos que lhe pareciam penetrar a alma. Após alguns momentos de um silêncio desconcertante, a mulher levantou-se e indicou a Aewyre que a seguisse. Mais que disposto a acompanhá-la, Aewyre assim fez e foi por ela conduzido pelas escadas até ao primeiro andar da estalagem, onde deram com um rapaz de serviço, um jovem de cabelo escuro espetado, que se encostou à parede para dar passagem à dama de negro.

Boas noites, rapaz cumprimentou Aewyre.

Boas noites, senhor respondeu o rapaz apressadamente, esgueirando-se por entre Aewyre e a parede e descendo as escadas quase a correr.

O guerreiro estranhou, mas o barulho de chaves a destrancarem uma porta fê-lo virar a cabeça e dar com a dama de negro quase ao fim do corredor, fazendo sinal que a seguisse para o quarto aberto, entrando nele de seguida. Aewyre encolheu os ombros.

”Esta é de poucas palavras”, pensou enquanto caminhava para a porta.

O quarto estava muito escuro, as janelas haviam sido fechadas e só a luz do corredor permitiu que Aewyre distinguisse a silhueta da mulher a mexer em algo. O guerreiro hesitou em fechar a porta, pois não havia luz alguma e o quarto tinha um cheiro esquisito: uma mistura de gato molhado e hipericão-bravo, um odor afrodisíaco que Aewyre conhecia muito bem como o perfume de algumas camponesas. Subitamente, fez-se uma luz fraca no quarto quando a mulher acendeu uma vela. Uma vela preta.

Tranca a porta sussurrou a dama de negro com uma voz áspera, afastando-se bruscamente da vela, o que deu calafrios a Aewyre.

Como se tentasse corrigir algum erro, ela voltou-se para ele, sorrindo e exibindo a sua coxa convidativamente. Mais sossegado, o

guerreiro fechou a porta e começou a tirar a armadura enquanto ela acendia mais umas velas, que dispôs num círculo à volta da cama. Aewyre reparou numas manchas vermelhas nos lençóis e voltou a ficar um pouco nervoso com o bizarro cubículo.

E se fôssemos para o meu quarto? sugeriu.

Em resposta, a mulher atirou-se aos seus braços repentinamente, unindo os seus lábios aos dele num beijo sôfrego e faminto. A mulher beijava e acariciava o corpo do guerreiro ardentemente com uma voracidade animal, à qual Aewyre se rendeu, envolvendo-a nos seus braços e deitando-se na cama, onde ambos usufruíram dos prazeres da carne pela noite adentro.

O incessante cacarejar do galo não podia ser abafado pela almofada com a qual Lhiannah cobrira a cabeça, por isso decidiu levantar-se. O súbito frio eriçou-lhe a pele e a princesa voltou a tapar-se, mas por fim conseguiu sair da cama com um gemido. Espreguiçou-se e alongou os músculos das costas e do pescoço, lavando a seguir a cara e as axilas numa bacia. Enquanto esfregava a face com a toalha, lembrou-se da festa da noite anterior. Aquele Aewyre! Todos os homens eram uns porcos, mas o filho de Aezrel excedia tudo! Mas não se iria incomodar a pensar nele, decidiu enquanto vestia a sua blusa vermelha. Apesar de tudo, ele ainda tinha um corpinho jeitoso, pensou ao pentear os seus longos cabelos doirados. Nem era pouco atraente de cara, admitiu enquanto aplicava de leve água de rosas. *Talvez* fizesse algum disparate com ele um dia, pôs em hipótese, mas nunca se renderia aos seus avanços, isso o jurava. E aí dele se tentasse mais uma vez, como naquela noite ao pé da fogueira... Lhiannah embainhou a espada, destrancou a porta e foi ao quarto de Worick mesmo ao lado do seu.

A princesa bateu à porta com força, originando protestos por parte dos outros hóspedes. Como apenas ouvia grunhidos, tentou abrir a porta e constatou que estava destrancada, entrando sem hesitar. O velho thuragar estava deitado de armadura, sem lençóis nem almofada, tendo simplesmente caído na cama. Nem as botas tirara. Lhiannah foi abrir a janela, bateu palmas e começou a abanar o corpo rígido do seu protector.

Horas de acordar, bode velho! disse alegremente. Worick rosnou.

Toca a levantar. O galo já cantou. Worick grunhiu.

Anda, ninguém te mandou beber metade das pipas do estabelecimento!

Worick grunhiu mais uma vez e voltou a cabeça.

Lhiannah suspirou e lembrou-se de que só havia uma maneira de tirar um thuragar da cama...

Não aguentas mesmo nada... Estás a ficar velho, Worick. Bebi o dobro de ti e já estou a pé, enquanto tu mal te consegues levantar.

O dobro de mim? berrou o thuragar repentinamente, saltando da cama. Não aguento nada porque estou a ficar velho? Era capaz agora mesmo de arrastar esse teu rabo pelas escarpas da montanha com todas as pipas que esvaziei às costas. Ouviste?

Os hóspedes reclamaram sonoramente e o thuragar bateu com o pé no chão.

E pouco barulho, seus franganotes, ou eu vou aí abaixo e as empregadas vão ter de varrer-vos os ossos do chão! ameaçou.

Lhiannah riu. Funcionava sempre...

Calma, Worick. Claro que não estás velho. Agora deixa de incomodar os hóspedes e arranja-te para irmos comer.

A princesa deixou o thuragar a resmungar para trás e foi bater à porta de Taislin. Em resposta, obteve um gemido, mas após alguma insistência o burrik abriu a porta, exibindo-se despenteado, com os olhos semicerrados e uma camisa de noite amarrotada. Com a sua estatura quase parecia uma criança, por isso Lhiannah afagou-lhe a cabeça e foi acordar Allumno, constatando que o mago estava a meditar, já vestido e arranjado. Babaki preferira dormir no celeiro, por isso Lhiannah dirigiu-se ao quarto de Aewyre, do qual não obteve nenhuma resposta ao bater à porta durante algum tempo. Lhiannah redobrou a força das batidas e os hóspedes protestaram mais uma vez, mas do quarto de Aewyre ninguém respondia. E a porta estava trancada. A princesa lembrou-se então da dama de negro e decidiu ir perguntar ao estalajadeiro qual era o quarto dela. Ensonado e com equimoses, Daelnorn lá lhe indicou o número do quarto e Lhiannah voltou a subir as escadas. Bateu à porta indicada, mas ninguém respondia, apesar de ter a certeza de que ouvia ruídos lá dentro.

Aewyre? Estás aí? Abre a porta, raios!

Após mais alguns ruídos, alguém destrancou a porta e Lhiannah entrou, recuando de seguida devido ao cheiro que vinha lá de dentro. A dama de negro estava vestida e reunia rapidamente os seus haveres. Aewyre estava deitado, com o tronco musculoso descoberto e parecia ter aproveitado bem a noite.

Eu não me fiaria nele se fosse você... disse Lhiannah, confraternal.

A mulher não respondeu, apressada a colocar as suas coisas na mochila.

Quando Lhiannah se preparava para continuar, ouviu passos atrás de si e deu com Tarcán, correndo com alento na sua direcção. A dama de negro pareceu ficar alarmada e apressou-se.

Bons-dias, xerife. Que posso...

Princesa! A prisioneira fugiu!

Isso foi o suficiente para levar Lhiannah a acordar Aewyre bruscamente. Ajoelhou-se em cima da cama e começou a agitá-lo.

Aewyre, acorda, raios te partam! praguejou.

A dama de negro fechou a sua mochila, pô-la às costas e caminhou apressadamente para a saída, olhando para Lhiannah e passando por Tarcán, por pouco não o matando com os olhos. O olhar frio assustou o xerife e quase o fez esquecer a fugitiva.

Princesa, acordai-o depressa! Se aquela mulher fizer algum mal, fique sabendo que vos responsabilizarei pelo sucedido! ameaçou Tarcán. Lhiannah ficou silenciosa. Princesa? Que foi?

Ele não está a respirar, xerife.

A CAÇADA

... e foi isso que aconteceu explicou Aewyre. Sempre tive uma sensação esquisita, mas às tantas, perdi os sentidos. Tudo o que ouvi foram os sussurros da mulher e depois, nada.

Com a exceção de Babaki, Quenestil e Slayra, os companheiros estavam todos reunidos no quarto à volta de Aewyre, que ainda se encontrava deitado na cama.

Pregaste-nos um belo susto disse Allumno.

Eu sei, mas não foi nada de grave. Acho que o incenso e as velas me puseram numa espécie de transe. Mas já me sinto bem o suficiente para irmos atrás da Slayra.

Ainda bem disse Tarcán. Se alguém for ferido por ela... Já ouvimos, xerife. Não se preocupe que nós apanhamo-la

assegurou Lhiannah, sem paciência para as ameaças de Tarcán. Vamos.

O Quenestil já voltou? perguntou Aewyre.

Não. E é melhor ficares, ainda deves estar tonto.

Disparate. Estou mais que pronto para uma perseguição.

Eu penso que não, Aewyre. Conheço os efeitos desses fumos. Ficas de cama disse Allumno.

Mas...

Nada de mas. Agora deita-te ou levas um sopapo disse o mago, cerrando o punho à frente da cara de Aewyre.

Não penses que me vais manter...

Aewyre não chegou a acabar a frase, pois Allumno abriu a mão e soprou com força, lançando um pó acastanhado para a cara do guerreiro, pondo-o inconsciente.

Agora, vamos atrás da Slayra. Tarcen, tome bem conta do Aewyre. Isto pode demorar alguns dias. E veja se o mantém afastado de mulheres! acrescentou o feiticeiro.

Assim farei, meu senhor respondeu o xerife, curvando-se respeitosamente.

Foram buscar Babaki ao celeiro e o antrolo farejou rapidamente o rasto da eahanna negra. Os companheiros seguiram-no, temendo que o instinto animal se apoderasse dele mais uma vez.

Hah, esse Allumno! exclamou Aewyre. Deve pensar que eu caio no mesmo truque duas vezes...

O jovem guerreiro falava sozinho, recordando-se da noite em que Dumina, uma menestrel protegida de um regente viera cantar ao palácio e o desgraçado o adormecera por temer "um incidente político", enquanto seguia a pista que os seus amigos haviam deixado.

Os passos desajeitados de Worick e o rasto do bastão de Allumno eram fáceis de identificar mesmo sem a habilidade de Quenestil e mesmo com o nevoeiro daquela fria manhã de Outono. Por falar no eahan, ele ainda não havia voltado... Mas Aewyre sabia que Quenestil sabia muito bem tratar de si, por isso não se preocupou. Mesmo assim, a presença do seu amigo tê-lo-ia reconfortado; há muito tempo que não andava envolvido numa aventura sozinho. Mas ele era o líder do seu grupo, e haveria de conseguir fazer alguma coisa por si só...

Perdido nos seus pensamentos enquanto trincava o pão que Tarcen relutantemente lhe oferecera, Aewyre não ouviu um pesado pisar de folhas que acompanhavam os seus passos. Algo caminhava nas redondezas, mas o guerreiro estava demasiado concentrado nas pistas para dele se aperceber. Subitamente, sem saber porquê, sentiu um ligeiro arrepio na espinha. Olhou em volta, sondando o arvoredo envolto nas brumas, que serpenteavam pelos troncos, envolvendo-os como tentáculos vaporosos. Em redor não havia animal algum e só então Aewyre se apercebeu de que deixara de ouvir os pássaros a cantar há algum tempo. Desembainhou Ancalach e andou à volta, analisando a área sem encontrar nada, até que, surgindo do nada, dois pontos vermelhos penetraram a brancura do nevoeiro, pairando. Aewyre sentiu calafrios. Flectiu as pernas e colocou-se em posição de combate, sacudindo o arrepio para fora do seu corpo.

Quem está aí? Mostre-se! Não houve resposta.

O guerreiro decidiu esperar, até que os pontos escarlates começaram a avançar, lenta e decididamente. Quando haviam coberto parcialmente a distância que os separava de Aewyre, os pontos revelaram ser olhos de um vulto que mal se distinguia por entre o espesso nevoeiro.

É amigo ou inimigo? insistiu Aewyre com voz pouco segura, apertando o cabo da espada com força.

Os olhos avançavam sem parar e o vulto ia-se revelando. Em breve, Aewyre pôde distinguir uma lâmina negra, que obviamente não brilhava. Pela primeira vez, o vulto estacou, mas os olhos continuavam a luzir como duas chamas.

Aezrel... disse, finalmente.

O quê? gritou Aewyre, surpreso. Como conhece o meu pai? perguntou. O que sabe sobre ele? Não houve resposta. Fala, maldito! Quem és tu?

Aezrel... voltou a figura a dizer, desprovida de qualquer emoção, ou mesmo compreensão da palavra.

Se não me respondes imediatamente, provarás o fio da minha espada! ameaçou o guerreiro, levando a sua arma atrás.

Esse gesto pareceu provocar uma reacção na criatura, que ergueu a sua lâmina.

Ancalach! exclamou, triunfante, e atacou.

Surpreso pelo inesperado ataque, Aewyre recuou e aparou o golpe, admirado com a grande força do ataque, mas o vulto puxou a espada para trás e estocou, visando a sua garganta. Aewyre limitou-se a desviar a arma do inimigo para o lado e, torcendo o pulso, virou a ponta para o estômago do seu adversário, enterrando a lâmina no seu abdómen.

No entanto, isso não pareceu incomodar o vulto, que ergueu a mão e impeliu a sua espada para baixo, tentando trespassar a cabeça de Aewyre. Vendo a morte vir inesperadamente de cima, o guerreiro largou a espada, atirou-se de frente para o chão e, com uma cambalhota, bateu com os pés no que julgou ser a virilha do vulto, empurrando-o para o chão. Acocorado, Aewyre viu o adversário caído e constatou que o seu movimento pouco ortodoxo havia funcionado. Para o finalizar, tentou tirar a espada cravada na barriga do vulto, que tremia e agarrava a lâmina cravada no seu abdómen com as mãos e não largava. Imerso no combate, Aewyre nem reparou em tão estranho acto e puxou-a violentamente, procedendo a espetar-lha na garganta, sentindo o estalo seco que um pescoço faz quando é partido. Mas não

sentiu a carne a ser furada e só se apercebeu disso quando uma dor aguda lhe percorreu o flanco esquerdo e o frio característico do aço lhe acelerou a pulsação de adrenalina. Grunhindo de dor, Aewyre puxou a espada e saltou para o lado, rebolando no chão e erguendo-se com a mão na ferida. O vulto não tardou a levantar-se e Aewyre constatou que não parecia estar minimamente ferido.

”Que espécie de criatura é esta?”

No entanto, o adversário não lhe deu tempo para pensar, investindo com uma velocidade surpreendente e desferindo golpes com força e rapidez redobradas, mantendo Aewyre na defensiva, obrigando-o a constantes paradas e bloqueios. O guerreiro tentava olhar para os olhos do seu adversário, mas só via os pontos escarlates. Num bloqueio duro, Aewyre ficou cara a cara com o seu adversário e distinguiu, horrorizado, uma caveira, como se estivesse a olhar para a própria morte. A força da criatura provou ser superior, e Aewyre foi empurrado para trás. O guerreiro começava a sentir uma certa fraqueza, que se desvanecera assim que tirara os olhos daqueles pontos escarlates, mas abanou a cabeça para afastar tanto os pensamentos como a tontura, um movimento que lhe custou um precioso e decisivo segundo.

Aewyre viu-se de repente entre a espada do vulto e uma árvore, à qual a manopla da criatura o mantinha firmemente encostado. Pela primeira vez, considerou o facto de que poderia morrer e tudo apontava para esse desfecho quando a ponta negra se dirigiu à sua cara. Subitamente, Aewyre ouviu a vibração de um arco e uma flecha trespassou a caveira de um lado ao outro, surpreendendo a criatura, que estacou por breves segundos, mais do que o necessário para Aewyre bater no braço do vulto, libertando-se da forte manopla e desferir-lhe um pontapé no jarrete. Aproveitando o desequilíbrio do adversário, Aewyre carregou com o ombro e derrubou-o com a força do desespero. Antes de olhar para a direcção de onde a flecha viera, já sabia quem lhe havia salvo a vida e sabia também que podia contar com a pontaria dessa pessoa.

Já vi que estás a precisar de ajuda gritou Quenestil, escondido nos arbustos.

Tudo o que preciso é saber o que mata este bicho! respondeu Aewyre.

A criatura voltou a atacar com um golpe diagonal de cima, que Aewyre pareceu querer bloquear, mas deixou a espada do vulto deslizar pela sua e aplicou o golpe que Daveanorn tantas vezes lhe ensinara,

girando em si, desequilibrando o adversário e desferindo um golpe lateral no jarrete. Com um ruído metálico agudo, a espada de Aewyre quase separou a bota de aço do joelho da criatura, causando a sua queda. Crendo-a atordoada pela mutilação, Aewyre pôs o pé nas suas costas e preparou-se para a decapitar mas, com uma sinfonia de estalos e rangidos, a caveira virou-se completamente e os seus olhos brilharam intensamente. O brilho teve um efeito aterrorizador em Aewyre, que se viu subitamente em pânico e incapaz de controlar os seus movimentos, pelo que caiu, procedendo a afastar-se da criatura o mais rapidamente possível. Como estava de costas, o guerreiro não reparou no precipício parcialmente coberto pelo nevoeiro, mas esse detalhe não escapou aos olhos de Quenestil, que gritou freneticamente para avisar o seu amigo. No entanto, Aewyre só se deu conta do perigo tarde demais, quando a sua mão agarrou o vazio e o seu corpo foi puxado para baixo.

Não! gritou o eahan, vendo que o vulto se dirigia para o seu amigo.

Sem mais demoras, Quenestil pôs o arco às costas, desembainhou a comprida faca e correu para o precipício, convencendo-se a si próprio de que o seu amigo estava vivo. O vulto ignorou-o e caminhou para o vazio, parando a um passo da queda e olhando para baixo. Uma mão segurava desesperadamente uma raiz. O efeito de pânico já passara e Aewyre tentava agora manter-se vivo, embainhando Ancalach com a mão direita.

Ancalach palavreou o vulto com uma voz cavernosa, estendendo a mão. Dá-me Ancalach...

O grito de Quenestil interrompeu a criatura, que se virou a tempo de ver a curta lâmina do eahan a talhar o seu crânio atravessado por uma flecha. O ser estacou. Surpreso, Quenestil nem teve tempo para reagir quando o vulto tirou a manopla do seu braço esquerdo, revelando uma mão esquelética, e lhe agarrou o pulso. Imediatamente, o shura sentiu um frio gélido no antebraço, que se começou a propagar pelo corpo. Quenestil sentiu a sua energia esvair-se e não conseguiu arranjar forças para se libertar. A escuridão cobria-lhe os olhos quando, repentinamente, um deslocamento de ar lhe avivou os sentidos o suficiente para ver uma forma negra a colidir com o vulto, que caiu para trás e se precipitou no abismo.

Quando a visão lhe voltou, viu a última pessoa que esperava ver.

Slayra.

Uma repentina onda de adrenalina deu-lhe forças para pegar no arco e apontar uma seta à eahanna negra. Os dois ficaram nas mesmas

posições acoradas, fitando-se um ao outro durante um longo momento, até que Quenestil ouviu um grunhido de Aewyre.

Tens duas opções... disse Slayra: ou salvas o teu amigo ou me capturas. Não podes fazer as duas coisas. Decide-te.

Tens a certeza? Posso matar-te.

Não o farias.

O que te leva a pensar isso? retorquiu, tentando manter um aperto firme no arco com o seu braço trémulo.

Porque te salvei a vida.

Eu também. Estamos quites declarou, aliviando um pouco a tensão do fio.

Se não fosse por mim, estariam os dois mortos. E o Aewyre ainda pode morrer se não te despachas.

Quenestil ponderou.

Por que o fizeste? perguntou por fim.

Por que me salvaste tu? respondeu Slayra.

Sem saber o que dizer ou fazer, o eahan optou por largar a flecha. Na fracção de segundo que o míssil demorou para cobrir a distância, Slayra arregalou os olhos, atónita e cerrou-os quando a flecha se lhe espetou na perna. Quenestil hesitou por breves segundos, mas correu a ajudar o seu amigo enquanto Slayra agonizava com o ferimento que Quenestil planejava de modo a incapacitá-la. Aewyre embainhara a espada e segurava uma raiz com os dois braços, o ponto de apoio entre ele e o abismo. O eahan estendeu-lhe a mão e Aewyre agarrou-a, procedendo a trepar o penhasco com a ajuda do seu amigo. Ambos ofegaram, deitados no chão, e, antes sequer de trocarem palavras, Quenestil foi ter com Slayra e amarrou-a.

Foi por pouco, velho amigo disse o eahan.

É verdade. O que era *aquilo*? perguntou Aewyre, trémulo e ainda tenso, com os músculos a teimarem em relaxar.

Não faço ideia, mas seja o que for, os seus pedaços estão espalhados algures lá em baixo... graças à Slayra admitiu Quenestil.

O quê? O guerreiro virou o olhar do precipício para o eahan. Ela sal vou-nos?

Quenestil acenou com a cabeça, olhando de seguida para a eahanoir.

Temo bem que sim, Aewyre. Agora deixa-me tratar do ferimento dela.

Tu...?

Sim respondeu o eahan insipidamente.

O shura limitou-se a extrair a flecha, já que a sua ponta era simples e sem farpas como ditavam os costumes dos eahan, relutantes em causar dor em qualquer tipo de criatura, mas mesmo assim magoou Slayra, que gemeu. Quenestil aplicou uns unguentos que transportava na sua sacola na ferida, humedecendo-os com água do orvalho. Limpou a ponta sangrenta da seta e levantou a eahanoir.

Agora é melhor voltarmos a Llen. Os outros não tardarão a descobrir que ela voltou para trás.

Se tu o dizes... disse Aewyre, ainda confuso pelos acontecimentos.

Quenestil tomou a dianteira, levando uma Slayra coxeante a seu lado.

Como pudeste? perguntou a eahanoir.

Quenestil não respondeu, mas os seus olhos cinzentos mostravam o tumulto na sua alma melhor do que mil palavras.

Devia ter-vos deixado à vossa sorte...

Devia ter-te deixado ser devorada pelo lúcio respondeu Quenestil.

Os dois não voltaram a falar até chegarem a Llen.

A dama de negro puxou as rédeas com força e forçou o cavalo a parar. O animal protestou com um relincho, mas obedeceu. A mulher deixou-o a comer relva enquanto remexia na sua mochila. Após vasculhar os seus objectos, encontrou o que procurava e tirou uma tiara dourada. Colocou esse objecto na testa e fechou os olhos, concentrando-se profundamente. Uma imagem começou a formar-se na sua mente e a dama de negro pôde distinguir uma figura no meio da névoa espiritual.

Por que me chamas, Hazabel?

Tudo correu como planejado, mestre.

Excelente! Vem sem mais demoras!

Mas há um problema... A figura pareceu enegrecer.

Como?

Não pude trazer a espada. Aquela coisa maldita está protegida, não lhe consegui tocar e a amiga de Aewyre Thoryn não me deu tempo para...

Não tens a espada contigo, maldita harahan? Sem a espada dos reis, o que agora carregas no teu ventre é-me inútil!

não, mestre. O que trago em mim servirá muito bem os vossos propósitos. A espada é secundária. Podemos ocupar-nos dela mais tarde...

A figura reflectiu, e disse por fim:

Muito bem. Faz então o que tens a fazer. Parece que terei de recorrer a outros recursos para obter a espada...

Sim, *mestre*.

Estás dispensada.

Sim, *mestre*.

A dama de negro acordou do seu transe, piscou os olhos e olhou em redor.

Maldito! desabafou.

Constatando que não tinha nada para comer, olhou para o cavalo, que pastava pacificamente. Chegou-se então um pouco mais para a frente, inclinou-se e abraçou a ganacha do animal, que protestou mais uma vez, agitando a cabeça.

Foi a última coisa que fez antes de a dama de negro saltar da sela, puxando-lhe bruscamente a cabeça para cima, partindo o seu pescoço. Caído o animal, começou a despedaçá-lo com as próprias mãos.

Entregamo-la já, digo eu! Lhiannah havia perdido a paciência com Slayra. Havia-os forçado a caminhar por terreno rochoso e, se não fosse pelo faro de Babaki, provavelmente ainda estariam nas montanhas, lançados numa falsa perseguição. A eahanna negra era demasiado ardilosa e traiçoeira para ser levada durante a viagem.

Lhiannah, a despeito de tudo o que ela fez ou possa ter feito, ela salvou-nos as vidas! Não é verdade, Quenestil?

O shura estava encostado ao canto da sala da estalagem de braços cruzados e limitou-se a acenar com a cabeça, olhando para a parede.

Vês? Não podemos entregá-la simplesmente.

Mas qual é o problema? Tarcan pode ser um pouco tosco, mas parece ser um homem justo.

Alguma vez, Lhiannah? Achas que o xerife de uma aldeola se vai incomodar a arranjar provas e argumentos que justifiquem a execução de uma eahanoir? Corta-lhe a cabeça com a espada e já está! Problema resolvido! Apesar das suas acções, agora, mais do que nunca, ganhou o direito a...

Não vês que ela planejou tudo, seu imbecil? Pensas com o que tens entre as pernas? Ela sabia que não podia fugir de nós durante

muito tempo, por isso voltou para vos salvar e dar-te a volta à cabeça. Cá para mim tu queres é levá-la para a cama, não é?

Basta! gritou Allumno, batendo com a mão na mesa e originando um clarão que alarmou os presentes na sala. São piores que as crianças, vocês! Não, não quero ouvir mais nada, Aewyre! Estou farto desta discussão obtusa e mais farto ainda de vocês! Desde que fizemos a eahanna prisioneira, estão sempre a discutir sobre matá-la agora ou entregá-la depois, mas um salva-a, outra quer executá-la, outro quer entregá-la, já chega! É facto que ela atacou o Quenestil e não teria hesitado em matá-lo, mas a verdade é que não somos eahan negros, e vamos entregá-la à justiça, por muito que isso lhe possa vir a servir. Além do mais, ela salvou as vidas de Aewyre e Quenestil, por isso acho que essa opção não é de todo injustificada. Agora, se mais algum de vocês discutir por causa da Slayra, asso-lhe a língua, estamos entendidos?

Ninguém disse nada. Por vezes o mago assustava os companheiros. Era introvertido e calado a maior parte do tempo, falando pouco e pronunciando-se raras vezes, mas quando se irritava, todos se sentiam intimidados pelo seu poder. Lhiannah bufou, indignada, mas nada disse.

Agora, sugiro que nos preparemos para partir. Pode vir a ser difícil atravessar o Portão do Norte se nevar, e não há poucos indícios para que tal suceda, pelo que é urgente que nos despachemos.

Os companheiros retiraram-se silenciosamente da mesa e foram para os respectivos quartos. Excepto Aewyre.

Allumno, eu...

Nem mais uma palavra a respeito advertiu o mago de indicador erguido.

Não é isso. Sobre... sobre aquela coisa que encontrei nos bosques...

Sim? Uma alma perdida, sem dúvida. Ou um...

Não, interrompeu o guerreiro. Era mais do que isso. Era uma coisa negra, Allumno, algo saído de um pesadelo. Era toda negra, mesmo a espada, e a sua cara era uma caveira. E sabia que era a Ancalach, que Aezrel era o meu pai!

Os olhos de Allumno avivaram-se.

Eu... reflectiu o mago, fitando o vazio li sobre algo parecido com isso, num dos tomos sobre a Guerra da Hecatombe. Os tenentes d'o Flagelo...

Um moorul? Aewyre podia jurar que as chamas das velas e tochas da sala haviam tremulado. Um moorul, mas isso...

Fala baixo! sussurrou Alumno asperamente. Escusamos de chamar mais atenção nesta aldeia... Olhou em redor. Não posso ter a certeza, além de que me parece impossível que seja um moorul. Foram todos destruídos na Guerra.

Tens razão, Allumno. Aewyre parecia estar a tentar convencer-se a si próprio. Não passava de um espírito qualquer. Anda, vamos preparar-nos também.

Allumno acenou com a cabeça e cada um foi para seu quarto. Por alguma *razão*, a ferida que o vulto infligira a Aewyre no flanco estava fria. Estranhamente fria.

Os companheiros fizeram as mochilas durante a tarde e partiram de Llen. Worick levou uma pipa da "patética amostra de aguardente" consigo e Allumno descobriu os talheres, o sabão e os pratos que Taislin roubara. Worick queria obrigá-lo a voltar para trás e deixá-lo lá, mas Lhiannah, como sempre, saltou em defesa do pequeno burrik, originando mais uma pequena querela que Slayra teria aproveitado se a perna não lhe doesse tanto.

No fundo, havia tudo corrido bem, mas poderia ter sido um pouco menos doloroso. Lhiannah chegara perto da verdade, mas errara nalguns pontos. Tinha acertado ao dizer que não podia fugir para sempre. Estava num terreno desconhecido, desprovida de armas, equipamento e conhecimentos para sobreviver na montanha, por isso voltara para trás, mas é claro que não contara salvar a vida de nenhum deles. Planejara entrar na aldeia enquanto os companheiros estivessem a seguir o seu rasto, roubar o que fosse necessário, cortar a garganta ao xerife (ninguém a ameaçava e vivia) e forçar alguém a guiá-la até à cidade mais próxima, onde arranjaría alguém no submundo que a ajudasse. Mas tivera de mudar os seus planos ao ver Aewyre e Quenestil a combater uma estranha criatura. Vendo os dois, concluiu que ou os restantes companheiros tinham ficado na aldeia, achando que os dois seriam o suficiente para apanhá-la, ou se tinham separado em grupos e, julgando onde Aewyre e Quenestil se encontravam, não deveriam estar muito longe e seria impossível tentar iludir o mago ou o antroleo. De qualquer maneira, teve de alterar os planos e, vendo a vida dos seus dois perseguidores em risco, interveio, na esperança de fazer com que mudassem de ideias. Ou se calhar nem desgostava do eahan... Agora tomava consciência da estupidez da sua decisão, mas sempre era preferível continuar prisioneira do que morrer à fome nos bosques. Se não fosse pela perna, estaria tudo melhor... Allumno reparou que Slayra coxeava e foi ter com ela.

O Quenestil disse-me que te feriu a perna com uma flecha.

Ai disse? E de que mais se gabou ele?

Também me pediu para a tratar acrescentou como se a não tivesse ouvido. Aewyre, vamos parar um pouco. Esta humidade toda não é boa para a ferida da Slayra. Já agora, sê tão prestável e arranja-me água fria e alguma quente na caçarola, sim?

Aewyre assentiu, assobiou para Quenestil, que estava muitos metros à frente, e fez como lhe fora pedido enquanto observava Lhiannah, obviamente irritada, a cutucar uma árvore com a ponta da espada. Allumno teve de pedir a Slayra que arregaçasse as calças e analisou o ferimento.

Hmm... músculo lacerado. Belo tiro, por minha fé. Agradece aos deuses a pontaria de Quenestil, sem ela, ter-te-ia lascado o osso.

Não há palavras que possam exprimir a minha gratidão... respondeu Slayra.

Ainda bem. Agora fica quieta e não te mexas... eu disse para não te mexeres!

Allumno aplicou uma das suas salvas milagrosas e começou a preparar um punhado de ervas com ingredientes que Slayra achou melhor não vir a conhecer. Quando a água da caçarola ferveu, o mago envolveu a pasta numa grande folha ainda fresca e embebeu-a na água escaldante, retirando-a após um tempo minuciosamente cronometrado com uma pequena ampulheta que o mago sempre trazia pendurada no cinto. Allumno tirou uns cordéis da sacola, apertou-os e murmurou palavras arcanas.

Os cordéis começaram a mexer-se como se tivessem vida, envolvendo a mezinha. Allumno aplicou-a na ferida de Slayra.

Vai arder um pouco avisou, pressionando o unguento na coxa da eahanna e pedindo a água fria.

Quando esta lhe foi fornecida, o mago despejou-a no unguento, que pareceu solidificar-se, ardendo como prevenira. Os cordéis voltaram a mexer-se e enrolaram-se à volta da pálida perna de Slayra.

E pronto. Vai sarar em pouco tempo, mas é capaz de doer por uns dias.

Obrigada... agradeceu a eahanna negra, engasgando-se ao tomar consciência do que acabara de dizer.

Os companheiros foram tomados de surpresa por esta inesperada palavra e até Lhiannah olhou estupefacta, acompanhada por Quenestil. Aparentemente embaraçada, Slayra esfregou a perna ferida e olhou para o chão.

Bom, podemos continuar disse por fim Allumno, quebrando o silêncio.

Continuaram então a sua viagem, almejando alcançar o pico da montanha e passar para o outro lado, na direcção da negra e distante Asmodeon.

O ANIMAL DENTRO DE NÓS

Ao fim da tarde do dia seguinte, haviam já abandonado o sopé e caminhavam em prado alpestre, onde a vegetação constituída por pequenas plantas se tornava menos abundante. O vento era mais agreste nesta região e o frio começava a infiltrar-se por roupa e ossos adentro, obrigando os companheiros a vestir as peles que haviam comprado em Llen.

Nada como um bom vento da montanha para clarear a mente e limpar os pulmões! afirmou Worick, envergando uma grossa pele de urso.

Por uma vez, thuragar, concordo contigo admitiu Quenestil. Worick primeiro fitou o eahan, incrédulo, mas depois soltou uma risada baixa.

Os restantes companheiros entreolharam-se. Este parecia ser o dia das reconciliações, pensou Aewyre, feliz. Taislin esfregava as mãos para as aquecer, mas Allumno ainda não vestia nenhum casaco, parecendo irradiar um agradável calor que fez com que o burrik se aproximasse mais dele.

Lhiannah avistou um edifício de madeira à distância, ladeado por uma ladeira e um barranco e que Quenestil identificou como um isbá. Era uma habitação feita totalmente de pinho, constituída por duas casas ligadas uma à outra por um pátio comum. Uma das entradas estava coberta por um alpendre caído e a outra tinha uma porta escancarada, pendendo das dobradiças ferrugentas. Como começava a anoitecer, os companheiros decidiram passar lá a noite ao constatarem que estava desabitado há muito tempo, reparando nas teias de aranha, falta de lenha e mau estado geral da estrutura. A noite decorreu sem

problemas, já *que* o frio que trazia consigo era negado pela fogueira que os companheiros fizeram na grande lareira de lajes graníticas. O grupo acordou no dia seguinte com o cheiro do pequeno-almoço que Quenestil preparara.

Estão com sorte disse. Encontrei ovos de esmerilhão. Podem não ser grande coisa, mas achei melhor começarmos a poupar na carne.

Todos se regalaram com a nova ementa, excepto Babaki, que não suportava nada para além de carne. O antroleo retirou-se e foi caçar, combinando encontrar-se com os companheiros antes de o Sol alcançar o seu zénite. O vento brando e frio não o incomodava, chegando a ser agradável a sensação dos seus pêlos esvoaçantes ao sabor do que para ele era uma brisa. Babaki saltou por entre as rochas do prado deserto, ouvindo apenas os uivos do vento e a sua respiração. Doce solidão que quase o matara...

Estava feliz por ter encontrado companhia, mas tinha a necessidade inata de ficar sozinho por vezes. Ao saltar mais uma rocha, ouviu um casco a pisar pedra dura à distância. O som repetiu-se uma e outra vez, ressoando e variando irregularmente. O antroleo decidiu aproximar-se para ver melhor, verificando instintivamente se estava contra o vento. Por cima de um pedregulho, viu um cabrito-montês que saltava de rocha em rocha e balia. Era um espécime jovem e parecia estar ferido, ferimentos esses que Babaki concluiu serem o resultado de uma queda. O animal estava em óbvio sofrimento, mas tentava a todo o custo subir mais na encosta.

Subitamente, juntou-se ao compadecimento do antroleo algo mais selvagem, mais feroz, que começou a aproveitar o sentimento de pena de Babaki como uma desculpa para acabar com o sofrimento do animal, crescendo lentamente, sobrepondo-se à consciência do antroleo, até que este o suprimiu. Não. Não seria controlado pelo animal. Não mais. Ergueu-se para assustar o cabrito e não se sentir mais tentado, quando ouviu um rugido vindo de cima, seguido da visão borrada de um corpo que se projectou para cima do cabrito, rebolando com ele pelo chão. Babaki identificou-a como um leão da montanha, que abocanhava a garganta do cabrito moribundo.

Foi aí que o animal veio à tona, apoderando-se do antroleo, cuja visão se avermelhou. Com um rugido possante, atirou-se para cima do puma com um salto prodigioso. O predador só teve tempo de ver a enorme criatura a saltar para cima de si e rebolar com ele pela ladeira abaixo. Os dois engalfinharam-se e lutaram selvaticamente, mordendo

e arranhando e rugindo durante a queda, mas por mais feroz que o leão da montanha fosse, não podia resistir à força e velocidade quase sobrenaturais de Babaki, que rasgou o ventre do animal e lhe arrancou a garganta à dentada. O antroleo celebrou a sua vitória com um rugido e procedeu a cortar e retalhar o cadáver com fúria. Continuou a golpear até nada restar a não ser uma polpa sanguinolenta e rugiu de triunfo. Trepou pela ladeira acima e atirou-se ao corpo do cabrito, que começou a devorar com sofreguidão. Os instintos animais regozijavam-se com o sangrento festim e o antroleo rosnava de satisfação. Quando pouco mais sobrava do cabrito do que ossos, Babaki ouviu passos e vozes atrás de si, virou-se e deu com sete figuras que olhavam para ele.

Babaki, somos nós! gritou Aewyre, apesar de não ter a certeza se a criatura medonha à sua frente era o seu amigo.

O antroleo parecia ter ficado maior, a sua massa muscular parecia ter aumentado, a sua boca alongara-se num curto e largo focinho e os olhos vermelhos não eram os seus. A sua juba estava eriçada, formando vários tufos pontudos e as suas garras e dentes também haviam aumentado de tamanho e densidade.

Espera. Ele já me viu nessa forma. Talvez me reconheça sugeriu Lhiannah.

Acho melhor não, contradisse Allumno. Talvez fosse melhor imobilizá-lo agora. Dêem-me só o tempo para...

Ele cairá em cima de ti antes que fales, mago. Deixa isto comigo.

A princesa avançou lentamente, proferindo palavras e gestos sossegadores. Babaki arreganhava os dentes, pingando sangue que escorria pelo tufo de pêlos no seu queixo e as suas pernas estavam flectidas, prontas para saltar.

Babaki, sou eu, Lhiannah... Lhiannah a tua amiga O antroleo rosnou. Somos todos amigos, lembra-te?

Babaki não deixava de rosnar, mas a princesa já estava muito perto dele e ele nada fez. Lhiannah decidiu tocar-lhe, para lhe transmitir mais conforto e segurança. Ela própria estava ansiosa, pois estava a dominar uma fera selvagem. Teve uma certa sensação de poder ao sentir que podia dominar aquela selvajaria, e esse pensamento deixou-a algo excitada.

Babaki sentiu-o.

Rápido como um raio, desferiu uma patada na cara de Lhiannah, projectando-a vários metros para trás, e saltou para cima dela, pronto

para a matança, quando uma seta de Quenestil lhe furou o epigastro. O antroleo rugiu e caiu no chão, arrancando a seta e erguendo-se num único movimento, recomeçando o ataque.

Aewyre pôs-se entre o antroleo e Lhiannah, temente da fúria inexorável que se aproximava dele. Babaki rasgou o ar com as garras, falhando a cara de Aewyre por milímetros, e rasgou para cima com o outro braço, raspando a couraça. Como se tudo fizesse parte de um contínuo movimento, levou o pescoço à frente para abocanhar a garganta do humano, que se defendeu com o escudo, estocando a barriga do antroleo com a sua espada. Com uma força descomunal, Babaki sacudiu o braço que mordida, levando Aewyre ao chão e reabrindo a ferida fria no seu flanco com as garras. O guerreiro gritou de dor e desferiu uma pancada no maxilar de Babaki com o punho de Ancalach, que foi seguida de outra seta de Quenestil e um golpe de martelo de Worick, que atingiu o antroleo nos rins. Sem lhe dar descanso, Allumno lançou sobre a criatura uma rajada de cascalho em brasa, queimando o pêlo de Babaki, que dardejou para fora do alcance do grupo a uma velocidade impossível de acompanhar.

Muito depois da partida do seu amigo transformado, os companheiros ainda estavam nas mesmas posições, especados a olhar para o lugar onde Babaki desaparecera. Só Worick se mexia, debruçado sobre a princesa.

Cachopa, fala comigo! Allumno, Aewyre, ela não se está a mexer! gritou o thuragar.

Não te preocupes disse por fim o mago. E não lhe mexas. Ela já se vai conseguir mexer outra vez se esperares. O golpe do Babaki foi muito forte...

E se ele lhe partiu...?

Não lhe mexas disse o mago enfaticamente num tom imperativo.

O thuragar largou o corpo inerte da sua protegida e afastou-se para dar caminho a Allumno, que se ajoelhou perto de Lhiannah e lhe verificou o pulso. Um gemido confirmou o que dissera.

Não lhe mexam que ela já se vai conseguir levantar. Aewyre olhou para o guerreiro, acho que temos um problema...

Então os outros vão procurar o Babaki e tu ficas a vigiar-me? Não percebo... És o melhor batedor do grupo e a tua proeza com o arco vale mais contra ele que as adagas do Taislin disse Slayra, esfregando as mãos amarradas por detrás das costas.

Isso era o que tu querias. Não me fio em burriks para nada, quanto mais para tomar conta de ti.

E o que te faz pensar que serás melhor guardião que o Taislin? inquiriu a eahanoir.

Finne aefeil tuo nomenc atha disse Quenestil secamente. Seguiu-se um silêncio asfíxiante. Quenestil já dissera antes que a sua flecha tinha o nome de Slayra, mas dito na sua língua assumia um significado bem mais sério. O juramento dos eahan era bem conhecido por toda a Allaryia, e geralmente queria dizer que o eahan que o proferia perseguiria a pessoa em causa até à morte, dia e noite, até ao fim.

O shura acabou de fazer o jantar na lareira do isbá, que irradiava o precioso calor que os protegia do gélido vento nocturno da montanha. Os toros empilhados crepitavam, soltando a ocasional faísca, que fulgurava pelo ar só para se extinguir tão rapidamente como se acendera. Uma e outra perduravam teimosamente, recusando-se a prescindir do fogo, mas cedo ou tarde cessavam de arder como as outras.

Sabes, acho que as fagulhas são como as pessoas disse Slayra por fim, como se tivesse esquecido as palavras de Quenestil. Efémeras como a vida... A mais brilhante arde mais depressa, mas destaca-se das outras e deixa a sua marca. Há sempre as que brilham e se agarram à chama por mais tempo, apesar de se apagarem mais cedo ou mais tarde. Quenestil olhou para a eahanoir, perplexo. No entanto, uma centelha brilhante apaga-se tão facilmente como uma centelha fraca. Slayra enfatizou o que disse, pisando uma faísca fulgurante antes de esta chegar ao chão. Eu sei disso muito bem concluiu, convicta.

Quenestil continuou a olhar, sem nada dizer.

E o que tanto um como o outro deixaram para trás explicou a eahanna negra enquanto esfregava o chão para apagar a fuligem que a brasa quente deixara no soalho de madeira pode ser apagado.

E o que queres dizer com isso é...?

Nada. Estava só a quebrar o gelo assegurou Slayra, levando os cabelos para trás com um delicado movimento do pescoço.

Quenestil abanou a cabeça, murmurando qualquer coisa sobre crise existencial e continuou a fazer o jantar, mexendo os pedaços de carne no guisado. A eahanoir observava cada movimento atentamente, como se estivesse a estudá-lo. Quenestil ignorou-a e serviu o guisado em duas taças de madeira.

Como com os pés?

Quenestil suspirou, atou-lhe as pernas a uma coluna de madeira, desatou-lhe as mãos e voltou a atá-las à frente. Ia dizer qualquer coisa, mas foi interrompido.

Já sei, "a minha flecha tem o teu nome"... parafraseou Slayra com uma voz jocosamente grossa. Bom apetite.

Ambos comeram o seu prato e Slayra repetiu, alegando que os ares da montanha lhe davam fome. Quenestil ficou a testar o fio do arco enquanto a eahanoir comia.

Por que me salvaste? perguntou finalmente Quenestil.

Por que me salvaste tu? retorquiu a eahanna negra com uma colherada de guisado na boca. Quenestil ficou mais uma vez silencioso e Slayra continuou a observá-lo enquanto comia.

A cabeleira ruiva do shura parecia parte das chamas da fogueira, e o brilho do fogo rutilava-a. O vento que soprava por entre as frestas das paredes do isbá causava correntes de ar, que faziam com que fios do cabelo de Quenestil esvoaçassem ligeiramente, parecendo labaredas. Finalmente, o eahan pareceu fartar-se de ser olhado.

O que há em mim tão digno de observação? perguntou. Já vi que não gostas que olhem para ti. Deve ser por seres tão solitário...

Quenestil suspirou. O que estaria ela a preparar? Assim que Slayra acabou de comer, o eahan foi lavar os pratos com terra, erva seca e neve. Quando voltou, a eahanna negra já se havia aconchegado na coluna e dormia profundamente. Ou estaria a fingir? Hesitantemente, Quenestil aproximou-se dela e ajoelhou-se à sua frente, ficando a observá-la nessa posição. Desembainhou a sua faca e aproximou a ponta à base do nariz de Slayra, para ver se ela *franzia os olhos*, o que não sucedeu. Mais tranquilo, embainhou a arma e olhou para ela. Até uma assassina fria e cruel como Slayra ficava com uma expressão inocente ao dormir. Até Worick, lembrou-se com um sorriso.

Dormia pacificamente e Quenestil invejava-a por isso. Quando se vive nos bosques, não se pode dormir assim, é preciso estar sempre pronto para um ataque e qualquer descuido significa a morte. Sempre fora assim que o seu pai o educara, e o pai do seu pai, e o pai do pai do seu pai. Eram esses os ensinamentos dos eahan da montanha. Nem quando estava acompanhado conseguia dormir profundamente, e raras eram as vezes em que tinha companhia.

A tranquilidade que Slayra transmitia e a aparente inocência tocaram Quenestil, que de repente viu a sua mão a aproximar-se da cabeça

de Slayra, cada vez mais perto... lentamente... devagar...
até que tocou os seus cabelos negros.

Repentinamente, a eahanoir acordou, levando a mão instintivamente à sua faca que não estava no sítio habitual. Quenestil recuou como se tivesse posto a mão no fogo, caindo desajeitadamente no traseiro.

Que fazes? perguntou Slayra, irritada.

Estava... pareceu-me ver algo a rastejar para a tua cabeça.

A eahanoir ergueu o sobrolho, levantando o queixo e abrindo a boca de seguida como se tivesse percebido.

Estou a ver... sorriu e deitou-se satisfeita.

Quenestil levantou-se, repreendeu-se pelo seu acto, foi para o outro lado da sala e olhou para fora através de um buraco na parede. Reparou que pequenos pontos brancos esvoaçavam pelo ar e se aglomeravam no chão. Estava a nevar.

"Parece que afinal não são só os eahan da montanha que têm sono leve." Reconfortou-se para desviar os pensamentos.

Taislin já não sentia os dedos dos pés. A neve encharcara-lhe as botas e o vento cortante teimava em abrir caminho por entre as peles que o cobriam. Experimentou tocar na ponta do seu nariz, mas nada sentiu a não ser um bocado de carne gelada ao toque.

Allumno! gritou com a sua vozinha estridente para se fazer ouvir no meio da tempestade. Se não fazes algo agora, morremos todos congelados!

O trilho errático que Babaki deixara levava os companheiros a subir mais na montanha. Só ao entardecer se aperceberam do erro em ter autorizado Quenestil a guardar Slayra. Os pequenos flocos de neve que haviam começado a cair haviam intensificado e ameaçavam uma tempestade, coisa com a qual o eahan saberia muito bem lidar. Quando Aewyre começava a pensar que talvez fosse melhor retroceder, já as saraivadas de vento e neve os vergastavam com fúria.

Bah! exclamou Worick, com pedaços de gelo a penderem-lhe da barba. Vocês, os burriks, teriam frio até no cerne de Allarya! Toca mas é a andar ou aqueço-te o traseiro com o meu martelo!

Vamos todos morrer se continuarmos! protestou Taislin à beira do desespero.

Aewyre ergueu a mão, parcamente visível no meio da nevasca.

Ele tem razão! Vamos procurar um abrigo e acampamos durante a noite.

Com a exceção de Worick, todos obedeceram sem objecções e procederam a procurar um local abrigado da implacável tempestade. Encontraram uma pequena gruta e lá montaram o acampamento. O mago estava bastante fatigado e tinha frio, pelo que Lhiannah, já recuperada da pancada do antroleo, fez um fogo com a ajuda de Worick e Aewyre preparou-lhe um chá. Lentamente, a atmosfera na caverna foi aquecendo e tornou-se num ambiente agradável.

Antes de se deitar, Aewyre verificou o ferimento infligido por Babaki. As garras do antroleo haviam rasgado a túnica de couro que lhe cobria o flanco. Babaki ferira-o no mesmo local que a espada negra perfurara e o guerreiro deixara de sentir o bizarro frio desde então.

"Estranho...", pensou, acabando por adormecer, exausto.

Taislin foi incumbido de vigiar. O burrik odiava essa função, pois aborrecia-se facilmente, acabando sempre por adormecer a afiar as suas facas e adagas.

Levantou-se, pois, e explorou as redondezas. Reparou que a caverna não acabava onde pensara, antes continuava por um caminho não mais obstruído por estalagmites, que jaziam partidas no chão. Taislin investigou os destroços e encontrou manchas de sangue que não eram de todo velhas. Empurrado pela insaciável curiosidade e imprudência características da sua raça, continuou em frente, munido de duas adagas. O túnel era escuro como breu, mas a visão felina de Taislin permitia-lhe orientar-se pelo caminho sinuoso sem bater contra as paredes rugosas. O único ruído eram os pingos de água das estalactites, mas pareceu-lhe ouvir uma respiração pesada mais adiante. Empurrado pela curiosidade, continuou, até que deu com uma forma enrolada no fim da caverna. A forma mexia-se, parecendo tremer e respirava de maneira ofegante. Imprudente como sempre, Taislin avançou, acabando por pisar um monte de calcário, a base de uma futura estalagmite. O ruído que provocou pareceu acordar o que quer que estivesse enrolado, pois o burrik viu de repente dois pontos brilhantes na escuridão. Estacou e não respirou sequer na esperança de que a criatura não o tivesse visto, mas esta ergueu-se, rápida como um relâmpago e, com um rugido, agrediu o burrik, projectando-o vários metros atrás.

Que foi isso? perguntou Slayra.

Um rangido que viera lá de fora despertara Quenestil e a eahanoir, que se tentou levantar, mas ainda estava atada à coluna. Quenestil levou o indicador aos lábios e avançou silenciosamente para a porta.

Era natural que a velha habitação rangesse. O eahan até se admirava com o facto de ela ainda não ter desmoronado em cima deles, e um rangido era perfeitamente de esperar. Mesmo assim, pegou no seu arco e em duas flechas pelo caminho. A sua comprida faca nunca abandonava a bainha. Slayra estava inquieta, mas Quenestil sabia que, para além do vento, podia ser que um animal estivesse à porta. Talvez um cabrito atraído pelo cheiro...

A porta partida que Worick reposicionara foi despedaçada por um possante golpe vindo de fora. Lascas e farpas de madeira voaram pela sala, acompanhadas por flocos de neve que a ventania trouxe consigo e uma figura de grande porte atravessou a entrada. A sua monstruosa silhueta foi delineada pelo luar, bem como um enorme e reluzente machado de gume duplo, e a sua respiração condensada saía-lhe em arquejantes bufidos enquanto se agigantava à porta, barrando a saída.

Com um rosno, Quenestil deixou a sua seta voar e esta alojou-se bem no peito da criatura, que estacou primeiro e recuou depois, crispando os dedos na haste da flecha e grunhindo de dor. Alguém atrás dela empurrou-a para a frente e a criatura emitiu um grunhido agudo ao cair de frente em cima da seta cravada no peito, partindo a haste e enterrando a ponta ainda mais na sua carne.

Slayra gritou qualquer coisa, mas a comprida faca de Quenestil aparecera na mão do eahan e este já estava em pleno voo, cobrindo a distância que o separava da criatura que empurrara a outra com um prodigioso salto. O seu adversário bramiu, completamente indiferente ao companheiro caído, e levou o machado acima para cortar o eahan ao meio, mas a entrada era pequena demais para a sua enorme arma e o machado colidiu com os batentes da porta. Esse breve segundo de atrapalhamento foi o suficiente para Quenestil investir como uma cobra, espetando-lhe a faca no estômago exposto.

O grunhido agudo e o odor do seu adversário confirmaram o que o eahan já sabia.

Boaroars! gritou ao empurrar a criatura para fora. Depressa! Temos de sair daqui!

O quê? Boaroars...?

Quenestil não a deixou terminar a frase, correndo para perto dela e cortando as cordas que a prendiam com a sua faca. Puxou-a para o lado oposto à porta e indicou a janela. Lá fora, ouviam-se grunhidos e roncamentos enquanto os boaroars tentavam tirar o companheiro mortalmente ferido da frente.

Vai! Salta!

Slayra hesitou momentaneamente, mas não era nenhuma novata em situações de perigo e assim fez, atravessando as persianas de madeira podre com estrépito abafado pelos grunhidos dos boaroars que entraram na sala. Quenestil atirou o arco pela janela e enfrentou-os, rosnando.

Slayra caiu num banco de neve que se amontoara em redor da casa e estrebuchou para fora dele, olhando em redor, esperando ver-se cercada por várias daquelas monstruosas formas. Ouviu um rosno atrás e acima de si e virou-se a tempo de ver Quenestil a voar através do que sobrara das persianas. O eahan caiu um pouco mais além do monte, mas rebolou rapidamente para uma posição acocorada, empunhando uma flecha numa mão e a sua faca na outra, olhando em redor. Parecia tudo normal, até que começaram a cair pedras e blocos de neve sólidos da ladeira que ladeava o isbá. Os dois ouviram então outros bramidos e sentiram um ligeiro tremor.

Avalanche! gritou Quenestil, pegando no arco caído. Anda, conheço o terreno!

O eahan puxou Slayra e levou-a para além do isbá, em direcção a um enorme pedregulho que providenciava um abrigo aparentemente sólido e mais resistente que o edifício onde haviam estado. Os dois aconchegaram-se lá dentro e Quenestil, inconscientemente, abraçou Slayra e empurrou a cabeça da eahanna contra o seu peito num gesto protector.

A vaga de neve abateu-se sobre o pedregulho, devastando tudo à volta e escorrendo por cima dos dois como águas tempestuosas num furioso mar branco.

Taislin caiu violentamente e rebolou pelo chão até bater com as costas contra a parede. Antes de se ter sequer recuperado do impacto, já a criatura estava sobre ele. Pareceu ficar surpreendida pelo facto de o burrik não se mexer, mas rugiu mais uma vez e bateu com o seu pequeno corpo contra a parede, bateu outra vez e trouxe-o perto da sua cara. Apesar da escuridão, Taislin tinha a sensação de estar a ver tudo à roda e a única coisa que sentia era o sangue a escorrer pela sua cabeça e o hálito quente e húmido da criatura, que rosnava. Procurou as suas adagas, mas elas haviam caído. De repente, ouviu um ronco que denunciava a abertura da boca da criatura. Desesperado, o burrik cerrou os punhos, ouvindo um ruído agudo vindo do seu punho direito, e começou a bater na criatura, que rugiu ao primeiro golpe e o atirou ao chão. Atordoados, Taislin pensou que não seria capaz de se

mexer mais, mas o ruído de passos atrás de si deu-lhe forças para rastejar apressadamente de costas. Os pontos brilhantes começavam a cerrar-se e o burrik pôde dizer que a criatura cambaleava. Quando os companheiros chegaram, munidos de tochas, Taislin viu o seu adversário.

Babaki.

O antroleo estava na sua forma normal e respirava a custo.

Estás bem, Taislin? perguntou Lhiannah, ajoelhando-se e levantando o burrik pelos cotovelos.

Acho que sim... afirmou com uma voz trémula.

Aewyre e Worick circundavam o corpo caído de Babaki com as armas em punho. Constataram que estava inconsciente.

Como fizeste isto? perguntou Worick, visivelmente surpreendido.

Face à pergunta, o burrik despertou para a sua verdadeira personalidade, ergueu-se e falou, numa pose orgulhosa.

Bem, o Babaki atacou-me. Estão a ver, estava enorme, mais alto que o tecto da caverna...

Diz-me como o fizeste ou ao tecto da caverna vais tu parar ameaçou o thuragar, rapidamente repreendido por Lhiannah.

Taislin amou, mas bastou uma festa e um pedido da princesa para ele continuar.

Como estava a dizer, mais alto que o tecto da caverna, e com dentes do tamanho daquelas estalagmites...

Taislin, sem exageros, por favor pediu Lhiannah delicadamente.

Não é exagero! Atacou-me, tirou-me cobardemente as armas enfatizou a acção arreganhando os dentes e fazendo movimentos circulares com as mãos em forma de garras e tentou abocanhar-me a garganta! Mas eu cerrei os punhos e dei-lhe um murro, e outro, e outro... Taislin desferia socos no ar e ele caiu prostrado a meus pés. Colocou-se numa pose vitoriosa, apesar de vacilar visivelmente devido à tontura.

Taislin... disse Aewyre. Primeiro, não é nenhum monstro, é o nosso amigo Babaki. O burrik corou. Segundo, vais dizer-me que com os teus punhos do tamanho dos olhos dele o derrubaste? Poupa-me...

Mas é verdade! tornou o burrik a protestar. Ao primeiro murro levou o punho à frente da cara, o Babaki caiu. Foi o que aconteceu! Juro!

Os companheiros olhavam entre si, até que Allumno se meteu na conversa.

Que tens na mão? perguntou o mago.

Taislin observou o seu punho e constatou que o seu anelar sangrava. Não... o sangue era de Babaki e fora vertido pela pequena lâmina do seu anel.

Onde arranjaste esse anel? inquiriu Allumno, subitamente preocupado.

... roubei-o à Slayra... confessou o burrik, olhando para o chão de mãos atrás das costas e cruzando os pés, envergonhado.

Pelas profundezas de Asmodeon, o que fizeste? Um anel de ehanoir, isso tem certamente veneno! Depressa, tragam o Babaki para a fogueira! disse Allumno, imperativo.

Os companheiros carregaram o pesado corpo do antroleo e Taislin ficou para trás, sempre a fitar o seu punho cerrado com um olhar desapontado. Babaki não corria risco de vida, pois o veneno não parecia ser mortal, mas fora o suficiente para o deixar inconsciente.

E quando ele acordar perguntou Worick após um longo silêncio, que faremos?

Ninguém soube responder à pergunta.

Urabag estocou a imensa massa de neve por baixo dos seus cascos com a sua comprida lança. Puxou-a para cima e, não vendo nenhum sangue, continuou a espetar. Era uma enorme criatura, com corpo humanóide de pêlo castanho-escuro e uma cabeça parecida com o focinho de um javali. Envergava uma armadura de couro, coberta por uma grossa pele de urso e empunhava a sua lança de haste grossa com orelhas e dedos humanos atados na ponta. Arreganhou as presas e abanou a crina hirsuta, irritado com o monótono trabalho, e os seus três companheiros fizeram o mesmo. Cheirava a eahan, todos o sentiam, e os dois haviam-se abrigado algures por ali. Era sempre trabalhoso encontrar vítimas de uma avalanche, mas era preferível ter dois eahan soterrados que dois a fugir. Era só uma questão de tempo até os encontrarem... Espetou a lança mais uma vez e uma vez mais a puxou. Estava prestes a tornar a enfiá-la quando reparou num pormenor.

A ponta estava manchada de sangue.

A neve elevou-se aos pés de Urabag e este ouviu a corda de um arco a vibrar, sentindo uma estranha impressão na garganta e constatando que o ar não estava a entrar nos seus pulmões. Antes de sequer perceber o que havia acontecido, as suas pernas cederam e Urabag

caiu gorgolejante, agarrando a flecha na sua garganta durante os seus últimos segundos de vida. Os seus companheiros bramiram e prepararam-se para arremessar as suas enormes lanças, mas o eahan saltou para o lado de modo a evitar os mísseis, largando o arco. Com bramidos de guerra, os humanóides tiraram os seus machados e investiram contra Quenestil, que acabara de gastar a última flecha. Um dos boaroars tropeçou, mas o shura esqueceu-o e concentrou-se nos outros dois, que se aproximavam rapidamente. Quenestil era experiente a lutar contra oponentes armados de machados. Sendo armas pesadas e lentas, bastava normalmente esquivar-se e investir para vencer quem as empunhasse. Mas eram dois, Quenestil tinha um corte de lança no ombro e estava encharcado de neve, tremendo e lançando bafejos arquejantes e condensados. Não seria fácil, concluiu, desembainhando a sua comprida faca. Tocou no dente de carcaju do seu colar e pediu a ferocidade ao seu irmão de sangue.

O boaroar que tropeçara sentiu algo a agarrar o seu pé e olhou para trás, vendo a neve a elevar-se e distinguindo uma figura humanóide. Figura essa que lhe golpeou o tendão com o canto da mão, lançando espasmos de dor pela sua perna acima. A figura negra saltou então para cima da sua vítima, mas os boaroars não eram de todo fracos e este golpeou Slayra com o braço direito, desviando-a da sua trajectória. Tirou o machado e usou-o para se levantar, enfrentando a eahanoir. Slayra sabia que o boaroar manquejava, e iria explorar essa vantagem. Vendo a sua adversária desarmada, o boaroar coxeou na sua direcção, girando o machado desafiadoramente. Subitamente, ergueu a arma, avançou a perna boa e levou o machado abaixo, pretendendo rachar a eahanna negra ao meio. Slayra previra este movimento, por isso girou em si, evitando o golpe, que aterrou inofensivo na neve, baixou-se e desferiu um pontapé ao lado da perna do humanóide, que se partiu. O boaroar urrou de dor, largou o machado e levou a mão ao joelho. Foi o último erro que cometeu antes de Slayra lhe agarrar as cerdas da crina e partir o pescoço com um puxão e uma joelhada no enorme maxilar num único movimento coordenado. Para se certificar, a eahanna negra desnucou-o ainda, empurrando o pescoço, que protestou com uma cacofonia de estalos e rangidos, e puxando a cabeça pela crina. Havia aprendido a estar sempre certa da morte da sua vítima...

Quenestil desviava-se constantemente das machadadas dos boaroars, que sabiam manejar bem as suas armas. O eahan supôs que se tratassem de guerreiros de elite da tribo, pois este tipo de humanóides

era em geral desajeitado e davam pouco trabalho a vencer, o que não era o caso dos dois espécimes que o tentavam talhar à machadada. Com agudos grunhidos de porco giravam e investiam com os seus machados, não dando a Quenestil qualquer hipótese de contra-atacar, mesmo estando este possuído pela ferocidade do carcaju. Para piorar as coisas, o terreno coberto de neve era demasiado macio e traiçoeiro e todas as árvores estavam soterradas, o que não lhe dava oportunidade de conseguir que um dos brutos cravasse a sua arma num tronco ou que Quenestil pudesse trepar. De repente, viu uma abertura no meio de dois golpes de machado alternados e, rosnando, decidiu atirar-se de frente ao chão para evitar um outro golpe lateral que supôs se encaixar no encadeamento de movimentos. Não pôde verificar se estava certo porque deu uma cambalhota no chão e, num único movimento, ergueu-se e estocou em frente, trespassando a garganta do boaroar.

Retirou a faca rapidamente e virou-se para confrontar o outro que, inesperadamente, já se encontrava a uma curtíssima distância de Quenestil. Curta demais para usar o machado, pelo que o boaroar optou por usar o seu massivo punho, que embateu violentamente contra a cara do shura, que caiu estonteado. O boaroar pegou no seu machado e ergueu-o para desferir o golpe final. Quando a cabeça da sua arma tocou na sua nádega, o boaroar tomou impulso com o ventre para dar mais força ao golpe, para partir o insolente eahan ao meio, quando sentiu algo afiado na jugular. Slayra sorriu e preparou-se para afundar a lâmina que tirara ao boaroar morto, mas hesitou. Era muito rápido, muito indolor, muito previsível... Quando o boaroar deixou o machado cair, ocorreu uma ideia a Slayra, que a achou genial demais para não ser aproveitada.

Quenestil! Levanta-te!

O eahan levou a mão com neve ao nariz que pingava sangue enquanto se erguia, abanando a cabeça para afastar a tontura e viu o boaroar entre a vida e a morte, numa situação na qual a faca de Slayra era a ponte entre as duas. A eahanoir viu que Quenestil estava numa espécie de júbilo de luta, e achou que a altura era propícia. Inesperadamente, empurrou o boaroar para a frente e Quenestil sentiu-se atacado. Com um rosno animalesco, orientou a ponta da sua faca para dentro do estômago do humanóide, que grunhiu de surpresa e dor quando o eahan lhe rasgou a barriga com um movimento brusco, despejando-lhe as entranhas para fora. O boaroar caiu de frente com um grunhido agonizante e contorceu-se aos pés de

Quenestil nos seus últimos momentos de vida, fumegando da ferida cujo sangue quente escorria pela neve, derretendo-a e escurecendo-a. Vendo o inimigo morto, Quenestil pareceu despertar da possessão pelo espírito do carcaju e, ao contemplar o seu sangrento feito, esmaeceu.

Salvaste-me outra vez e mais uma vez te salvei eu. Continuamos quites... disse Slayra, sorridente.

Após breves momentos de choque, Quenestil teve um surto de raiva e descarregou-o em cima de Slayra. Agarrou-a pelo braço, atirou-a ao chão e encostou-lhe o gume da sua faca cruenta e viscosa de fluidos intestinais à garganta.

Maldita! Por que fizeste isso? Ele já não representava nenhuma ameaça para nós! Estava indefeso!

És louco? protestou Slayra. Eles tentaram matar-nos!

Isso não dá razão alguma ao que fizeste!

O que farias tu então? Ias fazer dele prisioneiro? Como eu? Slayra deu uma joelhada nas costelas de Quenestil e inverteu a

posição, colocando-se em cima dele, pegando no seu pulso e ameaçando-o com a ponta da sua própria faca.

Prisioneiro como eu? Para depois o salves e o alvejares com uma seta se ele te salvar a ti? Ha? Era isso que querias? Era?

Quero que ardas nos Infernos! gritou Quenestil quando a afastou violentamente com o braço.

O eahan ergueu-se e confrontou a eahanna negra, que ainda empunhava a sua faca.

Muito bem, se é assim que o queres, vamos a isto desafiou Slayra.

Quenestil tinha os punhos cerrados, mas foi lentamente aliviando o aperto.

Não vou lutar contigo disse por fim, procedendo a revistar o cadáver a seus pés, ignorando a eahanoir que ergueu o sobrolho e levantou os braços como para exigir explicações. Finalmente, atirou a comprida faca ao chão e fez como ele. Os dois encontraram carne salgada e tubérculos, bem como peles e armas, mas como nenhum gostava de ou sabia usar machados, partiram-nos e cortaram-nos para usar a madeira.

Está frio, e ainda faltam muitas horas para amanhecer disse Quenestil, passando o polegar pelo gume da sua faca, que ficara embotado de cortar os grossos cabos dos machados. E vem aí uma tempestade. É melhor prepararmo-nos.

Slayra nada disse, mas tremia de frio. Os dois haviam sido soterrados por uma enxurrada de neve e, apesar de protegidos pelo pedregulho, por pouco não haviam sido completamente enterrados. A neve dentro e fora das suas roupas começava a derreter friamente.

Tira as roupas, senão vais congelar aconselhou Quenestil. Slayra não respondeu e o eahan começava a ficar com a impressão de que falava sozinho, por isso nada mais disse e pensou em preparar um abrigo para a noite. Não se preocupou com a sua roupa, pois sabia que a pele do seu irmão carcaju não congelaria. Considerou procurar um sítio mais propício para dormir durante uma tempestade, mas já começara a nevar e aquele local era tão bom como qualquer outro, por isso o eahan atou a cunha de um machado à ponta do cabo que partira e usou-o como uma pá improvisada para escavar um abrigo na encosta coberta de neve. Slayra ajudou-o, mas não trocaram palavras.

Sabes, não há corda que te esteja a prender agora. Podes fugir.

E morrer na tempestade? Não me parece... retorquiu a eahanoir, enterrando profundamente a pá improvisada.

Nada mais disseram até encontrarem uma reentrância na rocha e tirarem a neve lá de dentro, após o qual forraram o interior com peles.

Não era melhor fazermos um fogo? inquiriu Slayra, tremendo.

Seria imediatamente apagado. Também não o podíamos pôr dentro do buraco, ou correríamos o risco de ficar soterrados de neve. Além do mais, não quero atrair mais boaroars com fumo.

Slayra nada acrescentou, mas os seus dentes tiritantes falaram por ela.

Quando começou a nevar com maior intensidade, os dois eahan entraram no abrigo improvisado, Slayra tirou a sua capa molhada e aconchegaram-se como puderam com as suas peles e as dos boaroars. Estava escuro como breu dentro do buraco, e o único ruído era o da nevasca lá fora, que se sobrepunha ao da respiração de ambos. As peles dos boaroars cheiravam pessimamente, uma mistura de ranço e fezes de animal e providenciavam um calor húmido, incomodativo, mas sempre era preferível ao frio cortante. Quenestil e Slayra mantinham-se em constante movimento, sem conseguir encontrar posição e tentavam manter-se quentes. Os dois tremiam incontrolavelmente de frio, que entrava pelo abrigo adentro e penetrava nas peles, enregelando-os até aos ossos.

T-temos de acender um fogo disse Slayra, tiritando com os dentes.

J-j-já te disse q-que n-não dá. Ag-agora é imp-possível, c-com esta tempestade.

Inconscientemente, os dois abraçaram-se, tanto um como o outro procurando absorver o calor do seu companheiro, como dois lagartos a estender-se numa rocha aquecida pelo sol. Era mais confortável assim, mas os dois ainda tinham frio, e faltavam várias horas até a manhã chegar.

P-pelos deuses, est-tou a c-c-congelar protestou Slayra, esfregando-se contra o também frio corpo de Quenestil, que a envolvera nas suas peles cobertas por flocos de neve. Quenestil nada disse, até que sentiu algo nos seus lábios roxos e enregelados, algo que lhe causou uma espécie de formigueiro quente e agradável, até que ele se apercebeu do que era.

Que fazes, mulher? perguntou, afastando-a bruscamente.

Não sejas cretino! Estou a tentar aquecer-nos!

Slayra aproximou-se, envolveu o pescoço de Quenestil com os seus delicados braços e beijou-o tremulamente, na testa, nos olhos, na face e na boca. Vendo a hesitação dele, bateu-lhe no peito.

Maldito sejas com os teus preconceitos! Aquece-me também ou morremos os dois! gritou.

Relutante primeiro, o eahan fez como ela, abraçando-a, acariciando-a, beijando-a, até que se deixou envolver naquele ritual de contactos apaixonados. O sangue recomeçou a correr-lhes nas veias e os dois deixaram-se levar pelos seus instintos. Na escuridão total do abrigo, uniram-se um ao outro, protegidos do frio pelo fogo que ardia dentro de ambos.

Quenestil acordou cedo. Sempre fora madrugador. Começou a destapar-se, mas o frio que entrou pelas peles de urso que o cobriam fê-lo mudar de ideias. A luz amarelenta do sol entrava no buraco e batia na sua cara, pelo que o shura a cobriu. Assustou-se ao ver Slayra a seu lado, como se se tivesse esquecido da sua presença. Fitou a eahanoir que, como sempre, tinha uma expressão de inocência imaculada nas faces enquanto dormia. Sentiu-se mais uma vez tentado a afagar-lhe o cabelo, mas lembrou-se da última vez que o fizera e hesitou. Recostou-se na almofada de pele e pensou na noite que passara. Os seus actos pesavam-lhe na consciência, pois apesar de terem sido feitos em prol da sobrevivência, o ajuntamento carnal era visto pelos eahan, excepto os negros, como um acto bárbaro e primitivo que só devia ser efectuado a bem da reprodução, nunca por

prazer. Quenestil tentou constantemente desculpar-se, justificando o que havia feito, mas acabava sempre por se reprimir. Quando Slayra se começou a mover, julgou que já era seguro tirar as peles, mas a eahanoir pôs o braço por cima do seu peito e aconchegou-se ao seu tronco. Meio embaraçado, pensando no que ela faria ao acordar, Quenestil tapou-se outra vez e tentou voltar a adormecer, mas ficou acordado durante as horas seguintes. Finalmente, a eahanna negra começou a mexer-se, por isso Quenestil aproveitou para remover o braço dela de cima de si e tirar as peles para ter a certeza de que ela acordaria de vez. Slayra abriu os olhos, pestanejou e bocejou enquanto se espreguiçava, aparentemente alheia à presença do shura ao seu lado.

Estamos vivos constatou a eahanoir, puxando o cabelo para trás das orelhas de pontas curvas.

Pois... confirmou Quenestil, coçando a cabeça. Seguiu-se um silêncio desconfortável e ambos se afastaram um do outro discretamente. Quenestil saiu do abrigo com uma pele aos ombros e vergastou com um pau a capa de Slayra, que estava coberta por uma camada de gelo. A eahanoir tirou uns tubérculos do despojo dos boaroars e, já vestidos, os dois partilharam uma refeição silenciosa e sensaborona, após a qual saíram do abrigo, constatando que a paisagem em redor havia sido coberta pela neve.

Já passou a tempestade observou o eahan. O céu está claro e hoje não deve nevar outra vez.

Bem vejo.

Continuas sem cordas que te prendam sugeriu ainda, sem sequer olhar para Slayra, fitando antes a paisagem nívea.

E continuo perdida.

Ambos foram ao local onde antes estivera o isbá, na esperança de recuperarem alguma coisa, mas a estrutura fora completamente arrancada pela avalanche e por ela arrastada até ao sopé da montanha, pelo que não conseguiram encontrar nada.

Isto é mau reconheceu Quenestil. É preferível voltarmos a Llen para comprar provisões...

Mas que fazemos agora? perguntou Slayra.

"Boa pergunta. Onde estão os outros? Espero que tenham encontrado o Babaki... mas e se o encontraram?", pensou o eahan, preocupado.

A CARAVANA

Aewyre e os outros desciam pelo acidentado carreiro, morosos e cansados com as capas e peles a esvoaçarem ao sabor do vento da encosta. Babaki era o próprio silêncio e não tirava os olhos do chão. Lhiannah caminhava a seu lado e olhava tristemente para ele, vendo que o antroleo não ousava retribuir o seu olhar, remoendo-se de culpa.

Matem-me, por favor pedira Babaki ao acordar na caverna.

Ninguém respondera, apenas Lhiannah negara esse pedido furiosamente, insistindo que haveriam de encontrar maneira. Babaki não” parecia acreditar, mas deixara-se convencer a continuar com os companheiros.

Os pensamentos e as cismas de cada um foram interrompidos quando chegaram ao local onde o isbá deveria estar e contemplaram uma cena de destruição branca. Parecia que a ladeira inteira havia desmoronado.

Deuses, Quenestil! gritou Aewyre, principiando a correr para os destroços que a neve arrastara e os outros seguiram-no, tropeçando e escorregando na neve. Quenestil!

Shhh! sibilou alguém detrás de umas rochas arrastadas pela avalanche.

Os companheiros olharam na direcção da voz e viram Quenestil a fazer moção que viessem esconder-se. Assim fizeram, saltando por cima da rocha e refugiando-se na depressão que o enorme pedregulho cavara.

Quenestil, o que...?

Shhh! silenciou-o mais uma vez o eahan. Slayra estava escondida atrás dele, olhando em redor cautelosamente. O guerreiro preparou-se

para perguntar por que razão a eahanoir estava solta, mas Quenestil falou antes que pudesse voltar a abrir a boca.

Fomos atacados por boaroars durante a noite explicou, falando baixo. Podem vir mais a qualquer momento, agora que a tempestade passou.

Abateu-se o silêncio sobre o grupo e todos levaram as mãos às armas. Criaturas não tão malignas como os drahregs, os boaroars, mas também não menos perigosas.

Temos agora uma decisão a tomar... acrescentou. Voltar para Llen e correr o risco que o Portão do Norte se torne inultrapassável durante semanas, ou atravessá-lo agora com boaroars atrás de nós e com o perigo de mau tempo.

É uma boa barganha de eahanoir... resmungou Worick. Quenestil encolheu os ombros.

Vamos agora decidiu Aewyre. Quero deixar as montanhas para trás o quanto antes. Depois podemos andar descansados nas estradas de Thyr.

Se lá chegares... lembrou Worick. Aqui o Babaki e eu aguentamos bem o frio, mas digo-te que uma passagem nas montanhas com neve não é nenhum bolo de mel...

Só vendo... replicou Aewyre. Vamos então? Allumno abanou a cabeça. Aquele entusiasmo jovial trar-lhe-ia muitos problemas a ele e ao grupo.

Os companheiros desceram pelo carreiro até à estrada do Portão do Norte, apesar do receio de Aewyre de encontrar patrulhas de qualquer tipo que os pudessem identificar, mas estava fora de questão atravessarem as montanhas com neve a não ser pela passagem. A estrada sinuosa ladeada por declives escarpados encontrava-se em bom estado, apesar das pedras espalhadas ao longo da sua extensão. O vento cortante uivava, lúgubre pelas rochas e Quenestil constatou que ele estava a mudar de direcção rapidamente.

Só nos faltava mais neve... lamentou-se, incomodado com a pouca visão do céu que as escarpas lhe proporcionavam.

Como resposta, o eahan sentiu um toque frio na sua bochecha e levou a sua mão à cara. Quase zombeteiro, um floco derreteu-se no seu dedo. Quenestil resmungou, olhando de soslaio para Slayra, mais uma vez amarrada e puxada por Worick. A eahanoir lembrava-se muito bem da previsão do shura de que não nevaria mais e um

breve sorriso apareceu e desapareceu num instante na sua cara, se bem que parecesse estar a pensar noutra coisa.

Os flocos não tardaram a turbilhonar à volta do grupo e os companheiros puxaram os capuzes das capas mais para a frente e aconchegaram-se nas peles. Babaki e Aewyre, os mais altos do grupo, caminhavam à frente para o caso de ser necessário abrir caminho e em breve os ombros largos de ambos estavam cobertos por uma espessa camada de neve. Caminharam assim durante a maior parte do dia, com breves intervalos para comer. Worick bebia golos alegres da amostra de *soyg* de Llen, mas um trago da cáustica bebida foi o suficiente para que cada um dos companheiros jurasse não tornar a fazê-lo antes de se ver deparado com a hipótese de morrer de frio.

Meninas, é o que todos vocês são... resmungou Worick, mas ninguém teve paciência para dizer algo em sua defesa.

Escurecera depressa debaixo dos declives escarpados, mas os raios do sol já haviam começado a desaparecer no céu quando os companheiros ouviram ruídos mais adiante, gritos e rangidos, vozes de vários homens e o ocasional resfolegar de cavalos. Prudentemente, levaram as mãos às armas e avançaram com cautela. Ao virar de uma curva, depararam com o que parecia ser uma pequena caravana.

Três carroças cobertas por lona e com rodas reforçadas por aros de ferro eram puxadas por cavalos cansados, que por sua vez eram assistidos por homens que os puxavam e empurravam os carros. Desses homens, vinte no total, catorze eram adultos, onze dos quais estavam armados e envergavam cota de malha por baixo de capas, e seis eram rapazes, na sua maioria imberbes. Todos se esforçavam por empurrar as carroças pelo carreiro enevoado e ouviam-se praguejos e gritos de encorajamento no meio dos arquejos e bufidos.

Que te parece, Worick? perguntou Aewyre, escondido atrás de um grande pedregulho.

Parece-me uma família de mercadores normal com uma escolta normal respondeu o thuragar, esfregando neve para fora da sua capa.

Que dizem? inquiriu aos outros. Vamos ajudá-los? Ninguém respondeu.

Tu és o líder... disse o thuragar como se estivesse a confirmar que o tempo estava frio.

Muito bem, vamos então. Worick, mantêm-te perto da Slayra e tenta não mostrar que ela é prisioneira. Poderíamos preocupá-los. E levantou-se, principiando a agitar os braços.

Oh, mercadores! gritou e a sua voz ecoou pela ladeira. Quase imediatamente, os onze homens armados viraram-se para trás e formaram uma linha defensiva à frente da última carroça, hasteando as lanças. Aewyre limitou-se a levantar as mãos.

Vimos em paz. Queremos ajudar como pudermos.

Onde estão os outros? berrou um dos guardas, a sua voz acompanhada pelo assobio do vento.

Os restantes companheiros surgiram de trás da curva na ladeira e as lanças pareceram baixar mais e ficar mais apertadas.

Vimos em paz repetiu Aewyre. Somos viajantes e fomos apanhados de surpresa pela neve. Dispomo-nos a ajudar e acompanhar-vos durante o resto da viagem, se assim o desejarem.

Os guardas não saíram das suas posições, excepto um que foi falar com os três adultos que agora empunhavam paus, provavelmente os chefes de família. Os três homens olharam para o grupo, desconfiados.

Temos a nossa própria comida. Não pedimos qualquer pagamento, apenas fogo e companhia acrescentou o guerreiro, compreendendo as suspeitas dos mercadores.

Isso pareceu acalmar um pouco os homens e os três aproximaram-se por fim dos companheiros, escoltados pelos guardas.

Saudações, viajantes disse um deles, um homem com uma capa que ocultava a maior parte do seu abastado corpo, mas que puxou o capuz educadamente para trás. A sua maneira distinta de trocar v por identificava-o como um homem do país vizinho Thyr. Tinha uma cara larga, uma grande boca de lábios finos e cabelos castanho-arruivados. Perdoem a nossa desconfiança, mas devemos sempre ter cuidado na montanha.

Na montanha e em qualquer outro lugar acrescentou o segundo, um homem macilento com cabelo e barba que mais pareciam penas de corvo e olhos desconfiados.

Mas a vossa companhia será bem-vinda admitiu o último, um indivíduo careca, gordo e bonacheirão com bigode e pêra castanhos. Estamos de facto necessitados de ajuda.

Mas onde estão as nossas maneiras? perguntou o primeiro retoricamente. Bravad Vad seria Vrabad Bad, ao vosso dispor.

Kencer Cer apresentou-se o segundo, sem qualquer vénia ou comentário adicional.

Aegys Gys, ao vosso serviço finalizou o terceiro. Somos um grupo de mercadores independentes.

Brakengis é o nome da nossa modesta confraria acrescentou o gordo.

Lidamos no comércio de madeira e carnes continuou o de olhos desconfiados.

Os mais sólidos carvalhos de Nolwyn e as mais suculentas costeletas de ovelha de Thyr finalizou o careca.

Aewyre apresentou-se a si e ao grupo e já não se lembrava dos nomes dos homens quando finalizou as apresentações. Os thyranos tinham nomes bizarros; sendo o primeiro um acréscimo de sílabas ao nome da família.

Queiram permitir-nos ajudá-los, senhores... o guerreiro lembrou-se de não se tentar lembrar dos nomes.

Mas não! negou Aegys, o mercador gordo. Deverão conhecer as nossas famílias.

As carroças... lembrou-lhe Kencer, os seus cabelos pretos já salpicados com flocos.

Disparate! interveio Bravad, dando mostras do tradicional calor humano e boa disposição dos thyranos. Vocês, rapazes, venham apresentar-se! Ó mulher, temos companhia! berrou para uma carroça.

Ouviu-se um clangor vindo de dentro de um dos carros e uma mulher empurrou a cobertura de lona para o lado, empunhando uma grande sertã de ferro.

Companhia? Onde estão eles...?

Não tontinha... riu Bravad. Boa companhia.

Oh... A mulher atirou a sua arma para dentro do vagão, puxou as saias do seu simples vestido azul para cima e um guarda ajudou-a a descer. Queiram desculpar. Enne Vad apresentou-se, erguendo a saia em cumprimento.

Era uma mulher roliça, não gorda, mas de formas arredondadas. Fios cinzentos corriam ao longo do seu cabelo preto e pés de corvo marcavam os seus olhos, mas havia uma graça jovial no seu andar que a fazia parecer mais nova. Atrás dela veio uma fila de crianças saltitantes e em breve as restantes famílias também saíram das suas carroças, rodeando os companheiros como um enxame. Quando Babaki removeu o seu capuz, algumas gritaram e correram a agarrar-se às saias das mães, entristecendo o antroleo e atraindo olhares zangados de Lhiannah.

Um antroleo? exclamou Aegys, esfregando o bigode e aquietando um filho, esfregando-lhe o cabelo. Lembro-me de ter visto dois à pancada na última feira de Loried. Lembram-se, crianças?

Aparentemente, os pequenos lembraram-se, pois tão depressa quanto haviam fugido, em breve se ajuntaram exclusivamente à volta de Babaki, perguntando, puxando e tocando. Aewyre deixou Lhiannah impedir que Babaki fosse sufocado e cumprimentou educadamente as senhoras. E as duas filhas mais velhas, Allumno notou. As duas raparigas, uma de cabelos castanhos e outra com uma cabeleira ruiva já segredavam, olhando indiscretamente para o guerreiro alto e bem parecido, mas em breve todos tiritavam de frio, vestidos como estavam. Kencer foi o primeiro a mandá-las embora.

Vá, agora para as carroças, meninos e meninas. Mulher, leva-os lá para dentro antes que fiquem doentes. Ninguém adivinharia que a mulher do soturno Kencer era uma dócil rapariga loura, bem mais nova que ele. Mulher ou não, levou os seus três filhos para a carroça e as outras famílias seguiram-lhe o exemplo. Agora, se querem ser úteis, ajudem-nos disse, desta vez para os companheiros. O homem não parecia nada thyrano, rabugento e mal-encarado como era.

Olha o respeito, Kencer advertiu-o Aegys.

Com os poderosos braços de Babaki, a considerável força de Aewyre e a resistência e orientação de Worick, o grupo conseguiu pôr as carroças a mexer e os cavalos tornaram a puxar com as coleiras a ranger e a fumar das bocas e narinas. Como já escurecera, os mercadores decidiram apenas conduzir as carroças até uma reentrância onde azevinhos pequenos e encarquilhados serviam de toldo, e onde pararam e tiraram as coleiras aos cavalos. As crianças saíram, agasalhadas com capas e peles, taparam os cavalos com cobertores quentes, penduraram cevadeiras com feno e aveia nos pescoços dos animais e deram-lhes de beber com bacias. Os filhos mais velhos ajudaram os pais a montar dois dosséis debaixo dos quais as famílias e os soldados iriam comer e as mulheres trouxeram os tachos e caçarolas para preparar o jantar. Allumno acendeu a fogueira com um discreto estalar de dedos, que levou de seguida aos lábios como pedido às mulheres para que não o divulgassem. Nenhuma pensou em fazê-lo. As duas filhas mais velhas, Sissa e Jana os seus nomes, pareciam outras quando saíram das carroças, notou Lhiannah com desprezo. A rapariga ruiva entrançara várias madeixas de cabelo, a morena pusera algo avermelhado nos lábios e o vento trouxe o perfume de ambas ao nariz da arinnir. Lhiannah fungou em desdém.

Um sorriso encontrara o seu caminho na cara de Babaki perante a insistência das crianças em brincar e em breve ouviam-se guinchos de prazer quando o antroleo começou a levar os pequenos ao colo e a

atirá-los ao ar com toda a delicadeza de quem mexia em vidro. Slayra e Quenestil mantinham-se isolados e separados um do outro, se bem que o olhar vigilante do eahan nunca a deixasse. O shura tentava convencer-se de que *era* um olhar vigilante.

As mulheres cozinham salsichas para o jantar e fizeram questão de as partilhar com os companheiros, ralhando as duas com Kencer quando este desaprovou. Apenas a mulher do mal-encarado homem não disse nada. As salsichas estavam verdadeiramente boas, temperadas com alecrim e manjerona e souberam deliciosamente aos companheiros, habituados a carne seca. Worick quis partilhar *soyg*, mas os companheiros desaconselharam os mercadores a aceitar e estes declinaram educadamente. O thuragar resmungou e foi para o dossel dos guardas, onde foi bem acolhido e em breve partilhava histórias de lutas e batalhas a pedido de todos.

No dossel das famílias estavam todos quentes e aconchegados uns aos outros num círculo em volta da fogueira por baixo do dossel e com as costas resguardadas pelos cavalos. Crianças estavam ao colo das mães e dos pais e Allumno reparou em como as raparigas mais velhas estavam *especialmente* aconchegadas a Aewyre, rindo quase a cada palavra que ele dizia. Partilhou-se uma rodada de vinho, que foi a origem de vários protestos por parte das crianças, a quem não foi permitido beber e Aegys perguntou se algum dos companheiros sabia tocar ou cantar. Como ninguém respondeu, Slayra ergueu a mão.

Eu sei dançar disse debaixo do seu capuz negro.

Todas as atenções se viraram para a eahanoir. Os companheiros haviam-se esquecido dela e os mercadores haviam dado pouca atenção à figura silenciosa. Quenestil fitava-a mais atentamente que todos.

Se me permitem... continuou, erguendo-se. Worick olhou desconcertado para a corda cortada que prendera Slayra até ver a faca que a eahanoir usara para comer.

Slayra puxou o capuz para trás e ouviram-se duas arfadas, provavelmente mais, e Selenna, a mulher de Aegys, fechou o queixo do seu homem com irritação. Com um brusco bater de capa que agitou as chamas da fogueira, a eahanoir deu a entender que queria espaço e o grupo alargou o círculo à volta da fogueira. Quando julgou que tinha espaço suficiente, Slayra iniciou a dança.

Teshaissa, chamavam-lhe. A Dança da Víbora. Com movimentos sinuosos e lânguidos, a eahanna negra percorreu o círculo à volta da fogueira, oscilando as ancas e desnalgando-se descaradamente a ver das mulheres. Em breve, as três tapavam os olhos das crianças, chamando

a atenção aos maridos para que fizessem o mesmo, mas estes só tinham olhos para Slayra e não *faziam* a mínima tenção de os tapar. Até os guardas abandonaram o seu dossel, deixando Worick e as suas histórias para trás de modo a poderem ter uma boa vista. A dada altura, a eahanoir tirou a capa e atirou-a à cara de Kencer, e até os olhos desconfiados do mal-encarado homem estavam arregalados quando puxou a capa para baixo, agarrando-a com força cada vez que Slayra se aproximava dele. Os dedos da eahanoir fecharam o seu queixo num movimento ondeante, apenas para o deixar cair outra vez. Mesmo a dócil mulher de Kencer fungou com indignação. Slayra estava completamente vestida e não tiraria mais nada para além da capa, pois estava frio, mas também não precisou de o fazer, pois tinha mais que a atenção de todos em si. A dança alcançou um clímax quando a eahanoir entrançou uma perna no pescoço de Aewyre e levou a cabeça atrás, chicoteando o ar com os brilhantes cabelos negros. Aí as mulheres levantaram-se, escandalizadas, levando as crianças consigo para as carroças. Nenhum dos homens reparou ou se importou. Boaroars poderiam ter atacado a caravana e os homens não teriam reparado, nem mesmo os guardas. Sissa e Jana levantaram-se, olhando furiosamente para Slayra e foram ter com as suas mães. Quando a eahanoir finalmente terminou, não havia uma única mulher fora das carroças. Bravad, Kencer e Aegys desapertaram as golas das capas, limpavam discretamente o suor nas testas e ajeitaram as calças antes de reunirem presença de espírito suficiente para aplaudir. Aewyre fitava a eahanoir de boca ainda aberta, os olhos de Quenestil haviam-se estreitado em duas fendas, enquanto os de Taislin pareciam prontos a saltar fora das órbitas. Mesmo Worick perdera a compostura e apenas Allumno permanecia imperturbável. Pelo menos no exterior.

Agora que afugentaste as mulheres disse Quenestil por fim, cortando o silêncio, talvez seja melhor irmos todos dormir.

Slayra sorriu e foi buscar a sua capa e ninguém disse nada contra a sugestão do eahan, se bem que poucos quisessem dormir sozinhos depois de ver tal dança. Os mercadores retiraram-se, curvando-se desajeitadamente e entraram nas carroças, onde os esperavam esposas de punhos plantados nas ancas e a bater com os pés no chão. Lhiannah aparentemente fizera do dossel dos guardas o seu, pelo que Slayra, Allumno e Babaki se dirigiram para lá e os restantes companheiros se viram forçados a partilhar o seu com onze guardas. Foi uma noite difícil, também por que se ouviram bramidos de boaroar à distância.

Apesar dos bramidos, não apareceram boaroars e os companheiros escoltaram a caravana tranquilamente por mais dois dias, findos os quais finalmente abandonaram o Portão do Norte. Nenhuma mulher olhara para Slayra durante esse tempo, e Sissa e Jana pareciam haver perdido o interesse em Aewyre, para grande frustração do guerreiro. Slayra parecia satisfeita, mas os olhares que trocava com Quenestil mostravam um estado de espírito diferente. Os pinheiros e rododendros começaram a aparecer ao princípio da tarde do segundo dia e em breve avistaram ao longe uma cidade.

ALYUN

Os companheiros chegaram finalmente ao cruzamento que levava a Alyun ou a Dois Ramais, a próxima cidade. Os mercadores despediram-se e seguiram para a segunda, alegando ter provisões suficientes para lá chegar. De onde estavam, podiam ver a aldeia fora das muralhas protectoras do burgo, que mesmo ao longe dava indícios de ser bastante movimentado. Pelo que sabiam, Alyun era uma povoação essencialmente mineira, derivando o seu sustento das abundantes minas das montanhas adjacentes, mas os seus campos também eram férteis e a terra prosperava naquela província montanhosa. Parecia à primeira vista uma comunidade idílica, mas quase todos os companheiros sabiam que ela era regida por um tirano que incutia terror na população e que impunha a ordem com o que os seus súbditos apelidavam de "um punho de ferro". Corriam rumores de que o tirano era um drahteg, outros diziam que era um feiticeiro cruel, mas a maior parte descrevia-o como uma criatura inumana, nem sequer humanóide. Como o exército de Alyun nunca causara problemas às regiões fronteiriças e se conseguiam bons acordos comerciais com a próspera cidade, ninguém havia feito nada a respeito, crendo tratarem-se tudo de boatos mal fundamentados e excesso de imaginação dos alyunos. O tirano não tivera quaisquer encontros diplomáticos, deixando os seus lacaios efectuarem a maior parte das conversações, das quais os interlocutores haviam saído satisfeitos, pelo que a sua identidade continuava desconhecida. No que dizia respeito à justiça, no entanto, todos os que o viam e por ele eram julgados nunca mais voltavam, o que contribuía para uma ordem impecável e a quase total ausência de crime na cidade. Tudo isto suscitava a curiosidade dos companheiros,

que necessitavam de comprar mantimentos e equipamento de qualquer forma, por isso seguiram para a cidade. Pelo caminho, passaram pela entrada de uma mina, na qual um grupo de guardas bem armados e mal-encarados vigiava uns homens cobertos por andrajos sujos, que empurravam e puxavam vagonetas cheias de minérios, empilhando-os em carroças que seguiam em direcção a Alyun. Esses homens andrajosos tinham todo o ar de serem escravos, com traços de maus-tratos bem visíveis nos seus corpos quase nus e os seus olhos espelhavam a imensa tristeza que lhes ia na alma. O que parecia ser o capitão dos guardas, um homem entroncado de armadura polida, mais limpa e bem cuidada que a de Lhiannah, de pele morena e fustigada pelos ventos da montanha, foi ter com os companheiros e pediu-lhes que parassem. Tinha à cabeça um resplandecente elmo com protecção nasal e uma cimeira vermelha que se prolongava numa crina pelas suas costas. Estava armado com uma espada embainhada, uma maça de armas presa à sela e uma besta atrás das costas.

Saudações, viajantes. Estais em Alyun, terra do nosso senhor Coilen. Anunciai-vos e indicai-nos as vossas intenções.

Saudações respondeu Aewyre. Somos viajantes cansados e buscamos mantimentos na cidade.

Estais armados. Tendes algum passe diplomático?

Não interveio Lhiannah, mas eu sou Lhiannah Syndar, princesa de Vault Syrith E exibiu o brasão do seu escudo.

Tendes passe diplomático? Caso contrário, tereis de pagar um imposto pelo porte de armas. Que negócios tendes a tratar em Alyun?

Como o meu companheiro disse continuou Lhiannah, irritada e com vontade de desafiar o homem, viemos comprar mantimentos, e também temos necessidade de equipamento. Talvez passemos também uma noite na cidade.

Nesse caso, temo que o imposto seja necessário. Quantas noites ficareis?

Uma.

Vinte churdos por cada arma de guerra, quinze por armas de defesa pessoal, como adagas ou cajados. Caso contrário, serão confiscadas à entrada da cidade e posteriormente devolvidas.

Vinte churdos? Mas isso são... protestou Lhiannah.

Tendes convosco um mago? interrompeu o capitão, olhando de soslaio para Allumno, que cobrira a cabeça com o capuz e empunhava o seu bastão.

Sim admitiu Aewyre, obtendo o olhar furioso de Lhiannah como resposta

Sinto muito, mas é expressamente proibida a presença de magos na cidade.

Ouçã lá... tentou Lhiannah falar.

E que criatura é essa que trazeis convosco? apontou para Babaki.

A *criatura*, capitão, é amigo nosso disse Lhiannah.

Perguntei o que aquela *criatura* é... insistiu o capitão, sempre calmo.

Olhe... interrompeu Worick. Está a falar com a princesa de Vaul-Syrith, e eu recomendo vivamente que a trate com o devido respeito. Isso é, a menos que deseje um severo incidente diplomático e posteriores problemas com o meu senhor Sunlar Syndar... e comigo.

A ameaça do thuragar e as festas que este fez à cabeça do martelo eram tudo menos discretas, mas o capitão não era imprudente e reconheceu que talvez tivesse exagerado. Fez então uma cortês vénia.

Perdão pela minha falta de tacto, princesa, mas o trabalho de manter a lei e a ordem é, como podeis calcular, exaustivo. No entanto, faço todos os possíveis para que Alyun seja uma cidade pacífica e ordenada, seguindo o desejo de meu senhor Coilen. Não podemos permitir a entrada indiscriminada de indivíduos armados e magos na cidade, seria comprometer a segurança dos nossos concidadãos e correríamos o risco de perturbar a ordem que tão exaustivamente tentamos manter. Se viésseis em algum processo diplomático, seria diferente, mas temo, de ter de seguir os procedimentos padrão...

Lhiannah tremia de raiva, mas Aewyre silenciou Worick e manteve a calma.

Nesse caso, o capitão importa-se que nos limitemos a passar pela aldeia e lá tentar comprar o que necessitamos?

Seja. Mas mantei-vos fora de problemas, pois a justiça de Alyun também cobre as aldeias circundantes. E o mago deve ficar o mais longe possível de qualquer habitante. Não me responsabilizo por qualquer acção que outros Guardas Marciais possam tomar.

Nunca esperei o contrário. Um bom dia... desejou Aewyre, continuando em frente e fazendo moção aos companheiros para que o seguissem.

Os guardas fitavam os companheiros desconfiadamente, até que eles desapareceram entre as árvores.

Quereis que os siga, meu capitão? predispôs-se um guarda.

Não. Mas manda um mensageiro aos portões da cidade a avisá-los da presença deste grupo. Diz-lhes que mantenham olho neles se por acaso entrarem na cidade.

Sim, meu capitão obedeceu prontamente o guarda com uma continência, retirando-se de seguida.

Que rude! Foi por pouco que não lhe cortei a língua insolente! barafustou Lhiannah.

E por pouco que não nos enviaste a todos para a prisão! acrescentou Aewyre, irritado.

O quê? E tu admites que ele te trate assim? Insultar o Babaki e exigir dinheiro para entrarmos? És mesmo um...

Pouco barulho disse Allumno, sem paciência para discussões. Não me façam desperdiçar a bola de fogo que eu guardei para o nosso amigo capitão em vocês.

Os dois calaram-se. Taislin, no entanto, não o conseguiu.

Eu cá não gostei da cara dele.

Nem eu da tua confessou Worick. O burrik amuou e nada mais disse.

Quenestil e Slayra também estavam a ter dificuldades em falar. O que acontecera na montanha fora feito em prol da sobrevivência de ambos. Ou pelo menos era disso que os dois eahan se tentavam convencer, sobretudo Quenestil. Havia violado uma das mais sagradas regras dos eahan, que estabeleciam a diferença entre essa raça e a dos humanos. Relações carnavais eram permitidas somente a bem da reprodução, tudo para além disso era tabu. Slayra pensava no mesmo, apesar de a promiscuidade ser habitual ou mesmo característica na sociedade dos eahanoir. Mas não fazia sentido, pois todos os eahan eram hedonistas, sempre em busca do prazer. Por que levava Quenestil aquilo tão a sério? O que nem Slayra nem nenhum eahan negro jamais haviam compreendido era a espiritualidade do prazer que os restantes eahan almejavam. Para eles, a música, a poesia, a arte e o amor puro eram os prazeres da vida, contrariamente aos eahan negros, que satisfaziam os desejos carnavais a um nível tão primitivo como o dos humanos. Mas Quenestil não conseguia convencer-se a si próprio de que a experiência fora aberrante e desagradável. Havia sentido coisas que não achara possível que o seu corpo lhe pudesse proporcionar. O calor que ardera dentro dele e a maciez de Slayra... Não, tinha de tirar isso da cabeça. Aquilo não se podia repetir. Slayra tentava

encarar o sucedido como "apenas mais um", mas ela havia sentido algo mais, algo mais profundo que as sensações habituais, algo que não conseguia definir. Ambas as cabeças ferviam num furioso turbilhão de pensamentos.

Chegaram então à aldeia, situada nos arredores da grande cidade e não encontraram a habitual actividade de uma comunidade desse género: as crianças não brincavam, os habitantes não vagueavam pela aldeia e os poucos que o faziam não chegavam a trocar palavras e evitavam os forasteiros armados. A atmosfera era fria no povoado quase desértico. As poucas pessoas à vista trabalhavam energeticamente ao longe nos campos, ajudadas pelas crianças e mulheres. Parecia haver uma tarefa para cada um e, ao que parecia, o trabalho era encarado muito seriamente. Os companheiros chegaram ao poço da aldeia, um habitual ponto de encontro em todas as comunidades que haviam visitado, mas cuja única presença era uma moça com típica vestimenta de camponesa que puxava o balde de água para cima. Aewyre tentou falar com ela, mas a rapariga pareceu assustar-se ao ver aquele homem vestido em armadura e bem armado e fugiu, deixando o balde cair no chão lamacento. O jovem guerreiro ficou espedaçado a olhar, sem perceber a reacção.

O que tem esta gente? perguntou, estupefacto. Ninguém soube responder. Quenestil sentia-se pouco à vontade

em qualquer lugar fora da montanha, mas este local civilizado era diferente dos outros, mais sóbrio, mais frio. Inesperadamente, ouviram o trotar de cavalos vindos do outro lado da aldeia. Estranhando esse ruído, dirigiram-se ao local dos ruídos e deram com um grupo de guardas montados, cujas armas e armaduras brilhavam ao sol enquanto eles cercavam disciplinadamente uma jovem. Os companheiros aproximaram-se para perceber melhor a situação. De repente, veio a correr ao local um casal, perseguido por mais três cavaleiros. A mulher ajoelhou-se e ergueu as mãos ao céu.

Por favor! A minha filha não! Não levem a minha filha! suplicou aos gritos.

O homem tentou passar pelo cerco dos homens montados, agitando o seu ancinho.

Deixem-me passar, malditos! A minha filha vocês não levam! Como resposta veio um golpe de maça no seu ombro, que o fez largar a rudimentar arma, seguido de um pontapé na cara, que o derrubou. Aewyre e Lhiannah desembainharam as espadas e dois guardas aperceberam-se disso, chamando os restantes. Um deles

pegou na rapariga pela cintura e ergueu-a para a sela, seguindo logo os seus companheiros, que se dirigiam ao grupo de forasteiros armados. O homem ficou para trás a tossir, confortado pela mulher, que chorava.

Forasteiros, quem sois? inquiriu o que pareceu ser o líder, outro homem com cimeira e crina vermelhas no elmo.

Somos viandantes respondeu Allumno, indicando a Aewyre e Lhiannah que embainhassem as armas.

Por que haveis mostrado sinais de hostilidade? perguntou. A rapariga jazia imobilizada em cima da sela de um dos soldados,

sem nada dizer. No entanto, o seu olhar cruzou-se com o de Aewyre, implorando por ajuda.

Por que ataca um grupo de soldados bem armados um homem indefeso? replicou Aewyre. Lhiannah acenou com a cabeça.

Os assuntos da guarda de Alyun não vos dizem respeito. Que tendes a tratar aqui? Quem sois?

Como disse, somos simples viandantes continuou Allumno. Pedimos desculpa se incomodámos, mas desejávamos apenas visitar a bela Alyun.

Os guardas entreolharam-se, desconfiados, mas incapazes de encontrar alguma regra ou lei que justificasse a apreensão daqueles intrometidos. O capitão pronunciou-se então.

Com certeza. Decerto conheceis as regras para visitar a cidade...

Sim, e acho-las uma imbecilidade e uma falta de respeito disse Lhiannah.

Como diz? perguntou o líder.

Sim interveio Allumno. Conhecemo-las, mas havíamos esperado que não passassem de rumores...

Pois acontece que são verdadeiras. Estais muito bem armados. Tereis de pagar os devidos impostos para entrar.

Agradecemos o vosso tempo, mas sendo assim, penso que nos retiraremos.

A decisão a vós vos cabe. Desejo-vos uma boa viagem, e mantei-vos fora de problemas na periferia de Alyun. A guarda aqui é muito cumpridora...

O capitão puxou as rédeas do cavalo e o animal deu meia volta e começou a galopar em direcção à cidade. Os restantes seguiram o exemplo, um deles levando a rapariga consigo, deixando os companheiros e um casal choroso para trás. Lhiannah foi ter com os dois, seguida pelos restantes companheiros. Tanto o homem como a mulher choravam

convulsivamente, lamentando a perda da filha, mas assim que o grupo se aproximou, o homem ergueu-se e pôs-se entre a sua mulher e os companheiros, agarrando o ombro onde levava a pancada.

Ah não! Levaram a minha filha e nunca vos perdoarei, mas terão de passar por cima do meu cadáver se querem a minha mulher! exclamou, convicto.

Era um aldeão robusto, entroncado, de estatura mediana, bigodes farfalhudos e barba mal feita. Vestia uma simples camisa castanha, calças de pano e tamancos grosseiros.

Calma, senhor. Não somos da guarda. Só queremos ajudar disse Lhiannah.

Worick revirou os olhos. Lhiannah nunca resistira a um homem pejado de lágrimas...

Quem são? Que querem de mim? Não vêem que nada tenho para vós?

Só queremos ajudar enfatizou Lhiannah. Por que levaram a vossa filha?

Hah! Vocês? Ajudar-nos? Ninguém nos pode ajudar! Ninguém pode enfrentar a Guarda Marcial. Ninguém... lamentou-se o homem.

Mas nós queremos ajudar como pudermos. Diga-me, por que levaram a vossa filha? insistiu Lhiannah, sempre num tom suave.

A minha filhinha... a minha querida Nabella... lamuriou o homem, pondo a mão no ombro da sua mulher ajoelhada. Recusou-se a ir com as outras rameiras para a cidade vender o corpo e levaram-na, os malvados!

Não fales tão alto, homem, senão levam-te a ti disse a mulher baixinho entre lágrimas copiosas. Ainda estava ajoelhada, mas via-se que era uma mulher de grande porte e de formas redondas. Vestia um simples vestido azul com um avental branco e um lenço na cabeça.

Com toda a vontade me trocava por ela, mulher! afirmou.

Acalme-se... disse Aewyre. Nós vamos ajudá-lo. Allumno bateu-lhe com o bastão no ombro e sussurrou qualquer coisa, mas o guerreiro fingiu não ouvir.

E como querem fazer isso? Ninguém vence a Guarda Marcial. Ninguém... Cada um deles vale dez homens.

Então cada um de nós matará dez deles e talvez equilibremos as coisas afirmou Worick.

Palavras corajosas, mas se os senhores passarem os portões da cidade e desafiarem a Guarda, serão mortos e os vossos corpos serão

arrastados pelos campos disse o homem, sem qualquer traço de esperança.

Veremos... disse Lhiannah, para o desespero de Allumno.

Senhor, estais ferido. Permitti-me... ofereceu-se o mago.

Não! Se dizem que podem recuperar a minha filha, então em nome de todos os deuses, façam-no! Não percam mais tempo, suplico-vos! Ninguém sai vivo das masmorras de Alyun, não quero que a minha filha vá lá parar!

Tereis a vossa filha de volta, boa gente garantiu Aewyre, retirando-se com os seus companheiros em direcção a Alyun, em direcção à boca do lobo.

Endoideceram? Todos? Então vão comprometer-se a resgatar uma prisioneira do regente desta província? Eu esperava uma inconsciência deste tipo do Aewyre, mas de ti, Lhiannah? Ou tu, Worick? barafustou Allumno, agitando os braços e tentando retardar a marcha dos companheiros que se aproximavam cada vez mais da cidade.

Sabes o que acho, mago? perguntou Worick. Que transportas as túbaras nessa tua bolsa de coisas malcheirosas.

Allumno ignorou o insulto, prometendo que queimaria a barba do thuragar um destes dias, e virou-se para a princesa.

Partilho os sentimentos do Aewyre, Allumno. Não vou ficar a olhar enquanto uma injustiça destas é cometida. Se quiseres, ficas para trás, o que, aliás, vai ser necessário de qualquer forma. A entrada não é permitida a magos.

Aewyre! Lhiannah! gritou Allumno, abeirando-se do desespero. Lembrem-se, são dois membros da nobreza de duas grandes cidades. Se forem apanhados, podem causar um grave incidente político. Quem sabe, poderão causar a guerra. É isso que querem? Por uma pessoa, várias poderão morrer, é esse o vosso desejo?

Allumno, um tirano destes é algo que não se pode tolerar em Thyr ou qualquer outra região disse Aewyre. Acho que já é tempo de alguém fazer algo a respeito das acções desta ave de rapina. Não podemos ficar indiferentes.

Mas achas que és um herói? Queres correr o risco de provocar uma guerra? O povo vive em paz há anos, graças às acções do teu pai e queres sacrificar a paz deles pela tua nobreza? Devem morrer pessoas pela tua sede de heroísmo?

Aewyre pareceu atingido com os argumentos do mago, mas Quenestil interveio na sua defesa.

Aezrel, tenho a certeza, não combateu para que o seu povo, a sua raça, sofresse nas mãos de um tirano. Numa cidade ou em cem, não interessa. Se uma guerra tem de ser lutada para garantir a liberdade desta gente, então assim seja.

Allumno ia dizer qualquer coisa, mas Quenestil não havia acabado.

Além de que ninguém disse que íamos entrar pela cidade adentro e começar a matar guardas até chegar ao tirano. Aewyre e Lhiannah são príncipes e isto pode e deve ser resolvido de maneira diplomática.

Aewyre deu uma forte palmada nas costas de Quenestil.

Não poderia ter dito melhor, amigo. E abraçou o eahan.

Então por que esperamos? perguntou Taislin, sempre desejoso de acção.

Sim, quero ver se entrego este maldito burrik à Guarda acrescentou Worick.

Worick... admoestou Lhiannah. Allumno suspirou.

Enfim, mas pelo menos elaborem um plano decente. Pelos vistos, eu não posso entrar e duvido de que o Babaki entre. E que faremos com a Slayra?

O melhor é ela ficar contigo. Vigia-la na aldeia, longe da Guarda. Talvez aquele casal te acolha sugeriu o shura.

Muito bem, vocês é que sabem. Toma. O mago deu uma costela de porco a Aewyre. Se a partires, saberei que corres perigo.

Não será necessária afirmou Aewyre, confiante, mas obrigado na mesma.

Assim o espero. Encontramo-nos depois na casa do casal, está bem? Boa sorte e, por favor, não façam nenhum disparate.

Com isto, o mago retirou-se com Babaki, levando Slayra consigo, e os companheiros dirigiram-se aos portões, onde primeiro deveriam passar pela guarda. A muralha estava circundada por uma fossa em cujas águas turvas se distinguiam as sombras de criaturas, cujo claro propósito deixava bem claro que Alyun não tratava bem os intrusos. Um guarda de armadura resplandecente, acompanhado por outros três, guardava o portão principal. Os companheiros identificaram-se e requisitaram audiência com o regente. Os guardas procederam metodicamente a folhear papéis, preencher papéis e a entregar papéis a serem preenchidos por cada um dos companheiros, explicando que o porta-voz do regente era um homem muito ocupado e que teriam de esperar por uma audiência. Quando Lhiannah explicitou que não

desejava falar com subalternos mas sim com o regente, comunicaram-lhe que não era possível e Aewyre indicou-lhe que não insistisse. Foi-lhes concedida a entrada, mediante um substancial pagamento pelo porte de armas e a assinatura de vários outros papéis, que inquiriam sobre a razão da visita e que continham perguntas com um teor demasiado pessoal para o gosto de Lhiannah. Cada um teve de levar um pergaminho selado, o seu único passe para sair da cidade. A princesa mal cabia em si de indignação. Alyun era uma cidade muito movimentada, em cujas ruas apertadas, mas impecavelmente asseadas, uma autêntica multidão parecia estar sempre a escorrer. Os companheiros repararam na total ausência de falhas na calçada, sobre a qual caminhavam mercadores, que competiam uns com os outros pelos clientes; cavalos que transportavam carroças a abarrotarem de cereais e mercadorias; artistas que procuravam desviar a atenção das pessoas e diverti-las. Mas havia algo nas gentes que não condizia com a atmosfera da activa cidade, o seu olhar era idêntico ao dos escravos da mina, um olhar triste, melancólico, quase desesperado, muito fora de lugar numa cidade aparentemente tão perfeita. A alma alegre de Taislin entristecia-se com as caras dos transeuntes e até o burrik ficou deprimido.

”O que se passa nesta cidade?”, pensou Lhiannah para consigo.

As crianças passavam pelos companheiros carregando mercadorias ou limpando o pouco lixo, mas nenhuma delas brincava. O trabalho parecia ser a ordem do dia, e ninguém ficava isento desse dever. Aewyre notou que não se viam idosos ou vagabundos em parte alguma e ordenou uma paragem.

Bom, que fazemos agora?

Os cretinos disseram que teríamos de esperar pelas seis badaladas do sino lembrou-lhe Lhiannah. Vamos a uma taberna.

Assim fizeram, mas não conseguiram encontrar nenhum estabelecimento aberto. Não faltavam tabernas na cidade, mas pareciam estar todas fechadas. Aewyre decidiu então perguntar a alguém onde poderiam encontrar um sítio para beber. Como nenhum cidadão parava para conversar, o guerreiro teve de se dirigir a um guarda. Esse disse-lhe que “lugares de ócio” não estavam abertos durante o dia. Para comer e beber, havia inúmeros vendedores em carrinhos ambulantes. Teria de esperar pelo crepúsculo para entrar nas tabernas, mas poderia reservar quartos num edifício apropriado para o efeito. Aewyre agradeceu a informação, abanando a cabeça ao juntar-se aos companheiros.

Esta cidade parece fazer todos os possíveis para evitar visitantes.

Esta cidade é habitada por loucos! acrescentou Lhiannah.

Não gosto deste sítio. Vamos salvá-la depressa e sair daqui sugeriu Taislin.

Ai é? Suponho então que tu vais liderar o nosso audaz ataque às muralhas da fortaleza e que matarás guarda atrás de guarda com a tua faca de cozinha, certo? gozou Worick, mal-humorado.

Não sabia que o mestre Worick teria medo de um combate. Deve estar a ficar velho para estas coisas... respondeu Taislin maliciosamente.

O quê? Velho, seu pedaço de caganita de cabrito? Anda cá ver se também achas o meu martelo velho...

Não comecem os dois outra vez! Aewyre parecia deveras incomodado com toda a situação. Também não estou nada satisfeito por ter de esperar, mais ainda por o pobre do homem nos ter pedido que tirássemos a filha da masmorra o mais depressa possível.

Sim, pela sua angústia, o sítio deve ser realmente um horror concordou Quenestil.

Nesse momento, alguém sussurrou. Aewyre levou instintivamente a mão à espada, mas viu apenas um vulto coberto pelas sombras de um beco que lhes acenava, como se os estivesse a chamar. Os companheiros entreolharam-se. O vulto continuava a acenar, mas escondeu-se quando um guarda passou perto dos companheiros.

Se tem medo deles, é porque deve pensar como nós julgou Lhiannah.

Os outros não sabiam se concordavam, mas acabaram por seguir o desconhecido para as sombras. O beco estava muito escuro, e as paredes apertadas abafavam o som da agitada cidade.

Inesperadamente, quase não cheirava a lixo, pairando antes no ar um leve odor a mofo. Taislin reparou que até este beco oculto estava limpo, com a exceção de um ou outro detrito, mas incomparavelmente mais asseado que os pátios de alguns palácios onde o burrik estivera, sem ser convidado, naturalmente.

Segui-me sussurrou o indivíduo mais uma vez numa voz rouca, a sua forma negra quase indistinguível nas sombras que o envolviam.

Os companheiros, apesar de cautelosos, assim fizeram. Ouviram então o ranger de uma porta e um fecho de luz fraco que provinha de dentro do edifício.

Entrai. Aqui não tendes nada a temer assegurou o desconhecido.

Apesar de todos os instintos de Aewyre aconselharem o contrário, foi em frente e os outros seguiram-no. Ao entrarem no edifício, encontraram-se numa sala escura iluminada por velas, cujo chão estava coberto de palha, de cujas paredes escorria humidade e em cujos cantos eram tecidas teias, por aranhas contentes de encontrarem um local onde os seus ninhos não eram destruídos. O desconhecido fechou a porta.

Era um homem baixo, marreco, com braços e mãos compridos que quase tocavam no chão enquanto ele curvava a sua magra figura. Estava vestido de negro, num fato semelhante ao de Slayra, completamente preto e com capuz. Não parecia portar arma alguma, mas o seu fato poderia facilmente ocultar várias facas. Tinha uma cara delgada, com um queixo pontiagudo e nariz aquilino por cima de uma boca de lábios finos. Os seus cabelos eram longos e cinzentos, mas o que mais nele chamava atenção era a diferença entre os seus olhos castanhos, um deles sendo nitidamente mais arregalado que o outro. Lhiannah ia dizer qualquer coisa, quando abruptamente a outra porta da sala se abriu e três homens armados de espadas longas entraram pela sala adentro. Pelas suas vestimentas e aspecto rústico não deveriam ser da Guarda, mas mesmo assim os companheiros desembainharam as suas armas.

Alto! gritou a figura marreca. Entre estas paredes não haverá derramamento de sangue que não o de guardas marciais! Estes, irmãos, também se opõem ao tirano! Deixai-nos embainhar as nossas lâminas e falar entre amigos.

Apesar da relutância dos companheiros, os homens armados assim o fizeram sem hesitar, mais que satisfeitos por não terem de combater adversários tão bem armados.

Agora, permiti que me apresente. Sou Cenric, líder das bravas almas que têm a coragem para agir contra o tirano. Estes corajosos homens são Alruc, Devear e Eltan. Os três cumprimentaram os companheiros com um curto aceno de cabeça. Com a ajuda deles e poucos outros, procuramos libertar a nossa província do seu jugo tirânico.

Saudações, Cenric. Sou Aewyre, mas diz-me, por que nos chamaste?

Porque, haveis de me perdoar, ouvi a vossa conversa. Deveis ter o cuidado, aliás, de não falar em voz alta sobre o tirano. Muitos inocentes foram parar às masmorras pela simples menção do seu maldito nome num contexto errado... Sei que pretendeis libertar uma rapariga. Podemos ajudar ofereceu Cenric.

Não confio nele sussurrou Quenestil a Lhiannah, olhando pouco amigavelmente para os homens que também falavam entre si em voz baixa.

Nem eu, mas eles podem ser uma valiosa ajuda, se estiverem a dizer a verdade.

Aceitais a nossa ajuda? inquiriu Cenric, fingindo que não ouvia a conversa privada entre o shura e a princesa.

Por que ajudais? perguntou retoricamente Aewyre.

Como disse, inimigo do tirano é amigo nosso. Impomos apenas uma condição...

E qual seria? perguntou Quenestil, cada vez mais desconfiado.

Que liberteis todos os prisioneiros, não somente a rapariga. Aewyre ponderou.

Era essa a nossa intenção desde o início disse Worick.

Mas... interveio Quenestil. Então e...?

Esplêndido. Vinde então, vamos planejar o ataque ao coração da fortaleza do tirano disse Cenric, deveras entusiasmado.

Espere afirmou Quenestil, ainda desconfiado. Não há 'razão nenhuma para nos atirmos de cabeça contra a guarda do regente. A Lhiannah...

A arinnir deu uma cotovelada no estômago do eahan para o calar, mas Cenric esboçou um sorriso.

Não agridais o vosso amigo, *princesa*. A via diplomática seria uma sábia opção, de facto, não estivesse já a Guarda Marcial a planejar... *silenciar-vos*.

Inicialmente demasiado estupefacta para responder, Lhiannah recompôs-se. Este homem sabia demais para o seu gosto, e Lhiannah gostava de manter as suas cartas escondidas na manga.

Não sei do que fala. Não sou princesa nenhuma.

Princesa, peço-vo-los. Poucas coisas nesta cidade me passam despercebidas. Já sei que chamaram atenção fora da cidade, e atenção é uma coisa indesejada em Alyun. E fostes vista com um mago, um crime punível com pena capital.

O quê? Sois louco ou...? disse Lhiannah, rapidamente interrompida.

Princesa, não estaríeis segura lá fora. Neste preciso momento, uma patrulha foi destacada para vos procurar e levar à presença do tirano...

Mas essa é a nossa...

... para serdes mortos. Todos os que foram vistos com o mago.

Os companheiros entreolharam-se. Estaria este homem a falar verdade? Ousaria o tirano executar os filhos das duas mais importantes casas nobres de Nolwyn?

Não vos culpo pelas vossas suspeitas, mas ponderem um pouco e verão que tudo o que eu disse é bastante plausível. Em todo o caso, venham. Este não é um sítio seguro para discutir...

O homem marreco estendeu a mão para abrir a porta da qual os seus amigos haviam vindo, mas o barulho de madeira escancarada fê-lo retirá-la. A porta do lado oposto da sala fora arrombada e dela irrompeu um homem de armadura resplandecente.

Em nome de nosso senhor Coilen, estais presos. Entregai-vos sem resistência ou sereis mortos bradou um guarda de espada na mão que brilhava na escura sala.

Profundezas de Asmodeon! gritou Cenric. Segui-me! O homem magro abriu a porta e esgueirou-se por ela, sendo seguido por dois dos seus homens. O último ficou para trás e incitou os companheiros a correr.

Fugir é inútil! O edifício está cercado! A fuga é punível com a morte! ameaçou o guarda em vão.

Os companheiros saíram pela porta e o homem de Cenric fechou-a e trancou-a com uma grossa tábua. Não esperou para ver as maças de armas dos guardas a estraçalhá-la. Aewyre e os outros seguiam Cenric e os seus homens através de corredores húmidos parcamente iluminados por fracas tochas.

Cercaram o prédio, Cenric! Que fazemos? perguntou Deveal.

Vamos pelo telhado! Depressa, estou a ouvir passos nas escadas! Vão desembainhando as espadas e preparem-se para a luta! advertiu o líder.

Ao virar a parede, deram com dois guardas, como Cenric previra. Os seus dois homens atacaram e o líder rebelde escondeu-se nas sombras. Aewyre ouvia passos a ressoarem pelo chão e tinha a certeza de que mais viriam, pelo que decidiu ajudar para apressar as coisas. Os guardas marciais eram exímios lutadores e pareciam estar a dar que fazer aos mal armados rebeldes, mas a espada de Aewyre investiu como uma cobra dardejante, trespassando a armadura de um guarda e o seu estômago e deixando-o um alvo fácil para Alruc. Deveal estava ferido na barriga, mas Cenric atacou o guarda pelas costas e cortou-lhe a garganta com uma comprida adaga. O líder dos rebeldes deixou o gorgolejante moribundo cair e fez moção aos companheiros que

seguissem pelas escadas enquanto tirava uma tocha da parede, mas chegaram mais guardas que os obrigaram a permanecer onde estavam e defender as suas posições. Cenric voltou a posicionar a tocha e refugiou-se nas sombras protectoras.

Matem-nos depressa! gritou Devear, com a mão no abdómen. Se não subirmos, estamos perdidos!

Sem mais demoras, Worick proferiu um grito de guerra thuragar e investiu contra os guardas, passando à frente de Aewyre. Com uma poderosa oscilação do seu temível martelo, atingiu um guarda que corria em cheio no estômago, ameigando metal e esmagando entranhas. O thuragar tomou balanço e ergueu a sua arma, deixando-a cair com toda a força na cabeça do guarda, esborrachando-a por baixo do elmo fendido. No entanto, outro corria na sua direcção e Worick não tinha tempo de atacar com o martelo. Mas o thuragar previra isso e limitou-se a ir para o lado para que Aewyre o confrontasse, erguendo o martelo para a posição de combate mais uma vez. Quenestil achou perigoso demais usar as suas setas num espaço tão fechado, por isso desembainhou a sua comprida faca e preparou-se para ajudar os seus amigos. No entanto, um grito de Eltan desviou a sua atenção para os Guardas que haviam eficientemente arrombado a porta e chegado mais depressa que qualquer um previra. O rebelde caía enquanto esguichava o seu sangue contra a parede, colorindo-a de um vermelho escuro. O eahan atacou em conjunto com Lhiannah e o corredor ressoou com o impacto das espadas. O guarda que combatia Aewyre era um digno adversário e manejava a espada com destreza, obrigando o guerreiro a permanecer inicialmente à defesa.

Worick girava o seu martelo ameaçadoramente, não oferecendo qualquer abertura ao guarda que enfrentava, mas o thuragar sabia que viriam mais e o tempo escasseava, pelo que tomou a iniciativa, atacando por cima com o martelo. Falhou o golpe de propósito e aproveitou o balanço para girar em si, deflectir o golpe previsto com o seu escudo e rachar o peito do guarda com uma possante martelada.

Já estás declarou.

Lhiannah trespassou a virilha do seu adversário e afastou-o com um empurrão. Taislin espetou a sua adaga na parte desprotegida da perna do guarda que lutava contra Quenestil, e o eahan talhou-lhe o pescoço. Por sua vez, Aewyre, com um golpe de ancas, desviou-se por pouco de uma estocada, fazendo com que a espada do guarda atingisse a parede e deixando que a garganta dele deslizasse pela sua lâmina. Sem perder tempo, Worick pegou no corpo do guarda que ainda

respirava com os pulmões furados pelas costelas e arremessou-o contra os restantes que se aproximavam, efectivamente retardando a sua corrida. Cenric achou então que era a altura ideal e largou a tocha para o chão coberto de palha seca, que não tardou a pegar fogo.

Depressa! Subam as escadas! gritou.

Devear fez tenção de ir buscar Eltan, mas Cenric não lho permitiu e orou uma prece ao seu deus. Os companheiros correram pelas escadas acima, deixando atrás de si o início de uma muralha de chamas. Quenestil reparou que dois guardas haviam passado pelo fogo. Empunhou o seu arco e, quase simultaneamente, uma flecha voou e um guarda soltou o seu último suspiro, mas o outro protegeu-se do míssil seguinte com o escudo. O eahan alvejou então o pé do guarda, prendendo-o ao degrau de madeira. O homem gritou de dor e soltou o escudo e a espada para se libertar, mas Quenestil aproveitou isso para o empurrar pelas escadas abaixo com um pontapé.

Vinde, depressa! gritou Devear, que guardava a retaguarda. Os companheiros e os rebeldes correram até ao último andar, para o telhado, onde ainda não se encontrava nenhum guarda.

Saltem para ali! Cenric indicou o telhado de um outro edifício.

Todos saltaram a relativamente curta distância, mas Worick, pesado e de pernas pequenas, não alcançou o outro lado, conseguindo” evitar a queda agarrando-se ao parapeito. Lhiannah voltou logo atrás para ajudar o seu mentor.

Não! Foge, eu fico bem! gritou o thuragar.

Deixa-te de nobrezas, Worick disse Lhiannah, apoiando o pé no parapeito e agarrando o grosso pulso do thuragar.

Sim, Worick acrescentou Aewyre, ajudando a princesa. Deixa-te de nobrezas.

Apesar do peso do thuragar, os dois conseguiram puxá-lo para cima, mas quando Worick já conseguira pôr uma perna por cima do parapeito, algo sibilou pelo seu ouvido e, de repente, Aewyre já não o puxava. O thuragar olhou para o seu companheiro e viu a expressão de horror na sua face enquanto ele agarrava a haste de um comprido virote no seu ombro esquerdo. Worick orou a Tharobar para que fosse realmente o ombro. Antes que pudessem fazer qualquer coisa, o guerreiro inclinou-se para a frente e caiu. Tarde demais, Lhiannah estendeu a mão para o agarrar, enquanto Worick, sem a ajuda da princesa, fazia os possíveis para que não caísse também.

Aewyre! gritou Lhiannah enquanto o guerreiro caía rapidamente para a rua.

A sua queda foi amenizada por uma pilha de caixotes encostados à parede, que cederam ante a força do impacto e ficaram reduzidos a escombros, despejando o seu conteúdo, lixo, para a rua.

Vendo que os companheiros do guerreiro caído faziam tenção de ir ajudar, Cenric tentou demovê-los.

Não! Não podeis combater toda a Guarda Marcial em campo aberto! O vosso amigo vai para as masmorras também, libertá-lo-emos mais tarde! Agora vinde, temos de fugir enquanto é tempo!

Os companheiros hesitaram, mas Quenestil falou:

Sim, seria isso que Aewyre diria para fazermos. Vamos.

Dolorosamente indecisos, foram pelo conselho de Quenestil e seguiram Cenric e os seus homens pelos telhados de Alyun até despistarem a Guarda Marcial.

Maldição! praguejou Taran, o comandante do terceiro esquadrão da Guarda, olhando para o corpo inerte de Aewyre. Só um... E os outros, fugiram?

O sétimo esquadrão foi atrás dos bandidos, meu comandante, mas duvido de que os apanhem. Que fazemos com este?

Ainda vive?

O guarda ajoelhou-se e verificou o pulso de Aewyre.

Está vivo, mas a sangrar desta forma... disse, olhando para a haste do virote sangrento que furava o ombro de Aewyre.

Levem-no para a masmorra... suspirou o comandante.

Senhor, mas não passa de um empecilho. Mais vale matá-lo já.

Não me conteste, guarda. Está fraco, e oferecerá pouca resistência contra os *outros*. Terão de o matar se esperam sobreviver, e nosso senhor Coilen deseja este morto.

Sim, meu comandante obedeceu o guarda, chamando companheiros para o ajudarem a carregar o guerreiro para cima da carroça.

Taislin esgueirou-se pela porta e Cenric fechou-a atrás do burrik, trancando-a de seguida e empurrando um móvel para bloquear a entrada. Todos arquejavam, ofegantes, e os seus corações ainda batiam a um ritmo demasiado acelerado para que pudessem inspirar fundo e relaxar. Quenestil reparou que Devear, acororado com as costas encostadas à parede, não parecia muito cansado e respirava calmamente. O eahan estranhou até ver a mão do rebelde manchada de sangue.

Deuses... disse para consigo. Ajudem esse homem! gritou.

Ainda tensos, os companheiros reagiram prontamente, mas Cenric disse-lhes que se afastassem, que ele tinha habilidades medicinais. Ajoelhou-se à frente do seu homem, pegou-lhe gentilmente na mão e puxou-a lentamente. Devear tinha o rosto coberto por bagas de suor e os seus olhos vidrados fitavam o seu líder fixamente. Cenric chegou à conclusão de que, durante a corrida, o rebelde mantivera as entranhas dentro da sua barriga com a mão, que agora pendia, fria, na sua palma. O líder abanou a cabeça tristemente e cerrou as pálpebras do seu bravo guerreiro, encomendando a sua alma a Gilgethan, deus da guerra.

Sinto muito sentiu-se Lhiannah compelida a dizer.

Nada tendes a lamentar, princesa. Honraremos as mortes dos meus homens libertando os prisioneiros e atacando a Guarda Marcial no seu próprio terreno afirmou, calmo mas convicto. Estais comigo?

Estamos convosco disse Worick, cada vez mais convencido pela coragem e determinação do humano.

Ajudaremos concordou Lhiannah.

Os prisioneiros serão libertos, e a Guarda Marcial pagará pelas atrocidades que cometeu prometeu Quenestil de punhos cerrados.

Onde é a latrina? perguntou Taislin.

A FORTALEZA

Aewyre estava entre o limiar da consciência e da inconsciência. Os seus olhos captavam vagas e sombrias imagens, só para serem preenchidos pela escuridão pouco depois. Nos breves momentos de consciência ouvia murmúrios, gritos abafados e o clangor ocasional de metal. A atmosfera era húmida, fresca, e ajudou o guerreiro a recuperar lentamente os sentidos. O ombro doía-lhe intensamente, e alguém lhe agarrava o braço esquerdo com pouca delicadeza, aumentando a dor. Aewyre sentia frio, mas o ombro estava quente, transmitindo uma agradável sensação de calor com o sangue que escorria livremente. Quando se conseguiu concentrar e reunir os pensamentos, veio-lhe uma palavra à cabeça:

Veneno... murmurou quase imperceptivelmente.

Este está a acordar disse o indivíduo à sua direita.

Não te preocupes. O veneno do virote dura pouco, mas vai mantê-lo indefeso até chegar os *outros*.

Nem quero ver. Só de pensar que puseram aquela rapariga lá...

Então, estás a fraquejar? Nosso senhor Coilen despreza os fracos, bem sabes.

Não é isso, só acho que foi um desperdício... tentou o guarda da direita corrigir o seu erro.

O outro deu-lhe uma palmada no ombro.

Velho garanhão! Hoje à noite arranjo-te uma e vais ver como esqueces a rapariga bem depressa!

Rapariga? conseguiu Aewyre pensar.

Os dois guardas continuaram a carregá-lo, rindo, até que pararam.

Mais um? Por que trata nosso senhor Coilen os *outros* tão bem? Devia deixar os animais matarem-se uns aos outros disse uma outra voz à frente de Aewyre. Não conseguiu erguer a cabeça para ver quem era.

Não nos cabe a nós decidir. Abre-nos essa porta que não suporto este cheiro ordenou o guarda à esquerda de Aewyre.

Não gostas? Este cheirinho a morte e carne podre? perguntou a voz à frente de Aewyre, finalizando com um hediondo riso sibilante.

Abre a porta!

Pelo barulho de madeira a ranger, Aewyre concluiu que o outro assim fez e foi atirado ao chão, caindo em cima de palha.

Diverte-te, meu menino... disse a terceira voz, rindo mais uma vez e rompendo às gargalhadas quando a porta se fechou.

Aewyre tentava a todo o custo focar a sua concentração para pelo menos erguer a cabeça, mas algo parecia estar a martelá-la por dentro e suava abundantemente à medida que o seu corpo tentava eliminar a toxina. A sala onde se encontrava agora cheirava ainda pior que os corredores da masmorra. Era uma mistura de dejectos, sangue e suor acumulados. Se não estivesse tão zozinho, sentir-se-ia provavelmente enojado com o chão coberto de palha imunda sobre o qual se encontrava. Reunindo todas as suas forças, sacudiu a cabeça e, com um grito, ergueu-se do chão, cambaleou, encostou-se à porta com as costas e tentou focar a visão. Pelo clangor, concluiu que lhe haviam deixado a armadura, mas quando levou a mão à bainha, não a encontrou, muito menos o punho da espada.

Maldição... proferiu.

Esfregou o suor da sua testa que já lhe estava a correr para os olhos e olhou em redor, já com a visão mais clara. A sala era enorme, alguns recantos estavam mesmo escondidos pelas sombras e não dava para dizer se ela continuaria. A parte do tecto iluminada revelava uma abóbada em cúpula, da qual gotejavam pingos de água de pequenas estalactites brancas. Havia palha por todo o lado, muito suja, e ratazanas esgueiravam-se por entre os espaços. O odor era fétido, pior que qualquer latrina que Aewyre tivesse tido o desprazer de cheirar, e dava-lhe náuseas. Como a visão começava a turvar-se-lhe mais uma vez, esbofeteou-se duas vezes para continuar a analisar a sala. Notou que faltava uma tocha na parede e pegou na outra, a despeito do perigo de pegar fogo à palha. Lembrou-se das palavras dos guardas sobre uma rapariga. Seria a tal? Nesse caso, iria procurá-la antes de

começar a pensar em fugir. Antes de mais nada, teria de remover o comprido virote do seu ombro, um processo que o guerreiro sabia que ia ser doloroso. Teve de olhar para trás do ombro para ver a ponta triangular, e mesmo assim, só com o canto dos olhos. Tentou agarrá-la, mas estava ligeiramente fora de alcance e nada mais conseguia senão tocar-lhe com os dedos. Aewyre pegou então na haste, mantendo-a fixa e, lentamente, aproximou-se da parede até a ponta do virote tocar a pedra fria. Mexeu-se um pouco até sentir a ponta a encaixar numa fresta, após o que cerrou os olhos e se deixou cair para o chão bruscamente. Uma parte da haste partiu-se e levou a ponta consigo e Aewyre grunhiu de dor com dentes cerrados. Sentado no chão, crispou os dedos no que sobrava do virote e puxou com força, vencendo a sucção da carne. Descansou um pouco e aproveitou para rasgar com o braço bom o seu lenço, enrolando-o custosamente à volta do ombro ferido com ajuda dos dentes. Por fim, levantou-se e, com a tocha em punho e braço esquerdo frouxo, avançou para a escuridão, estranhando não haver sinais de vida na sala. Os guardas haviam também mencionado consecutivamente “os outros”, mas o que quereriam eles dizer com isso? Aewyre continuou a avançar, temerário, mas os únicos sinais de vida que via eram as inúmeras ratazanas. Encontrou alguns ossos também, todos de esqueletos humanos, mas isso era de esperar numa prisão. Estava agora imerso na escuridão, e a única luz que possuía era a que a tocha lhe proporcionava. O odor era o mesmo, mas parecia intensificar-se à medida que Aewyre avançava, e o guerreiro nem tinha uma mão livre para tapar o nariz. Assustou-se quando ouviu o guincho de uma ratazana que pisara e quase largou a tocha quando se viu deparado com outras que se deliciavam com uma cabeça humana em decomposição, mordiscando os olhos, a língua e as orelhas. Revoltado pelo hediondo festim, desferiu um pontapé na cabeça, afugentando os bichos. Pareceu-lhe então ouvir um remexer na palha, algures na escuridão e apontou para lá a sua tocha, cuja luz não alcançava essa área. Aproximou-se, incerto sobre o que iria encontrar, e distinguiu um brilho vermelho e rubro, parecido com o de brasas que se consumiam rapidamente. Tomando-o como ponto de referência, continuou a avançar, mas antes de lá chegar deu com um volume por baixo da palha que aparentava ser um corpo humano. Hesitante, acabou por empurrar o vulto com o pé, e pareceu-lhe ouvir um gemido. Aproximou mais a tocha e viu perante si um horrendo esgar.

O que parecia ser uma cara abriu uma boca negra, de dentes pendentes e imundos e agarrou o pulso de Aewyre com uma mão esquelética, roncando. A sua face estava negra e encrostada de sujeira e tinha finos fios escuros como cabelo no escalpe tenebroso. O guerreiro gritou e libertou-se do nojento aperto, afastando o ser com um pontapé na cara desfigurada. Começou então a ouvir vários outros grunhidos e gemidos semelhantes, numa cacofonia que rapidamente aumentou de volume, misturada com o remexer da palha. Conforme agitava a tocha para afugentar o que quer que se estava a aproximar, ia distinguindo vultos nas sombras que se mexiam, uns que se aproximavam, outros que pareciam querer cercá-lo. Algo raspou nas costas da sua armadura e Aewyre virou-se e agrediu a criatura com a tocha na cara, queimando-a. O ser grunhiu e levou as mãos com unhas compridas e imundas à face queimada. Em breve os outros seguiram o exemplo e o ataque começou. Um deles rasgou o braço bom de Aewyre e levou com a tocha na cara também, mas outros atiraram-se às pernas do guerreiro e começaram a morder e arranhar. Enojado, mas sentindo uma dor intensa também, Aewyre afastou-os com pontapés, ouvindo o ruído seco de ossos fragilizados que se partiam. Decidiu dirigir-se às brasas, esperando encontrar uma segunda arma que o pudesse ajudar a repelir os atacantes. Abriu caminho com a tocha, queimando e agredindo, até que viu as brasas quase consumidas da ponta de uma outra tocha. Mas assim que estendeu a mão para a agarrar, ela levantou-se e, com um grito feminino, alguém lhe bateu na nuca com ela, chamuscando-lhe os cabelos e causando a sua queda. O golpe inesperado não fora forte, mas alguém continuava a bater-lhe com a tocha nas suas costas, protegidas pela armadura, que ressoava com as fracas batidas. Aewyre desferiu uma rasteira para trás e o seu adversário caiu. Voltou-se e preparou-se para lhe enfiar a tocha na cara, que ficou iluminada pelas chamas. Era uma rapariga morena, de cabelos negros como as penas de um corvo e tinha um vestido de tecido cinzento amarrotado. Estava suja, mas não se comparava à imundície dos outros. Mesmo assim, Aewyre tê-la-ia agredido com a tocha, não se tivessem os seus olhares cruzado. Os mesmos olhos castanhos que lhe haviam implorado por ajuda na aldeia, quando os guardas montados a roubaram à sua família.

Tu... disse o guerreiro, esmagado pelo pensamento do que poderia ter feito.

No entanto, as outras criaturas não lhe deram tempo para reflexões e cambaleavam na sua direcção, como moscas para excremento fresco.

Não te mexas disse, antes de se erguer e deslocar o maxilar de uma delas com a tocha ardente.

As outras não retardavam a marcha e atiravam-se ao guerreiro, que usava a sua tosca arma como uma espada. A seus pés jaziam e contorciam-se já vários e o cheiro a carne queimada começava a sobrepor-se ao fedor de excreções. A meio da luta, Aewyre, com sentidos de combate apurados por anos de treino, sentiu um ataque por trás e virou-se a tempo de aparar um golpe de tocha que visava a sua cabeça. Deu um pontapé na garganta de uma criatura que o agarrava por trás e empurrou a rapariga, encostando-a à parede.

Eu não te vou fazer mal disse suavemente. Eu estou aqui para te ajudar.

Dito isto, largou-a e quase arrancou a cabeça de mais uma criatura que avançara com os poucos e negros dentes arreganhados. As feridas nos braços de Aewyre queimavam, provavelmente infectadas pela sujidade das garras e dentes dos seres distorcidos que o atacavam. Finalmente, a investida pareceu diminuir e os ataques gradualmente cessaram, até que o último faminto foi abatido com uma pancada na cabeça, que quebrou. Os outros recuaram e esconderam-se nas sombras. Aewyre ficou ainda algum tempo a agitar a tocha, mas acabou por recuar para perto da rapariga, que estava acorçada contra a parede, ainda de tocha em punho e de olhos arregalados. Aewyre achou imprudente largar a tocha como sinal de paz, com medo de pegar fogo à palha, por isso limitou-se a abrir os braços e a aproximar-se lentamente.

Não tenhas medo. Sou amigo. Os teus pais mandaram-me vir-te buscar.

A menção aos pais pareceu acordar a rapariga do seu transe de terror e esta deixou de tremer e poisou a tocha contra a parede.

Isso... O guerreiro ajoelhou-se à sua frente, estreitando os olhos com a dor que as feridas nas pernas lhe causavam, e aproximou lentamente a mão à cabeça da rapariga.

Ao primeiro toque, ela estremeceu e Aewyre retirou a mão. Voltou a tentar de seguida e, desta vez, a rapariga ficou quieta. Para a sossegar, o guerreiro acariciou-lhe os cabelos, e, pouco depois, ela agarrou-lhe a mão e levou-a à cara. Aewyre abraçou-a, confortando a rapariga e assegurando-lhe que ela estava segura. Então a dor no seu braço aumentou e o guerreiro viu-se forçado a largá-la e encostou-se à parede, acometido de tonturas. A rapariga fitou-o e, ao ver o sangue, falou, com o sotaque de Thyr.

Estais ferido, milorde.

Ao que parece... respondeu Aewyre, tapando a ferida húmida no ombro com a mão direita.

Se milorde me permite...

A rapariga ajoelhou-se à frente de Aewyre, varreu a palha para longe, encostou a tocha à parede, e rasgou um pedaço da sua saia cinzento-escura.

Por favor, nada de "milorde". Sou Aewyre. Como te chamas?

Na-Nabella respondeu a rapariga humildemente.

O guerreiro olhou para as pernas morenas reveladas pelo rasgo na saia à sua frente, que brilhavam como trigo maduro à luz do fogo. A sua admiração dos atributos da rapariga foi interrompida quando esta apertou o trapo à volta da ferida no seu braço, que fez com que ele cerrasse os olhos.

Não haveis tapado muito bem a ferida. Está a sangrar muito, mas isto deve ajudar disse a rapariga.

Vai servir. Obrigado.

Os *outros* também deixaram uns arranhões feios. É melhor tratar deles também... continuou, sem nunca olhar para os olhos de Aewyre.

Os olhos de ambos acabaram por se encontrar quando Nabella rasgou mais pedaços da sua saia e com eles tapou as feridas irritadas," mas a rapariga apressou-se a encolher a cabeça sem saber exactamente o que dizer. Tinha olhos bonitos, grandes e de um castanho muito claro, quase cor de mel.

Milorde... Senhor Aewyre... Haveis vindo salvar-me? quebrou Nabella o silêncio.

Bem... sim.

Perdoai a insolência, mas como ireis tirar-me daqui? Aewyre hesitou por momentos, até que se lembrou da costeleta

que Allumno lhe dera para usar em caso de perigo.

Não te preocupes. Os meus amigos virão para me tirar daqui. Eu... vim para te manter viva, por isso só nos resta esperar.

A rapariga nada disse, mas os olhares que lançou às inúmeras feridas do guerreiro falaram por si só.

Aewyre riu, ciente do ridículo da situação. Uma cara medonha apareceu em cima de Nabella, babando e exibindo dentes negros.

Cuidado! gritou, puxando Nabella para baixo e batendo com tal força na criatura, que por pouco não lhe arrancou a cabeça com a tocha.

O que são estas criaturas? perguntou enquanto abraçava a rapariga, observando o atacante que se contorcia enquanto a sua pele queimada fumegava.

Criaturas?

Sim, estes monstros que estão por todo o lado!

São pessoas... disse Nabella, quase ofendida.

O quê? Estes monstros, pessoas? Como podem eles ser humanos?

São pessoas! Pessoas que merecem o nosso respeito e compaixão por tudo o que sofreram! Eles não têm culpa! Foi o monstro do Coilen que lhes fez isto! exclamou Nabella com toda a deferência perdida.

Aewyre parecia estupefacto, mas acabou por falar.

Eu... não sabia.

Claro que não sabíeis! Ninguém o sabe! Ninguém fora de Alyun sabe, nem se importa, ninguém pode fazer nada, nem por estas pessoas, nem por nós e nem pelo povo!

Nabella começou a chorar e Aewyre abraçou-a, arrependido.

Shhh... Não te preocupes. Vamos sair daqui e depois prometo-te que ajudaremos o teu povo. Prometo...

Taislin estava ansioso. Finalmente deixavam-no agir livremente, apesar de o terem expressamente proibido de tentar roubar os guardas. A sua função era aniquilar o sineiro para o impedir de avisar os quartéis na cidade e encontrar Ancalach, que os guardas haviam certamente guardado, enquanto os restantes companheiros efectuavam o ataque à fortaleza. O burrik preferia acções furtivas a combates brutos, por isso não havia colocado nenhuma objecção. A fortaleza de Coilen situava-se no centro da cidade e, tal como as muralhas exteriores, também estava cercada por um fosso, transponível apenas com a ponte levadiça ou com a astúcia de um burrik. Pulando de sombra em sombra, Taislin aproximou-se da água e atirou um pau. Ao ver o reboliço que se seguiu, concluiu que o fosso também estava habitado. Ouviu vozes atrás de si e reparou numa patrulha à distância. Tirou apressadamente um lençol negro da sua mochila e cobriu-se com ele nas sombras, observando os guardas por baixo da cobertura. Estes anunciaram-se ao guarda do portão, que procedeu a baixar a ponte levadiça. O burrik esperou que a patrulha a atravessasse para se destapar, empacotar a túnica e preparar-se para quando ela fosse erguida, o que sucedeu poucos segundos depois. Então Taislin correu de arção

na mão em direcção à ponte, que se elevava lentamente. À distância certa, saltou o mais que pôde, mas, como previra, já não iria conseguir alcançá-la, pelo que arremessou o arpão, que se enganchou na borda, e cerrou as mãos na corda. Taislin dera corda a mais, no entanto, e acabou por cair na água. Em pânico, começou a trepar até que a ponte se ergueu o suficiente para o tirar da água. O burrik suspirou de alívio ao ouvir maxilares a estalarem em baixo de si. Mas não teve tempo para descanso, pois em breve a ponte encaixaria na abertura e ele continuaria de fora, por isso trepou agilmente com pés e mãos pela corda acima, mas mais uma vez, não chegou a tempo e a abertura foi tapada com um baque seco, dando-lhe tempo apenas para tirar o arpão antes que ficasse preso. Taislin praguejou e insultou a sua própria lentidão, pensando numa outra alternativa para entrar. Sentou-se na ponta da ponte erguida para ponderar, seguro de que estava fora do campo de visão da sentinela e analisou a parede. Estava impecavelmente polida e os blocos de granito encaixavam-se perfeitamente uns nos outros, não deixando qualquer espaço que os destros dedos de Taislin pudessem usar para trepar.

Ratos, isto está bem protegido...

Optou então por usar mais uma vez o arpão, ciente do barulho que ele poderia fazer. Para amenizar o ruído, enrolou a túnica negra em volta do objecto, preocupado com os rasgos que as pontas afiadas iriam causar ao caro tecido que havia amavelmente tirado a uma mulher nobre por lhe ficar tão mal. Girou o arpão e arremessou-o por cima do intervalo de uma ameia, permitindo-se um sorriso de satisfação pelo fraco ruído que fez. Puxou com força e procedeu a subir pela parede polida com uma faca entre os dentes como precaução, que se revelou útil quando Taislin chegou ao topo e deu de caras com um guarda armado de alabarda, que viera investigar o objecto suspeito. Rápido como um gato, o burrik tirou a faca da boca com a mão livre e atirou-a à garganta do homem, que se viu incapaz de gritar com o aço embebido na traqueia e caiu morto contra a ameia atrás de si. Tão rápido foi Taislin que conseguiu saltar e agarrar a alabarda antes que a enorme ponta metálica batesse contra o chão. Mais uma vez, suspirou de alívio, queixando-se da maneira como as coisas estavam a correr, mas apressou-se a tirar a sua faca da garganta do guarda e a encostá-lo a uma ameia para o exterior, apoiando-o com a haste da sua arma. Limpou o sangue da lâmina na túnica vermelha da sentinela e prosseguiu com a sua missão.

Quenestil agarrava nervosamente o seu arco, fazendo o fio vibrar várias vezes, até que o ruído incomodou Allumno.

Pára com isso. Fazer barulho não te serve de nada disse o mago.

Os rebeldes haviam conseguido a entrada de Allumno e Babaki através de um ardiloso esquema que envolveu distrações e carroças com legumes, um truque tão velho que os rebeldes mal haviam conseguido conter os risos.

Não gosto de deixar o casal sozinho com a Slayra confessou o eahan.

É isso que te preocupa? Disparate. Deixei-a bem amarrada com as minhas cordas mágicas. Sozinha não se vai conseguir libertar.

Ela é muito ardilosa e astuta. Pode convencer aquela pobre gente a libertá-la.

Disparate repetiu Allumno. O homem é casado. Daquele ela não consegue nada, isso to garanto eu. Quanto à mulher, está tão assustada que nem se vai aproximar dela.

Espero que tenhas razão disse Quenestil, pouco convencido, olhando para as ruas da cidade do topo do edifício onde os rebeldes se haviam reunido.

Allumno encolheu uns ombros resignado. *"Passa-se qualquer coisa entre os dois..."*, concluiu.

Mas agora deves concentrar-te no que temos à nossa frente. Não sei se te apercebeste, mas estamos prestes a fazer o trabalho de um exército avisou o mago.

Ora, com a tua magia, a liderança de Worick, a força do Babaki e o apoio do grupo de guerra dos rebeldes, o que poderia correr mal? perguntou Quenestil, tentando parecer confiante.

"Muita coisa...", pensou Allumno para si. *"Comopor exemplo, por que não usa o cretino do Aewyre a costeleta que lhe dei? Espero que não lhe tenha acontecido nada... ou então está a gostar da companhia da rapariga..."*, suspirou e abanou a cabeça, amaldiçoando o dia em que deixara o jovem sair de Ul-Thoryn.

Os meus homens estão prontos, Worick. Quando quiser... confirmou Cenric.

O thuragar olhava para o mapa da fortaleza em cima da grossa mesa de madeira apodrecida, traçando um caminho com um grosso indicador.

Esperamos mais um pouco para dar tempo àquele imbecil do Taislin. Estou mesmo a ver que ele ainda deita tudo a perder... resmungou o thuragar.

Não seas assim interveio Lhiannah. Eu sei que ele é capaz.

Naturalmente...

É mesmo necessário derramar sangue? perguntou Babaki. Lhiannah sorriu e pôs-lhe a mão no ombro.

Não precisas de fazer isto se não quiseses, Babaki.

O antroleo reflectiu por breves momentos sem tirar os olhos dos da arinnir.

Não. O Aewyre é meu amigo e não me abandonou. Vou ajudar. Lhiannah abraçou a enorme criatura, encostando a cabeça ao seu peito peludo.

Obrigada. Não tenhas medo de te tornares shakarex. Eu sei que tu és capaz de controlar o animal.

Sim concordou Babaki, retribuindo o abraço.

Deixem-se de lamechices e preparem-se para a luta. Vai ser um belo combate... exclamou o thuragar, esfregando as mãos, ansioso.

Eu... acho que vou ver se os homens estão moralizados disse Cenric, meio assustado com avidez de luta de Worick.

Aewyre estava sentado dentro do buraco que, à luz da tocha, parecia ter sido escavado com unhas. Afastou esse pensamento repulsivo e olhou para Nabella, que se recostara a si e parecia dormir.

"Pobre rapariga. Deve ter passado um mau bocado."

O guerreiro afagou-lhe os cabelos sujos com palha e detritos, tentando limpá-los com cada festa. Achava-a bonita, apesar da sujidade que a cobria. Os seus olhos, agora fechados, eram encantadores, não sedutores nem belos, mas simplesmente lindos e inocentes. A própria face arredondada não era mais agradável à vista que a das muitas outras mulheres que conhecera, mas tinha algo que Aewyre não havia reparado nas outras e que mesmo agora não conseguia definir. Simplesmente, não conseguia parar de olhar para ela, para os seus lisos e finos cabelos negros, as covinhas nas suas bochechas e no queixo pequeno, o seu nariz igualmente pequeno e os seus lábios que, como amoras, convidavam a morder. Aewyre controlou-se, mas Nabella devia ter sentido que estava a ser observada, pois acordou.

Não consigo dormir disse.

Mas devias. Em breve virão tirar-nos daqui e convinha estares restabelecida nessa altura para fugir.

Eu sei, mas não consigo.

Queres conversar, então?

Nabella hesitou e baixou os olhos uma vez mais. Aewyre agarrou-lhe o queixo entre o polegar e o indicador e levantou-lhe delicadamente a cara.

Então fala-me de ti. E por favor, não sou nenhum *milorde*: trata-me por tu.

Nabella acenou nervosamente com a cabeça e conseguiu ficar a olhar para os olhos de Aewyre.

De mim? Não há muito a dizer... Cada um de nós é o que Coilen diz que devemos ser. O meu afazer era ajudar nos campos, como deve cada rapariga da aldeia, e ir de vez em quando às tabernas agradar a outros homens, todos brutos que só querem bater, Nabella estremeceu com as lembranças. Ontem, ou hoje, já nem sei, não pude mais e recusei-me a voltar a fazê-lo e, pouco depois, veio a Guarda Marcial e aqui estou eu. E pronto, é essa a história da minha vida.

Aewyre afagou-lhe a cabeça mais uma vez.

Diz-me, por que faz Coilen isto? Como pode alguém sujeitar-vos a isto?

Ninguém sabe. Ninguém nunca o viu, nem sabemos se ele é humano, e quem viu, não viveu para contar a história. É horrível... ele traz pessoas para a masmorra, esta sala enorme, homens, mulheres e crianças. Não lhes dão comida e os prisioneiros são forçados a comer-se uns aos outros para sobreviver... Aewyre achava a sua maneira de falar encantadora... poucos vivem. Mas isso também faz parte dos planos do desgraçado, porque ele de vez em quando solta um prisioneiro, louco, imundo e quase um animal para que a sua família veja o que lhe aconteceu. Assim a população vive assustada, e a Guarda Marcial mantém a ordem.

Mas o que é que ele quer? Que espera ele alcançar com isso?

Ele é louco, senhor Aewyre. O jovem sorriu por ouvir o seu nome sem qualquer título. Ou então não passa de um monstro cruel. Todos trabalham e ninguém levanta a voz, e com isso ele enriquece. Ele faz com que a gente não se sinta como escrava com as tabernas cheias de rameiras, bebida de graça e jogo, para que no dia seguinte todos voltem a trabalhar. Os velhos ou quem não é capaz de

trabalhar desaparecem e nunca mais são vistos. É horrível... demasiado horrível... lamentou a rapariga enquanto os olhos se humedeciam uma vez mais.

Aewyre tentou confortá-la, mas Nabella desfez-se em soluços e lágrimas.

Des-Desculpe..., é só que... nunca pude falar assim com ninguém.

Chora, chora à vontade. Nada mais te vai acontecer agora.

O momento foi interrompido por mais um prisioneiro que se aproximou. A sua cara coberta de crostas de sujidade estava queimada e parecia já ter sido agredido, mas com carne fresca à vista, arranjava forças para voltar a tentar. Aewyre ergueu-se e empunhou a tocha, pronto para lhe rachar a cabeça, mas as palavras de Nabella haviam-no comovido. Esta pobre gente não tinha culpa. Fora Coilen quem os tornara assim... Vendo a hesitação, o prisioneiro urrou diabolicamente e investiu. Nabella fechou os olhos e ouviu um enojante estalo.

Desculpa, companheiro, mas não vou dar a minha vida pela tua,..", pensou Aewyre, orando uma prece aos deuses para que o pobre homem alcançasse o pináculo da sua montanha.

Taislin desceu pela escadaria iluminada por tochas com os passos rápidos mas cuidadosos característicos da sua raça, não fazendo barulho algum. Estava a tentar lembrar-se de que lado da fortaleza estava o sino de alarme, mas não conseguiu. Teria de procurar... ouviu os passos de alguém que subia as escadas.

Decididamente, hoje não é o meu dia...", lamentou.

Olhou em redor, mas a escadaria não oferecia qualquer tipo de refúgio. Pensou em voltar atrás, mas arriscava-se a ser visto. Os passos soavam cada vez mais alto, acompanhados pelo rangido de armadura. Ocorreu-lhe então uma ideia e tirou o seu pequeno cantil da mala, esvaziando o conteúdo em cima de uma tocha, cujas chamas protestaram com um silvo enquanto eram apagadas. Feito isso, o burrik escondeu o seu corpo diminuto no recanto mais escuro que encontrou. Como previu, o guarda pegou na tocha apagada e foi até-a no fogo de outra, mais atrás, dando a oportunidade de que Taislin precisava para se esgueirar e continuar a descer.

"Claro que tinha de a acender na tocha atrás. Podia ter sido apanhado... não é mesmo o meu dia..."

O resto do percurso deu-se sem mais inconvenientes e em breve Taislin encontrava-se nos corredores da fortaleza, também escuros e

iluminados por tochas. Com a quantidade de sombras, o pequeno burrik evitou facilmente as patrulhas, esgueirando-se por entre armaduras, móveis e cortinas. De vez em quando, via uma bolsa cheia pendendo do cinto de um guarda e sentia-se tentado, mas repetia sempre para consigo, pouco convicto, o que Allumno lhe dissera.

”O dever antes do prazer...”

Por acaso, deu com uma janela e espreitou lá para fora para baixo e para os lados. Com um sorriso malicioso, avistou um púlpito sobre o qual estava um enorme sino e uma sentinela. Devia ser ele o seu alvo. Observou mais e viu que, por cima do púlpito, estava outra janela.

”Perfeito. Talvez isto não venha a ser tão difícil como pensei. Finalmente começa a correr bem...”

Continuou a caminhar sorrateiro pelos corredores frios, nos quais os passos dos guardas ressoavam até encontrar outra escadaria. Subiu-a com o mesmo cuidado e deu com mais um corredor, desta vez com uma noção da direcção que devia tomar, e depressa encontrou a janela, confirmando a presença da sentinela por baixo. Lamentou não ter o arco de Quenestil e optou por improvisar. A distância que separava o burrik do guarda era considerável, mas vertigens e medo de alturas eram duas palavras que não conhecia e saltou, esperando cair em cima do humano. Para o cúmulo do azar, o guarda foi para o lado verificar as setas incendiárias que serviam de sinal e Taislin por pouco não se esborrachou. Como um gato, absorveu o impacto com as pernas e rebolou pelo chão, mas chamou a atenção do guarda.

Ei! O que...?

Com medo de que ele chamasse a atenção dos companheiros, tirou duas facas do cinto e arremessou-as. Mas o sentinela era um lutador experiente e deflectiu os projecteis com o escudo, colocando a sua lança em riste para investir. Tentou espetar o burrik, mas este saltou para cima e a ponta de aço cravou-se na pedra do parapeito. Com reflexos e agilidade impossíveis, Taislin apoiou-se em cima da haste com os pés, pegou na cabeça do guarda e desferiu-lhe uma joelhada em cheio na cara. Atordoada e surpresa, a sentinela recuou e Taislin aproveitou para tirar outra adaga. O guarda recuperou-se e atacou de outra forma, usando a haste da lança como um bastão e atingindo o burrik no estômago. Com o impacto, Taislin foi de encontro ao parapeito e lá ficou, estonteado. O seu adversário virou a ponta da lança para si mais uma vez e estocou. Vendo a morte perto, Taislin agarrou-se ao bordo do parapeito e, com uma pirueta, colocou-se em cima dele, evitando o golpe. Ao ver a lança mais uma vez cravada,

saltou para cima da haste e partiu-a com os pés, mas o guarda esmurrou-o com as costas da mão. Atordoado, Taislin não pôde impedir que o guarda lhe agarrasse a garganta e começasse a tentar empurrá-lo para fora do parapeito. O burrik levou a mão ao cinto, mas constatou que as suas armas haviam caído. Olhou para baixo e ocorreu-lhe mais uma ideia: espetou os olhos da sentinela com os dedos, golpeou a garganta dele para o impedir de gritar, libertou-se do aperto, agarrou-lhe os pés e atirou-o para fora. Observou a sua queda na água viu a agitação que se seguiu à superfície, preferindo nem imaginar o horrendo festim que se desenrolava debaixo de água. Suspirou mais uma vez de alívio, reclamando da sua má sorte e dando graças a Kispryn, deus dos ladrões, por ainda estar vivo depois de tantos contratemplos. Tentou recordar-se do sinal combinado e lembrou-se de que devia imitar um mocho, que Quenestil ouviria com a sua apurada audição. Ou seria uma coruja? Taislin arriscou e tentou imitar o animal o melhor que pôde.

Pareceu-me ouvir um mocho a vomitar disse Quenestil, com a mão no ouvido.

Suponho que foi o Taislin? indagou Allumno.

Teremos de presumir que sim...

Você, dê o sinal disse o mago a um rebelde ao seu lado.

O homem agitou uma tocha para dar o sinal de partida ao primeiro grupo. Um bando de quatro homens envergando armaduras da Guarda Marcial e sete vestidos como camponeses avançou em direcção à ponte levadiça.

Ainda não percebo por que não o matas tu com um feitiço disse o shura.

Já te disse que feitiços que matam são muito espalhafatosos. Lembra-te de que queremos ser discretos.

Se quiséssemos mesmo ser discretos, não estaríamos aqui a tentar tomar uma fortaleza de assalto com um bando de maltrapilhos.

Cala-te e fica atento. O guarda do portão vai aparecer a qualquer momento.

Com efeito, o guarda apareceu e o grupo anunciou-se como o décimo primeiro esquadrão e que voltavam com os agitadores do mercado. A sentinela baixou a ponte levadiça e Quenestil retesou o fio do arco curvo com um indicador protegido por um dedal de chifre.

Por favor, não falhes pediu Allumno. Quenestil estava imóvel como uma estátua.

Eu nunca falho afirmou, muito sério, e largou a flecha, que voou e se cravou no olho do guarda do portão, matando-o instantaneamente.

Allumno assobiou.

Fizeste pontaria ao olho?

O que é que achas? respondeu o eahan, sinalizando aos outros que descessem para a rua.

Está na hora exclamou Worick, triunfante. Os seus olhos brilhavam de antecipação pela luta. Tinha uma vez mais homens debaixo do seu comando, mas desta vez não sentia receio. Talvez esta fosse a forma de os deuses lhe permitirem redimir-se... Empunhava o seu terrível martelo de guerra, em cujo cabo do mais puro aço as runas de guerra nele cinzeladas pareciam brilhar.

Os seus homens estão prontos, Cenric? perguntou Lhiannah.

Alguns esperaram por este momento as suas vidas inteiras, princesa.

Excelente. Então esta noite terão a paga por tão longa espera. Cenric sorriu e fez uma vénia cortês.

Assim o espero, princesa.

Cenric, por favor. Entre amigos é Lhiannah.

Seja... Lhiannah. Que as nossas lâminas se humedecem com o sangue da Guarda Marcial e, se os deuses assim o desejarem, do amaldiçoado tirano.

Juntas serão elas desembainhadas concordou a princesa, unindo a sua espada à do líder.

O pequeno exército rebelde de cinquenta homens estava agora pronto e armado às portas da fortaleza. Cada um empunhava uma lança, uma espada, um pequeno machado e um largo escudo de madeira. Todos envergavam armaduras de coiro.

Vamos fazer o menor barulho possível disse Worick, ciente de que estava a gastar palavras em ouvidos moucos. Os rebeldes tinham sede de vingança, e Worick sabia que iria ser difícil agir estrategicamente.

Assim que passaram a ponte levadiça e entraram na fortaleza, os homens avistaram logo um esquadrão, cujo número para eles era irrelevante. Descurando qualquer tática, os rebeldes atacaram, gritando o nome de familiares mortos. Por sorte, os guardas foram apanhados de surpresa, pelo que não se conseguiram organizar e

foram retalhados pelas furiosas espadas dos rebeldes, que os injuriavam já mortos e escarravam nos cadáveres. Um rebelde foi mortalmente ferido por um golpe de espada, morrendo satisfeito.

Não ataquem assim! Não podemos perder homens dessa maneira estúpida! gritou Worick. Se cada um ataca por si, eles vencem! Sigam as minhas ordens ou nenhum de vocês sairá daqui vivo!

Os homens resmungaram face à autoridade do thuragar, mas Cenric repreendeu-os e disse-lhes que seguissem os comandos de Worick. Avançaram pelo portão principal e chegaram ao pátio. Worick normalmente teria hesitado em avançar para campo aberto numa situação destas, mas os rebeldes haviam feito tanto alarido que qualquer efeito surpresa estava perdido. Havia três guardas no pátio, que foram praticamente esquarterados pelos rebeldes. Subitamente, Lhiannah ouviu o soltar de arcos e dois homens caíram.

Worick! Estão a disparar das ameias!

Muralha de escudos! Muralha de escudos! gritou o thuragar, colocando-se lado a lado com um dos seus homens para dar o exemplo. Ajoelhou-se e ergueu o seu escudo acoplado à manopla e em breve outros se lhe juntaram, formando em pouco tempo uma muralha protectora de escudos de madeira. Quenestil disparou por um espaço, mas o guarda que alvejara estava bem protegido por detrás das ameias.

Temos arqueiros? perguntou.

Não. Nenhum destes incompetentes sabe manejar um arco berrou Worick. Levantem-se! Lentamente... Não, mais devagar! choveram setas em cima dos escudos e um rebelde foi atingido no pescoço. Perceberam? Agora levantem-se devagar... isso... perfeito. Agora, sincronizem o passo, um... dois... devagar... devagar! Um... dois... isso mesmo.

Com as ordens de Worick, a muralha de escudos começou a mover-se lentamente. Um outro rebelde caiu ingloriamente e outro grunhiu de dor. Worick mandou outro preencher o espaço.

Allumno, faz alguma coisa! gritou Quenestil por entre os braços dos rebeldes.

O mago não respondeu, pois já estava a usar a Palavra. Quenestil tornou a chamá-lo, mas apercebeu-se do que o mago estava a fazer.

Worick! Manda-os parar!

O quê? berrou o thuragar.

Parem! Parem ou o mago queima-vos a todos! gritou o eahan, e a ameaça pareceu funcionar, pois todos estacaram e Worick continuou a andar, saindo da formação por breves momentos.

O que pensam que estão a fazer? perguntou ao preencher o vazio que deixara, evitando por pouco um virote, que se partiu contra o chão.

A salvar as nossas peles replicou Quenestil, baixando a cabeça quando uma flecha se espetou no escudo por cima da sua cabeça.

O mago gesticulava e entoava cânticos arcanos, enervando os homens próximos de si. Então disse:

Tirem-me os escudos de cima!

Tementes do feiticeiro, assim fizeram e Allumno ergueu o braço. Quando esperavam ouvir setas a voar para o buraco na muralha, os rebeldes viram com espanto uma bola de luz iridescente que se elevava acima deles.

Sílabas místicas saíram dos lábios do mago e a esfera luminosa elevou-se para o céu, perdendo o brilho à medida que subia.

Fechem os escudos agora e não olhem para ela! advertiu.

A muralha fechou o buraco, mas Allumno não precisava de ver para saber quais eram os efeitos do feitiço que gostava de chamar *esfera do olhar incauto*. Todos os arqueiros que olhavam para a bola viram-na partir-se em estilhaços, que voaram em direcção a quem os fitava, cravejando-os de energia mística e atordoando-os.

Vejam se sobra algum disse o mago, tranquilamente.

Os rebeldes abriram cuidadosamente a muralha de escudos e constataram que os besteiros estavam incapacitados.

Depressa agora! Para a porta principal! ordenou Worick enquanto corria. Não temos tempo a perder!

Todos se dirigiram à grande porta e já se apercebiam da agitação no interior da fortaleza. O efeito surpresa perdera-se, mas ninguém desistiu.

Peguem naquela táboa grande! Vamos usá-la como um aríete! Quenestil, Lhiannah, Babaki, Cenric, acompanhem o Allumno e vão para as masmorras com três dos melhores homens. Eu trato da Guarda Marcial.

Os rebeldes assim fizeram e iniciaram o arrombamento com uma fortíssima pancada, desferida pela raiva conjunta de homens sedentos de vingança. Após a segunda pancada, a enorme porta começou a ceder, mas uma outra porta abriu-se do outro lado da fortaleza e dela saiu um grupo de vinte guardas.

Somos mais que eles! Ao ataque! gritou um dos rebeldes, mas Worick mandou-os parar ao ver as bestas que os guardas empunhavam.

Muralha de escudos! gritou e os homens assim fizeram, a tempo de se protegerem dos virotes. Três de vocês continuem com o aríete.

Ninguém segurava a tábua.

Atirar lanças! bradou Worick a plenos pulmões.

Os rebeldes contra-atacaram com uma saraivada de lanças que causou várias baixas no grupo inimigo.

À carga! gritou o thuragar, avançando na dianteira.

Os rebeldes correram em direcção aos guardas, cuja formação estava quebrada e caíram em cima deles como cães raivosos, ignorando os comandos de Worick.

Flanquear! gritava Worick desesperadamente. Flanquear! Três rebeldes morreram, mas mais do triplo de guardas marciais

caíram no primeiro assalto. Os restantes foram finalmente cercados e rapidamente mortos. Sem parar sequer, os rebeldes pegaram nas lanças, voltaram atrás, ergueram o aríete e começaram a deitar a porta abaixo, cujas tábuas se iam lentamente quebrando com as fortes pancadas.

Mais disciplina! Querem morrer todos? perguntou Worick, com o martelo a pingar sangue e miolos.

Os homens fingiram ignorar, mas pareciam dispostos a cometer o mesmo erro.

Pedras me partam, não temos tempo para isto! Sigam os meus comandos ou morram! Agora deem a maldita porta abaixo, já deve estar um exército inteiro à nossa espera... ordenou o thuragar na sua possante voz enquanto ajudava os homens com as pancadas do seu martelo.

Estou a ouvir sons de luta! disse Lhiannah, fazendo tenção de voltar atrás.

Não! O Worick é capaz de lutar sozinho disse Allumno. Temos de...

O mago não acabou a frase, pois viu sete guardas que se aproximavam. Começou a recitar um encantamento e Quenestil percebeu o sinal e atacou com os rebeldes enquanto Cenric se escondia nas sombras. Babaki hesitou. Os guardas desembainharam as espadas e atacaram também ao ver um mago. O embate deu-se com um ruidoso tinir de espadas e os combatentes envolveram-se numa violenta peleja. Os quatro rebeldes eram dos melhores homens de Cenric e faziam jus ao estatuto, dando que fazer aos igualmente habilidosos guardas. Quenestil

largou uma seta, que atingiu um deles em cheio, e atacou com a sua comprida faca, receoso de acertar num dos rebeldes. Outro guarda tombou, ardendo em chamas, quando Allumno acabou a conjuração. Quenestil aparou um golpe, mas o guarda, mais forte, empurrou-o contra a parede e estocou, falhando por pouco. O eahan tentou acertar na garganta do guarda com a sua faca, mas este desviou o golpe com o escudo e com ele pressionou Quenestil contra a parede. O shura apercebeu-se da sua má situação quando se tentou libertar e não conseguiu. O guarda levou o braço atrás para desferir o golpe mortal, mas a espada de um rebelde entrou pelos seus rins e saiu-lhe pela barriga. O eahan libertou-se e quis agradecer, mas a cabeça do rebelde espirrou sangue para cima de si, quando a lâmina de um guarda marcial a rachou de lado. Com um grito de raiva, saltou para cima do assassino do homem que o salvara e cortou-lhe a garganta com um furioso golpe. Quenestil estava à espera de outro adversário, mas os rebeldes haviam-nos morto e esfregavam as feridas. A espada de Lhiannah pingava sangue, mas Babaki não desembainhara as *shwafwif*.

Alguém gravemente ferido? perguntou Allumno, vendo que Quenestil orava as suas preces ao guerreiro caído.

Ninguém parecia incapaz de lutar, pelo que continuaram a correr pelos sombrios e húmidos corredores da masmorra.

Agora para encontrar a cela do Aewyre... lamentou-se o mago, maldizendo o seu protegido por não ter usado a maldita costeleta e amaldiçoando o antroleo pela sua relutância em lutar.

Perdido nos seus pensamentos, não reparou nas silhuetas que deslizavam pelas sombras sorrateiramente.

TRAÍÇÃO

Taislin deslizava sorrateiramente pelas sombras da fortaleza. Ouvia a agitação lá fora e sabia que os seus amigos deviam estar a lutar pelas suas vidas. No fundo, queria estar lá para os ajudar em vez de procurar uma espada, mas Allumno convencera-o da importância de Ancalach. Se não estivesse perdido nos seus pensamentos, estranharia a falta de movimento num castelo que estava a ser atacado, pois não deu com mais nenhuma patrulha. O mago dera-lhe uma singela lasca de metal parecido com aço, que deveria supostamente ser uma parte da Lança de Istegard, que o arquimago Zoryan, amigo de Aezrel, usara para encontrar as partes da lendária arma. O metal luzia e parecia querer fugir da mão do burrik, o que, segundo as indicações de Allumno, significava que a espada não estava longe. Taislin começou a sentir uma certa empatia com o pedaço de metal, sentia o calor a aumentar conforme se ia aproximando da espada. Os corredores da fortaleza pareciam não ter fim, e o burrik viu-se mais que uma vez forçado a retroceder e tomar outro caminho ao sentir o calor do metal a desvanecer-se em certa direcção. O silêncio, apenas quebrado pelos seus passos quase inaudíveis, começava a ser inquietante. Taislin sabia por intuição que alguma coisa não estava bem, mas não sabia o quê. Corria apressado, esperando que, a qualquer segundo, um guarda surgisse das sombras e o trespassasse com a espada. Ou o tirano... como seria ele? Um monstro disforme de tentáculos viscosos? Ou uma besta assassina parecida com o Babaki em estado shakarex? O facto de não conhecer o aspecto do tirano preocupava-o, e Taislin tinha a sensação de que estava a ser observado, imaginando o tirano como um mago com uma bola de cristal como nas histórias.

De repente, o pedaço de metal aqueceu de tal súbita e repentina forma, que o burrik o largou como reflexo. Isso indicava grande proximidade da espada. Taislin olhou para a frente e avistou o fim do corredor, no qual se situava uma porta adornada de baixos-relevos na madeira, ladeada por duas colunas aneladas com a textura de escamas de serpente. Antes de entrar, fez como Allumno lhe havia dito, para pôr o pedaço dentro de um saco que lhe dera, de modo a que ele não se unisse à espada. Assim fez e encostou o ouvido à porta, o que se provou difícil devido aos baixos-relevos que, notou o burrik, exibiam cenas grotescas de morte e destruição. A própria porta causava-lhe arrepios, principalmente por ser o portal para a entrada no covil do tirano. Tirou da mochila uma pequena garrafa de metal que Allumno lhe dera, enfatizando o facto de que era um "autêntico desperdício" usar uma "tão útil e rara poção" devido à "estupidez" e às "fantasias heróicas" de Aewyre. Desconfiado, tirou a rolha com os dentes, produzindo um estalo de vácuo e levou o gargalo ao nariz, mas o líquido era inodoro. Fungou para se certificar de que não tinha o nariz entupido mas, recordando-se da urgência da situação, levou a garrafa à boca e engoliu o conteúdo de um só trago. Lambeu os lábios e o líquido soube-lhe a agriçoce, não desagradável de todo. Começou a sentir uma aura tremeluzente que o circundou, envolvendo-o lentamente. Olhou para os seus braços de mangas arregaçadas e viu que os seus pêlos estavam eriçados.

"Mau, querem ver que me vou transformar num cão? Um gato! Ao menos que seja um gato!"

A estranha aura, no entanto, adaptara-se à sua forma e cobria-o como roupas ajustadas ao seu tamanho.

"Bom, esperemos que funcione."

Engoliu em seco, inspirou fundo e bateu à porta. Esperou alguns segundos e voltou a bater, desta vez com mais força.

Entrei e anunciai-vos! gritou alguém, a sua voz abafada pela porta.

Como resposta, o burrik voltou a bater, finalizando com um pontapé. Ouviu passos e alguém lhe abriu a porta, que rangeu enquanto se ia abrindo. Taislin aproveitou e esgueirou-se pelo espaço entre as duas portas, engasgando-se ao ver o grupo de guardas, vinte, que, ajoelhados, apontavam bestas carregadas na sua direcção. Fechou os olhos e orou a Kispryn, mas nada aconteceu. Taislin voltou a abrir os olhos e viu os guardas na expectativa, como se esperassem alguém. Não saíram das posições durante alguns momentos, até que um guarda ao lado do burrik, o que abrira a porta e se desviara para o lado, falou.

Entrei em nome de Coilen!

Obviamente, não houve resposta. Taislin sorriu. A poção funcionara e os guardas não o podiam ver. Lembrou-se de, oportunamente, explorar as sacolas do mago e ver se ele estava muito carregado... quase assobiando, começou a andar, gingão, e procurou a espada pela enorme sala. Hesitou quando os guardas dispararam cegamente entre o espaço das duas portas e se ouviu o ruído de metal a embater contra pedra, mas continuou à procura, indiferente a eles. Parecia ser uma sala de monarca, devidamente decorada mas soturna, escura, sem janelas e iluminada por tochas como os corredores. Enquanto o guarda espreitou pela porta de espada na mão e os seus companheiros se erguiam, também com espadas desembainhadas, Taislin avistou Ancalach, que jazia em cima de um largo altar manchado de vermelho à frente do trono. O assento real estava oculto em densas sombras. Indiferente a tudo, o burrik avançou, enquanto um dos guardas falava.

Não se vê ninguém, senhor. Quais são as vossas ordens? Aproximava-se do altar...

Senhor? Que devemos fazer? perguntou o guarda mais uma vez.

Cada vez mais perto...

Senhor? Sentis-vos bem?

Taislin já sentia o calor do metal através da sacola.

Tolos exclamou repentinamente uma voz rouca, profunda, sinistra.

Taislin estacou, subitamente aterrado. Começou a ouvir um leve tilintar, que se tornou num chocalhar metálico.

Ele está aqui! disse a voz, desta vez mais alto.

Taislin sentiu um jorro de sangue quente que disparou do seu coração para o resto do corpo e o paralisou.

Alguém entrou na sala! Fechem a porta e procurem-no! gritou a voz.

Meio aliviado, o burrik olhou em redor, sem saber ao certo para onde se virar. Os guardas cumpriam as ordens rapidamente e revistavam todos os cantos da sala.

Não deixem a espada desprotegida! gritou mais uma vez a voz, e alguém se ergueu das sombras do trono.

Taislin não conseguiu conter um ruidoso engasgo.

O que foi isso? perguntou a figura que assustara o burrik e o chocalhar aumentou de volume.

A porta abriu-se repentinamente com estrépito. Taislin virou-se, aliviado por finalmente ter chegado ajuda. Grande foi a sua consternação ao ver mais um guarda.

Senhor! Eles entraram! Estão cercados! disse.

Excelente. Matem todos os rebeldes se for preciso, mas quero esses aventureiros vivos. Agora fiquei curioso... disse a figura entre chocalhos.

”Oh não...” , pensou o burrik.

Muralha de escudos! Lanças para fora! urrou Worick ao esmagar a cabeça de um guarda com um potente golpe de martelo.

Como são tantos? Não deviam estar mais de sessenta na fortaleza! perguntou um rebelde desesperado enquanto aparava um golpe de espada com o seu escudo.

Traição! Traição! gritavam alguns, repelindo e contra-atacando guardas.

Muralha de escudos! Já disse! voltou o thuragar a ordenar aos obstinados rebeldes.

O grupo de guerra havia sido surpreendido pela repentina abertura da porta que tentavam arrombar, da qual jorrou uma investida de guardas e mais guardas, que começavam a cercar os rebeldes. Worick apercebeu-se disso e, apesar de não compreender como estavam tantos na fortaleza, sabia que uma muralha de escudos e lanças contundentes seria a melhor opção. Desferindo mais uma martelada, começou a orientar os rebeldes para as devidas posições. Finalmente, conseguiu a formação desejada e os ataques cessaram. Os guardas marciais não eram tolos e sabiam o perigo que era lançarem-se contra homens protegidos por uma muralha de escudos com lanças a reforçar a defesa.

Devagar agora, atacar! ordenou o thuragar, vendo a hesitação dos guardas. Para a minha frente!

A muralha de escudos avançou rápido demais e a formação foi quebrada por curtos instantes, que alguns guardas aproveitaram para penetrar na defesa dos rebeldes enquanto os seus companheiros morriam espetados pela frente.

Mais devagar! Retroceder! gritou Worick quase em desespero. Os guardas já haviam penetrado as fileiras, no entanto, e fizeram um significativo número de vítimas antes de serem trespassados por lanças de todos os lados.

Muralha de escudos! Voltem às posições!

Mas os rebeldes estavam completamente desorganizados e foi só por milagre e grande capacidade de liderança que Worick conseguiu fazê-los retomar as devidas posições.

Rebeldes! gritou um guarda com cimeira e crina vermelhas no elmo, um capitão. Estais em número inferior, feridos e cercados. O vosso plano falhou e tereis de pagar pela ousadia de atacar a fortaleza do vosso senhor. Nosso senhor Coilen promete ser complacente, no entanto. As masmorras serão a pena para cada um de vós, mas as vossas famílias serão poupadas.

Os rebeldes prepararam-se para investir e Worick, que mal havia ouvido o que o capitão dissera, preparou-se para o grito de guerra, mas a súbita imagem dos seus homens mortos e destroçados na emboscada que ele deveria ter previsto surgiu-lhe repentinamente. O thuragar hesitou e os rebeldes estranharam.

Não... disse por fim.

Os guardas aguardavam, nervosos.

Senhor Worick? Ao ataque?

Eu disse não! gritou, encolerizado. Nunca mais... acrescentou, mais baixo.

Que dizeis? Estais louco? Quereis desistir?

Um protesto elevou-se nas fileiras dos rebeldes, para o contentamento da Guarda Marcial, que esperava que os seus inimigos baixassem as lanças.

Eu não. Vocês é que vão desistir...

O quê?

Nunca, antes a morte!

Desistir?

Os nossos companheiros terão morrido em vão? Jamais!

Silêncio! interrompeu o thuragar. Mortos, de nada servirão aos vossos amigos, muito menos às vossas famílias.

E serviremos muito nas masmorras... ripostou um dos rebeldes, os outros manifestaram a sua concordância.

Enquanto os seus companheiros conversavam, Alruc, o único homem de Cenric que sobrevivera ao ataque da Guarda Marcial aquando do primeiro encontro entre os companheiros e o seu líder, abriu caminho pela fileira dianteira e esgueirou-se entre dois escudos. Os seus camaradas foram surpresos pelo gesto e deixaram-no passar.

Senhor Worick, se morrermos hoje, terá sido por uma boa causa disse outro rebelde.

Eu não serei o responsável pelas vossas mortes! Vão ser chacinados como porcos no matadouro!

E não será. Somos nós os responsáveis. Então somos crianças? perguntou outro e os restantes acenaram com as cabeças e protestaram.

Surpreso pela coragem dos homens, dispostos a morrer nem que fosse só como gesto simbólico contra a tirania, Worick ficou quase comovido. Olhou para os rebeldes, um grupo de homens cobertos de sangue e cansados, que vira os seus números serem reduzidos de cinquenta para pouco mais de vinte. Mesmo assim, o fogo nos seus olhos deixava bem claro que estavam dispostos a lutar até às últimas consequências contra um batalhão três vezes o seu número.

Que Tharobar vos receba de braços abertos e vos inebrie ao êxtase para toda a eternidade nas suas perenes nascentes de *soyg*, seus imbecis desejou.

Ainda havia esperança. Se Worick os conseguisse controlar e usar a tática do Ouriço Rolante, fazer com que avançassem devagar como uma muralha de espetos ambulante, ainda podiam vencer. Pronto

para ordenar o ataque, Worick viu Alruc a dirigir-se de encontro aos guardas pelo canto do olho.

Olhou para ele, pensando que era um cobarde que se ia entregar, mas notou que os guardas o deixavam passar com acenos de cabeça e, por vezes, com uma palmadinha nas costas.

Não... disse, incrédulo.

Alruc sorria e aceitava os cumprimentos que os guardas lhe vociferavam.

Foi ele... foi ele quem avisou os quartéis!

Os sorrisos de alguns guardas confirmaram as suas suspeitas.

Traidor... Maldito traidor! gritou um rebelde que também vira Alruc.

Morte ao traidor! berrou outro. Morte ao traidor!

Essa fora a derradeira faísca que ateara fogo nas veias dos rebeldes. Descurando toda e qualquer tática, atacaram como uma horda de bárbaros enlouquecidos, possuídos por uma fúria inumana. Worick tentou impedi-los, mas sabia que tudo estava perdido. O embate de escudos deu-se com um ruidoso clamor e a ele seguiram-se o tinir de espadas e o clangor de aço que embatia contra aço. Os primeiros gritos de morte não tardaram a soar. Worick via tudo à roda, os seus homens iam morrer, outra vez... outra vez... e tudo por culpa de Alruc, o traidor, o cobarde verme traiçoeiro...

Com o rouco urro de guerra dos thuragar, ergueu o seu temível martelo, cuja mera visão fez com que os guardas à sua frente recuassem, e contra eles investiu. Os rebeldes afastaram-se do caminho dele e continuaram a lutar, cientes de que estes eram os seus últimos momentos no mundo, e cada um prometeu deixá-lo coberto de sangue da Guarda Marcial. Worick abria caminho através dos guardas selvaticamente, esmagando e triturando com o martelo, enquanto os rebeldes se encarregavam dos sobreviventes. Já não via nada à sua frente, apenas avistava Alruc e só Alruc importava. O traidor olhava para trás em pânico, tentando passar pelos guardas, que eram deixados para trás e esmagados como insectos pelo irado thuragar. Alruc acabou por tropeçar e foi pisoteado por guardas que fugiam de Worick e quando abriu os olhos, foi a cabeça do martelo do thuragar a última coisa que viu. Com sede de sangue, Worick continuou a bater até o corpo do traidor soar a molhado, berrando e amaldiçoando a sua alma para toda a eternidade e ninguém ousou aproximar-se dele para o interromper. Os rebeldes, no entanto, não estavam a ter a mesma sorte, apesar de lutarem heroicamente até ao fim, cada um levando muitas vezes dois guardas consigo. O thuragar ergueu a cabeça, escolhendo a sua próxima vítima, mas avistou um rebelde morto, calcado e sangrento. Deu por si e olhou em redor, vendo apenas rebeldes a morrer como tordos numa tempestade de metal rutilante, os seus homens... os seus homens...

Parem! gritou. Entrego-me! Rendo-me, mas poupem os meus homens! pediu com voz quase suplicante.

Acompanhando o grito agonizante de outro rebelde morto, um grupo de guardas armados de mocas gritou enquanto caíam em cima do thuragar. Não foram brandos para o aniquilar.

O que é isso? perguntou Quenestil, alarmado.

O eahan vira sombras a mexerem-se, mas ninguém mais notara.

São as tochas. É deste lugar, dá-me arrepios... disse um dos rebeldes.

Não eram as tochas contestou Quenestil. Alguma coisa se mexeu e não eram as nossas sombras.

Ouçam o que ele diz advertiu Allumno.

O que viste, Quenestil? perguntou Cennc.

Não sei, mas alguma coisa era, e não deve ser amigável...

Ouviram-no, homens? Fiquem atentos.

O grupo assim fez e cada um olhava para os lados, parecendo agora que viam movimentos por toda a parte. Uma ratazana correu

por entre as pernas de um rebelde, que se sobressaltou e assustou os outros.

Deve ter sido isso que o eahan viu gozou um dos homens para aliviar a tensão, rindo, mas como ninguém o acompanhou, tossicou e calou-se.

Continuaram a marchar cuidadosamente pelo corredor húmido. O único ruído audível eram os suaves ecos dos passos, o pingar de água e o ocasional guincho de uma ratazana. Os rebeldes começavam a ficar nervosos. Eles também sentiam uma presença agora, ou talvez fossem as suas cabeças que os enganavam, mas começaram a preferir estar a combater ao lado de Worick em vez de caminhar nestes túneis medonhos.

Ouviram alguma coisa? perguntou um deles.

Cala-te. Não nos assustes.

-Estou a falar a sério! Ouvi alguém!

Eu não ouvi nada assegurou Babaki, pronunciando-se pela primeira vez.

Vês? Está mas é calado.

O outro rebelde, no entanto, estava nervoso e acometido de suores frios.

Não foi para isto que me juntei à causa... lamentou-se alguns passos à frente.

Cala-te, com os infernos!

Calem-se todos! Está alguma coisa perto de nós! sibilou Quenestil.

O grupo inteiro estacou, imóvel.

O que foi? Que ouviste? perguntou Cenric, sempre calmo.

Não falem! Assim eu não...

Algo se precipitou sobre o grupo e as tochas foram tapadas pela escuridão. Os rebeldes gritaram mas foram silenciados por fortes pancadas que pareciam vir de uma centena de braços à volta deles.

Quenestil! Ajuda-me! pediu Allumno.

O eahan desembainhou a sua comprida faca e cortou à sua frente, parecendo-lhe rasgar algo com a textura de um pano. De seguida, recebeu meia dúzia de golpes e algo o puxou contra a parede, contra a qual o eahan embateu. O que lhe estava a agarrar a cabeça bateu com ela como uma estaca contra a pedra fria enquanto algo lhe esmurrava repetidamente o corpo. Babaki não resistiu, aflito a controlar o seu instinto animal, e mergulhou nas trevas da inconsciência com as fortes pancadas. Allumno estava a ter o mesmo tratamento, mas

conseguiu concentrar-se para um feitiço simples. Estalou os dedos e uma luz fulgurante preencheu o corredor. A súbita iluminação fez com que os ataques cessassem e o mago recuperou-se, sacudiu a cabeça e esfregou o sangue que lhe pingava do nariz.

Shaddens! Peguem nas tochas ou estamos mortos!

Os rebeldes levantaram-se, cambalearam, ainda estonteados pelas fortes pancadas e encostaram-se à parede para recuperarem. Quenestil e Lhiannah estavam inconscientes, notou Allumno. Cenric não se via em lado nenhum.

Cenric! Onde estás? Fala, homem! gritou Allumno, pegando numa tocha para afugentar as tetras criaturas, cuja aproximação se notava com o progressivo escurecimento do corredor.

Deuses... exclamou um dos rebeldes.

O que foi? perguntou Allumno, ansioso.

O rebelde não respondeu, limitando-se a iluminar o cadáver quebrado do seu líder.

Oh, deuses... lamentou-se Allumno. Que tenha alcançado o pináculo da sua montanha e saiba que vai ser vingado.

Subitamente, ficou tudo escuro mais uma vez e os rebeldes entraram em pânico. Mas não Allumno.

Malditas criaturas... disse em voz baixa. Morram! gritou e as suas mãos brilharam.

Proferiu algo com a Palavra e um clarão de luz reduziu um shadden a nada.

Tornou a gritar, e outra criatura desvaneceu, guinchando agudamente.

Quando estava prestes a desintegrar outra, foi agredido nas costas e caiu. O resto dos shaddens caiu então em cima dele e tentaram dar continuidade ao seu brutal ritual, mas o mago virou-se e proferiu a Palavra mais uma vez, tão alto que a sua voz se propagou pela masmorra inteira.

Numa explosão de luz que também cegou Allumno, todos os shaddens no corredor sentiram a sua estrutura semimaterial a ser rasgada por raios de luz perfurantes e implodiram com guinchos estridentes. Então veio o silêncio e a escuridão. Allumno não via nada, os seus olhos ofuscados pelo clarão que provocara, pelo que tateou o caminho para encontrar os seus amigos, que julgava estarem vivos.

Quenestil? Babaki? Lhiannah? Ajudem-me, não vejo... Ninguém respondeu, a não ser uma voz que o mago não reconheceu.

Vocês mataram os meus meninos... mataram-nos...

Quem está aí? perguntou Allumno, pegando no seu bastão. Sem ver nada, não podia usar a Palavra.

Eu gostava dos meus pequenos... eram maus e cruéis. Tenho outros, mas gostava mais destes. E tu, maldito, mataste-os...

Allumno começou a palavrear, esperando assustar quem quer que estivesse a falar com ele.

Um deslocamento de ar e algo estalou na cara de Allumno. O mago levou a mão à face e molhou-a no sangue que escorria.

Devia matar-te, mas o meu senhor Coilen quer-te vivo. Por isso porta-te bem e não vou ter de te magoar muito... afirmou o seu interlocutor, que riu como um lunático perante a dor do mago.

RESGATE

Taislin corria como louco pelas ruas desertas da cidade. Ancalach pesava-lhe às costas como um fardo de culpa que carregava. Para encontrar a espada, não pudera ajudar os seus amigos, que podiam agora estar mortos. O burrik aproveitara a distração do tirano e do seu séquito para cobrir a espada dos reis com um pano e com o seu corpo como Allumno (estaria vivo?) lhe havia dito. Aparentemente, Ancalach ficara invisível também e assim a fuga foi fácil, apesar de o efeito da poção se ter dissipado pouco depois de se ter afastado do fosso. Taislin viu a mortandade na fortaleza e soube que nenhum dos rebeldes sobrevivera, mas que os estrangeiros haviam sido capturados. Era essa a sua única esperança, mas o que faria agora? Estava sozinho, como o fora durante toda a sua vida, mas nunca se sentira mais indefeso do que agora. Habitara-se à companhia dos seus amigos e a ausência deles fazia-o sentir-se só e sem esperança. Que podia ele fazer sozinho para os salvar? Com quemalaria? Não conhecia ninguém em Alyun, aliás, não conhecia ninguém em lado algum. Só lhe ocorreu um local, a choupana do casal que lhes pedira para salvar a filha. Sem qualquer outra escolha, correu em direcção aos portões da cidade, passando por inúmeras tabernas, que irradiavam calor e uma felicidade e alegria que o burrik não vira durante o dia. Homens ébrios cantavam, acompanhados de mulheres de moral duvidosa, mas não eram autorizados a sair dos locais e fazer barulho para a rua. Indiferente a tudo, continuou a correr, passando agilmente por vários guardas que lhe gritavam que parasse e se identificasse. Todos estranhavam o bizarro indivíduo diminuto que corria como um corço com uma espada às costas àquelas horas da noite, mas nenhum o apanhou e todos foram

despistados. Quando chegou aos portões principais, viu que estavam fechados, mas isso pouco lhe importou. Subiu até à torre de controlo, onde foi avistado por dois guardas, que abandonaram os seus postos e subiram as escadas atrás dele. No cimo da torre encontrou mais um guarda, que silenciou com um arremesso de faca certeiro. Sem parar para recuperar a arma, puxou a alavanca do mecanismo, que começou a rolar, deixando as correntes correr e baixando a ponte levadiça. Pensou voltar atrás, mas as vozes dos guardas demoveram-no, pelo que olhou pela barbacã e avistou a ponte, que descia lentamente.

Kispryn, pela primeira vez nesta noite, dá-me sorte rezou em voz alta.

Justamente quando as sentinelas chegaram ao topo da torre, Taislin saltou de gancho na mão e Ancalach nos braços. Deixou-se cair, passando por trás da ponte descendente e largou o arpão, que se enganchou na enorme borda. Enrolou a corda pelos seus antebraços e agarrou-a com toda a força, preparando-se para o esticão que se seguiria. A corda esticou-se e a força da gravidade, contrariada pelo arpão que suspendia o burrik, encarregou-se de compensar com um violento puxão que quase lhe arrancou os braços. Sem forças e demasiado "dorido para subir pela ponte, esperou que esta se baixasse, apesar de os sentinelas estarem a alertar a restante guarda para a fuga de um intruso. Quando a ponte quase havia assentado, ouviu-se um ruído metálico seco e esta começou a subir. Alarmado, o burrik percorreu o resto do caminho com os pés, grunhindo com a dor nos braços e em breve alcançou o fim e saltou para solo firme. Ouviu-se outro ruído seco e a ponte recomeçou a descer. Indeciso entre agradecer ao seu deus ou mandá-lo para os infernos, enrolou a corda e correu no seu passo de doninha em direcção à aldeia, deixando os guardas facilmente para trás. Percorreu diversos trilhos para confundir os perseguidores, tentando não perder as fogueiras da aldeia de vista. Após andar em círculos repetidas vezes, correu a distância que o separava dos tectos de colmo e calcorreou os caminhos lamacentos à procura da habitação do casal. Um cão sarnento ladrrou-lhe, mas o burrik ignorou-o, apesar do medo felino que sentia de tais animais. Estava uma noite de céu escuro silenciosa, com a excepção do inevitável canto dos ralos. Finalmente, deu com a casa e bateu repetidamente à porta, descurando qualquer discrição. Alguém reclamou, mas o burrik não cessou de bater até que o robusto homem lhe abriu a porta.

Que vem a ser... Ah, é você. Entre, seu imbecil! Quer que o vejam? disse, puxando Taislin pelos colarinhos.

O burrik cambaleou de encontro à parede, deixou Ancalach cair e foi agarrado pela mulher, que o assaltou com perguntas, cobrindo-lhe a cara com as suas mãos sapudas.

Por que está sozinho? O que aconteceu aos seus amigos? Encontraram a minha filha? Tiraram-na de lá? Diga-me! O que é feito dela?

Minha senhora, calma! gritou Taislin, libertando-se do seu aperto.

Recostou-se à parede e deixou-se cair de traseiro no chão, arfando.

Calma, Magdal. O rapaz está aflito. Descansa, filho, e fala quando puderes disse o homem paternalmente, pondo as mãos nos ombros da mulher.

Taislin foi-se recuperando e o seu coração começou a abrandar o ritmo. Sentia-se exausto, mas arranjou forças para se levantar e falar com o homem, que aguardava com as mãos por cima do ombro da sua nervosa mulher.

As coisas... inspirou fundo não correram muito bem...

Então está tudo perdido reconheceu o homem, pesaroso.

Ai, a minha filhinha! lamentou-se a mulher, recomeçando a chorar.

Taislin ficou mudo, sem saber o que dizer para consolar o pobre casal. Aewyre comprometera-se inconscientemente a salvar a filha deles, e falhara. E agora? Taislin encontrava-se sozinho. Os aldeãos pouco ou nada fariam para ajudar e os poucos rebeldes estavam mortos. O burrik nunca se sentira tão desesperado até que, de repente, uma voz familiar veio das sombras.

Eu posso ajudar.

Slayra! Taislin esquecera-se da eahanna negra. Mas de nada servia. Apesar de não nutrir os sentimentos figadais que Quenestil tinha para com a assassina, não era tolo a ponto de confiar nela.

Se me soltares, eu ajudo-te a libertar os teus amigos.

Por quem me tomas, Slayra? Sou um burrik, mas não sou nenhum imbecil.

Então pára de agir como um e pensa um pouco. Queres os teus amigos livres, não queres?

Sim... mas...

E eu não quero apodrecer aqui ou acabar linchada por esta gente. Que importa se eu fugir e os teus amigos continuarem nas masmorras? E qual é a diferença se tanto eu como eles ficarmos presos? Garanto-te, não tens nada a perder.

Taislin não podia refutar a lógica da eahanoir. Reflectiu um pouco e falou por fim.

Que garantias tenho eu de que me ajudas?

Nenhuma admitiu Slayra secamente.

O burrik desembainhou a sua adaga e, após um momento de indecisão, cortou as cordas que lhe prendiam os braços.

Obrigada agradeceu, esfregando os delicados pulsos, cheios de marcas vermelhas.

E agora? perguntou Taislin, pronto para o que desse e viesse.

Dá-me as minhas coisas e vamos libertar os teus amigos. Face às palavras da eahanna negra, o burrik permitiu-se relaxar e sorriu de satisfação, sem se perguntar sequer pelos motivos de Slayra.

Senhor, a sua filha ainda pode ser salva. Mas diga-me, onde esconderam os meus amigos o equipamento dela?

Ali... apontou o homem, consolando a sua mulher, sem saber se deveria ter fé nas palavras do pequeno burrik ou não.

Taislin devolveu a Slayra o seu equipamento, preparado para qualquer tentativa de fuga, mas a eahanna nada fez.

Por que esperamos? Ainda os queremos tirar de lá hoje, não?

Sim. Vamos anuiu o burrik, subitamente esperançoso. Mas que fazemos com a Ancalach?

Slayra pensou, olhando para a espada com um estranho brilho nos olhos.

Leva-a. O Aewyre pode vir a precisar dela.

Taislin ficou desconfiado, mas não soube dizer nada contra e os dois encaminharam-se para a porta.

Que os deuses estejam convosco desejou o homem.

Espero bem, porque esta noite têm-se desleixado um pouco... respondeu Taislin.

O casal entreolhou-se, aparvalhado com a resposta.

Os... teus amigos estão a demorar... disse Nabella, já mais descontraída.

Aewyre abanou a cabeça, sem saber o que dizer. Também começava a estranhar o facto de nada ter acontecido, mas confiava nos seus amigos e sabia que eles o tirariam de lá assim que pudessem.

Não te preocupes. Eles não nos vão deixar aqui afirmou.

Espero... espero que tenhas razão.

Aewyre ia dizer qualquer coisa, mas uma súbita tontura apoderou-se dele e levou os dedos à base do nariz.

O que foi? perguntou Nabella, preocupada.

Nada... estou só um pouco... cansado.

Estás exausto. Perdeste sangue. O melhor é descansares.

Não posso. Não com eles por aí...

Eles devem estar com medo. Se atacarem, eu acordo-te.

Aewyre estava admirado com a coragem da rapariga, mesmo depois dos horrores pelos quais passara. Aceceu ao seu pedido e pôs os braços por cima dos joelhos, encostando neles a sua cabeça para dormir um pouco, mas Nabella agarrou-lha e encostou-a ao seu peito. Surpreso, Aewyre deixou-se ficar no abraço da rapariga, sentindo a maciez e o calor do peito que lhe era oferecido.

Descansa, meu salvador, meu belo cavaleiro sussurrou Nabella, fazendo-lhe festas no cabelo. Descansa...

Pela primeira vez desde há muito tempo, Aewyre adormeceu tranquilo.

Taislin e Slayra deslizavam pelas sombras da cidade, calma como a bonança após uma tempestade. O ataque fora rápido e fulminante e a Guarda Marcial não tinha razões para temer qualquer tipo de represália, pois os rebeldes estavam mortos. Os dois provariam em breve que essa presunção estava errada... Em pouco tempo, chegaram à fortaleza que o burrik já tão bem conhecia.

Este fosso também está cheio de criaturas devoradoras. Não ponhas sequer o pé dentro de água avisou Taislin, esfregando a sua cara coberta de carvão. Slayra pintara ambos de modo a que se mesclassem melhor às sombras e as armas também haviam sido chamuscadas com as labaredas de uma fogueira. A roupa de Taislin, branca e vermelha, fora o maior problema e o burrik aceitara relutantemente cobri-la de carvão. Da última vez, tive de esperar que baixassem a ponte levadiça para entrar.

Isso foi por que não me tinhas contigo. Como chegaram os rebeldes a entrar? perguntou Slayra.

Tinham armaduras de guardas e fingiam trazer prisioneiros.

Então talvez devamos fazer o mesmo sugeriu a eahanna.

Nenhuma armadura me vai caber. E tu és mulher, e não há mulheres guardas.

Não era isso que queria dizer. Vamos fazer-nos de prisioneiros. O burrik não percebia a ideia.

Já vais ver. Anda comigo...

Taislin começava a ficar farto de correr de um lado para o outro atrás de Slayra como um cão, mas seguiu-a na mesma. A eahanna negra parecia ser a única que sabia o que fazer. Pararam a poucos passos de um estabelecimento de cujo interior se ouvia a algazarra de um festim e à porta do local estava um guarda, que empurrava um conviva ébrio para dentro.

Fica aqui escondido e deixa isto comigo.

Que vais fazer?

Observa...

Slayra saltou de sombra em sombra, aproximando-se do estabelecimento, escondeu-se atrás do edifício ao lado da taberna e puxou as calças para cima, revelando a parte baixa das suas ebúrneas pernas. No seu esconderijo limpou a cara que pintara com carvão e chamou a atenção do sentinela com um sussurro, exibindo a perna convidativamente, tentando o guarda com um sorriso comprometedor. O homem olhou para os lados, para dentro da taberna, outra vez para os lados, escarrou como para demarcar território, passou os dedos por baixo do nariz e avançou, gingão. Slayra encostou-se à parede, oferecendo o seu apetecível corpo. O guarda olhou para os lados mais uma vez e encostou o braço à parede, por cima do ombro da eahanna.

Podes ir parar às masmorras se o fazes fora das tabernas, menina disse o guarda, um espécime particularmente rústico. As rugas traíam a sua idade e os dentes amarelentos empestavam a sua boca com um repulsivo hálito.

Por mim, podemos fazê-lo aqui... sugeriu Slayra, provocante, esperando que o cabelo lhe estivesse a tapar as orelhas pontudas, e analisou o homem.

A virilha não era um bom alvo, pois estava protegida por uma escarcela de placas de metal articuladas. Os joelhos estavam respectivamente protegidos por joelheiras e um elmo resguardava-lhe a cara. Mais uma vez, o guarda olhou em redor, sem ver ninguém, e virou-se para ela.

Quanto? perguntou.

Por ti, garanhão, fica por conta da casa...

A frase quebrou as últimas resistências do homem e este tirou o elmo e caiu em cima de Slayra, enchendo as suas mãos com as formas da eahanna e levando os seus lábios babosos ao seu pescoço. Taislin observava a cena de olhos arregalados. Enojada, mas sempre sorridente

e fingindo satisfação, Slayra procurou os pequenos ganchos que mantinham a escarcela junta e soltou-os, expondo a virilha. O guarda nem reparou até sentir a colisão entre o joelho da eahanna e os seus testículos, que lhe provocou tal dor que o fez curvar. Rápida e eficiente, Slayra agarrou-lhe os cabelos ralos e despediu um forte soco na têmpora direita, que o derrubou. Foi ainda necessário um pontapé na cara para o pôr inconsciente, após o qual a eahanna sinalizou a Taislin que se aproximasse.

Este vai ser o nosso salvo-conduto para a fortaleza exclamou, triunfante.

Boa ideia reconheceu o burrik, satisfeito por terem encontrado uma maneira de entrar, ainda que pouco ortodoxa. É melhor amordaçá-lo, não?

Os dois levaram o guarda para o fundo do beco e esperaram que acordasse, o que sucedeu apenas após uma longa espera. Quando despertou, não se conteve.

Maldita rameira! Vou-te matar! teria ele dito, não estivesse a sua boca coberta por um pedaço de pano.

Mesmo assim, Slayra arranhou-lhe a maçã do rosto com o seu estilete e levou a ponta à saliente maçã-de-adão.

Ouve bem que eu só vou dizer uma vez: vais levar-nos aos dois apontou para Taislin para dentro da fortaleza, dizendo que somos prisioneiros. Depois disso podes viver ou não, depende de como *te* portares. A alternativa... levou a ponta aos testículos é sangrares das túbaras até à morte neste beco desolado. Que dizes? Sim ou não?

O guarda acenou veemente com a cabeça, um fio de sangue a escorrer do corte na maçã do rosto.

Óptimo. Agora, vais levar esta rameira que se vendeu nas ruas e este ladrãozeco e vais conduzir-nos às masmorras. Fui clara?

O homem repetiu o aceno.

Muito bem. Continua assim e pode ser que sobrevivas. Dá-lhe a Ancalach, Taislin. Um prisioneiro não pode carregá-la.

Slayra amarrou o burrik com nós frouxos, desamarrou o guarda com um punhal apontado à garganta e enrolou o seu braço à volta do pescoço do homem, encostando-lhe a lâmina à garganta. Taislin tentou enfiar Ancalach na bainha do homem, mas não coube e o burrik decidiu prendê-la ao cinto.

Sou uma rameira que se cola, percebeste? perguntou, pressionando a lâmina contra a garganta do homem.

Perfeitamente confirmou o guarda e os três dirigiram-se à fortaleza.

Quando lá chegaram, o homem anunciou-se e disse que trazia dois prisioneiros. O guarda do portão riu ao ver a "rameira" ainda agarrada ao seu companheiro.

Ó Telwar, vê se a levas ao meu quarto antes de a pôr nas masmorras!

Ele não haveria de querer isso, pois não? Ri-te.

O guarda assim fez e, assim que a ponte foi baixada, entraram por fim.

"Grandes asnos...", pensou Taislin. "*Cair duas vezes no mesmo truque...*", sufocou uma risota.

Pelo caminho, passaram por alguns guardas, que assobiaram ao ver as pernas ainda descobertas de Slayra.

Telwar! Isso pertence ao quartel, não às masmorras! disse fulano, rindo ruidosamente de seguida.

Diz lá, beleza. Diz lá se não preferes que estas mãozinhas te mexam em vez das patas podres dos outros? *perguntou* beltrano.

Ó Telwar! Não sejas egoísta! Partilha um pouco com os amigos! pediu sicrano.

Slayra disse-lhe que risse e continuasse com o caminho.

As masmorras estão ali à frente. Que mais quer de mim? *perguntou* o guarda em voz baixa, suando.

Seria útil que nos conduzisses aos prisioneiros que atacaram a fortaleza.

Eu não sei onde estão! Trabalho na cidade!

Então terás de perguntar, não é? Anda, mexe-te. Slayra olhou em redor, para verificar se alguém olhava.

Onde se guardam as armas dos prisioneiros?

Na armaria.

Onde fica?

O guarda indicou o caminho concisa e claramente.

Vai, Taislin. Vê se encontras as armas. Deixa isto comigo.

O burrik escondeu-se nas sombras e seguiu as instruções do guarda, que conduziu Slayra pelo corredor subterrâneo sinuoso e chamou pelo carcereiro em voz alta. Começaram a ouvir-se passos e as tochas iluminaram um enorme homem, que coxeava na direção do grupo.

Pergunta-lhe, mas se deres com a língua nos dentes, corto-ta! ameaçou Slayra asperamente.

O carcereiro era um homem de grande porte, alto, mas corcunda. Tinha longos braços peludos e simiescos que quase tocavam o chão e empunhava uma lanterna a óleo e um chicote de várias correias de couro. A sua face era caracterizada por um grande nariz partido, uns pequenos olhos encovados em baixo de sobrancelhas negras e uma boca que exibia dentes compridos e salientes, podres pelo cheiro e aspecto. Tinha a cabeça rapada, com a exceção de um longo tufo de cabelo entrançado que crescia na ponta da sua nuca protuberante e deslizava até a meio das suas largas omoplatas. As suas orelhas eram ridiculamente grandes e apontavam para a frente, exibindo grossos tufos de pêlos.

Como posso ajudá-lo, guarda? perguntou, servil.

O-onde estão os prisioneiros que atacaram a fortaleza?

Esses? Nosso senhor Coilen acabou de levar o mago para interrogação. Os outros estão na ala Leste, perto dos... *outros disse*, rindo maliciosamente.

”*Quem serão esses outros?*”, pensou Slayra para consigo.

Leva-me lá ordenou o guarda.

Que quereis deles? indagou o carcereiro.

Não te diz respeito. Leva-me e não faças perguntas! disse, imperativo mas incapaz de ocultar o nervosismo.

O carcereiro franziu o sobrolho, encolheu os enormes ombros e virou-lhe a sua prodigiosa corcunda.

Siga-me. Cuidado com o chão, é escorregadio. Deve ser de todo o sangue que os meus meninos vomitam, coitadinhos...

Outro riso rouco e áspero.

Cuidado com o degrau avisou, após o qual os conduziu pelas escadas abaixo, onde abundavam ratazanas.

Calma, minhas lindas. Vão ter muito tempo para mordiscar esta menina tenrinha, ou se vão... virou-se e fitou o guarda com uma careta sorridente e lunática, que assustou mesmo Slayra.

Riu-se mais uma vez de forma doentia, fazendo parecer que o ar lhe passava por crostas nos pulmões. A própria Slayra sentiu-se desassossegada com a crueza e fria crueldade do carcereiro coxo. Uma ratazana guinchou ao ser pisada e a eahanna negra notou que o guarda começava a perder a calma, pois tremia e suava.

”*Este imbecil ainda vai estragar tudo...*”

Babaki recuperou os sentidos lentamente. Estava acorrentado de braços e pernas à parede e reparou que os seus amigos estavam presos

da mesma forma. Olhou em redor, mas só viu escuridão, excepto uma pequena área iluminada por tochas, na qual estavam dois guardas de sentinela.

Não gosto de estar aqui... disse um. Os outros metem-me nojo...

Nojo? Deves é estar com medo provocou o outro, tentando distrair o seus próprios receios.

Cala-te. Sabes bem que não tenho medo de nada. Mas este cheiro... por que é que temos de estar aqui a vigiá-los, de qualquer forma?

Agora estás armado em estúpido... nosso senhor Coilen quer estes aqui vivos, tu sabe-lo. Apontou para os companheiros. Estamos aqui para garantir que os *outros* só os vão assustar e magoar um pouco, não os devem matar.

Eu é que os matava de bom grado... sabias que o thuragar esmagou a cabeça do Alruc?

Alruc... era um gajo às direitas...

Foi ele quem nos informou do ataque. Se não fosse por ele, nosso senhor Coilen podia estar morto. E esse thuragar matou-o como a um cão!

Acalma-te... vamos deixar que os outros tratem dele durante mais tempo...

Os dois riram. Babaki já deixara de prestar atenção à conversa, pois ouvia passos a arrastar a palha do chão que se aproximavam. O cheiro nauseabundo da masmorra impedia que ele pudesse identificar o que quer que fosse e a sua visão apurada distinguia apenas formas humanóides que cambaleavam. Quando se aproximaram mais, o antroleo sentiu-lhes o cheiro: uma enojante miscelânea de fezes, suor, sujeira e outros odores repugnantes. Os seus olhos aproveitavam a parca luz e as formas pareceram-lhe humanas, mas algo lhe dizia que eram perigosos. Quando um deles se chegou a Babaki, o cheiro pestilento fê-lo recuar devido ao seu nariz sensível. Então o vulto arranhou-o, esfolando-lhe a pele e rasgando-lhe a carne do flanco. O ardor que se seguiu devido às unhas imundas fez Babaki rosnar. Atraídos pelo estranho cheiro do antroleo e pelo facto de ele estar acordado e estrebuchar, os restantes seres aproximaram-se, observaram o seu companheiro e juntaram-se a ele, começando a arranhar e a morder, até que pareciam querer devorá-lo. Babaki rosnava e sacudia-se, afastando alguns, que reagiam furiosamente, arranhando-o com ferocidade.

Acho melhor fazê-los parar antes que matem o bicho...

É capaz de ser. Vamos fazer com que se dirijam ao thuragar. Os guardas aproximaram-se, risonhos e armados de chicotes, mas

algo sucedeu antes que eles afastassem os seres. Babaki sentiu um calor nos olhos, que indicava o afluxo de sangue ao globo ocular. As correias começavam a ficar demasiado pequenas para os seus pulsos e tornozelos. Deixou o animal vir à tona para se salvar e então tudo ficou vermelho.

Com um possante rugido, rebentou as correntes que o prendiam e derramou toda a sua fúria nos seres que o haviam magoado. Os *outros* nem se aperceberam do que caíra em cima deles, foram despedaçados em poucos segundos por garras rápidas como relâmpagos.

O que...? perguntou um dos guardas, assustado.

A resposta veio, literalmente, da boca de Babaki, que abocanhou a cabeça do homem e cujos dentes lhe perfuraram o crânio. O outro tentou fugir, aterrorizado, mas tropeçou e foi rasgado em pedaços pelo antroleo. Babaki rugiu de triunfo e olhou em redor, avistando os seus amigos, que ainda estavam inconscientes. Ia a aproximar-se deles quando ouviu um grito lancinante de mulher do outro lado da porta. Correu imediatamente nessa direcção.

Finalmente, após um enervante passeio, chegaram.

É aqui, guarda. Deixe-me com a menina que eu encarrego-me de a juntar aos restantes disse o carcereiro com um brilho nos olhos.

O guarda olhou Slayra pelo canto do olho, como se perguntasse o que devia fazer. Slayra respirou fundo e passou à acção. Cortou a garganta do guarda, empurrou-o para o chão e saltou para cima do carcereiro num único movimento fluido, tão rápida que teria surpreendido qualquer um. Mas, inesperadamente, o corcunda deu um passo para o lado e esmurrou Slayra no estômago em pleno ar. Surpresa pela velocidade do enorme homem e sem ar nos pulmões, a eahanoir arfou e caiu, contraindo-se em dores no chão.

Julgas-me tolo? perguntou. Achas que após anos de prisioneiros manhosos e traiçoeiros não cheiro um esquema desses à distância? É mesmo assim que eu gosto delas, estúpidas... agora anda cá, diverte-me um pouco...

O carcereiro pegou em Slayra pelos cabelos e enfiou o chicote no cinto para desapertar as ceroulas, mas foi a sua vez de ser surpreendido, quando os seus testículos foram esmurrados. Urrou de dor e atirou a eahanna para o chão, tentando pisá-la de seguida. Slayra rebolou e evitou o enorme pé.

Cabra maldita! gritou. Por isso vais morrer! Tirou o chicote do cinto e estalou-o no ar como ameaça. Vou vergastar as tuas costas até nada sobrar a não ser carne para as ratazanas!

Slayra tentou evitar o chicote, mas duas das muitas correias atingiram-na no braço esquerdo, cortando roupa, pele e carne. A eahanna gritou de dor e levou a mão ao braço ferido.

Dói? perguntou o carcereiro, com uma voz sarcasticamente paternal. Pois ainda não viste nada. Vais sofrer de maneira tão atroz que irás suplicar por misericórdia e desejar que estivesse a arder nas profundezas de Asmodeon!

Vamos ver quem vai suplicar quando eu puser as minhas mãos em cima de ti... ameaçou a eahanna.

O carcereiro riu loucamente e tornou a atacar. Uma correia verteu sangue na coxa de Slayra, mas três foram cortadas pelos punhais que ela desembainhou.

Muito bem, ela resiste! Gosto quando lutam, dá-me mais prazer ouvir os seus gritos de misericórdia! disse, enfatizando com o seu riso maníaco.

Slayra não podia conceber o que se lhe deparava. Era uma eahanoir, vivera entre eahan negros e durante toda a sua vida conhecera apenas crueldade, frieza e desumanidade, mas o carcereiro parecia encarnar todos esses valores deturpados da sociedade onde crescera. O homem que enfrentava era alimentado por um tal ódio contra toda a vida e sadismo puro que mesmo ela ficava aterrada. Tentou pensar nele como adversário, só como adversário...

Antes que ele atacasse mais uma vez, envolveu a ponta da capa no braço esquerdo e, quando o carcereiro desferiu outra chicotada, defendeu-se das correias, que se enrolaram à volta do seu braço protegido. Sabendo que seria inútil puxar, desferiu dois cortes rápidos, mas antes que pudesse cortar as últimas, o carcereiro deu um forte puxão e Slayra caiu no chão imundo. Ouviu os pesados passos do corcunda, que vinha na sua direcção e atirou-lhe os dois punhais ao estômago quando o julgou perto o suficiente. O carcereiro grunhiu surpreso quando sentiu o aço frio a afundar-se nas suas entranhas e deu tempo a Slayra para executar uma tesoura alta, prendendo a enorme cabeça entre as pernas e levando-a com ímpeto contra o chão. A eahanna ouviu um estalo forte no impacto e o carcereiro ficou caído de costas, atordoado.

Slayra sentiu-se estranhamente atraída a Ancalach e tirou-a do cinto do guarda morto para desferir o golpe mortal, mas alguma coisa

agarrou os seus ombros com força. Antes que pudesse reagir foi bruscamente elevada no ar e viu formas negras que voavam em redor, obscurecendo as tochas por vezes. Então uma delas agrediu a eahanoir e as restantes seguiram o exemplo e começaram a espancá-la com uma série de rapidíssimos golpes, agarrando, arranhando, esmurrando, puxando...

Gostas dos meus bichinhos? perguntou o carcereiro, sangrando de todos os orifícios na cara enquanto se erguia. São um pouco agressivos e convém ter um amuleto destes pegou num cristal de quartzo no seu colar enquanto se levantava para não se ser atacado. Mas acho que tu nem me estás a ouvir, não é? riu mais uma vez.

Com efeito, os baques surdos e pancadas secas obstruíam a audição de Slayra que, com a dor de uma centena de golpes, gritou de desespero a plenos pulmões. Foi então que uma das maciças portas da masmorra se escancarou, seguida de um rugido cavernoso que ecoou pelos corredores como um exército de feras a pronunciar-se com furor. O carcereiro ficou paralisado de terror quando o monstro se dirigiu a ele a uma velocidade impressionante, os contornos do seu corpo envolto na escuridão iluminados pelas tochas, e o reduziu a tiras de carne. Vendo a agitação de figuras sombrias à sua frente e de alguma forma recordando-se da dor que lhe haviam causado, lançou-se enraivecida para cima delas, rasgando as suas formas semimateriais com uma fúria tal que as dispersou pela poeira da masmorra. A besta rugiu de triunfo e olhou em redor, ouvindo um coração a bater e sentindo o medo vivo de um ser que jazia imóvel no chão. Aproximou-se da figura inerte e rosnou, mas, vendo que continuava imóvel, correu pelas escadas acima à procura de mais criaturas para descarregar a sua infindável raiva.

Allumno estava amordaçado e amarrado. Os guardas que o escoltavam arrastavam-no com compridas correntes, receosos do seu poder. Nunca haviam visto um mago e temiam-no por isso mesmo. Esse receio era alimentado pelas histórias que ouviam das capacidades desses homens de manipular as energias místicas, pelo que mantinham a distância dele. O mago não sabia o que fazer. Tanto quanto sabia, os seus amigos podiam estar mortos e ele agora estava sozinho. Os guardas pareciam querer levá-lo para ser interrogado pelo tirano, e Allumno estava tão satisfeito com isso quanto podia estar. Se era de facto o único sobrevivente, vingaria os seus companheiros, nem que

tivesse de demolir a fortaleza pedra por pedra. Se ao menos conseguisse tirar a maldita mordaça... Não havia nada que um mago mais detestasse que ter a boca tapada.

Finalmente, os guardas pararam perante uma grande porta, um deles anunciou-se e entraram num enorme salão tão obscuro como o resto da fortaleza. Ao fundo da sala estava um trono, também coberto por sombras, o que conferia um certo ar de abandono à sala inteira.

Meu senhor, tendes aqui o mago anunciou um dos guardas.

Excelente vociferou uma voz rouca e profunda. Retirem-se. Vocês os dois, fiquem.

Allumno não via quem falava, mas ouvia um chocalhar metálico, parecido com o de correntes a serem arrastadas.

Então este é o mago que ajudou os intrépidos aventureiros a desafiar o meu domínio... diga-me, quem teve a imprudente ideia de se aliar aos rebeldes e atacar-me? Tanto quanto sei, a vós nada fiz...

Allumno emitiu um ruído abafado pela mordaça.

Ah, que falta de educação a minha... esqueci-me de que está amordaçado. Sim, eu conheço muito bem a sua espécie, esses desgraçados dos magos. Falam e gesticulam e já estamos transformados em sapos... muito perigosos, muito perigosos... demasiado perigosos para que lhes seja permitido viver.

O tirano ergueu-se, exibindo-se à fraca luz e Allumno arregalou os olhos. O tirano nu, divertido.

Surpreso? Pois fique sabendo que foi um mago quem me fez isto. Como pode calcular, não nutro muito amor pelos praticantes das artes mágicas, e receio bem que você seja um deles, não é verdade?

"Esta... criatura é louca...", pensou Allumno.

Oh sim, eu sei que é, não vale a pena negá-lo. O seu tom de voz ficou repentinamente sério. Pois saiba que nenhum mago pisa o solo de Alyun, a minha cidade, este vilarejo que eu transformei numa cidade próspera, e vive. É essa a minha lei. Ponham-no em cima do altar ordenou.

Os dois guardas pegaram em Allumno, que se debateu como pôde, e colocaram-no em cima do bloco de pedra manchado de vermelho à frente do trono.

É um hábito que eu desenvolvi ao longo dos anos. Todos os magos que me vêm parar às mãos, morrem.

Os guardas agrilhoavam os pulsos e pés de Allumno em cima do altar.

Gosto de os torturar por horas a fio... vai ser um dos infelizmente poucos privilegiados que conhecerão as minhas requintadas técnicas. Sabia que é possível fazer passar um certo objecto algo chocalhou pelo recto de um homem, fazendo com que ele lhe saia pela boca, sem o matar? Logo verá... tenho muito para lhe mostrar. Sabia que também...

O tirano foi interrompido por uma súbita baforada de enxofre, que o afastou e aos seus guardas. Os três tossiram convulsivamente e, quando o fumo se dissipou, ninguém estava em cima do altar.

O TIRANO

Ouviste? perguntou Nabella, alarmada.

Aewyre acordou sobressaltado com o rugido e levou a mão à bainha instintivamente, só para constatar mais uma vez que Ancalach não estava lá.

Babaki! Só pode ser o Babaki!

Quem é o Babaki?

Amigo meu. Acho que está na hora de usar isto... disse Aewyre, finalmente esperançoso, e tirou a costeleta de porco do seu cinto.

Mas... o que...?

O guerreiro ignorou-a e concentrou-se no osso que agarrava com as duas mãos. Com um súbito movimento, partiu-o e, segundos depois, surgiu Allumno numa nuvem de enxofre. Parecia abalado.

Allumno! Que bom ver-te! disse Aewyre, saltando e abraçando o seu amigo.

O mago olhou em redor, vendo apenas escuridão e ao sentir-se abraçado, libertou-se e preparou um feitiço rápido, mas viu as feições de Aewyre à luz da tocha que uma rapariga empunhava e cancelou-o.

Finalmente! Por que não usaste logo a maldita costeleta? Por que achas que ta dei? Para palitar os dentes? perguntou, encolerizado.

Disseste para só a usar numa emergência... desculpou-se Aewyre.

E o que pensas que a tua captura representa? Por tua culpa, estamos todos presos agora!

O quê?

Não há tempo para explicar. Ao menos agora estou livre daquela desgraçada mordada. Anda, vamos sair daqui.

Ha, Allumno, esta é...

Sim, sim... teremos tempo para apresentações mais tarde. Mexe-te ou transformo-te numa destas ratazanas disse, enxotando um dos bichos, que emitiu um guincho agudo.

Aewyre encolheu os ombros. Allumno tomou a dianteira, vendo as tochas da entrada à frente, mas ouviu um barulho atrás de si. Virou-se e viu o seu protegido, empunhando uma tocha e pronto para rachar a sua cabeça.

Aewyre! gritou, cobrindo a cara com os braços. Ouviu uma pancada enojante e sentiu algo a salpicar a manga do seu braço direito. Olhou nessa direcção e viu um corpo com o que sobrava de uma cabeça a tombar morto.

Cuidado. Presta atenção avisou-o Aewyre, empunhando a sua tocha apagada e manchada de sangue, e tomou ele a dianteira desta vez. Bom, como nos tiras daqui? perguntou ao mago.

Como resposta, Allumno fechou os olhos e encostou os dedos médio e mindinho das mãos uns aos outros, murmurando a Palavra.

Que faz ele? perguntou Nabella, assustada.

É melhor afastares-te... disse o guerreiro, abraçando-a e levando a cara dela ao seu ombro. Nabella deixou-se ir.

O mago gritou e a porta foi reduzida a escombros por uma explosão.

Nabella gritou de susto, mas Aewyre reforçou o abraço e acalmou-a.

Vamos, antes que a Guarda Marcial caia em cima de nós! advertiu o mago.

Os três correram pelo corredor, que felizmente só tinha uma direcção, e chegaram a uma encruzilhada molhada de sangue.

Deuses, o que aconteceu aqui? perguntou Allumno. Nabella levou as mãos à cara para não ver a cena horrível.

Espera, quem está ali? disse Aewyre, notando um vulto caído no chão que lhe parecia vagamente familiar.

É a Slayra! Que faz ela aqui ?

Mais importante que isso interveio Allumno, o que tem ela na mão?

Aewyre viu e engasgou. A eahanna negra empunhava Ancalach, a espada dos reis, a arma criada através do metal da Lança de Istegard, mestre ferreiro thuragar, que encontrara o minério para a fabricar como

dádiva de Siris, a Entidade neutra, que vira a necessidade de equilibrar o conflito entre o Bem e o Mal. Qualquer ser maligno que lhe tocasse sofreria dores atrozes e empunhá-la poderia mesmo significar a morte para quem ousasse fazê-lo com um coração negro. Mas a espada estava na mão de Slayra... e a eahanna mexia-se e respirava, apesar do mau estado em que se encontrava. Teria sido a Ancalach? Slayra gemeu e tentou levantar-se, mas tombou. Vendo a hesitação dos dois, Nabella avançou.

Por que não ajudam essa pobre mulher? Não vêem que está ferida?

Nabella, espera... Aewyre tentou impedi-la, mas a rapariga já levantava Slayra pelos braços.

Aewyre... disse ela em voz baixa e rouca. Compadecido por fim, o guerreiro ajudou a rapariga a levantá-la.

A tua espada... toma... A eahanna conseguiu erguer Ancalach. Allumno estava atónito. Slayra empunhava de facto a espada e

nada lhe acontecia. Isso só podia querer dizer uma coisa... Aewyre pegou em Ancalach, ainda incrédulo.

Faltam... os outros. Acho que estão... naquela cela... articulou, apontando para a porta escancarada e começou a tossir.

Shhh, não fales disse Aewyre. Allumno, vamos libertá-los e sair daqui. Nabella, levas a Slayra por enquanto?

Claro...

Aewyre e Allumno abriram a porta da masmorra e libertaram os companheiros com as chaves que o que sobrava do carcereiro tinha no cinto e o guerreiro abraçou cada um, contente por os ver vivos.

Pregaste-nos um belo susto, Aewyre disse Lhiannah. E arranjaste-a bonita.

Quenestil viu Slayra a sangrar aos braços de Nabella e dominou um impulso de a confortar. Mas não reteve um rosno gutural ao ver os ferimentos da eahanoir.

Subitamente e sem avisar, Taislin chegou com as armas, retinindo pelo corredor com o martelo de Worick, a espada de Lhiannah e o arco e a faca de Quenestil, mas sem os escudos. Assim que viu os companheiros, guinchou de alegria e desatou a falar rapidamente.

O Babaki! Ele está a trucidar a Guarda Marcial, mas vai precisar de ajuda! Despachem-se, depressa!

Então vamos! disse Aewyre. Taislin, ajuda a Nabella a levar a Slayra e escondam-se num lugar seguro. Os outros, sigam-me! Agora, Coilen paga!

Os companheiros correram pelas escadas acima, cansados mas imersos na sede de vingança e deixaram Taislin e Nabella com Slayra para trás enquanto estes se esforçavam por acompanhar. Quando chegaram ao pátio exterior, viram guardas mutilados pelo chão e ouviram gritos de dentro da fortaleza.

Ele entrou! Vamos! Todos pareciam mais que felizes por seguir as direcções do guerreiro, ansiosos como estavam, Worick em especial, para se vingarem.

Já na fortaleza, deram com um grupo de guardas que fugiam, mas que pararam ao avistar os companheiros e desembainharam as suas armas.

Pelos rebeldes! gritou Worick, tomando a iniciativa.

Um guarda tentou defender-se da martelada com o escudo, que foi fendido pelo martelo e lhe partiu o braço. Um outro tentou estocar o thuragar, mas este desviou o golpe com o cabo do martelo e golpeou a laringe do atacante com o pomo. Os companheiros estavam cansados, com fome e falta de sono, mas a fúria vingativa sobrepunha-se a essas necessidades básicas e a patrulha caiu rapidamente. Sem parar, continuaram a correr na direcção dos gritos e rugidos até que finalmente encontraram Babaki. Ignorando o perigo que a presença do antroleo representava para eles também, atacaram os guardas que investiam contra o seu amigo pela retaguarda. Lhiannah *encarregou-se* dos besteiros que atacavam à distância, proferindo um estridente grito e Allumno ficou nas sombras a preparar um feitiço. Aewyre brandia a sua espada cruenta, que ceifava a vida a guarda após guarda. Ninguém resistia ao guerreiro e todos se acobardavam perante o furioso thuragar que manejava o martelo como a marreta do próprio Tharobar. Quenestil corria de um lado para o outro, distribuindo a morte com o seu arco certo e Babaki, imerso na fúria assassina shakarex, era um autêntico furacão de morte e destruição. Perante tais temíveis adversários, a Guarda Marcial dispersou-se, completamente derrotada e desmoralizada e cada guarda fugiu em pânico. Worick queria persegui-los, mas Aewyre, já mais calmo, apesar de ofegante, pôs-lhe a mão por cima do ombro.

Não. Coilen é mais importante.

Esses desgraçados mataram os meus homens! gritou Worick, tirando a mão do guerreiro do seu ombro. Todos eles! Como cães! Por *isso vão pagar!*

Cuidado! avisou Lhiannah e os dois viram Babaki a olhar para eles, rosnando ameaçadoramente.

Não te mexas disse Aewyre, pressionando o peito do thuragar com a mão.

Estás maluco? Queres ficar quieto para ele te matar?

Não te mexas e não mostres medo... Não faças movimentos bruscos.

Babaki aproximava-se, todo empapado de sangue, seu e dos guardas, e coberto de feridas e setas. Allumno preparava um feitiço. Quenestil tinha uma flecha pronta. Lhiannah estava imóvel. O antroleo não parava de rosar com os dentes arreganhados.

Babaki... disse Aewyre com a voz mais suave que conseguiu, esforçando-se por manter a espada baixa e não tremer. Baixa o martelo! sussurrou ao thuragar.

És louco respondeu Worick em voz baixa.

Baixa ou ele vai atacar!

Relutantemente, Worick assim fez. Quenestil tremia ligeiramente da tensão do arco. Allumno esperava pelo momento certo. Lhiannah nada fazia.

Babaki, somos amigos. Amigos. Juntos? perguntou, estendendo uma mão aberta. O shakarex não pareceu compreender o movimento e retesou-se.

Juntos? perguntou uma vez mais, com uma voz tão suave que quase alcançara um tom inaudível.

Os olhos vidrados de sangue do antroleo fitaram as íris escuras de Aewyre, que transmitiam apenas calma e bondade. Os olhos são os espelhos da alma, dizem, e enquanto os de Babaki eram a reflexão de fúria, raiva e ira incomensuráveis, os de Aewyre eram o oposto exacto e o contraste entre os dois pareceu acordar algo dentro do antroleo. Abriu a boca de dentes vermelhos e pareceu articular uma palavra, mas surgiu apenas uma espécie de ronco.

Sim... juntos? perguntou Aewyre, sempre sereno. Ocorreu então a transformação em Babaki, cuja massa muscular começou a diminuir enquanto os pêlos da juba caíam e o sangue esvanecia dos seus globos oculares. Meio tonto, o antroleo piscou os olhos e fitou Aewyre.

Juntos disse por fim, tombando exausto.

Com um suspiro de alívio geral, Worick bateu com o martelo no chão, Quenestil relaxou a corda do arco, Allumno cancelou o feitiço e Lhiannah sorriu.

Alguém bateu palmas zombeteiras, acompanhadas de um chocalhar.

Os companheiros viraram-se na sua direcção e viram que quem o fazia estava escondido nas sombras.

Quem está aí? Que saia e nos enfrente se é inimigo! desafiou Aewyre.

O receptor da frase riu, trocista.

Confesso que nunca esperei isto. Anos de cálculos cuidadosos e planeados e um grupo de intrometidos assola a minha fortaleza e escorraça a minha guarda de elite que durante tanto tempo subjugou uma população inteira. Os meus parabéns...

Revele-se! ordenou Lhiannah.

Se esse é o vosso desejo, assim farei, *princesa*...

Deu um passo para fora da escuridão, que ressoou com um som metálico no chão e todos os companheiros engasgaram. A figura riu loucamente.

À frente deles estava o que parecia ser um humano completamente desfigurado. O seu corpo era constituído por correntes, que se adaptavam às formas dos seus membros, tronco e pernas. Tinha certas áreas com pele à mostra, como o peito, a parte anterior dos braços musculosos e a cabeça, mas o seu corpo estava praticamente enfaixado com correntes. A sua cara, no entanto, era o mais assustador: por cima de uma garganta acorrentada, estava uma cabeça careca, cada olho protegido por três elos de corrente que lhe saíam da frente e voltavam a entrar pela carne debaixo dos olhos. O seu nariz estava furado por outro elo, parecido com um anel de boi. A sua boca exibia uma dentadura horrenda, cada dente com um elo metálico à volta e dos seus braços pendiam mais correntes, que se agitavam como serpentes de ferro.

Permitam que me apresente: Coilen, regente de Alyun. Surpresos? Como já disse ao vosso amigo mago uma corrente apontou na direcção de Allumno, devo este meu encantador aspecto a um malfadado feiticeiro que me fez isto. Irónico, não é? Um tirano que vive acorrentado...

Não sei que tipo de monstro você é... interrompeu Aewyre. Mas sei que é um assassino, um carniceiro da pior espécie e um covarde que não merece viver.

Por favor, lisonjear-me não vai levar a nada... Digam o que querem e retirem-se que é preciso reagrupar a Guarda Marcial. Vou ter um grande trabalho a desfazer o desastre que causaram...

O que queremos? A sua cabeça, maldito.

Receio que não possa dar isso... replicou o déspota, sarcástico.

Irritado com a maneira como o tirano parecia seguro de si, brandiu a espada e atacou. Coilen esperou o ataque com um sorriso e, quando Aewyre estava perto o suficiente, desencadeou uma saraivada de correntes, que dardejaram contra o guerreiro, embatendo contra o seu corpo com violência e projectando-o contra a parede.

Aewyre! gritou Worick, atacando ele também.

O thuragar deflectiu uma corrente, mas outra surgiu-lhe por trás e chicoteou-o na cabeça. Quenestil rosnou, mas avançou com cuidado e Lhiannah aproximava-se cautelosamente. Allumno lançou um raio verde, que chamuscou o peito de Coilen, que gritou de dor.

Amaldiçoados magos! Vou matá-los todos! berrou o tirano, projectando uma massiva saraivada de correntes, que se dirigiram rapidamente contra o mago desprovido de armadura. Antes que elas lhe tocassem, Aewyre saltou e, com um grito, desferiu um potente golpe com Ancalach que cortou o maço de correntes. Coilen urrou mais uma vez, como se lhe tivessem amputado um membro.

Essas correntes são parte de mim, maldito! disse, avançando para o ataque, desferindo pelo caminho um pontapé na cara do estonteado Worick.

O tirano criou uma autêntica tempestade de correntes à sua volta, que impedia o avanço dos companheiros, enquanto eles surgiam no seu peito e cobriam a carne chamuscada.

Vão todos morrer! Todos! gritava.

Cerquem-no! Vamos atacar por todos os lados! ordenou Aewyre, ainda estonteado e zozado com a perda de sangue causada pelo virote.

Os companheiros assim fizeram e circundaram o inimigo.

Quem matarei eu primeiro? perguntou Coilen a si próprio, olhando em redor.

O tirano era louco, disso os companheiros não tinham dúvida.

Tu! gritou repentinamente, apontando para o mago. Como se haviam separado, Aewyre agora não podia proteger Allumno de outro maço de correntes que foi impelido na sua direcção com a intenção de o furar e desmembrar. O mago, no entanto, permaneceu calmo enquanto a morte se aproximava dele. Coilen gritou de satisfação, mas o seu grito morreu quando as correntes embateram violentamente contra uma força invisível à frente de Allumno, que cruzava os braços e sorria, zombando do adversário.

Numa fracção de segundo, as correntes flanquearam Allumno, mas embateram mais uma vez contra uma barreira que Coilen não via.

Quando o tirano ia atacar por cima, Worick desferiu-lhe uma poderosa martelada nos rins com o intento de lhe partir a coluna, mas teve a sensação de que batia num monte de correntes. No entanto, o golpe fora forte o suficiente para que o tirano vacilasse para a frente. Vendo uma abertura, Aewyre avançou e o gume de Ancalach quebrou os elos do ombro de Coilen, vertendo sangue. O tirano gritou de dor e uma corrente oscilou e chicoteou a cara de Aewyre. Várias outras enrolaram-se em volta dos membros do guerreiro antes que ele caísse e começaram a vergastá-lo. Vendo o seu protegido em perigo, Allumno cancelou a esfera protectora e conjurou o que achou ser mais eficaz contra um ser metálico, um dardo magnético que disparou dos seus dedos e atingiu Coilen no peito, projectando-o com extrema violência contra a parede, na qual ele ficou incrustado. Aewyre foi arrastado e caiu ao chão quando as correntes o largaram para proteger o corpo que as alojava. Lhiannah correu para perto do tirano e espetou-lhe a espada no estômago, já que a cabeça de Coilen estava demasiado elevada. A sua lâmina ficou encravada entre as correntes, pelo que a princesa a retirou e estocou em frente com toda a força, rompendo a resistência das correntes e perfurando a carne do tirano. Coilen tentou gritar, mas da sua garganta seca só saiu um som rouco semelhante ao crocitar de um galo. Lhiannah tentou torcer a espada, mas as correntes eram demasiado fortes. Ainda assim causou dor ao tirano moribundo.

Não... não pode terminar assim... vociferou.

Mas vai, porco assassino retorquiu Lhiannah, cuspendo-lhe em cima com asco.

Vocês... vêm comigo! gritou com a força que lhe restava nos pulmões.

As correntes começaram a chocalhar com uma força renovada e eram impelidas contra as paredes, arrancando lascas de pedra, partindo vidros e batendo com grande estrépito em todo o lado.

Cuidado! avisou Worick, ajudando o estonteado Aewyre a levantar-se.

Vão morrer comigo! urrou o tirano insano enquanto as suas correntes se enrolavam à volta das colunas da sala.

Ele é louco! Fugam! Temos de sair daqui! gritou Allumno, tentando levantar Babaki.

Os companheiros já corriam quando as pedras do tecto começaram a cair devido à força com a qual as correntes tentavam arrancar as colunas que o sustentavam. A estrutura interna do edifício parecia pronta a desabar e começou a ouvir-se um tremor quando uma coluna

foi ligeiramente deslocada. Os escombros caíam como chuva em volta dos companheiros, que protegiam as cabeças com as mãos. Finalmente, chegaram à saída a tempo de ver a fortaleza ceder quando os alicerces se desmoronaram. À sua volta corriam guardas de um lado para o outro em pânico, sem saber o que fazer. A raiva de Worick assomou-se-lhe mais uma vez e o thuragar lançou-se num frenesi assassino atrás dos guardas, matando todos quantos alcançava.

Deixem-no... mas prestem atenção disse Aewyre, ofegante. Vejam se encontram... o Taislin e a Nabella.

Quem é... a Nabella? perguntou Lhiannah.

A rapariga... que viemos salvar. Cuidado!

Um guarda ainda empunhava a espada e atacou Lhiannah. Talvez esperasse alcançar os favores do seu senhor, que julgava vivo, matando um dos temíveis guerreiros. Fosse por que razão fosse, quase o conseguiu, não tivessem os copos de Ancalach travado o ímpeto da lâmina, que neles se alojou, inofensiva. Lhiannah não perdeu tempo e furou a armadura e o coração do homem com a sua fina espada, cuja ponta saiu vermelha pelas costas do guarda. Ao longe, uma cabeça explodia com uma pancada do martelo de Worick.

Obrigada agradeceu a princesa.

O prazer foi meu.

O que é aquilo? perguntou Allumno, apontando para trás dos dois.

Em frente à ponte levadiça estava um grupo numeroso de guardas aflitos, que batiam incessantemente na ponte erguida com maças de armas. Alguns poucos subiam as escadas que davam à barbacã, mas alguém havia barricado a entrada e defendia a posição com uma lança.

Deve ter sido o Taislin... aventou Quenestil, pegando numa tocha.

Que vais fazer?

Queimar este lugar até às cinzas respondeu seriamente, dirigindo-se aos estábulos.

Aewyre nada disse, fitando o seu amigo pelas costas. O shura havia mudado...

Como está o Babaki? perguntou para esquecer o assunto.

Muito ferido respondeu Allumno. Mas é forte. Vai sobreviver.

Ainda bem. Lhiannah, que dizes a darmos uma ajudinha ao Taislin? convidou.

Vamos disse a princesa, decidida.

Os dois avançaram, deixando Allumno a tratar de Babaki e desembainharam as espadas já ensanguentadas, que verteram mais sangue quando o guerreiro e a princesa tentaram subir pelas escadas. No entanto, a visão de dois inimigos pareceu avivar uma vontade de lutar nos guardas que sobravam, que ainda eram quatro vezes os companheiros em número, e estes levaram a mão às armas e avançaram, apesar de ainda relutantes em atacar.

Aewyre, olha disse Lhiannah ao tirar a lâmina de uma barriga esventrada.

Estou a ver. Parece que afinal ainda estão dispostos a lutar respondeu enquanto degolava um guarda.

Achas que podemos com eles? perguntou durante um bloqueio de um golpe de espada lateral.

Vamos ver. Worick! Chama o Worick, ele a mim não me ouve... Aewyre ia a dizer algo mais, mas só veio um grunhido quando empurrou um corpo com o pé para vencer a sucção da carne que mantinha a sua espada presa nas costelas de um adversário.

Lhiannah gritou pelo nome do thuragar e, com efeito, Worick ouviu, triturou outra cabeça e correu para ajudar a sua protegida. Os guardas avançavam lentamente e mais lentamente andaram ainda quando Worick se colocou ao lado da princesa. Eram mais de vinte guardas, assustados, mas ainda frescos. Dos companheiros só quatro podiam lutar, e todos estavam à beira da exaustão.

Quenestil! chamou Aewyre, sem tirar os olhos dos adversários, intento em mostrar que não tinha medo.

O eahan não respondeu.

Estes eahan... sempre que precisamos deles, não estão lá... resmungou Worick.

Allumno, queima-os a todos! disse Aewyre para ver se assustava os guardas.

Alguns entreolharam-se, receosos da magia que tão pouco conheciam. Allumno levantou-se, começou a recitar um encantamento e os guardas interromperam a marcha, dando tempo aos companheiros para irem para perto do mago. De dentro das fileiras dos guardas veio um murmúrio enquanto estes se tentavam decidir sobre o que fazer. Alguns haviam visto o feiticeiro em acção e temiam-no, mas a grande maioria começava a ficar desconfiada enquanto esperavam que acontecesse alguma coisa. De repente, começaram luzes a piscar à volta dos guardas, envolvendo-os num abraço irisado, que assustou alguns, mas só até perceberem que o brilho era inofensivo.

Que raio faz o mago? Quer iluminá-los até a morte? sussurrou Worick com o canto da boca.

Aewyre parecia preocupado.

O que foi? Vais-me dizer que aquelas coisinhas vão explodir?

Não é isso. O Allumno lançou demasiados e poderosos feitiços, não consegue mais. Cansado como parece, deve ter gasto até as suas reservas de força. Penso que não nos vai conseguir ajudar...

Por isso é que os magos nunca vão substituir os guerreiros! disse o thuragar com desdém.

Os guardas começaram a avançar mais uma vez, desta vez acelerando o ritmo à medida que a sua confiança aumentava ao ver os guerreiros cansados.

Isto vai ser complicado... disse Aewyre.

Desde que nos juntámos a ti que só nos metemos em situações destas... resmungou Lhiannah mas fica sabendo que estes têm sido os melhores dias da minha vida acrescentou, sorrindo para o guerreiro.

Worick ia concordar, mas a memória dos rebeldes mortos não lho permitiu e permaneceu calado. Um dos guardas gritou "Por Coilen!" e começou a correr, lançando a investida. Aewyre, Lhiannah e Worick brandiram as armas e prepararam-se para o embate. Allumno juntou-se a eles com o seu bastão. Cada vez mais perto, os guardas uivaram de satisfação.

Foi então que o chão e o ar começaram a tremer como se um trovão tivesse ribombado. Os guardas pararam, aterrorizados e retrocederam a marcha, recomeçando a correr em pânico. Os companheiros olharam para trás e viram Quenestil, montado num cavalo, a conduzir um grupo de quarenta possantes corcéis de guerra, deixando atrás de si um estábulo a arder em chamas, que anunciaram o nascer do Sol prematuramente. Saíram-lhe do caminho, arrastando Babaki rapidamente, e o eahan orientou os cavalos para cima dos guardas em fuga, que foram dispersados e pisoteados pelos cascos dos animais, treinados para esmagar soldados. Essa investida deixou para trás um rasto de homens partidos e amassados e os poucos sobreviventes estavam prostrados no chão, as mãos por cima da cabeça. Quenestil sussurrou qualquer coisa ao ouvido da sua montaria e esta empinou, relinchando como se estivesse a ordenar a paragem aos restantes cavalos, que obedeceram. O eahan deu-lhe uma palmada no pescoço e desmontou, indo ter com os seus amigos, que se aproximavam dos guardas que haviam sobrevivido à carga. Esses renderam-se sem mais resistência,

implorando suplicantes por misericórdia. Worick manteve a distância para não se sentir tentado a matar homens indefesos, pois os gritos dos rebeldes ainda lhe punham o sangue em fogo.

Quenestil, sua raposa matreira! exclamou Aewyre, abraçando o eahan, que retribuiu.

Lhiannah e Allumno amarravam os guardas com as grilhetas que cada um tinha enquanto os estábulos eram consumidos pelo fogo, que se propagava rapidamente pelas restantes estruturas de madeira da fortaleza.

É melhor irmos embora exclamou Worick por fim, avançando para as escadas sem esperar pelos outros.

Que tem ele? perguntou Aewyre.

É uma longa história explicou Quenestil, ajudando Aewyre a levantar Babaki, ainda inconsciente. Vamos.

Taislin! berrou o thuragar para a barbacã. Podes tirar o teu rabo daí que o perigo já passou. Baixa-me essa ponte ou vou aí e atiro-te ao fosso!

Como sei que não é um guarda a dizer isso? Au! soou uma voz abafada, após a qual alguém começou a desfazer a barricada.

Pouco depois, descia Nabella a correr das escadas, com o sol da aurora a iluminar a sua silhueta. A jovem rapariga corria com afinco, ninguém percebia porquê, e dirigia-se a Aewyre. Quando se aproximou do guerreiro, saltou para cima dele, atirando os braços para cima dos seus ombros e fundindo a sua boca à dele. Os dentes de ambos colidiram uns contra os outros, estalando. Nabella beijava-o profundamente, praticamente pendurada nas espáduas de Aewyre com uma perna erguida. Os companheiros observavam a cena, deveras admirados. Só Allumno abanou a cabeça. Os dois continuaram imersos no êxtase da fusão de corpos, até que a ponte levadiça rangeu, começando a descer e Taislin surgiu das escadas, levando Slayra às costas como um saco de couves.

Sim senhor, agride-me, passa por cima de mim, deita a minha barricada abaixo, deixa-me para carregar este trambolho e, como se não bastasse, ainda se põe a lamber a boca do Aewyre à nossa frente. Muito bem, sim senhor... pensar que viemos para a salvar...

Lhiannah sorriu e afagou o cabelo do burrik, ajudando-o a poisar a eahanoir no chão.

Bom, acabou? Estão todos vivos? Podemos ir embora? perguntou, tossindo com a fuligem que vinha do incêndio.

Sim, mas podemos ficar com uma baixa se tu abrires a boca mais uma vez... ameaçou Worick.

Worick... interveio Lhiannah.

Deixa-o, Lhiannah. Esse rabugento não riria nem se se estivesse a ver ao espelho...

Ora seu...

Worick correu atrás do burrik de martelo nas mãos e os dois passaram a ponte mesmo antes de esta ter completado o seu percurso. A princesa suspirou e voltou atrás. Aewyre e Nabella pareciam não querer sair dali. Allumno tentou chamar a atenção com um tossido. Dois tossidos. Após o terceiro acabou por bater levemente na couraça do guerreiro com o bastão.

Aewyre? O melhor é irmos andando...

Finalmente, os lábios separaram-se com um leve estalo e os dois fitaram-se. Nabella sorria e, nesse momento, pareceu a Aewyre a criatura mais maravilhosa que alguma vez vira. Mesmo suja e de cabelo com palha era encantadora aos seus olhos.

Aewyre? interrompeu o mago.

Vamos disse Aewyre, sem tirar os olhos da rapariga. Chegou-a a si com o braço por cima do ombro macio e assumiu a direcção do grupo para fora da malfadada fortaleza. Lá fora aguardava-os uma surpresa.

Reunidos em frente à ponte levadiça, estavam provavelmente todos os habitantes de Alyun. Havia saído de suas casas, muitos de ceroulas e quase todos de roupa interior, para ver o que causara todo o barulho. Quando viram que provinha da fortaleza, atreveram-se a ter esperança, outros medo, uns poucos alegria. Mas agora que viam o grupo de guerreiros a sair triunfante da fortaleza em chamas, trazendo consigo o que sobrava da Guarda Marcial, todos começaram a vociferar e um murmúrio geral mesclou-se ao som do fogo. À frente dos companheiros estavam Taislin e Worick, igualmente surpresos e olhando para a multidão, o burrik a coçar a cabeça. Aewyre e os outros chegaram, e o povo cessou de falar. O guerreiro olhou em redor, esperando alguma reacção, mas como nada aconteceu, brandiu a espada ao alto, deixando que o sol crepuscular se reflectisse na lâmina ensanguentada.

Foi então que o povo se uniu num clamor de vozes vitoriosas, e os gritos de alegria dos habitantes de Alyun soaram pela província toda. Após anos de opressão e terror, ecos de liberdade encheram os campos, os rios e as montanhas e propagaram-se pela manhã adentro, quando o sol apareceu como o arauto de uma nova era para a província.

BREVE INTERLÚDIO

O povo de Alyun tratou dos exaustos companheiros como reis. Não havia templos na cidade onde pudessem ser tratados, já que Coilen não queria desafios ao seu poder, e os clérigos locais eram homens pouco capazes, abandonados pelos seus deuses numa cidade na qual o regente se quisera elevar ao estatuto de divindade. Como consequência, todos os alegados clérigos eram marionetas nas mãos de Coilen, servindo unicamente o propósito de manter o povo sob controlo. Os poucos que se haviam recusado a fazê-lo estavam mortos, Nabella insistia que os companheiros fossem levados à sua choupana, onde seriam bem tratados, mas não faltavam habitantes da cidade a oferecerem as suas casas. A camponesa teve de reconhecer que o conforto das casas citadinas era maior que o da sua modesta habitação e os companheiros feridos foram para lá levados.

Dois dias depois do ataque à fortaleza, estavam todos de cama e as suas necessidades eram atendidas pelos prestáveis alyunos, todos desejosos de ajudar. Durante o dia, o luxuoso quarto onde estavam alojados era invadido por multidões, que se ajoelhavam perante eles, lhes beijavam a mão e agradeciam em nome de toda a família, que a maior parte das vezes estava presente de qualquer maneira e procedia do mesmo modo. Os companheiros estavam cansados e as feridas de Babaki e Slayra eram graves, sobretudo as do antroleo, que estivera coberto de virotes como uma almofada de alfinetes. Os médicos da cidade estavam sempre a atender às suas necessidades e as feridas eram tratadas, mas previam que os dois teriam de descansar por algumas semanas, que não iriam ser fáceis com a quantidade de pessoas a entrar e sair e provocar distúrbios. Uma criança derrubou a taça sobre

a qual Babaki fora sangrado e uma senhora idosa saltou para cima das costelas magoadas de Quenestil, agradecendo-lhe efusivamente, e teve de ser expulsa pelos dedicados médicos e por um aflito Taislin, que já não sabia o que fazer para impedir que perturbassem os seus amigos. Worick já queria enxotar aquela gente com o martelo, quando de repente alguém empurrou o seu caminho através da multidão e se sobrepôs às incessantes vozes.

Fora daqui! Todos vocês! disse o pai de Nabella, empunhando o seu fiel ancinho. O homem parecia ter recuperado a sua pose altiva após ter a sua filha de volta e estava agora no meio da sala, imperioso. Eu disse para saírem! Quem ficar apanha com o ancinho! Não vêm que esta pobre gente precisa de descansar? Vá, vamos! Todos para fora, já! enfatizou os comandos batendo no soalho de madeira com os tamancos e empunhando o ancinho em riste como uma lança.

As pessoas reclamaram, mas muitos conheciam o temperamento do pai de Nabella e retiraram-se, lançando-lhe olhares reprovadores e resmungando.

Sem resfôlegos! Não, ninguém fica, já disse! Todos para fora! Os médicos estavam encostados a um canto, quase encolhidos.

Os senhores médicos não. Fiquem, e ajudem esta boa gente. Vá, mexe-te, rapazola! Lá para fora!

Quando o último saiu, o homem fechou a porta com força e encostou-se a ela, suspirando ruidosa e possantemente. Envergava um gibão desapertado, que revelava o seu peito peludo e suado e vestia calças de trapos. Os seus tamancos de madeira ressoavam no soalho à medida que ele se aproximava das camas.

Senhores! Como é bom vê-los vivos!

”Boa, afastou os outros para se desfazer ele em lágrimas...”, pensou Worick.

Dizei-me, o que posso...

Foi interrompido pelo som de alguém que batia à porta.

Ai esses mafarricos! Vou correr com eles até ao fosso! Caminhou depressa para a porta e abriu-a com violência, fazendo com que embatesse na parede.

Eu já vos disse que...! Ah, és tu Magdal... Desculpa, entra... tu também filha.

Nabella empurrou o pai e correu para a cama de Aewyre, em cima da qual se sentou, abraçando o guerreiro, que gemeu quase inaudivelmente quando a rapariga lhe pressionou o maxilar dorido.

Aewyre! Estás bem? Como te têm tratado?

Bem, bem... não te preocupes disse, libertando-se.

O meu pai veio para ter a certeza de que ninguém mais vos incomoda, não é papá? O grande homem assentiu, sorrindo por baixo do bigode de braços cruzados e colocando-se ao lado da porta.

E com a minha mãe vão comer melhor que num palácio. É a melhor cozinheira de Alyun!

A minha filha exagera um pouco, mas os senhores hoje vão comer bem. E, filha, mostra algum respeito para com milorde...

Não, minha senhora, por favor. Nada de milordes *pediu* Aewyre.

Ouçã... interveio um dos médicos, um homem baixo de suíças grisalhas que envergava uma toga preta e tinha lentes nos olhos, ao ver os ingredientes que a mulher transportava nos cestos. Não lhes deve dar nada sem nos consultar.

Cale-se! interveio Worick. E trate a senhora com respeito! Ninguém me vai impedir de comer aquele pernil, entendeu? E pode consultar-me a *mim* para saber o que eu como, entendido?

Worick... admoestou Lhiannah.

Bom... fungou o médico de nariz indignadamente erguido.

Creio que hoje não necessitarão mais dos nossos serviços. Voltaremos amanhã. *Talvez...*

Os homens retiraram-se numa marcha meditativa em fila e o pai de Nabella abriu-lhes a porta, olhando o médico de suíças ameaçadoramente.

Senhor Worick, se quer que tratem de si, não pode assustar os médicos dessa forma disse Nabella, afagando os cabelos de Aewyre, a cuja cabeça havia oferecido o colo.

Não te preocupes, catraia. Eu cá não preciso que tratem de mim afirmou o thuragar, levantando-se e batendo com a mão no peito. Sentiu falta da armadura.

Deite-se, por favor. Queremo-lo recuperado o mais depressa possível disse a mãe de Nabella.

Não se preocupe comigo, minha senhora. Se quer que eu me recupere, podia mostrar-me o que traz consigo que cheira tão bem...

A mulher esboçou um sorriso, que ergueu as suas bochechas rosadas e rechonchudas.

É uma surpresa. O senhor deite-se e eu preparo-lhe um manjar de rei...

Muito bem... Mas fique sabendo que eu estava capaz de comer um exército! exclamou, enfiando-se na cama mais uma vez.

A mulher riu amavelmente e foi para a cozinha da moradia. Babaki adormecera assim que as pessoas haviam saído e os restantes companheiros estavam a ter dificuldade em manter os olhos abertos.

Dorme, Aewyre. Tens de recuperar as forças disse Nabella, limpa e com roupa lavada, que exalava um odor a maçã, ou pelo menos madeira de macieira, que os camponeses costumavam fumigar para afastar maus odores das roupas.

Não quero tirar os meus olhos de ti disse o guerreiro, e as suas palavras foram ouvidas por Lhiannah, que se virou e tentou adormecer.

Nabella sorriu e beijou-lhe a testa suja e com sangue seco.

Nem sequer te lavaram...

O Babaki estava muito ferido. Não deixei que perdessem tempo comigo.

A rapariga pegou num pano, humedeceu-o numa taça de água numa mesa de cabeceira e limpou a cara do guerreiro delicadamente. Este foi fechando os olhos e acabou por adormecer no colo macio. O pai de Nabella olhou para fora da janela quando ouviu passos leves e hesitantes na sua direcção e acabou por ver Taislin ao seu lado.

Não dormes, pequeno burrik?

Não tenho sono respondeu Taislin, bocejando. O robusto homem sorriu, cofiando os bigodes.

Ainda não te cheguei a agradecer. Se não fosse por ti, a minha filha poderia estar morta. Foste muito corajoso em ir salvar os teus amigos.

Taislin não se pôde deixar de se sentir tratado como uma criança.

Fiz o que qualquer um faria disse laconicamente, piscando os olhos.

Estás a cair para o lado de sono, filho. Anda, vai-te deitar.

Não. Já disse que não tenho...

O burrik caiu nos braços do homem, que o levou para a cama, pegando-o ao colo como um bebé. Poisou-o no colchão de penas, uma das muitas ofertas dos alyunos e cobriu-o com lençóis de linho finamente cosido, pertencentes a um burguês abastado que recuperara o seu filho das masmorras.

Anda, Nabella. Deixa o coitado do rapaz descansar disse.

Pai, ele está a dormir... e não faça tanto barulho que acorda os outros sussurrou a rapariga.

O homem sorriu e fitou a sua filha, sentada num dos lados da cama, apoiando a cabeça de Aewyre na sua anca e afagando os seus

cabelos, aproveitando para desenovelar os tufos ondulados que, com a sujidade, se haviam emaranhado em autênticos ninhos de rato.

Pareces a tua mãe quando te tinha ao colo... observou. Nabella limitou-se a sorrir, sem tirar os olhos do guerreiro adormecido.

Os companheiros dormiram durante todo o dia. Quando Allumno acordou, já era noite alta, pelo que se levantou.

Dormiu bem, senhor? perguntou o pai de Nabella, sempre vigilante.

Com licença...

O mago rodou o pescoço para estalar uma vértebra tensa e espreguiçou-se.

Muito bem, obrigado.

O homem ficou sem perceber por que Allumno havia pedido licença e limitou-se a acenar com a cabeça. Allumno olhou em redor e viu os seus companheiros deitados. Babaki respirava calmamente, o que se via pela harmoniosa elevação do lençol pelo seu massivo peito. Os outros dormiam enrolados e Aewyre ainda tinha a cabeça no colo de Nabella.

Boas-noites, senhor cumprimentou a rapariga, também ela sonolenta.

O mago esfregou um olho.

Boa noite, pequena. Devíamos acordá-los. Precisam de comer...

É verdade filha. Vai acordando o garanhão que eu já sinto o cheirinho dos pitéus que a tua mãe preparou.

A rapariga assim fez e só teve problemas com Worick, que ameaçou triturar-lhe o pulso se ela lhe tentasse tirar os lençóis mais uma vez. Bastou apenas a menção a comida, no entanto, para que o thuragar saltasse para o chão. Babaki e Slayra iriam ficar de cama. A mãe de Nabella tocou uma sineta que trouxera consigo e foram todos para a sala da habitação, na qual uma grande mesa redonda estava posta, coberta por uma toalha bordada em cima da qual se encontrava um autêntico banquete.

Querida senhora, não era preciso tanto... disse Aewyre, apoiando-se em Nabella.

Cala-te, seu pisco. Se quiseses, eu como a tua parte resmungou Worick.

Sentem-se e comam à vontade. Desafio os senhores a comer tudo.

Todos aceitaram o desafio e recostaram-se nas cadeiras de madeira acolchoadas. O casal quis orar uma prece a Gorfanna, deusa da boa ventura, mas o thuragar começou logo a comer, esquecendo todas as maneiras e regras de boa educação que aprendera durante os anos de convívio com humanos. Arrancou um quadril de carneiro e trincou-o sofregamente, olhando em redor para as faces admoestadoras enquanto mastigava.

Que foi? Esperam que um thuragar lute numa muralha de escudos e saia de uma masmorra para esperar que os outros comecem? perguntou de boca cheia, cuspindo bocados de carne. Eu não...

O casal forçou um riso. Lhiannah abanou a cabeça e Allumno desejou a todos um bom apetite, pedindo à senhora uma taça de água quente enquanto remexia na sua sacola. Como Magdal prometera, a ementa era variada e os companheiros podiam escolher entre carneiro, que Worick tomara como seu, peru estufado, salmão fumado com molho de manteiga, leitão assado, pernil de javali, rodela de pão dourado com os cumprimentos do padeiro, fruta variada dos melhores pomares da aldeia e um barril que, para lamento de Worick, apenas continha o melhor vinho da região. A mulher corria de um lado para o outro, apesar das insistências de Aewyre para que se sentasse e comesse com eles, às quais ela respondia:

Não, não... Os seus amigos doentes, tenho de lhes dar de comer. Sim, homem, já te trago o vinho... Mais carneiro, senhor Worick? Muito bem, isso é que é comer. Fico feliz em vê-lo satisfeito, encha a barriga. Então, senhor Quenestil? Só come isso? Está magrinho, tem de comer mais... Sim, homem, já aí vai o vinho...

Magdal andava nesse rebuliço enquanto os comensais se empanturravam. Aewyre e Nabella estavam sentados lado a lado e passaram a refeição de mãos dadas por baixo da mesa. Na sala reinava um ambiente muito agradável, quente com o calor do fogo da grande lareira de granito, o ar cheio de alegria e satisfação e nessa noite, todos esqueceram as provações pelas quais haviam passado. Babaki e Slayra foram servidos pela prestável mulher, que lhes trouxe a comida à cama em tabuleiros. Tivera o cuidado de deixar uma substancial quantidade de carne crua para o antroleo, mas não sabia ao certo o que levar a Slayra, pelo que lhe trouxe umas fatias de leitão, pão, fruta fresca e vinho. A eahanoir disse que era o suficiente. Babaki mostrou-se relutante em comer, mas a insistência e a simpatia da mulher motivaram-no e procedeu a devorar a carne em sangue.

Proponho um brinde disse o pai de Nabella. Aos companheiros que salvaram a minha filha e o povo de Alyun! Aos heróis! Ergueu o seu cálice de vinho.

Aos rebeldes lembrou Aewyre, e seguiu-se um silêncio confrangedor.

Sim, aos rebeldes... concordou o homem, bebendo em silêncio.

Brindar com vinho... resmungou Worick, mudando o assunto. Isso é para mulheres.

Acha, senhor Worick? Então, se não estiver demasiado cansado, levo-o hoje a uma taberna que conheço e vai ver o que é beber.

Então deixe-me só acabar este carneiro... aceitou Worick, praticamente enfiando uma perna de carneiro pela boca adentro.

Allumno bebia o seu chá tranquilamente e mordiscava uma asa de peru. Sempre atento, observava os intensos olhares entre Aewyre e a rapariga camponesa por cima da chávena. No entanto, refreou-se de abanar a cabeça ou de lançar qualquer tipo de olhar reprovador, pois com Nabella, Aewyre parecia outro. Não era só mais uma "aventura" para o guerreiro, o seu protegido parecia-lhe de facto *envolvido* de alguma forma, pois aparentemente não achava a rapariga como qualquer outra e isso deixava o mago satisfeito. Talvez assim o irascível rapaz estabilizasse um pouco... Sorveu calmamente o seu chá e libertou os dois do seu penetrante olhar.

Quenestil estava perdido numa tempestade de pensamentos, que trovejavam na sua cabeça e não o deixavam sossegado. Slayra... Outra vez a eahanna negra lhe ocupava os pensamentos. Porquê? Por que ajudara ela Taislin a salvá-los? Nada a teria impedido de fugir quando o burrik a libertara, poderia ter roubado um cavalo e dirigir-se a qualquer cidade que conhecesse através das estradas que ligavam Alyun às restantes zonas urbanas. Ou poderia ter roubado provisões e equipamento na cidade e ter voltado para o seu povo. Mas não o fizera. E como se não bastasse, também os salvara a todos, tendo posto a sua própria vida em risco. Teria de falar com ela...

Lhiannah tentava fazer com que Worick tivesse modos à mesa em vão, pois o thuragar ouvia apenas o seu próprio mastigar. Enojava-a ver como Magdal, submissa, servia o seu marido e os convidados. Por que não fazia também o bruto de bigodes qualquer coisa para ajudar em vez de se limitar a beber vinho e pedir mais? Taislin deliciava-se com os pratos e Magdal dava-lhe palmadinhas na cabeça ao vê-lo comer com tanto apetite. Ao que parecia, a boa mulher sentia prazer

em ver outros a comer bem, coisa que também lhe parecia dar prazer a ela, julgando pelas suas avantajadas formas. Passou por Aewyre e o cheiro a suor e sangue que o guerreiro emanava não passou despercebido ao seu nariz refinado por condimentos.

Senhor Aewyre, gostaria que lhe aquecesse uma boa tina de água quente? perguntou, indiscretamente.

O motivo da pergunta não lhe passou despercebido e Aewyre corou. Nabella olhou reprovadoramente para a mãe, cujo sorriso era impossível de tirar da sua face redonda.

Se não fosse muito incómodo, agradecia... acabou Aewyre por dizer.

Então assim que acabar o jantar terá um bom banho pronto! Mas veja lá... não tome logo a seguir a comer que isso pode fazer-lhe mal disse a mulher, sempre atarefada.

Aewyre ainda corava, mas Nabella sorriu-lhe e acariciou-lhe a mão. Lhiannah estava verdadeiramente enojada. Após um longo repasto, os companheiros saíram da mesa e deixaram que Magdal a levantasse, para o incremento da fúria de Lhiannah. Allumno sentou-se a um canto da sala e foi meditar, apesar de a prestável mulher, nas vezes em que "passava pela sala, sempre a correr, lhe dizer que se fosse deitar.

Então, Worick o thuragar e o pai de Nabella já se falavam de uma maneira menos formal, vamos para a taberna?

Ora vamos pois, homem! Vou-te ensinar a beber! respondeu o thuragar e os dois saíram para as ruas da cidade.

Estava tudo em grande agitação, pois muitas das pessoas raras vezes haviam gozado um passeio à noite, para além de que havia muito trabalho a ser feito: os prisioneiros haviam sido libertos das masmorras, mas integrá-los nas suas famílias seria um árduo trabalho, já que muitos deles haviam perdido a sanidade enquanto outros eram praticamente animais. Coilen havia deixado marcas profundas na cidade, que necessitariam de muito tempo para serem apagadas. Muitos reconheceram Worick e acompanharam o thuragar, predispondo-se a pagar-lhe pelo menos um copo. Foi assim que os dois entraram na Rameira Rodopiante acompanhados de um autêntico séquito. Não faltou quem oferecesse rodadas a Worick, que as sorvia como uma esponja, acompanhado pelo pai de Nabella, que se engasgou várias vezes a tentar acompanhar o ritmo do thuragar.

Cambada de meninas! Se tivessem *soyg é* que eu vos mostrava como se bebe como deve ser! berrava o thuragar para se sobrepor às vozes que o rodeavam.

O taberneiro dava-lhe o que tinha de pior, mas nada sequer irritava o endurecido fígado de Worick, que teve de se satisfazer com as aguardentes de maçã da adega. Um dos convivas trouxe-lhe uma das criadas da taberna, cuja tarefa consistia em mais do que servir bebidas. Era uma rapariga pequena e Worick podia ser o seu pai, talvez mesmo avô. A sua estatura era bem abaixo da média, mas mesmo assim era mais alta que o thuragar. Tinha cabelos encaracolados que lhe davam pelo ombro e umas feições trigueiras, mas o thuragar nem reparou nela, ocupado com as canecas até que a rapariga se sentou ao seu colo.

Mas que é isto? perguntou o thuragar, não muito baixo.

O mestre Worick não quer companhia? Mandamo-la já embora... predispôs-se um conviva.

Ah, é por isso? perguntou, esfregando a boca com as costas da mão. Então deixa-te estar, cachopa disse, pondo-lhe a mão à volta da cintura e levando uma caneca de cerveja à boca, feito o qual a beijou.

Os presentes aplaudiram e a música começou a pedido do taberneiro.

Aewyre despiu a sua camisa de linho e, pela primeira vez, apercebeu-se do seu próprio cheiro pestilento. Torceu o nariz e bufou conib para afastar o fedor e atirou a peça de roupa suja para longe. Observou o seu tronco e só via nódoas negras, equimoses e arranhões, fruto de vários combates e de dias seguidos com a armadura em cima.

Estou bonito... observou.

Passou a mão pelos cabelos e sentiu-os oleosos e pastosos de sangue e sujidade. Enojado consigo próprio, tirou as calças e quase saltou para a tina metálica, cheia de água aquecida pelo fogo que ainda ardia numa lareira ao seu lado. Começou por esfregar a cabeça sofregamente, como se quisesse arrancar uns bichos repelentes que nela estivessem cravados. Se não estivesse escuro nesse quarto, teria visto a água a tornar-se preta e turva. Após uma rigorosa lavagem, deixou-se afundar lentamente na própria porcaria e permitiu-se relaxar, sentindo-se em paz como há muito não se sentia. Mas a porta abriu-se e Aewyre sobressaltou-se, chapinhando, e virou-se para expulsar quem tivesse entrado. Fora Nabella. O guerreiro emudeceu e a rapariga corou, fechando a porta mesmo assim. Não lhe ocorria nada para dizer, a não ser talvez perguntar o que ela ali fazia, apesar de isso ser relativamente claro.

Vim... ver se a água estava boa.

Aewyre não disse nada, pensando ainda numa frase adequada. Por que emudecera ele? Se tivesse sido qualquer outra mulher já a teria puxado para dentro de água...

Está... fria? Queres que a mude?

Não... está boa. Não é preciso... consegui dizer. Porquê tanto nervosismo? Nabella deu um passo hesitante em frente e aproximou-se da tina.

A água está um pouco... suja. Era a vez de Aewyre corar. E se eu a... mudasse? perguntou a rapariga.

O guerreiro acenou com a cabeça e levantou-se, decidido a enfrentar o que quer que o estivesse a fazer hesitar. A rapariga arregalou os olhos e quase engasgou ao fitar o tronco e, logo a seguir, as formas nuas de Aewyre. Virou a cara, incapaz de esconder o embaraço, e foi buscar um alguidar, onde despejou água quente do caldeirão que aquecia na fogueira.

A minha mãe disse-me que deves puxar essa chapa para esvaziar a tina disse Nabella, de costas voltadas.

Aewyre olhou para baixo e viu um puxador na borda da tina, que puxou. A água suja começou a escorrer por uma abertura que ia dar ao sistema de esgotos da limpa Alyun. O guerreiro começou a tiritar de frio e Nabella, ao ouvir os seus dentes a bater, despachou-se a despejar água quente na tina, esforçando-se por não olhar para o homem nu à sua frente. Foi então que Aewyre não se reteve mais e pegou nos braços da rapariga com as suas mãos molhadas, puxando a boca dela de encontro à sua. Nabella deixou o alguidar cair, que ressoou com um som metálico que perdurou até a peça parar de rodopiar no chão. Aewyre não se continha, beijava-a avidamente e desapertava o nó do vestido nas costas da rapariga. Nabella ajudou-o e deixou que a sua roupa deslizasse pela pele até ao chão, ficando desnuda perante o guerreiro, que a puxou suavemente para dentro da tina cheia pela metade.

Slayra. Acorda disse uma visão que apareceu borrada aos olhos da eahanoir.

Slayra fechou os olhos semicerrados e voltou a abri-los para ver melhor. Os seus olhos claros lacrimejavam e ela esfregou-os para tirar o líquido incomodativo. Quando enxergou melhor, viu Quenestil à sua frente.

Como te sentes? perguntou o eahan, sem quaisquer segundas intenções.

Estou bem respondeu, numa voz fraca.

Aguentas uma ida ao telhado?

Para me atirares de lá? indagou, sarcástica ou talvez séria. Quenestil não soube dizer qual ao certo.

Não. Consegues?

É claro que consigo, não estou inválida.

Então anda.

Quenestil ajudou-a a levantar-se, mas a eahanoir afastava qualquer tipo de apoio. Conduziu-a até ao sótão, que tinha uma água-furtada pela qual se podia passar para o telhado.

Foi o Taislin quem me indicou isto. Aquele burrik não consegue estar quieto...

Então o plano para me matarem é dos dois? perguntou, mordaz.

Quenestil não respondeu e tentou ajudá-la a passar através da pequena janela. Slayra gemeu e levou a mão às costelas, mas Quenestil sabia que o melhor era fazer de conta que não tinha visto. Sentou-se no telhado inclinado de telha vermelha e a eahanna negra fez o mesmo. Estava uma noite agradável. O céu resplandecia de estrelas brilhantes, que prenunciavam um dia quente, e não havia uma única nuvem para obstruir a lua cheia, que raiava como um sol prateado.

Por que me trouxeste aqui? acabou Slayra por perguntar. O eahan ficou silencioso, aparentemente perdido na admiração da abóbada celeste. Nem penses em começar a meditar. Atiro-te para a calçada...

Quenestil pareceu então despertar e fitou Slayra. Os seus olhos cinzentos, bondosos, pardacentos como as imóveis rochas das montanhas, cruzaram-se com os dela, claros, maliciosos, azuis como as gélidas águas dos mares do Norte e contemplaram-se um ao outro, quais dois opostos que se atraíam mutuamente.

Por que o fizeste? perguntou Quenestil por fim.

O quê? Olhar para ti?

Deixa-te de tacanhices. Por que nos foste libertar?

A eahanoir estava à espera desta pergunta, mas nem por isso deixou de ficar surpreendida.

Foi pelo desafio... disse, evasivamente.

Podias ter morrido.

Desafios são arriscados... explicou.

Quenestil fartou-se dos jogos da eahanna negra e agarrou-lhe o braço com força, o que a fez gemer, e virou-a para si.

Deixa-te disso! Eu estou disposto a falar contigo, e só por isso...

... devia ficar agradecida?

Devias parar com os rodeios e responder à minha pergunta. *Porquê?*

Larga-me o braço disse Slayra com firmeza.

O eahan rosnou e puxou-a para si, agarrou-lhe o ombro com a mão livre e pressionou-a contra o telhado.

Deuses, como estás agressivo! exclamou, jocosa.

O eahan caiu em si e largou-a, mas quando Slayra se ia a levantar, pareceu ocorrer-lhe algo e voltou a encostá-la às telhas de barro.

Então e tu? O que aconteceu à eahanoir fria, sanguinária e egoísta? Tanto quanto sei, salvaste-nos a todos quando nos podias ter deixado morrer.

Já te disse que foi pelo desafio! Larga-me!

Slayra deu uma pancada nas sempre magoadas costelas de Quenestil e levantou-se para se ir embora, mas o eahan estava decidido a fazê-la falar e agarrou-lhe a ponta da capa, puxando-a mais uma vez para o telhado. O corpo dorido da eahanna queixou-se com a queda e Quenestil aproveitou para lhe agarrar os pulsos e imobilizar as pernas com os seus joelhos.

E a espada? Que dizes de Ancalach? Sabes o que ela faz, sabes? Slayra debatia-se apesar da dor que lhe picava os membros. Qualquer ser maligno que lhe toque é acometido de horríveis dores, pode até morrer se ousar empunhá-la. És uma eahanoir, corrompida pela Sombra, e se tivesses desmaiado com ela na mão, por esta altura não devias ser mais que um monte de cinzas fumegantes. Mas isso não aconteceu, sabes dizer-me porquê? perguntou, a sua cara a escassos centímetros da de Slayra, que cerrava os dentes e os olhos com a dor no seu corpo castigado.

Não sabes? Pois eu tenho uma teoria, tu...

Slayra conseguira levar a mão agarrada ao seu cinto e tirara uma fina e pequena lâmina da fivela, com a qual espetou o antebraço de Quenestil, que lhe largou o braço de imediato e saiu de cima dela. Slayra levantou-se, cambaleante e tentou estocar o eahan, que pressionava a ferida com a mão. Mas Quenestil também era ardiloso, fingiu fraqueza para se desviar para a direita no último instante, deixando o braço da eahanoir passar pelo meio dos seus dois. No momento certo, baixou o braço esquerdo para empurrar o antebraço de Slayra para baixo, bloqueando-o exactamente no cotovelo com o braço direito e colocando-o numa posição de luxação. A eahanoir

grunhiu de dor e largou o punhal. Quenestil colocou-lhe o braço atrás das costas e agarrou-lhe os cabelos num movimento contínuo.

Não queres ouvir a verdade, não é? perguntou-lhe asperamente ao ouvido. Tens medo de o saber.

E tu? Achas-te um santo? perguntou Slayra com as faces contorcidas de dor, não só a do braço. Pensas que não ouvi os relatos do "grande Quenestil", o eahan matador, cuja faca foi embebida no sangue dos humanos que lhe fizeram frente? Da fúria que o possuiu durante a batalha? Para quem tenta controlar o seu lado animal, fizeste um belo trabalho!

As palavras de Slayra haviam atingido o eahan como uma seta perfurante. Como sabia ela? Acabou por relaxar o aperto, do qual ela rapidamente se libertou. A eahanna afastou-se dele e fitou-o, esfregando o braço.

Maldito sejas, malditos sejam todos os eahan... disse, amargamente e retirou-se.

Quenestil ficou parado a olhar enquanto Slayra se esgueirava pela pequena janela e se mesclava à escuridão do sótão. O seu antebraço pingava sangue, mas no meio de todas as suas lesões, o pequeno furo parecia insignificante. Começou a pensar em si, em Slayra, nos eahan em geral, mas já nada se encaixava. As crenças de Quenestil, os seus princípios e os ensinamentos sobre os quais ele baseara a sua vida, ruíam, e com isso a sua certeza. Deixou-se cair e assentou-se no telhado, levando as mãos à cabeça para tentar parar o turbilhão de pensamentos que lhe pareciam querer arrancar.

No dia seguinte, Magdal, que ficara à espera do marido a noite inteira, saiu do quarto que tomara como seu e foi para a sala ver como os companheiros estavam. Worick deitara-se vestido de armadura e dormia estendido de barriga para baixo com a cara enfiada na almofada. Estavam todos nas respectivas camas, mas a de Aewyre estava vazia. A mulher quis procurar o guerreiro, quando viu uma figura encostada ao canto da parede, sentada em cima de algo pastoso e amarelento, que exalava um nauseabundo odor azedo. Magdal suspirou.

Acorda homem disse, batendo-lhe de leve com o pé na coxa. Olha-me para esta porcaria. Quem é que vai ter de lavar? O homem tartamudeou qualquer coisa ininteligível. Anda, levanta-te. Olha só para ti, todo sujo de vômito. Que porcaria... Vai-me lá mas é curar essa ressaca.

Magdal conseguiu fazer com que o marido se levantasse e este cambaleou até ao quarto onde deveria ter passado a noite. A mulher suspirou profundamente e abanou a cabeça, coçando-a para se lembrar de onde tinha deixado o alguidar. Recordou-se do banho de Aewyre e dirigiu-se à sala de banhos, passando por mais um quarto com uma cama de casal tapada por cortinas. Encontrou o alguidar e nele despejou o conteúdo de uma das muitas bilhas de *água*.. Saiu da sala e viu que a cama tinha uma abertura nas cortinas púrpura de linho tão fino que era quase transparente. Movida pelo seu incessante desejo de ordem e equilíbrio, foi puxar uma das cortinas para tapar a abertura, mas engasgou ao ver quem estava lá dentro.

A sua filha dormia nos fortes braços do guerreiro adormecido. Magdal ficou sem saber como reagir ou o que fazer, mas acabou por encolher os ombros e retirou-se, acabando por esboçar um sorriso ao sair do quarto.

”É um bom rapaz, além de que é nobre. Filho de Aezrel... um pretendente melhor que aqueles rapazolas, não haja dúvida...”, pensou enquanto atirava a água do alguidar para o canto sujo, fazendo com que o vômito escorresse por um buraco na parede, uma solução provisória dos donos da casa para convidados de maus modos. *”E também é cá um naco de carne... Fosse eu jovem, já não me escapava.”*

O riso quase infantil da mulher foi captado pelo sensível ouvido de Babaki, cuja orelha se arrebitou e cujo olho se abriu pouco depois. O seu ruidoso bocejar assustou Magdal e acordou todos os presentes. O seu longo braço alcançou mesmo a cama de Worick ao seu lado e raspou com as garras na couraça do thuragar. Com a voz abafada pela almofada, Worick respondeu.

Tira as patas de cima de mim ou arranco-te as unhas.

Os gemidos foram gerais e um por um, os companheiros levantaram-se, com a excepção de Babaki e o thuragar.

Senhora Slayra, devia ficar na cama recomendou Magdal.

Eu estou bem assegurou a eahanoir com um tom quase ríspido. Magdal foi surpreendida pela repentina hostilidade, mas recuperou-se depressa.

Bom, a refeição matinal está pronta. Vão para a cozinha, mas deixem alguma coisa para o senhor Worick disse, piscando o olho a Lhiannah.

O quê? berrou o thuragar, levantando a cabeça. Eles que se atrevam a comer tudo! Dito isto, levantou-se, fresco como o orvalho matinal.

Lhiannah sorriu para a mulher, tentando esconder o desprezo que sentia por alguém tão submisso. A ementa de Magdal era mais uma vez variada, sendo a escolha entre bolos de mel, pão fresco e frito, leite acabado de espremer, fatias de presunto e ovos. Ninguém fez cerimónia e Worick começou antes de todos. A prestável mulher foi servir mais carne crua ao antroleo e foi ver como o marido estava.

Onde está o Aewyre? perguntou Quenestil entre um vagaroso e cuidado gesto a esfregar compota no pão com uma faca.

Pergunta onde a Nabella está e saberás ripostou Worick com a boca cheia de bocados de ovos e pão, nem sequer esperando para ver a reacção que as suas palavras provocariam.

Vendo o silêncio que se seguiu à frase do thuragar, Taislin falou.

Qual é o vosso problema? Ela é bonita, não é? Um pouco apressadinha esfregou o local na cabeça onde ela lhe havia batido para ir ver Aewyre após a batalha na fortaleza, mas é boa rapariga. E acho que ela gosta dele também...

Taislin, cala-te e come disse Lhiannah, sem tirar os olhos da fatia de presunto que cortava.

Todos ficaram pasmados, sobretudo o burrik. Normalmente, a princesa saltava sempre em defesa de Taislin e protegia-o de forma maternal, mas agora fora ela quem o mandara calar, e de maneira indelicada. O único ruído que se ouvia era o autêntico chafurdar de Worick na comida, até que alguém entrou.

Bons dias cumprimentou Aewyre.

Todos se viraram para ver o guerreiro limpo, arranjado e de armadura polida. Todo ele parecia brilhar, a couraça, os cabelos, até a pele, mas principalmente os olhos. A sua presença era majestosa, altiva, e já não parecia o guerreiro boémio e irreverente ao qual os companheiros estavam habituados, mas antes um rei cujo direito de nascença fora usurpado e que agora surgia para reclamar o que era seu. Abraçada ao seu braço estava Nabella, também ela não mais uma campónia vulgar das searas de trigo, mas uma mulher radiante, bela e determinada. Vestia uma blusa branca por cima de um vestido avermelhado revelador, tanto pelo decote do peito como pela abertura na saia. Os donos da casa aparentemente também haviam colocado o seu guarda-roupa à disposição dos companheiros. O par tomou o seu lugar à mesa e ambos estranharam o silêncio que imperava na sala.

Aconteceu alguma coisa que eu não saiba? perguntou Aewyre, sem largar a mão de Nabella.

Nós é que não sabemos bem o que aconteceu, mas eu cá tenho as minhas suspeitas... respondeu Worick sarcasticamente, rindo de leve e afogando quaisquer palavras subsequentes com um trago de leite.

A rapariga corou e olhou para Aewyre, que lhe sorriu. Os seus dentes estavam limpos e brancos mais uma vez. Cortou uma fatia de pão, ensopou-a de mel e levou-a à boca de Nabella num gesto que só se fazia com damas nobres para que elas não tivessem de se sujar. Esse mesmo gesto indignou Lhiannah e Allumno.

Aewyre... protestou Nabella, risonha, tirando-lhe o pão com uma mão e enfiando-o na boca com a outra.

O guerreiro beijou-lhe a delicada mão e começou ele também a comer. Quenestil e Taislin sorriam, mas Lhiannah tinha uma máscara austera na cara e Allumno também não parecia muito satisfeito. Worick só se preocupava com a comida à frente e Slayra estava demasiado ocupada com os próprios pensamentos. Aewyre lembrou-se da eahanna negra e tentou quebrar o gelo que separava os companheiros.

É verdade, Slayra. O que havemos de fazer contigo agora? Worick parou de comer, esfregou a boca com as costas da mão e ficou atento, apoiando o queixo por cima do punho. Todos os outros também interromperam a refeição e olharam para Slayra, que por fim também levantou o olhar. Salvaste-nos a todos e ganhaste o direito de te ires embora, se assim o desejares. Eu não te vou impedir se tu saíres agora mesmo por aquela porta... Vendo que Lhiannah e Quenestil se preparavam para falar, ergueu-se, desembainhou Ancalach e espetou-a na mesa, abanando os copos e derramando leite das jarras. Aliás, *ninguém* te vai impedir acrescentou, mais sério do que alguma vez o fora durante a sua vida.

Todos estavam estarecidos, mesmo Allumno. O que acontecera ao guerreiro? O próprio Worick fitava-o com interesse, de olhos estreitos e com os dedos a esfregar o queixo. Mas Aewyre não olhava para nenhum dos companheiros, tendo o seu olhar fixo em Slayra, que demorou a responder.

Fico convosco.

A resposta teve um efeito surpreendente em todos. Ninguém esperava que a eahanoir fosse declinar a proposta de Aewyre e renunciar à sua liberdade. O guerreiro recostou-se na cadeira, não menos estupefacto.

Tens a certeza de que é isso que queres? perguntou.

Sei muito bem o que quero, e não é morrer em terras de humanos afirmou com ligeira amargura. Acompanho-vos até ter uma oportunidade para voltar para o meu povo.

Ela só não quer admitir que gosta de nós disse Taislin, piscando o olho à eahanna negra quando esta o fitou ameaçadoramente.

Bom, se é assim, bem-vinda ao grupo, acho eu... terminou Aewyre com um sorriso incerto.

Slayra esboçou um meio sorriso e continuou a sua refeição. Os restantes ainda estavam demasiado atónitos para falar ou comer, até que Magdal chegou.

Bons dias, senhor Aewyre Viu a espada espetada na mesa. Pela foice de Gorfanna, senhor Aewyre! Se não tinha faca, podia ter-me pedido uma...

Aewyre riu e arrancou a lâmina da madeira, agitando a mesa e derramando leite em cima de Worick, que proferiu impropérios que arranharam os ouvidos de todos à mesa e fora dela. Magdal, sempre tolerante e, como gostava do thuragar, riu e perguntou se ele não gostaria de mais mel para adocicar a língua. Se fosse outra pessoa, teria perdido a cabeça com uma martelada, mas Worick também gostava da mulher, pelo que riu com ela e perguntou pelo marido.

Ai, o meu homem... sempre na borracheira. A culpa também é” sua, senhor Worick admoestou amavelmente com o dedo. Não tinha nada que o forçar a beber tanto. Sozinho, já sorve como um cavalo, acompanhado então...

Como um cavalo? Parecia o Allumno a bebericar chá! ripostou, apontando para o dito com um comprido naco de pão enquanto ria, exibindo uma boca cheia de comida.

O mago ignorou-o e continuou a comer sem nada dizer.

É verdade, o senhor Allumno também não é grande garfo, pois não? Coma, homem, está magrinho... Quer que lhe faça alguma coisa especial?

As faces de Lhiannah ruborizaram. Allumno levantou o olhar e sorriu, prestes a declinar a oferta, quando um ruído abafado de algo a chapinhar contra o chão do quarto do outro lado da casa lhe chamou a atenção.

Ai valha-nos Gorfanna! Aguenta-te, homem, já aí vou! disse Magdal enquanto corria de saia levantada.

Worick riu e encostou-se à cadeira, saciado. Como a mulher já não estava presente, expeliu um sonoro arroto, que enojou os companheiros.

E então, grande líder? perguntou o thuragar com os braços cruzados atrás da cabeça. O que fazemos agora? De volta à estrada para Asmodeon?

A menção do nome da fortaleza maldita assustou Nabella, que olhou para Aewyre e lhe agarrou o pulso. O guerreiro reconfortou-a com um sorriso e encostou a mão à cara da rapariga.

O povo de Alyun precisa de ajuda agora. Os prisioneiros têm de se integrar nas famílias e a ordem tem de ser mantida. Eu estou disposto a ajudar, e vocês?

Os companheiros entreolharam-se, desconfiados, sentindo que não era só por causa de Alyun que Aewyre pretendia ficar e, como em todas as situações nas quais ninguém sabia o que dizer, Taislin falou.

É claro que ficamos. Asmodeon não vai desaparecer, não é? A menos que um deus a vá arrancar pelos alicerces ou os céus lhe caiam em cima, como deveriam, ela não sai do lugar, por isso podemos muito bem ficar por aqui e ajudar como pudermos...

Convém não esquecer que o que fizemos vai chamar muitas atenções lembrou Lhiannah. Se ficarmos demasiado tempo por cá, corremos o risco de ser visitados por uma patrulha syrithiana.

Worick olhou para a princesa com uma careta de frustração. Por que os lembrara ela?

Ótimo! Então como nos organizamos? continuou Aewyre, como se não a tivesse ouvido.

Eu mantenho a ordem disse Worick, dando palmadinhas na cabeça do martelo.

Eu também ofereceu-se Taislin voluntariamente.

Na ordem ponho-te eu... ameaçou o thuragar.

Mas porquê, Worick? Lembras-te de que és um velho relho quando vês a minha energia jovial? perguntou o burrik, preparado para saltar da cadeira.

Ora seu...

Quenestil puxou prontamente a cadeira para a frente para não ficar no caminho da carga do thuragar, que correu desvairado atrás de Taislin. Todos riram e planejaram as acções que iriam tomar.

A SOMBRA MOVE-SE

A mulher de negro chamada Hazabel caminhava pelo bosque espesso fracamente iluminado por raios de sol que cortavam o seu caminho através da densa ramagem da copa nua das árvores. Os pássaros acordavam a floresta com a sua cantilena matinal e o ar estava fresco, húmido. Hazabel, no entanto, não apreciava este tipo de coisas. A beleza da natureza não a tocava de forma alguma, antes pelo contrário, repugnava-a, não suportava coisas belas. Lamentava ter morto o cavalo, pois agora teria de percorrer todo o caminho a pé, carregando um fígado às costas, e por mais tempo observar a natureza em todo o seu horroroso esplendor. Tinha fome, mas o fel do fígado da besta era simplesmente intragável. Passava agora por um riacho de água cristalina, que escorria por entre seixos e rochas cobertos de esguias algas, que se agitavam incessantemente com a força do fluxo. A mera visão do líquido purificador a fluir enjoava-a e Hazabel afastou-se, mas a sua comprida e bordada saia negra ficou com a borda presa num galho apodrecido. Exalou um suspiro de irritação e puxou, rasgando o fino tecido, mas continuou presa. Mais irritada ainda, puxou com força e libertou a saia, mas também se desequilibrou, cambaleou pelo desnível no terreno e caiu para dentro de água. O mero contacto com o líquido fez com que Hazabel gritasse de raiva, chapinhando furiosamente na água e saltando para fora do riacho. Ficou de costas para o chão em cima de folhas mortas acastanhadas, praguejando até ouvir uma voz atrás de si.

Hei-ho! Quem está aí? perguntou alguém com um tom não muito cauteloso, antes acolhedor.

Hazabel ergueu o tronco com os cotovelos, virou a cabeça para trás e viu um homem corpulento, espadaúdo e com um peito que mais

parecia dois pipos. Vestia uma túnica de camponês e calças de coiro. Para o proteger do frio, *trazia* ainda uma pele de lobo aos grandes ombros e mais peles atadas aos seus pés. Tinha uma grande e espessa barba negra que lhe chegava ao peito e um gorro vermelho por cima de cabelos que lhe davam pelos ombros. Empunhava um machado de lenhador, que apoiava no ombro e arrastava atrás de si dois grossos toros de madeira.

Bons dias, senhora. Estais ferida? Necessitais de ajuda? perguntou, largando a corda com a qual atara os toros.

Hazabel não respondeu e tentou levantar-se, mas escorregou na descida molhada e caiu de costas mais uma vez. O homem desceu o desnível e prontificou-se a levantá-la com as suas mãos calejadas, mas Hazabel colocou-se numa postura defensiva.

Então? Não tenha medo, não lhe faço mal... Não se preocupe que eu não quero nada de si, sou casado. Vamos, deixe-me ajudá-la... Está ferida? Tenho comida e calor na minha cabana se precisar.

A mulher hesitou inicialmente, mas acabou por se deixar levantar pelos fortes braços do lenhador. Olhou para ele, fitou o seu corpo carnudo dos pés à cabeça e o apetite abriu-se-lhe. Pensou em atacar o homem nesse mesmo sítio, mas estava cansada, faminta e fraca, enquanto o lenhador, para além de forte, estava armado com um machado. Decidiu optar por outra estratégia.

Agradecia que me levasse à sua cabana disse, assegurando-se de que o trespassava de um lado ao outro com os negros olhos líquidos.

O homem ficou nervoso com o olhar penetrante da dama, mas aquiesceu e conduziu-a pela floresta até à sua modesta habitação, cuja chaminé fumegava. Empilhou os toros de madeira em cima de um monte deles e abriu a porta a Hazabel, que se lembrou de agradecer antes de entrar. Analisou logo a casa, que consistia de um quarto cuja porta estava fechada e uma sala, onde uma lareira crepitava por baixo de um caldeirão borbulhante que exalava um agradável cheiro a guisado, decorada com armações de veado e cabeças de javali e uma pele de urso estendida no chão. O único sítio onde alguém se poderia sentar eram dois tocos ao pé de uma tosca mesa de madeira velha e coberta de golpes de faca. Em cima da mesa estava ainda espetada uma machadinha. O homem fechou a porta atrás de si e berrou:

Alanii! Temos visitas!

Visitas? Se trouxeste outro daqueles caçadores brutos, corto-te a barba com a faca de cozinha, Brunken!

O homem riu e atirou o gorro para cima da mesa.

Anda, tenho aqui uma senhora cansada que precisa de comida!

Uma senhora? guinchou, abrindo a porta do quarto.

Era uma mulher alta, gorda, de ombros largos e peito enorme. As suas feições eram quadradas e tinha belfas por baixo do queixo largo, abaixo de uma pequena boca desprovida de lábios. Vestia um típico traje de camponesa com um avental branco manchado por cima e, como estava em casa, calçava chinelos de madeira que faziam um barulho incomodativo enquanto ela andava.

Boas tardes, minha senhora. Tem fome? Então venha partilhar o nosso guisado. Chega para os três. Olhe como você está suja! Venha daí para que eu lhe dê roupas novas e lave essas. O que lhe aconteceu?

Hazabel tinha pouca paciência para pessoas faladoras, bem como para qualquer tipo de pessoa, mas achou melhor continuar a representar o seu papel de dama perdida nos bosques.

É muito amável. Fico-lhe agradecida...

Deixou que a enorme mulher a conduzisse para o quarto e lhe desse um traje de linho castanho.

Desculpe, mas é o melhor que lhe posso arranjar.

Vai servir. Mas pensou no que poderia dizer para ficar sozinha com Brunken esse tecido é muito frágil. Tenho medo de que as nódoas de lama sequem e não saiam mais... Tirou da sacola um par de moedas de ouro. Dou-lhe estas se me fizer o grande favor de as ir lavar ao riacho.

Hazabel esperou que a aparente ignorância da mulher e o ouro a convencessem e conseguiu.

Sim, claro que posso lavá-lo. Faço-o de boa vontade, não precisa de me dar esse dinheiro.

Por favor, eu insisto. Fique com ele e compre uma coisa de que goste.

Bom, se a senhora faz questão... obrigada. Vou lavar o seu vestido tão bem que pensará que comprou um novo.

Muito obrigada. Podia fazê-lo agora? Tenho medo de que as nódoas não saiam...

Com certeza...

A mulher saiu do quarto com Hazabel e disse ao marido para começarem a comer sem ela. O homem estranhou, mas viu o vestido nos braços da sua mulher e percebeu. Quando Alanii fechou a porta, Brunken virou-se para a mulher de negro e indicou-lhe um toco.

Faça favor. Vou servir-lhe um bom guisado.

Hazabel achou que era altura *e* começou a olhar fixamente para os olhos cor de carvalho do homem.

Senhora?

Hazabel não respondeu. Brunken começou a ficar nervoso.

Senhora, não deseja comer?

De facto, falou Hazabel com a voz mais sedutora que conseguiu não é comida que eu desejo...
Levou a mão ao peito do homem e rasgou-lhe a camisa.

Senhora! Eu sou casado e gosto muito da minha mulher! reagiu Brunken, afastando-se e a tapar o rasgão.

E então? Quem disse que vais deixar de gostar dela? Hazabel avançava, empurrando o homem para a porta, e quando ele bateu de costas nela, a mulher trancou-a e levou a mão ao peito peludo agora descoberto.

Vamos, eu sei que queres. Eu preciso, preciso tanto... repugnava-a dizer tais palavras a um homem que mais parecia um urso, mas sempre fizera o que fora necessário.

Finalmente, Brunken cedeu e envolveu-a num forte abraço, beijando-lhe o pescoço com os seus lábios cercados pela espessa barba.

Não é isso que quero disse, afastando-o com um empurrão invulgarmente forte para uma mulher do seu tamanho e deitando-se em cima do tapete de urso.

Vendo a hesitação do homem, apartou as pernas e ergueu as ancas num gesto convidativo que Brunken não recusou. No entanto, assim que o grande homem estava sobre ela e entre as suas pernas, desapertando o cordel que mantinha as suas calças presas, Hazabel envolveu o seu tronco com as pernas e começou a apertar. O homem interpretou mal o gesto e apressou-se na sua tarefa, só estranhando quando o ar lhe começou a faltar. Mas a sua virilidade não lhe permitia pedir a uma mulher que não apertasse com tanta força, pelo que nada disse e finalmente tirou as ceroulas. Mas nessa altura já era tarde demais e as pernas elegantes de Hazabel fechavam-se em seu redor como duas tenazes. Quando a sua cara ficou vermelha devido à privação de ar, Brunken viu-se forçado a falar.

Senhora, não aperteis tanto que assim não o consigo fazer... disse, sufocado.

Hazabel limitou-se a sorrir e continuou a apertar, com mais força ainda. A face do homem ficou roxa e as suas costelas estavam a ranger ante a pressão.

Senhora... exclamou numa voz quase inaudível. Continuou a apertar até uma série de estalos secos e abafados lhe disseram que havia partido as costelas, que se tornaram em coisas pontiagudas que furaram os pulmões de Brunken. O homem olhava-a estarrecido enquanto o sangue borbulhava nos cantos da sua boca e começava a sair às golfadas cada vez que tentava pronunciar uma palavra. O pesado corpo caiu em cima de Hazabel, que o empurrou para o lado com mínimo esforço e o observou, faminta. Estava sequiosa e tinha a garganta seca, o que a levou a rasgar a túnica do homem e espetar as suas unhas na parte superior direita da cavidade abdominal de Brunken. Enterrou os dedos na carne e, com um violento puxão, arrancou-lhe o fígado avermelhado a segregar fel dum canal. Hazabel abriu a boca e espremeu a víscera, jorrando a amarga bÍlis.

Néctar da animosidade, da dor e da cólera... deliciou-se Hazabel.

OuvIU um ruído atrás de si e viu a porta a cair como resultado de uma carga de ombro de Alanii.

A grande mulher fitou com horror o corpo esventrado do seu homem e a dama de negro cuja boca e roupas, as roupas que Alanii lhe dera, estavam manchadas de sangue e de bile amarelo-esverdeada. Horrorizada mas furiosa ao mesmo tempo, correu para a mesa e arrancou a machadinha da madeira.

O que é você, seu monstro? O que fez ao meu marido? guinchou, trémula e empunhando a pequena arma com as duas mãos.

Hazabel nada disse, mas sorriu diabolicamente e Alanii atirou-lhe a machadinha, que guinou na direcção da sua cara. Hazabel mexeu um braço e desviou a arma da sua trajetória. Desarmada, Alanii tentou correr para a porta, mas a dama de negro percorreu a mesma distância com passos largos incrivelmente rápidos e barrou-lhe a saída. A mulher gorda, fortalecida pelo desespero e pelo medo, lançou-se para cima de Hazabel, que a atirou para o lado como se de um insecto se tratasse. Alanii caiu desajeitadamente e bateu com a cabeça no chão. Vendo a mulher indefesa, avançou como um predador a aproximar-se de tocaia da sua presa e preparou-se para a devorar, mas hesitou ao ver a largura das suas enormes ancas.

Sim... observou o corpo carnudo, esta é perfeita. Vais viver por mais algum tempo...

Deixou a mulher amarrada, encaixou a porta no seu respectivo lugar e começou o seu grotesco ritual para fecundar a mulher com o que carregava no seu ventre.

Durante as duas semanas seguintes, os companheiros ajudaram o povo de Alyun a reconstruir a sua cidade. Havia muito trabalho a ser feito: guardas para destacar, edifícios para reconstruir, vítimas para apoiar e dinheiro para distribuir. As tarefas eram muitas, mas o povo de Alyun não deixava de se permitir breves mas alegres períodos de descanso e festa entre os afazeres. Durante um desses intervalos, Aewyre e Nabella passeavam pelo que sobrara do bosque que os aldeãos haviam arroteado. Era um refúgio para os dois, um autêntico santuário verdejante para escapar à agitada cidade. Caminhavam alegremente pelo solo coberto de folhas douradas, observando os coelhos e esquilos que saltavam pelas árvores nuas e escutando o chilrear dos pássaros. Aewyre nunca realmente apreciara estas coisas pequenas da Natureza, mas perto de Nabella, tudo lhe parecia tão maravilhoso e digno de admiração que não sabia para onde olhar. Libertara-se mesmo da armadura e vestia roupas normais de camponês para 'melhor usufruir da floresta. A rapariga saltava infantilmente de um lado para o outro, pulando para os braços de Aewyre e deixando-se elevar por ele. Chegaram à margem de um rio ao longo da qual brotavam juncos e caniços que começavam a perder a intensa cor verde e, mais ao largo, nenúfares e espigas-d'água. Uma garça procurava peixes nos baixios até levantar voo ao avistar os dois humanos e voar para o seu ninho num salgueiro na margem oposta. Aewyre deitou-se no chão macio e Nabella fez o mesmo, aconchegada ao guerreiro. O dia não estava quente, mas o sol brilhava e o barulho de água a correr era relaxante.

Aewyre...? perguntou Nabella após um longo momento de silêncio contemplativo.

Sim?

Que quis o Worick dizer com ir para Asmodeon?

A face alegre de Aewyre pareceu escurecer. Virou-a para Nabella e começou a afagar-lhe o cabelo liso.

Sabes o que aconteceu a meu pai, Aezrel? perguntou, sereno.

Sim, foi para Asmodeon enfrentar o Flagelo com Sarea. Ele derrotou o Bastardo, mas morreu.

Ninguém sabe se ele morreu; Sarea não sobreviveu à luta. Nabella encolheu os ombros.

Eu não sei... Mas que pretendes fazer nesse lugar maldito? Vais procurar o teu pai?

Farei o que for preciso, nem que tenha de nivelar o maldito lugar. Algures em Asmodeon, reside a resposta para o destino do meu pai. E eu vou descobri-la, nem que seja a última coisa que faça.

A rapariga pareceu ficar alarmada, ergueu-se e pegou na cabeça de Aewyre.

Não! Por favor, não vás! Ninguém sai vivo de Asmodeon! Não o faças, Aewyre, por favor, não me deixes!

O guerreiro agarrou-lhe os pulsos delicadamente e levou-os ao peito.

Nabella, é o meu pai. Tenho de saber o que lhe aconteceu, não posso...

Mas já passou tanto tempo, Aewyre! Mesmo que tenha sobrevivido, estaria morto por agora. Acalmou-se. O velho morre para dar lugar ao novo e és tu agora o herói de que a gente precisa. É de ti que precisamos agora. Eu preciso de ti...

Nabella, o meu pai... Não posso simplesmente deixá-lo...

Mas deixá-lo porquê? Por que pensas que ele deve estar vivo tantos anos depois? E se ele estiver morto e também tu morreres naquele maldito lugar?

Mas Nabella...

Não me deixes, por favor! suplicou, abraçando o guerreiro com força. Não suporto a ideia de morreres, não suporto!

Em circunstâncias normais, Aewyre ter-se-ia rido de tão patética demonstração de amor, um sentimento que ele odiara desde a morte da sua mãe, Adelayne. A princesa siruliana que casara com o seu pai morrera de desgosto quando se disse que Aezrel perecera em Asmodeon e desde então Aewyre passou a ver o amor como algo fútil e efémero, mas com o poder de matar quem por ele era atingido. Mas desde que vira Nabella, sentira coisas que não sabia existirem e que nunca havia sentido com nenhuma das muitas mulheres que possuía. Todas as suas breves relações superficiais foram movidas pela luxúria e pelo desejo, nunca amor. Mas com Nabella não era assim. A rapariga era dotada de uma simplicidade e alegria de vida tais, sem complexos nem falsidades, inocente mas madura, que atraía o boémio guerreiro de uma forma tão profunda que ele começou a duvidar da integridade da sua maneira de vida. Além de que era tão bela, tão feminina, tão pura e agora o fitava com os seus olhos castanhos-claros como bolotas que se enchiam de lágrimas enquanto

ela implorava. Os seus lábios mexiam-se, mas Aewyre não ouvia nada, perdido na admiração da angelical criatura à sua frente até que, por fim, a puxou para si e a silenciou tapando-lhe a boca com a sua. E assim se envolveram os dois à beira do rio, tendo a garça como único espectador.

Lhiannah estocou para a frente com força e atravessou a abóbora redonda que fazia de cabeça de um dos muitos espantalhos à sua volta. Puxou a lâmina para fora e deixou uma marca perfeita no legume carnoso, uma fresta recta e direita da qual escorria suco alaranjado. Assim lhe ensinara o seu pai a estocar.

Braço descreve círculo para cima...

Girou em si, e impeliu o braço para a frente para estocar o espantalho atrás de si, mas torceu o pulso no último instante e a lâmina foi dirigida quase paralelamente ao chão com os dois movimentos gónicos, trespassando o tronco empalhado de um lado ao outro como um virote de besta.

O pulso descreve um círculo para baixo!

Essas palavras nunca haveria de esquecer. Continuou a atacar os manequins, como se tratasse de um ataque de vários adversários em simultâneo e a palha voava em seu redor com os movimentos furiosos que executava.

Odeio esta cidade. Mulheres nas tabernas de livre vontade... Atravessou outro espantalho.

... aquela Magdal, sempre pronta a servir, sempre sujeita e à disposição daquele urso velho...

Estocou outro de baixo para cima, num movimento que teria empalado um homem e rasgou o revestimento, fazendo com que o estofado espirrasse para fora.

...e o Aewyre! Tão feliz por ter finalmente encontrado uma rapariguinha submissa, estúpida e tola como qualquer camponesa!

Num golpe furioso, desferiu um largo corte horizontal que decapitou o espantalho, cortando o pau que segurava a abóbora, que rodopiou pelo ar. Mesmo assim, não estava a salvo da princesa, que torceu os pulsos e aproveitou o ímpeto do movimento para trazer a espada para cima de modo a desenhar um arco para baixo, que cortou a abóbora ao meio, espalhando o seu sumo em redor. Lhiannah ofegava e os contornos dos seus braços atléticos estavam definidos com suor. Baixou a espada e atirou a cabeça para o lado de modo a tirar de frente dos olhos as farripas de cabelo ensopadas, que

tiveram de ser afastadas com um gesto da sua mão vermelha pela fricção do punho da espada. Ouviu passos atrás de si e virou-se para ver quem se aproximava. Era Babaki.

Não devias deixar que a raiva te controle os movimentos, Lhiannah recomendou o antroleo, sabendo muito bem do que falava.

Não devias estar na cama? retorquiu a princesa, a quem Babaki atirou um pano de linho. Obrigada agradeceu, esfregando a cara suada.

Não te preocupes, é muito difícil ferir gravemente um shakarex.

Mas tu não estás, graças aos deuses, em forma de shakarex, e os teus ferimentos...

Meros cortes. Nessa forma, curo-me muito rapidamente. Tenho os meus limites, claro está, mas ainda estava longe de os ultrapassar. Só preciso de descansar um pouco.

Lhiannah achava fascinante como o antroleo floreava o seu discurso, mesmo não falando na sua língua materna.

Nesse caso, vai deitar-te e descansa disse Lhiannah, limpando o seu pescoço.

Parece que és tu quem precisa de descanso...

Foi só uma breve sessão de treino...

Treino? exclamou, olhando para o pouco que sobrava dos espantalhos. Diria que te pediram para os destruir.

É impressão tua. Limpou a lâmina com o pano e embainhou-a.

Anda, vamos ver como o Worick se está a desenrascar com a reconstrução do centro da cidade.

Os dois saíram do descampado poeirento, ao qual começaram a acorrer pássaros intentos em comer as postas de abóboras. Babaki e Lhiannah caminhavam de braço dado, a princesa porque julgava o antroleo ferido e este porque lhe agradava o contacto com a humana.

Sabes, raras vezes vi tal raiva como aquela com a qual destroçaste os espantalhos... disse, fitando-a do alto.

Não é nada... deve ser desta cidade, não gosto dela justificou-se. *"Desta e de qualquer outra em Nolwyn..."*, pensou ainda.

Então porquê? indagou Babaki, verdadeiramente curioso.

Por nenhuma razão, ou por tudo... não sei, é só que... as mulheres, sempre servis... não suporto isso.

O antroleo ergueu o focinho num gesto compreensivo.

E a Nabella? mencionou propositadamente. Que achas da sua relação com o Aewyre?

Lhiannah fitou Babaki com fogo nos olhos, mas os orbes isentos de qualquer emoção do antroleo esconderam as suas intenções.

Nabella? Hah! Essa vaca leiteira é justamente o que o Aewyre procurava. Calada e de pernas abertas, é o que acho dela, mas não esperava melhor daquele... daquele... suspirou exasperadamente. Esquece, não me apetece falar disso.

Babaki sorriu, pois já sabia tudo o que precisava de saber.

Nessa noite, voltaram todos tarde à moradia. Aewyre e Nabella foram os últimos, e quando chegaram, já os outros dormiam. Talvez o passeio pelo bosque tivesse durado mais do que pensaram...

Parece que perdemos o jantar... sussurrou o guerreiro.

Não faz mal. Anda, eu preparo qualquer coisa para nós respondeu a rapariga, caminhando em bicos de pés para a cozinha.

Nabella acendeu a fogueira e aqueceu a carne de veado que fora poupada pelo voraz apetite de Worick, que nesse momento ressonava ruidosamente por baixo da almofada que Taislin lhe enfiara na cara para diminuir o ruído.

Que queres beber? Vinho? Sidra? Cerveja?

Sidra. Perto de ti, só me apetece coisas doces... respondeu Aewyre.

Nabella sorriu e fitou-o brevemente, mas baixou o olhar para se concentrar no seu trabalho. O guerreiro observava cada movimento seu atentamente: o abanar dos cabelos, o vincar do seu apertado vestido, o enrugar da sua testa e o morder do seu lábio quando cortava um naco de carne dura. Maravilhosa...

Quando o veado ficou pronto, Nabella foi buscar a sidra e serviu-a pouco depois em duas chávenas. Quando a rapariga levou a sua à boca, afastou os cabelos com a mão esquerda e colocou-os atrás da orelha. Era um gesto simples, comum, mas pareceu a Aewyre um movimento tão encantadoramente delicado e feminino, que não se conteve e a puxou para si pela cintura e a beijou.

Aewyre! reclamou alegremente, pousando a chávena na mesa. Não podes ao menos esperar pelo jantar?

Não posso passar nem mais um segundo sem te ter nos meus braços justificou-se o ávido guerreiro.

Aewyre! exclamou Nabella risonha enquanto o peso do guerreiro a fazia cair. Em cima de uma mesa de cozinha?

E por que não?

Os dois não trocaram mais nenhuma palavra.

Algures debaixo dos escombros da fortaleza, uns pedregulhos começaram a mexer-se, primeiro quase imperceptivelmente, depois com redobrada intensidade. Pó levantou-se conforme os grandes matacões iam deslizando, causando um ligeiro desmoronamento à sua volta com os pequenos calhaus e blocos de granito que neles se apoiavam. Algures, num buraco escuro, soterrado por toneladas de pedra, algo se mexia.

E ardia num ódio inumano.

VINGANÇA

Como sempre, Allumno acordou antes dos outros. Como os companheiros já não estavam tão feridos, haviam-se distribuído entre os muitos quartos da casa e o mago ficara com um cubículo só para si. Abriu as portinholas de madeira da janela e constatou que ainda era noite, apesar de o Sol já ter começado a reclamar o seu lugar no céu, surgindo como uma imensa bola de fogo alaranjada por detrás das montanhas.

”Parece que vou ter tempo para um treino matinal...”

Pôs de parte a meditação mas sentou-se de pernas cruzadas na mesma para invocar a alma de Zoryan. Fechou os olhos e em breve ficou imerso nas águas etéreas do Pilar do Mundo. A gema na sua testa irradiava um brilho escarlate quando o seu espírito despertou e observou o que o rodeava. Nada, apenas o brilho místico que o seu equipamento pousado numa estante emanava e os espíritos dormentes dos seus companheiros ao longe, visíveis porque as paredes não estavam presentes no Pilar do Mundo, sendo objectos inanimados, desprovidos de qualquer energia vital ou mágica. O espírito de Allumno ergueu-se e observou o já conhecido plano branco que se estendia até onde a vista alcançava em todos os pontos cardeais. Olhou para cima e viu as formas vitais de pássaros que sobrevoavam o que deveria ser a moradia, mas que não tinha qualquer tipo de relevância direcciona no Pilar do Mundo. Para a frente e para os lados via os espíritos de habitantes de Alyun, uns poucos despertos e em movimento. Olhou para baixo e viu uma imensa bola de energia que singrava na sua direcção a grande velocidade.

O mago proferiu algo, mas a voz só a ouviu nos seus pensamentos, pois no Pilar do Mundo não se ouviam quaisquer sons.

Uma barreira energética formou-se em seu redor e a bola embateu contra ela com violência, estilhaçando o escudo e projectando Allumno, que tanto rodopiou que perdeu a noção de cima e baixo.

Pronto para o exercício, pupilo? perguntou telepaticamente o espírito de Zoryan, o arquimago, o maior feiticeiro de todos os tempos.

Sempre, mestre assegurou o estonteado mago.

Sem qualquer outra palavra, o arquimago voou na sua direcção a uma velocidade estonteante e mal Allumno começou a voar numa linha perpendicular à trajectória de Zoryan, já este o acompanhava num voo paralelo. Os dois trocaram descargas de energias místicas, que colidiam e se fundiam numa espécie de fusão mística que em breve alcançou a massa crítica e explodiu, projectando mais uma vez Allumno enquanto Zoryan atravessava a própria explosão para alcançar o seu pupilo. No Pilar do Mundo as leis universais não contavam. Os corpos não eram atraídos pela gravidade, não havia ar para respirar ou para causar qualquer tipo de atrito que pudesse desacelerar a energia cinética que impelia Allumno para trás, que tanto podia ser para baixo como para cima ou para a frente. O mago sabia que o seu mestre em breve estaria em cima dele e conseguiu concentrar-se o suficiente para lançar um feitiço.

As mãos de Zoryan crepitavam de energia e parecia também ele estar a preparar um feitiço.

Allumno finalizou a frase proferida com a Palavra e um leque iridescente estendeu-se das suas mãos e separou-se em vários raios prismáticos.

Zoryan deflectiu-os com um mínimo de esforço e descarregou a energia que acumulara num ataque devastador contra o seu pupilo. Allumno gritou no interior de frustração, cruzou os braços e atirou-os para os lados de modo a desferir uma chicotada mística que cortou a descarga de Zoryan ao meio e desviou a direcção das duas potentes metades, que explodiram possantemente ao longe atrás dele. No Pilar do Mundo, as capacidades de magos aumentavam consideravelmente, pois estavam no domínio espiritual cujas energias usavam para lançar feitiços no plano material. Mas Zoryan não parava e já estava a uma curta distância de Allumno quando este começou a girar rapidamente à volta do arquimago como se o seu mestre fosse o eixo de uma roda e projectava pequenas bolas energéticas. Zoryan contrariava estas com as suas próprias mãos, nas quais as bolas se dissipavam. Allumno percebeu o truque e começou a preparar outro feitiço enquanto continuava a lançar bolas, um processo que só magos muito habilidosos e de poder considerável conseguiam fazer, porém facilmente acessível

no Pilar do Mundo para quem soubesse como o fazer. Repentinamente, o arquimago recorreu à energia das bolas que absorvera e lançou-a num relâmpago fulminante, que Allumno esperara. Gritou a última palavra do feitiço triunfantemente e, quando o relâmpago embateu na sua barreira, foi reflectido na direcção de Zoryan.

Mas o relâmpago atravessou o seu mestre e nada lhe sucedeu.

Uma ilusão.

Allumno percebeu o que se passara e virou-se a tempo de se proteger com as palmas estendidas da imensa rajada mística que se abateu sobre ele, e o projectou ao que seriam milhas de distância se estivesse a combater no plano material. Finalmente, quando encontrou energia suficiente, conseguiu parar e tombou, exausto, flutuando no espaço etéreo.

Excelente, pupilo. Excelente... disse uma voz na sua cabeça.

O mago levantou a cabeça e viu Zoryan à sua frente. Sempre um passo à sua frente...

Fui escorraçado como uma folha outonal pelo vento do Inverno admitiu Allumno humildemente.

Oh, não diria uma folha, pupilo. Antes um insecto, que voou na direcção oposta do vento. Fica a saber que estou satisfeito com os progressos.

Insecto talvez, mas mesmo assim escorraçado.

Zoryan evitou que o seu pupilo captasse a sua gargalhada. Para quê ser um mestre severo e criticar Allumno se o exigente mago o fazia só por si? O seu trabalho ficava muito mais fácil, pois Allumno não mostrava a típica arrogância de aprendizes quando estes conseguiam queimar as primeiras casas com bolas de fogo. Ofereceu a mão espiritual ao seu aluno.

Ergue-te. Diz-me, Aewyre ainda pretende ir a Asmodeon?

Tanto quanto sei, continua tão motivado como no dia da partida. O mestre de Allumno pareceu lançar um suspiro etéreo.

Ah... a esperança dos jovens. Uma das coisas que infelizmente se perdem com a idade. O rapaz ainda crê que o pai está vivo?

Não sei, mas ele pretende à viva força descobrir. Duvido de que algo o demova.

Pode ter saído à mãe, mas herdou a fibra e a tenacidade dos homens do Sul... comentou Zoryan, rindo.

... e nenhuma da temperança e sobriedade dos sirulianos...

Paciência, Allumno, paciência... Aproveita o que de bom pode ser extraído desta fortuita demanda: será um esplêndido treino para ti. Certas coisas não se aprendem na reclusão de um castelo.

Decerto, mestre. Agora, se me permite, vou retirar-me disse Allumno.

Vai, Allumno. E cuidado com os ventos... acrescentou, jocoso.

A próxima sessão será diferente... prometeu o mago.

Zoryan acenou com uma cabeça sorridente e viu o seu pupilo desvanecer-se. O que ele tinha em humildade e capacidade autocrítica, compensava com uma grande confiança. Satisfeito, dissolveu-se no Pilar do Mundo para repousar e ponderar.

Aewyre acordou e verificou de imediato se Nabella estava ao seu lado, o que se confirmou. Caiu em si e apercebeu-se de que ficara de facto alarmado com o simples pensamento de que podia estar afastado da mulher que dormia a seu lado, abraçada a ele. Nunca julgara tal coisa possível, mas ela estava a acontecer e ele não a conseguia controlar. Essa força, essa coisa abstracta que era o amor e que havia morto a sua mãe, apossara-se dele, e, a despeito de todas as suas promessas e juramentos, estava a aceitá-la de bom grado. Nem sequer pensou quando a sua mão começou a acariciar os cabelos negros da rapariga e esta acordou com um gemido de prazer. Incapaz de se conter, beijou-lhe a testa e passou a mão pelas suas costas.

Aewyre, agora não... doem-me as costas da mesa.

Disparate, eu sei que tu queres... provocou o guerreiro, Nabella gemeu.

E quero, mas estou estafada. Vamos antes comer.

Essa era exactamente a minha intenção... gozou.

Aewyre... reclamou a jovem, erguendo-se da cama.

O guerreiro ficou deitado com os braços cruzados atrás da cabeça enquanto Nabella lavava a cara com água de uma bacia. Acabou por se levantar preguiçosamente e alongou os músculos de todo o corpo com um ruidoso gemido.

Calma, urso. Não acordes os vizinhos disse Nabella com a voz abafada pela toalha com a qual esfregava a cara.

Aewyre riu e começou a vestir-se. Nabella foi ter com ele.

Aewyre, diz-me. Ainda vais para Asmodeon?

O guerreiro parou de se vestir e virou-se para a sua amada com uma expressão séria na face. Pegou-lhe nos delicados ombros e fitou profundamente os seus olhos castanhos.

Amas-me verdadeiramente? perguntou.

Com todo o meu coração admitiu a rapariga sem sequer reflectir.

Então casa comigo e eu não vou para Asmodeon declarou, tão rapidamente que Nabella julgou ter ouvido mal.

As palavras do guerreiro ecoaram na sua cabeça durante alguns instantes e ela conseguiu decifrá-las após algumas tentativas. Olhou fixamente os olhos escuros de Aewyre e só viu sinceridade.

Aewyre... tu...?

Queres ser a minha mulher? perguntou, decidido.

Sim... Apercebeu-se do impacto que as palavras tiveram. Sim, Aewyre, sim!

Saltou para o pescoço do guerreiro e impediu-o de falar com um beijo apaixonado. Ficaram nos braços um do outro durante o que pareceu uma eternidade, até que Aewyre se libertou.

Vamos dizer aos outros? sugeriu.

Vamos. Já devem estar todos na mesa, como sempre...

Aewyre abriu a porta e os dois caminharam sorridentes pelo corredor. Tudo parecia tão maravilhoso a Aewyre... A aranha que construía um ninho num canto do tecto pareceu-lhe uma linda borboleta e a decoração das paredes cinzentas parecia-lhe tomar vida e formar desenhos dignos da tapeçaria de um salão de casamento. Mesmo quando entrou na cozinha cumprimentou alegremente Worick, deu um beijo nas bochechas rechonchudas de Magdal, uma palmadinha forte nos ombros de Quenestil, esfregou a cabeça de Taislin, deu uma palmada nas costas do pai de Nabella e quando Slayra voltou da sala de banhos, o guerreiro chegou a abraçá-la.

Aewyre... disse Nabella, embaraçada, enquanto o seu amado largava uma eahanna negra profundamente confusa.

Mas qual é o vosso problema? Não está um dia lindo? perguntou Aewyre, olhando para o céu cinzento através da janela.

Nem por isso... murmurou Worick.

O dia é bonito se nós quisermos que seja! Alegrem-se, seu bando de sorumbáticos! Olhem para vocês, com essas caras de carneiro mal morto! Parece que vamos a um funeral!

Os companheiros trocaram olhares perplexos.

Tenho uma coisa muito importante para vos dizer, eu e a Nabella vamos ca...

Um grito horristidente soou da rua e cortou a frase de Aewyre a meio. Todos se levantaram, sobressaltados e olharam para fora da janela, excepto Aewyre, que ficara de boca aberta como para articular a última sílaba, mas depressa se juntou aos outros.

Lá fora corriam pessoas num pânico desvairado, parecendo tentar fugir de alguma coisa. Quenestil abriu a janela e pôs a cabeça para fora para ver quem ou o que se aproximava.

Coilen.

Impossível... vociferou o eahan.

O maldito está vivo! exclamou Lhiannah. Vamos, antes que ele possa ferir alguém!

Os companheiros correram para a entrada e abriram a porta para sair. Aewyre ficou para trás.

Não te preocupes. Tentou confortar Nabella, acariciando-lhe a cara. Desta vez ele não escapa. Fica aqui.

Tem cuidado... pediu a rapariga, beijando-lhe a mão.

Havia ocorrido uma horrenda mudança em Coilen. Do tirano pouco sobrava, o seu corpo era agora constituído só por correntes, que se haviam moldado na forma de um humanóide. O único traço vagamente humano que tinha era um olho esbugalhado que não fora tapado e a sua boca, presa num sorriso maníaco de dentes arreganhados. Correntes esvoaçavam e rodopiavam em seu redor, partindo vidros, embatendo contra pedras e deitando portas abaixo. Quem ficara no seu caminho era agora um cadáver partido e esfolado. Nada o fazia parar, até que os companheiros se puseram à sua frente de armas desembainhadas. Nenhum envergava armadura, excepto Worick, e Aewyre e Lhiannah haviam perdido os escudos na *fortaleza*, mas mantiveram-se resolutos.

Não sei como sobreviveste disse o thuragar, mas desta vez vou arrancar essa tua cabeça feia e estofá-la com as tuas correntes!

Babaki estava nervoso, como sempre ficava antes de um combate, mas Coilen permanecia impassível.

Tenham cuidado aconselhou Allumno. Não é mais um ser humano que estão a enfrentar agora.

Humano ou corrente, agora ele morre declarou Aewyre, empunhando a Ancalach com as duas mãos na falta do escudo. A espada brilhou como se nela se reflectisse um fogo vingativo.

Sem pronunciar um único som, Coilen atacou e as correntes caíram em cima dos companheiros como uma chuva de serpentes de ferro, embatendo contra carne desprotegida. Babaki foi derrubado e Quenestil levou uma forte chicotada no braço, mas os restantes conseguiram evitar os golpes mais poderosos. Com um grito, atacaram em equipa, decididos a cercar o tirano como haviam feito antes. Aewyre cortou uma corrente, cujos elos se separaram com um ruído metálico

seco, imperceptível no meio do furor de clangores e tinires. Worick investiu como um touro, absorvendo as pancadas com a armadura e o escudo e, quando chegou perto o suficiente, oscilou o martelo num golpe horizontal. O seu braço vibrou com o impacto da cabeça da sua arma contra a de Coilen, que foi impelida para o lado até ultrapassar o limite que um pescoço permite antes de se partir duas vezes. A cabeça reclinou-se sem vida para o lado e rolou perante o olhar determinado de Worick, que se converteu num par de olhos arregalados de espanto quando as correntes voltaram a endireitar a cabeça. Sem emitir um único som, Coilen fustigou o corpo do thuragar com uma saraivada de correntes e Worick voou contra a parede. Aewyre e Lhiannah atacavam pelos flancos enquanto Taislin e Slayra trepavam os prédios e Allumno preparava um feitiço. Babaki tremia de indecisão. Mais correntes foram cortadas por Ancalach e Lhiannah também separou uns elos que a ela se dirigiam, mas o tirano estava para além da dor, talvez para além da morte, segundo Allumno. O mago usou o mesmo truque do último combate e conjurou um dardo magnético que disparou na direcção de Coilen enquanto Aewyre e Lhiannah combatiam as inúmeras correntes. No entanto, de alguma forma, as correntes lembraram-se do feitiço e uma delas separou-se das outras, fendendo um dos elos que a uniam às restantes, e projectou-se contra o dardo, que a impeliu para os céus. Allumno praguejou, pois o combate astral havia-o exaurido mais do que pensara, e o dardo magnético requeria uma grande quantidade da Essência, já que envolvia a manipulação das energias telúricas. Cambaleou para a frente e teve de se apoiar no bastão para não cair devido à fraqueza. Coilen pareceu notar e avançou na direcção do mago, ignorando os dois guerreiros envolvidos numa feroz contenda com as suas correntes. Então uma seta de Quenestil perfurou o seu único olho, impelindo-lhe a cabeça para trás. Aewyre urrou e enfiou-se no mar de correntes, recebendo muitas dolorosas chicotadas e estocou para a frente num golpe poderoso que trespassou os rins de Coilen e só não o ergueu devido ao grande peso das correntes. Quase ao mesmo tempo, Lhiannah saltou para cima de Coilen com a espada a apontar para baixo. Como ainda tinha a cara virada para cima devido à flecha de Quenestil, o tirano parecia estar a olhar para Lhiannah quando esta desceu e lhe enfiou a espada na boca, partindo-lhe os dentes e embebendo a lâmina profundamente pela garganta adentro. O ímpeto da princesa foi suficiente para mandar Coilen ao chão com as duas espadas atravessadas e os companheiros julgaram-se vitoriosos.

Grande foi o seu horror quando o tirano se ergueu com correntes a elevarem o seu corpo pelas costas trespassadas por Ancalach e continuou a andar em direcção ao mago com a espada de Lhiannah ainda atravessada na sua garganta. Tal foi a surpresa que os dois guerreiros recuaram perante o avanço de tão grotesco espectáculo enquanto uma das correntes removia Ancalach e a erguia para fora do alcance dos companheiros, mas Worick voltou à carga. Urrando o grito de guerra dos thuragar, desviou correntes do seu caminho com o escudo, saltou e trouxe o martelo para baixo, enfiando a espada de Lhiannah ainda mais profundamente na garganta de Coilen, que não pareceu minimamente incomodado e o chicoteou para fora do seu alcance. Aewyre e Lhiannah tentaram ajudá-lo, mas estavam desarmados e os seus braços eram protecção insuficiente contra os brutais ataques das correntes. Quenestil desembainhou a comprida faca e colocou-se à frente do exausto Allumno protectoramente. Taislin e Slayra espreitavam escondidos, sem saber o que fazer.

Então ouviu-se um rugido.

Babaki investiu com fúria contra Coilen e as correntes soltaram faíscas quando as poderosas garras do shakarex as arranharam. O antroleo estava alheio às correntes e envolveu Coilen num abraço de urso, mordendo-lhe a pouca carne que lhe restava na cara. Mas o tirano nada sentia. As correntes vergastaram as costas de Babaki até verter sangue” mas o antroleo ainda assim mordia e abocanhava. Vendo a oportunidade, Worick abriu caminho a Lhiannah com o martelo para que ela pudesse recuperar a espada. Saltou para cima dos ombros de Coilen e, com dois sacões, removeu a espada, que trouxe atrás de si muito menos sangue do que seria esperado de tão terrível golpe. Antes que pudesse voltar a espetar, várias correntes dispararam para trás e embateram contra a arinnir como virotes de pontas rombas. Lhiannah caiu e Worick atacou com fúria redobrada, desferindo golpes que amolgavam elos e partiam outros. Aewyre tentou avançar contra o tirano e mesmo Quenestil atacou com a sua comprida faca. Foi então que ocorreu uma autêntica tempestade metálica quando as correntes explodiram em fúria e escoraçaram todos os adversários do tirano para bem longe, menos Aewyre, que se baixara e agora estava de costas para o chão. Vendo um dos incomodativos inimigos tão perto, Coilen envolveu os seus membros com correntes e levantou-o. No que sobrava da cara do tirano, Aewyre distinguiu um sorriso rodeado de sangue e dentes partidos quando as correntes começaram a puxar os seus membros em direcções opostas, com a intenção de o esquartejar. O guerreiro gritou de dor.

Aewyre... gritou Allumno roucamente, estendendo uma mão enquanto a outra segurava o bastão que suportava o seu peso.

Uma corrente destacou-se das outras quando se começou a moldar numa ponta afiada parecida com a de uma flecha.

Ajudem-no! implorou Allumno, olhando em redor. Quenestil estava inconsciente, Babaki atordoado, assim como Worick e Lhiannah tentava erguer-se a custo. A ponta resplandeceu e disparou na direcção do coração de Aewyre, cujos membros estavam prestes a ser separados do corpo.

Aewyre! gritou uma voz feminina.

O ínfimo segundo que o seu cérebro agonizante lhe deu para pensar atingiu Aewyre como o projectil de uma catapulta.

Não... pensou ele e abriu os olhos. NÃO!

À sua frente estava o corpo de Nabella de braços abertos, como se aceitasse o que vinha de bom grado. Com o seu vestido branco, surgiu a Aewyre como uma virgem disposta a sacrificar-se por um bem maior. Para a rapariga, esse bem maior era a vida do seu amado, que protegeu até ao último momento, quando a ponta afiada da corrente lhe perfurou o coração e saiu pela omoplata, espirrando sangue inocente na cara de Aewyre. O tempo parou para o guerreiro nesse instante. A visão borrou-se-lhe em redor, só via o corpo branco de cabelos negros esvoaçantes à sua frente e a mancha de sangue que aparecia como uma imperfeição que não devia lá estar. Não podia estar.

Coilen olhou impassível, sem compreender a estranha intrusão que fora tão fácil de matar. Essa espécie de contemplação foi interrompida por um rugido cavernoso atrás de si e Babaki recomeçou o ataque, agarrando correntes e puxando-as como se quisesse estripar o tirano enquanto magoava os dentes a tentar mordê-lo. Em breve se lhe juntaram Worick e Lhiannah, que combateram furiosamente, evitando atingir Babaki. As correntes soltaram Aewyre e ele caiu como morto, acordando só para evitar cair em cima do corpo de Nabella com os braços que lhe pareciam pesados.

Worick só ouvia o intenso chocalhar das correntes em seu redor, mas não parava de martelar o corpo metálico à sua frente enquanto Lhiannah estocava ferozmente e Babaki tentava arrancar as correntes do corpo sem vida do tirano.

Aewyre acariciou a cabeça da sua amada e achou a sua testa fria. Os seus grandes olhos castanhos ainda estavam abertos e a rapariga levou uma mão à cara de Aewyre, mas o seu peito elevava o vestido a custo.

O guerreiro emudeceu, balbuciando algo ininteligível e abanou o corpo que começava a ficar rígido. Quando o último suspiro foi solto, a delicada mão morena de Nabella caiu como uma flor outonal.

O céu escurecera repentinamente, como se a própria Natureza estivesse a lamentar o sucedido. Surgiu um vento frio do Norte, que arrastava as folhas mortas pelas ruas.

Temos de ajudar! disse Taislin a Slayra. Acho que só a Ancalach pode ferir aquele bicho a sério.

Mas aquela corrente de Coilen tem-na!

Então vai lá para baixo que eu atiro-ta!

Como?

Não te preocupes! Vai!

Sem perceber por que estava ali ou por que sequer o fazia, Slayra desceu da varanda onde se haviam escondido e aproximou-se cuidadosamente da intensa peleja que se desenrolava. Olhou para o burrik e viu que ele saltitava de um telhado para outro e se posicionou no parapeito de uma varanda bem por cima da luta. Sempre inconsciente, Taislin saltou para cima de um caixote e daí para dentro do remoinho de correntes, que por sorte se concentravam nos adversários que atacavam por baixo. Mesmo tendo calculado minuciosamente o salto, a corrente que agarrava Ancalach estava em constante movimento e o burrik estava a cair na direcção errada. Improvisou, inclinándose para o lado e desferindo o pontapé mais forte que conseguiu para libertar Ancalach do aperto da corrente. A espada voou para cima, descreveu um arco a guinar e começou a descer, rodopiante. Taislin rebolou pelo chão e colocou-se a uma distância segura. Slayra percebeu a deixa e correu para apanhar a espada dos reis. Já a havia empunhado antes, podia fazê-lo outra vez. Ancalach parecia nunca mais findar o seu trajecto enquanto a eahanna corria atrás da espada, mas quando ficou ao seu alcance, alguém agarrou a arma pelo punho, como se tivesse voado para a sua mão.

Aewyre.

Slayra assustou-se com a expressão na cara do guerreiro e parou, pensando que ele a iria matar, mas o olhar de Aewyre não era dirigido a ela. Fitava Coilen. Lenta e calmamente, começou a andar na direcção do tirano que acabara de envolver Babaki em correntes. Slayra deu três passos para o lado para sair do seu caminho. As correntes que prendiam Babaki arremessaram-no para cima de um telhado e o calcanhar de Lhiannah foi agarrado por outra, que a atirou contra a

parede. Worick berrou e varreu para cima com o martelo, que embateu contra o que seria o queixo de Coilen e o derrubou. Vendo o adversário caído, o thuragar preparou-se para lutar até dar o último de si, mas então viu Aewyre à sua frente. Os seus olhares cruzaram-se brevemente e mesmo o veterano thuragar ficou ligeiramente surpreso com a face do guerreiro, sentindo de certa forma o que se aproximava. Recuou e Coilen ergueu-se, sem compreender por que o thuragar se retirava, quando sentiu uma outra presença atrás de si. Virou-se para encarar Aewyre, que continuava a avançar com passos calmos, mesmo vagarosos, mas decididos. Impeliu três correntes contra ele, que foram cortadas com um único golpe de Ancalach. Lançou a corrente afiada por cima, que Aewyre cortou de seguida, finalizando o movimento a agarrar a espada com as duas mãos. Agora a sua face tremia de emoções controladas, prestes a explodir. O tirano lançou uma saraivada de correntes. Todas caíram para o chão, partidas. As feridas de Aewyre sangravam, mas ele pouco ou nada se importava com elas. Só Coilen importava. O tirano formou o que aparentava ser uma enorme clava de correntes com o seu braço direito e desferiu um golpe para baixo. Ancalach decepou-a como uma faca quente na manteiga. E então Aewyre estava perto o suficiente.

Com um grito de raiva como nunca haviam ouvido, os companheiros viram o seu amigo cair em cima de Coilen como um remoinho de lâminas. Ancalach cortava e talhava, alimentada pela fúria vingativa de quem a empunhava e por breves momentos, pareceu a Allumno estar a ver Aezrel, o campeão de Allaryia, a combater mais uma vez. Elos e correntes voavam em redor de Aewyre, e o pouco sangue que sobrava no corpo de Coilen espirrava para todos os lados. Num derradeiro golpe, as correntes atacaram, e as poucas que passaram por Ancalach feriram o guerreiro, mas mal fizeram com que ele vacilasse. Aewyre ainda gritava, e a cada golpe proferia um grito mais alto que o outro, despejando toda a raiva que podia ter em si no maldito corpo metálico. Coilen caiu, mas o guerreiro continuou a golpear enquanto o tirano caía e até mais nenhuma corrente se mexer. Mesmo quando estas cessaram o seu movimento, Aewyre cortou e cortou e cortou até nada mais sobrar a não ser um monte de correntes sangrentas, empilhadas e espalhadas à sua volta. Após desferir o último golpe, que passou pelo monte e embateu contra a calçada, Aewyre ficou especado a olhar para a pilha de correntes enquanto os seus cabelos abanavam ao sabor do vento, cujos uivos já se ouviam pelas ruas da cidade. Os companheiros estavam calados e todos olhavam para o guerreiro ferido,

sabendo que o seu coração sangrava muito mais que as feridas superficiais. Babaki saltou para a rua, rosnando e estranhando a quietude que sucedera à luta. Só que desta vez não atacou. Deu um passo em frente, mas sacudiu a cabeça, abanando a juba eriçada, e caiu de joelhos. Parecia estar a ter um conflito interior, mas só os restantes companheiros o observavam, pois Aewyre continuava quieto. Então o antroleo olhou para o céu nublado e rugiu possantemente enquanto os seus globos oculares se esvaziavam do sangue que os preencheria.

Babaki vencera por fim o animal.

Lhiannah teria ficado feliz pelo antroleo, não fosse a situação tão grave. Olhou para Aewyre, que continuava quieto e olhou para a janela, na qual o casal se abraçava, chorando a morte da filha. Mesmo Babaki conteve a sua alegria e ergueu-se, nobre e sóbrio. Aewyre embainhou Ancalach, deu um passo para trás e foi ter com Nabella. A pele morena da jovem estava agora lívida, o seu vestido branco com uma grande mancha vermelha no peito, que formara uma poça de sangue inocente. Pegou nela ao colo e olhou para a janela, fitando os pais com olhos pesarosos e tristes, pedindo-lhes sem palavras que viessem ver a filha. O casal assim fez e desceu as escadas solenemente; abraçados um ao outro, pai e mãe foram ver a filha pela última vez. Os companheiros olhavam todos para o chão como sinal de respeito, sendo Taislin o único que não continha a humidade que se aglomerava nos seus olhos felinos, fungando, tristonho. O casal rompeu em lágrimas e abraçaram a filha ao colo de Aewyre, chorando copiosamente. O guerreiro deu-lhes o seu tempo e depois recuou, lançando-lhes um último olhar triste, e avançou pelas ruas, pegando num grande lençol de linho branco e transparente de uma barraca de mercador destruída e caminhou na direcção dos portões da cidade.

Aewyre chegou ao ribeiro onde haviam partilhado os preciosos momentos que passaram juntos e parou, olhando em redor, procurando um local adequado. O melhor que lhe ocorreu foi o salgueiro onde a garça fizera o ninho. As raízes grossas e salientes perto da margem pareciam-lhe um túmulo ideal, pelo que atravessou a água que lhe dava pela barriga e alcançou a outra margem ensopado. Estava frio, mas Aewyre estava alheio a tudo, o mundo parecia ter-se desmoronado à sua volta. Poisou o corpo gentilmente no chão e começou a envolvê-lo no lençol branco para que não fosse conspurcado pelos vermes da terra. Quando só faltava a cabeça, deu um último beijo na testa fria da sua amada e humedeceu-lhe a cara com as suas lágrimas.

I

Finalmente, envolveu a cabeça no linho e colocou o corpo no meio das grandes raízes, que também pareciam chorar à medida que o seu musgo pingava a humidade em forma de gotas de água. Quando o julgou convenientemente posicionado, foi buscar terra e folhas mortas e com as mãos começou a laboriosa tarefa de enterrar Nabella.

Já havia perdido a conta do tempo quando terminou de selar o túmulo eahan que Quenestil lhe havia ensinado. Pareceu-lhe mais apropriado que o corpo de Nabella se fundisse à terra em vez de o dispersar pelos céus, queimando-o numa pira funerária. Para finalizar, desembainhou Ancalach e cravou-a no chão, ajoelhando-se e encostando a testa ao botão decorado do punho da espada.

Ajoelho-me perante a glória de Gilgethan. A ti, grande deus da guerra, senhor da batalha e guerreiro da perene espada cruenta, dedico a glória das minhas lutas, o sangue dos meus inimigos e o triunfo dos meus combates. A ti este servidor faz um humilde pedido, que o eterno guerreiro que os abutres seguem proteja este túmulo. Que a intempérie não o destrua, que os animais não o conspurquem, que nenhum homem, nem thuragar, nem eahan nem qualquer criatura de qualquer outra raça o profane.

Que a glória de Gilgethan esteja comigo e que o meu pedido seja atendido.

Aewyre abriu os olhos e ergueu-se solenemente enquanto limpava a lâmina suja de terra e a embainhava. Olhou para os céus e viu o clarão de um relâmpago à distância e o ribombar estrondoso do respectivo trovão, que se propagou pelo bosque inteiro e anunciou o início do Inverno. Aewyre ergueu os braços de punhos cerrados e proferiu um grito lancinante aos céus como para se sobrepor ao trovão.

Alanii acordou e sentiu-se presa. Olhou para os lados e viu que os seus pulsos estavam amarrados às pernas da mesa, bem como as suas próprias pernas, que estavam abertas. Com pensamentos de tortura a passarem-lhe pela cabeça, a mulher estrebuchou e tentou libertar-se, em vão.

Não te preocupes, minha querida. Não sou eu quem te vai fazer mal... disse uma voz suave atrás de si.

A dama de negro caminhou pelo seu lado e apoiou-se em cima da mesa, olhando para a grande mulher. Envergava uma vez mais o seu vestido preto, que Alanii lavara com tanto afinho.

Que tipo de monstro é você? perguntou, chorosa.

Posso ser o maior desejo dos homens e o seu pior pesadelo. Escolhe tu o título mais apropriado...

Que vai fazer comigo? indagou, fungando.

Eu? Tomas-me por algum monstro? gargalhou. Eu não te vou fazer nada.

Então por que estou presa? Não chega ter morto o meu marido? A raiva começava a sobrepor-se ao medo da mulher, mas de nada lhe serviria...

Hazabel sorriu e apontou para baixo com os olhos. Alanii levantou a cabeça e nem precisou olhar por cima do peito para ver que a sua barriga inchara.

Era já noite alta quando Quenestil chegou ao ribeiro. Ao som da água fluente juntava-se o chapinhar dos pingos da chuva que começara de manhã e ainda não havia cessado. O eahan atravessou o ribeiro, vendo que as pegadas de Aewyre indicavam que ele havia feito o mesmo, e procurou sinais do seu amigo na outra margem. Não era preciso ser um exímio batedor para avistar o guerreiro sentado em frente do velho salgueiro e Quenestil encaminhou-se para lá. Aewyre olhava fixamente para um monte de terra e folhas, que Quenestil reconheceu como um túmulo eahan, e não se mexia, relativamente protegido da chuva por debaixo dos troncos nus das árvores. Quenestil sentou-se a seu lado sem pronunciar uma palavra e fez como ele.

Era muito bonita, não era? perguntou o guerreiro por fim, sem sequer olhar para o seu amigo.

A sua beleza e simpatia maravilharam-nos a todos respondeu Quenestil na sua voz suave e será lembrada como uma mulher de grande coragem e valor.

Aewyre não disse nada e o eahan não insistiu.

Sabes prosseguiu após alguns momentos, desde que a minha mãe morreu eu nunca amei nenhuma mulher. Jurei que nunca o faria, afinal, que coisa bela e maravilhosa é essa que nos prende a uma pessoa por toda a vida, quando há tantas pelo mundo fora que nem conhecemos, e nos pode matar?

Quenestil ouvia atentamente, achando melhor não responder. A gota de ranho que lhe pingava do nariz ameaçava um espirro, pelo que o eahan se aconchegou na sua pele de carcaju e esfregou o nariz.

A minha mãe amava o meu pai mais do que tudo, e quando se disse que ele havia morrido, morreu de desgosto. E para quê? O que

lhe trouxe esse amor? Felicidade temporária, dois filhos e a morte. Felicidade e filhos pode qualquer um ter, mas será que a morte e o amor andam de mãos dadas?

Quenestil fitou Ancalach com preocupação. Aewyre posicionara a espada no meio de duas raízes salientes de modo a que a ponta ficasse virada para cima. Era improvável que o tivesse feito ao acaso...

Sim, velho amigo, ainda há pouco, estive a questionar-me sobre a razão de viver... disse Aewyre, vendo para onde Quenestil estava a olhar.

O eahan virou a cara para o guerreiro e fitou-o, horrorizado.

Mas não pude. Perdoa-me, Nabella, mas não pude. Quererá isto dizer que não a amei o suficiente, Quenestil? Será que aquilo pelo que passámos não teve nada de especial?

O eahan pôs a mão no ombro de Aewyre, profundamente aliviado.

Não, mais querido dos amigos. Ambos passaram por momentos maravilhosos e garanto-te que vocês se amavam. Mas Nabella deu a vida por ti para que tu vivesses, Aewyre, e a tua mãe morreu também porque não conseguia viver sem o teu pai. O amor cria certa dependência, é verdade, mas é mais forte que a morte.

Se é mais forte, por que morreram as duas mulheres que eu mais amei na vida? perguntou Aewyre com amargura.

Então por que não te matas tu? Diz-me. O guerreiro não soube responder.

Porque sabes que ela morreu para que tu vivesses. É o seu amor que te mantém vivo, senão o sacrifício de Nabella teria sido em vão. Não, Aewyre, a morte é uma constante, mas entrou na tua vida pelas portas do acaso. O amor prevalece. Sempre.

Quenestil temia estar a dizer disparates, mas sabia que tinha de dizer alguma coisa. Ele próprio nunca duvidara sequer da existência ou do propósito do amor, por isso era-lhe difícil discuti-lo. Era um assunto que conhecia muito bem, mesmo que o seu amigo não o soubesse. Aewyre fitou o eahan com chuva a escorrer-lhe pela cara. Ou seriam lágrimas?

Eu nem sei ao certo sobre o que eu estou para aqui a pataratear. Nunca acreditei no amor e amo a vida mais do que tudo. Talvez ela soubesse isso, talvez por isso tenha ela morrido e não eu... ou então... não sei, é tudo tão confuso!

Quenestil acenou compreensivamente com a cabeça.

Eu amei, Quenestil, amei de verdade, por mais que o tente negar. E mais uma vez sofri com isso...

Diz-me, Aewyre: o que sentiste mais de corpo e mente, as tuas "aventuras" ou o tempo que passaste com Nabella?

O guerreiro fitou os olhos cinzentos do eahan.

Nunca estive tão feliz antes de a ter conhecido... afirmou, cabisbaixo.

Então tira as tuas próprias conclusões.

Quenestil ergueu-se, passando a mão pelos seus cabelos ruivos ensopados, e ofereceu a mão a Aewyre.

Anda, deixa a rapariga descansar em paz. A sua memória viverá connosco.

Talvez mais do que pensas...

O eahan ergueu o sobrolho, sem compreender o significado das palavras de Aewyre.

Comprometi-me com Gilgethan. Em troca da sua eterna vigilância sobre o túmulo de Nabella, devo realizar uma missão de que ele me incumbiu...

Aewyre levantou-se e olhou o eahan de frente.

Farei o que ele me pediu. Acompanhas-me? Quenestil abanou a cabeça.

Ainda perguntas? Se voltas a duvidar, deixo de ser teu amigo disse o eahan, incrédulo.

Os dois abraçaram-se e caminharam para Alyun. Como estavam de costas voltadas, não viram o escudo em pala atravessado por uma espada no meio a ser inscrito a fogo no tronco do salgueiro. O deus da guerra acabara de marcar aquele local como um santuário protegido.

Alanii gritou em agonia quando as dores no seu ventre aumentaram. Algo parecia estar a devorá-la por dentro, rasgando as suas entranhas e comendo-lhe as vísceras. Lá fora, visível através da janela da cabana, uma lua cheia iluminava a mesa com os seus raios prateados.

Hazabel sorriu com satisfação. Um espécime perfeito, esta mulher! Os seus pulsos estavam esfolados das suas sucessivas tentativas de se libertar, mas a grande mulher não desistia, querendo apenas escapar àquele sofrimento atroz.

Vai doer um pouco, mas não te preocupes que em breve estará tudo terminado.

O sangue começou a escorrer de entre as suas pernas e a pingar para fora da mesa. Alanii suava em bica e a sua cara estava contorcida numa máscara de dor.

Isso, isso! Continua, mulher! Se fizeres força, ele sai e o teu calvário termina!

A mulher pareceu ouvir e gritou com o esforço que despendeu para espremer aquele tormento para fora do seu ventre. Os gritos aumentaram de intensidade quando ela sentiu garras a dilacerarem o seu corpo por dentro à medida que expelia o que lhe causava tanta dor. Hazabel estava confiante. A mulher era invulgarmente forte e iria conseguir. Mesmo assim, ficou pronta a ajudar caso fosse necessário, até ver uma cabeça sangrenta a deslizar pela mesa.

Sim, sim! Está quase! Mais um esforço e acabou!

Com um berro final, Alanii expulsou a criatura do seu corpo e tombou, exausta, batendo com a cabeça na madeira. Os olhos de Hazabel brilharam.

Perfeito. Agora, como te prometi, o teu sofrimento vai terminar...

A pobre mulher nem teve a força para erguer a cabeça e ver o monstruoso bebé agarrado ao fígado que lhe arrancara ao nascer, bebendo do seu fel. As forças abandonavam-na à medida que o sangue escorria profusamente dos horríveis ferimentos que lhe haviam sido 'infligidos por dentro, turvando-lhe a visão e escurecendo-a aos poucos e poucos... As unhas de Hazabel surgiram como um golpe de misericórdia.

Hazabel não estava satisfeita. Nascera uma menina. Mesmo assim, cortou o cordão umbilical impecavelmente à dentada, pegou na criança ensopada de sangue e placenta ao colo e limpou-a com um áspero pano de linho. O próprio aspecto do bebé não a deixou satisfeita: os seus olhos eram azulados e o cabelo era castanho-avermelhado. As unhas e dentes não estavam adequadamente desenvolvidos e não serviam para rasgar carne, mas era o aspecto que dava muito que pensar a Hazabel. A prole de harahans nascia com verrugas e pele engelhada, apresentando logo à nascença traços de extrema fealdade e deformações nos membros: o legado da corrupção d'o Flagelo, mas este bebé em nada se lhes assemelhava. Para além dos bonitos olhos azuis e cabelos castanhos, tinha uma cara de querubim que dificilmente viria a tornar-se numa das hediondas carrancas das harahans. Teria sido o sangue siruliano do jovem Thoryn? Optou por pensar nisso mais tarde e tratar dos assuntos mais urgentes. Decidiu deixar Alanii a apodrecer onde estava, mas ainda remexeu nos bolsos do avental do cadáver e tirou duas moedas de ouro.

Duvido de que venhas a precisar delas agora... disse maliciosamente, passando ainda o olhar pela cavidade que o bebé deixara para comer o fígado e invejando o recém-nascido pelo tamanho da víscera.

Envolveu a bebé em panos e deitou-a no tapete de urso ao pé da fogueira para a proteger do frio. Tinha de ser menina... Normalmente, Hazabel teria ficado satisfeita, mas duvidava de que uma menina tivesse lugar nos planos do seu mestre. Sentou-se no chão, remexeu no seu vestido negro e tirou uma tiara dourada de um dos muitos bolsos, que colocou na testa. Fechou os olhos e concentrou-se para chamar o seu mestre, cuja invocação foi anunciada pela névoa espiritual na sua mente, que se começou a formar numa figura escura.

Por que me chamas, Hazabel? Estou ocupado.

A harahan ouviu no fundo sons que pareciam provir de uma animada festa.

Peço perdão pelo incómodo, mestre, mas queria informá-lo do sucedido.

O que fizeste desta vez, harahan idiota?

Hazabel mordeu o lábio instintivamente para conter a raiva.

A criança nasceu. É uma menina...

A figura indistinta permaneceu em silêncio. Hazabel achou melhor nada dizer.

Uma menina, dizes tu?

Sim, mestre.

Isso é tudo menos conveniente... Uma rapariga dificilmente se ajustará nos meus planos. Será que não posso confiar em ti para nada?

Mas mestre, não seria a primeira mulher no poder. E se obtivermos a espada dos reis, servi-lo-á tão bem como qualquer homem. Eu encarregar-me-ei disso.

A figura indistinta ponderou.

A tua sorte é que sempre arranjas forma de desfazer as asneiras que cometes... Talvez seja por isso mesmo que te escolhi como minha serva... Enfim, traz-me a rapariga. E que nada lhe aconteça, senão destruo-te.

Então e Ancalach, mestre?

Não te preocupes. Já vi que és demasiado incompetente para ma trazer. Enviei alguém mais capaz para tirar a espada a Aewyre Thoryn.

Mesmo concentrada, Hazabel não pôde deixar de sentir raiva.

Os seus desejos... são as minhas ordens... mestre.

Eu sei. Agora pára de me aborrecer e traz-me a rapariga. Espera-te uma longa caminhada...

Dito isto, desvaneceu na névoa e a harahan abriu os olhos. Deveras irritada, levantou-se e arranhou a parede com as suas unhas, deixando marcas profundas na madeira.

Maldito... maldito sejas! gritou, atirando o conteúdo de uma prateleira para o chão com um golpe. Um dia, humano débil, libertar-me-ei do teu controlo e então sofrerás de maneira tão atroz que vais implorar aos azigoth que te venham buscar!

Esmurrou a parede e fez um buraco, do qual tirou a mão, rasgando a pele com farpas e puas. A bebé começou a chorar com o barulho. Furiosa com o facto de uma filha de harahan chorar, correu para ela e elevou-a com a intenção de a atirar para dentro da fogueira. Só a ameaça do seu mestre a fez hesitar e, por fim, baixar a criança, confortando-a. Olhou para a bebé chorosa, os seus bonitos olhos marejados de lágrimas e a face querubina vermelha. Então ocorreu-lhe um pensamento maligno.

Pronto, não chores... já passou, criança. Tens de crescer forte e saudável para um dia me ajudares a matar o maldito... sim, é exactamente isso que vais fazer.

A criança cessou repentinamente de chorar e fitou a bela face de Hazabel na sua forma humana.

Muito bem, és obediente. Vais ser uma boa aluna. Um trono pode ser o teu futuro, e sou eu quem te vai conduzir a ele. E tu vais fazer tudo o que eu mandar, não é?

O bebé pegou na delicada mão de Hazabel e mordeu-lhe o dedo.

Comerias a tua outra mãe? perguntou. Talvez me tenha enganado a teu respeito, criança. Podes vir a ser uma terrível harahan. Mas isso só o futuro no-lo dirá, não é? Agora vamos, aguarda-nos uma longa viagem...

Hazabel puxou o capuz negro, pressionou o frágil corpo contra o seu peito, mesclou-se às sombras da noite e iniciou a jornada.

LIVRO SEGUNDO

COMPROMISSOS DIVINOS

e tu disseste que fazias *o quê?!?* perguntou Worick.

Exactamente o que acabaste de ouvir respondeu Aewyre secamente, passando pelo grupo à sua volta.

O thuragar esfregou a barba de sobrolho franzido enquanto o guerreiro se dirigia aos chorosos pais de Nabella com a intenção de os confortar. Os companheiros estavam todos reunidos na sala de estar, onde uma fogueira falhava em lhes transmitir conforto nessa hora triste, enquanto a chuva batia incessantemente contra a janela, como, ” para lembrar cada um dos presentes do trágico sucedido.

Pedras me partam barafustou Worick, pediu protecção a um deus! Obter tal favor vem sempre com um alto custo.

É verdade assentiu Quenestil, mas ele sentiu que tinha de fazer uma última coisa pela rapariga. Os dois amavam-se muito, mais do que vocês possam imaginar.

Lhiannah passou uma mão pensativa pelos seus cabelos refulgentes e decidiu ir congratular Babaki pelo seu feito, coisa que *fizera*, ao longo do dia. Ainda lhe custava a crer que o boémio Aewyre tivesse realmente amado uma mulher. Amar implicava respeito, e disso ela duvidava de que ele fosse capaz.

Pedras me partam... repetiu Worick, esse rapaz é ainda mais maluco do que eu pensava. Nunca o tomei por normal desde que me disse que queria ir para Asmodeon, mas desta vez ele impressionou-me. Explica-me lá outra vez para ver se eu percebi bem...

Quenestil suspirou, afagando os pontos na testa e parafraseou o que Aewyre lhe dissera pelo caminho.

Recentemente, uma procissão da Ordem Bélica, que, como sabem... Worick girou a mão, pedindo-lhe que fosse mais adiante, pois conhecia muito bem a ordem de fiéis a Gilgethan... certo. A dita procissão trazia consigo a Manopla de Karasthan e perdeu-se nos pântanos de Moorenglade...

O que é a Manopla de Karasthan? interrompeu Slayra, surpreendendo todos por falar.

Um poderoso artefacto respondeu Allumno. Karasthan foi um grande general que nunca perdeu nenhuma batalha. Morreu na última, quando uma seta lhe trespassou a manopla e o pulso e ele se esvaiu em sangue... O mago enfatizou o acontecimento com silêncio, mas Taislin, sempre sem paciência e também ele conhecedor da história, continuou.

É verdade, mas testemunhas da batalha dizem que Karasthan lutou até ao fim, e mesmo depois de o seu corpo ter ficado rígido, o braço trespassado continuou a brandir a espada como se tivesse vida própria Allumno fitou o burrik, zangado, mas este nem reparou. Sozinho, o general defendeu uma passagem que dava acesso ao flanco desprotegido do seu exército e aguentou-o até os seus homens se reagruparem. A batalha foi ganha e Karasthan foi enterrado como um santo. Mas espalharam-se rumores de que a manopla fora abençoada por Gilgethan e foi guardada como um artefacto.

E isso é verdade? inquiriu Lhiannah, entrando na sala com Babaki.

Taislin encolheu os ombros, mas Quenestil respondeu por ele.

Não sabemos se é verdade ou não, mas o próprio Gilgethan pediu a Aewyre que a recuperasse. Ao que parece, a procissão ia levar a manopla para exibição num outro templo em Latvonia, mas perderam-se nos pântanos e não voltaram mais.

Perderam-se nos pântanos? Por que entraram lá sequer? perguntou Lhiannah.

Quenestil encolheu os ombros.

Não sei. Só sei que se perderam lá dentro.

E agora Aewyre quer mergulhar naquele maldito lugar e procurar a manopla? continuou a arinnir.

Mas e vocês, por que vão atrás dele? intrometeu-se Slayra. Já vos ocorreu que a intenção dele pode ser ir sozinho? Não acham que isto é um assunto pessoal e que ele não vos quer envolvidos?

Todos olharam para a eahanna negra, surpresos pela sua contribuição para a discussão. Seria difícil habituarem-se a tê-la como companheira e não como prisioneira.

Pois... disse Taislin, sentindo a chamada para o seu eterno dever de aliviar as tensões no grupo. Ela é bem capaz de ter razão. Mas eu não vou deixar o Aewyre ir sozinho, não senhor. Imaginem os apuros em que ele se meteria se eu não estivesse por perto.

Worick ia fazer uma descrição peculiar envolvendo o seu martelo e a cabeça do burrik, mas Quenestil achou melhor aproveitar a boa vontade de Taislin para levantar o moral dos companheiros.

O Aewyre já sabe que eu o acompanho. E vocês? Vão voltar para os vossos palacetes e lençóis de linho fino? Ou estão connosco?

Worick olhou para Lhiannah, esperando que ela já se tivesse apercebido dos perigos da vida de aventureiro e estivesse disposta a voltar para a segurança de Syrith para junto do seu pai.

Achas mesmo que eu vos iria deixar divertirem-se sozinhos? Contem comigo.

O thuragar resmungou e, numa ininteligível articulação de grunhidos e impropérios, deu a entender que também iria. Babaki enfatizou que nunca abandonaria os seus amigos.

Bom, chegara a vez de Slayra, já que agora somos uma grande família feliz, acho que não posso fazer mais nada senão acompanhar-vos, não é?

Ninguém te força a nada disse Quenestil, tentando a todo o custo esconder o azedume na sua voz.

Slayra cerrou os olhos e abanou a cabeça infantilmente, levando os punhos às ancas.

E quem disse que me forcem a alguma coisa, cabrito montês?

Slayra usara a expressão zombeteira com a qual os eahanoir denominavam os eahan da montanha e os dois olharam-se venenosamente. As emoções ardiam conflituosamente dentro de ambos, mexendo com os seus sentimentos, tornando-os emocionalmente muito voláteis.

Vamos lá... mostrem um pouco de respeito e deixem-se de brigas... disse Taislin, interpondo-se no meio dos dois como para os separar.

Slayra fungou com desdém e virou as costas ao eahan. Quenestil fez o mesmo. O burrik abanou a cabeça e olhou para Aewyre, que abraçava afectivamente o casal. Sentiu pena do seu amigo.

No dia seguinte, os companheiros haviam saído da casa de manhã e encontravam-se nas ruas de Alyun, em direção ao portão da malfadada cidade. Aewyre oferecera todo o seu ouro à família, mas o humilde casal recusara a oferta, dizendo que dinheiro de nada lhes serviria para terem a sua filha de volta e que não precisavam dele para mais nada. O guerreiro ofereceu-lhes ainda abrigo no palácio de Ul-Thoryn, mas também essa e as restantes ofertas o casal recusou. Aewyre mostrou hesitação em partir, mas Magdal, boa Magdal, obrigara-o, dizendo que mais nada poderia fazer ali e que havia "muita gente necessitada por aí fora". Correram mais lágrimas durante a última despedida, na qual Aewyre prometeu o apoio total de Ul-Thoryn a Alyun.

O guerreiro parecia sereno agora, fitando o longínquo horizonte azul por cima dos altos edifícios de Alyun.

Têm a certeza de que querem vir? perguntou.

Não te vamos deixar enfrentar os perigos que te esperam sozinho assegurou Babaki. Estamos todos contigo.

Muito obrigado, meus amigos. Não sabem o quanto isto significa para mim.

O antroleo pôs a sua enorme mão no ombro do seu amigo. Juntos?

Aewyre parou e colocou a sua mão por cima da de Babaki. Juntos enfatizou.

E agora, destemido líder? interrompeu Worick, sempre sem paciência para sentimentalismos.

Agora, Worick, é hora de voltarmos para a estrada. Para a estrada... reflectiu silenciosamente na segunda frase, perguntando-se a si próprio se a estrada não viria a ser o seu túmulo.

Nesse caso, devíamos ir comprar equipamento e provisões sugeriu Slayra.

Mas que brilhante conclusão ripostou Quenestil com tal azedume que Worick quase achou que as palavras só podiam ter saído da sua própria boca. Que sorte temos nós de estarmos acompanhados por alguém tão erudito na arte de viajar.

Sentes necessidade de te afirmar, Quenestil? replicou Slayra. Ficas inseguro com a minha presença?

Antes que os dois eahan pudessem desembainhar as suas línguas afiadas, Allumno apareceu aparentemente do nada no meio dos dois.

Quenestil, já que és tão "erudito na arte de viajar", vais comprar o equipamento disse, colocando uma bolsa de ouro nas mãos

do eahan, que o fitava com uma expressão quase irada e tu, minha querida, vais "afirmar-te" perante o grupo e comprar mantimentos naquela loja ordenou a Slayra, cujo sorriso se desvaneceu tão rápido como surgira. E nem um resmungo, ou queimo-vos as línguas para que se possam matar um ao outro sem nos incomodar.

Compras-me um escudo, Quenestil? perguntou Lhiannah. Vê se encontras um daqueles bons, não muito pequeno mas não demasiado grande. Duvido de que haja arcos por aqui, mas se conseguires encontrar um...

Quenestil acenou com a cabeça e os dois eahan puseram-se a andar, conscientes de que seria preferível não irritar o mago, mas ainda trocaram um último olhar venenoso. Allumno suspirou.

O que têm esses dois? perguntou a si mesmo em voz alta.

São eahan respondeu Worick, convencido de que a resposta era conclusiva.

O Portão do Norte já se encontrava desobstruído da neve da última tempestade e os companheiros conseguiram atravessar a passagem sem problemas, encontrando apenas algumas caravanas pelo caminho. Marcharam durante todos os seis dias frios, fazendo breves paragens apenas para as refeições, e era necessário o canto dos ralos para lembrar os companheiros de que necessitavam de descanso. Após quatro dias de viagem circumspecta nas colinas de Syrith montaram acampamento já dentro da floresta, que lhes barrava o caminho mais curto para os pântanos. Quenestil previra chuva ao ver o voo baixo dos pássaros, pelo que desempacotaram as tendas de lona, mas mal haviam acabado de as montar, já os pingos de chuva chapinhavam nas folhas das coníferas e gotejavam nas suas cabeças. Em breve começou a chover torrencialmente e os companheiros dividiram-se nas tendas: Lhiannah, Slayra, Allumno e Babaki (as mulheres pareciam confiar nos dois) foram para uma e Aewyre, Quenestil, Worick e Taislin para a segunda, que provou ser um espaço confinado e apertado para os quatro, ou três e meio, como Worick disse. Taislin respondeu que só por ter a largura de um barril é que o thuragar contava como uma unidade e Worick saltou para cima dele, tentando estrangulá-lo. Na comoção que se seguiu, a tenda caiu em cima do grupo e foi necessário voltar a montá-la à chuva. Após três tentativas conseguiram-no e voltaram a entrar, molhados até aos ossos e tiritando de frio.

Q-Quenestil, ac-cende uma f-fogueira... pediu Taislin, enrolando-se nas peles.

Aon-nde? Aqi dentro?

Estúpido burrik... disse Worick, de todos o menos incomodado com o frio. Se estivesse calado, estávamos agora secos.

-Eu, c-calado? T-tu é que n-não sabes f-fechar...

Estejam calados vocês os dois! ordenou Aewyre, as primeiras palavras que proferia após sair de Alyun, e nada brandas. Estamos molhados e enregelados, chove torrencialmente, vamos comer um jantar frio, temos dois eahan que se tentam matar e não precisamos de mais um par a armar confusão.

Seguiu-se um silêncio desconfortável, quebrado pelos resmungos de Worick quando este desafiava a sua armadura, mas as suas palavras perderam-se no tamborilar da chuva na lona. Estava escuro dentro da tenda e apenas o thuragar, com a visão subterrânea do seu povo, distinguia formas de calor aconchegadas. Entreteve-se a friccionar o dedo contra o seu saco-cama, escrevendo vitupérios sobre Taislin com o rasto de calor visível aos seus olhos.

De súbito, alguém bateu à entrada do lado de fora. Quenestil perguntou quem era e ouviu uma voz feminina abafada pela chuva e pela lona. Desatou os nós que mantinham a entrada da tenda selada e Lhiannah entrou, encharcada dos pés à cabeça e com o seu normalmente lustroso cabelo baço e colado à armadura. A arinnir tremia de frio e friccionou os braços antes de começar a falar.

Vocês ficaram com as provisões...

Ninguém respondeu e não se via nada dentro da tenda.

Acendam uma lâmpada, raios!

Vocês ficaram com as lâmpadas... justificou Taislin. Lhiannah suspirou exasperadamente e voltou a sair para a chuva.

O burrik não pôde conter uma risota ao fechar a tenda. Pouco tempo depois, alguém batia furiosamente na lona e gritava, aparentemente praguejando. Quenestil desatou os nós outra vez e uma princesa furiosa precipitou-se para dentro da tenda, tropeçando em Quenestil e caindo em cima de Aewyre, que tentou amenizar a queda de Lhiannah. A arinnir levantou-se e bateu com a cabeça na vara que sustentava a tenda. Taislin e Worick não mais conseguiram sustentar as gargalhadas e Quenestil também riu levemente.

Por que fecharam a maldita tenda? Sabiam que eu ia voltar!

Estávamos com frio disse Taislin, rompendo mais uma vez numa frenética gargalhada, acompanhado pelo thuragar e o eahan. Só Aewyre não se riu.

Acham engraçado, é?

O burrik sentiu um deslocamento de ar e abaixou-se a tempo de evitar a lâmpada, que embateu contra a cabeça de Quenestil.

Au! protestou o eahan, levando a mão à cabeça.

Se não me derem a comida agora, vão apanhar com algo bem mais pesado que essa lanterna ameaçou Lhiannah.

A sua voz revelou a sua presença ao ouvido apurado do shura, que arremessou a lâmpada de volta e sorriu ao ouvir o baque seco e um grito. Lhiannah rugiu, enfurecida e procurou a lâmpada no chão. As suas mãos acabaram por apalpar a perna de Aewyre, que não havia dito nada desde que a princesa entrara. Ouviu algo a raspar contra uma superfície áspera e fez-se luz, que iluminou a face impassível do guerreiro.

As provisões estão aqui disse, erguendo uma mochila a Lhiannah.

Os risos cessaram. Lhiannah fitou Aewyre durante uns momentos silenciosos e acabou por aceitar a mochila, agradecendo com um murmúrio, e saiu da tenda sem mais uma palavra.

Vamos comer agora? sugeriu o guerreiro, poisando a lanterna no chão e iluminando a tenda com a sua pequena e tremeluzente chama.

Ninguém disse nada em contrário, todos os risos desvanecidos no silêncio, e os companheiros começaram a refeição fria.

Homens! barafustou Lhiannah quando Babaki lhe abriu a tenda.

Slayra e Allumno estavam ocupados a atar uma manta de lona, que dividia a tenda a meio e olharam passivamente para Lhiannah, retomando o seu trabalho de seguida. Ao contrário da outra tenda, nesta o ambiente era pesado devido às más relações entre os presentes. Lhiannah não gostava de Slayra e tentava ignorar Allumno, Slayra era imprevisível, Allumno era indiferente em relação a todos e só Babaki parecia dar-se minimamente bem com toda a gente, a despeito da sua maneira de ser introvertida. A princesa estava completamente encharcada e tremia de frio, o que levou Babaki a oferecer-lhe a sua pele em adição à que Lhiannah já possuía. Orgulhosa como sempre, recusou a oferta, mas o antroleo deu a entender que o seu pêlo lhe proporcionava todo o calor de que ele necessitava e Lhiannah acabou por aceitar com um sorriso. Era tão amável, o Babaki. Forte e corajoso quando necessário, com um grande coração e sempre pronto a ajudar os outros. Não tinha a arrogância de Aewyre, nem o mau humor de Worick, nem a infantilidade e a

irreverência de Taislin (de que Lhiannah também não desgostava), nem a distância de Allumno e nem a irascibilidade de Quenestil. Se ao menos fosse humano... suspirou, olhando para o seu enorme amigo, que preparava o jantar à luz da lâmpada. Ou eahan, podia até ser um eahan... Babaki não reparou que estava a ser observado, mas Lhiannah levantou-se, avançou, curvada para não bater com a cabeça, e beijou-o na maçã do enorme rosto. O antroleo pareceu surpreso e levou a mão à parte tocada pelos lábios da princesa, que sorriu com o aparente embaraço de Babaki e lhe esfregou a juba.

Quando se tiverem deixado desses joguinhos, podíamos começar a comer? perguntou Slayra.

Babaki voltou envergonhado ao seu trabalho, mas Lhiannah assegurou-se de que o olhar da eahanna negra se cruzaria com o seu. As duas fitaram-se fixamente, a cara de Lhiannah rígida e inflexível, presa num olhar frio e Slayra descontraída, com um sorriso malicioso. Instintiva e lentamente, a mão de Lhiannah aproximou-se do punho da sua espada. Slayra levou as suas mãos atrás das costas e descontraiu-as nos punhais.

Ainda bem que temos estas duas previdentes mulheres... observou Allumno. Bem me parecia que o Quenestil não tinha comprado facas. Sejam tão amáveis e cortem a carne, sim? Vou preparar um molho que vos vai fazer lambem os beiços pela noite adentro.

Ambas olharam para o mago pelo canto dos olhos e voltaram a fitar-se uma à outra. Por fim, Lhiannah desembainhou a adaga e dois punhais apareceram repentinamente nas mãos de Slayra. Allumno ignorou-as mas Babaki assustou-se e olhou para as duas mulheres, sentindo a tensão entre ambas, que gradualmente se aliviou até cada uma se acocorar ao pé das provisões que a arinnir trouxera. As duas cortaram a carne enquanto o mago aquecia o molho como podia em cima da lanterna morna.

Agnir Nir, guarda marcial do sexto esquadrão, não estava contente. Pensava amargamente nos esplêndidos anos passados a guardar as minas, com dezenas de escravos para castigar a seu bel-prazer e a receber um excelente salário por um trabalho que teria feito de graça! Mas tudo acabara. Os malditos aventureiros haviam assolado a fortaleza, morto Coilen, o seu bom e generoso senhor e dispersado a Guarda Marcial pelos quatro ventos, segundo o que lhe haviam contado. Depois do assalto à fortaleza, um grupo de aldeãos atacara as minas, guarnecidas por apenas dez guardas, que foram apanhados completamente desprevenidos.

Apenas seis haviam escapado e Agnir era um deles. O grupo estava agora reunido na parte mais densa da floresta, afastados o mais possível de Alyun, onde a morte os esperava. O que antes haviam sido bravos e disciplinados guardas de armadura resplandecente e espadas brilhantes era agora um bando de maltrapilhos, com armaduras sujas e baças, algumas com placas danificadas. Agnir não fazia a barba nem tomava banho há vários dias, nem qualquer outro dos seus companheiros e só graças às bestas estavam vivos, pois eram excelentes instrumentos de caça. O soldado coçou uma crosta de sujidade para fora da sua face e cuspiu, como para mostrar o seu desprezo aos deuses por o ignorarem no seu predicamento.

Pára de escarrar, Nir resmoneou um dos seus companheiros, que havia removido o capacete de pluma esfarrapada para coçar a cabeça infestada de piolhos. Ainda à bocado tropecei e caí de cara numa pilha de escarro.

Então vê onde pões os pés, cretino replicou Agnir. O outro desembainhou a espada e Agnir exibiu a sua.

Parem! Não ouviram alguma coisa? perguntou um outro, um guarda veterano de barba abundante, cortada em diversos sítios por cicatrizes.

Todos no grupo ergueram-se e levaram as mãos às armas, alarmados e alerta pela primeira vez desde o ataque dos camponeses. Estava” escuro à volta do acampamento iluminado por uma fogueira no centro. O silêncio abateu-se de súbito no local e todos olharam em redor, bestas carregadas, à espera de ver um exército de camponeses a sair das árvores a qualquer momento. Não viam nada, mas todos sentiam uma presença ominosa.

Aezrel... veio um grosso sussurro das árvores. Ninguém soube discernir de onde o som viera, mas fora aterrador.

Era uma voz profunda, cavernosa, fria e acordou os medos mais profundos de todos os guardas. Muitos cessaram de respirar só para ouvir melhor, sentindo-se ainda seguros pela presença de mais companheiros armados de bestas, que podiam abater qualquer perigo antes de este chegar perto. Mas não podiam abater o que não podiam ver.

Ancalach... voltou a voz a pronunciar-se.

O que é isso? perguntou um guarda.

Seguiu-se a confusão geral e o medo disseminou-se entre os soldados.

Demónio! É um demónio!

Vento nas árvores...

Foi o Blamd a arrotar...

Então surgiu das sombras algo enorme e negro, mais negro que a própria escuridão que o cercava. Negro, excepto pelos dois pontos vermelhos que brilhavam no que parecia uma cara. Um guarda gritou, aterrado, e disparou a sua besta. A flecha singrou até à atemorizante figura e trespassou-a com um ruído metálico seco. A figura continuou a avançar com um ranger metálico a acompanhar cada passo. Então choveram virotes e a figura foi trespassada por todos os lados. Ainda assim, não parou de avançar e o ranger aumentou de volume. Os homens, que antes haviam sido soldados disciplinados, tiveram sérias dificuldades em manter a formação defensiva e só o conseguiram porque o que os atacava parecia ferido e cambaleante. Desembainharam então as espadas, alguns maças-de-armas, e atacaram. Mas a visão que se lhes deparou quando o vulto entrou no círculo iluminado pela fogueira fez com que todos se detivessem. A figura cambaleante envergava uma armadura negra que protegia o seu corpo inteiro, do qual se projectavam agora setas. Estava num estado miserável, partido, rachado e amassado, com um braço pendente, mas continuava a avançar e o seu rosto foi revelado: uma caveira descarnada sem maxilar inferior cujas órbitas ardiam num intenso brilho vermelho. O braço direito, também não menos castigado, empunhava uma negra espada, cujo metal poroso mal reflectia a luz das fogueiras. Os soldados da linha da frente pararam um segundo, um segundo no qual a lâmina negra descreveu dois arcos num movimento borrado pela velocidade. Dois corpos caíram, sem vida e cabeça. O soldado mais próximo gritou, horrorizado, e foi silenciado quando a cruel ponta da espada lhe entrou pela boca adentro e lhe saiu pela nuca. Um bravo (ou assustado) soldado estocou o monstro com a sua espada, cuja lâmina resvalou na armadura negra e foi parar ao chão no momento seguinte, juntamente com o seu antebraço. O homem olhou incrédulo para o coto vermelho do seu cotovelo, que foi a última coisa que viu antes de a sua cabeça ser partida em dois. Os restantes guardas estavam aterrorizados. No espaço de duas batidas de coração mais de metade do grupo caíra e isso era demais para eles. Largaram as armas e prepararam-se para fugir, mas os olhos do monstro brilharam mais intensamente e os três sobreviventes ficaram paralisados de medo. Então da boca inexistente do vulto saiu um uivo horríssonos, que garantiu que nenhum se mexeria enquanto a espada negra os cortava em pedaços.

Findo o horrendo trabalho, a criatura uivou de triunfo e os poros na sua espada começaram a absorver o sangue na lâmina. Quando a

espada ficou limpa, o monstro espetou-a no que sobrava de um dos cadáveres e uivou de êxtase enquanto a arma sugava o sangue da carne e recobrava a sua energia, remendando as fendas na sua armadura, que agora parecia da cor de sangue seco e permitindo ao seu braço pendente que aderisse ao corpo. Quando os pedaços ficaram lívidos e exangues, a criatura espetou-a noutro cadáver e continuou até se sentir mais uma vez forte. Inteiro e restabelecido mais uma vez, olhou para o vazio e deixou que a espada o chamasse.

Aezrel... não podes fugir... Ancalach chama-me.

E desapareceu na escuridão, deixando um rasto de morte atrás de si.

Babaki acordou com o leve chilrear de um único pássaro, mais do que o suficiente para o seu sensível ouvido. Estava deitado ao lado de Allumno e o mago dormia profundamente de barriga para cima com as mãos cruzadas em cima do epigastro. Olhou para o lado e deparou com a lona que haviam montado na noite anterior, mas o suave odor de Slayra e o cheiro a suor tipicamente humano asseguraram-no de que tanto a eahanna negra como Lhiannah estavam presentes. Levantou-se tão discretamente como o seu enorme corpo lhe permitiu, começou a desatar os cordéis que mantinham a tenda fechada e saiu. O ar fresco matinal saudou-o com uma lufada que enregelaria um humano, mas que era revigorante para alguém coberto de pêlo como o antroleo. Avançou para a árvore mais próxima para beber água do abundante musgo que nascia na sua casca e cada passo seu afundava um pouco o pé no tapete castanho e dourado das folhas secas. A sua língua áspera deixou marcas rugosas no musgo fofo enquanto Babaki bebia. Quando ficou saciado, lambeu os beiços e preparou-se para rugir, mas lembrou-se dos seus companheiros adormecidos e refreou-se de o fazer.

O preço de andar acompanhado... disse alguém atrás de si.

É um facto, Quenestil respondeu Babaki, mais para dar a entender que tinha estado ciente da presença do eahan que qualquer outra razão.

Quenestil riu de leve, resignando-se com o facto de que não conseguia surpreender o antroleo e que, mesmo se conseguisse, o comportamento calmo do seu amigo nunca lho revelaria.

Acordaste cedo mudou de assunto. O antroleo não respondeu de imediato.

Gosto das manhãs disse, são calmas e serenas, mas sem a escuridão e os terrores escondidos nas trevas da noite.

O shura acenou com a cabeça em concordância.

E a frescura matinal, este orvalho no ar e no chão, é tudo tão revigorante!

Quenestil sorriu com a fala floreada do seu amigo, tão pouco característica dos belicosos antroleos e digna de qualquer menestrel.

Sabes, Babaki, estamos todos muito orgulhosos de ti. O antroleo olhou para Quenestil com os seus grandes olhos tristes. Por te teres conseguido controlar, quero eu dizer esclareceu.

Como o antroleo nada disse, Quenestil continuou, determinado a fazer com que Babaki percebesse que os companheiros se orgulhavam dele pelo seu feito.

Conseguiste controlar o animal, mas acho que mal demos a entender que tínhamos sequer reparado. Deves compreender que...

Eu compreendo perfeitamente interrompeu o antroleo. É claro que eu não esperava aplausos com a pobre Nabella morta. Sem saber porquê, o eahan sentiu-se estúpido. Mas agradeço-vos a todos pelo vosso apoio. Eu nunca o teria conseguido se não fossem vocês.

Quenestil nada mais disse a respeito e deu duas palmadinhas no musculoso braço do seu amigo.

Como dormiram todos? mudou de assunto mais uma vez.

Bem, menos eu. Não gosto de espaços fechados.

O antroleo esticou os braços e alongou o enorme corpo, abrindo a boca de dentes afiados e temíveis. O primeiro impulso de Quenestil foi de o impedir, mas concluiu que os restantes companheiros já haviam dormido o suficiente e deixou Babaki rugir. O rugido ecoou pelos bosques nebulosos e assustou os companheiros, que se deixaram cair nos sacos-cama mais uma vez quando se lembraram do bocejo ruidoso do amigo que já tantas vezes haviam ouvido. Babaki e Quenestil escutaram vários outros bocejos, acompanhados de gemidos e a inevitável verborreia de impropérios de Worick. Babaki tapou a boca com a mão, envergonhado, mas Quenestil piscou-lhe o olho e esperou até que todos saíssem das tendas, um grupo de caras ensonadas de aventureiros amolecidos pelo conforto de uma cama.

Olhem só para vocês! gozou o eahan. Teriam todos morrido a roncar se tivéssemos sido atacados durante a noite.

Choveu a noite inteira, estúpido. Está mas é calado... resmungou o thuragar, coçando a remela para fora dos olhos com pálpebras pesadas.

Quenestil riu alegremente, ignorando o insulto e conduziu os companheiros à pilha de madeira que empilhara, em cima da qual fervia uma caçarola por cima do fogo crepitante.

Hoje há papas de aveia anunciou o eahan.

Babaki torceu o nariz, mas Quenestil pegou numa perdiz morta e estendeu-lha. O antroleo aceitou sem qualquer comentário, procedendo a devorar avidamente a ave sobre o olhar invejoso de Worick.

Já agora, tinhas apanhado duas... reclamou.

Para quê? se tens esta deliciosa papa de aveia?

O thuragar ia a acrescentar qualquer coisa, mas Lhiannah calou-o e começaram a refeição. Quenestil e Slayra ainda não se olhavam e Aewyre parecia continuar deprimido. Todos sabiam que as feridas de Alyun não cicatrizariam tão cedo.

Se seguirmos um caminho recto, podemos chegar a Moorenglade em dois dias disse Quenestil para quebrar o silêncio, traçando um trilho no mapa que comprara.

E se forcarmos a marcha? perguntou Lhiannah, tirando papa de aveia do canto da boca com o polegar. Quanto tempo demoramos?

Dia e meio, talvez cheguemos a meio do dia seguinte se formos mesmo depressa.

Que dizes, Aewyre? perguntou a arinnir, mastigando.

Tens pressa para acabar isto?

Acabarei quando tiver acabado respondeu o guerreiro, seca e absortamente.

A princesa encolheu os ombros e levou mais uma colherada de aveia pastosa à boca. Aewyre andava tão estranho, pensaram todos. Mas também não era de admirar e todos o compreendiam no fundo, apesar de ser deprimente verem alguém habitualmente tão alegre em tal estado. Levantaram o acampamento ainda de manhã e continuaram a marcha, protegidos do sol pela já não tão densa folhagem dourada e castanha dos carvalhos e nogueiras. Sobravam poucas folhas e o Inverno não tardaria a reclamar as restantes. Caminharam pela floresta durante o resto da manhã até a meio da tarde sem grandes dificuldades, pois o terreno tinha poucas elevações e o tapete de folhas proporcionava um passo agradável. O vento passava entre as árvores, abanando os ramos, que tocavam uma serena música com o roçar das folhas e gravetos. Havia bastantes esquilos naquela área, e muitos treparam para os ombros de Babaki, que sorria com uma confiança e segurança interiores renovadas enquanto afagava as cabeças dos

pequenos animais. Alguns companheiros sorriram. Ao menos um deles estava feliz... Essa breve alegria dissipou-se rapidamente quando a chuva recomeçou a cair com uma força fustigante e os forçou a encontrarem abrigo.

Infernos, parece que os outros deuses querem que a manopla continue perdida! berrou Worick, a sua possante voz abafada pela furiosa tempestade.

Retomaram a marcha no dia seguinte. À medida que avançavam pela floresta adentro, os companheiros notavam o progressivo incremento da humidade no ar e como o chão ia ficando mais macio. Os pântanos já não estavam longe, sabiam-no, e a sua temível reputação em nada ajudava para levantar o moral do grupo. Os Pântanos de Moorenglade eram conhecidos pelo seu traiçoeiro lodo, os limos venenosos, as armadilhas naturais ou não, que permeavam o seu solo, e acima de tudo pelos seus habitantes, horrendas criaturas sempre à espera de apanhar um viajante desprevenido e afogá-lo nos seus domínios lamacentos.

Como Aewyre nada disse em contrário, o grupo forçou a marcha e percorreram a distância que os separava dos pântanos mais depressa, "apesar de o esforço exaurir Taislin, de todos o menos resistente. A despeito do frio e a chuva, todos suavam e arfavam e os músculos das pernas ardiam, pelo que decidiram por unanimidade fazer uma breve paragem. O terreno começava a ficar progressivamente alagado, de forma a que cada passo produzia um ruído esponjoso à medida que os pés se afundavam. O ar era húmido e distinguia-se ao longe o zumbir de insectos, cujas picadas seriam um verdadeiro incómodo. Quenestil ordenou mais uma paragem para que cada um cobrisse as botas com a banha que comprara ainda em Alyun para que não as molhassem, pois se as botas permanecessem ensopadas muito tempo, corriam o risco de gangrena nos pés. Feito isto, continuaram a avançar pelo atoleiro adentro, para o coração dos pântanos de Moorenglade, em direcção aos horrores desconhecidos.

OS PÂNTANOS

O gume da afiada espada de Lhiannah separou a ponta de um tentáculo do resto da extremidade viscosa e elástica. A ponta contorceu-se por breves momentos, depois permaneceu inerte enrolada à coxa da arinnir, que esboçou um esgar de nojo mas não removeu o apêndice, já que pelo menos dez iguais estavam a atacar os seus companheiros. Não menos que dois agarravam Quenestil e puxavam-no para baixo de água enquanto o eahan se debatia. Worick estava a ter dificuldades em ferir os tentáculos moles com o seu martelo, já, que cada um dos seus possantes golpes era facilmente absorvido pela sua densidade elástica.

Que criatura é...? gritou Lhiannah, interrompida por um outro tentáculo que se enrolou à volta da sua cabeça e lhe tapou a boca.

Taislin agarrou o apêndice negro e desferiu um golpe de punhal com toda a sua força para libertar a princesa e o tentáculo contorceu-se, esguichando a cara de Lhiannah com sangue roxo ácido, que ardeu na sua pele exposta.

Apesar de o seu estado de espírito permanecer inalterado, Aewyre combatia com relativo alento, desferindo golpe após golpe no inimigo oculto que os atacava. Não comprara qualquer escudo para substituir o que perdera, mas manejava a espada com as duas mãos com destreza. Tentáculos esvoaçavam em redor, alguns cortados, outros a tentarem enrolar-se nos seus membros, principalmente as pernas submersas nas águas turvas do pântano, cuja superfície era tingida de roxo por um constante fluxo de sangue dos tentáculos cor de azeviche.

Babaki debatia-se raivosamente, rasgando e mordendo e rugindo com fúria controlada. Viu Slayra a lutar pela vida contra um trio de grandes tentáculos. Percorreu a distância que os separava com largos e poderosos passos, avançando por entre o lodo e a água turva cheia de plantas com um par de tentáculos arrancados a contorcerem-se nos seus braços. Chegou a tempo de evitar que a eahanna fosse submersa, libertando-a do aperto com dois destros cortes das suas shwafwif, estando o terceiro tentáculo já ferido pelos punhais de Slayra.

Worick tinha os braços presos, mas deixou de usar o martelo e procedeu a combater os viscosos tentáculos à dentada enquanto tentava torcer como uma toalha o que lhe prendia os membros. Finalmente, os tentáculos começaram a relaxar o aperto e recuaram de uma forma coordenada, dando prova adicional de que pertenciam a uma só criatura.

Já estás declarou o thuragar, pingando sangue roxo da barba.

Cientes da futilidade de uma perseguição, os companheiros reagruparam-se numa ilha de juncos com posição minimamente sólida e analisaram os danos. Para além de umas nódoas negras e o ardor na cara de Lhiannah, que se transformara num eczema vermelho, não havia ferimentos sérios, ou mesmo leves. A barba de Worick estava molhada de roxo, mas o thuragar limitava-se a sorrir, exibindo os dentes arroxeados enquanto se gabava de ter arrancado um tentáculo à dentada, apesar de esconder o ligeiro ardor que sentia na boca e o facto de os seus lábios estarem secos e gretados.

Raio de animal... exclamou. O que era aquilo?

Não faço a mínima ideia admitiu Quenestil. Mas não deve voltar tão cedo.

É claro que não. Se ele não tem fugido, já o tinha despedaçado à dentada...

Devias limpar a boca, Worick recomendou Lhiannah, esfregando a pele irritada. Arde como o sangue de Wrallach.

Hah! Arde nada, até sabe a vinho ripostou o thuragar, lambendo os cantos da boca para enfatizar o que dissera.

Estou a falar a sério, Worick. Tu... A arinnir viu-se forçada a interromper o discurso pela irresistível necessidade de coçar a cara inflamada. Taislin despejou um pouco da água do seu cantil nas suas pequenas mãos e tentou aliviar a irritação, esfregando-lhe a cara.

É aconselhável poupá-la advertiu Quenestil. Moorenglade é conhecido por corromper os cursos de água que por ele passam.

Se estivesse a tua cara a arder, ficavas calado protestou Slayra, limpando o sangue roxo dos seus punhais.

O eahan virou-se para ela e fitou-a com os seus olhos cinzentos.

Não vou sequer responder a isso.

Que há para responder? Sabes que tenho razão, por isso ficas calado.

Era uma provocação aberta e o eahan encaminhou-se na direcção de Slayra, que manteve a posição, sem medo algum. Babaki pôs-se no caminho, mas Quenestil empurrou-o para o lado e pôs-se cara a cara com a eahanna negra.

Vamos lá, sejam simpáticos um para o outro... apaziguou Taislin, com medo que comessem a lutar.

Os dois eahan ignoraram-no e tentaram matar-se um ao outro com o olhar. Quenestil era um pouco mais alto, mas os dois fitavam-se em pé de igualdade.

Escusas de te armar em mau que não me metes medo, Quenestil.

Sem saber porquê, sem perceber porquê, o eahan levou a mão atrás e só graças à intervenção de Allumno é que ela não se dirigiu à cara de Slayra, que nem piscou.

Parem os dois ordenou o mago, obstruindo o espaço entre os dois com o seu cajado. Este sítio é perigoso demais para estas estúpidas contendias.

Sim, tens razão... admitiu Quenestil e retirou-se, não antes de trespassar a eahanna negra com os seus olhos cinzentos.

Só por fazeres parte do grupo não te dá o direito de o provocar, Slayra admoestou Allumno, severo. Slayra continuou a sorrir, sem sequer fitar o mago. Se alguém ficar ferido por vossa culpa...

Tens toda a razão, Allumno. Desculpa, não volta a acontecer disse Slayra, falsamente franca e sorridente.

A gema na testa de Allumno brilhou ameaçadoramente, mas o mago deixou o assunto pendente e foi prestar ajuda a Lhiannah, que esfregava avidamente a cara inflamada.

O ambiente dos pântanos era definitivamente hostil, pensou Slayra, olhando em redor. A luz do sol era parcialmente bloqueada pela parca folhagem de aspecto murcho e doentio e os poucos raios que por ela passavam eram amarelentos e não ofereciam calor algum. Os ciprestes que pontuavam a paisagem de galhos tortos e árvores mortas tinham um tom mais escuro que o habitual, conferindo um ar ainda mais soturno ao pântano. Pairava um odor fétido

e estagnado a vegetação decadente, o que aumentava consideravelmente o peso da atmosfera viciada, causando uma sensação sufocante. A água que cercava o grupo e se estendia até perder de vista tinha um tom esverdeado, não a cor que os lagos cristalinos e cheios de vida exibem, mas um verde de podridão e decadência, um monumento à constante decomposição do atoleiro. Slayra olhou para as pernas dos seus companheiros e viu o limo verde que se havia agarrado a elas. Limo e não só: pequenas manchas negras estavam irregularmente espalhadas nas partes molhadas dos membros inferiores...

Não se aflijam, mas acho que essas sanguessugas vos vão sugar até à última gota se não as tirarem das perninhas...

Babaki e Quenestil, os únicos sem calças decentes, e Taislin, que as puxara para cima para não as molhar, suspiraram exasperadamente e procederam a remover os vermes.

Slayra observava divertida os dotes de contorcionistas dos seus companheiros quando estes se colocavam em posições pouco ortodoxas para remover as sanguessugas das suas partes expostas, sufocando um riso.

Malditos animais! barafustou Taislin. Au! E magoam quando os tiramos! Criatura nojenta...

O burrik atirou o verme, um exemplar particularmente grande, ao chão. A sanguessuga contorcia-se e deslizava pelo solo húmido para voltar para a água.

Ai não, não voltas!

Taislin pegou num dos muitos paus protuberantes do chão sem se indagar por que razão ali estaria, puxou-o do lodo e voltou a cravá-lo no local onde o verme se esgueirava. O seu grito de vitória morreu-lhe na garganta quando o pau colidiu com algo sólido debaixo do solo, algo que teria tomado como uma pedra, não tivesse esse algo em questão cedido ante o golpe.

Decidido a não tirar conclusões precipitadas, tentou investigar melhor antes de dizer qualquer coisa e começou a escavar a terra lamacenta com as suas pequenas mãos, formando cavidades que rapidamente eram preenchidas por água ou lodo. Escavando freneticamente, chamou a atenção de alguns companheiros, que, no entanto, estavam demasiado ocupados a remover sanguessugas para fazer perguntas. O burrik não parou de cavar até sentir que agarrara alguma coisa, que prontamente retirou da cova lamacenta. Um osso.

Eu... acho que vocês vão querer ver isto balbuciou, agarrando o objecto com um braço verde de limo.

Deveras interessante observou Allumno.

O mago empunhava uma tibia que Babaki desenterrara e observava-a atentamente.

Muito interessante, sem dúvida, Allumno acrescentou Quenestil com um toque de azedume na voz, incomodado com a frieza do mago.

Não é isso. Estes ossos não foram limpos pelos dentes de predador algum. Parece que o próprio solo os devorou...

Olhem para isto.

Lhiannah limpava um objecto com a mão enquanto o segurava com a outra. Parecia ser uma espécie de insígnia que provavelmente pertencera a um colar ou uma faixa de honra, mas a camada de lodo e lama que o cobria impedia uma investigação mais detalhada até a arinnir acabar de o limpar. Tratava-se de um baixo-relevo de uma espada disposta sobre um escudo em pala feito de prata.

Gilgethan... disse Aewyre.

Parece que encontrámos a procissão... disse Worick.

Não, não pode ser respondeu Allumno. Repara, os ossos que o Babaki encontrou não chegariam para formar nove esqueletos” Na minha opinião, são vítimas de um ataque que foram enterradas pelos seus companheiros. Repara... pegou no cabo de madeira com o qual Taislin matara a sanguessuga, que revelou ser uma lança, isto é típico dos fiéis a Gilgethan, espetar uma lança por cima do corpo de um companheiro morto para que ele não regresse como morto-vivo, o que o impediria de desfrutar de Oneternauar, o reino da guerra eterna.

E se alguém os enterrou, quer dizer que houve sobreviventes concluiu Slayra.

Mais habituado aos contributos da eahanna, Allumno não ficou surpreendido.

Decerto. Agora só temos de...

Um sussurro vindo de nenhures interrompeu o mago e alarmou os companheiros, que se apressaram a tirar as armas. O som repetiu-se, parecendo vir de todo o lado e ao mesmo tempo de lado nenhum, uma cacofonia de vozes silenciosas que sussurravam palavras ameaçadoras. O grupo formou um círculo com Allumno no centro e preparou-se para o que quer que fosse.

Estrangeiros...

Vão-se embora...

Invasores...

-Abandonem este lugar...

Profanadores...

Os companheiros estavam nervosos e agarravam as suas armas com força.

O que é isto? perguntou Quenestil, esforçando-se por esconder o tremor na voz.

Almas perdidas? Não sei... respondeu Allumno.

Olhem ali! guinchou Taislin, apontando para a frente.

O grupo assim fez e depararam-se com umas formas que se pareciam mesclar umas às outras na escuridão das sombras.

Quem está aí? Revele-se! ordenou Lhiannah.

Como resposta, alguém saiu da penumbra com um passo lento e cuidadoso. Tratava-se de um homem, um humano, que envergava uma toga negra como uma noite sem estrelas e calçava botas negras de cabedal. Negra era também a sua capa, abotoada até ao pescoço pelo esqueleto de um morcego, cujos compridos dedos ossudos ainda estavam desdobrados. Negra era também a sua longa e esguia barba com ossos de pequenos animais, que terminava em pontas espigadas perto da sua virilha. Negros eram também os seus olhos pretos e fundos como as poças de piche do brejo. O homem empunhava um cajado nodoso e retorcido de madeira, decorado com vários penduricalhos de pequenos ossos, humanos ou não, que chocalhavam conforme ele se aproximava do grupo. Parou de repente, afundando os pés no lodo verde, e fitou os companheiros com um olhar que não traía qualquer tipo de emoção.

Vem em paz ou devemos considerá-lo inimigo? perguntou Allumno.

O que é que te parece, mago? disse Slayra para si mesma. O indivíduo continuou a olhar sem nada dizer e os companheiros

permaneceram em silêncio, crispando os dedos nas armas.

Vocês não são bem-vindos nos pântanos de Moorenglade. Retirem-se de imediato e podem sobreviver, fiquem e morram horrivelmente declarou o homem, concisa e friamente, sem qualquer tom de relevo na voz.

As nossas mais sinceras desculpas. Não desejamos mal a qualquer habitante deste pântano assegurou Quenestil. Pedimos apenas permissão para passar por Moorenglade.

Quenestil tratava o estranho com cuidado, pois havia-o reconhecido como um druida negro. O eahan conhecia muito bem esse tipo de homens, pois estivera sobre a tutela de um druida cinzento, um venerável ancião da montanha que o instruíra nos caminhos da Natureza, e sabia o respeito que lhes era devido, independentemente do tipo de terreno que protegiam.

Fomos forçados a defender-nos de uma criatura que nos atacou, mas eu juro pela Mãe que nenhuma criatura será por nós ferida a não ser em defesa própria ou por razões de sobrevivência. Nenhuma árvore será queimada e nenhuma planta será cortada.

Todos olhavam para o eahan, mas este não tirava o olhar do druida, que continuava a fitá-los, impassível.

Falaste bem, shura, mas Moorenglade é um aviso implícito para que ninguém atravesse as suas fronteiras. Por quem és, dou-te mais uma oportunidade a ti e aos teus amigos para se retirarem.

Quenestil não estava à espera de uma recusa e ficou deveras surpreendido. Naturalmente, um druida, sendo um guardião, tinha todo o direito de barrar a passagem a alguém, mas sabia que este não tinha nenhuma razão para o fazer.

Pelas regras da Sacrossanta Mãe, não podes negar-nos passagem a teu bel-prazer, Guardião...

Recusam então? Pois que a maldição de Moorenglade caia sobre vós e morram! berrou o druida, erguendo os braços e agarrando o cajado retorcido com as duas mãos.

Quenestil estava demasiado surpreso para reagir quando se ergueram vinhas do chão que se entrelaçaram nos seus tornozelos e os dos seus companheiros. Slayra, porém, esperara esta reacção e já tinha um punhal na mão, que arremessou sem demora na direcção do druida negro. Este arregalou os olhos escuros ao ver o punhal a guinar na direcção da sua cara e gritou. O punhal afiado espetou um dos muitos ratos negros que tomaram o lugar do druida e impeliu o roedor contra uma das árvores murchas, cravando-o contra a sua madeira podre. O rato guinchou agonizado enquanto os seus congéneres se espalhavam pelo terreno, desaparecendo nas sombras frente ao olhar incrédulo dos companheiros presos.

O que foi *aquilo*? perguntou Taislin quase em surdina. Ninguém lhe soube responder. Ninguém disse nada durante um longo momento silencioso, até que Quenestil se mexeu.

O que fizeste? perguntou ele. O que fizeste? repetiu, desta vez mais alto.

Com um forte puxão, arrancou as vinhas que lhe prendiam as pernas e correu em direcção ao rato, que se contorcia em convulsões de morte. O eahan aproximou-se do roedor e quase estacou face ao horrendo aspecto do animal. Enorme para um rato, o seu longo pêlo negro estava molhado e pingava um icor repugnante. O seu focinho e as suas patas de garras negras e recurvadas tinham uma cor rosada doentia, parecida com a pele infectada de um homem acometido da praga e a cor da sua comprida cauda lembrava as gengivas de um cadáver. O bicho infecto exalava um odor pútrido, incrementado pelo cheiro da morte que lhe roubara a vida, e o sangue que lhe escorria do focinho de terríveis incisivos amarelos era viscoso, fazendo com que o eahan hesitasse antes de tocar no punhal. O responso que preparara para Slayra desvaneceu-se ao observar tão horrendo animal e começou a duvidar do seu julgamento precipitado em relação ao druida. Alguma coisa não estava certa...

Tem cuidado, Quenestil recomendou Allumno. Certifica-te de que está mesmo morto.

Certo de que a vida havia abandonado o repulsivo corpo, o eahan engoliu em seco e reuniu coragem suficiente para agarrar o punho do punhal de Slayra. Quando o fez, os olhos do rato pareceram brilhar e este mexeu-se, causando uma reacção instintiva em Quenestil e fazendo com que retirasse a mão involuntariamente.

Mas esse fora o último movimento do rato, cujo brilho desapareceu dos seus olhos tão depressa quanto ardera e cujos membros penderam sem vida.

Podes vir tirar o teu punhal, se quiseres disse Quenestil, olhando para Slayra por cima do ombro.

Dito isto, recuou, tirou o seu arco e preparou uma flecha no mesmo movimento fluido, olhando em redor.

Deveras interessante... disse Allumno, pensando para consigo.

Não vejo o que isto tem de interessante protestou Taislin, que teve de ser ajudado para se libertar das vinhas.

Allumno, o que era aquilo? perguntou Lhiannah, ainda com a cara a arder, apesar de a comichão ter diminuído.

Tenho as minhas suspeitas, mas acho que o Quenestil pode responder melhor do que eu.

Não olhem para mim à espera de respostas retorquiu o eahan. Pensei que fosse um druida negro, mas aquele monstro não pode ser um Guardiã.

Caríssimo, se não era um druida negro, o que era então?

Já disse que não sei! Druidas não agem assim, nem mesmo os negros. Aquele... aquele rato é uma criatura medonha Quenestil não conseguiu evitar um sorriso ao ver Slayra hesitante em remover o seu punhal da árvore. Aquilo não era um druida. Não acredito que fosse disse convicto.

Não acreditas, ou não queres acreditar?

O eahan não respondeu. Como sempre, o maldito mago tinha razão e ele não podia refutar a sua habitual lógica, mas as suas convicções não lhe seriam tão facilmente retiradas.

Pois bem, se estás tão certo disso, explica-me por que razão ele nos atacou? Decerto imitou a expressão de Allumno com um tom zombeteiro sabes que os druidas usam os seus poderes apenas contra quem os ameaça a eles ou a floresta. E, certamente, sabes que druidas não podem negar passagem por sua livre e espontânea vontade sem qualquer razão.

Naturalmente, meu amigo assegurou o mago, sempre calmo, mas não te esqueças de onde estás. Estes são os pântanos de Moorenglade, Quenestil, os lodaçais amaldiçoados. Acaso esqueceste a história deste local?

Quenestil queria desesperadamente tirar a razão a Allumno, mas teve de ficar calado, pois conhecia muito bem a história de Moorenglade, um antigo posto avançado que Seltor estabelecera antes *de atacar* Nolwyn em massa. Após a derrota que sofreu, o Flagelo retirou e amaldiçoou o local para sempre, tornando-o num foco de energias maléficas e horrores inomináveis à semelhança de Asmodeon. Essas mesmas energias eram poderosas, talvez poderosas o suficiente para corromper mesmo um druida negro, cuja reputação só por si já era menos que boa...

Slayra estava deleitada com a maneira como Allumno dominava a situação e envergonhava Quenestil mesmo sem o querer.

Não! exclamou. Não aceito isso. Os druidas...

O eahan foi interrompido por um súbito e sonoro engasgo de Worick. Todos se viraram para o thuragar a tempo de o ver cair com as mãos na barriga.

Lhiannah gritou pelo seu nome e foi acorrer a Worick, que se contorcia enquanto parecia tentar espremer as entranhas para fora, grunhindo de dor com os dentes cerrados e uma máscara de agonia na sua já enrugada cara. O thuragar estava contorcido até aos dedos dos pés.

Worick, fala comigo! O que tens? perguntou, aflita e a agarrar os braços atarracados do seu mentor.

O único som que saiu dos lábios gretados de Worick, que começava a espumar da boca, foi um grito de dor.

Ajudem-no! suplicou a princesa. Façam alguma coisa! Todos se reuniram à volta do agonizante thuragar e Allumno

ajoelhou-se, evitando um braço blindado movido por uma convulsão, e agarrou-lhe a cara.

Segurem-lhe os braços! ordenou e os outros cumpriram com o seu comando.

Foi necessária a força de cada um dos companheiros para imobilizar os membros convulsivos do thuragar, que espumava um líquido roxo pastoso da boca enquanto gritava e se contorcia.

Segurem-lhe a cabeça! disse o mago.

Essa extremidade foi das mais difíceis de manter presa, mas a força de Babaki provou ser suficiente para o feito. Allumno remexeu na sua sacola, à procura de um antídoto que não tinha a certeza de já ter gasto. A sua busca foi frutífera e exibiu um frasco metálico escuro na sua mão, cuja tampa se apressou a retirar.

Segura-o bem agora, Babaki... advertiu.

O antroleo assim fez e Allumno aproximou lentamente o pequeno gargalo da boca de dentes cerrados do thuragar.

Antes que pudesse forçar Worick a beber, este contorceu-se violenta e subitamente e vomitou para cima do mago. Pego de surpresa, Allumno derramou o conteúdo do seu frasco no chão e caiu para trás. Todos ficaram momentaneamente paralisados pela repulsa e pelo nojo, mas as contorções de Worick pareceram acalmar e o thuragar relaxou os membros, deixando a cabeça cair.

Worick? Worick, fala comigo! rogou Lhiannah, apertando o braço do thuragar com força.

Quenestil levou os dedos à jugular de Worick e suspirou de alívio.

Ele vive constatou. Vai sobreviver.

Não tires conclusões precipitadas... avisou Allumno quando Aewyre o ajudou a levantar. A camisa branca do mago estava suja de vômito roxo. Pode ainda estar envenenado. Alguém o viu a ser picado?

Ele... ele bebeu o sangue dum dos tentáculos disse Lhiannah, sem tirar os olhos de Worick.

As faces do thuragar estavam lívidas e cobertas de grossas bagas de suor que brotavam da sua pele febril.

O quê? Oh, o imbecil! Mas que idiota! O mago ajoelhou-se mais uma vez perto do thuragar. Graças às Entidades por terem

feito os thuragar tão resistentes. O sangue daquela criatura deve ser capaz de matar um homem. Lhiannah empalideceu. Não o engoliste, pois não?

Não... disse, com voz trémula.

Então se ainda não te aconteceu nada, é porque tiveste sorte. Não te preocupes mais. Ele está com febre, mas o seu corpo é forte e resistente. Deve conseguir...

Lhiannah nada disse e tirou um pano da sua mochila para esfregar a testa de Worick, que repousava com a boca roxa semiaberta e de olhos fechados com força, o que mostrava que a luta não havia terminado para o thuragar.

O melhor é acamparmos aqui mesmo sugeriu Slayra.

Claro, bem aqui onde fomos atacados. Uma sábia decisão... replicou Quenestil.

Os eahan olharam um para o outro mais uma vez.

Se ele é um druida, então vai encontrar-nos em qualquer lugar deste pântano, não achas? Ou será que és demasiado casmurro para o reconhecer como tal?

Quenestil e Slayra, não comecem... viu-se Taislin forçado a dizer.

Não te metas, Taislin interrompeu Quenestil, erguendo uma mão avisadora sem sequer olhar para o burrik. Então, se estás tão certa de que não é uma criatura do Flagelo, por que não vais buscar o teu punhal? Tens medo de alguma maldição? E indicou o rato cravado contra a árvore como um desafio.

Slayra ficou indecisa entre contra-argumentar ou ir buscar a sua arma, até se aperceber da ambiguidade da frase. No entanto, a súbita aparição de Aewyre eliminou a hipótese de debate adicional.

Parem com isso... os dois disse calmamente, separando os eahan um do outro.

Aewyre, queres deixar-nos...

Eu disse para pararem!

O repentino brilho selvagem nos olhos do seu amigo fez com que o eahan recuasse defensivamente. Seria aquilo raiva contida ou verdadeira irritação?

Por favor... acabou o guerreiro por pedir, mais delicadamente.

Aewyre olhou para Slayra e esta fitou-o com os seus cristalinos olhos azuis, mostrando mais compreensão do que alguma vez exibira e retirou-se, assim como Quenestil.

Aewyre... interveio Allumno. Com o Worick assim, não podemos penetrar mais nos pântanos...

Eu sei... concedeu o guerreiro sem qualquer resistência. Acamparemos aqui, então e amanhã voltamos para trás.

A noite desceu depressa e o Sol caiu abruptamente, mergulhando os pântanos numa fria escuridão. Para além do frio, os mosquitos eram um autêntico pesadelo e todos ansiavam por um pouco de fumo para afugentar os incomodativos insectos. Como o solo estava demasiado húmido para fazer uma fogueira, Quenestil montou uma plataforma à base de quatro ramos forçados que suportavam dois ramos cruzados, que por sua vez tinham a madeira morta necessária para um fogo amontoada em cima. O eahan gastara algum tempo a aparar gravetos e a arranjar casca de bétula para começar o fogo e arranjava também madeira húmida para afugentar os mosquitos. Após algumas pancadas da sua faca na pederneira, uma faísca acendeu a casca de bétula e o fogo começou a espalhar-se lentamente, alimentado pelo suave sopro do eahan. Allumno e Lhiannah ocupavam-se de Worick enquanto Taislin se esforçava por afugentar os insectos com um ramo de folhas escuras de cipreste. Os restantes estavam de vigia, apesar de o olhar de Aewyre se estender pelo infinito, dando claras indicações de que não estava a prestar a mínima atenção às suas redondezas, absorto nos seus pensamentos. Babaki olhava para o seu amigo ocasionalmente, perguntando-se até quando ele permaneceria naquele deplorável estado de alma depressivo.

Aproximem-se da fogueira convidou Quenestil. Não queres fazer o teu prato especial, Aewyre? perguntou, com a esperança de animar o seu amigo.

O guerreiro fez uma fraca tentativa de sorrir e pegou na caçarola.

Como está o Worick? perguntou o eahan a Allumno depois de dar umas palmadinhas amigáveis no ombro de Aewyre.

Com febre. Aquilo deve estar a inflamá-lo por dentro respondeu, apontando sugestivamente para a pele ainda irritada de Lhiannah, que coçou a cara.

Achas que devíamos voltar? perguntou, sussurrando ao ouvido do mago.

Não sei, Quenestil. Não sei... Com o Worick febril, a Lhiannah ferida...

Não estou ferida apressou-se a orgulhosa arinnir a corrigir.

Com o Worick febril, então, e um druida negro atrás de nós, isto pode vir a ficar complicado...

Quenestil acenou com a cabeça em concordância e ajoelhou-se ao lado do thuragar, o único entre os thuragar que viera a respeitar e talvez mesmo a gostar. Era deprimente ver o poderoso lutador naquele estado: suado, febril, com a respiração áspera e a testa a enrugar-se incessantemente. Pôs-lhe a mão na testa, esfregando as bagas de suor frio da pele áspera.

Coragem... meu amigo.

Hazabel aproximava-se das opulentas muralhas da cidade a uma grande velocidade. A noite era a sua hora e as sombras, o seu domínio, servindo-lhe de rápido e eficiente meio de locomoção. A bebé que transportava nos seus braços delicados e fortes dormia tranquila, envolta pela reconfortante penumbra e a velocidade à qual se moviam não a incomodava minimamente. Finalmente, a harahan parou dentro da sombra que um carvalho isolado projectava e materializou-se. Procedeu em direcção à sombra das enormes muralhas e a ela se mesclou com a bebé, subindo pela pedra fria sem lhe tocar e literalmente escorrendo pelo lado oposto abaixo, servindo-se da sombra de um edifício como escada. Estava agora num beco escuro e os familiares ruídos animados da cidade vieram-lhe ao ouvido. Segura de que passaria por mais uma simples mãe com a filha ao colo, voltou a materializar-se e encaminhou-se para a agitada rua, cuja actividade não diminuía nem a altas horas da noite, não no distrito Sul, um aglomerado de tabernas e casas de prazer mais ou menos legais. Não temia ser incomodada, pois sabia que mesmo este local de libertinagem estava sob a constante vigilância da guarda, pelo que avançou despreocupada pela rua, ignorando os inevitáveis convites, piropos e ofertas que a envolviam a ela, a bebé ou mesmo ela e a bebé, que estranhamente não chorava com o bulício e tanta gente estranha.

Linda menina... sussurrou Hazabel com a sua voz rouca. És corajosa e não tens medo de desconhecidos, não é? Continua assim e o teu futuro será promissor.

Como se tivesse percebido, a bebé assim fez.

Seguindo os caminhos conhecidos, em breve chegou perto do palácio. Contornando a luz das tochas, Hazabel mesclou-se mais uma vez às sombras e subiu pela parede acima até ao telhado, onde accionou um mecanismo secreto que abriu uma portinhola que selava o acesso a uma escadaria. Desceu por ela e pressionou uma pedra que abriu um painel na parede, permitindo-lhe aceder a um quarto que viera a

conhecer e odiar durante a sua vida. Era pequeno se comparado com as amplas salas e deslumbrantes átrios do palácio e só podia pertencer a um criado ou servo de estatuto inferior. A única decoração consistia de um jogo de vários trajes coloridos e uma coleção de adagas e punhais ornamentais. Uma tapeçaria rude e meio rota que evocava uma cena de traição na qual um homem cortava o pescoço de um outro que ostentava uma coroa pendia de uma das paredes, em baixo da qual se encontrava um baú de madeira velha e escurecida. A única luz que entraria durante o dia seria a pouca capaz de atravessar uma pequena janela gradeada na parede oposta à da tapeçaria. Fora aqui onde o seu mestre a invocara pela primeira vez e a condenara a uma vida de servidão. Tais pensamentos fizeram-na tremer de raiva contida ao longo de anos, mas entrou e deitou a bebé numa cama de lençóis de linho áspero e esperou de pé.

Assim ficou durante um longo período, sempre olhando para a porta que teimava em se abrir. Finalmente, alguém entrou abruptamente no quarto, estacando de surpresa ao constatar a presença de Hazabel, que permaneceu impassível a olhar para o recém-chegado. Quando este se recompôs, Hazabel manteve o seu olhar frio fixo nele.

Por que não anunciaste a tua chegada, Hazabel? perguntou o homem.

Não tive tempo. Haveis-me ordenado que viesse o mais rápido possível e assim o fiz, *mestre*.

O azedume da palavra não escapou aos ouvidos do mestre, que sorriu e se riu com desdém, oculto pela penumbra do quarto fracamente iluminado pela lua.

Onde está ela? perguntou.

A harahan limitou-se a apontar para a cama sobre a qual a bebé dormia.

O homem virou a cara e a veia da sua jugular exposta parecia convidar as garras de Hazabel a rasgá-la. A harahan permitiu-se um breve sorriso enquanto imaginava o odiado mestre a sangrar aos borbotões, agarrado desesperadamente à garganta cortada. Mas tais pensamentos não passavam de ilusões, por isso despachou-se a tirá-los da sua mente. Pelo menos por enquanto...

O homem observava a bebé, toda envolta em lençóis quentes e a chuchar um dedo enquanto ressonava silenciosamente.

Então é isto que me trazes: uma linda e adorável bebé, que certamente será uma encantadora donzela...

Mas mestre, eu já...

Um inesperado e forte golpe das costas da mão do seu mestre interrompeu-lhe a fala e virou-lhe a cara.

Não me interrompas, estúpida! advertiu. Já chega o teres trazido uma rapariga, não preciso dos teus inúteis comentários!

Hazabel fitou-o com um fio de sangue a escorrer do canto da boca, uma expressão irada e uns olhos ardentes. O homem sorriu e desferiu outra pancada mais forte ainda. Agora os dois cantos da boca da harahan escorriam sangue em estreitos fios, que também tingiam os intervalos entre os seus dentes cerrados de vermelho. Quão fácil seria ter partido aquele punho, esmagá-lo como uma casca de ovo! Quão pouco esforço seria necessário para esventrar aquela barriga, arrancar aqueles olhos zombeteiros e rasgar a sua língua irritante! Todo o seu corpo tremia como se algo a estivesse a refrear.

O mestre riu mais uma vez com desdém.

Anda, descarrega em mim a tua raiva. Não me vou mexer. Abriu os braços e levantou o queixo de forma a deixar a garganta tentadoramente exposta. Hazabel não se mexeu, apesar de tremer quase espasmodicamente.

Tanta raiva ainda te vai matar, querida Hazabel... disse por fim, baixando as mãos e voltando a olhar para a bebé. Então a tua ideia é fazer com que esta menina suba ao poder? Não será fácil... como queres provar que é a filha de Aewyre Thoryn?

Desde que empunhe Ancalach, subirá ao trono... disse a harahan com voz trémula.

E onde está a espada dos reis, minha querida? perguntou sarcasticamente.

Hazabel cerrou os punhos.

Eu vou conseguir a espada asseverou, convicta.

Talvez isso não seja necessário. Já mandei outro atrás dela.

Quem?

Algo poderoso...

Quem? repetiu.

O mestre levantou a mão ameaçadoramente, mas Hazabel nem piscou.

Andas muito curiosa... talvez te deixe voltar a tentar para satisfazeres essa tua curiosidade. Gostarias disso?

Hazabel apertava com tanta força que as suas unhas começaram a verter sangue da palma das suas mãos.

Se alguém vai tirar a espada a Aewyre Thoryn, serei eu.

Assim espero. Mas não te preocupes, o meu outro enviado trar-ma-á se tu não o conseguires.

Eu vou conseguir!

O mestre sorriu e abanou a mão num gesto de dispensação, dirigindo-se mais uma vez à bebé.

E quanto a ela? inquiriu a harahan, referindo-se à criança.

Os instintos maternos estão a vir à tona, querida Hazabel? Certamente não o esperava de alguém tão requintadamente maldoso

como tu...

Hazabel aliviou a pressão antes que pudesse rasgar os tendões das suas mãos.

Esse rebento nada significa para mim.

Então vai-te embora e traz-me a espada.

Com um último olhar raivoso, Hazabel mesclou-se às sombras e o mestre viu um vulto a deslizar pela penumbra para fora do quarto.

Adorável... se ao menos deixasse de se portar como uma gata selvagem... pensou em voz alta.

Observou atentamente a bebé, que abria os grandes olhos azuis devido ao momento de tensão e o fitava curiosamente. Quando os olhares se cruzaram, abriu a boca e sorriu, aparentemente divertida.

E quanto a ti, pequena, vamos tratar dessa saúde. Quero que cresças forte e saudável. Quem sabe, talvez possas servir para outras coisas...

Subitamente, o homem estacou, como se tivesse embatido contra uma parede. Os seus olhos arregalaram-se, fixos nas sombras que o envolviam e um arrepio frio rastejou-lhe repentinamente pela espinha.

Mestre... mestre, eu... gaguejou.

Uma voz inaudível silenciou-o e a penumbra parecia serpentear ameaçadoramente à sua volta.

S-sim, mestre... n-não, mestre, nunca! Jamais tocarei na rapariga se é esse o Vosso de-desejo. Não, não, mestre, sou o Vosso leal, obediente e temente servo. Sempre! Sim, mestre... não, mestre, ela é toda Vossa. As minhas indignas e sujas mãos não lhe tocarão... Obrigado, muito obrigado, generoso mestre.

As sombras pareceram acalmar e o homem pôde sacudir os arrepios para fora do seu corpo, mas não as abandonou.

A Vossa vontade é a minha razão de viver, mestre... acrescentou ainda, fitando a bebé, que lhe retribuiu o olhar.

Um riso lunático ecoou pelos corredores do palácio e os guardas olharam em redor e sentiram um arrepio a percorrer-lhes o corpo.

A madeira em chamas crepitava, soltando o abençoado fumo que expulsava os insectos. Os braços de Taislin estavam doridos de tanto ter abanado o ramo para afugentar mosquitos, mas o conforto que o calor das chamas lhe proporcionava permitiu-lhe esquecer a rigidez dos seus membros. Um estalo atrás de si colocou-o num imediato estado alerta e o burrik virou-se, constatando que era Lhiannah quem se encaminhava para perto de si, cada passo a espremer limo do solo húmido.

Como está o Worick? perguntou genuinamente preocupado com o thuragar que não perdia nenhuma oportunidade para lhe tentar rachar a cabeça.

Na mesma respondeu Lhiannah, sentando-se num tronco morto. O Allumno diz que ele vai ficar bem, mas a febre...

Esse thuragar poderia beber a saliva de Wrallach e começar a saltar fresco como uma fonte no dia seguinte assegurou Taislin com uma palmadinha reconfortante no atlético braço de Lhiannah.

A arinnir aceitou a motivação do seu pequeno amigo com um sorriso grato, que se moldou numa careta quando se viu forçada a coçar a pele vermelha, suspirando irritada.

Continua na mesma?

Está um pouco melhor, mas arde como se me tivessem plantado urtigas na cara! disse, enfatizando com fortes esfregadelas.

Taislin puxou os lábios para dentro e ergueu as sobrancelhas, resignado com o facto de não poder ajudar a sua amiga. Atirou um punhado de folhas que haviam estado a secar perto da fogueira para dentro do fogo e as suas pupilas felinas encolheram-se em duas fendas verticais com o súbito clarão das fulgurantes chamas.

Sabes, parece que és sempre o único que não sai todo partido e a sangrar dos confrontos comentou Lhiannah.

Sorte de burrik... supôs Taislin.

Deve ser. Que sorte temos nós de te ter no nosso grupo. O burrik olhou para ela, como se estivesse a duvidar da sua sinceridade. Falo a sério. Quantas vezes já salvaste a situação? Quem apanhou o Babaki nas montanhas? Quem nos salvou em Alyun...?

Tive uma ajudinha da Slayra...

Quem nos salvou mais uma vez em Alyun, tirando Ancalach a Coilen? continuou a princesa, sem vontade de falar sobre a eahanoir.

Taislin corou e olhou para o chão, embaraçado com os elogios e louvores irrefutáveis que lhe eram dirigidos pela primeira vez na sua vida, uma existência em contínua fuga, sem poder confiar em ninguém nem ser merecedor de confiança. Decididamente, encontrara verdadeiros amigos neste grupo, talvez até mesmo um propósito na sua vida despreocupada e sem objectivos senão o de sobrevivência. Murmurou um agradecimento e fitou Lhiannah, deixando-se envolver na beleza azul com pintas amarelas dos seus olhos e traçando o seu característico sorriso recto de uma orelha à outra, emitindo um leve ronrom de contentamento.

Agora vai dormir. Eu fico de vigia. Acho que não vou conseguir dormir com este ardor na cara de qualquer forma...

A acção mais óbvia seria a de discordar, pois era evidente que Lhiannah necessitava mais de descanso do que ele, mas antes que pudesse abrir a boca, a arinnir puxou-o para si e deu-lhe um beijo na testa enrugada de surpresa.

Não te preocupes comigo, já dormi um pouco. Vai lá deitar-te... O burrik assim fez sem qualquer tipo de comentário e adormeceu com um insolente sorriso estampado na cara. Lhiannah virou-se para trás para se certificar de que Taislin se deitara e virou-se outra vez para a fogueira, começando a mexer nos ramos em brasa com um longo graveto podre. O que estava ela a fazer aqui? Era motivada pelo desejo de aventura, mas sabia muito bem que Moorenglade teria sido a sua última opção, precedida por Asmodeon. O seu mentor poderia ter morrido e ela também, condenados a um frio túmulo por baixo das águas turvas dos pântanos. Havia conseguido a inimizade de um druida negro, algo que significaria morte certa para quem fosse ousado ou tolo o suficiente para permanecer nos seus domínios, mas aqui estavam eles, enveredando cada vez mais pelos obscuros trilhos do pântano, lar de inúmeros e inomináveis horrores que se escondiam nas sombras, prontos para atacar o viajante incauto e o alerta. Deviam ser mesmo parvos...

Tudo por causa de um raio de uma manopla ferrugenta que aquele Aewyre se comprometeu a devolver por causa daquela...

A princesa caiu em si e evitou proferir o fim da frase. A rapariga não tinha culpa e não seria correcto deixar o seu nome cair em opróbrio. Porquê descarregar as frustrações na sua pobre alma? Porquê, realmente? Seria por causa do Aewyre?

O pensamento fez com que partisse o graveto, e esse não foi o único ruído que ouviu.

Lhiannah virou-se e levantou-se rapidamente, confrontando um humanóide que se encontrava a poucos passos de si.

Desembainhou a espada de imediato e avisou os companheiros, que não se conseguiram levantar antes que o humanóide atacasse com as garras. Era uma criatura em tudo parecida com um homem, não fosse pela cor verde da sua pele e a textura fibrosa com retalhos de musgo da mesma. Em vez de cabelos, parecia ter finas folhas e os seus olhos eram simples cavidades vazias, mas os dentes arreganhados eram afiados e tinham uma cor acastanhada de madeira.

Sem perder mais tempo com observações, Lhiannah estocou em frente e trespassou a cara da criatura com a fina lâmina da sua espada. Puxou-a para trás e trouxe com o movimento um esguicho de fluido resinoso, mas a criatura não tombou, para grande surpresa de Lhiannah, que por pouco não evitava as garras que alvejavam a sua cara já castigada. Deu um passo atrás e cobriu a retirada com uma varredela que decepou a mão da criatura, que não proferiu grito de dor algum nem deu quaisquer indícios de estar magoada. Enraivecida, Lhiannah flectiu o joelho para a frente, levou a sua espada acima e desenhou um arco descendente que separou a cabeça da criatura em duas partes, que jorraram mais líquido resinoso. Mesmo assim, a criatura avançou e conseguiu finalmente arranhar Lhiannah, rasgando o seu ombro esquerdo com garras farpadas. A arinnir gritou e desferiu dois cortes diagonais seguidos, infligindo profundos talhos que sangraram em profusão, mas a despeito dos ferimentos certamente mortais, a criatura não parava e girava os braços em várias tentativas de golpes.

Os outros já se haviam levantado e, sem vestir as armaduras, foram socorrer Lhiannah. Antes que lá chegassem, a arinnir cortou-lhe as pernas pelos joelhos e a criatura tombou, mas não deixou de o golpear até ele parar de se mexer. Pensando que o perigo passara, a arinnir permitiu-se relaxar até ver mais vultos nas sombras a avançarem na sua direcção.

Cuidado! Eles estão à nossa volta! avisou, recuando para perto dos outros.

A princesa tinha razão, pois os humanóides tinham-nos cercado e agora avançavam, lentamente e sem proferir som algum. Tinham todos uma configuração física semelhante, apesar de variarem bastante no aspecto, tendo alguns ramos na cabeça, outros folhas, alguns líquenes no peito e outros mesmo troncos cravados nas costas.

Vegears! Não se contenham nos golpes! avisou Allumno.

Uma seta de Quenestil singrou contra um deles, trespassando-lhe um olho vazio, mas a criatura não retardou o passo nem um pouco.

As tuas flechas são inúteis contra eles, Quenestil! disse o mago, preparando um feitiço. O melhor é guardares o Worick com a Slayra e o Taislin!

Coube então a Aewyre, Lhiannah, Allumno e Babaki conterem a horda vegetal que se aproximava deles, fitando-os com cavidades desprovidas de olhos. Apesar de confiante, o antroleo jurou a si próprio que só se tornaria shakarex se fosse absolutamente necessário, pelo que sacou das suas *shwafwif*, as terríveis lâminas curvas de duas pontas da sua raça e colocou-se numa posição defensiva.

O fogo voltou a brilhar nos olhos de Aewyre e Ancalach brilhava também à luz da fogueira. Ao lado do guerreiro, Lhiannah sabia que nenhuma das criaturas passaria por eles e brandiu a espada resinosa desafiadoramente.

O primeiro feitiço de Allumno criou um fraco redemoinho luminoso que envolveu os vegears sem qualquer outro efeito aparente. O mago praguejou atrás de si e Lhiannah percebeu que o feitiço não funcionara, mas a arinnir viu-se forçada a esquecer o pensamento para "aparar um golpe de uma das criaturas.

Maldição! exclamou Allumno.

Faz os teus feitiços e não te preocupes com isso, mago! disse Lhiannah, abrindo um peito foliáceo. A princesa era suficientemente versada na Arte da Palavra para saber que havia resíduos da Entropia em todas as criaturas de Allaryia, numas mais que em outras, que interferiam com o funcionamento da Essência moldada pelos magos.

Babaki varria o ar com as *shwafwif*, cortando e decepando quem se aproximava, tentando a todo o custo suprimir o animal que ameaçava vir à tona, o que lhe custou vários arranhões.

Ao lado do antroleo, Aewyre defendia-se dos ataques e ripostava com golpes certos que teriam morto qualquer homem, mas que apenas retardavam o avanço dos seus adversários. Havia algo errado no guerreiro, notou Lhiannah, algo que não correspondia ao seu habitual estilo de luta... Até que a visão de garras sedentas do seu sangue a acordaram e a forçaram a concentrar-se nos seus próprios ataques.

Quenestil, Lhiannah e Taislin sentiam-se inúteis, refugiados atrás dos seus companheiros que combatiam pelas suas vidas e as deles. Os punhais de Slayra brilhavam, famintos nas suas mãos, mas a

eahanna negra sabia que de pouco uso seriam contra as insensíveis criaturas.

Temos de fazer alguma coisa! disse Quenestil, frustrado.

O quê? As tuas flechas de nada servem contra aquelas criaturas!

retorquiu Slayra.

Não servem... repetiu o eahan, olhando em redor até os seus olhos assentarem na fogueira bem à sua frente. Não servem para nada... reiterou, tirando várias flechas da sua aljava e espetando-as no centro do fogo.

Isso mesmo! Queima as flechas, são inúteis de qualquer forma...

implicou a eahanoir, julgando as acções de Quenestil fruto da frustração.

Babaki rosnava, cortando os seus adversários sem piedade, mas o seu ritmo desacelerava assim que ele sentia o animal a tentar tomar o controlo. O seu pêlo castanho-claro estava coberto do líquido resinoso que parecia ser o sangue das criaturas e as marcas de golpes estavam visíveis, mas não era essa a razão da sua hesitação. Não, era o medo que fomentara ao longo da sua vida de ser controlado pelo espírito selvagem que herdara dos seus antepassados, os temíveis shakarex, o mais poderoso clã da história do povo antroleo. Mesmo agora, sentindo-se capaz de controlar o animal, Babaki temia ser dominado e para sempre ficar aprisionado na fera selvagem, pois cada transformação era para ele um árduo conflito. Mesmo agora, com vários membros e corpos verdes a seus pés e com mais inimigos a aproximarem-se, recusava-se a libertar o animal.

Eu sou eu, fera maldita. Não me vais dominar... disse o antroleo para si mesmo na sua língua animalesca.

Outro golpe Aewyre aparou e outro membro pelos ares voou, dando continuidade à interminável sequência de movimentos que parecia sempre funcionar com aquelas criaturas desprovidas de qualquer noção de tácticas para além de cercar um adversário e atacar em massa, uma massa que parecia infindável. Os seus braços davam indícios de cansaço, pois o guerreiro ainda não havia repousado nesse dia e a velocidade dos seus golpes começou a diminuir. Mas não era só o cansaço físico que lhe tornava os movimentos lerdos, Lhiannah sabia-o. Havia algo que exauria o guerreiro por dentro e o fazia lutar como um combatente resignado e sem esperança.

Maldição Aewyre, acorda homem! praguejou Lhiannah, também ela muito aquém do seu desempenho habitual devido ao cansaço físico.

Uma flecha de Quenestil silvou perto do seu ouvido e foi cravar-se no peito de uma das criaturas, deixando um trilho de fumo atrás de si.

Cuidado, Quenestil! berrou a arinnir. E se queres ajudar, desembainha essa tua faca de cozinha e vem lutar!

O eahan ignorou o comentário e despejou uma chuva de flechas em vários alvos, criando uma autêntica teia de fumo à volta. Mas não aconteceu o que esperara. Slayra, finalmente entendendo a lógica das acções do eahan, percebeu porquê.

Allumno! chamou. Consegues criar vento?

A eahanna puxou a manga do mago e quebrou-lhe a concentração. Este virou-se para ela com uma expressão de incredulidade e fúria enquanto o seu feitiço se desvanecia no ar com faíscas.

Consegues criar vento?

És louca, mulher? Queres matar...

Consegues criar vento ou não? gritou a eahanna, surpreendendo-o.

Claro que consigo! berrou Allumno de volta quando se recompôs.

Então fá-lo!

O quê?!? exclamou, perplexo.

Se queres salvar-nos, fá-lo e já, senão morremos todos! insistiu, apontando para a crescente horda de vegears.

O mago hesitou, mas então viu as flechas fumegantes cravadas em muitos vegears e compreendeu. Através da Palavra ordenou que o ar estagnado do pântano se mexesse e uma súbita rajada de vento abateu-se sobre o acampamento e o seu sopro abanou os cabelos dos companheiros e quase puxou as labaredas para fora da fogueira. Mas a intenção de Allumno fora outra e o mago sorriu quando as hastes das flechas em brasa brilharam, começando a propagar o seu calor pela pele húmida mas inflamável dos vegears, que rapidamente irromperam em chamas vorazes.

Os companheiros da linha defensiva foram momentaneamente surpresos por esta repentina conflagração, mas perceberam que a vantagem agora era deles e contra-atacaram furiosamente, esforçando-se por fazer com que os corpos ardentes tocassem nos restantes que não haviam sido atingidos pelas flechas. Em breve viram-se cercados por uma silenciosamente agonizante horda de vegears em chamas que os consumiam lenta mas progressivamente.

Então, parecendo finalmente aperceberem-se do perigo e da morte certa que os aguardava nas lâminas dos companheiros, os vegears

começaram a retirar desorganizadamente e muitos caíram ainda, atacados pelas costas.

Finalmente, satisfeitos com a debandada geral e sem forças para uma perseguição, os companheiros deixaram-nos fugir e reagruparam-se. Nenhum estava gravemente ferido, mas havia alguns cortes feios e o líquido resinoso das feridas dos vegears começava a secar nas suas peles, pelo que todos se esfregaram vigorosamente com musgo seco. As criaturas não haviam sequer chegado perto de Worick, que ainda jazia febril no mesmo sítio onde o haviam deixado, perto da fogueira. Os companheiros tratavam das feridas uns dos outros, mas Quenestil e Slayra entreolhavam-se frequentemente, tendo cada um ganho uma certa medida de respeito pelo outro depois do combate. Ambos desejavam ardentemente saber o que ia na cabeça do outro, mas essas seriam perguntas a fazer após um merecido descanso.

Eu sabia que ele nos iria atacar. Não devíamos ter permanecido neste mesmo sítio afirmou o eahan, tanto para evitar o olhar penetrante de Slayra como também para pôr sal na ferida da mesma.

Isso agora pouco importava retorquiu Aewyre, como se pressentisse o conflito vindouro entre os dois. Saímos agora mesmo deste maldito lugar.

Todos olharam para o guerreiro, o líder que haviam escolhido por voto não tão unânime, mas que todos respeitavam de uma forma ou de outra.

Será acertado continuarmos a caminhar, Aewyre? perguntou Lhiannah, pouco convencida da sapiência de tal decisão. Nenhum de nós descansou ainda e muitos estão feridos...

Não vou ficar aqui à espera que me ataquem. Se o quiserem fazer, que nos procurem então! Só sei que o Worick está doente e que pode morrer se permanecermos aqui! cuspiu Aewyre, inesperadamente irritado.

Tocada pela preocupação do guerreiro pelo seu mentor, sobrepondo o seu bem-estar ao objectivo que se comprometera a cumprir com um deus, a arinnir não respondeu. Em vez disso, pôs-lhe a mão no ombro forte e sorriu aprovadoramente.

Não vamos dormir? lamuriou-se Taislin, consternado com a ideia de não pregar olho por uma só noite que fosse.

É extremamente perigoso aventurarmo-nos pelos pântanos à noite, sejam eles quais forem advertiu Quenestil.

Mais perigoso será ainda esperar que esses pântanos se abatam sobre nós respondeu Aewyre.

No entanto, Quenestil não estava convencido.

Podíamos ter continuado a andar durante o dia, mas à noite...

Sáímos daqui hoje ainda reiterou Aewyre, e o seu tom deu a entender que não haveria mais discussão.

Resignado, Quenestil começou a empacotar as suas coisas perante o olhar deleitado de Slayra. Para ela, não havia nada como ver o eahan vencido.

FUGA

Se Moorenglade era pouco acolhedor durante o dia, talvez até mesmo assustador para quem penetrasse um pouco no pântano, durante a noite era definitivamente apavorante. As árvores mortas aparentavam mexer-se, apesar de não haver a mínima brisa, mas os seus ramos podres não produziam qualquer tipo de som. O silêncio era pesado e sufocante, pairando sobre o grupo como uma venda invisível a ocultar os terríveis perigos que aguardavam escondidos nas sombras. Se não fosse pelos respingos e sons molhados que passos cuidadosos dos companheiros produziam, aquela quietude seria certamente enlouquecedora. Por vezes, as sombras eram iluminadas por pontos luminosos de variáveis tamanhos, que fitavam o grupo brevemente e depois se desvaneciam. A situação era enervante para todos e cada um olhava para todos os lados, agitando as tochas para se convencer de que era ele próprio a causar os movimentos das sombras, esperando que garras ou mandíbulas saíssem de repente da penumbra para o agarrar e puxar para os seus domínios sombrios.

Quenestil, tens a certeza de que passámos por aqui? perguntou Taislin com um ligeiro tremor na voz aguda.

Claro que sim... presta atenção ao que te rodeia e deixa os trilhos comigo assegurou o eahan, mas o tom pouco confiante da sua voz fez pouco para reconfortar os companheiros.

Aewyre e Babaki, que carregavam a liteira com Worick, estavam a ter dificuldades em manter o passo, pois a liteira improvisada não era muito prática para carregar e o terreno era traiçoeiro e escorregadio. Os restantes esforçavam-se por se manterem juntos.

Assim caminharam pela noite adentro, sempre a ouvir passos atrás de si, que os compeliavam a acelerar o passo, uma árdua tarefa para as suas pernas cansadas naquele terreno. Várias vezes tropeçaram e caíram no lodo, mas os restantes ajudavam rapidamente quem tivesse caído e a marcha prosseguiu quase ininterruptamente. Finalmente, quase como uma bênção, o Sol reivindicou o seu lugar no céu e os seus raios dourados foram acolhidos pelos companheiros, que reuniram coragem suficiente para parar e descansar um pouco.

Agora é relativamente seguro assegurou Allumno com voz pesada de sono. Vegears ficam parados durante o dia para apanhar sol. Se não os incomodarmos, eles não nos farão nada.

Os vegears não são a única ameaça dos pântanos... lembrou Quenestil.

É verdade admitiu o mago, mas algum pretexto temos de arranjar para fazer um intervalo, senão tombamos de exaustão.

Quenestil teve de concordar ao ver Allumno a esfregar as costas, Aewyre e Babaki a relaxarem os braços com os quais haviam carregado a liteira, Slayra sentada a ofegar e Taislin deitado no chão lodoso. Se Lhiannah estava cansada, era difícil de dizer, pois a princesa ajoelhara-se perto de Worick para lhe afagar os cabelos empapados de suor.

O crocitar de corvos substituíra o silêncio preocupante da noite passada, mas pouco fazia para sossegar os exaustos companheiros, que ainda ouviam as pegadas molhadas nas suas cabeças. Quenestil reparou na neblina que se levantara quando olhou em redor para a paisagem brumosa. Isso iria complicar a viagem de regresso e daria mais cobertura para os perigos que os aguardavam...

Então, Quenestil? Consegues orientar-te? perguntou Babaki.

Hei-de conseguir, meu amigo assegurou, sem olhar para o antroleo. Não passa de uma névoa matinal, mas estes pântanos... sinto-me um estranho aqui, como se a própria Natureza se estivesse a afastar de mim.

Compreendo o que dizes. Nunca vi um lugar como este. As águas exalam veneno, as árvores morrem e deixam as carcaças para trás, e os animais... onde estão eles?

Não sei, também não vi nenhum, a não ser o rato e estes corvos Olhou para a copa das árvores obstruídas pelo nevoeiro.

É verdadeiramente um sítio maldito. Parece que a própria Natureza abandonou este lugar...

Essas palavras soaram dolorosamente na cabeça de Quenestil, como todas as verdades que se tentam negar o fazem. ”... *A Natureza abandonou este lugar...*”

Não! negou o eahan, fitando o antroleo com um olhar inesperadamente zangado.

Quenestil afastou-se e caminhou para longe de Babaki, que ficou a olhar para o seu amigo sem compreender a sua reacção.

O Sol já ia adiantado quando os companheiros, mais exaustos do que haviam julgado, retomaram a marcha. Worick parecia estar a delirar, proferindo impropérios ocasionalmente e balbuciando o resto do tempo. Lhiannah tomou isso como um sinal de que o pior já passara e Allumno concordou para lhe dar esperanças, apesar de pensar precisamente o contrário. A esperança, sabia-o, era a única coisa que podia fazer com que escapassem vivos do pântano. Se se entregassem ao desespero prematuramente, não teriam quaisquer hipóteses de sobreviver. O mago olhou em redor e pensou se não seria talvez já tarde demais. Aewyre estava ainda mais cabisbaixo e melancólico do que era habitual, provavelmente devido à decisão de abandonar Moorenglade sem qualquer pista sobre o destino da procissão ou da manopla de Karasthan, sem a qual não conseguiria deixar a memória de Nabella para trás. Allumno temia as consequências que isso poderia ter, preocupado com a possibilidade de ver o enorme potencial do seu protegido não chegar a ser aproveitado.

Quenestil parecia extremamente perturbado pelo que o rodeava, como se as suas convicções e o que aprendera sobre a Natureza, que servia de corpo e alma, estivessem a ser lentamente destruídas pela simples existência de Moorenglade, a perversão incorporada de tudo em que o eahan acreditara. Worick estava doente, talvez corresse perigo de vida, e Lhiannah sofria com o seu mentor, partilhando da sua dor, o que deixava o grupo de certa forma reduzido a um mago, um ladrãozeco e uma assassina imprevisível. O trilho adiante parecia de facto negro...

O dia passou sem quaisquer sobressaltos ou problemas, mas Quenestil começava a sentir que havia realmente perdido a orientação e isso não passou despercebido aos companheiros, que não baixaram a guarda até chegarem a uma área que exibia claros indícios de uma luta. O local era ideal para uma emboscada, pois consistia num trilho em cujo flanco subia um acentuado declive, formando uma ladeira que ensombrava o caminho. Esse caminho estava coberto de pequenos montículos de

matéria em decomposição e as árvores podres em redor apresentavam marcas nas suas cascas. Cuidadoso, Quenestil aproximou-se para inspeccionar melhor e os outros seguiram-no alguns passos atrás. O eahan acorrou-se perto de um montículo e observou-o atentamente, tacteando a matéria decomposta com um dedo e examinando-a perto da cara.

Isto já está aqui há algum tempo. Duas semanas, talvez...

O que é isso? inquiriu Lhiannah.

Quenestil encolheu os ombros, mas Allumno disse que pensava tratarem-se dos restos decompostos de vegears.

Então o que eles combateram... sugeriu Quenestil. Allumno complementou-lhe a frase, indicando com a cabeça para baixo.

Se não foram enterrados, o próprio solo deve tê-los engolido disse o mago, notando a ausência de hastes de lança.

Os companheiros começaram a escavar e Quenestil inspeccionou as redondezas. Babaki encontrou o primeiro osso e não tardaram a surgir os restantes, vestidos com armaduras parcialmente corroídas, um monte de esqueletos empilhados e cobertos por um icor amarelento que fez com que todos pensassem duas vezes antes de lhes tocar. Allumno abanou positivamente a cabeça ao constatar a veracidade da sua teoria sobre o solo agir como agente de limpeza.

Quantos? perguntou Aewyre, desalentado.

Vinte, talvez mais contou Allumno.

O suficiente para dizimar a guarda de uma procissão? indagou Lhiannah.

Possível. Mas todos têm armadura, nenhum sacerdote foi morto.

Os clérigos de Gilgethan usam armadura lembrou Aewyre. Allumno esquecera-se desse pormenor. Estava tão cansado... abanou o pensamento para fora da cabeça.

Procuremos a manopla então, se é que estes são realmente os corpos de clérigos...

Após cinco horas a escavar incessantemente no lodo e terreno limoso, os companheiros desistiram e convenceram-se de que os sacerdotes haviam sobrevivido e levado a manopla consigo. Quenestil encontrara também rastros pouco recentes, mas o trilho brutalmente espezinhado num canavial e os danos nas plantas próximas davam indícios de uma fuga apressada.

Temos de supor então que eles escaparam a outra emboscada opinou Quenestil, olhando os companheiros para ganhar apoio para a sua declaração.

Resta a pergunta, seguimos o rasto ou vamos embora? perguntou Allumno com Aewyre sobre o seu olhar.

O Worick está ferido. Vamos embora disse Aewyre sem sequer reflectir, tonto com sono.

Quenestil coçou a nuca, num gesto que traduzia vergonha em confessar algo, mas só Slayra reparou.

Por que esperas, Quenestil? Tira-nos daqui pediu o guerreiro.

Mas podíamos seguir o trilho. Os sacerdotes deviam saber o caminho... sugeriu o eahan, esperançoso de não ter de manchar o seu orgulho a admitir que não se conseguia orientar.

Talvez, só que seria difícil orientarem-se durante uma fuga disse Slayra, ou será que confias mais em sacerdotes fugitivos do que nas tuas habilidades? A eahanna negra teve o cuidado em soar irónica ao proferir a última palavra, o que não passou despercebido ao atento eahan.

Antes que pudesse responder, Quenestil não pôde deixar de reparar que uma névoa parecia ter começado a envolvê-los, despercebidamente até agora. Os outros seguiram o olhar do eahan e viram também as brumas que os cercavam. Sem se aperceberem, os companheiros viram-se com as armas na mão e formando um círculo defensivo à volta da liteira, pois havia algo misterioso e estranhamento hostil naquela névoa.

Não gosto disto disse Taislin, trémulo.

Não gosto de nada neste pântano confessou Quenestil, apontando com a comprida faca em direcções aleatórias, como se esperasse um ataque de todos os lados.

Mas nada aconteceu nos momentos seguintes e nada parecia vir a acontecer. Mesmo assim, a névoa enervava os companheiros, que não se sentiam seguros envoltos no seu frio abraço. Finalmente, Quenestil embainhou a arma e os restantes companheiros fizeram o mesmo, apesar de manterem as mãos muito perto das bainhas.

Agora temos outro problema avisou o eahan.

Os outros não responderam, pois sabiam muito bem qual era.

Com esta névoa, vai ser ainda mais difícil tentar encontrar o caminho para fora daqui.

Acho que já o era mesmo sem a névoa provocou Slayra com um sorriso malicioso.

Nesse caso, temos duas opções interferiu Allumno de modo a evitar o conflito, ou continuamos, correndo o risco de nos perdermos

o mago suprimiu um "ainda mais", pois não queria provocar o eahan, ou ficamos aqui mesmo e esperamos que a névoa passe. Apesar do olhar desesperado de Lhiannah, optaram por permanecer no local e montaram o acampamento em cima da ladeira para evitar ataques por cima das suas cabeças. Comeram a refeição da tarde e grande foi a consternação dos companheiros ao constatar que os insectos e a humidade haviam estragado ou abalorecido o pão e o resto das provisões, sobrando apenas a carne seca e o queijo. A água também começava a escassear, mas Quenestil advertia mais uma vez que deveriam poupá-la ao máximo, pois queria evitar ter de beber das águas de Moorenglade. O eahan cavou um buraco perto de água estagnada com a ajuda de Babaki e esperou que ela se filtrasse para dentro dele. O antroleo, provavelmente o membro mais resistente do grupo, logo a seguir a Worick, ofereceu-se para beber da água filtrada e nada de mal lhe sucedeu, excepto uma dor de barriga que veio mais tarde, mas o líquido cheirava mal e sabia pessimamente e Quenestil achou melhor usá-la somente como último recurso.

Maldito lugar este murmurou Taislin.

A névoa perdurou durante o resto do dia e ainda cobria os pântanos quando o Sol se deitou, para o abatimento dos companheiros.

Nada nos resta a não ser dormir declarou Aewyre francamente. Eu faço o primeiro turno.

E assim os outros fizeram, adivinhando os horrores que a noite traria e perguntando-se a quantas mais poderiam sobreviver.

"Por que os trouxe eu? Por que lhes permiti que viessem?", indagou-se Aewyre, olhando para os seus exaustos amigos, imersos no sono dos justos. *"Eu devia ter vindo sozinho. Se tivesse de morrer, aceitaria a minha morte de bom grado, nada mais tenho a perder... Mas eles, a Lhiannah, o Worick, o Quenestil, todos eles, por que tiveram de vir? Não quero mais sangue nas minhas mãos, mais nenhum peso na minha consciência, muito menos o deles."*

O melancólico guerreiro guiou o seu olhar até à fogueira e aí permaneceu, cabeceando de sono. Tudo o que queria era prestar uma última homenagem a Nabella, fazer uma última coisa por ela para que a sua pobre alma não pensasse que ele a esquecera, mas não deixava de se indagar sobre o verdadeiro propósito da sua missão auto-imposta. Queria dar ao túmulo de Nabella a protecção de Gilgethan para mostrar que não a esquecera... ou para poder esquecê-la de consciência tranquila?

Felizmente, algo desviou Aewyre das suas mórbidas contemplações, um som suave, melodioso e doce que o fez sair dos seus pensamentos. O guerreiro levantou a cabeça e olhou em redor, mas tão melíflua era a voz que se acalmou de imediato e a sua pulsação voltou a um ritmo normal. Era uma voz feminina e parecia estar a chamá-lo, a pedir-lhe que viesse ter com ela. Pareceu-lhe ouvir o seu nome, pronunciado de uma forma tão maviosa que Aewyre se levantou de imediato, tomando o cuidado de não acordar os seus amigos. Babaki estava do outro lado do acampamento, mas todo o cuidado era pouco com os ouvidos de Quenestil e o seu sono leve, que provaram ser suficientes para o acordar.

Aewyre levou um dedo aos lábios e esperou que o seu amigo ouvisse a voz, mas o eahan não deu a entender que ouvira, fitando Aewyre com uma expressão preocupada, esperando problemas. Perplexo mas irresistivelmente atraído pela voz cristalina, Aewyre sorriu falsamente para o assegurar de que nada acontecera.

Não te preocupes. Vou mijar.

Quenestil olhou primeiro com uma expressão ensonada, depois abanou a cabeça e aconchegou-se no saco-cama. Aewyre ficou no mesmo sítio, olhando para o ar, tentando certificar-se de que não estava a ouvir coisas, mas a voz continuava a chamá-lo, incitando-o a avançar. Quase enfeitiçado, o guerreiro assim fez e saiu do acampamento, alheio aos amigos ressonantes que deixava para trás.

Todos ressonavam, menos Taislin.

A escuridão era total e Aewyre nada via para além do perímetro da luz da fogueira, mas a voz guiava-o, orientando-o pelas trevas brumosas até o guerreiro distinguir um ponto de luz distante na penumbra. Caminhou até lá, passando por poças fétidas e charcos fumegantes e chegou a um aglomerado de árvores mortas, quase um bosque iluminado por uma fraca luz prateada. Dentro dele dançavam várias figuras brancas, dispostas num círculo à volta de uma outra que se mantinha imóvel. Essas figuras tinham corpos femininos, esguios e delgados e cobertos por véus quase transparentes que praticamente revelavam a integridade dos seus corpos alvos. Dançavam graciosamente como cisnes e cisnes pareciam, movendo os braços como asas e simulando pequenos voos com saltos elegantes, os seus cabelos níveos a esvoaçarem como longas penas.

As figuras pareciam estranhamente deslocadas num local mau, até ao cerne como Moorenglade, pensou Aewyre, mas deixou-se enfeitiçar pela bela visão à mesma, isto é, até reparar na figura que estava no

centro. Sobressaía entre as outras devido aos seus longos cabelos negros e parecia ser ela quem o chamava. A voz insinuava-se subtilmente na sua cabeça, mas o guerreiro tê-la-ia aceite de livre vontade, aquele som musical que pronunciava o seu nome tão docemente...

Aewyre... vem, vem para mim...

A figura parecia cada vez mais familiar à medida que o guerreiro avançava, cada passo seu a afundar o pé no lodo. Não só os cabelos, mas também o corpo, a estatura, os gestos que o incitavam a avançar...

Vem, Aewyre... vem ter comigo, vem abraçar-me...

A pele... a pele estava lívida, mas era mais escura que a das outras figuras, que dançavam alheadas.

Abraça-me, meu amor... fica comigo...

Nabella? gaguejou em surdina, incrédulo.

Beija-me, meu amor... faz-me tua e nunca me abandones...

Aewyre estava agora dentro do círculo, tendo passado pelas dançarinas sem se aperceber. Essas pararam a dança e viraram-se para o centro, mas o guerreiro nem reparou, o seu olhar preso na figura velada à sua frente. Era em tudo idêntica a Nabella, só os seus olhos Vazios é que diferiam dos orbes grandes e castanhos da sua amada que julgara morta.

Nabella, és mesmo tu? perguntou, hesitante.

As figuras à sua roda deram as mãos e começaram a entoar um cântico baixo, formando um coro de vozes maviosas das quais Aewyre nem se apercebeu.

Beija-me, Aewyre... sussurrou a figura.

A Nabella velada abriu os braços e aproximou-se do guerreiro, que permaneceu quieto devido ao espanto ou à incredulidade.

Pelo menos era o que ele julgava.

Começou a sentir as suas forças a serem minadas, se bem que discretamente. Nabella aproximava-se de braços abertos e as figuras do círculo continuavam o seu canto, o canto do cisne.

As pernas de Aewyre tremiam, fraquejando, mas o guerreiro mantinha-se de pé, enfeitiçado pela figura que avançava e pelo canto que lhe ia sugando as forças. Em breve a sua visão ficou turva e só se apercebeu da proximidade de "Nabella" quando os seus braços frios, frios como a morte, lhe envolveram o pescoço.

Beija-me... disse a figura numa voz quase sibilina, e Aewyre entreabriu a boca.

Aewyre! guinchou alguém.

Os braços soltaram o guerreiro, que caiu ao chão como um monte de barro esfacelado.

Taislin fitou o seu amigo, preocupado pela maneira fulminada com a qual caíra, mas tinha problemas maiores agora. As figuras alvas cercaram-no e "Nabella" juntou-se a elas, fitando o burrik com os olhos vazios a chisparem de raiva. Taislin conhecia estes seres muito bem. Selenn, criaturas prateadas da escuridão, enganosamente puras e adversários letais. Predavam viajantes incautos em lugares inóspitos ou desolados, atraindo-os com a visão dos seus desejos ou paixões e sugando-lhes a energia vital com o seu canto do cisne. Devido à sua aparência angelical e ao poder persuasivo da sua magia, muitos não se apercebiam do que realmente enfrentavam até ser tarde demais.

Taislin reuniu toda a sua coragem, desembainhou as suas adagas e arremessou-as à falsa Nabella e a outra figura pelas quais as armas passaram como se o burrik tivesse querido acertar no ar.

Ai... exclamou, não lhe ocorrendo nenhuma frase irónica ou sarcástica que o pudesse tirar daquela situação.

O círculo começou a fechar-se lentamente à sua volta e o burrik cobriu a cara e fechou os olhos.

Um urro inumano despertou-o do seu torpor expectante da morte e Taislin abriu os olhos, fechando-os de imediato devido ao repentino e quase cegante brilho que se reflectiu na lâmina que cortou duas selenn ao meio. Quando estas se desvaneceram, viu Aewyre, as suas feições distorcidas por uma raiva que o burrik julgara apenas Babaki capaz de possuir, e só em forma shakarex. Outro meio círculo foi desenhado por Ancalach e mais duas figuras se desvaneceram, tornando-se fios de fumo que se mesclaram às brumas. Os urros de Aewyre quebraram o encanto da canção e as restantes selenn recuaram de um terceiro golpe e desvaneceram voluntariamente, obviamente tementes da ira do guerreiro, que tombou de joelhos ao constatar que os adversários haviam desaparecido.

Os restantes companheiros chegaram, prontos e armados para o combate, mas só viram Aewyre a soluçar de joelhos com as mãos na cara e Taislin, pálido, a tentar consolá-lo com uma mão amigável no ombro.

A noite foi difícil para o grupo, pois ninguém conseguiu adormecer após os acontecimentos pelos quais Aewyre passara. Na manhã seguinte, o guerreiro estava mais sóbrio e lacónico que nunca e

Allumno ficou visivelmente preocupado. Aewyre insistiu que continuassem, as únicas palavras que proferiu nesse dia. Ao anoitecer e após uma longa e desorientada marcha, o grupo deparou com um terreno alagado, um terreno pelo qual não haviam passado.

Não me lembro de ter atravessado isto... disse Taislin.

Nem eu confirmou Slayra para enfatizar o facto. Quenestil já esperara um comentário da eahanoir, mas não respondeu.

Eu bem disse que não devíamos caminhar durante a noite... admoestou.

Voltemos para trás, então recomendou Lhiannah.

Não, discordou Allumno. Este pântano é atravessado por vários cursos de água. Pode ter havido uma inundação...

Quenestil sabia que a suspeita do mago era absurda, mas aceitou-a, talvez para se convencer a si próprio de que não estavam perdidos naquele amaldiçoado lugar.

Tens razão, Allumno. Continuemos...

A falta de convicção do shura não passou despercebida a nenhum dos companheiros, mas avançaram mesmo assim. A água fria dava-lhes a todos pelo joelho no início (ou seja, estava quase à altura da bacia de Taislin) e conforme andaram, subiu-lhes até à bacia, quando Taislin teria ficado submerso se Babaki o não tivesse colocado às cavalitas.

Está escuro como o coração d'o Flagelo! praguejou Lhiannah. Tenham cuidado com as tochas que eu não vejo a mão à frente do nariz.

Todos concordaram silenciosamente, apesar de a frase de Lhiannah ter feito pouco para quebrar a aura de medo iminente e irracional que se abatera sobre os companheiros. Estava de facto escuro como breu e sem as tochas, os companheiros ficariam completamente cegos na espessa escuridão do pântano.

Então ouviram o corvo.

O breve crocitar do pássaro sobressaltou o grupo, que se habituara ao silêncio total. Ouviu-se o bater de asas e depois mais um crocitar, depois mais outro...

Ele está a vigiar-nos... disse Quenestil, escondendo o nervosismo.

Ele quem? perguntou Lhiannah.

O drui... o homem de negro. Ele está aí, a observar cada movimento nosso.

Como confirmação, ouviu-se outro crocitar. Os companheiros haviam estacado, imóveis, e olhavam nervosamente para os lados e para trás, sem mexer as tochas.

Ouviam-se passos molhados à distância, atrás do grupo.

Apressem-se! Temos de sair da água; aqui a vantagem é deles! avisou o eahan, genuinamente agitado.

Eles quem? perguntou Allumno.

Não interessa! Em frente!

Movidos pelo medo, avançaram pelas águas turvas, cujo fundo mole e traiçoeiro retardava o passo, especialmente o de Aewyre e Babaki, que carregavam a liteira e Taislin por cima dos ombros.

Então Babaki sentiu o peso da liteira descair para a frente e ouviu o corpo de Worick a cair na água.

Aewyre! O que foi? perguntou o antroleo, enfiando os braços dentro de água para recuperar o corpo inerte do thuragar.

Não houve resposta.

Babaki, o que se passa? perguntou Allumno à frente.

Não sei o que aconteceu ao Aewyre!

Taislin baloiçava em cima dos maciços ombros do antroleo, que se baixara para reaver o corpo de Worick e tentava ajudar Babaki, apontando com a tocha para a frente. Por fim, o antroleo içou Worick para cima e o thuragar tossiu a água para fora. Mas à frente de Babaki, alguma coisa chapinhava na água. Colocando o corpo de Worick na liteira semiflutuante, esticou o braço para agarrar o que se contorcia na água e agarrou uma mão, que se cerrou num aperto forte na sua.

Aliviados por verem Aewyre ser içado para fora de água, ninguém reparou nas formas semi-submersas que nadavam à volta do grupo, excepto Taislin, que notou da sua posição superior que algo se mexia. Foi só quando a parca luz da sua tocha iluminou a área que o burrik viu os dorsos nodosos que se aproximavam.

Crocodilos! guinchou. Cuidado com os crocodilos, eles estão à nossa volta!

A sua vozinha estridente sobrepôs-se às dos companheiros e às arfadas de Aewyre, fazendo com que todos olhassem primeiro para Taislin e depois seguissem as frenéticas indicações das suas mãos para olharem à volta. Grande foi o susto quando viram os dorsos a nadar na sua direcção.

Crocodilos! Pela mão decepada de Kispryn, temos de sair da água! continuou o burrik a gritar.

Todos pensaram o mesmo, mas estavam cercados pelos répteis e não poderiam voltar para terra firme, talvez nem mesmo mexer-se.

Todos prepararam as armas e Quenestil foi o primeiro a atacar, disparando uma flecha que resvalou na pele dura e nodosa do dorso de um crocodilo. Os companheiros sentiram-se mais vulneráveis ali do que em qualquer outra altura das suas vidas, experimentando uma espécie de arrepio nas pernas submersas, que tremiam convulsivamente debaixo de água. Babaki arrancou um comprido pau da liteira, ciente de que o curto alcance das suas *shwafwif* de pouco uso seria contra inimigos que o atacavam por baixo.

Não podemos lutar aqui concluiu Aewyre calmamente, apesar de parecer resignado e pronto a lutar tanto ali como em qualquer outro lugar.

Quenestil e os outros olhavam em redor, desesperadamente à procura de um canavial ou uma ilha de juncos que lhes providenciasse uma posição sólida. Qual bênção dos deuses, Taislin avistou uma elevação não muito longe da presente posição do grupo e indicou-a com frenéticos gestos da tocha. O único problema seria chegar lá.

Allumno começou a recitar algo e os outros saíram-lhe respeitosamente do caminho.

Um jacto fervilhante singrou pelas águas frias e estagnadas do pântano em direcção à elevação que Taislin avistara, fervendo a água pelo caminho e deixando um rasto de vapor quente.

Sigam o rasto! disse o mago. Depressa!

Os companheiros assim fizeram sem qualquer demora, sentindo que a água de facto aquecera no trilho, efectivamente afastando os crocodilos, e seguiram-no em fila, olhando para os lados para se certificarem de que os répteis não se aproximavam.

Foi o caso de um deles, que nadava perigosamente perto de Babaki. O antroleo rugiu e impulsionou o pau para baixo, que colidiu com o duro couro do animal com um estalo.

Avança! disse a Slayra, que se encontrava atrás de si.

A eahanna não pôs qualquer tipo de objecção e precipitou-se para a frente do antroleo, que entretanto estocara mais uma vez com o longo pau, desta feita partindo a ponta. Outros crocodilos pareciam ter tomado interesse na contenda.

Babaki, deixa-o! Vai para a ilha! disse Taislin, aflito por cima dos ombros do antroleo.

Babaki limitou-se a rosar e pegou no burrik pelo colarinho, arremessando-o contra a elevação no terreno alagado. E então tudo ficou vermelho.

Quenestil pulou agilmente para cima da elevação, arco na mão e flecha pronta, e olhou para trás. Allumno subiu, apoiando-se no seu cajado e o eahan prestou-lhe ajuda. Um guincho e o súbito impacto de um pequeno corpo que colidiu contra as costas do mago impulsionaram-no para a frente e para cima de Quenestil, que caiu ao chão com a força da colisão.

A seguir veio Aewyre com o pesado Worick às costas, que se apressou a aliviar, atirando o corpo para o chão com pouca delicadeza. Finalmente, vieram Lhiannah e Slayra, que subiram para a elevação com pouco esforço e se posicionaram para o inevitável combate... que se desenrolava bem no local que haviam acabado de abandonar.

Babaki! gritou Lhiannah, mas o antroleo não a ouvia, não ouvia nada a não ser o ronco gorgolejante do enorme réptil, o chapinhar furioso que ambos produziam enquanto se contorciam em combate mortal na água.

O crocodilo que se debatia com ele era enorme, o maior do pântano, com mais de o dobro do tamanho de Babaki. Durante a sua longa vida, as suas possantes mandíbulas, a sua impossível força e a sua ferocidade selvática haviam-lhe merecido um lugar de respeito entre os outros da sua espécie, e todos os que o haviam desafiado haviam encontrado uma dolorosa morte, rasgados em pedaços pelos dentes do terrível réptil. Sempre conseguira o maior pedaço da vítima e fêmea alguma se fazia de rogada com ele, pois não havia mais nenhum a lutar por ela quando o enorme animal a escolhia.

O crocodilo não teve qualquer hipótese.

Babaki abraçou-lhe as mandíbulas, mantendo a enorme bocarra fechada, e perfurava a dura e velha carapaça com os seus dentes, penetrando as escamas e furando a carne. O réptil debatia-se, tentando afogar o adversário com o peso, mas Babaki voltava sempre para cima e os seus dentes iam cada vez mais fundo, abrindo longos cortes na pele que o crocodilo julgara invulnerável. Pela primeira vez, o enorme animal enfrentava algo que a sua força não conseguia bater e, pela primeira vez na sua longa vida, conheceu o medo. Com um derradeiro esforço, tentou abrir a boca para tentar morder o terrível ser que lhe causava aquela dor excruciante, mas a sua tentativa foi em vão, pois o antroleo mantinha a sua boca fechada mesmo só com um braço, enquanto o outro se dirigiu ao ventre exposto do crocodilo e procedeu a rasgar a tenra e macia carne da sua barriga, despejando-lhe as entranhas para fora. O crocodilo nem sentiu o seu pescoço a ser partido com um forte sacão.

O resultado do combate fora impressionante e esperado, mas os companheiros viram mais crocodilos a nadarem na direção de Babaki e sabiam que o terreno e os números lhes davam uma grande vantagem.

Temos de o ajudar, vamos! disse Lhiannah a meio de um salto para a água, uma tocha na mão e a espada na outra.

Worick foi o segundo a saltar e os outros fizeram tentações de o seguir, mas foram impedidos por Aewyre.

As vossas armas não são adequadas para os crocodilos. Fiquem aqui disse quase melancolicamente e saltou também para a água.

Quenestil preparou-se para saltar também, mas Slayra agarrou-lhe o ombro.

Morto, não o vais conseguir ajudar.

O eahan queria soltar-se, queria negar o que Slayra dissera, mas sabia que ela tinha razão. Cerrando os dentes de frustração, preparou uma flecha e apontou cuidadosamente.

Lhiannah saltou para o meio da peleja com um grito de guerra e estocou um crocodilo, atravessando o seu dorso de um lado ao outro com a afiada ponta da sua espada. Aewyre veio pouco depois e fendeu a cabeça de um outro e parte da sua mandíbula superior ao meio.

Babaki rugia com fúria, elevando um crocodilo com uma mão dentro da barriga do réptil a espremer-lhe as entranhas. Com a outra mão e um pé mantinha a boca de um outro aberta, sem sentir a dor dos dentes que lhe perfuravam a carne. Outro crocodilo estivera a morder-lhe a perna, mas Lhiannah chamara a atenção dele para si, ao estocá-lo.

Uma flecha de Quenestil alojou-se na pele dura desse mesmo que agora voltara a sua atenção para a arinnir. O míssil desviou-lhe mais uma vez a atenção e Lhiannah não perdeu a oportunidade de lhe espetar a espada no olho.

Outro crocodilo mordeu a perna de Aewyre, mas esta estava protegida por uma greva e só a barriga da perna foi ferida. Mesmo assim, a dor foi suficiente para levar Aewyre a cortar a cabeça do réptil em várias partes numa rápida sequência de golpes antes que o crocodilo pudesse sacudir a presa. Essa intenção morreu com o animal, que nem chegou a perceber que havia sido atingido.

Quenestil soltou outra flecha, que se veio a cravar no mesmo crocodilo, que ainda atacava Lhiannah apesar dos graves ferimentos. Preparou outra flecha ainda, mas um guincho de Taislin atrás de si fez com que o eahan se virasse.

Um crocodilo abocanhara a perna de Allumno por detrás!

Quenestil largou o arco e desembainhou a sua comprida faca para socorrer o mago, que se contorcia em dores enquanto o crocodilo o puxava para dentro de água, sacudindo o seu corpo violentamente. Slayra arremessou um dos seus punhais, mas este resvalou na dura pele do animal. O crocodilo sacudiu Allumno mais uma vez. Quenestil saltou temerariamente para dentro de água e espetou a faca na carapaça do crocodilo. Mais uma vez, Allumno foi sacudido. Slayra partiu um pau na cabeça do animal. O réptil abanou a cabeça mais uma vez e ouviu-se um estalo e Allumno gritou de dor. Movido por adrenalina, medo ou talvez genuíno receio pela vida do mago, o próprio Taislin saltou para cima da cabeça do crocodilo, agarrou-se ao atarracado pescoço com as pernas e espetou-lhe as duas adagas nos olhos.

Babaki estava para além da dor agora, não sentia os afiados dentes do crocodilo no seu flanco, não sentia a pressão de duas mandíbulas na sua perna, só sentia sede, uma insaciável sede de sangue. E ela iria ser saciada.

O corpo de um crocodilo caiu sem vida na água, rasgado por dentro pelas terríveis garras do antroleo shakarex. Rugindo, pegou nas mandíbulas do que lhe mordida o flanco e apartou-as com tal força e rapidez após o esforço inicial que estas protestaram com um estalido seco ao serem completamente deslocadas.

Aewyre encontrou forças no propósito de ajudar o seu amigo e atacou o crocodilo que lhe mordida a perna, mas uma fortíssima pancada no seu flanco fê-lo perder o equilíbrio e cair dentro de água.

Allumno já não gritava, já não se mexia, só a força dos puxões do crocodilo movia o seu corpo inerte. Temendo o pior, Quenestil tocou no dente de carcaju no seu colar e invocou o espírito do seu irmão, atacando o crocodilo com renovado alento. O réptil já sangrava de várias feridas no dorso e no flanco e estava cego, os seus olhos arrancados pelas adagas de Taislin, mas mesmo assim não largava. À beira do desespero, o burrik gritava a cada golpe, espetando a cabeça dura do réptil sem piedade, que mesmo assim não cedia. O crocodilo não estava a agir por vontade própria, Quenestil sabia-o. Sabia também quem o controlava, e sabia que, para controlar o animal, esse alguém tinha de ser o que ele mais temia que fosse. Com um rosno animalesco, atacou por baixo e cravou a comprida faca no ventre mole do crocodilo, puxando violentamente de seguida de modo a abrir a ferida. Por sua vez, Slayra também saltara para cima do animal e estava agarrada a ele, espetando-lhe a cara com o seu punhal a par de Taislin.

Por fim, o aperto do crocodilo começou a relaxar e os seus movimentos ficaram mais lentos, o que levou os companheiros a atacarem o réptil semi-submerso com ainda mais ferocidade, até que o animal finalmente tombou, sangrando profusamente de inúmeras feridas. Quenestil uivou de triunfo e, inesperadamente, correu para dentro de água e desapareceu na escuridão.

Aewyre encontrava-se debaixo de água, dentro do domínio dos seus inimigos. O fluir do tempo parecia mais lento, os movimentos eram lerdos e a própria percepção do guerreiro pareceu estagnar momentaneamente. Estava frio, muito frio, mas esse frio anestesiava-lhe o corpo ferido e dorido, e a total escuridão já não lhe parecia assustadora, antes reconfortante e convidativa para repousar. Dormir... nunca essa ideia lhe parecerá tão boa, tão necessária. Talvez devesse descansar um pouco, só um pouco...

O crocodilo teimoso estava morto, mas a luz da tocha de Lhiannah revelava outros e a princesa brandiu a espada ensanguentada. Babaki sangrava, o seu corpo sofria, mas a sua mente estava bloqueada pelo animal e nem a dor nem o cansaço o fariam parar. Pegou na cauda de um crocodilo e usou o enorme réptil como uma clava contra um outro, que foi ao fundo com a força do golpe.

A repentina agitação debaixo de água teve o mesmo efeito de um choque eléctrico em Aewyre, que despertou do seu temporário torpor e se ergueu, abandonando o ilusório reino subaquático que prometia repouso eterno. Viu com a luz da tocha de Lhiannah dois crocodilos a virem à tona e prontamente atacou um deles. O seu ataque foi seguido por uma estocada de Lhiannah e os dois combinaram os ataques numa sequência fulminante que deitou o crocodilo por terra. Babaki rasgou o último com dois golpes dos seus braços, abrindo-lhe a barriga como se de uma folha de papel se tratasse, e o animal caiu morto de dorso.

Todos ficaram quietos então, Aewyre, Lhiannah e Babaki, ainda tensos e com adrenalina a fluir livremente pelas veias pulsantes. Quando começaram a acalmar, o chamamento de Taislin fez com que as artérias recomeçassem a bombear com força. Aewyre e Lhiannah apressaram-se, mas Babaki ficou no mesmo sítio. Quando viu os dois a correr, o primeiro pensamento foi de os atacar, mas a parte do antroleo que era Babaki suprimiu esse desejo selvagem que o animal tentara sugerir na sua mente, que era agora a arena onde as duas vontades se digladiavam. O shakarex sacudiu a cabeça com força, mas o animal mostrou-se insistente e não saiu dela.

”Sai, maldito, sai!”, gritou mentalmente, agarrando a cabeça. *”Já não preciso de ti! Vai-te embora, sou eu quem te controla! Eu!”*

Como resposta veio um rosno profundo e gutural na sua mente, mas Babaki sentiu a vontade do animal a desvanecer-se e caiu de joelhos na água, ficando submerso até à barriga.

Deuses, não... proferiu Aewyre.

Ajudem-nos! Ele está a morrer! suplicou Taislin, os braços e a camisa empapados de sangue de crocodilo.

Por favor, não! Não pode...

O mundo de Aewyre parecia desmoronar à sua volta. Primeiro o seu pai, depois Nabella, e agora...

Ele vive, mas isso pode mudar se ficarem a olhar! repreendeu Slayra, que tentava estancar a perda de sangue com pedaços de tecido que Allumno carregava.

A eahanna levantara-lhe a perna para dificultar a ascensão do sangue, mas este ainda escorria livremente do terrível ferimento. A perna do mago fora brutalmente maltratada pelo crocodilo, cujas mandíbulas haviam infligido profundas feridas na barriga, mas o pior era o joelho, que estava inchado e vermelho e encontrava-se num ângulo que uma articulação intacta não permitiria.

Um torniquete sussurrou Aewyre. Temos de fazer um torniquete, e uma tala disse, desta vez mais alto.

Então ajudem-me, raios! respondeu a eahanna.

Todos se apressaram a ajudar, excepto Babaki, que ainda estava a recuperar do breve mas desgastante conflito interior.

Espera um pouco... disse Lhiannah.

O que é que foi? perguntou Aewyre, irritado. Não queria ser interrompido enquanto ajudava o seu amigo e mentor.

Onde está o Quenestil?

A PRESA E O CAÇADOR

O caçador saltava agilmente de tronco podre em tronco podre, evitando habilmente as poças e cursos de água que se punham no seu caminho. Tropeçou, rebolou pelo chão lodacento, pôs-se de cócoras para reavaliar a situação, levantou-se e continuou a correr. A sua presa estava perto, sabia-o. Sentia a sua presença, até mesmo o seu cheiro. Baixou-se para evitar um ramo e deu um prodigioso salto por cima de uma cova, sem nunca parar de correr com a velocidade e a tenacidade de um carcaju. Quando surgiu um monte de arbustos mirrados a bloquearem-lhe o caminho, desembainhou a faca, que teria brilhado quando cortou o obstáculo, não estivesse tão escuro. Mas os olhos do caçador eram os de um carcaju e sentia tudo o que o rodeava sem precisar sequer de ver. Pulou para cima de um ramo, que lhe concedeu impulso suficiente para saltar para cima de uma árvore, que rangeu perigosamente com o peso indesejado. Em cima dum ramo, acorou-se e farejou, absorvendo a essência da área com o nariz e a mente. Ao sentir o rasto da presa, o caçador crispou a mão no dente de carcaju no seu colar mais uma vez e rosnou ao saltar para o chão e retomar a sua caçada.

O ar estagnado do pântano conheceu movimento e deslocamento quando o caçador o atravessou como uma flecha viva e mesmo as criaturas que olhavam por detrás da protecção das sombras recuaram. A presa estava próxima, cada vez mais próxima... não lhe iria escapar.

O caçador entrara numa área extremamente densa em ramos de olmos, cujos poucos espaços estavam preenchidos por velhas teias de aranha com gotas de humidade por cima. Estas, o caçador rapidamente cortou ou simplesmente por elas passou, tomando apenas

cuidado para evitar esbarrar contra as árvores que se pareciam querer cerrar à sua volta, colocando-se no seu caminho ou baixando um ramo propositadamente para o atrapalhar. O caçador sabia muito bem que, se caísse no meio destas árvores, nunca mais se levantaria, pelo que avançou imparável pelo meio dos ramos, troncos, teias, gravetos e folhas.

Finalmente, chegou ao que seria uma clareira, não estivesse o seu topo coberto por longos ramos folhados que lhe serviam de dossel. A clareira que não o era, obtinha iluminação dos vários fogos-fátuos que constantemente saíam do chão e serpenteavam no ar, reflectindo luzes multicoloridas na casca podre das árvores circundantes. No centro estava uma árvore maior que as outras, um grande carvalho de tronco grosso e madeira com um ar chamuscado, negro. As raízes nodosas e retorcidas penetravam no solo como os dedos murchos de um velho que se agarrava ao chão com toda a força como se quisesse evitar ser puxado para os céus. A árvore em si tinha um ar sombrio e os seus ramos negros estendiam-se curvos por cima como para envolver quem fosse tolo o suficiente para se aproximar dela. O caçador rugiu um desafio com a faca na mão e esperou.

Nada aconteceu.

Rosnando, percebeu que a presa não sairia da toca tão facilmente e decidiu tomar uma aproximação mais directa para alcançar os seus objectivos. Espetou a faca no carvalho podre e torceu a lâmina, arrancando um grosso pedaço da casca. Repetiu este processo com fúria, castigando a árvore como se estivesse a chicotear o bode expiatório dos seus problemas e despindo-a, expondo o seu cerne nu. Esse mesmo cerne o caçador estocou e a seiva começou a escorrer como sangue de uma ferida.

Um grito lancinante interrompeu o suplício da árvore, que era partilhado por outro, a presa que o caçador perseguia.

Satisfeito, o caçador recuou e olhou para cima.

Algo estava a sair da árvore como uma planta a brotar de uma semente, lentamente mas tão rápido quanto podia, e estava a tomar uma forma humanóide. O caçador retesou-se, assumiu uma postura defensiva e flectiu as pernas quando o homem de negro apoiou o pé num dos ramos escuros do carvalho, depois outro, e o fitou com os olhos negros a chisparem por breves momentos.

Estava à tua espera, shura disse o druida negro por fim.

O caçador encontrara a presa.

O joelho está fracturado constatou Slayra, conhecedora da anatomia ao ver a rótula deslocada para além dos limites impostos. O melhor é reposicioná-la agora, enquanto ele está inconsciente.

Aewyre assentiu com a cabeça, agarrando a mão de Allumno.

Com os seus destros dedos, a eahanna negra deslocou a rótula e a tibia para uma posição mais apropriada, mas sabia que aquilo estava longe de resolver o problema. Franziu a testa ao ver o inchaço, ciente de que passariam meses até que Allumno pudesse andar sem apoio, e talvez nunca mais viesse a deixar de coxear. Verificou a tala que haviam feito apressadamente e deu-lhe um aperto final. Por agora, teria de servir...

Lhiannah gritou pelo nome de Quenestil, mas não houve resposta, nem mesmo um eco naquele ermo desolado. A arinnir estava preocupada, pois apesar de saber que não havia sido um crocodilo a arrastá-lo para debaixo de água, não conseguia perceber por que razão o eahan corraera para a escuridão. Teria fugido? Lhiannah duvidava-o, pois sabia que o eahan morreria antes de abandonar os seus amigos. Porquê então? Os pântanos eram perigosos para além de quaisquer palavras e, mesmo agora, os companheiros estavam a lutar pelas vidas, com dois dos seus membros mais fortes incapacitados. Por que desaparecera o eahan? Com um suspiro de resignação, voltou para a elevação, que Taislin e Babaki haviam começado a fortificar com paus e buracos que o antroleo escavava com as garras.

Lhiannah olhou para eles, os seus corajosos amigos. Estavam todos mais que feridos e exaustos, não haviam dormido ainda, e os dias anteriores haviam sido preenchidos com árduos e perigosos combates, um atrás do outro. E o Sol ainda estava bem escondido no horizonte.

A arinnir ouvia os passos molhados já não tão distantes, a cercarem o grupo, a prepararem-se para o ataque. Quantos poderiam eles ainda derrotar sem o martelo de Worick e a magia de Allumno? Lhiannah estava cansada, muito cansada, talvez mais do que durante toda a sua vida, mas a mera presença dos seus amigos, a determinação colectiva do grupo, tudo isso lhe avivou o fogo guerreiro que a movia nas lutas.

Eles que venham, então... proclamou silenciosamente para si mesma.

Morre e apodrece, shura! gritou o druida negro do topo da árvore, brandindo o seu retorcido cajado.

Quenestil sentiu o ataque e tocou mais uma vez no dente do carcaju, pedindo ao espírito do seu irmão que lhe desse força e ferocidade para este combate. Saltou habilmente para trás antes que as vinhas espinhosas que haviam brotado do chão se pudessem entrelaçar nas suas pernas. Um ramo atrás de si bateu-lhe na cabeça e o solo começou a ceder debaixo dos seus pés, ameaçando afundá-lo no lodo. Quenestil agarrou o tronco que o agredira e usou-o para sair da poça, partindo-o de seguida e empunhando-o como uma clava.

O druida negro riu e entoou um cântico que fez com que o tronco partido se retorcesse e quebrasse nas mãos do eahan, infligindo-lhe vários cortes. Vários silvos atrás de si avisaram-no do perigo iminente e o shura correu para a frente, em direcção à árvore para fugir das cobras que rastejavam atrás de si, mas o solo cedia à sua volta, impossibilitando-lhe os passos. Quenestil começou a pensar que devia ter trazido o arco, afinal de contas.

És muito bom a usar o que não te pertence para lutar as tuas lutas disse, fitando o druida ferozmente.

O homem de negro riu maliciosamente e começou a descer a árvore pelos degraus de madeira que se iam formando na casca. O eahan viu a sua hipótese quando o druida começou a descer. Apesar de estar a afundar-se progressivamente e as cobras estarem a aproximar-se perigosamente, ignorou tudo e tirou do cinto a sua corda com gancho de madeira fumada. Com grande rapidez, girou a corda ao lado do seu braço e atirou-a em direcção ao druida, que não esperara tal acção. O gancho de madeira fumada e endurecida enganchou-se numa prega da sua toga negra e Quenestil deu um forte puxão, que arrancou o druida da segurança da árvore e o trouxe para baixo com ímpeto. Com as cobras cada vez mais perto e os seus pés a afundarem cada vez mais, Quenestil não teve outra escolha senão agarrar o druida, que caiu na lama com uma sonora bâtega, respingando o eahan com lodo. Alheio ao limo que lhe cobria o corpo, Quenestil agarrou o druida e levantou-o, atirando-o de imediato para cima das cobras, de modo a afugentar as serpentes. Pegou no homem pelo colarinho enquanto este se debatia no lodo e encostou-lhe a faca à garganta.

Diz às cobras que se vão embora e me deixem em paz, ou mato-te agora mesmo ameaçou, enfatizando com o virar da lâmina suja de resina.

O druida fitou-o por detrás de uma máscara de lodo e limo, parecendo avaliar a situação, mas foi necessária apenas uma brusca aproximação do gume à traqueia do homem para que este mandasse as

cobras embora, o que o eahan constatou ao ver os corpos a serpentearem para fora do lodaçal recém-criado. Mas Quenestil corria perigo, diziam-lho todos os seus instintos animais. Um breve olhar perscrutador revelou-lhe algo. As bochechas do druida estavam dilatadas.

Agindo puramente por instinto, Quenestil cerrou os olhos e levou a mão que empunhava a faca à cara, o que o protegeu contra o cuspe ácido que o druida lhe escarrou na face. A saliva acidífera queimou-lhe o antebraço, mas a sua cara e os seus olhos haviam sido resguardados. Furioso, Quenestil golpeou o queixo do druida com o punho da sua faca, partindo-lhe dois dentes e enviando-o cambaleante para trás. O druida recompôs a posição rapidamente, empunhou o cajado com as duas mãos e colocou-se numa postura defensiva enquanto se recuperava do golpe, sangrando do canto da boca. Quenestil rosnou e estocou, dando um longo passo em frente.

O ataque provou ser desajeitado contra alguém da perícia do druida, pois com um movimento do cajado desviou o golpe e com outros dois bateu com a ponta nodosa na cabeça de Quenestil e espetou-lhe a parte bicuda nas suas costelas. Estonteado e curvado, o shura levou ainda com a parte nodosa na nuca, que o impeliu para a frente, quando a parte "bicuda conectou com o seu queixo e quase lhe partiu o pescoço com a força do golpe, suficiente para que caísse de costas no lodo.

Atordado, quase não se conseguiu desviar quando, com um rosno, o druida lhe tentou espetar o cajado na barriga. Quenestil desviou-se do golpe e chapinhou lodo na direcção do druida para ganhar tempo enquanto praticamente nadava para se afastar. O druida aproximou-se, confiante e maliciosamente risonho.

"Ri-te maldito...", pensou o eahan, vendo apenas uma forma negra e turva a aproximar-se.

Quenestil mergulhou na água lodosa. Não via nada, mas também não precisava de ver. Esbarrou com as pernas do druida e agarrou-se a elas com um braço, usando o outro para o puxar e o seu adversário caiu dentro de água. Ali, a vantagem era de Quenestil, pois o druida não se podia concentrar com água a ameaçar entrar-lhe nos pulmões e um eahan a esmurrá-lo como agora o fazia. Mas mais uma vez, Quenestil subestimara o druida, pois após receber três murros, o homem enfiou as mãos no lodo e logo brotaram raízes e vinhas que agarraram o eahan, efectivamente imobilizando-o e permitindo ao druida voltar à superfície.

Com um rugido que nada mais foi que uma torrente de bolhas, Quenestil libertou-se das raízes, partindo-as ou deslizando os braços

por aberturas e ressurgiu à superfície também, onde o druida o aguardava com a ponta do cajado apontada para ele.

Mais uma vez os instintos o salvaram, permitindo-lhe desviar-se no último instante da ponta que subitamente crescera, alvejando o seu coração. Quenestil sabia que era inútil tentar partir o cajado de um druida, mas mesmo assim agarrou a ponta longa e contestou o controlo da arma.

O druida sorriu maliciosamente e o eahan percebeu porquê quando cresceram espinhos que o forçaram a largar a ponta. Segurando a mão ferida, Quenestil esperou que não fossem venenosos, mas o tremor na sua cabeça quando a ponta nodosa do cajado mais uma vez lhe acertou recordou-lhe de que tinha outras coisas com que se preocupar. Retomou a ofensiva, pressionando o druida com uma lufada repentina de golpes, mas este depressa apanhou o ritmo e contra-atacou. Com o cajado, podia facilmente aparar os golpes da comprida faca do eahan e ripostar com rápidas pauladas, após as quais podia facilmente voltar a assumir uma posição defensiva. Finalmente, por golpe de sorte, uma estocada passou pela barreira defensiva do cajado e o shura permitiu-se um uivo de triunfo com a perspectiva de ferir o druida, mas este desapareceu e no seu lugar surgiu uma enorme serpente no ar, cujo corpo se contorceu violentamente e se enrolou à volta do braço de Quenestil. O eahan sentiu de imediato a fortíssima pressão e abanou o braço involuntariamente, mas a cobra manteve o aperto e impulsionou a cabeça para a frente, mordendo-lhe a cara. Gritando de dor, Quenestil teve a sorte de conseguir agarrar a cabeça da serpente constritora com o braço livre antes que esta pudesse voltar a atacar, mas o aperto mantinha-se no braço da espada e o shura já sentia um formigueiro no membro, causado pela falta de sangue. Apesar de a cabeça estar presa, a serpente torceu a parte posterior do seu longo corpo e enrolou-a à volta do pescoço de Quenestil. Agora o eahan estava em apuros, com um braço inútil e a ser estrangulado enquanto tentava manter a cabeça da cobra fora do alcance da sua cara. Sem quaisquer outras opções, começou a pressionar a mandíbula inferior do animal com o polegar. Um silvo agudo deu a entender que a magoava, pelo que continuou. O sangue que escorria da mordidela na base do nariz cegava-o, começava a faltar-lhe o ar e o seu braço fraquejava ao ponto de deixar cair a faca no lodo, mas Quenestil correspondeu ao aperto da serpente com uma maior pressão por baixo do seu maxilar. Quando pensou que morreria asfixiado ali mesmo, a serpente deu lugar ao druida e a pressão no seu pescoço e braço

desapareceu, apesar de o seu polegar ainda pressionar a traqueia do druida. Como reacção, este esmurrou Quenestil com as costas da mão e deixou-se cair para trás, ofegante. O eahan caiu com a força do golpe, também arfando por ar, mas o seu braço procurou a faca quase por instinto, crispando os dedos no punho de madeira mantido à superfície pelo espesso limo., Quando se levantou para retomar o combate, o druida ergueu o cajado e, como uma erupção, gases com cheiro a metano irromperam do chão e cobriram a área em redor, cegando e asfixiando Quenestil. O shura tossiu convulsivamente com os olhos lacrimejantes incapazes de ver o druida ou qualquer outra coisa devido aos gases fétidos. Pensou em mergulhar, mas um ruído ribombante atrás de si fê-lo hesitar. Olhou para trás e nada viu, mas ouviu claramente a enxurrada de água que escorria na sua direcção, pelo que inalou um pouco de ar e muito metano e cobriu a cabeça com as mãos.

A tromba de água veio inclemente, arrastando o eahan e tudo quanto foi arrancado pela enorme força da corrente. De repente, Quenestil não via nada. Tudo estava escuro, mas sabia que andava às voltas graças ao seu ouvido interno. O barulho ensurdecedor das bolhas de ar e do impacto de água ressoava-lhe na cabeça como se dois antroleos lhe estivessem a rugir aos ouvidos, mas esta tornou-se a menor das suas preocupações quando bateu pela primeira vez contra algum objecto sólido, arrastado de seguida através da sua superfície aos trambolhões, rebolando às cambalhotas pelo resto do percurso até colidir contra outra coisa. Quenestil não fazia nada agora, não agia de forma alguma, pois o instinto de sobrevivência controlava as suas acções sem que ele o pudesse (ou quisesse) impedir. Já não sabia onde era cima e onde era baixo, não fazia ideia em que direcção estava a ser arrastado e o seu corpo já não sentia os brutais impactos, já nem sabia quantas vezes havia colidido, nem sequer há quanto tempo estava debaixo de água. Após outro dos incontáveis impactos, o corpo de Quenestil, que se havia deixado arrastar ao longo do percurso, sentiu a força da corrente a baixar e já só rebolava graças ao ímpeto da enxurrada, que parecia ter desaparecido tão repentinamente quanto aparecera. Instintivamente, os seus braços largaram a cabeça e impulsionaram o corpo para cima e, também por instinto, a sua boca abriu-se e os pulmões sugaram o ar estagnado com sofreguidão. Quando finalmente abriu os olhos, o eahan deu consigo num emaranhado de raízes cuja árvore assentava numa pequena ilha de terreno relativamente sólido e usou-as como apoio para puxar o seu corpo para fora de

água. Quando os níveis de adrenalina baixaram, a dor veio tão depressa como se o sangue nas veias de Quenestil fosse óleo ateadado por fogo. Tudo lhe doía, todos os membros e cada parte do seu tronco. Apenas a cabeça fora resguardada, ao custo de várias equimoses nos braços, que começavam a inchar com uma cor azulada. Só lhe ocorria repousar, mas as dores não lho permitiam e o shura ficou acordado, respirando sonoramente. Quando pensou que ia finalmente desmaiar, ouviu algo a causar resistência contra a água e conseguiu fazer com que o seu pescoço levantasse a cabeça para olhar.

Uma figura negra caminhava vagarosamente na sua direcção, apoiando-se num cajado retorcido.

Ainda vives, shura? És mais resistente do que eu pensava, mais resistente que os outros que matei, e muito, muito mais obstinado... As palavras atearam um fogo em Quenestil, cujas chamas lhe avivaram os músculos inertes. Fica sabendo que foste o melhor adversário que enfrentei nestes pântanos. Claro que nenhum outro teve a audaz ideia de invadir o meu santuário... Quenestil apertou o punho nodoso da faca com força e tremia ao tentar levantar-se. Mas ainda resistes? Isto promete ser ainda mais divertido...

Rosnando, Quenestil saltou como um carcaju enfurecido, a dor no seu corpo reprimida pelo novo jorro de adrenalina que fluiu pelas suas veias fogosas, e atacou o druida surpreso. A pressão dos seus ataques iniciais obrigou o druida a recuar para dentro de água até esta ficar à altura da sua barriga, mas nessa altura a surpresa já se havia desvanecido e o druida atacou com fúria igualável à do eahan. Bateu-lhe duas vezes com as duas pontas do cajado e bloqueou as respostas, retomando a mesma sequência de seguida. Mas o eahan nunca caía no mesmo truque duas vezes e atacou de forma diferente. Levou a espada acima para desferir um corte para baixo, ao qual o druida respondeu, erguendo o seu cajado e já sorrindo só de pensar nos dois ataques às costelas do eahan que seguiriam o bloqueio. No segundo que antecedeu a colisão das armas, Quenestil torceu o pulso e o corte transformou-se repentinamente num estocada a mergulhar na direcção da barriga do surpreso druida, na qual se cravou. O homem gritou de dor e Quenestil aparou o golpe de resposta com a mão, retirando a faca da barriga do druida e estocando de novo, nada trespassando a não ser ar onde o corpo do druida estivera. O eahan só percebeu o que acontecera quando viu vários sapos a caírem na água.

Agora Quenestil estava em perigo. Os sapos poderiam reincorporar-se no druida em qualquer lado, à frente ou atrás de si, e sabia que

nesse preciso momento os anfíbios estavam a nadar à sua volta, escolhendo o local ideal para atacar o eahan, que não parou de se mexer de um lado para o outro, olhando para trás e para a frente, agitado. Sabia que se iria cansar mais cedo ou mais tarde, e que nessa altura o druida atacaria sem piedade do melhor ângulo possível. Podia até mesmo estar debaixo de si, preparando o golpe final com aquele perverso cajado. Então Quenestil acalmou-se, permitiu-se relaxar e deixou de olhar em redor. Forçou-se a concentrar nos seus arredores, tentar entrar em contacto com a energia vital que, pouca ou não, sabia existir mesmo nesse lugar amaldiçoado. Os seus músculos relaxaram e o bater do seu coração entrou em sintonia com o pulsar vital que o rodeava e se debatia com as forças deletérias de Moorenglade.

Atrás.

Com um hábil giro e uma destra varredela para cima, bloqueou o golpe que viera para baixo com a faca. O druida estacou, verdadeiramente surpreso, e Quenestil não hesitou, pressionando a defesa agora desajeitada com uma série de rápidas estocadas e cortes que o forçaram a recuar defensivamente. Mas mesmo assim o shura não parava, rosnando a cada golpe, amaldiçoando o druida e a cobra que o parira e a cobra que parira essa cobra e o drahreg que com ela acasalara. Os insultos eram desconcertantes para o ainda surpreso druida, mas o seu cajado conseguiu deflectir quase todos os golpes até que, com um ímpeto selvagem, Quenestil estocou em frente e passou pela defesa do druida, espetando-lhe a espada mais uma vez na barriga sangrenta.

O homem gritou de dor e baixou o cajado com força, batendo dolorosamente no braço de Quenestil, mas tal como um carcaju com a boca fechada na garganta da presa, o shura não largou e torceu a espada com a pouca força que tinha no braço magoado. O druida gritou mais uma vez e inclinou-se como para vomitar sangue, mas se o truque não funcionara da primeira vez, não seria agora que o escarro ácido atingiria o eahan, que baixou a cabeça. Furioso com a resistência e praticamente de joelhos, levantou o druida dos seus pés com a espada, que se lhe cravou profunda e dolorosamente no abdómen. O seu grito foi gorgolejante, acompanhado pelo ácido negro e o sangue rubro que lhe pingavam da boca. Implacável e furioso, o eahan atirou o corpo por cima da sua cabeça. O druida caiu com estrépito na água e Quenestil agarrou com uma mão os seus cabelos, mantendo a cabeça dele e parte do tronco fora da água.

Vou amaldiçoar-te, shura... tossiu. A ti e aos teus filhos e aos filhos dos teus filhos e...

Com um urro de raiva, Quenestil puxou-lhe a cabeça para trás e desferiu um corte com a sua comprida faca, que talhou o pescoço do druida até ao osso. Sacou a lâmina para fora, trazendo consigo um borbotão de sangue, e desferiu outro golpe.

A cabeça de um vegear rebolou pelo ar e caiu no lodo como uma pedra. Aewyre torceu o pulso e aproveitou o movimento para desferir um corte para cima, que desenhou um rasgo desde a virilha de um outro até ao queixo.

Os companheiros defendiam a elevação, o seu único posto defensivo naquela área, e defendiam-na bem. Em redor do monte jaziam pequenos montes de corpos e partes de corpos dos vegears que haviam atacado. Mesmo assim, o guerreiro apercebeu-se da futilidade daquilo tudo. Havia mais monstros como os que matara para além do limitado campo de visão que as tochas lhes proporcionavam, muitos mais, e Aewyre sabia que dois dariam lugar a cada um que matasse. Mas os seus amigos lutavam, e enquanto eles vivessem, ele daria tudo de si para combater a seu lado.

Lhiannah já havia perdido a conta de quantos golpes desferira e, francamente, também já não se importava. A tosca paliçada retardara o avanço da onda inicial de ataques, mas dezenas de outros (ou mais?) já lhes haviam sucedido. A arinnir até diria que todos os habitantes do pântano se haviam insurgido contra o grupo! E não eram só vegears, Lhiannah já matara uma monstruosidade alada, vira Babaki a combater uma criatura parecida com um réptil bípede e fora suja com o sangue de uma gigantesca cobra da qual Taislin e Slayra a haviam salvo. Mas os vegears, esses pareciam infinitos. Vaga após vaga, atacavam e eram derrubados, para de imediato ressurgirem após duas outras vagas com os ferimentos estanques e a usar membros decepados como armas. Um par de garras passou perigosamente perto da sua cara e um par de garras voou, separado do pulso.

A maior vontade de Babaki era permitir que o animal tomasse controlo e atacar com a devastadora fúria shakarex, mas sabia que seria perigoso fazer isso perto dos seus amigos, principalmente agora que o animal se mostrava cada vez mais intrusivo e teimoso. Podia simplesmente atirar-se para o meio da horda, onde não corria o risco de ferir os seus amigos, mas sabia também que isso seria a sua morte, independentemente de quantos levasse consigo. Noutra altura e noutro lugar, Babaki teria recebido a morte de braços abertos, mas não agora; não agora que os seus amigos precisavam de si. Lutaria a seu lado até ao fim.

Taislin e Slayra viram-se mais do que ocupados a proteger os seus lados do monte. As tochas que haviam preparado haviam sido todas gastas e haviam feito o seu ardente trabalho, queimando muitos vegears, mas agora tinham de lutar sem elas. Os dois trabalhavam em equipa, com a eahanna negra a golpear um adversário inúmeras vezes com os punhais para que Taislin o afastasse à paulada com um tronco em brasa. Os dois aguentavam-se, mas até quando?

Então, quase de forma esperada, um vegear passou pelas espadas de Aewyre e Lhiannah, que se debatiam contra quatro dos seus congéneres, e penetrou na defesa. A expressão de Lhiannah foi de terror. Fora aberta a brecha, agora as criaturas iriam entrar numa enxurrada e tudo estava perdido...

Seus cocos! gritou uma voz rabugenta.

Um vegear quebrado voou por cima das cabeças de Aewyre e Lhiannah, tão surpresos que por pouco não hesitaram.

Seus rabos moles, franguinhos de leite... resmoneou Worick aos berros, saltando pela brecha para o meio da luta e varrendo tudo à sua frente à martelada. Deixaram aquele bicho passar? Querem matar-nos a todos?

Tão furioso foi o seu ataque que a linha de vegears se viu forçada a recuar devido à pressão, mas outros apressaram-se a substituí-los, para de imediato caírem fulminados pelo poderoso martelo do thuragar, que ora esmagava cabeças, ora rasgava carne bolbosa com o bico curvo, ora perfurava com o espeto, esguichando a área em redor com sangue resinoso. As lágrimas brotaram dos olhos azuis de Lhiannah, mas quase se evaporaram devido ao fogo avivado nas suas íris azuis. Agora podiam vencer, pensou.

Ledo engano, pois mesmo com Worick só poderiam aguentar mais tempo. Os inimigos saíam da escuridão como formigas e os seus números não pareciam diminuir. As águas estagnadas de Moorenglade iriam tingir-se de um amarelo dourado e gelatinoso, sangue de vegears, e o fedor da morte sobrepor-se-ia ao odor fétido a decomposição, mas os companheiros simplesmente não podiam ganhar, era apenas uma questão de tempo até serem sufocados pelo puro peso esmagador dos números dos inimigos.

Parem! gritou alguém, sobrepondo-se aos ruídos da batalha. Por alguma razão, os vegears cessaram de atacar nesse mesmo instante e os companheiros, exaustos, enfraquecidos e cobertos de sangue amarelo e vermelho, fizeram o mesmo com muito prazer, apesar de não compreenderem o que os levava a parar.

Todos viram o eahan, surrado, sangrento e imundo, empunhando um cajado nodoso numa mão e uma lívida cabeça de olhos revirados na outra, segurando-a pelos longos cabelos negros, o sangue ainda a pingar do pescoço decepado.

Quenestil! gritou Aewyre, mas nada nem ninguém se mexeu.

Parem... repetiu, com a voz baixa de um homem profundamente cansado.

Cambaleante, avançou pela horda de vegears, que lhe abriram passagem respeitosamente, fitando-o com faces inexpressivas, realçadas pelos olhos que não tinham. Quando atravessou o mar de inimigos, quase caiu nos braços de Aewyre, mas o shura sabia que a sua tarefa não terminara. Tranquilizando os seus amigos com um fraco sorriso, virou-se para os impassíveis vegears e deu a entender que desejava falar. Um deles, um exemplar robusto entrelaçado por vinhas com um canavial em miniatura a servir-lhe de cabelo, avançou e enfrentou Quenestil. O eahan poisou o cajado no chão, sempre a segurar a cabeça do druida, e ergueu a mão livre, como se pedisse permissão para tocar na criatura. Se esta assentira ou não, nenhum dos companheiros o soube dizer, mas Quenestil tocou no seu peito musgoso, parecendo estremecer de dor só de se mexer. Os dois ficaram nas mesmas posições durante alguns momentos, até que o eahan deixou cair a mão e deu um passo atrás. O presumível líder ficou à espera enquanto Quenestil cambaleava na direcção de Aewyre.

O símbolo... dá-me o símbolo de Gilgethan.

Quenestil, estás ferido, debes...

Dá-me o símbolo ou nunca encontraremos a maldita procissão! retrucou o eahan asperamente.

Meio surpreso, Aewyre deu-lhe a insígnia prateada que haviam recuperado dos corpos do grupo de clérigos e o shura mostrou-a ao líder, que a apalpou e pareceu tentar vislumbrar. Finalmente, ambos se separaram e a hoste de vegears começou a retirar para as sombras do pântano, deixando o que viria a ser conhecido pelo Monte da Mortandade em Moorenglade.

Quenestil juntou-se ao grupo, que mais parecia um bando de maltrapilhos e caiu finalmente no chão. Aewyre e Worick apressaram-se a ajudá-lo, mas o eahan mandou-os parar erguendo as mãos.

De pouco servirei em pé explicou. Eles vão deixar-nos em paz, mas temos de sair dos pântanos o mais rápido possível.

Mas... interrompeu Aewyre.

Seguimos para Sudeste, que é para onde a procissão se dirigiu acrescentou. Não percam a cabeça, a do druida, não a vossa. Ela é o nosso salvo-conduto, por assim dizer...

Mas... tentou Aewyre falar.

Ah, e mais uma coisa. Acordem-me quando... disse antes de a sua visão ser escurecida pelas trevas da inconsciência.

O eahan pode ser uma menina a lutar, mas uma coisa vos digo... mencionou Worick, ele realmente tem tendência para salvar a situação.

Lhiannah mal ouviu o que o thuragar disse, pois ajoelhou-se para o abraçar com toda a força. Worick estrebuchou no início, mas aceitou aquilo como um gesto de concordância e deixou a arinnir dar largas à sua alegria em ver o mentor vivo.

Talvez devêssemos fazer o que o Quenestil disse interrompeu Slayra.

Sim... concordou Aewyre, deixando que a princesa e o thuragar aliviassem as tensões com o calor um do outro.

Em pouco tempo, já o grupo estava a avançar pelo solo lodacento, carregando Allumno na liteira e levando o semiconsciente Quenestil ao ombro. Moorenglade não perdera nem um pouco do seu ar sinistro, mas parecia agora deixá-los passar de má vontade. Finalmente, os primeiros raios da aurora cortaram o seu caminho pela folhagem morta e iluminaram o caminho para o exausto grupo e em breve o brilho dourado do sol expulsou as sombras, cujo lugar foi tomado por uma névoa matinal inesperadamente fresca, a despeito do odor a decomposição que carregava. Feridos mas animados com a perspectiva de deixar o amaldiçoado lugar para trás, os companheiros aceleraram o passo e notaram o progressivo incremento da solidez do solo e como o ar ia perdendo o fedor de matéria decomposta, dando lugar ao familiar odor a verde.

Esperem... pediu Quenestil com uma voz rouca.

Aguenta-te, Quenestil, estamos quase a sair encorajou Aewyre.

Não, não é isso. Larguem-me... pediu, prescindindo do apoio do ombro do seu amigo, o que o fez cair.

Quenestil, pára com isso! Mal te agentas em pé, eu levo-te...

Não! Levanta-me, sim, e dá-me a cabeça.

Sem perceber os seus motivos mas sempre confiante no seu amigo, o guerreiro fez como lhe fora pedido e Quenestil caminhou, cambaleante para uma das últimas árvores mortas à vista. Parou perto dela e abriu os braços, segurando a cabeça do druida negro num e o cajado no outro.

Ainda não viste o último de mim, Moorenglade prometeu solenemente. Vou voltar e purgar o mal que assola e corrompe estes pântanos, isso o juro!

O shura enfatizou o juramento, cravando a cabeça do druida no cajado, criando assim um grotesco estandarte, que encaixou entre os ramos da pequena árvore podre à sua frente.

Isso o juro... disse uma última vez e voltou atrás para o grupo.

VAU DO CAAR

Envoltos pela frescura do bosque e abrigados por baixo do dossel da ramagem nua das árvores, os companheiros, de pálpebras pesadas como chumbo e corpos agonizantes, tombaram, completamente exaustos. Aewyre e Babaki tiveram o cuidado de poisar a liteira com Allumno e depois deixaram-se cair no manto fofo de folhas mortas do chão que, apesar de húmido, lhes pareceu lençóis do mais fino linho após três dias no lodo de Moorenglade. Worick fez a primeira vigia enquanto os restantes dormiam profundamente, mas de alguma forma, fora dos pântanos, cercado pelas majestosas faias e bétulas que se agigantavam quase protectoramente à sua volta e embalado pela sinfonia matinal dos pássaros, o thuragar sentiu-se seguro e deixou-se adormecer também.

Assim ficaram os oito, repousando merecedoramente após quase quatro dias sem dormir, espalhados pelo chão como folhas arrastadas pelo vento, que deslizava docemente pelas suas peles sujas, abafado pela densa ramagem dançante das árvores.

Taislin foi o primeiro a acordar. O burrik pestanejou, bocejou, estalou os lábios e espreguiçou-se. A sua boca estava seca como areia e os seus dentes pareciam moles quando passou a língua por eles, mas ignorou isso e levantou-se para esticar os restantes músculos do seu pequeno corpo. Olhou em redor para os seus amigos adormecidos e teve o cuidado de não fazer barulho com os seus passos leves quando se dirigiu à mochila de Aewyre para tirar o cantil. Removeu a rolha do gargalo de madeira e bebeu contidamente da água fria, guardando um pouco para bochechar e cuspir o sabor amargo da sua boca. Já desperto, decidiu preparar uma fogueira quando viu o Sol alaranjado

a descer no horizonte. Limpou o chão num círculo, esfregando as folhas e ramos com as mãos, e procurou paus e gravetos nas redondezas. Quando já havia amontoado uma quantidade razoável de lenha, Aewyre despertou, cumprimentou o burrik com um acenar de cabeça bocejante e levantou-se. Observando o estado do guerreiro e o dos seus companheiros, Taislin começou a pensar que Lhiannah tinha razão no que dizia respeito aos poucos ferimentos que recebia.

Sorte de burrik... murmurou com um sorriso.

Aewyre olhou para ele como se não tivesse percebido, mas Taislin enfatizou a irrelevância do que dissera com um abanar da cabeça e um aceno de mão solto. O guerreiro encolheu os ombros e foi ver Allumno, procedendo a procurar a pouca comida que sobrara nas mochilas, carne seca e queijo.

Acende aí o fogo, se fazes favor pediu ao burrik. Vamos comer o meu prato.

Já tinha saudades. Vai ser bom comer uma refeição quente... respondeu Taislin, tentando ser amável.

Aewyre aceitou o elogio com um meio sorriso e empilhou o queijo dentro de um tacho de ferro enegrecido pelo fogo enquanto o burrik batia afincadamente na pederneira com uma lasca de aço. Finalmente, uma das faíscas inflamou as folhas e Taislin largou os objectos para proteger a chama da leve brisa com as mãos. Soprou com cuidado até a chama pegar, voltou a posicionar os gravetos e observou-os até que comessem a arder, após o que pôs mais material seco no centro para ter a certeza de que não se apagaria tão depressa. Por essa altura já o resto do grupo havia acordado e todos foram ver como o mago estava, alheios aos seus próprios ferimentos. Slayra tirou-lhe a tala e a compressa e examinou-lhe a perna. A ferida começara a cicatrizar, mas não tinha bom aspecto e a eahanoir franziu a testa ao ver o inchaço do joelho.

Worick, sobra-te um pouco de *soyg*. O thuragar resmungou.

É mesmo necessário?

Se o queres morto, não é... retorquiu a eahanna negra de uma forma tão natural que perturbou os outros.

Worick resmungou mais um pouco enquanto remexia na sua mochila, tirando lá de dentro um cantil de pele de bode velho, que, segundo o thuragar, dava sabor à aguardente. Slayra tirou a rolha e despejou o conteúdo em jorros curtos. Apesar de inconsciente, Allumno enrugou a testa e os seus olhos tremeram.

Espero que a próxima vila tenha sacerdotes ou clérigos, senão isto pode ficar feio informou Slayra enquanto tapava o cantil.

Define "feio" disse Aewyre, aparecendo por detrás do grupo.

Infecção, gangrena... coisas do género. E acho que nunca deixará de coxear. Se piorar ainda, nunca mais andará sem uma bengala... ou um cajado.

Perante as notícias, Aewyre baixou o olhar, recebendo as mãos de vários companheiros nos seus ombros baixos.

Ele sobrevive assegurou-lhe Quenestil.

Vai tudo correr bem afirmou Lhiannah.

Tira-me mas é essa cara de cão dessa cabeça cabisbaixa interveio Worick, quebrando o momento solidário. Alguma vez alguém vai morrer por causa de umas trincadelas na perna? Até parece que precisavam de gastar a minha aguardente por causa de uns arranhões desses. Qual gangrena!

Todos fitaram o thuragar com expressões severas na cara, mas foi Aewyre quem os surpreendeu com um meio sorriso para Worick.

Vamos comer, então?

Após o substancial repasto, os companheiros voltaram a adormecer, todos excepto Aewyre e Worick, que acharam prudente fazer vigia. O thuragar fizera questão de cumprir o seu turno sozinho, mas o guerreiro temera que a exaustão de dias de febre e combates pudesse superar a teimosia de Worick. Sabia que o thuragar nunca lho permitiria se ele se justificasse assim, pelo que disse que não tinha sono e se limitou a sentar-se ao seu lado. Worick resmungou mas acabou por aceitar a presença, entretendo-se a cinzelar um bloco de pedra, que começava a tomar uma forma.

Os dois estavam na verdade pouco alerta, e passado pouco tempo ambos se deitaram no chão fofo com as mãos atrás das cabeças a fitar o firmamento estrelado. Estava uma noite bonita como poucas vezes haviam visto e menos ainda esperavam ver outra vez tão cedo. Uma brisa amena e morna percorria o bosque tranquilo, agitando levemente os fetos, que exalavam sussurros de embalar. As estrelas brilhavam vivamente na abóbada celeste e Aewyre entretinha-se a formar e descobrir constelações. Ali estava Kispryn, no seu formato encolhido e com a mão decepada na balança, a constelação de Guitow, deus do dinheiro...

Ele vai ficar bom, Aewyre disse Worick de repente, aproveitando o momento isolado e calmo para poder despercebidamente confortar o seu companheiro.

Obrigado... agradeceu o guerreiro por fim.

O que tencionas fazer agora? Vamos atrás da procissão ou encaminhamo-nos para a aldeia mais próxima?

Se liderasses uma procissão que mal sobrevivera aos perigos de Moorenglade, para onde irias?

Para a aldeia mais próxima... admitiu Worick, sempre relutante em seguir uma linha de pensamento que não a sua.

Nesse caso, é para lá que vamos.

E *qual é* a aldeia mais próxima?

Segundo o Quenestil, uma pacata e bucólica comunidade de fazendeiros, Vau do Caar recitou Aewyre.

Aquela na fronteira com a Latvonia?

Exacto.

Não trocaram mais palavras até que Worick avistou uma estrela cadente.

E lá foi mais uma faísca das pancadas do martelo de Tharobar na Bigorna Dourada... afirmou o thuragar, como se estivesse a ler a passagem de um livro. Faz um desejo e o deus ferreiro realizá-lo-á.

Ouvindo Aewyre a mexer-se desconfortavelmente no solo folhoso, percebeu qual era o seu maior desejo e calou-se. O thuragar não conseguia compreender como alguém se podia apegar tanto a uma pessoa, mas via a dor do guerreiro e não a desejava a ninguém. Essas mesmas reflexões levaram-no a pensar na sua relação com Lhiannah. Em que consistia ela? Em sentido de dever, na palavra que dera ao pai da rapariga e que se via forçado pela honra a cumprir? Ou em verdadeiro afecto? Decidiu não pensar mais no assunto, temente do que poderia descobrir.

"Afinal", pensou, "se não gostarmos de ninguém mesmo, também não somos mais do que drahregs pequenos e atarracados..." Coçou a sua barba e depois riu de forma gutural.

Aewyre brincava com o seu incisivo saliente, mexendo nele com a língua enquanto pensava. *Faz um desejo...* Se fosse assim tão simples, se pudesse pedir a Gilgethan ou a qualquer outro deus que trouxesse Nabella de volta para o mundo dos vivos, de volta para os seus braços... nesse caso, teria logo pedido que lhe trouxesse o pai de volta, é verdade, e talvez nunca tivesse conhecido a rapariga morena, dócil, macia...

Abanou a cabeça para enxotar os pensamentos e fechou os olhos, pois sabia que só lhe trariam mais dor. Não podia viver para sempre

atormetado pelas memórias, mas nesse momento apercebeu-se de outra coisa; a memória do pai e a de Nabella estavam a entrar em conflito uma com a outra, exactamente como o haviam feito quando a rapariga lhe implorara que não fosse para Asmodeon. Aewyre acedera e estivera pronto a abandonar a sua demanda para poder casar com Nabella. E agora ela estava morta.

Porquê? murmurou. Que golpe do destino...? Sobressaltado, Aewyre nem se apercebera de que havia levantado a voz e se apoiara nos cotovelos.

Cala-te. Era só uma estrela cadente... resmungou Worick, olhando para ele.

Quando viu que Aewyre o ignorava, resmoneou qualquer coisa sobre campónios que por acaso sabiam manejar uma espada e deitou-se mais uma vez.

O guerreiro mal ouviu o que o thuragar dissera. Tudo lhe parecia deturpadamente claro *agora*.. Nabella morrera para que ele pudesse continuar a busca pelo pai. Por quem, não o sabia, mas os deuses eram a mais óbvia suspeita.

"Então mataram a Nabella... mataram-na porque querem que eu continue a procurar o meu pai, querem que eu vá a Asmodeon..." Tudo começava a fazer sentido, ou pelo menos assim o julgava. *"Então tratam-me como uma peça no tabuleiro e removem a Nabella como numa jogada para vencer. Vencer quem? Não interessa, mataram-na e querem que eu continue..."*

Subitamente motivado, levantou-se e olhou para o céu nocturno, para as estrelas e para além delas.

Pois bem, assim será. Mas saibam que não descansarei enquanto não prestar a última homenagem à que teria sido a minha mulher, não fosse por vocês, um ou todos, não me interessa. E fiquem sabendo que escolho os meus próprios caminhos, não serei uma peça no jogo de ninguém. Desembainhou Ancalach perante o olhar perplexo de Worick. Ninguém! enfatizou.

De repente, Aewyre sentia mais uma vez um propósito na sua vida, tinha a sensação de que tomava o controlo mais uma vez e isso fez com que se sentisse muito bem.

Ninguém diria que fui só eu a engolir aquela porcaria roxa... comentou o thuragar, ainda surpreendido.

Aewyre sorriu-lhe, o primeiro sorriso franco desde há muito tempo, e embainhou a espada enquanto caminhava para o seu saco-cama.

Levantamo-nos cedo amanhã, meu amigo disse, dando uma palmadinha na espaldeira de Worick. Não prolongues o teu turno até muito tarde e tenta dormir um pouco, sim?

O thuragar nada disse, demasiado surpreso para responder.

Na manhã seguinte, todos ficaram embasbacados ao ver Aewyre, a sua cara uma máscara de seriedade, de pé e mochila às costas ao acordarem.

Dormiram bem? perguntou enquanto se dirigia a Allumno.

- Se já tiverem forças, partimos a seguir à refeição.

Lhiannah e Quenestil trocaram olhares incrédulos.

Slayra, podes ver como o Allumno está?

A eahanna piscou os olhos, como se estivesse a acordar de um sonho estranho, mas lá estava o guerreiro, altivo e motivado. Com uma mão no punho de Ancalach e a outra a segurar uma das correias da mochila, Aewyre batia com dedo no punho da espada como se estivesse à espera. Ainda surpresa, Slayra deu consigo fora do saco-cama e dirigindo-se ao mago. Pôs-lhe a mão na testa e achou que ele não tinha febre, pelo que verificou mais uma vez a mordida do crocodilo, retirando a tala e o torniquete.

Com um suspiro de alívio, informou que a ferida não estava infectada, apesar de não poder dizer o mesmo do joelho.

Continua vermelho como um morango e inchado. Temos de o levar a um apotecário, ou um templo.

Aewyre acenou com a cabeça e a eahanna negra enfaixou o ferimento com uma nova ligadura e voltou a colocar a tala. O mago gemeu.

Aewyre! Ele está a acordar!

O guerreiro quase deitou Slayra ao chão ao ajoelhar-se repentinamente ao lado do mago, pondo a mochila de parte e agarrando as mãos de Allumno, que gemeu mais uma vez.

Allumno, sou eu... estamos salvos, já saímos de Moorenglade... disse o guerreiro com uma voz suave.

A-Aewyre... tartamudeou o mago numa voz rouca com olhos trémulos.

Sim, é o Aewyre. Como te sentes, velho amigo?

A perna... a perna dói-me como tudo. Parti... alguma coisa? O guerreiro apertou a mão do seu mentor.

Vais ficar bom, Allumno. Vamos levar-te a um templo e eles tratam-te da perna. Vais ficar bom...

Partida então... era só o que me faltava...

O aperto de mão com o qual Allumno respondera começou a fraquejar.

Allumno...

Estou cansado... acho que vou dormir...

Vendo a expressão preocupada na cara de Aewyre, Slayra sossegou-o.

Ele perdeu sangue, Aewyre a eahanna negra pôs a mão no ombro dele, retirando-a de seguida como se tivesse tocado em fogo, está fraco. Quanto mais ele descansar, melhor.

O guerreiro teve de concordar e deixou o mago afundar-se num sono merecido. Voltou a pôr a mochila às costas e pegou nos cabos traseiros da liteira improvisada.

Bom, por que esperamos? Ainda é um longo caminho até Vau do Caar.

Sabes sequer onde estamos? perguntou Lhiannah. Aewyre pestanejou, como se não tivesse compreendido, mas pareceu cair em si e olhou para Quenestil, pedindo apoio.

Para Nordeste disse o eahan com um ar cansado. A procissão dirigiu-se para Nordeste, na direcção de Vau do Caar.

Então para Nordeste comandou o guerreiro, começando a andar sem esperar pelos outros.

Que bicho lhe mordeu? perguntou Worick.

Os outros limitaram-se a encolher os ombros e seguiram Aewyre pela floresta adentro.

Uma pesada bota de aço negro afundou-se no lodo até a meio da greva, produzindo um ruído chupante ao sair. Dois pontos de luz vermelha iridescente fitavam as redondezas, tomando nota de cada sombra que se mexia, cada bolha de ar que rebentava à superfície da água lodosa e estagnada. O pescoço rangia a cada movimento da cabeça, que olhava ora para um lado, ora para o outro. Mesmo uma criatura tão maligna como ele sentia o mal latente no pântano.

E sentia-se bem.

A sua bota entalou-se numas vinhas, que foram rápida e eficientemente cortadas com um único golpe da espada negra e porosa que a figura empunhava. Nada o iria impedir. Nada.

Finalmente, o vulto chegou a uma área diferente das outras. Nesta, o cheiro a decomposição era mais forte, e não era só vegetal. Cheirava-lhe a sangue. Com um grunhido cavernoso de prazer, estugou o passo e avistou o pequeno monte, a elevação cercada por mais corpos do que

poderia contar. Caminhou por entre eles, cadáveres mutilados e decompostos de humanóides verdes e foliáceos que não se incomodou a verificar e outras criaturas estranhas. Só um corpo, e depois outro, e outro ainda lhe chamaram a atenção. Ajoelhou-se e observou os cortes, limpos, precisos, e as marcas que haviam deixado irradiavam uma aura que conhecia muito bem.

Ancalach... disse com satisfação.

Ruídos atrás de si despertaram-no do seu estado de concentração e o vulto viu claramente um grupo dos humanóides verdes a aproximar-se. Ergueu-se e brandiu a espada, pronto para o combate.

O maior dos vegears atacou de imediato, repentinamente rápido, mas não rápido o suficiente. O seu antebraço voou, seguido pela cabeça e por um tronco cortado ao meio. Os fluidos verdes que borrifaram o vulto não o incomodaram e este deitou por terra o segundo com cinco dextros golpes. Estas criaturas eram mais resistentes do que estava habituado, mas não seria isso a pará-lo. Numa autêntica dança de morte, impossivelmente rápida para algo que devia estar morto, o vulto compôs uma verdadeira sinfonia de chacina, e todos os malogrados ouvintes jaziam mutilados e decepados a seus pés no fim.

Satisfeito, brandiu a temível espada mais uma vez e empunhou-a perto da sua cara, o que sobrava dela. Observou o fluido dourado e resinoso que escorria pela lâmina porosa e constatou que ela não estava a absorver o líquido vital. Se pudesse encolher os ombros, tê-lo-ia feito, pois não recebera feridas algumas e aquilo não era sangue que pudesse absorver, pelo que limpou a espada à capa negra num gesto rápido e retirou-se, continuando a seguir o chamamento de Ancalach.

Após quase quatro dias nos opressivos e bafientos pântanos, o bosque de altas faias e áceres nus, teve um efeito deveras refrescante nos companheiros, apesar da quase total ausência de verde e da predominância do cinzento invernal. Mas aqui o ar era fresco e lufadas de vento que deslizavam pelos ramos nus para os companheiros davam a impressão de que as árvores sopravam delicadamente para eles.

Levaram o dia inteiro até avistarem uma estrada e quando as primeiras fazendas surgiram por detrás dos montes desnudos de árvores, já as estrelas cintilavam no céu nocturno. Cães ladravam por detrás de longas sebes e cercas, e os companheiros viram umas quantas luzes dentro das habitações, mas não retardaram o passo, até que avistaram umas figuras a aproximarem-se à distância, empunhando

pontas de metal iluminadas pelo luar. Aewyre e Babaki poisaram a liteira e os companheiros esperaram pela aproximação do grupo. Ao cobrirem a distância que os separava, os estranhos aparentaram ser uma milícia ou vigia da aldeia, pois envergavam simples trajes de couro e estavam armados com lanças. Eram dez, e dois deles possuíam espadas embainhadas, um dos quais mandou o grupo parar com uma mão enquanto a outra se apoiava no punho da arma.

Boas noites. Quem sois e onde ides? perguntou.

Boas respondeu Aewyre. Somos viajantes exaustos e famintos e buscamos comida quente e um lugar seco para dormir.

O aparente líder perscrutou o grupo de mau aspecto que se lhe deparava. Estavam todos sujos, feridos, armados e tinham um aspecto esquisito. Babaki encolheu-se.

Temos um amigo ferido acrescentou Aewyre, e ele precisa de ajuda. Acaso tendes um apotecário, um sacerdote?

Temos um sacerdote, sim... mas diga-me, quem é aquele que se tenta esconder? perguntou o guarda, apontando para Babaki.

É um antroleo disse Aewyre prontamente, indiferente ao que pudesse acontecer. Allumno era a sua maior preocupação. Temos ouro, e o nosso amigo precisa mesmo de ajuda. Podemos entrar na aldeia?

Os guardas entreolharam-se e pareceram crisar os dedos nos cabos das lanças. Um *antroleo*? Todos haviam ouvido falar dessas criaturas em histórias à lareira, talvez mesmo uma referência num ou noutro bestiário, mas estarem frente a frente com um era de facto coisa insólita para aqueles homens simples. Babaki suspirou e elevou-se à totalidade da sua enorme estatura. As sentinelas pareceram estremecer e as pontas das lanças baixaram nitidamente.

Ouçã, vimos em paz interveio Lhiannah, sou a...

Uma cotovelada de Aewyre substituiu as restantes palavras de Lhiannah com uma arfada.

Como te...? disse a arinnir, quase emudecida pela fúria.

Precisamos de um apotecário. Por favor? pediu Aewyre num tom que fez com que Lhiannah esquecesse a raiva. O guerreiro desapertou os cordões da sua sacola e na sua mão surgiram moedas de ouro brilhantes. O antroleo é nosso amigo e não causará problemas, pela minha palavra. Tomem estas moedas como garantia.

Os guardas hesitaram e Worick grunhiu, achando um puro desperdício subornar os guardas quando poderia convencê-los à martelada. Os vigias entreolharam-se, piscaram os olhos e um deles fez

mesmo tenção de tocar em Babaki com a ponta da lança, mas os companheiros cerraram uma barreira de corpos à frente do seu amigo. Por fim, o capitão aceitou as moedas e fez menção que continuassem.

Com certeza não se importarão de ser acompanhados até à estalagem? perguntou com o sobrolho franzido para o antroleo.

De modo algum respondeu Aewyre prontamente. Podem levar-nos ao sacerdote, por favor?

Com alguns resmungos, os vigias seguiram as ordens do seu comandante e escoltaram os companheiros pela estrada.

Sinto muito, Babaki sentiu-se Aewyre compelido a dizer, indiferente à presença dos vigias.

Não há nada pelo que te devas desculpar assegurou o antroleo com a sua habitual voz serena.

Escusavas era de lhes ter dado dinheiro como se estivesses a pagar imposto de cavalo disse Lhiannah, ainda com a cotovelada na memória e também ela indiferente aos vigias.

Lhiannah, Babaki parecia de facto despreocupado, *deixa estar*.

Com uma fungadela de desdém, dirigida tanto a Aewyre como para o resto do grupo, Lhiannah estugou o passo de cabeça empinada.

No topo da elevação que precedia Vau do Caar, os companheiros tiveram uma boa vista da comunidade, um aglomerado de casas com janelas amarelas embalado pelo incessante burburinho das águas do rio Caar. Os edifícios eram altos, bem mais altos que as habitações de qualquer vila que tivessem visto, com telhados de duas águas de seixos de ardósia, dádivas do leito do rio. O grupo desceu o monte pela estrada sinuosa, cada um perdido nos seus pensamentos, Aewyre e Babaki ocupados a tentar evitar que Allumno caísse da liteira. Os vigias permaneceram silenciosos, mas vigilantes.

Onde é o santuário? perguntou Quenestil a um vigia de barba por fazer e odor a estábulos.

Como uma resposta, surgiu um edifício marmóreo à beira do rio, formado por uma simples colunata de colunas espiraladas, que sugeriam o fluir de água e que sustentavam uma abóbada branca que parecia resplandecer ao luar. No centro encontrava-se um tabernáculo cinzelado onde o sacerdote realizaria os seus rituais e oraria as suas preces, só que era tarde e não se encontrava nenhum no santuário. Havia ainda uma extensão do templo, uma piscina de mármore que penetrava no rio, cujas águas fluíam para dentro e fora dela. Mas havia mais, o edifício sacro tinha algo errado, algo que parecia desajustado...

Um santuário de Acquon disse Quenestil, inclinando-se respeitosamente perante uma das casas do deus da medicina, mas passa-se alguma coisa... o templo quase me parece abandonado.

Com as palavras de Quenestil, o santuário pareceu transformar-se, as colunas de mármore embaciaram, a escuridão desceu sobre o tabernáculo e a estrutura adquiriu um ar quase ameaçador, que fez com que os companheiros recuassem. O grupo de vigias permaneceu imperturbável e olharam para os companheiros como se fitassem crianças barulhentas.

O que foi aquilo? O que aconteceu? perguntou Taislin, se curioso ou assustado, ninguém soube dizer.

Alguns membros da milícia resmungaram um pouco mais, mas o capitão falou, se bem que de aparente má vontade.

O santuário foi corrompido esclareceu, nem o sacerdote ousa entrar nele. Não toquem em nada e não se aproximem muito. O sacerdote diz que é perigoso. E os conselhos do sacerdote são sempre bons de seguir.

Corrompido por quê? indagou Lhiannah. O capitão encolheu os ombros.

Os conselhos do sacerdote são sempre bons de seguir... reiterou inconclusivamente.

Os companheiros entreolharam-se e prosseguiram a caminhada. Já dentro da aldeia, olharam em redor enquanto percorriam as suas ruas vazias. Worick, sempre atento a detalhes de construção, notou que as paredes dos andares inferiores das casas estavam cobertas com betume.

Esta gente está com medo de uma inundação constatou. Casas altas, madeira resinosa comprovou a afirmação com leves batidas numa parede e estancada com betume.

Na Primavera, o degelo deve aumentar consideravelmente o tamanho e a força da corrente do Caar explicou Quenestil, olhando para os vigias para uma confirmação que não obteve.

Mas estamos a meio do raio do Inverno... replicou o thuragar.

Quenestil encolheu os ombros.

São gente providente...

Muito providente, sem dúvida zombou Worick, uma acha caída e cada uma destas casas ardia mais depressa que bile de Tyarch.

Então diz-lhes isso disse Quenestil, suspirando resignadamente.

Um ruído de festa e, animação parecia vir de algures, provavelmente de uma taberna, onde os habitantes estariam a *afogar* o cansaço de um dia árduo com uma caneca de cerveja. Conduzidos pelos vigias, os companheiros viram-se perante um edifício construído quase à imagem dos restantes, talvez um pouco mais largo, com uma tabuleta a balançar ao bel-prazer do vento onde se lia, *A Caneca Flutuante*.

Eu vou lá dentro perguntar onde está o sacerdote. Esperem aqui disse Lhiannah num tom imperativo, olhando de soslaio para os guardas, que haviam parado e esperavam.

É melhor não, advertiu Aewyre, poisando a liteira juntamente com Babaki.

Então porquê? perguntou a arinnir, cruzando os braços.

Porque vais provavelmente ser assediada e depois teremos de ser nós a ajudar-te contra uma multidão furiosa por teres partido os narizes de convivas e então arranjaremos problemas, coisa que eu prometi que não haveria e faço tenções de cumprir.

O repentino e inesperado discurso de Aewyre deixou os companheiros surpresos, habituados ao seu recente comportamento lacónico. Mesmo Lhiannah ficou sem palavra, fitando o guerreiro de boca entreaberta.

Capitão, pedi-lhe que nos levasse ao sacerdote. Por que razão nos trouxe para a estalagem? perguntou, virando as costas aos olhares estupefactos dos seus amigos.

É aqui que encontra o sacerdote. Devo chamá-lo? ofereceu-se o capitão, humilhado pela repentina demonstração de autoridade de Aewyre.

Não é necessário, falarei com ele pessoalmente. Mostre-me o caminho.

O capitão assim fez, tomando a iniciativa de abrir a porta e entrar. Aewyre fez o mesmo sem olhar para trás.

Já não percebo nada... confessou Quenestil.

Não és o único acrescentou Lhiannah, coçando o queixo.

A Caneca Flutuante (assim chamada em lembrança da última grande inundação na aldeia, após a qual a estalagem ficara alagada e com todos os objectos a flutuar na sala comum, entre eles canecas) estava quase cheia de camponeses cansados do trabalho exaustivo nos campos, homens rurais e barulhentos que nada mais queriam que partilhar uns bons copos de bebida forte com os seus companheiros. A atmosfera era quente e agradável, um abrigo tanto para o viajante como

para o camponês, reforçada pela grande fogueira voraz que ardia no centro da sala por baixo de uma chaminé cinzenta que pendia do tecto, uma disposição deveras incomum. Um largo balcão de pedra *cercava*, a mesma fogueira e dentro dele trabalhavam atarefadamente homens e mulheres, que rodavam os espetos que atravessavam a fogueira, trespassados pelos quais tostavam grandes nacos de carne e peixes inteiros, produzindo um ruído de gordura chiante que se mesclava à cacofonia de sons da sala. O andar inferior da estalagem era amplo e nele havia espaço para a grande fogueira, o balcão circundante e várias mesas. No fim da sala, ao lado das escadas que davam acesso ao andar superior e à adega, havia ainda um outro balcão, onde as bebidas eram servidas e onde os fregueses mais susceptíveis ao calor da fogueira se juntavam para matar a sede. A decoração era esparsa e escassa, constituída por uns poucos quadros que retratavam cenas bucólicas e uma e outra panóplia, variando entre instrumentos agrários e de pesca. O soalho de madeira tremia ao ritmo das pisadas dos convivas, que batiam com os pés no chão ao ritmo de uma cantilena popular que Aewyre reconheceu, "A Rapariga do Rio".

Amanhã pela madrugada,

Acordarei quando orvalho pingar das folhas,

Correrei pela calada,

Pelos bosques e bosquetes d'árvores velhas,

E será

À beira do rio, do rio corredio,

Qu'encontrarei a Rapariga do Rio

O seu cabelo é negro,

Escuro como a noite, noitinha sem estrelas,

Sua pele é casca de cedro,

A sua voz com'a das pequenas aves singelas,

E será

A beira do rio, do rio corredio,

Qu'encontrarei a Rapariga do Rio

*Canta, rapariga, canta para mim, Deslumbr'os meus olhos, não te cubras assim, Mas de repente, ai de mim!
Ela foge, mergulhando com grande chinfrim,*

Mas sei que enquanto durar o estio, A beira do rio, do rio corredio, Encontrarei a Rapariga do Rio

A cantilena lembrou Aewyre dos tempos que passara com as moças da aldeia, mas um puxão no seu braço direito virou a sua atenção para o capitão, que apontava para um indivíduo trajado de azul que parecia estar entretido com os seus companheiros de mesa.

Pêro, o sacerdote, é aquele.

O guerreiro agradeceu com um aceno de cabeça e dirigiu-se ao indivíduo em questão. A poucos passos dele, viu que era um homem que já ultrapassara de longe os seus anos doirados, ostentando a sua cabeleira rala branca como prova disso. Envergava uma toga azul-escura com listras brancas que descreviam linhas sinuosas ao longo da roupa, criando um efeito semelhante ao do reflexo da luz em águas ondeantes. Quando Aewyre se aproximou da mesa, o sacerdote nem se apercebeu da sua presença, ocupado a rir e a tragar a sua cerveja, mas uns dos seus companheiros fitaram o guerreiro imundo que se lhes deparava. Por esta altura, já estavam bastantes olhos em cima de Aewyre e o capitão observava-o de braços cruzados. O guerreiro ignorou-os a todos e tossicou para chamar a atenção do sacerdote, que não foi conseguida. Aproximou-se então e apoiou-se sobre os punhos na mesa, atraindo os olhares para si e fazendo com que os convivas torcessem os narizes, ofendidos pelo repulsivo odor de suor, sangue, sujidade e de quatro dias no pântano que Aewyre exalava.

Sacerdote Pêro, preciso da vossa ajuda. O sacerdote, que já olhava para ele, fitou-o com uma expressão que Aewyre só podia descrever como surpresa. As rugas acentuaram-se-lhe na testa e os dedos crispavam-se na caneca. Um amigo meu está gravemente ferido. Eu tenho ouro...

Eu... hããã... hesitou o sacerdote com uma voz cansada e nervosa, sinto muito, meu rapaz, mas acho que não posso fazer nada por si.

Era a vez de Aewyre ficar surpreendido.

Não pode? O sacerdote abanou a cabeça cabisbaixa. Não pode? reiterou, incrédulo. Como não pode?

Simplesmente... não posso. Acquon... Acquon, o meu deus, está zangado comigo. Não posso usar os seus poderes.

Mas o meu amigo pode morrer, eu preciso da sua ajuda! Aewyre estava perto do desespero.

Não ouviu o sacerdote? perguntou alguém atrás de si. Aewyre virou-se e viu o capitão com a mão apoiada no punho da espada. Ele não o pode ajudar. Não o incomode mais.

Mas será que não entendem? Eu e os meus companheiros estivemos quatro dias em Moorenglade. A sala emudeceu. Estamos cansados, esfaimados e feridos, e o meu amigo pode morrer. Virou-se para Pêro. Eu venho pedir ajuda e você diz-me que não pode, que o seu deus se zangou? Mas que tipo de homem é você? Que tipo de gente são vocês? perguntou, esmurrando a mesa.

Perante esse gesto, os convivas afastaram-se da mesa e o capitão desembainhou a espada, apontando-a a Aewyre.

Chega! Comigo lá para fora, e já, seu arruaceiro!

Aewyre virou-se para ele e o seu olhar fez com que o capitão engolisse em seco. Ancalach parecia chamar a sua mão, mas o guerreiro controlou-se e mostrou as palmas das mãos como sinal de paz. Olhou uma última vez para o sacerdote, mas este tinha o olhar baixo fixo na sua caneca, e retirou-se sem esperar por novas ordens do capitão, percorrendo a sala perante os olhares curiosos dos convivas e saindo por onde entrara. Lá fora, os companheiros levantaram-se das posições acoradas enquanto haviam observado Allumno e dirigiram-se a ele, ignorando a presença da milícia.

E então? perguntou Quenestil.

Vamos embora desta maldita aldeia.

Tanto os companheiros como os vigias ficaram surpresos.

Mas e o Allumno? quis Slayra inesperadamente saber.

Não nos vão ajudar aqui. Vamos para Colm.

Colm? Lhiannah não queria acreditar no que ouvira. Ouve, Aewyre, isto já começa a...

Antes que a arinnir pudesse acabar de falar, o capitão saiu da porta, ainda de espada na mão e apontou para os companheiros.

Prendam esse arruaceiro ordenou.

Antes que qualquer um dos guardas compreendesse a ordem, já Ancalach havia voado para a mão de Aewyre, que se colocou quase de imediato numa posição de combate. Com os reflexos e rapidez de reacção afiados pelos quatro dias em Moorenglade, os companheiros fizeram o mesmo e os vigias recuaram.

Ouçã disse Aewyre, vamos embora e que ninguém nos tente prender. Não teremos qualquer contacto com qualquer habitante, mas se nos tentarem prender, lutaremos.

Worick grunhiu para acentuar a frase do guerreiro, uma das poucas com as quais ele havia concordado até agora. Babaki permaneceu calado e imóvel.

O capitão olhou para os seus homens, hesitante, mas vendo que eles estavam com tantas dúvidas quanto ele e que nenhum desejava enfrentar um grupo daqueles que, apesar de ferido e cansado, parecia mais que uma luta razoável para a milícia mal armada e pobremente treinada.

Pois bem, retirem-se, e não voltem, acedeu o capitão com a maior segurança e autoridade que conseguiu pôr na sua voz.

Aewyre e Babaki pegaram na liteira com Allumno, o grupo recuou devagar, depois embainharam as armas e prosseguiram com a sua caminhada, olhando para trás ocasionalmente.

Sim senhor, arranjaste-a bonita resmungou Lhiannah. Acabámos de perder uma refeição decente, uma cama para dormir e um bom banho quente.

Mas afinal o que *aconteceu*? perguntou Taislin, tentando evitar um conflito.

O sacerdote *não pode responder* o guerreiro amargamente, sem tirar os olhos do horizonte estrelado. Mais uma noite ao relento...

Esperem! disse alguém atrás dos companheiros, que se viraram.

Um indivíduo corria apressadamente na sua direcção, continuando a pedir-lhes que esperassem e o grupo assim fez, todos curiosos. Aproximava-se dos companheiros um homem vestido com uma toga que esvoaçava ao sabor da brisa nocturna, iluminado quando passava pelo ocasional facho de luz proveniente de uma habitação, que revelava a cor azulada da sua indumentária. Aewyre sentiu um resquício de esperança a assomar-se-lhe, mas este desapareceu ao ver que era um jovem mancebo, um companheiro de mesa do sacerdote em qual Aewyre mal reparara que corria em seu encontro.

Esperem! pediu mais uma vez, antes de parar perante os companheiros e apoiar-se nos joelhos, ofegante.

Era um jovem duns dezoito anos, talvez um pouco mais. Tinha o cabelo ralo como o do sacerdote, mas este ainda se revelava na sua jovem negrura. Farripas negras denteavam-lhe a testa larga por cima de uns olhos vivos e escuros com um nariz pontudo e atrevido por baixo. O jovem tentou esboçar um sorriso, mas a boca abria-se-lhe demasiado para inspirar ar e não conseguiu.

Que queres, rapazola? perguntou Worick sem muita paciência.

Boas... boas noites, senhores... senhoras. Sou Dorfidel, acólito do sacerdote Pêro. Eu... eu soube que um amigo dos senhores... e das senhoras... estava ferido. Quero... quero ajudar como puder.

Os companheiros entreolharam-se, duvidosos. O *rapaz* parecia no mínimo deveras verde. Mas Aewyre estava disposto a tudo.

Aqui, rapaz poisou a liteira com Babaki, o meu amigo está aqui.

O acólito esfregou as mãos nervosamente e acorrou-se perante Allumno.

Onde está a ferida?

A perna direita... indicou Slayra, revirando os olhos.

Ah! Sim, claro... ora vejamos...

Não devíamos levá-lo para o templo, o santuário? indagou a eahanna negra.

Sim, mas... espere, minha senhora. Eu já... Dorfidel emudeceu ao ver o estado da perna do mago. Pela Biga de Acquon...

Podes ajudá-lo, *rapaz*? perguntou Aewyre.

Hãã... eu... maldição! Não passo de um acólito! Preciso do tabernáculo...

Então por que não mexes esse rabo até lá? sugeriu Worick.

Worick... admoestou Lhiannah.

Eu... eu fá-lo-ia, senhor, mas o santuário...

O quê, *rapaz*? *interveio* Quenestil. O que tem o santuário?

Eu...

Mas desembucha, que raio! exclamou o thuragar.

Eu... ai de mim, não posso mais esconder isto! O pai Pêro não vai gostar, mas tenho de...

Se não falas, tiro-te as palavras à martelada! ameaçou Worick, tirando o temível martelo de guerra do cinto.

Worick... admoestou Lhiannah mais uma vez, vendo a expressão assustada do acólito. Não te preocupes, rapaz. Ele ladra muito, mas não morde...

E ela gane muito quando leva uma lição mas não aprende acrescentou o thuragar em defesa própria.

Lhiannah revirou os olhos, mas pôs as mãos por cima dos ombros magros de Dorfidel. Não havia

arinnir que resistisse a um homem sensível.

Agora acalma-te. Inspira fundo e diz-nos o que se passa com o santuário.

Sim... sim, linda senhora obedeceu Dorfidel, inspirando fundo. Há alguns anos, o pai Pêro, que Acquon lhe dê de beber da sua Biga, deixou de conseguir curar as pessoas tão bem como antes o fazia. Via-se que os seus poderes se lhe esvaíam dia após dia, e cada vez podia fazer menos pelas pessoas. Orou a Acquon, mas as suas preces não foram respondidas e os seus poderes continuaram a diminuir até mais não ser capaz do que tratar de um arranhão e dar apoio moral aos necessitados. É terrível e ninguém sabe porquê, mas o próprio templo se virou contra o pai Pêro, tornou-se negro, perdeu a sua pureza, começou a assustar pessoas e animais e hoje ninguém chega perto dele...

Moorenglade disse Quenestil em surdina.

Perdão, senhor?

O que disseste, Quenestil? perguntou Aewyre.

Moorenglade. Foi a água de Moorenglade!

Calma, o que...?

O rio Caar é um afluente de Moorenglade! Só pode ser isso! O santuário foi corrompido pela maldade daquele maldito lugar!

Mas acalma-te, irra! vociferou Worick. Achas mesmo que...

Vem comigo, rapaz! disse Quenestil, agarrando Dorfidel e arrastando-o atrás de si em direcção ao santuário monóptero.

O eahan também? Será que está tudo a ficar maluco? perguntou Worick, atirando os braços ao ar.

Senhor, mas para onde me leva? perguntou Dorfidel, aflito.

Não te preocupes, *rapaz*. Queres servir o teu deus e ajudar o sacerdote?

Mas é claro, só que...

Então espera e faz-me as perguntas mais tarde.

Quenestil conduziu o acólito até perto do santuário e lá o largou. Antes que ele pudesse fazer qualquer pergunta, o eahan desembainhou a sua comprida faca e Dorfidel esmaeceu, repentinamente pálido como a cal.

Não te preocupes assegurou Quenestil, incapaz de esconder um sorriso, isto não é para ti. Quer dizer, de certa forma é... Vendo que o sangue não voltava à cara do rapaz, prosseguiu. Esta faca bebeu o sangue de um druida negro de Moorenglade e cortou-lhe a cabeça. Se fosse possível, a face de Dorfidel teria branqueado

ainda mais. Foi a maldade de Moorenglade que corrompeu o teu santuário, *rapaz*. Escorreu pela água e infiltrou-se no seu mármore sagrado. Aliás, penso mesmo que o santuário salvou a aldeia inteira e talvez outras, absorvendo toda a maldade de modo a que ela não pudesse afectar quem a bebesse. Agora deves purgá-lo, e esta faca vai ajudar-te, pois conhece o mal que conspurca este lugar e ser-te-á útil.

Mas... mas eu não passo de um acólito. Não posso...

Ouve o que ele diz, rapaz disse Aewyre, carregando Allumno. Pêro perdeu a esperança, diz que não pode fazer nada. Se o queres ajudar e se queres salvar o meu amigo, peço-te, tenta.

Dorfidel nunca se sentira tão importante na sua vida, mas esse mesmo facto aterrava-o. Pela primeira vez, algo dependia de si, não algo, mas a vida de um homem e a integridade do santuário do deus que servia! Todos olhavam em expectativa para ele, e isso não ajudava, mas Quenestil poisou a faca na sua mão e sorriu-lhe reconfortantemente com uma palmadinha no ombro.

Precisamos de ti, rapaz, sobretudo o nosso amigo ferido. Tu és capaz.

Mas eu nem sei o que fazer... queixou-se Dorfidel.

Sabes que mais? perguntou Worick. Deixa *fluir*.

O thuragar riu-se grosseiramente, atraindo os olhares zangados dos companheiros, mas o seu trocadilho teve um efeito inesperado no acólito.

Deixa fluir? sussurrou para si mesmo. Deixa fluir... Sem que os companheiros ou mesmo ele se apercebessem, Dorfidel encaminhou-se para o tabernáculo. As colunas escureceram de imediato e uma presença ominosa fez-se sentir, mas o acólito ignorou ambas.

Deixa fluir...

Subiu os três degraus e encontrou-se debaixo da abóbada, que ameaçava cair-lhe em cima. Dorfidel também a ignorou. Poisou a faca em cima do tabernáculo, que pareceu tentar repeli-la, e abriu os braços, mesclando a sua mente ao burburinho das águas do Caar.

Deixa fluir...

Olhem! exclamou Quenestil, apontando para o santuário. Os companheiros para lá olharam e ficaram de facto surpresos.

O negrume que o cobria parecia vacilar e podiam jurar que o acólito brilhava.

Deixa fluir...

Mas que está ele a *fazer*? Eu não estava a falar a sério! disse Worick.

O que deve ser feito respondeu Quenestil, mais para si que para o thuragar.

Deixa... fluir...

O negrume do santuário teimava em sair. Parecia cercar Dorfidel e tentar repeli-lo. A harmonia começou a ser quebrada. O acólito começou a tremer e a perder o controlo.

Que se passa? indagou Taislin.

Quenestil franziu as sobrancelhas, começando a ficar preocupado. Aewyre desembainhou a espada, não obstante não saber contra o que haveria de a usar.

Acquon! rogou Dorfidel. Acquon, meu senhor, ajudai-me! Purgai o mal que conspurca esta Vossa casa! Purificai este santuário a Vós dedicado!

O rapaz gritava a plenos pulmões e os companheiros prepararam-se para fazer qualquer coisa, embora não soubessem o quê, quando as águas do Caar se agitaram dentro da piscina marmórea do santuário.

O que está a acontecer? gritou Lhiannah de modo a que a sua voz se pudesse sobrepor ao chapinhar intenso do turbilhão recém-formado.

Antes que os companheiros pudessem agir, as águas ergueram-se do rio e formaram uma tromba-d'água que se abateu com ímpeto e fúria sobre o santuário, alagando tudo em redor, incluindo os companheiros.

Taislin tossiu a água para fora e estrebuchou no solo molhado para se levantar. Os seus amigos estavam todos no chão e completamente encharcados como ele e ainda não haviam recuperado da surpresa.

Está toda a gente bem? perguntou o burrik.

A única resposta foi uma rosnadela de Babaki, que se sacudia violentamente para tirar a água do pêlo.

Olha a água, imbecil! berrou Worick, que apanhou com os pingos em cima. Molhado já eu estou!

O Dorfidel? perguntou Quenestil, levantando-se. Dorfidel! gritou.

Algo se mexeu perto do tabernáculo e os companheiros para lá se encaminharam, menos Aewyre, que foi ver como Allumno estava após a tromba-d'água.

O que pensas que aconteceu, Quenestil? indagou Lhiannah, tirando o cabelo molhado de frente da cara.

Acho que só o Dorfidel poderá responder.

Pedras me partam, eu não estava a falar a sério... insistiu Worick, endireitando o elmo.

O acólito jazia no chão marmóreo do santuário, encharcado dos pés à cabeça e completamente inerte. Lhiannah chamou-o pelo nome e, como o rapaz não respondeu, inclinou-se para ver se estava vivo, mas os olhos de Dorfidel abriram-se antes que a arinnir lhe tocasse na jugular e o rapaz levantou-se repentinamente como se nada tivesse sucedido.

Dorfidel? Estás bem? perguntou-lhe Quenestil, pondo-lhe a mão no ombro.

Estou... quer dizer, não sei... é... espere, tenho de ajudar o seu amigo.

Quenestil e Lhiannah olharam um para o outro, procurando clarificações, mas nenhum soube explicar ao outro o que sucedera. A faca do eahan jazia por cima do tabernáculo e a luz prateada da lua incidia na lâmina.

Dorfidel sentia-se estranho. Arrepios percorriam-lhe o corpo de uma ponta à outra, como os efeitos colaterais do clímax de uma sensação de êxtase, mas o jovem acólito não conseguia deixar de se sentir... bem. Os seus membros ressentiam-se de formigueiros mas a água e o frio da noite não o incomodavam, pois sentia um calor dentro de si que não conseguia explicar. Tudo lhe parecia tão claro, tão puro, que mal se apercebeu de que já chegara perto do corpo caído de Allumno e quase lhe caiu em cima.

Mostre... mostre-me a perna do seu amigo, senhor.

Aewyre fitou-o. Ainda mal acabara de conhecer o rapaz, mas após os acontecimentos dos últimos frenéticos momentos, sentia-se seguro a dizer que ele mudara. Tirou as faixas atadas à volta das feridas e desfez o torniquete. A ferida do mago não infectara, mas ainda tinha péssimo aspecto.

Podes ajudá-lo, *rapaz?* perguntou Aewyre novamente, Dorfidel não respondeu. Limitou-se a ajoelhar-se perante o mago e

torceu as mangas, derramando água nas feridas. Feito isto, poisou as mãos no joelho partido e nos furos dos dentes do crocodilo e, acto contínuo, sentiu um formigueiro mais intenso nas mãos, que começaram a brilhar numa miríade de cores cerúleas e experimentou uma sensação de transmissão de energias, como se estivesse a *canalizar* algo para o corpo do mago. Lentamente, o ferimento perdeu a sua rubidez e a carne dilacerada começou a cerrar-se. Os olhos de Aewyre arregalaram-se e a esperança brilhou mais uma vez na sua face, que se tornara quase austera nas últimas semanas, ao ver que a cor voltava à cara de Allumno.

Mas que se está a passar aqui? gritou alguém à distância Dorfidel ignorou o grito, mas os companheiros olharam para a sua origem e viram o capitão, acompanhado pelos seus homens e alguns habitantes da aldeia, incluindo Pêro, a correrem na sua direcção. Os outros juntaram-se a Aewyre e formaram uma barreira entre o acólito e a multidão que se aproximava

Disse-vos para saírem da aldeia! Que pensam que estão a fazer com o santuário, berrou o capitão.

E tu, Dorfidel, que fazes aí? reparou o sacerdote.

Ao contrário de vocês, rabos moles explicou Worick, este rapaz está a fazer alguma coisa pelo vosso templo e pelo nosso amigo

Saiam já de Vau do Caar ou prendo-vos a todos.

O resto da multidão observava o grupo com curiosidade e espanto, vendo-os tão perto do templo

Dorfidel, sai já daí! É uma ordem minha e do sacerdote! berrou o capitão mais uma vez.

Ainda... não está... disse Dorfidel entredentes e de olhos cerrados. Parecia estar a passar por um grande esforço. O osso... o joelho... ah!

O acólito baixou repentinamente os ombros e a cabeça, parecendo exaurido. Aewyre agarrou-o de modo a impedir que o rapaz caísse, mas não foi necessário.

Estás bem, rapaz?

Eu... não sei., o seu amigo?

Aewyre olhou para as feridas de Allumno, mas no seu lugar estava agora pele sã e imaculada com um leve resquício branco de uma cicatriz.

Conseguiste rapaz, ele está curado! A fenda desapareceu! exclamou Aewyre, enquanto os olhos de Allumno se abriam a custo.

Aewyre...? falou o mago com voz de quem despertara de um longo sono.

Dorfidel, sai já daí! ordenou Pêro.

Aewyre abraçou Allumno afectuosamente e o acólito olhou para as suas mãos com ar de espanto, murmurando qualquer coisa ininteligível

Capitão, prenda esses homens! gritou o sacerdote, quase histérico.

Finalmente, os vigias avançaram, mas um punhal de Slayra singrou na direcção de um, derrubando o elmo para fora da sua cabeça com uma batida metálica que ressoou na cabeça do homem. Lhiannah desembainhou a espada e deu um passo em frente e os homens hesitaram.

Por que esperam? Prendam estes vândalos! gritava Pêro, já a espumar da boca.

Disse para prendermos os homens, não as mulheres... justificou um vigia.

Mas por que razão haveriam de nos prender? indagou Lhiannah, com Worick e o seu martelo agora a seu lado. Que mal fizemos nós?

O que fizeram com o santuário? exigiu Pêro que lhe explicassem, agitando os braços violentamente como as asas de uma galinha entontecida.

Purgámo-lo do mal que o corrompia interveio Quenestil. O mal do qual você ou não se apercebeu ou não foi capaz de combater. Aquele rapaz, apontou para Dorfidel, que ainda fitava as próprias mãos fez tudo sozinho.

Os olhares viraram-se todos para o acólito, que os pareceu sentir e se ergueu, costas viradas para o público. Lentamente, virou-se e encarou os aldeãos e o seu tutor, Pêro.

Já disse para saíres daí, Dorfidel!

O altar... foi purificado declarou o acólito em voz austera, surpreendendo todos, incluindo o sacerdote, que se calou.

De súbito, Dorfidel pareceu esquecer todos os presentes e encaminhou-se para o santuário, dirigindo-se ao tabernáculo e pegando na faca de Quenestil.

Agradeço-lhe a sua arma, nobre eahan. Foi uma honra usá-la disse ainda, dirigindo-se ao shura.

Ainda bem que ela serviu o seu propósito aceitou Quenestil.

Amigos de Vau do Caar, estes bravos aventureiros salvaram o nosso templo e livraram-no do mal que nos estava a privar das bênçãos do nosso deus! declarou o acólito com a autoridade de um sacerdote. Acolham-nos e tratem deles como se dos vossos melhores amigos se tratasse!

Esta foi uma reviravolta inesperada... sussurrou Worick a Lhiannah.

Graças a Gilgethan, para melhor acrescentou a arinnir.

Venham, amigos. Estão cansados e feridos e agora terão toda a comida e descanso de que necessitarem convidou Dorfidel.

Dorfidel, tu... começou Pêro.

Pai Pêro, peço-lhe. Estes viajantes nada de mal fizeram, antes pelo contrário. Não os julgue pelo que eles não são. Venham. Calculo

que estejam demasiado cansados para celebrações. Arranjar-vos-ei camas confortáveis e ninguém vos incomodará.

Eu não... tentou Babaki dizer.

Não, amigo interrompeu Dorfidel. Dormirá numa cama como todos os seus companheiros.

Faço questão. Não consigo dormir em camas.

Se insiste, então será preparada uma boa cama de palha no celeiro.

Será o suficiente anuiu o antroleo, parecendo sentir-se à vontade com o jovem acólito.

Dito isto, os aldeãos, ainda demasiado atónitos para fazer qualquer tipo de comentário, abriram caminho aos companheiros.

A MANOPLA

Allumno despertou com o quente embater dos raios de sol do entardecer na sua cara. As janelas haviam sido cuidadosamente fechadas para garantir um sono tranquilo aos companheiros, mas uma fresta numa portinhola fora o suficiente para que a luz do astro penetrasse na escuridão do quarto. O mago mexeu-se um pouco no confortável colchão, gemendo e tapando a cara com a almofada de penas, mas um odor nauseabundo, o seu próprio, fez com que acordasse de vez e se levantasse. Uma dor aguda no joelho obrigou-o a ajoelhar-se no soalho de madeira, mas só quando se deixou cair é que ela diminuiu um pouco. O ruído e o grunhido de dor de Allumno acordaram Aewyre e Quenestil, ainda com as experiências em Moorenglade bem presentes na memória, e estes levantaram-se de imediato.

Allumno? O que foi? perguntou o primeiro enquanto o eahan corria a abrir a janela.

Quenestil escancarou as portinholas e a luz entrou num grosso fecho que iluminou a sala e o mago, que agarrava o joelho com os dentes cerrados.

Estás bem?

Não *é nada respondeu* o mago, a sua cara uma careta de dor. Claro que não vou poder andar assim tão facilmente tão cedo... Podes fazer o favor de me passar o cajado, Aewyre?

O guerreiro assim fez e ajudou o seu mentor a levantar-se com o apoio do cajado. O mago olhou para o seu protegido pela primeira vez em dias: as preocupações estavam-lhe cinzeladas nas olheiras e os seus olhos ainda não haviam reencontrado o seu brilho. As faces de Aewyre

estavam cobertas pelo início de uma espessa barba, assim como as suas, e os pêlos mesclavam-se à sujidade que lhe manchava a cara. Só Quenestil mantinha a face sem barba, pois os únicos pêlos que os eahan possuía eram os da cabeça, das pestanas e os das sobrancelhas. O odor corporal dos três era, no entanto, unânime na mensagem que todos precisavam de um banho.

Estou contente por ver que estão vivos declarou Allumno,

ligeiramente inclinado para a direita. Os outros...?

Todos estão bem. Quer dizer, talvez "bem" não seja a palavra...

Compreendo. Quenestil, salvaste-me a vida. Ainda não tive oportunidade para te agradecer disse, dirigindo-se ao eahan.

Não foi algo que tenha feito sozinho... mas acho que cada um de nós deve a sua vida a outro.

Bem dito. Proponho então que comamos e nos preparemos para um banho...

Uma batida na porta interrompeu o mago.

Quem é? perguntou.

Trago uma refeição para os senhores anunciou uma voz feminina do outro lado da porta.

Entre, menina permitiu o mago, e logo de seguida entrou uma moça que carregava três bandejas com queijo, pão e uma pequena porção de ovo mexido.

É uma refeição frugal para tomardes antes do jantar disse a rapariga com um sotaque de *erres* indistintos

Jantar! exclamaram os três em uníssono.

Sim, senhores. Haveis dormido a noite e quase o dia inteiro Os banhos dos senhores estão a ser preparados, e com certeza preferirão lavar-se antes de comer? perguntou a serva, uma jovem rapariga de longos cabelos castanhos encaracolados e uns bonitos olhos grandes da mesma cor.

Muito obrigado, menina Comeremos o que nos trouxe e então iremos tomar banho agradeceu o mago.

A rapariga curvou-se, erguendo a saia levemente e trotou apressadamente para fora do quarto. Os três comeram avidamente e Allumno não pôde deixar de pensar no facto de Aewyre não ter de forma alguma reagido à presença da engraçada criada E isso preocupava-o.

Os três desceram pelas escadas abaixo, conduzidos por outra criada que também não despertou o interesse de Aewyre, o que contribuiu para aumentar a inquietação de Allumno. Foram orientados para a

sala de banhos, onde já se encontrava Worick, imerso numa das quatro grandes selhas cheias de água até ao pescoço, esfregando-se vigorosamente com uma escova ensaboada. A água na qual se banhava estava tingida de preto com tons de verde.

A Lhiannah, a Slayra e o Taislin acordaram mais cedo e já tomaram banho. O Babaki deve estar a lambuzar-se informou o thuragar.

Bons dias, Worick cumprimentou Quenestil, quase incapaz de conter um sorriso.

Deves achar que estás muito limpinho, não? replicou o thuragar. Entra na tua tina e vamos ver se os rabos eahan sempre são mais limpos que um diamante polido...

O eahan riu ao de leve e Aewyre acompanhou Allumno para a sua selha. A sala era pequena, com uma lareira acesa ao fundo, onde a água era aquecida, as paredes de madeira coberta de betume e o soalho estavam escorregadios, pois o ar estava cheio de vapor, que não saía todo pela chaminé, mas isso em nada incomodou os imundos companheiros. Os quatro permitiram-se finalmente relaxar, imergindo-se na água quente e suspirando com prazer.

Todo o limo e sujidade esfregados para fora do corpo com pedra-pomes, os companheiros lavaram o resto do corpo com sabão gorduroso e escovas e retardaram-se um pouco mais nas respectivas selhas até a água arrefecer. Secaram-se com toalhas ásperas e ruças, vestiram as roupas oferecidas pelos aldeãos (as velhas foram queimadas, tanto por motivos higiénicos como supersticiosos) e separaram-se, Worick e Quenestil para a sala de estar para comerem as suas refeições e Aewyre e Allumno para o quarto fazer a barba. O mago envergava uma toga castanha "temporária" e apoiava a quase totalidade do seu peso no cajado, tentando esconder as dores.

Por que não deixas crescer a barba, Allumno? perguntou Aewyre, olhando-se no espelho e aparando minuciosamente os pêlos. Ficava-te bem...

Ainda não está no meu direito clarificou o mago, fazendo a barba sentado. Falta-me a erudição e a sapiência.

E precisas disso para ter barba? insistiu o guerreiro, por pouco não se cortando com a navalha.

Para vocês, pode ser um símbolo de virilidade. Para nós, é algo completamente diferente. Tem que ver com a sabedoria...

O riso de Aewyre custou-lhe um corte na bochecha, pelo que permaneceu calado durante o resto da barbeação. Quando desceram, a sala

estava cheia de convivas que os cumprimentaram com acenos de cabeça, palmadas nas costas e brindes à sua saúde. Os restantes companheiros já se encontravam à mesa e ocupados a comer uma simples mas deliciosa refeição, todos, excepto Babaki, que insistira em comer nos estábulos. Mesmo no seu estado depressivo, Aewyre não pôde deixar de reparar o quão bonitas Lhiannah e Slayra estavam. Os cabelos da armnir refulgiam mais uma vez como ouro puro e exalavam um suave odor a limão. A sua pele recuperara o ar sadio e suave de antes e a princesa vestia uma túnica vermelha limpa, feita de tecido grosseiro e comprida o suficiente para fazer de tanga, separada por um cinto de cabedal.

O negrume da cabeleira de Slayra nunca perdera o tom, mas agora readquirira a sua tonalidade de uma noite estrelada, brilhando à luz da fogueira. A sua pele branca como a cal não mostrava quaisquer indícios de sujidade e apresentava-se cremosa como sempre fora. Envergava a mesma roupa de Lhiannah, mas preta, contrastando com as suas pernas nêvas.

Estão muito bonitas as duas, comentou Aewyre, sem quaisquer segundas intenções.

Slayra olhou para ele com os seus olhos claros e penetrantes e esboçou um sorriso.

Obrigada, agradeceu Lhiannah após uma breve hesitação, apressando-se a mudar de assunto.

Mais um dia com a armadura em cima e esfolava os ombros com roçaduras disse, esfregando os ombros com as mãos.

Aewyre sorriu fracamente, sentou-se e começou a petiscar os aperitivos até uma criada chegar.

Boas, bonitão disse a criada, outra rapariga de cabelos castanhos encaracolados e *erres* indistintos. Que posso fazer por ti?

A rapariga curvou-se perante Aewyre, apoiando as mãos nos joelhos e exibindo parte do generoso peito resplandecente de suor.

Lhiannah revirou os olhos, mas Allumno observou, atento.

Podes trazer-me uma cerveja e um rosbife, por favor Allumno? perguntou, indicando o mago e ignorando os avanços da rapariga por completo.

Allumno ficou silencioso por breves momentos, após os quais pediu um chá de hortelã e sopa de peixe.

A criada exalou uma fungadela indignada e dirigiu-se a Quenestil.

E por ti, belo orelhudo? Que posso fazer? perguntou com uma mão por cima do ombro de Quenestil e a outra a enrolar uma mecha dos cabelos ruivos do eahan.

Água e um rosbife com legumes, por favor pediu Quenestil, sem sequer olhar para a rapariga, que se retirou, fungando com indignação e murmurando qualquer coisa sobre homens a sério.

Vendo como todos olhavam para Aewyre, Allumno decidiu mudar de conversa.

Já repararam na quantidade de raparigas com cabelos castanhos encaracolados por aqui? Ao que parece, as incursões de Karatai convencem cada vez mais Latvonianos a emigrar para Nolwyn...

Como ninguém pareceu prestar atenção, o mago suspirou e entrelaçou os dedos, contemplando o vazio. Os outros permaneceram calados, alheios à alegria que reinava na sala e concentraram-se nos seus pratos, excepto Slayra, que acabou a refeição e se levantou.

Talvez não vos apeteça companhia observou maliciosamente, mas eu estava capaz de desfrutar da noite...

Vendo como o olhar da eahanna negra se dirigia esfomeadamente para um jovem de cabelos castanhos, Quenestil ergueu-se de súbito e agarrou-lhe o braço macio, fitando-a nos olhos.

Podes ser livre de fazer o que te apetece, Slayra, mas se magoares aquele rapaz, eu juro que...

Ficavas com ciúmes? indagou a eahanna despreocupadamente. Quenestil ficou verdadeiramente aturdido com a resposta e Slayra libertou o braço sem força, piscando-lhe o olho e dirigindo-se ao rapaz. Worick riu.

De que estás a rir? perguntou o eahan, assim que se recuperou.

Da cara de estúpido que fizeste.

Quenestil sentou-se como uma criança repreendida e amuada e nada mais disse.

Já me ia esquecendo lembrou-se Allumno, baixando a sua chávena de chá. Sabem o que é feito da procissão?

Aewyre pareceu acordar de um longo sonho e piscou os olhos, abanando a cabeça.

Mas é claro... como pude...? Não terminou a frase e ergueu-se. Deixem-se estar. Vou falar com Pêro ou com o Dorfidel. Eles hão-de saber se alguém esteve na aldeia.

Tanto os companheiros como os convivas estranharam a partida do guerreiro, mas os últimos cumprimentaram-no amigavelmente enquanto passava. Aewyre percorreu a sala a passos largos e saiu apressadamente pela porta, murmurando incoerentemente para os ouvidos dos presentes. Como pudera ele esquecer-se da manopla e da procissão? Correu pelas ruas desertas de terra batida da aldeia por

baixo do firmamento estrelado até avistar o santuário monóptero, estugou o passo e para lá se dirigiu. Ajoelhados perante o tabernáculo estavam sacerdote e acólito, unidos em oração com as mãos em concha debaixo dos queixos, como se estivessem a beber. Babaki estava com eles. Apesar de nervoso e surpreso, Aewyre não os interrompeu e decidiu esperar que terminassem as suas rezas, mas tal não foi necessário, pois os dois homens religiosos pareceram aperceber-se da sua presença e ergueram-se.

Que a biga de Acquon jorre por cima de ti, amigo antroleo. Vive em paz.

Obrigado, sacerdote =- agradeceu Babaki, virando-se para encarar Aewyre.

Dorfidel, agradece a Sua dádiva. Que deseja, amigo Aewyre?

- inquiriu Pêro amavelmente.

Tinha uma pergunta a fazer-lhe, sacerdote. Eu e os meus amigos procuramos uma procissão de Gilgethan. Passaram por aqui?

Mas sim, não os apanharam por pouco, saíram de Vau do Caar há dois dias. Em circunstâncias deveras estranhas, devo acrescentar...

O que quer dizer? Para onde foram? reatou o excitado guerreiro.

Apareceram há coisa de uma semana, um grupo de seis clérigos feridos, cansados e aterrorizados. Estavam num estado deplorável e diziam ter saído de Moorenglade. Como não os podia ajudar a voz do sacerdote pareceu apertada, tiveram de ficar na estalagem. Já recompostos, fizeram tenções de prosseguir com a sua viagem e, por acaso, passaram pelo templo para prestar o devido respeito ao deus que, apesar de não o seu, trabalha em conjunto com Gilgethan. E não é que, de repente, como cães acometidos de raiva, gritam ante a visão do santuário e desatam a correr desenfreadamente para fora da aldeia antes que alguém os pudesse apanhar... Agora que o seu amigo me explicou, presumo que tenham sentido o cheiro de Moorenglade...

Alguém os perseguiu?

Não. As gentes daqui já estavam suficientemente assustadas e ninguém foi atrás deles. Posso dizer-lhe que seguiram para Este, ali através dos campos do velho Brenui indicou o referido terreno com o dedo, que deslizou para um arvoredado seguidamente, e desapareceram naquele bosque.

Obrigado pela ajuda, sacerdote. Vamos, Babaki disse o guerreiro, parecendo apressado.

Mas onde vai? perguntou Pêro, e Dorfidel levantou-se.

Atrás da procissão.

Mas espere! Eles ainda foram avistados mais uma vez! Aewyre parou.

Diga-me onde.

Os vigias viram-nos a atravessar o vau como loucos, umas quantas horas após a sua fuga.

Mais uma vez, obrigado, sacerdote.

Aewyre e Babaki correram lado a lado e irromperam pela taberna adentro, assustando os convivas. Como um raio, o guerreiro singrou na direcção dos companheiros e por pouco não derrubou a mesa e o jantar.

Estiveram cá há dois dias! Se formos agora e andarmos a noite inteira, ainda os apanhamos! disse tão depressa que o grupo só o entendeu após duas repetições.

Vamos! Apanhá-los-emos se nos despacharmos!

Vendo as caras surpresas dos seus amigos, Aewyre caiu em si.

Desculpem, não tenho o direito... quem Quiser vir comigo é bem-vindo... disse, virando as costas ao grupo e preparando-se para ir buscar as suas coisas.

Mas espera, homem! impediu-o Quenestil. Aewyre voltou-se.

O Allumno não pode vir, a perna ainda lhe dói bastante. O mago não discordou. As pernas do Worick e do Taislin são pequenas, e teremos de andar muito e depressa Taislin tentou reclamar, mas Aewyre silenciou-o. Worick, por sorte, estava a beber no balcão. Desculpa, Taislin, mas teremos de ser rápidos. Toma conta do Allumno, sim?

E a Slayra? lembrou-se Quenestil, procurando a eahanoir em vão pela sala.

Acho que ela já provou o que tinha a provar. Mesmo assim... Allumno? perguntou Aewyre.

Com certeza. Velarei por ela.

Excelente. Quenestil, Lhiannah, Babaki, estão dispostos a acompanhar-me? Todos exprimiram a sua concordância, apesar de ainda surpresos e o guerreiro bateu com as mãos. Então vamos! Vai ser uma longa noite... Encontraremos a procissão e viremos cá ter depois.

Aewyre? chamou o mago.

Sim?

-Tem cuidado contigo.

O guerreiro sorriu genuinamente e correu escadas acima para preparar o seu equipamento.

Os quatro caminharam pela calada da noite, encimados pelos ramos nus das árvores, que sussurravam uns para os outros ao sabor do vento. Babaki farejava ruidosamente e Quenestil procurava pistas e indícios pelo solo da floresta que flanqueava a estrada, tarefa difícil de noite. O rasto não era fresco e o apurado olfacto do antroleo captou pouco de conclusivo, mas com a ajuda dos rastos que Quenestil encontrava, conseguiram manter um passo constante. Após atravessarem o vau e o posto de vigilância, percorreram uma considerável distância nessa noite, sem parar para descansar e comendo um pouco de pão e rosbife pelo caminho, parando apenas quando os primeiros raios do crepúsculo matutino despontaram no céu.

Que te parece, Quenestil? perguntou Aewyre, referindo-se aos rastos.

Parece-me que correram de maneira errática, obviamente muito assustados. Se tivessem caminhado pela floresta, seria mais fácil para mim... esta estrada está muito usada.

Para confirmar o que o eahan dissera, encontraram uma caravana uma milha mais à frente. Era uma família latvoniana e carregavam os seus haveres aos braços e numa carroça puxada por um burro. Os que deviam ser os irmãos e o pai colocaram-se de imediato à frente das mulheres e irmãs, empunhando facas e paus, mas os companheiros indicaram as suas intenções pacíficas. Perguntaram-lhes pela procissão, mas ninguém sabia nada e puseram-se mais uma vez ao caminho.

O Allumno tem razão. Está a haver um grande afluxo de Latvonianos para Nolwyn. O que estará a acontecer ao povo das estepes para decidirem atacar Latvonía? Nunca foram assim tão problemáticos desde as Guerras Ocarr.

As tribos de Karatai são tão impiedosas e implacáveis como a terra que habitam esclareceu Lhiannah.

Mais adiante, encontraram sinais de luta.

Malditos Latvonianos! praguejou Aewyre. Não se pode confiar neles.

Quenestil examinou o local atentamente e concluiu o seguinte.

Parece que os nossos clérigos nasceram malfadados... foram emboscados dali. Indicou um arvoredó próximo. Houve

uma escaramuça e os clérigos conseguiram escapar. Acho que morreram cinco homens, mas não sei o que foi feito dos seus corpos...

A caravana? indagou Lhiannah.

Não respondeu Babaki. Pelo menos, a mim não me cheirou a morto.

Em todo o caso, fugiram para ali. Indicou para o lado esquerdo da estrada.

Então vamos disse Aewyre.

Já dentro da floresta, foi mais fácil para Quenestil seguir o rasto, que se revelou bem visível desta vez. A terra estava revolvida, gravetos estavam partidos e pedaços de tecido pendiam de ramos. Haviam caminhado a noite inteira, mas com um dia inteiro de sono atrás deles, nenhum dos companheiros foi acometido de fadiga e prosseguiram com a busca pela procissão, que parecia agora estar mais perto que nunca. Correram por clareiras, saltaram por cima de regatos, tropeçaram em raízes e percorreram vastas extensões de bosque, até que Babaki estacou, ficando para trás.

Babaki? Que foi? perguntou Lhiannah.

Drahreg disse. Cheira-me a drahreg.

As palavras do antroleo desencadearam uma reacção em cadeia nos companheiros, cujas armas silvaram em uníssonos ao saírem das respectivas bainhas.

Tenham cuidado recomendou Aewyre. A má experiência com drahregs ainda estava bem viva na sua memória.

Avançaram, desta vez no maior silêncio possível, dificultado pelas armaduras de Aewyre e de Lhiannah.

Parem quietos! sussurrou Quenestil. Um surdo estava capaz de vos ouvir no meio de uma procissão. Babaki, vamos os dois.

Relutantemente, os dois guerreiros ficaram onde estavam, espadas na mão, e Quenestil e o antroleo avançaram. Por estranho que lhe parecesse, o eahan não sentia o habitual distúrbio na ordem natural que se dava aquando a presença dos odiados drahregs. Não fosse ele tão confiante no faro do seu amigo, teria duvidado da sua afirmação, mas pediu-lhe que parasse de modo a que se pudesse unir à energia vital da floresta. Havia de facto uma perturbação na harmonia do bosque, mas era uma mera presença alienígena, que tanto podia ser humana quanto drahreg. Sentiu também as energias vitais a actuarem, criando vida através da morte. Uma árvore morta... ou cadáveres?

Vamos, Babaki.

Avançaram cautelosa e silenciosamente, mas a um ritmo que ninguém mais poderia acompanhar sem fazer um barulho para eles ensurdecedor. Estava um silencioso dia cinzento e o sol abria caminho através das nuvens e cirros com dificuldade. O ocasional pássaro isolado quebrava o silêncio com uma tentativa de canto, mas todos pareciam perder a vontade depressa. Quenestil embainhou a sua faca e retesou o arco. As *shwafwif* de Babaki brilharam nas suas mãos.

Finalmente, chegaram a uma depressão no terreno do bosque, talvez um rio seco ou vedado, e sentiram que a sua presa estava perto. O local tinha vários indícios de luta: sulcos na terra, cortes na casca das árvores, pedras reviradas... e manchas de sangue. Agacharam-se e avançaram cuidadosamente e ambos julgaram ouvir barulho vindo de baixo, vindo de dentro da depressão. Fitaram-se um ao outro, acenaram com a cabeça e colaram-se ao chão. Quenestil indicou a Babaki que ficasse à espera e rastejou, silencioso como uma cobra, até à beira da depressão.

Os ruídos estavam bastante claros agora. Algo ou alguém estava a remexer a terra. Os animais haviam fugido, mas não por qualquer outra razão senão a que os leva a fugir de figuras para eles estranhas. Seria um caçador? Mas Babaki dissera que lhe cheirava a drahreg... Mal chegou à borda, avistou de imediato o que procurava.

Um drahreg estava a vasculhar o cadáver de um homem que envergava uma toga, protegida por uma coiraça decorada com altos-relevos. Um sacerdote. O drahreg envergava uma armadura de coiro escurecido com placas de metal em zonas vitais e os seus braços estavam protegidos apenas por braçais de cabedal. Virado de costas para Quenestil, exibia os seus dois vistosos alfanges de punhos decorados, ambos dentro de bainhas curvas não menos belas que as armas, parcialmente tapadas pelos longos cabelos entrançados do drahreg, soltos com a excepção de um rabo-de-cavalo bem por cima da nuca. O eahan apontou-lhe a seta e preparou-se para o abater no lugar, mas, para sua grande surpresa, o drahreg agarrou o cadáver, atirou-se ao chão e colocou-o protectoramente em cima de si.

Não quero mal a ninguém! Deixem-me em paz! berrou, num Glottik tosco e arranhado.

Quenestil ficou inicialmente demasiado surpreso para sequer reagir, mas ao ver que o drahreg se arrastava como um verme de costas para a beira da depressão, carregando o sacerdote, atirou uma flecha de aviso perto da sua cabeça.

Não te mexas! gritou, no pior Glottik que conseguiu.

Não quero mal a ninguém! Por favor, deixem-me em paz! insistiu o visado, sempre em Glottik.

A surpresa de Quenestil não diminuiu, mas manteve-se resoluto.

Se não paras, morres enfatizou, já com uma nova seta nos dedos.

Apercebendo-se de que de nada serviria continuar, o drahreg parou.

Babaki, vai prendê-lo.

O antroleo ergueu-se da sua posição *de* rastejo e, num salto prodigioso, cobriu a distância que o separava do drahreg, surpreendendo-o vivamente. Tão surpreso ficou, que nem reagiu quando Babaki lhe arrancou o cadáver das mãos, rosnando, e o virou de costas, amarrando-lhe os pulsos com um bocado de corda.

Muito bem, meu amigo elogiou Quenestil, recolocando a flecha na aljava e saltando para dentro da depressão. O que lhes fizeste, maldito? inquiriu, olhando para três covas, uma das quais ainda não tapada.

Eu fui atacado. Tive de me defender. Não quero mal a ninguém. Por que não me deixam em paz? respondeu o drahreg, sempre em Glottik.

Babaki e o eahan entreolharam-se, deveras admirados. Os drahregs não eram conhecidos pela manha ou ardil, antes pela crueldade e maldade. Não fosse pela sua raça, Quenestil quase teria jurado que ele estava a ser sincero.

Aewyre! Lhiannah! gritou Quenestil. Podem vir. É só um. O eahan tinha uma flecha apontada ao drahreg e Babaki mantinha-o encostado de cara à parede com o gume de uma *shwafwif* na sua garganta.

Por favor pediu o drahreg, não me tirem as espadas. Babaki primeiro estranhou, depois caiu em si e percebeu que nem sequer havia desarmado o drahreg. Censurou-se pela sua própria estupidez e, com uma mão a manter a *shwafwif* na garganta do drahreg, levou a outra a um dos alfanges, só então reparando que eram diferentes um do outro. O punho de um tinha o botão argênteo, cravejado com uma grande safira, com os copos prateados em contracurva e esses também com gemas azuis encravadas nas pontas, o fim de sinuosas gravuras cinzeladas ao longo da guarda do alfange. O punho propriamente dito estava enfaixado com uma camada de fio azul-turquesa entrançado, completamente diferente da outra espada, com

punho enfaixado por um tecido vermelho, um botão preto cravejado por um grande rubi e copos igualmente negros e decorados com mais pedras rubiáceas.

Tira-lhe uma espada de cada vez, Babaki. E tu, não te mexas. O antroleo assim fez, agarrando o punho do alfange vermelho, que silvou para fora da bainha decorada, revelando-se em todo o seu esplendor, mesmo à luz cinzenta desse dia.

E algo mais.

Babaki ouviu o rosno primordial dentro de si, o chamamento do animal, que mais uma vez tentava quebrar as barreiras da mente do antroleo. Antes que pudesse sequer tentar resistir, sentiu uma influência exterior a puxar o animal cá para fora, a incitá-lo a tomar posse.

E então tudo ficou vermelho.

O que foi aquilo? perguntou Lhiannah, correndo a lado de Aewyre.

Babaki! gritou Aewyre, estugando o passo. Babaki! Quenestil!

Outro possante rugido fez-se ouvir, ecoando através das árvores como se viesse da própria floresta e os dois guerreiros correram tão rápido quanto lhes foi possível, espadas desembainhadas. Quando chegaram à depressão, só viram garras a agitar-se violentamente e um drahreg a trepar para o outro lado.

Oh não! O Babaki está outra vez...'

Ajuda-o! interrompeu Lhiannah, atirando o arco curto ao chão. Eu apanho o drahreg.

Antes que Aewyre pudesse dizer algo em contrário, já estava Lhiannah em pleno voo, a saltar para o outro lado da depressão em perseguição do drahreg.

Porra, Lhiannah! praguejou o guerreiro, saltando para dentro da depressão. Mal podia ele saber o ódio que ardia dentro da princesa.

Aewyre viu então Babaki, enorme e temível, rugindo e arrancando grossos sulcos de terra das ladeiras da depressão com possantes golpes. Quenestil estava no chão, quieto e imóvel, fitando o antroleo, que se apercebeu da presença do guerreiro e se virou para ele.

Babaki, calma. Sou eu. A voz do guerreiro mal se ouvia devido aos rugidos.

O antroleo rosou ameaçadoramente, a sua juba eriçada em pontas, compridos tufo de pêlos nos cotovelos, olhos vermelhos e garras e

dentes com o dobro do tamanho anterior. A sua massa muscular duplicara e cada músculo parecia um *arame* em tensão, prestes a estalar.

Já passámos por isto antes, Babaki. Tu já sabes que és *capaz* de dominar o animal. É o Aewyre, e aquele é o Quenestil. Somos teus amigos e tu és Babaki, o nosso amigo. Amigo...

Babaki investiu com um rugido.

Lhiannah corria, veloz como um cervo. O drahreg *parecia* estar ferido, pois colocava grande parte do peso numa perna enquanto se evadia. O ódio de Lhiannah por drahregs fervia, intensificado pela lembrança da humilhação que sofrera com Ar-Barak, o capitão do grupo que os capturara. O drahreg olhou para trás, alarmado, e tentou estugar o passo, mas o ferimento não lho permitiu. Lhiannah, pelo contrário, corria cada vez mais depressa, alimentada pela fúria crescente. Quando estava à distância certa, saltou para cima do perseguido, derrubando-o e rebolando pelo chão com ele. O drahreg cheirava mal, o repulsivo suor característico da odiada raça que ficara marcado no nariz da furiosa arinnir, carregando consigo lembranças de humilhação... impotência... os pulsos e as pernas atados ao grosso tronco de uma árvore... a mão calejada no seu ventre, enfiada por baixo da sua camisa... a boca babosa do capitão a aproximar-se do seu pescoço... "puta humana, vais morrer de forma hedionda depois do que eu te vou fazer"...

Quase rugindo de raiva, Lhiannah colocou-se em cima do adversário e esmurrou-o uma, duas, três vezes, até que ele a tirou de cima de si com um golpe com as costas da mão. Atordoados, tentou levantar-se, mas Lhiannah já estava de pé e esmurrou-o outras duas vezes, rugindo o tempo todo, e o drahreg foi contra uma árvore. A arinnir desembainhou a sua espada e estocou em frente com a intenção de cravar o oponente contra o tronco, mas este desviou-se no último instante e desembainhou os seus dois alfanges, rosnando e exibindo os dentes manchados com o seu sangue. Sem hesitar, Lhiannah arrancou a espada do tronco e investiu com furiosas estocadas, que o drahreg habilmente aparou. Havia uma fluidez e graça invulgares nos seus movimentos das quais Lhiannah, imersa no seu fervilhante furor, nem se apercebeu. O drahreg lutava com tal sincronia e perfeita coordenação dos seus alfanges rodopiantes que parecia estar a brincar com Lhiannah, evitando feri-la, mas disso ela também não se apercebeu, varrendo e estocando com a espada, cega pela raiva. A arinnir desferiu

um corte diagonal para baixo, facilmente desviado por um alfange, mas daí partiu para uma estocada que o drahreg por pouco não conseguiu evitar Aproveitando a defesa baixa da princesa, investiu contra ela de braços cruzados, e assim que a annnir embateu contra a árvore, os dois alfanges deslizaram e pararam a escassos centímetros da sua garganta.

Humana, não te quero ferir. Não te quero matar. Não me forces

a matar-te disse em Glottik baixo mas determinado.

Lhiannah nem ouviu. O seu joelho voou contra a virilha do drahreg e este lançou um urro sufocado ao ser atingido.

Babaki, não faças isso! gritou Aewyre de olhos fechados com o enorme e pesado corpo do antroleo em cima de si.

Nada aconteceu

Aewyre abriu os olhos.

Os orbes do seu amigo não estavam vermelhos.

A-Aewyre? balbuciou o antroleo.

O guerreiro nem respondeu, suspirando de alívio e deixando a cabeça cair na terra macia

Está tudo bem' indagou Quenestil, visando Babaki com

uma seta.

Deuses, a Lhiannah! Aewyre ergueu a cabeça repentinamente, por pouco não colidindo com o focinho de Babaki. Ela foi atrás do drahreg!

As palavras de Aewyre desencadearam uma reacção em Quenestil, que rosnou e pulou como um carcaju para fora da depressão, lançando-se em perseguição do inimigo.

Babaki, a Lhiannah pode correr perigo! avisou o guerreiro, tentando tirar o colosso felino de cima de si.

Eu... não entendo o que aconteceu... foi tão... continuou o antroleo a balbuciar.

Sim, podemos falar sobre isso mais tarde. Mas a Lhiannah pode correr perigo disse a custo, empurrando Babaki.

O antroleo nada disse, mas saiu de cima do seu amigo e ajudou-o a levantar

Lhiannah estocava com a velocidade de uma cobra, e nenhum golpe estava destinado a meramente ferir. O drahreg respirava, ofegante. Estava ferido e cansado, e podia jurar que algo havia explodido na sua virilha, mas não parecia fazer tentções de desistir. Uma estocada

passou pela sua defesa e trespassou mesmo a sua armadura, ferindo-lhe o flanco, e o drahreg gritou. Sucedeu-se uma nova e furiosa saraivada de golpes, uns aparados, outros não, e o drahreg começou a sangrar de vários cortes e feridas reabertas. Estava com dificuldades em posicionar os pés devido à dor na virilha e desequilibrava-se com frequência, o que levou a vários dos ferimentos infligidos por Lhiannah.

De repente, pareceu ganhar novo alento e os seus alfanges recuperaram a sincronia perdida, voltando a rodopiar como dois seres separados e unidos ao mesmo tempo. Lhiannah não se importava. A sua espada estava manchada de sangue e parecia gritar por mais. Ela própria gritava por mais. Ergueu a sua arma e levou-a abaixo, como se pretendesse partir os alfanges do adversário e cortá-lo ao meio. Um movimento errado, os alfanges zumbiram pelo ar e fatal.

Não! gritou o drahreg, virando no último instante as suas armas para cima e interceptando a espada, cruzando os alfanges.

A força do possante golpe fê-lo vacilar e as três lâminas chocaram com um tinir estridente, libertando faíscas. O Drahreg e a princesa ficaram parados por breves momentos, até que um dos alfanges deslizou quase até à ponta da espada de Lhiannah, enquanto o outro deslizava para baixo, mantendo-a presa. O drahreg impulsionou então a espada com o primeiro alfange e o movimento de alavanca desarmou Lhiannah. Ainda cega pela raiva, a princesa investiu com as mãos nuas e o drahreg abriu os braços, aparentemente deixando a guarda aberta. Assim que Lhiannah penetrou nela, o drahreg descreveu um meio círculo com os braços e os botões dos punhos dos dois alfanges embateram contra as têmporas da arinnir.

Lhiannah cambaleou, aturdida, fitando o drahreg com um olhar esgazeado, e caiu precisamente no momento em que a sua espada se espetava no chão. Sem largar os alfanges, o drahreg agarrou a princesa, que pendia frouxamente dos seus braços. Poisou-a suavemente no chão e permitiu-se um ruidoso suspiro de alívio, esfregando o suor para fora da sua testa.

E então atirou-se ao chão e uma flecha voou por cima dele, cravejando-se numa árvore ali perto.

Rendo-me! disse, sabendo que não havia escapatória possível de um arqueiro eahan com o seu corpo na mira.

”Como se escapou ele da flecha? Ele nem me ouviu,..”, indagou-se Quenestil, estupefacto mas já com uma nova flecha pronta.

Ela vive! Não a matei!

O eahan olhou mais uma vez para o corpo inerte de Lhiannah e por pouco não matou o drahhreg ali mesmo, mas ouviu passos atrás de si e a voz de Aewyre.

Quenestil, o que...? Calou-se ao ver o drahhreg de mãos erguidas e Lhiannah caída perto dele.

Ela vive! Não a matei! voltou o drahhreg a declarar.

Vão ver. Eu cubro-o disse Quenestil.

Os dois assim fizeram, avançando cuidadosamente. Babaki foi ver Lhiannah com as suas *shwafwif* nas mãos, olhando de soslaio para o drahhreg.

Aewyre avançou para perto do drahhreg, que se mantinha de braços erguidos, empunhando Ancalach. Olhou-o nos olhos e baixou o olhar para os alfanges... mas retrocedeu para os olhos.

Os olhos... dois orbes vermelhos em duas poças de betume negro.

O drahhreg manteve-se no chão, com os braços no ar, e olhou para o humano que se aproximava. Olhou-o nos olhos e baixou o olhar para Ancalach... mas retrocedeu para os olhos.

Os olhos... dois orbes escuros em duas poças de branca neve.

Aewyre teve a sensação de que o mundo se tornava turvo à sua volta e que o drahhreg nele sobressaía. Sentiu-se aproximar dele.

O drahhreg teve a sensação de que o mundo se tornava turvo à sua volta e que o humano nele sobressaía. Sentiu-se levantar.

Aewyre, afasta-te dele! gritou Quenestil. E tu, não te levantes!

Ergue-te disse Aewyre, parando.

Pára disse o drahhreg, erguendo-se.

Os dois fitaram-se um ao outro. O drahhreg era mais baixo que Aewyre, mas alto para a sua raça. Baixou-se, sem tirar os olhos dos do guerreiro, e pegou nos seus alfanges. Quenestil sentiu-se tentado a largar a flecha, mas confiou no seu amigo e não o fez. Humano e drahhreg sentiram-se avançar inexorável mas lentamente um para o outro.

Sou Aewyre.

Sou Krór.

Nada disseram por longos momentos, cujo silêncio foi apenas quebrado pelos gemidos de Lhiannah, acordada por Babaki, que observava o que se estava a desenrolar, estupefacto. Após mais uns aparentemente intermináveis momentos silenciosos, Aewyre embainhou Ancalach e afirmou:

Estás ferido? Krór nada disse. Agora não é a altura.

Não... concordou o drahreg, embainhando os alfanges atrás das costas, agora não.

Mas ela virá.

Sim.

Querem explicar-me o que vem a ser isso? perguntou Lhiannah em voz alta, erguendo-se. Que pensas que estás a fazer, Aewyre?

Pergunto o mesmo... admitiu Quenestil, falando sozinho. Aewyre e Kror não tiravam os olhos um do outro.

Aewyre, o que estás a fazer? insistiu Lhiannah, empunhando a sua espada e tentando levantar-se.

O guerreiro olhou para a princesa e pediu-lhe, sem usar palavras, que parasse. A arinnir, apesar de não perceber, assim fez, olhando com ódio para o drahreg.

Peço-te que te rendas disse Aewyre, fitando Kror mais uma vez.

Este olhou em redor, para a flecha que o visava, para Lhiannah, pronta a investir, para Babaki, com as rutilantes *shwafwif*, e para Aewyre.

Rendo-me desistiu, deitando os alfanges por terra.

Algo pareceu suceder e ambos os guerreiros piscaram os olhos, fitando-se mais uma vez, até Aewyre desembainhar Ancalach e dirigir a sua ponta lentamente à *garganta de Kror*.

Tens corda, Quenestil?

Babaki...? indicou o eahan com a cabeça, sempre a visar a garganta do drahreg com a flecha.

O antroleo apressou-se a amarrar os pulsos de Kror atrás das costas e este nada fez, sem tirar os olhos de Aewyre, cujo olhar também não o abandonava.

Agora interveio Quenestil, olhando de soslaio para os alfanges caídos, conta-nos o que se passou lá atrás, drahreg. O que fizeste aos clérigos? Encontrei outras pegadas. Foram os teus amigos que os atacaram? Responde!

Kror virou-se para ele com uma expressão zangada na face.

Os clérigos foram atacados por bandidos... bandidos humanos. Correram pelo bosque. Eu vi os clérigos a serem atacados. Ajudei-os e matei os bandidos. Depois os clérigos atacaram-me. Tive de os matar para me defender. Pu-los debaixo de terra como os humanos fazem. Por que me querem ferir? Não vos fiz mal nenhum... relatou o drahreg, perdendo a raiva nas últimas frases, quando olhou para Lhiannah.

O primeiro pensamento de Quenestil foi acusar Krór de mentiroso, mas a aparente sinceridade das suas palavras fê-lo duvidar a ele e aos seus companheiros, mesmo a danada arinnir. Um longo momento passou, durante o qual todos ponderaram.

Onde está a manopla? perguntou Aewyre. Krór fitou-o, parecendo não compreender. A manopla, uma luva de ferro, uma... os clérigos carregavam alguma coisa?

O drahreg hesitou, mordendo o lábio inferior pensativamente.

Tinham uma... caixa. Ficou debaixo de terra com eles.

Mostra-nos ordenou Quenestil, empurrando o drahreg com pouca delicadeza.

Krór rosnou, mas conduziu os companheiros até à depressão onde havia enterrado os clérigos e indicou o montículo onde a manopla estava. Babaki e os outros começaram a escavar, mas Quenestil não tirava os olhos do drahreg.

O que têm as tuas armas? inquiriu, de faca na mão. Krór não respondeu.

Eu vi o que a tua espada fez ao meu amigo. Que espécie de feitiço...?

Só eu toco nas minhas armas disse o drahreg, retribuindo o olhar do eahan.

Os dois trocaram olhares ameaçadores durante um longo momento, até que Aewyre falou.

Está aqui! Olhem, o relicário!

Falamos depois prometeu Quenestil.

Aewyre e Lhiannah limpavam a terra que cobria o ouro delicadamente cinzelado de uma grande caixa decorada com símbolos de guerra e pedras preciosas, um relicário da igreja de Gilgethan. Maravilhados com o esplendor do receptáculo, os companheiros não conseguiam imaginar nada menos que riquezas infindáveis dentro dele.

Abre-a disse Lhiannah, também ela incapaz de conter a excitação.

Está... está trancada constatou o guerreiro. Lhiannah pareceu tão consternada quanto Aewyre.

A chave? Quem a terá? perguntou, olhando para os restantes montículos.

Aewyre olhou em volta, pensativo, e coçou a cabeça. Que fazer agora? Os outros já deviam estar preocupados, sobretudo Worick, que provavelmente já lhe iria rachar a cabeça de qualquer forma, e tinham

um prisioneiro. Iriam desenterrar os pobres clérigos? E se o possuidor da chave fosse um dos que haviam encontrado em Moorenglade? O pensamento preocupou o guerreiro enquanto mexia pensativamente no seu incisivo com a língua.

Aewyre? disse Lhiannah. O guerreiro coçou a cabeça mais intensamente. Aewyre?

Não me interessa! declarou, assustando os seus companheiros. Procuro a maldita manopla há semanas e não vai ser agora por causa da porcaria de uma chave que vou ser atormentado por mais decisões!

Deu um pontapé no relicário antes que alguém o pudesse impedir e desembainhou Ancalach, que desceu com ímpeto contra a fechadura, fendendo-a como se cortasse um toro de madeira mole com um machado e abrindo a caixa, cujo conteúdo caiu para trás.

A manopla de Karasthan.

Todos contemplaram deslumbrados a aparentemente singela peça de armadura que se lhes deparava, parecendo tosca e feia perto do sumptuoso relicário, mas que irradiava um tal poder e majestade que sentiam uma necessidade de se ajoelharem perante a sua presença.

E... é magnífica constatou Lhiannah, sentindo-se compelida a agarrá-la.

Mais de perto, a manopla não parecia assim tão feia. Era uma peça de metal bem trabalhada, com a guarda do antebraço decorada com gravuras de guerras e batalhas e bordas banhadas a prata. Ainda se via o buraco feito pela fatal seta, mas era dele que todo o poder da manopla parecia vir, poder esse que atraía os companheiros...

Babaki enfiou a manopla dentro do relicário e fechou-o depressa.

O que vos deu? perguntou, abraçando a grande caixa com força. Dir-se-ia que queriam a manopla mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Todos olhavam para o antroleo, mesmo Krór, como se Babaki lhes tivesse roubado o seu bem mais precioso, mas sacudiram as cabeças e pareceram recompor-se.

Tens toda a razão, Babaki disse Quenestil. Ainda bem que o fizeste. Artefactos não são coisas com as quais se deva brincar.

Aewyre abriu e fechou os olhos.

Sim... fizeste bem. Anda, vamos voltar. Deixa estar que eu levo o relicário.

Não, eu levo o relicário interpôs-se Lhiannah. Babaki olhou para ambos.

Acho melhor que seja eu a levá-lo.

Os outros concordaram, mas não pareciam muito satisfeitos, para a preocupação do antroleo.

E que fazemos com este? indagou Lhiannah, apontando para Kror, tentando esconder a raiva.

Libertamo-lo disse Aewyre sem qualquer reflexão.

O quê? perguntaram o eahan e a arinnir em uníssono.

Ouviram bem.

Ouve, Aewyre continuou Quenestil, uma eahanna negra é uma coisa, e foi o que foi, agora queres libertar um drahreg? Mas estás louco? Um *drahreg*?

Aewyre olhava para o seu amigo, imperturbável.

Foste escolhido como líder por desistência do Worick, Aewyre lembrou-lhe Lhiannah. Não tens o direito de exigir que libertemos um monstro.

O guerreiro olhou para os dois, depois para Babaki, que baixou a cabeça, e por fim para Kror, que retribuía o seu olhar passivo.

Pois não. Não tenho o direito. Então matem-no. Matem-no, amarrado e tudo, se isso vos der prazer.

Ambos ficaram sem palavras. Aewyre estava a defender um drahreg! Um servo do Flagelo de Allaryia, a raça mais maligna e vil concebida. E queria libertá-lo!

Aewyre, por mais que não seja, ele matou aqueles clérigos lembrou-lhe ainda Quenestil.

O guerreiro continuava a olhar impassivelmente para o drahreg.

Ele foi atacado e teve de se defender constatou. Não matou a Lhiannah quando facilmente o poderia ter feito. E enterrou os clérigos...

Não sabes se foi ele quem os enterrou! Só o vi a remexer nas covas.

... e enterrou o relicário com eles. Como saberia onde estava se não tivesse sido ele a enterrá-los?

Além do mais interveio Babaki inesperadamente, ainda a segurar o relicário, se vocês fossem atacados em terras de antroleos por um bando dos da minha espécie e tivessem de matar em defesa própria, certamente sentir-se-iam injustiçados se vos condenassem por isso.

Assim que se recuperou da surpresa, Quenestil reatou.

Mas é um drahreg e...

Os da minha espécie diriam que eras um eahan...

Mas é um maldito dum drahreg! Era a vez de Lhiannah ficar furiosa. Matou aqueles homens!

Acho que já dissemos tudo o que precisava de ser dito. Liberta-o, Quenestil, por favor.

O eahan fitou o seu amigo longamente com os seus olhos cinzentos, perscrutando-o como um animal analisa um ser que lhe parece estranho. Por fim, virou a cara e, torcendo o nariz com escárnio, cortou as cordas que prendiam Kror com um golpe de faca. O drahreg esfregou os pulsos (Babaki, tendo visto Lhiannah ferida, não havia contido a sua força), olhou para Quenestil com rosto sombrio, e olhou uma última vez para Aewyre.

Voltaremos a encontrar-nos afirmou o guerreiro, saudando Kror com a espada.

Sim... concordou o drahreg, dando um passo atrás e começando a correr bosque adentro.

Todos o seguiram com o olhar até ele desaparecer de vista. Aewyre embainhou Ancalach, mas Quenestil mantinha a comprida faca na mão, continuando a olhar para o emaranhado de árvores onde Kror desaparecera.

Esquece-o, Quenestil. Anda, voltemos para junto dos outros. Tanto o eahan como Lhiannah olharam, irritados, para Aewyre e puseram-se a caminho. Aewyre suspirou e deu uma palmada no ombro de Babaki.

Obrigado pela ajuda.

Não me cheirou a mentira explicou o antroleo e acompanhou o guerreiro, carregando o pesado relicário nos braços.

A mim também não anuiu Aewyre, olhando uma última vez para trás. A mim também não...

Os quatro enterraram o último clérigo e retrocederam pelo caminho pelo qual haviam vindo, trocando poucas ou nenhuma palavras. Era óbvio que Quenestil e Lhiannah estavam zangados com a decisão de Aewyre e, sobretudo, com ele, mas o guerreiro não lhes conseguia explicar. Nem sabia se lhes deveria explicar. Aquilo eram coisas para discutir com o Allumno. Ele haveria de saber o que *fazer*...

A raiva frustrada de Lhiannah fora abafada, mas ainda guardava ressentimentos para com o guerreiro por ter poupado o drahreg. Também estava descontente consigo própria, pois havia sido derrotada. Worick sempre lhe dissera que um dia ela acabaria por arder nas chamas da sua própria fúria, e isso não acontecera hoje por pouco, pois

Kror havia sido um fabuloso adversário e a arinnir deixara a raiva tomar conta dos seus movimentos e acções. Irritada, esfregou as equimoses nas têmporas, uma lembrança da sua derrota.

Quenestil não estava em harmonia com a Natureza. As acções do seu amigo haviam-no perturbado e, francamente, irritado. Primeiro, mantivera a Slayra como prisioneira, introduzindo uma assassina no seio do grupo. Agora, não só poupou a vida a um drahreg, como também o libertara! Um *drahreg*! Será que já ninguém se lembrava das histórias? Será que o mundo estava a ser virado do avesso?

Babaki estava mais preocupado com o que transportava nos seus braços do que com o drahreg. O relicário era pesado, mas essa era a menor das suas preocupações, sabendo o que estava lá dentro. Naturalmente, estava satisfeito por terem encontrado a manopla e Aewyre agora talvez melhorasse, mas não gostara nada de ver o efeito que o artefacto tivera nos companheiros, que o haviam cobiçado de uma maneira que o antroleo não estava habituado a ver. O melhor seria entregar aquilo logo ao templo mas próximo...

O grupo começava a sentir os efeitos de uma noite passada em constante movimento e o sono começou a insinuar-se discretamente nos seus corpos, tornando as pálpebras pesadas e os movimentos lerdos. Aewyre bocejou e, em vez de inalar a fresca brisa arboril, pareceu-lhe inspirar uma lufada de fumo.

Que é isto? perguntou, reparando que Babaki e Quenestil farejavam o ar.

Fumo explicou o antroleo. E vem dali. Apontou na direcção de Vau do Caar.

Deuses... Aewyre estugou o passo e os outros seguiram o seu exemplo, mesmo Babaki, a carregar o pesado relicário.

Percorreram a estrada batida com passos largos enquanto o sol invernal começava a ser tapado por espessas nuvens cinzentas e carregadas. O ar tornou-se mais fresco à medida que avançavam e começaram a cair pingos de chuva, que se tornaram numa autêntica torrente conforme se aproximavam da aldeia. Corriam agora mais depressa que nunca, os pés a chapinharem nas poças de lama recém-formadas, esperando o pior.

SOMBRAS NA NOITE

Ela o quê? berrou Worick, esmurrando a mesa na qual Allumno e Taislin acabavam o seu jantar.

Allumno não mostrava medo, mas até Taislin evitou falar perante a fúria do thuragar, cuja barba estava eriçada.

Ela foi com o Aewyre confirmou o mago calmamente.

Mas que porcaria de plano é esse? Saem assim a meio da noite, sem avisar ninguém, e vão atrás da procissão? Pedras me partam e a vocês, será que não há ninguém com cabeça neste grupo? Vou já atrás deles.

Worick...

Worick coisa nenhuma! Vou e vou sozinho, e ai de quem me tentar impedir! Ai, eu vou rachar a cabeça daquele rapazola, oh, se vou...

O thuragar percorreu a sala até às escadas com passos impossivelmente largos para as suas curtas pernas, dirigindo-se ao seu quarto para ir buscar o seu martelo.

O que fazemos? perguntou Taislin, mordiscando uma maçã. Allumno suspirou.

Malditos thuragar obstinados... não sei, Taislin. Dizem que é mais fácil desenraizar uma montanha do que demover um thuragar do seu propósito e acho que o Worick era capaz de combater um exército para proteger a Lhiannah. Ai de mim! Que estupidez a minha! Como pude permitir ao Aewyre ir assim?

O meu povo diz que não vale a pena lamentar-se pela colmeia destruída, porque as abelhas vão picar de qualquer maneira...

E muita razão têm eles, pequeno amigo. O meu único receio é não saber quem as abelhas vão picar...

Um uivo gelado vindo lá de fora silenciou a sala como se o ar lá dentro se tivesse exaurido. Ninguém falou. Todos olharam de olhos arregalados para a porta, sem se atreverem sequer a respirar. O único ruído que se ouvia era o crepitar da fogueira no centro da sala, cujas chamas pareciam agora arder com menor intensidade, como se também elas se tivessem retraído de medo.

O que foi aquilo? guinchou Taislin baixinho, sem tirar os olhos da entrada.

A porta foi escancarada, por pouco não sendo arrancada dos gonzos, e uma lufada de ar nocturno entrou pela sala adentro, abanando as chamas da fogueira e despertando os presentes do seu torpor, que viram, horrorizados, o que arrombara a porta.

Lá fora, estava a criatura dos pesadelos dos convivas. Preto como a noite que o envolvia no seu negro abraço, os seus olhos vermelhos brilhavam com um ódio assassino. Na sua mão, refulgia uma espada negra que, apesar de não reflectir a luz da fogueira, possuía um brilho próprio e sedento, sedento do sangue de todos os presentes. Envergava uma esplendorosa armadura obsidiana, parcialmente revelada pela fresta na sua capa negra, que esvoaçava, lambida pela brisa nocturna e sobre a sua cabeça jazia um elmo escuro de quatro curtos chifres curvos, mas ninguém reparava no capacete. Era a cara, ou a ausência de uma, que mais aterrorizava os presentes, pois a face deste ser era uma caveira medonha, desprovida de maxilar inferior, no lugar do qual estava um vazio, qual caverna da qual saiu um rosno cavernoso e profundo. Ninguém se mexeu. Ninguém falou, tal era o terror que a figura irradiava, até que esta começou a avançar.

Fujam! gritou Allumno. Fujam pelas vossas vidas!

O enorme vulto olhou para ele e os pontos vermelhos brilharam. Allumno parou o encantamento de imediato, fitando por sua vez o vulto.

Eu conheço-te... sussurrou.

O vulto hesitou, como se lembrasse de algo também, mas depressa o ignorou e brandiu a sua sequiosa espada.

Baodegoth... recordou-se Allumno, e os seus braços penderam frouxamente aos seus lados, esmagado pela lembrança.

Como a própria morte, o vulto avançou com o intento de degolar dois convivas que estavam à janela, paralisados pela terrível visão do monstro.

Vários dardos irromperam das mãos do mago, singrando na direcção do vulto e explodindo nas suas costas em faíscas multicolores. O feitiço

teve o efeito de um balde de água fria nos convivas, que se ergueram e começaram a correr para as janelas, para as escadas, para o fim da sala, para qualquer sítio que lhes desse distância daquele monstro.

Fujam, saiam da estalagem! Allumno recitou outro encantamento e uma esfera amarela a crepitar de energia girou contra o vulto e contra ele explodiu em vários choques.

Saiam! Saiam todos! continuou o mago a gritar enquanto Taislin desembainhava duas adagas e se escondia debaixo da mesa.

Baodegoth virou-se, fumegando e com a capa chamuscada, e os seus olhos brilharam intensamente. Começou a avançar em passos largos, que ressoavam pelo soalho como o tanger de um sino fúnebre. Allumno sentiu o sangue gelar-se-lhe e a voz morrer-lhe na garganta. A mera presença da criatura irradiava uma aura de pavor que o avassalara agora a ele também e o mago viu-se incapaz de se mexer. Baodegoth avançava, rosnando ominosamente, e a sua espada brilhava, parecendo agora chamar pelo sangue de Allumno. As pernas do mago estavam entorpecidas e mal foi capaz de esboçar uma expressão aterrorizada quando o vulto ergueu a espada, visando a sua cabeça. Então Baodegoth foi derrubado por uma mesa que pareceu erguer-se do chão para cair em cima dele.

Allumno, anda! Não sei o que isso é, mas não quero ficar para descobrir! disse o burrik, puxando o mago.

Memórias de guerra e sofrimento... Aezrel Thoryn e Zoryan, o seu mentor, lado a lado a combaterem os moorul...

Allumno, anda! guinchou Taislin, arrastando o mago atrás de si enquanto Baodegoth tirava a mesa de cima dele.

Allumno deixou-se arrastar, mas os seus olhos não deixavam o vulto, que recuperava a posição e os fitava aos dois com um olhar de morte.

Um dos moorul... os seus pais, os seus corpos brancos e exangues... ajoelhado perante os cadáveres, chorando.

Mas que te deu, homem? É *Baodegoth*.

Anda, fuge! *Baodegoth*...

Allumno!

Baodegoth! gritou o mago, libertando-se do fraco aperto de Taislin.

O vulto parou mais uma vez, perscrutando o mago que o fitava, irado. À sua volta corriam, desvairados, os aflitos convivas, tentando a

todo o custo afastar-se dele, mas Baodegoth parecia ter perdido momentaneamente o interesse neles. O humano era-lhe totalmente desconhecido, mas tinha uma estranha impressão de já o ter visto antes. Interrompendo os pensamentos ao seu adversário, Allumno bateu com o cajado no chão e a pedra rubiácea incrustada no seu topo brilhou, expelindo de seguida uma rajada da mesma cor para cima de Baodegoth, cujos olhos brilharam e cujo braço desferiu um arco à sua frente, desfazendo a rajada com a espada.

Allumno, foge! Vocês não são páreo para um moorul! exclamou a voz de Zoryan, ecoando na cabeça do mago.

Baodegoth! voltou Allumno a gritar, ignorando o seu mentor e gesticulando violentamente à sua frente, entoando cânticos arcanos. Uma força invisível embateu contra o moorul quando o mago esticou as mãos e projectou-o contra a parede no fim da sala, contra a qual embateu, caindo de seguida no chão.

Vai-te embora, Taislin! Tira esta gente daqui! ordenou o mago, brandindo o seu cajado.

Mas, Ali...

Vai! gritou Allumno, vendo que o seu adversário se erguia. Vai ou todos morrerão!

Como para confirmar o que o mago dissera, Baodegoth ergueu-se na totalidade da sua imponente altura, ergueu os braços e levou a cabeça atrás, proferindo um demoníaco uivo do além, que se propagou pelos quatro cantos da grande sala, sacudindo violentamente as labaredas da fogueira e das tochas, arrancando o fogo a estas últimas e estarecendo os presentes, que se atiraram ao chão, encolhendo-se e urinando de medo, tapando os ouvidos com as mãos. Allumno também ficou estarecido perante o poder da criatura e, apesar de não se encolher, ficou parado, paralisado enquanto Baodegoth avançava. A sala estava escura, iluminada apenas pelo agora fraco fogo da fogueira, atrás da qual o moorul caminhava, parecendo trémulo aos olhos do mago devido ao calor das chamas. Assim que Baodegoth contornou a fogueira, a passos lentos e vagarosos, envolveu-o numa penumbra que só Allumno conseguia ver. A sua perna tremia de dores excruciantes mas, imerso no terror da presença eminente do moorul, mal se deu conta. Baodegoth sibilou ao chegar perto do mago, dando-se ao luxo de o observar atentamente com os seus olhos sem vida. Os únicos sons que se ouviam eram o leve crepitar da fogueira, os gemidos dos convivas encolhidos e os soluços de Allumno, na fronteira do mais absoluto terror. Satisfeito, o moorul brandiu a sua negra espada e desferiu um golpe para lhe decepar a cabeça.

A cabeça de um martelo apareceu do nada e preencheu a visão de Baodegoth, que de seguida viu o tecto e caiu de costas no chão. Ouviram-se passos apressados na sala e Allumno ajoelhou-se abruptamente, suando copiosamente e agarrando o seu joelho ferido com as duas mãos.

Worick correu em direcção ao vulto caído, pegando numa pesada cadeira pelo caminho, e precipitou-se para cima dele, proferindo um grito de guerra thuragar e estilhaçando a cadeira no seu peito. Para sua grande surpresa, a criatura ergueu o tronco como se não tivesse sentido o golpe e Worick viu-se cara a cara com um esquelético semblante meio desfeito, cujos olhos ruborizavam de raiva e cuja manopla encontrou o caminho para o seu queixo, projectando o thuragar a uma distância considerável. Baodegoth ergueu-se mais uma vez, a sua atenção agora centrada no atordoado thuragar, e rosnou ameaçadoramente.

Ladras bem... será que mordes? disse o thuragar, limpando o sangue que lhe escorria do lábio rebentado com um dedo.

Baodegoth investiu, rápido tendo em conta o Seu peso, e Worick aparou um golpe de espada com o escudo da sua manopla, que por pouco não foi fendido. Evitou o segundo, baixando a cabeça e teve de se atirar para o lado para não ser cortado ao meio por um golpe vertical para baixo, que abriu as tábuas do soalho. O thuragar rebolou pelo chão, deixando atrás de si sucessivas marcas da negra espada, até que chegou à parede e se viu encurralado. Baodegoth brandiu a espada.

Worick! guinchou Taislin, empurrando o martelo do thuragar com o pé.

A arma deslizou pelo chão até perto da mão direita de Worick, que lhe pegou por baixo da cabeça, empunhando-a de seguida com as duas mãos, bloqueando o golpe de Baodegoth por pouco. Como se o moorul ficasse surpreso, o thuragar desviou a espada para o lado e, impulsionando o seu corpo para a frente, deu uma cambalhota por baixo das pernas altas do adversário, erguendo-se atrás dele. A surpresa de Baodegoth não durou muito e este desferiu um possante golpe para trás, que fez com que o corpo de Worick tremesse ao apará-lo com o cabo do martelo, que ele mesmo forjara com as mais secretas técnicas dos ferreiros thuragar. Com uma furiosa saraivada de golpes, Baodegoth obrigou o thuragar a recuar, demasiado ocupado a defender-se das espadeiradas para sequer pensar em ripostar. As faixas de cabedal do cabo do martelo pendiam, cortadas pela lâmina negra, atapalhando

Worick no manuseio da arma, e Baodegoth não lhe dava qualquer descanso, desenhando a morte à frente do thuragar com a sua espada. Finalmente, uma estocada rápida deslizou por cima do cabo do martelo, perfurando a espaldeira do thuragar e ferindo-lhe o ombro esquerdo. Seguiu-se-lhe um pontapé na barriga, que elevou Worick do chão para depois o deixar cair de cara. Silvando de triunfo, Baodegoth brandiu mais uma vez a arma, como se de um ritual se tratasse, e preparou-se para desferir o golpe mortal.

Taislin gritou e espetou as suas duas adagas no jarrete do moorul.

Baodegoth silvou e virou-se para trás e pareceu irritado com a interferência de um insignificante burrik, pois ergueu a espada para o cortar ao meio, quando Worick puxou a capa do moorul com toda a força, atirando-o por cima de si e do balcão para a fogueira, na qual Baodegoth caiu, espalhando brasas e tições. A capa negra pegou fogo de imediato.

Leva o Allumno daqui ordenou o thuragar, crispando os dedos no cabo desenfaixado do seu martelo. Só combater com a criatura parecia entorpecer-lhe os membros e a ferida da espada era gelada, não quente do sangue, mas fria como granito. Sacudiu a cabeça e, quando abriu os olhos, viu um vulto negro com um manto de chamas a saltar para cima dele.

O tremendo golpe desferido fez com que Worick se ajoelhasse, mantendo aquela lâmina negra a escassos centímetros da sua cara com o cabo, que não o pôde proteger quando a bota de aço voou contra a sua cara, encaixando-se na sua boca e levando o thuragar atrás. Worick bateu com a cabeça no chão e o martelo caiu ao seu lado. Baodegoth uivou mais uma vez, julgando que finalmente tinha uma vítima à sua mercê, mas a voz de Allumno sobrepôs-se ao seu uivo.

Baodegoth!

A atenção de Baodegoth foi mais uma vez desviada para o mago. A gema brilhava na sua testa luzidia de suor e os seus dentes estavam furiosamente cerrados. Em seu redor brilhava uma transparente aura escarlata e algo descrevia um círculo fumegante à sua volta no chão; parecia irradiar energia.

Worick olhou para o martelo ao seu lado, mas algo lhe disse que estava numa posição perigosa, e não era só por causa do moorul. Optou por rebolar para longe do adversário, que se apercebeu do gesto e sibilou.

BAODEGOTH! bradou Allumno, levando as mãos à sua frente.

A última coisa que Taislin viu foi um imenso clarão vermelho que o cegou, e depois um possante estrondo, que abalou a estalagem e o deitou a ele e a tudo quanto estava de pé para o chão. O burrik deixou-se ficar onde estava, cobrindo a cabeça com as mãos, mas os momentos a seguir ao estrondo foram silenciosos, exceptuando um crepitar que parecia tornar-se mais intenso. Descobriu a cabeça e viu Allumno ajoelhado, com os braços a penderem-lhe para os lados, fumegando das mãos e a olhar em frente. Do mago projectava-se um trilho de negrume pelo chão, que se prolongava até ao enorme buraco na parede, demarcado por um círculo fumegante de borralho brilhante. Um pouco atrás, algo pareceu mexer-se e Taislin viu um Worick entontecido a levantar-se, sacudindo a cabeça.

Allumno? perguntou o burrik, aproximando-se a passos leves do mago. O mago não respondeu. Allumno? Worick, anda ajudar-me. Este sítio vai começar a arder!

O thuragar resmoneou qualquer coisa, pegou no seu martelo e olhou cautelosamente para o buraco na parede.

Worick!

O fogo das brasas espalhadas da fogueira e de fosse o que fosse que Allumno havia feito ateara-se depressa e começava a espalhar-se pelo soalho para as paredes estancadas com betume.

Deixa-me ver se ainda há pessoas... disse o thuragar por fim.

Eu não consigo carregar o Allumno. Leva-o que eu vejo. Worick assentiu, olhou mais uma vez para o buraco e correu a levantar o mago.

Anda, Allumno. Não fiques especado a olhar feito cretino... admoestou o thuragar, levantando o mago imóvel pelos braços enquanto o burrik corria pelas escadas acima a gritar por alguém. Mas mexe-te, que raio! tossiu.

O fogo alastrara-se a uma velocidade impossível e o ar começava a ficar pesado e cinzento com o fumo. Allumno deixou-se arrastar por Worick, que por pouco não o carregou aos ombros até ao buraco na parede, pelo qual ambos saíram.

Eu disse que era coisa de imbecis revestir estas casas com betume! lembrou Worick. Aquele idiota do burrik ainda se vai ma... O thuragar emudeceu.

Fora da estalagem, o trilho negro prolongava-se até à próxima casa, essa também com um grande buraco na parede e a começar a arder, e a casa atrás dela também fumegava. Os habitantes de Vau do Caar corriam de um lado para o outro, uns carregando baldes com a água

do Caar, que ladeava a estalagem, outros as suas posses, mulheres com crianças chorosas ao colo, cães a uivar...

Mas esta aldeola vai ficar em cinzas! Allumno faz alguma coisa! Eu vou tirar o anormal do burrik dali! Worick largou o mago e atravessou o buraco a expelir fumo.

Ele ainda está aqui... disse Allumno sem que ninguém o ouvisse, parecendo acordar.

À sua volta corriam pessoas, alheias à sua presença e mesmo respingando-o com a água dos baldes, mas Allumno também os ignorou, continuando a olhar em frente, para além do buraco ardente na outra casa.

Ele ainda está aqui... reiterou, levantando a cabeça de súbito. Alguém pareceu dizer-lhe algo, mas Allumno ouviu apenas um

tartamudear ininteligível, pois a sua atenção estava centrada no buraco. No meio da escuridão, no meio do amarelo e vermelho do fogo, o mago distinguiu dois brilhantes pontos escarlates, dois focos de ódio centrados nele. Um outro camponês deu-lhe um encontrão no ombro ao passar a correr por ele, mas Allumno mal sentiu. Apoiou-se pesadamente no cajado e levantou-se a custo, inclinado para a direita devido às dores no joelho. Baodegoth surgiu do buraco, capa a arder e caveira chamuscada. Algumas pessoas gritaram e fugiram, mas a maior parte nem reparou no moorul e continuaram a correr a salvar as casas. O adversário de Allumno estava com a armadura danificada e algumas placas de metal pendiam-lhe frouxamente, mas o monstro parecia insensível à dor.

Vem, Baodegoth disse o mago em voz baixa, como se o moorul o pudesse ouvir. Vem, maldito. Vamos acabar com isto.

Allumno sabia que não tinha forças para mais nada. Aquela descarga brutal de pura e selvagem Essência exaurira-o, não estava habituado a descarregar tanta de uma tão desenfreada maneira sem a ajuda da Palavra e agora sentia-se vazio. Ainda assim, manteve-se firme e resoluto, pronto para o ataque do seu inimigo. Crispou os dedos no cajado e invocou todas as forças que lhe sobravam, canalizando-as através do artefacto, conjurando os últimos resquícios de energia para os concentrar numa última descarga desesperada. Sabia que lhe era nocivo emitir rajadas de pura Essência daquela maneira desenfreada, mas não lhe restava qualquer escolha e, apercebeu-se, também não se importava. Tudo o que lhe interessava era destruir Baodegoth, o maldito Baodegoth, o assassino dos seus pais, o ameaçador vulto que se aproximava ominosamente de si, espada sequiosa

e olhos irados. Os seus membros tremiam *e* formigavam, o suor queimava-lhe os olhos, o seu joelho ardia com uma intensidade maior que a do fogo que *agora*, consumia as casas em seu redor e Allumno via tudo borrado à sua frente, incluindo a mancha negra que era o moorul, mas o fluxo de energia no seu corpo era constante *e* fluido, um ardor refrescante que lhe dava uma falsa sensação de vigor nos membros. Baodegoth brandiu a espada e sibilou e alguns aldeãos finalmente o viram, fugindo aos gritos, *e* Allumno sentiu o cajado tremer.

Afasta-te, criatura vil! gritou alguém atrás do moorul. Allumno piscou os olhos, abanou a cabeça, focou a visão e foi

com surpresa que viu Pêro e Dorfidel atrás de Baodegoth, ambos de mãos erguidas, envergando as suas togas azuis com riscas brancas onduladas.

Que a tua presença negra se desvaneça deste piedoso local! continuou Pêro com a abjuração. Afasta-te, a menos que a essência de Acquon te dissolva na sua pureza!

Baodegoth virara a cabeça e fitava ambos com ódio. O sacerdote e o seu acólito pareceram vacilar perante o olhar diabólico do moorul e cerraram as mãos nos símbolos sagrados do seu deus que lhes pendiam dos pescoços. Baodegoth sibilou mais uma vez e virou-se completamente para ambos, parecendo esquecer Allumno, que cortou o fluxo de energia e se deixou cair de joelhos, tremendo de dor ao embater com a rótula ferida no chão. Dorfidel empunhou o símbolo à sua frente e proferiu um encantamento, fazendo com que Baodegoth vacilasse, mas este projectou a cabeça para a frente de seguida, silvando, e o símbolo gelou as mãos do acólito. Então Allumno despertou e, gritando a plenos pulmões, a gema a refulgir na sua testa, apontou com o cajado e dele se projectou com fragor um cone escarlate, que levantou a poeira do chão ao singrar na direcção de Baodegoth, que arrastou consigo até à beira do rio, contra a qual explodiu com grande estrupido, atirando água e terra ao ar. Os dois homens piedosos e o resto da aldeia fitaram Allumno com espanto e alguns deram um cuidadoso passo atrás quando ele baixou repentinamente os braços e se deixou cair, prostrado, no chão.

Entretanto, Baodegoth era arrastado pela furiosa corrente do Caar, envolto no seu frio e forte abraço, rumo ao mar.

Mas que se passa? perguntou Worick, saltando através do buraco na parede, deixando um rasto de fumo atrás de si. Seguiram-no

um rapaz seminu, Slayra, tapada com uma manta branca, e Taislin. Que fazem todos parados? Querem assar salsichas com as vossas casas?

Ninguém respondeu e quase ninguém sequer ouviu, pois todos os olhares eram para Allumno.

Mas o que é que aconteceu?

Sim, o que é que aconteceu? perguntou Slayra, aconchegando-se na manta para se abrigar do frio da noite. Ao seu lado estava o rapaz de cabelos castanhos que havia levado para o seu quarto. Estava sujo de fuligem e olhava de soslaio para a eahanna com olhos assustados, como se desejasse afastar-se dela.

Julgo que o vosso amigo saberá responder melhor a essa pergunta disse Dorfidel em voz alta. Como resposta, a multidão afastou-se para que os companheiros pudessem ver Allumno e o acólito.

Que fazem vocês parados? perguntou Pêro. A aldeia está em chamas! Depressa, vão buscar água!

Os aldeãos assim fizeram e Taislin pôde aproximar-se do mago.

Allumno? Estás bem?

Ele não foi ferido assegurou Dorfidel, mas acho que se esgotou para combater aquela... o acólito tremeu com a lembrança da presença do moorul, ainda bem viva na sua memória aquela coisa.

O quê? Aquilo...?

Não se preocupe tranquilizou-o Pêro, recebendo um encontrão dum homem que corria, Allumno atirou-o ao rio e por esta altura já foi parar ao mar.

Worick, ajuda-me a levá-lo.

O thuragar esfregou a fuligem da sua cara e agarrou Allumno pelas axilas, erguendo-o com pouca gentileza. O mago gemeu e o thuragar sentiu uma gota molhar-lhe a cara quente e ressequida.

Ó Allumno, já chega de feitiçaria por hoje! O mago voltou a gemer. Worick resmungou e começou a arrastar o mago. Levanta-lhe os pés ordenou a Taislin. Vamos levá-lo a algum sítio que não esteja a arder. Mais umas gotas aliviaram o calor que sentia na face.

Uma bênção de Acquon disse Pêro, orando com as mãos em concha por debaixo do seu queixo, enchendo-as com a água da chuva.

Ou de um mago marado... acrescentou Worick em voz baixa, arrastando Allumno. Irra! Levanta-lhe os pés!

Quando Aewyre, Lhiannah, Babaki e Quenestil chegaram à aldeia de manhã, ainda era ela fustigada pela chuva, que já deixara de apaziguar as chamas e agora apenas molhava os tectos negros e queimados e escorria pelas cornijas em jorros constantes, encharcando o interior das casas com buracos abertos pelo fogo. Os quatro arrependeram-se de não terem levado capas, agora que os seus cabelos ensopados se lhes colavam à cabeça, nem comida, agora que os seus estômagos rugiam em protesto. Os seus pés chapinhavam nas poças lamacentas conforme avançavam, apressados, pelas ruas desertas.

Mas o que aconteceu aqui? perguntou Aewyre a si mesmo, ficando progressivamente preocupado por não ver viva alma.

Está alguém aí? gritou Quenestil, olhando em redor. Babaki farejava o ar ruidosamente.

Há demasiado cheiro a fumo e terra molhada desculpou-se o antroleo.

À beira da aflição, Aewyre aproximou-se da porta da primeira casa mais próxima e abriu-a com um vigoroso pontapé. Lá dentro, o ambiente era escuro e soturno, a despeito da fogueira que ardia na lareira. Uma família estava aconchegada à volta do fogo e a repentina entrada do guerreiro acordou-os. Quando viram o guerreiro armado, algumas crianças guincharam e o pai e os irmãos levantaram-se, empunhando paus. Aewyre recuou, envergonhado.

Eu... peço imensa desculpa Lhiannah apareceu atrás de si e as pequenas formas encolheram-se mais uma vez, mas Aewyre ergueu os braços de palmas abertas. Não vos queremos mal. Lembrem-se de nós?

Os homens entreolharam-se, uns cerraram os olhos como se tentassem ver melhor, e finalmente baixaram os paus.

Desculpem. Eu já estava a pensar que...

O que aconteceu? interrompeu-o Lhiannah.

Os homens entreolharam-se mais uma vez, alguns tremeram, até que o pai se pronunciou.

Foi um demónio da noite... declarou, assustado. Quenestil e Babaki chegaram e Lhiannah fez-lhes moção que entrassem. Vendo os recém-chegados, principalmente o antroleo, hesitou, mas Aewyre pediu-lhe que continuasse.

O homem fez então um relato bastante floreado do ataque de Baodegoth, descrevendo-o como um monstro abominável, alto como

uma árvore e com chamas a jorrarem-lhe das costas. Mencionou as explosões causadas por Allumno, que para ele haviam sido manifestações da vontade de Acquon para salvar os seus fiéis, e explicou como a inesperada chuva apagava o fogo. Lhiannah já revirava os olhos quando Quenestil perguntou:

Os nossos amigos, onde estão?

Ficaram... ficaram na casa do sacerdote disse um rapaz. É aquela entre o santuário e a estalagem.

Obrigado agradeceu Aewyre, retirando-se apressadamente. Desculpe a porta. Pagar-lha-ei.

Os companheiros seguiram as indicações do aldeão e chegaram ao que lhes pareceu ser a casa indicada, reparando nos trilhos de terra escurecida que se projectavam da estalagem quase destruída para as casas e de um ponto fora do edifício para o leito do rio.

Mas o que é que aconteceu aqui? perguntou Quenestil.

Não sei, mas palpita-me que o Allumno teve muito que ver com isto... respondeu Aewyre.

Bateram à porta da casa, quase indistinguível das outras, excepto pelas gravuras de motivos fluviais na porta e pelo símbolo de Acquon nos batentes. Algumas fortes batidas depois, ouviram uma voz lá de dentro e uns passos arrastados. Pêro, ensonado e com olheiras negras, abriu-lhes a porta.

Meus amigos, chegaram por fim. Venham, o vosso...

Onde está o Allumno? E os outros? O que lhes aconteceu?

Ia a dizer-lhe as primeiras duas coisas. A terceira terão de ser os vossos companheiros a explicar. Sigam-me, por favor pediu, abafando outro bocejo.

Aewyre agarrou o braço do sacerdote.

Como estão eles?

Oh, estão todos bem. Escusa de apertar com tanta força, *rapaz*, nenhum deles está seriamente ferido...

Aewyre pareceu cair em si e largou Pêro.

Eu... peço desculpa, sacerdote. Não queria...

Ora essa, rapaz. Venham, sejam bem-vindos neste lar meu e de Acquon. Venham...

Os quatro mal repararam na decoração da casa pela qual foram conduzidos, tal era a sua ansiedade, até que Pêro parou antes de um corredor, no qual várias camas ladeavam as paredes, e segredou:

O senhor Allumno está ali, na ala dos doentes. De momento, é o único lá, quer dizer, ele e um rapaz com febre. Os outros ficaram

nos quartos dos hóspedes. Se forem ter com ele, peço-vos que sejam silenciosos. A criança precisa de descansar.

Aewyre e Quenestil apressaram-se a ir ter com o mago e Babaki e Lhiannah ficaram para trás.

O Worick ficou ferido?

Tem um belo golpe no ombro, princesa, mas recusa-se a ser tratado.

Lhiannah suspirou.

É melhor eu ir vê-lo. Deve estar preocupado...

Babaki olhou para os dois lados e decidiu acompanhar a arinnir. Aewyre e Quenestil aproximaram-se com vagar da cama do mago no corredor escuro e silencioso e o guerreiro anunciou a sua presença de voz baixa.

Allumno? Estás acordado?

O mago pareceu mexer-se e virou a cabeça para o lado de Aewyre.

Aewyre? indagou numa voz rouca. És tu?

Sim, sou eu, Allumno. Pegou na mão do mago. Está tudo bem?

Tudo... se não contar o facto de me sentir vazio por dentro e completamente exaurido... Um tossido infantil fez-se ouvir algures no corredor. Pêro e Dorfidel fizeram o que puderam para me revitalizar, mas receio que não seja assim tão fácil...

Afinal, *o que* aconteceu?

O mago piscou os olhos e olhou em redor. Já é dia?

Sim... respondeu Quenestil, sem perceber o sentido da pergunta.

Ainda bem. Não se deve falar de coisas destas durante a noite... Abateu-se um silêncio ainda mais tenso no corredor. A voz infantil voltou a tossir e Allumno passou a mão pelos olhos.

Penso que deviam estar todos presentes para ouvir o que tenho para dizer...

OS MUITOS BRAÇOS DO FLAGELO

Tudo aconteceu muito depressa.

Worick fizera calmamente moção a Aewyre para que se baixasse, como se lhe quisesse segredar algo ao ouvido. O guerreiro seguira a indicação, inclinando-se para o thuragar de cabeça virada, quando a pesada manopla presenteou o seu queixo com um genuíno murro de thuragar, forte e seco, fazendo com que o guerreiro girasse em si para depois cair redondo de costas no chão. Os outros ficaram a olhar, perplexos, menos Lhiannah, que abanava a cabeça, suspirando.

Para que é que foi isso, Worick? acabou Quenestil por perguntar, não sem alguma hostilidade na voz e com os punhos a tenderem a fechar-se.

O thuragar não respondeu, limitando-se a cruzar os braços e a olhar para Lhiannah com um ar paternalmente severo. A criança no corredor riu infantilmente, recostada no travesseiro a observar a cena e não mais parecendo doente.

Deixa estar, Quenestil... disse Aewyre, mexendo no queixo como se o tentasse reajustar. Acho que mereci isso.

Worick olhou para o guerreiro caído, grunhiu em assentimento e virou o olhar para Lhiannah, como se esperasse igualmente desculpas dela. A arinnir cruzara os braços também e olhava despreocupadamente para o lado. Aewyre achou melhor não se justificar, sabendo que fazer alusão às pequenas dimensões das pernas do thuragar só iria piorar as coisas, pelo que se limitou a levantar, ajudado por Quenestil.

Podes começar por explicar por que razão te escapuliste, sem me avisar, seguindo este cachopo apontou para Aewyre que nem uma adolescente a desabrochar? perguntou o thuragar.

Quenestil *fez* tenção de avançar, mas Aewyre estendeu-lhe o braço à frente. Os olhos de Lhiannah, no entanto, coruscaram de raiva e os seus punhos cerraram-se até os nós ficarem exangues.

Já deixei de ser uma rapariga há muito tempo, Worick .

declarou numa voz trémula de raiva. Faço o que muito bem me apetece e sei tomar conta de mim. Não fui eu quem andou a morder tentáculos e quase morrer envenenada.

O thuragar baixou os braços, ultrajado, mas Allumno não o deixou prosseguir com a discussão.

Se não se importam, gostaria de começar...

Não te metas em assuntos alheios, mago. Só porque tens o joelho esfolado...

Worick, deixa de ser teimoso! admoestou Lhiannah rispidamente. Aewyre assobiou baixinho e arregalou os olhos. Há coisas mais importantes para serem discutidas!

As maçãs do rosto do thuragar ruborizaram e a sua barba ficou eriçada.

Posso pôr isto no chão, Aewyre? perguntou Babaki, referindo-se ao relicário e parecendo alheio à discussão.

Oh, claro, Babaki. Eu...

Ainda não me disseram quem pegou fogo à estalagem interveio Slayra. Ia ser uma bela noite...

O que fizeste ao rapaz? Era a vez de Quenestil assumir uma postura agressiva. Onde está ele?

Pêro entrou, sussurrando algo sobre falar mais baixo, mas a sua presença mal foi notada. O rapaz alegadamente doente ria, alegre.

Tu devias era ter recebido uns valentes sopapos na devida altura! repreendeu Worick, ameaçando Lhiannah com o indicador. Não penses que me refrearei de te pregar uns belos açoites nesse traseiro só por teres crescido!

Slayra, eu juro-te que...

Não te atreverias! afirmou a princesa, levando as mãos às ancas.

Silêncio! berrou Allumno, curvando-se de seguida com um ataque de tosse. Aewyre assistiu-o, mas o mago acenou-lhe que se afastasse. Está tudo bem, Aewyre... Mais uma tossidela. Querem ouvir agora o que tenho para dizer? Os outros calaram-se e puseram-se por fim à disposição de Allumno. Sacerdote, se não se importa... Prometo que os meus companheiros serão silenciosos.

Com certeza, senhor Allumno. Vem, Rapigal disse ao jovem. Vamos comer qualquer coisa.

O rapaz não pareceu muito satisfeito, mas fez como Pêro lhe pediu, passando entre os companheiros com uma expressão amuada na cara.

Agora começou o mago quando a porta foi fechada, antes de começar, mostrem-me lá a manopla.

Os quatro companheiros que haviam encontrado o artefacto entreolharam-se, parecendo trocar impressões com os olhos.

Então?

Nós... hesitou Babaki chegámos à conclusão de que é melhor não abrir o relicário.

Os outros três olharam para o antroleo como se ele os tivesse traído.

É mesmo? Então e porquê?

A manopla... é estranha. Prefiro que nenhum de nós lhe toque ou sequer lhe ponha os olhos em cima. O poder de um deus reside nela e esse é um caminho pelo qual não deveríamos enveredar.

Sim, és bem capaz de ter razão, meu amigo concordou Allumno.

É melhor entregarmos a manopla o quanto antes a um templo de Gilgethan e não lhe tocarmos.

Interrompeste-me para falar de uma manopla ou para contares algo importante, mago?

Foi pela manopla, Worick, que nós atravessámos Moorenglade lembrou-lhe Quenestil.

O thuragar resmungou, como era de prever, e calou-se.

Seja. Alegro-me que a tenham finalmente encontrado. Assim que tivermos oportunidade, entregá-la-emos a um representante da sua igreja. Agora, sobre o que aconteceu aqui...

Allumno conseguiu a atenção de todos e procedeu a relatar tudo, desde o aparecimento do moorul, o combate, até ao desenlace. Aewyre engasgou e tentou falar várias vezes, mas Allumno silenciara-o sempre, pedindo-lhe que esperasse até acabar de falar.

Mas então... perguntou Worick no fim do relato o *que* era aquilo?

Isso é o que me preocupa acima de tudo admitiu o mago.

É um moorul.

Desta vez, Allumno constatou o facto com tal segurança que um arrepio percorreu as espinhas dos companheiros, enregelando-as até à medula. Mesmo Worick levou a mão ao ombro, onde a ferida do golpe de espada fora tratada.

Um... moorul? tartamudeou Taislin, esfregando as mãos que haviam cravado as adagas no jarrete de Baodegoth.

Receio bem que sim. Não me perguntem como nem porquê, mas foi um moorul que enfrentámos durante a noite.

Mas então...

Sim, Aewyre. Espero bem que este tenha sido o mesmo moorul que enfrentaste em Llen. Os deuses nos ajudem se este for um fenómeno generalizado...

Llen? inquiriram os outros em unísono.

Aquilo apareceu em Llen? perguntou Worick.

Sim respondeu Aewyre. Eu e o Quenestil íamos sendo mortos. Mas a Slayra empurrou-o de um precipício. Todos olharam para a eahanna, que sorriu. Mas como pode ele ter sobrevivido?

Dizem as gentes continuou Allumno que um moorul é mais difícil de matar que uma enguia. São insensíveis à dor e a falta de membros não os incomoda minimamente. O aço fere-os, mas só completamente despedaçados é que são definitivamente destruídos. Têm algumas fraquezas e muitos poderes, como provocar medo mortal através do olhar ou uivo, absorver a essência vital dos vivos com um toque das mãos e revitalizam-se, absorvendo o sangue das vítimas com as suas *damuords*, feitas do aço negro de Asmodeon. Worick levou mais uma vez a mão ao ombro. Julgava que todos haviam morrido com o Flagelo após a Guerra da Hecatombe, mas este está bem vivo. Tu e o Quenestil, Aewyre, sobreviveram ao confronto porque ele devia estar ferido e sem energia. Prefiro não pensar na quantidade de pessoas que ele já deve ter morto para lhes absorver o sangue... Por falar nisso, Worick, devias pedir ao Pêro que te sangre o ombro. O thuragar franziu o sobrolho, mas a pedido do mago tirou a espaldeira do ombro e constatou que ele permanecia exangue. Pede ao Pêro que te sangre. Pode ser perigoso deixá-lo assim recomendou vivamente. Houve um momento de silêncio, em que todos estiveram imersos em pensamentos mórbidos e assustadores. O que mais me preocupa, no entanto,

é o facto de que ele parece estar a seguir-nos. Ignoro de onde veio, mas encontrou o Aewyre em Llen e agora aparece em Vau do Caar. Isto preocupa-me...

Afinal, o que fizeste tu para o atirar ao rio? perguntou Worick. Eu vi o primeiro clarão, mas os aldeãos falam de outro que abriu o buraco no leito do rio.

Foi uma coisa bastante estúpida, mas que por sorte foi o suficiente. Como sabem (ou talvez não), os magos canalizam a Essência

através dos seus corpos, absorvendo-a e moldando-a com a Palavra para criarem os efeitos desejados. Worick bufou em desdém. Ora o que eu fiz, ao ver que os meus feitiços de pouco estavam a servir contra Baodegoth...

Baodegoth? perguntou Taislin.

É o nome dele. Não me interrompas! retrucou o mago, como se quisesse evitar o assunto. O que eu fiz foi usar o meu corpo como condutor. Em vez de filtrar a energia, larguei-a, despejei pura e imaculada Essência para cima de Bao... do moorul, e isso exauriu-me até à total exaustão. Duvido de que fosse capaz de andar agora... para além do motivo do joelho, claro está. Penso que a onda de energia selvagem possa também ter destabilizado as condições climatéricas e assim causado a tempestade. O que eu fiz foi muito perigoso, e não só para mim. Os efeitos são deveras imprevisíveis.

Mas então... quer isso dizer que o mataste? perguntou Quenestil, sem certeza de ter percebido metade do que Allumno dissera. E não fora o único.

Atrevo-me a pensar que sim. Foi pouca a energia que ainda consegui canalizar, mas se foi o suficiente para o despedaçar, os restos terão caído em água corrente e ele foi definitivamente destruído.

Já agora... lembrou-se Aewyre. Terá aquela mulher de negro algo a ver com o moorul?

Quem? Ah, essa. Não te sei dizer. Não falei com ela, mal cheguei a vê-la e, francamente, o que ela te fez pareceu-me um truque barato de ervas e pós. Houve alguns risos no seio dos companheiros, mas esses morreram depressa. Francamente, não faço a menor ideia.

O grupo ficou mais uma vez imerso nos pensamentos e no silêncio, até que Taislin, sempre o mediador, os interrompeu.

Bom, aquela coisa feia morreu, encontrámos a manopla e estamos todos vivos. Proponho que descansemos agora um pouco enquanto chove para depois comermos uma bela refeição descansados. Poderíamos até ficar um pouco por aqui, dar uma ajudinha nos reparos, e depois íamos a Colm entregar a manopla a um templo. Que dizem?

Todos olharam para Taislin, que os fitava de mãos abertas e com um característico sorriso recto na face querubina, até Lhiannah se baixar para ele, pegando-lhe nos braços e beijando-lhe a testa afectuosamente.

Querido burrik, que fariámos nós sem ti? disse, esfregando-lhe as bochechas coradas.

Sem ele, não sei. Mas eu faria um belo monte de carne picada para alimentar os corvos... resmungou Worick para si.

Ele tem razão proclamou Aewyre, alegre. Chega de andarmos cabisbaixos e com cara de funeral.

Olha quem fala... continuou Worick a resmungar.

Vamos então descansar, tomar outro banho e depois ajudar esta gente a reparar as suas casas.

Ninguém discordou e todos se puseram a caminho da estalagem, quando Allumno lhes lembrou de que estava parcialmente destruída.

Perguntem antes ao Pêro se ele tem quartos para vocês. Eu fico por aqui...

Os outros assim fizeram, menos Aewyre, que ficou propositadamente para trás e se virou para o mago.

Allumno, ainda tenho de falar contigo sobre outra coisa.

É importante?

Penso que sim, mas duvido de que seja urgente. Se estiveres indisposto...

Se não for urgente, podemos falar dela mais tarde? Desde que saí do ventre da minha mãe que não me sinto tão exausto...

Tudo bem. Voltarei mais tarde. Vê se descansas.

Tu também, Aewyre. O guerreiro fechou a porta. Tu também...

Como sempre, Babaki *fizera questão* de dormir nos estábulos, ignorando as insistências de Pêro. Simplesmente, não conseguia dormir em camas, para além de não haver nenhuma para o seu tamanho. Ou chão ou palha, camas eram-lhe desconfortáveis e acabava sempre por ficar com fome devido às penas. Claro que o cheiro e o calor das estalas lhe despertavam instintos semelhantes, mas pelo menos havia o estrume para diluir os odores e os montes de palha eram confortáveis. Para além do mais, não gostava de espaços fechados, e os estábulos sempre eram mais amplos e espaçosos que qualquer quarto. O antroleo carregou o pesado relicário pelas ruas lamacentas de Vau do Caar, seguindo as indicações de Pêro para as cavaliças, sofrendo em silêncio devido às protuberâncias e altos-relevos da caixa decorada que lhe magoavam os braços. A chuva molhou-lhe a juba e o pêlo, colando-o ao seu corpo nu, mas Babaki não deu a mínima indicação de ficar incomodado, olhando em redor para a destruição que o combate e o fogo provocara. O que teria acontecido se ele tivesse ficado em vez de seguir Aewyre? O que teria acontecido se ele tivesse cedido ao chamamento

do animal, como aconteceu quando ele pegou na espada do drahreg? Quantos edifícios teriam ficado de pé? Quanta gente poderia ter morrido? A violência era uma coisa tão detestável, e no entanto o antroleo cedia sempre a ela quando o perigo o ameaçava. Isso entristecia-o, mas sabia que muitas das vezes nas quais ele se havia rendido ao seu legado fora em defesa dos seus amigos, para os proteger de ameaças que os excediam e por vezes, raras e preciosas vezes, havia conseguido dominar o animal após o perigo ter passado, fora capaz de se desligar do seu eu primordial ao ver que as vidas dos seus amigos já não corriam perigo. Outras vezes, o animal permanecia até o antroleo se conseguir sobrepor a ele com ajuda exterior, e com ajuda exterior se sobrepôs o animal a ele, quando o antroleo empunhou o alfange de Kror. Ainda não entendera o que havia acontecido, mas preferiu não pensar mais nisso. Finalmente, o cheiro a estrume distinguiu-se entre o odor a terra molhada e cinzas e Babaki acordou dos seus pensamentos. Um dos seus grandes pés ensopados enterrou-se uma última vez numa poça lamacenta antes de entrar no chão coberto de palha relativamente seca. O antroleo poisou o relicário mais à frente e sacudiu a água para fora do pesado corpo como pôde, balbuciando. Os cavalos notaram a sua presença, alguns reconhecendo-a com um bater de cascos, mas nenhum relinchou nem esboçou qualquer gesto de medo. Babaki passou pelas estalas e acariciou a testa de um dos quadrúpedes, oferecendo-lhe a cabeça de uma cenoura meio mastigada que encontrou no chão. O cavalo mastigou ruidosamente enquanto Babaki avançou para o monte de palha e feno, ainda com o relicário ao colo. Poisou-o mais uma vez e começou a preparar a sua cama de palha, remexendo no monte com as suas garras até ter uma manta no chão. Satisfeito, deitou-se na cama improvisada de braços atrás da cabeça, perdido em pensamentos a olhar para o tecto de tábuas entrecruzadas, sobre as quais estavam camadas de seixos de ardósia, contra os quais a chuva tamborilava suavemente. Meditou sobre a sua vida desde que Aewyre, Lhiannah, Allumno e Worick haviam encontrado, ou melhor, sido encontrados por Quenestil e os seus companheiros eahan. Nesse dia, encontrara amigos, amigos que se vira forçado a defender numa situação na qual se teria simplesmente rendido e entregue. Sim, teria deixado os drahregs matá-lo se o atacassem e ele estivesse sozinho, mas estavam lá os seus amigos, os que o haviam aceite como ele era, os que o haviam ajudado a encontrar o seu lugar no mundo, e ele defendera-os cedendo à pressão do animal. E essa fora a primeira de outras situações. O derradeiro ataque

à fortaleza de Alyun, a luta contra Coilen, os crocodilos em Moorenglade... sem contar com outras nas quais cedera aos impulsos sem haver qualquer necessidade de proteger os seus amigos: o leão da montanha, o alfange de Kror... todas situações nas quais havia posto a vida dos seus companheiros em perigo desnecessário simplesmente porque não havia resistido aos seus impulsos.

O legado shakarex acompanhava-o desde o dia em que nascera, o sangue dos seus poderosos antepassados que lhe corria nas veias tornara-o no último herdeiro desse poderoso clã quando a sua mãe morreu durante o parto. Passara a sua infância a viajar pelas vilas de antroleos nas planícies, sendo apresentado a várias fêmeas, que por sua vez eram minuciosamente examinadas pelos seus acompanhantes, que deviam velar pela sua segurança e assegurar que o herdeiro acasalaria com uma fêmea forte e adequada para parir tão preciosos filhos. Nenhuma parecia ser adequada e nem mesmo quando Babaki alcançara a idade de acasalar haviam encontrado a fêmea ideal. Ainda bem, achara ele.

Seria ele a escolher a sua fêmea e mais ninguém. Quando alcançou a devida maturidade, no entanto, apercebeu-se de que mesmo que encontrasse a fêmea ideal, não poderia acasalar, não poderia transmitir tal fardo a ninguém, muito menos amaldiçoar os seus descendentes com ele. Sempre fora pacífico e aprendera a ver o seu legado como uma maldição, pois detestava a violência e as histórias das gloriosas e sangrentas batalhas dos shakarex, contadas com tanta pompa e orgulho pelos seus acompanhantes, enojavam-no. Aterrava-o pensar que ele era um dos monstros que haviam morto tantos da sua espécie nas terríveis Guerras intertribais. Esse não podia ser o seu destino. Num dia como qualquer outro, fugiu, escapuliu-se simplesmente aos seus vigilantes acompanhantes e errou pelas vastas planícies até chegar às montanhas, onde decidiu *acabar* com a sua vida, o que não conseguiu levar até ao fim, e onde Quenestil o encontrou, ferido e esfomeado... Um montículo de palha ergueu-se perto da cabeça de Babaki e o antroleo virou-a para ver um pequeno rato cinzento que, apoiado nas patas traseiras, *farejava o ar* e olhava em redor com os seus olhos pretos. Babaki sorriu e ofereceu-lhe a sua enorme mão, para a qual o roedor trepou em cima da qual se começou a lavar com as patas dianteiras. O antroleo observou o rato, sorriu mais uma vez e poisou-o no seu peito, que começou a erguer-se mais pausadamente conforme ia adormecendo, até que um sono tranquilo lhe velou suavemente os sentidos.

Lhiannah não estava satisfeita. Pêro tinha apenas dois quartos para hóspedes, um dos quais iria ficar apertado com Aewyre, Taislim, Quenestil e Worick lá dentro, e outro que teria de partilhar com Slayra. Apesar de não nutrir os mesmos sentimentos do eahan por ela, a arinnir não gostava da eahanna negra e continuava a desconfiar dela. Além de que ela já havia batido duas vezes à porta da sala de banhos, perguntando se a tina estava livre. A arinnir sabia que a intenção da eahanoir era provocá-la mas, contrariando as expectativas de Slayra, não se irritou e deixou-se afundar na cristalina água quente da tina de bronze. Mesmo sem sabão, a própria água parecia limpar o seu corpo de todas as imundícies e aliviar as tensões nos seus músculos. Talvez fosse mesmo abençoada, como Pêro afirmara... De qualquer maneira, não prescindiu do seu sabão de alfazema e ensaboou-se com vigor, franzindo as sobrancelhas ao esfregar as pernas e sentir leves picadelas. Suspirou exasperadamente e pegou na lâmina que deixara num tabuleiro ao lado da tina

Por que razão nos preocupamos nós tanto com eles quando os *eles* os exibem orgulhosamente como ursos? E por que não os têm os eahan'' perguntou-se a si própria, deslizando a lâmina pelas suas pernas resignadamente.

Alguém bateu à porta. Já estás, Lhiannah?

Quando tiver acabado, serás a primeira a saber! retrucou a arinnir asperamente, falhando um golpe na sua perna por um triz.

Slayra tirou a cara da porta e encostou-se à parede, cruzando os braços e sorrindo maliciosamente. Tão volátil, esta Lhiannah... Se fosse sua prisioneira... Uma súbita percepção interrompeu as suas fantasias. Se fosse sua prisioneira? Sim, se o fosse, tê-la-ia indubitavelmente torturado até quebrar o seu espírito teimoso e persistente, mas o que fazia agora? Convivia com ela, lutava a seu lado e chegara mesmo a salvá-la e aos outros. Quenestil já a interrogara a respeito, mas a eahanoir conseguira esquivar-se à pergunta. No entanto, não podia furtar-se às suas próprias perguntas, por mais que as tentasse ignorar. Por que permanecia com o grupo? É verdade que Quenestil exercia um certo fascínio sobre ela e... não! Afastou esse pensamento como se estivesse a enxotar moscas. Estava com o grupo pela experiência, pela piada, pelo desafio. Nada mais. Assim que pensasse que nada mais tinha a aprender ou a ganhar com os seus "companheiros", ir-se-ia embora sem pensar duas vezes. Sim, sem pensar duas vezes, sem dúvida... Entreteve-se a afiar o seu aguçado estilete com uma

pequena pedra de amolar rectangular. Já pensara várias vezes em marcar as suas vítimas na lâmina, mas sempre achou que a arma ficaria feia com tantos riscos...

A porta abriu-se e Lhiannah saiu da sala de banhos, o tom dourado dos seus cabelos molhados mais escuro com o suco de limão que nele aplicara.

Estava difícil... notou a eahanoir, tirando as costas da parede. Estavas a pôr-te bonita para alguém?

Sai da minha frente disse Lhiannah, empurrando Slayra para o lado contra a parede com pouca delicadeza. A eahanoir riu.

Tão volátil... gracejou, entrando na sala.

Abanou a mão à frente da cara para afastar o calor e calcorreou o piso de ladrilhos brancos e azuis escorregadios com cuidado devido à humidade. A tina de bronze estava vazia e uma fogueira ardia no canto da sala. Reparou com um sorriso afectado que Lhiannah havia removido o caldeirão do fogo e que a água do mesmo se encontrava morna.

Tão volátil... reiterou, reposicionando o caldeirão por cima da fogueira.

A chuva terminou ao entardecer e os aldeãos saíram das habitações para avaliar os estragos. Algumas casas haviam ardido, muitas estavam chamuscadas, mas em geral não havia grandes danos, a não ser os quatro enormes buracos que Allumno *fizera*, que por sorte não haviam causado mais que alguns ferimentos nos habitantes. Ainda assim, os Vaucaarenses saudaram o rubro Sol poente, que com os seus últimos raios dispersava as nuvens vazias, e puseram-se ao trabalho, ajudando-se mutuamente a reparar os estragos. Os companheiros saíram pouco depois, já refeitos, e foram buscar Babaki aos estábulos. Predispuseram-se a ajudar e os aldeãos aceitaram a oferta de bom grado.

Como está o senhor mago? perguntaram alguns, desejando as melhoras como se Allumno tivesse apanhado uma constipação. Costumava dizer-se que as más memórias das gentes de Vau do Caar pareciam escorrer com a corrente do rio e os companheiros começavam a dar razão ao dito popular.

Babaki ajudou a carregar umas pesadas traves de madeira que serviriam para remendar os buracos, orientado por Worick, enquanto Quenestil partia em busca dos animais de crianças chorosas que haviam fugido durante o fogo. Os outros ajudavam como podiam, se

bem que Slayra estivesse de braços cruzados a maior parte do tempo, com uma expressão determinada na cara cuja razão de ser ninguém soube explicar.

Já as estrelas cintilavam no céu invernal quando os Vaucaarenses deram o trabalho por concluído, apesar de ainda haver uns remendos a fazer nos buracos de Allumno. O estalajadeiro convidou os companheiros a ficar na Caneca Flutuante e anunciou à aldeia que o estabelecimento estava aberto. Quenestil ainda não voltara, Allumno ficara de cama e Babaki pedira para comer nos estábulos, pelo que decidiram esperar pelo eahan na estalagem. Ainda havia vestígios de fuligem nas paredes, que estavam a ser afincadamente esfregadas pelas criadas, e pairava um certo odor a cinza, mas ninguém pareceu importar-se. Encontravam-se lá umas duas famílias a jantar, certamente as que haviam ficado com as cozinhas destruídas, mais uns poucos convivas a embeber o cansaço com bebida. A fogueira no centro da sala havia sido limpa e cuidadosamente reacendida e ardia agora nela um fogo aconchegante, sobre o qual as criadas latvonianas assavam uns aromáticos quadris de carneiro.

Boas, patrões saudou-os o estalajadeiro, um homem baixo e barrigudo com cabelo ralo e hirsuto como o seu bigode. Envergava um avental cheio de nódoas castanhas. Penso que ainda não tive a oportunidade de vos conhecer e lamento que seja agora em tão incómoda hora.

Ora essa, estalajadeiro... respondeu Aewyre.

Bom, mas escuso de vos incomodar. Onde estão os teus modos, Oweyn? perguntou a si mesmo, agarrando a protuberante barriga com as mãos. Sentem-se, sentem-se. Desejam jantar?

Praticamente empurrou os companheiros até à maior mesa da sala e por pouco não os forçou a sentarem-se.

Lamento, mas com todos estes reparos e incidentes, só vos podemos servir carneiro. Gostava de ter mais, mas tenho a certeza de que o bicho está um regalo disse, descrevendo círculos na barriga com a mão sapuda.

Servirá perfeitamente. Carneiro e cerveja para todos, estalajadeiro.

Excelente declarou enquanto arrastava a barriga até ao balcão, onde deu as devidas ordens às criadas, feito o qual seguiu para o outro balcão, onde outros fregueses aguardavam.

Para quê essa cara de velório? perguntou Worick a Aewyre, coçando o nariz. Encontrei a manopla, o Allumno está vivo...

O momento não é o mais apropriado para *festas*, Worick lembrou-lhe Quenestil.

Pedras me partam, agora vais-te sentir culpado pelo ataque daquele bicho? continuou, ignorando o eahan. Mas que és tu agora, um paladino? Nem estavas aqui e achas que alguém poderia ter morrido por tua causa? Que a minha barba arda, mas onde vamos nós parar...

Todos fitaram Worick com expressões severas, mas a verdade é que, apesar de toda a sua falta de tacto, o thuragar não deixava de ter razão, a ver de Aewyre, que se permitiu um sorriso e uma grande palmada nas costas largas do seu pequeno amigo.

Tens toda a *razão*, Worick afirmou, perante o olhar surpreso dos outros. Chega de lamentar o passado. O futuro é o que interessa e ele apresenta-se pela primeira vez risonho. Sejamos nós também!

A estupefacção dos companheiros foi geral. Ninguém disse uma palavra, mesmo quando Aewyre os fitou um por um, como se esperasse uma reacção, que só veio quando a porta se abriu e Quenestil entrou, circunspecto, trazendo nos seus braços um cãozinho cinzento a dormir. O eahan encaminhou-se para a mesa de uma das famílias, da qual saltou uma pequena rapariga de cara redonda e cabelos pretos, que abraçou o animal afectuosamente quando Quenestil se ajoelhou e lho entregou. Os companheiros viram da sua mesa os pais a agradecerem-lhe profusamente e a *rapariga* a pedir-lhe que se baixasse para lhe agradecer com um beijo. O eahan foi ter com os seus amigos com um sorriso nos cantos da boca.

E todos saúdam Quenestil, o salvador dos cãesinhos e herói das rapariguinhas! gracejou Aewyre, dando uma séria palmada nas costas do seu amigo eahan.

Slayra fitava-o com genuíno interesse, mas Quenestil não reparou, limitando-se a declinar os cumprimentos jocosos dos amigos. A chegada de uma criada interrompeu-os.

Aqui está o carneiro anunciou a rapariga, pronunciando os *erres* de forma indistinta, evitando olhar tanto para Aewyre como para Quenestil. Parecia guardar ressentimentos da recusa, pensou o guerreiro, e fez-lhe moção que se aproximasse. A *rapariga* fungou ruidosamente, mas Aewyre tirou uma moeda de ouro do bolso e estendeu-lha, conseguindo que ela se aproximasse, mesmo a olhar para o lado e com a boca apertada. Quando ela tentou *agarrar* a moeda, Aewyre retirou a mão, envolveu a cintura da criada com o braço livre, puxou-a para si e sufocou qualquer comentário com um forte beijo.

Estrebuchando inicialmente perante os olhares atónitos dos companheiros, a criada acabou por se entregar e envolveu o pescoço do guerreiro com os seus braços. Slayra olhava aprovadoramente, contrastando com a indubitavelmente reprovadora expressão na cara de Lhiannah. Um dos convivas pareceu reparar também e assobiou e o bigode do estalajadeiro arqueou-se por cima do seu sorriso enquanto limpava um copo. Quando os lábios dos dois por fim se separaram, a criada riu de maneira infantil e alisou o vestido, sorrindo sentada ao colo de Aewyre. Tinha dentes cor de marfim. Lhiannah levantou-se, empurrando a cadeira para trás ruidosamente, e retirou-se. A criada ergueu as sobrancelhas e olhou para Aewyre questionadoramente.

Bonitão, eu não sabia que tu...

Não. Não te preocupes. Acho que ela só não gosta de ver.

Quenestil, tal como os restantes companheiros, estava sem palavras. Pouco mais de duas semanas após a morte de Nabella e Aewyre já brincava com uma criada? Mas seria tudo tão fugaz para os humanos?

Não gosta mesmo. Se calhar, também queria... observou Taislin.

A criada olhava de um companheiro para o outro com os braços à volta do pescoço do guerreiro.

Taislin, vai dizer ao Allumno que o Aewyre voltou disse Quenestil, sem paciência para gracejos.

O burrik riu maliciosamente e trinchou um naco de carneiro. A criada encolheu os ombros e sussurrou ao ouvido de Aewyre.

Hoje, no teu quarto, dito o qual se levantou e saracoteou para o balcão o mais graciosamente que conseguiu em cima dos seus tamancos.

Que achas dela? perguntou a Quenestil.

O eahan hesitou, como se tivesse perdido o hábito de longa data de falar sobre mulheres com o seu amigo, também constrangido pela presença de Slayra, cujo olhar sentia mesmo sem a observar.

Um pouco suada demais para o meu gosto disse de forma ausente, ainda sem perceber o seu amigo.

Aewyre riu, mesmo sabendo que o eahan não levava tal conversa a sério.

Imagina-as sempre depois de um banho e aprontadas, meu amigo. É o que eu sempre faço.

Quenestil riu secamente e levou uma garfada de carneiro à boca. Suada... sim, suada. Ele cheirara o odor da rapariga mesmo à distância

a que se encontrava, graças ao seu apurado olfacto, e o odor quase o repelira. Cediço e azedo, nada parecido com a fragrância almiscarada que Slayra exalara naquela noite...

O eahan sobressaltou-se e, ao aperceber-se de que a eahanna negra também o fitava, engasgou-se sonoramente. Aewyre tentou dar-lhe uma palmada nas costas, mas o eahan ergueu a mão, tossindo, e levantou-se.

Não é nada... disse, numa voz apertada. Um pouco de ar puro e fico bom...

Quenestil dirigiu-se à porta, deixando uns companheiros perplexos para trás. Onde estava ele com a cabeça? Por que se pusera agora a pensar naquela noite desgraçada, na qual comprometera todos os seus princípios e os dos seus? Por que suscitara a criada esses pensamentos carnaís nele?

"Mas que se passa comigo? Por que não posso simplesmente esquecer o que se passou?"

No entanto, por mais que tentasse, não conseguia esquecer a pele macia que ardera como fogo nas suas mãos, as deleitosas carícias que lhe haviam conspurcado a pele, o toque suave dos lábios da eahanoir que lhe haviam marcado o corpo com chagas... Sem dar por isso, tinha ido parar ao leito do rio perto do vau, despertou dos seus pensamentos e estacou, imóvel, fitando a água. Inconscientemente, acocorou-se à borda do rio e escutou o diálogo espargido entre a água e as pedras, sentindo uma serena calma apoderar-se dele lentamente, aliviando o ritmo do seu coração e propagando-se como um fluxo calmante através dos seus músculos. O eahan inspirou o ar nocturno e expirou longa e suavemente. Embebeu as mãos na água corrente, como para as purgar de qualquer imundície, e levou o líquido à cara, seguro da sua pureza, pois já havia passado pelo santuário purgado. Acalmou-se e continuou ali como ouvinte e observador do rio e das pedras.

Slayra observava-o, encostada de braços cruzados à parede exterior da estalagem. Não havia qualquer sorriso nos seus lábios.

A BÊNÇÃO DA NAYANA

O Sol despontou claro e quente no horizonte matinal, precedendo os seus arautos plúmeos, que se apressaram a anunciar a sua chegada com hinos cacarejantes, despertando a aldeia.

Taislin bocejou, quase afundando os nós dos dedos nos olhos e fazendo ruídos com os lábios. Com algum esforço, conseguiu sair da cama e abriu as portinholas da janela para saudar o novo dia, cuja luz lhe queimou os olhos. Murmurando qualquer coisa incoerente e indistinta, despejou água dum jarro de barro vitrificado numa pia e lavou a cara, balbuciando com o contacto com o líquido frio, procedendo a esfregar as faces com uma toalha de tecido áspero. Mais desperto, ouviu barulhos de grande actividade lá fora e foi espreitar. Ficou deveras surpreendido com a *azáfama*, que viu.

Na estrada de terra batida ladeada pelas habitações da aldeia encontrava-se uma autêntica multidão em grande *azáfama*, todos aparentemente ocupados com alguma tarefa. O burrik viu mulheres a estenderem xales às suas janelas, rústicos e bordados, de uma ou várias cores, mas cada parapeito tinha o seu e não havia um igual ao outro. Havia uma quantidade invulgar de carretas de bois na rua, que transportavam bens alimentares e pipas de vinho, sacos de farinha vindos da azenha e um sem-número de outras coisas. Fazendeiros com chapéus de palha conduziam os seus burros com lenha às costas, lenha suficiente para fazer arder a aldeia inteira, vergastando a ocasional mula mais teimosa que o habitual para a obrigar a andar. Tudo indicava que estava a ser preparada uma festa. Franzindo o sobrolho, Taislin retirou-se da janela e vestiu-se apressadamente, saindo do quarto ao pé-coxinho enquanto enfiava uma bota no pé.

Desceu as escadas aos saltos e deparou com uma sala completamente vazia, com a exceção do estalajadeiro Oweyn, que esfregava o balcão.

Bons dias, patrãozinho. Já se levantaram dois amigos seus, o das orelhas pontudas e o garanhão. Deseja alguma coisa para comer?

Bons dias. Não... só uma coisinha para mordiscar. O que se passa? Para quê esta azáfama toda?

É dia de festa, patrãozinho. Festa do xaile da nayana. É um costume local...

Tome. Aqui tem pãozinho quente acabado de sair. Deseja manteiga, patrãozinho?

Não, obrigado declinou o burrik, pegando no pão. Então e que festa é essa?

Bem, patrãozinho Oweyn levou as mãos à protuberante barriga, é uma história antiga, mais velha que o meu avô e que o avô do meu avô, talvez tão velha como a aldeia. Reza a história que os fundadores de Vau do Caar, um moço viúvo de Sardin e uma viúva de Droznova, um lugarejo latvoniano que acho que já nem existe, mas posso estar enganado. Só saí uma vez da aldeia e foi só por... bom, não interessa. Não saio muito da aldeia e assim não sei bem o que se passa por aí fora, mas estou a afastar-me da história. Um moço de Sardin e uma viúva de Droznova, pode ser que ainda exista, encontraram-se aqui perto do rio. Ele e ela viúvos, não daria nada, não é, patrãozinho? Taislin achou que não tardaria a cansar-se da palavra. Mas acontece que, quando os seus caminhos se cruzaram numa noite de lua cheia, acontece um milagre! Oweyn arregalou os olhos para enfatizar. Da corrente do Caar sai uma coisa maravilhosa, uma coisa não deste mundo... Fez uma pausa propositada. Uma nayana, patrãozinho, linda de morrer e só com um xaile a cobrir-lhe o corpo. Não que eu alguma vez tenha visto uma, não senhor, e se tivesse visto alguma mulher vestida só com um xaile de certeza a Lila, a minha mulher, me teria dito das poucas e boas... riu sozinho mas é o que as histórias dizem. Bem, mas o espírito das águas agradeceu os dois e eles logo souberam que o seu destino era nos braços um do outro. A nayana deu-lhes a sua bênção e o casamento foi, dizem, exactamente no chão onde esta estalagem foi construída, já viu, patrãozinho? Está a dormir e a comer num pedaço da história de Vau do Caar! Bom, mas o resto já sabe, patrãozinho. Casaram, viveram muito felizes, tiveram muitos filhos e hoje cá estamos nós. É uma história bonita, patrãozinho, mas eu nunca fui grande contador de histórias. Devia pedir ao sacerdote, esse sim, sabe contar bem as histórias, oh se

sabe. Sabe encantar todos com o Conto da Nayana, mas eu, patrãozinho, como vê, só sei de cozinha e fregueses, histórias não é bem comigo... Sabendo que iria estourar se ouvisse mais um "patrãozinho", Taislin agradeceu o pão ao estalajadeiro e deixou-o a falar sozinho para trás.

"Apre! Que grande matraca! E dizem que eu falo de mais..." O pão estava mesmo fresco e o burrik comeu-o com poucas dentadas. Lá fora, mesmo ao sair da estalagem, ia sendo atropelado por umas mulheres apressadas, que murmuraram umas desculpas como fariam a uma criança e continuaram a correr. Taislin fungou, indignado, e caminhou pelas ruas, de atalaia a pernas desatentas. Ainda não conseguia acreditar em como a pacata aldeia se transformara assim pouco mais de um dia após o ataque do moorul e do incêndio que a podia ter destruído. Imerso na multidão, o burrik viu-se apanhado numa cacofonia de vozes.

Tenho de ir à Dala. Não posso levar o xaile com este buraco.

Treze pipas! Eu disse treze pipas de vinho!

Achas que convide a Vika para ser a minha nayana?

Cuidado com o degrau!

Um homem caiu de uma escada e a que devia ser a sua mulher gritou, misturando a sua voz estridente ao latir dos cães, o ranger das rodas das carroças e ao som abafado dos cascos dos burros contra a terra batida.

"Mas que grande azáfama. E esta gente parece tão carregada... coitados, acho que lhes vou dar uma ajudinha..."

Antes de o burrik sequer terminar o pensamento, um rasto de pessoas atrás de si gritaram, apalpando os bolsos, as sacolas e alguns fitando as mãos, incrédulos. Não os "aliviara" de dinheiro, pois mesmo um burrik tinha consciência dos poucos recursos de que aldeãos normalmente dispunham e que, portanto, não haviam de querer ser aliviados deles, mesmo que lhes pesassem muito. Mas isso não o demovera de "aliviar" as pessoas com as quais se cruzara de vários objectos, como um apito de osso, uma pesada chave de ferro e uma caixinha de madeira com uma coisa gordurosa lá dentro, provavelmente da vaidosa mulher que lhe parecera bonita o suficiente para não precisar do conteúdo da caixa. Mais uns objectos para o seu tesouro...

Optou então por ir ter com Aewyre e perguntou ao primeiro homem que se lhe deparou.

Bons dias, amigo. Sabe onde está o meu companheiro, o guerreiro?

É fácil. Siga o rasto de suspiros... disse o homem com um toque de inveja na voz.

Taislin agradeceu e procedeu como o aldeão lhe recomendara. Descobriu que quase podia seguir o conselho à letra, pois havia mulheres a irem para ou a virem do relvado da aldeia, sempre às risadinhas e a exalar longos suspiros. Taislin seguiu as que para lá se encaminhavam e encontrou Aewyre no meio do relvado, envergando apenas calças e botas e treinando com Ancalach. O tronco nu do guerreiro brilhava com suor e os seus cabelos ondulados, que haviam crescido desde que deixara Ul-Thoryn, chicoteavam o ar a cada movimento brusco, projectando gotículas salgadas em seu redor. Aglomerado a uma curta distância de Aewyre estava um grupo de raparigas da aldeia, que suspiravam e admiravam cada movimento, umas sentadas de pernas cruzadas no chão, outras deitadas a abanar as pernas no ar e a apoiarem o queixo nas mãos e umas poucas em pé de braços cruzados.

Se bem que Taislin pensasse o contrário, Aewyre não estava muito interessado nas raparigas que o comiam com os olhos. A sua concentração estava na espada, em Ancalach. A lâmina silvava pelo ar conforme o cortava quando o guerreiro alterava a sua posição ou efectuava sequências de movimento, alternando e invertendo o passo como se estivesse a enfrentar adversários em todas as direcções. Guarda alta. Parada baixa. Estocada em frente. Todos os movimentos básicos que Daveanorn lhe ensinara. Costas de Ferro. Guarda Real. Espeto à Espera. Todas as guardas de provocação. Talhada, giro e parada. Corte e estocada para trás. Guarda alta e talhada transversal. Todas as combinações de defesa e ataque. Mas uma coisa incomodava o guerreiro.

Com um urro de frustração, desferiu um possante corte lateral para cima e levou a espada abaixo com as duas mãos, enterrando Ancalach até aos copos no chão. As raparigas suspiraram, mas Taislin franziu o sobrolho. Aquilo não fora nenhum movimento...

Aewyre estava ajoelhado perante a espada, ainda a agarrar o punho com as duas mãos.

"Maldita espada! Qual é o teu segredo?", pensou o guerreiro, ofegante. *"Por que eras Ancalach, a temível? Como te temiam exércitos se não passas de uma espada normal?"*

Ergueu-se, puxando Ancalach com uma mão e os cabelos molhados para trás com a outra, inspirando fundo. Já não treinava assim há algum tempo, mas apesar de estar cansado, notara uma maior fluidez e rapidez nos seus movimentos. Satisfeito com os seus progressos, limpou e embainhou Ancalach e não pensou mais nela. Caminhou

altivo perante o olhar das raparigas para o lugar onde deixara a sua camisola, mas não a encontrou lá. Ao ver Taislin, suspeitou logo, mas o burrik levou as mãos à cintura e franziu a testa, como se sentisse mjustamente acusado. As risadinhas das mulheres atrás de si deram nova luz às suas suspeitas. Revirando os olhos, o guerreiro fez moção a Taislin que esperasse e foi ter com elas.

”Atéparece que ele não gosta...” gracejou o burrik ao ver Aewyre e o grupo de raparigas, que agora riam ainda mais e puxavam as roupas umas das outras em excitação. Uma delas, uma ousada rapariga de longos cabelos negros entrelaçados em duas tranças, exibiu a camisola à frente do guerreiro e levou-a atrás das suas costas, indicando depois a sua bochecha com o indicador. Aewyre suspirou, sorrindo, e fez como lhe era exigido, mas assim que o beijo foi dado, uma rapariga atrás da dos cabelos entrançados pegou na camisola, escondeu-a atrás de si e também indicou a bochecha. O processo repetiu-se com o grupo inteiro, uma atreveu-se mesmo a virar a cara no último instante para saborear os lábios do guerreiro, até Aewyre receber finalmente a sua camisola da rapariga de cabelos negros entrançados. Deixando para trás um histérico grupo, Aewyre foi ter com Taislin e pôs-lhe a mão por cima do pequeno ombro.

Dormiste bem, Taislim?

Muito bem. Os malditos galos desta aldeia é que devem pensar que é por cacarejar mais alto que não vão parar à panela...

Aewyre riu e deu umas palmadinhas leves no ombro do seu amigo. Já viste que temos festa hoje?

É verdade, a Festa da nayana proclamou o burrik com ar entendido.

Como Aewyre se levantara muito cedo para ver os preparativos, o burrik passou o caminho até à estalagem a contar-lhe o Conto da Nayana, que se prolongou até ao fim do pequeno-almoço do guerreiro. Worick apareceu no fim, barafustando sobre galos e pessoas, e sentou-se com eles.

Bons dias para ti também, Worick saudou o guerreiro, erguendo a sua caneca de leite.

O thuragar resmungou qualquer coisa parecida, chamando o estalajadeiro com a mão.

Parece que temos festa hoje disse Aewyre.

Eu é que lhes faço festas se me voltam a acordar assim amanhã proclamou o thuragar, enfatizando com palmadinhas na cabeça do martelo

Worick, escusas de andar com esse peso em cima... disse Aewyre, indicando a armadura. Não vais precisar dela a menos que armes confusão com o estalajadeiro...

Qual peso? Esta armadura é a minha segunda pele, jovem. Além disso, um mineiro com capacete vale cem de cabeçorras rachadas. Não vá aparecer por aí outro moorul...

Houve um silêncio à mesa.

Não sejas agoirento disse Taislin.

Agoirento? Posso ser, mas a mim é que ele não apanha só com esses teus palitos de ferro e camisinha de linho.

A conversa foi interrompida pelos passos que se fizeram ouvir pelas escadas abaixo, das quais surgiram Lhiannah e Slayra. Pareciam não existir uma para a outra. A arinnir cumprimentou Aewyre com o mais desinteressado "bom dia" que o guerreiro jamais ouvira e a eahanoir também parecia ausente.

Parece que temos festa, hoje tentou Aewyre começar uma conversa, obtendo apenas *bmmms* como resposta.

"Mulheres...", pensou, e nada mais disse.

Os companheiros aproveitaram a vinda de mercadores para comprarem equipamento e roupas de Inverno, mas Lhiannah mostrou vontade de ficar na estalagem. A princesa subiu as escadas e entrou no seu quarto imediatamente ao lado. Fechou a porta com o pé e caminhou para a cama, na qual se sentou.

"Pois é, Aewyre Thoryn. Conquistaste perder o pouco respeito que conquistaras de mim. Continuas um porco, como todos os outros." Mexeu nos cabelos pensativamente. *"Diga-se de passagem que ele também estava depressivo demais após a morte da Nabella... Impressionou-me de algumas maneiras, mas andava sempre soturno e melancólico."*

Lhiannah teve de admitir que Aewyre estivera, a seu ver, no seu melhor quando andava com Nabella. Alegre, despretenso, avivado e fiel... Fiel talvez não. Não tivera tempo ou a oportunidade para o provar.

"Bom, isso quer dizer que ele só me agradará minimamente quando estiver com uma campónia submissa que lhe faça as vontades e essa não vou ser eu de certeza. Paciência..."

A arinnir deitou-se e apoiou a cabeça nas mãos, olhando para as armações de madeira do tecto. Havia ela própria alguma vez amado alguém? Não que se lembrasse. O seu pai apresentara-lhe vários pretendentes perdidos de amores por ela, mas Lhiannah conseguira

afugentá-los a todos. Houvera alguns rapazes sensíveis que lhe haviam agradado, mas gostara desses como se fosse a irmã mais velha deles, e descobrira que os homens queriam sempre algo mais, algo que ela não estava disposta a dar a qualquer um.

Suspirou e deu algumas voltas na cama, como se procurasse algo ou alguém a quem se agarrar. Afagou o seu corpo e isso fez com que pensasse em várias coisas, muitas das quais rapidamente descartou. Ponderou acerca de Slayra, os seus métodos, a sua leviandade, e o quão bem a eahanoir parecia sentir-se consigo mesma.

”Mas eu não abro as pernas a qualquer um como aquela cabra eahanna,” E ficou a cismar na cama, rebolando pelos lençóis, perdida em pensamentos.

Os companheiros passaram o resto do dia a ajudar os Vaucaarenses nos preparativos para a festa, que começaria assim que o Sol cedesse o seu lugar à sua irmã argêntea, que já se revelava numa forma fantasmagórica no céu do entardecer. Os aldeãos consideravam a lua cheia um sinal auspicioso, pois a nayana revelara-se aos pais da aldeia numa noite de plenilúnio.

Só Quenestil não estivera presente nos preparativos e ninguém o vira durante o dia inteiro. Ninguém excepto uns rapazolas armados de fundas que haviam passado pelo bosque a norte da aldeia à procura de coelhos. Indicaram o caminho a Slayra e esta seguiu para o emaranhado de árvores espaçadas despidas pelo Inverno. O Sol do entardecer coroava os ramos dos sobreiros e das tílias com um amarelo fogo e os pássaros despediam-se do dia e saudavam a noite vindoura com os seus melódicos cantos. As botas negras de Slayra esmagavam as folhas e fetos mortos conforme ela avançava, pensando onde o eahan poderia estar, até que se lembrou de o ter visto à beira-rio no dia anterior. Seguiu então o ruído da água corrente e acabou por dar com um ribeiro onde encontrou Quenestil, que estava acorocado à beira da suave curva que o riacho descrevia.

Uma sinfonia de ralos, rãs e pássaros, mesclada ao sereno burburinho da água criava um ambiente sereno e a eahanna negra ficou durante breves momentos a contemplar a cena. Inspirou fundo e foi ter com Quenestil que, se notara a presença dela, não dava quaisquer indícios de o ter feito. O sol cintilava na superfície do riacho, desenhando estrias serpenteantes no eahan e refulgindo na sua comprida faca de fio único, que jazia nas suas duas mãos. Slayra ficou à espera que Quenestil a repreendesse ou fizesse tenção de se afastar, mas para

todos os efeitos, a eahanoir parecia não existir para ele naquele momento. Slayra limpou a garganta. Quenestil não tirou os olhos da água.

Meditas demais disse a eahanoir. Acabas por perder o contacto com o mundo. Quenestil nada disse. Além de que não é assim que resolves os teus problemas. O que tentas alcançar nesse transe?

O eahan suspirou como faria face às perguntas de uma criança incomodativa.

Deixa-me em paz, Slayra.

A eahanoir abanou a *cabeça*, e deu um passo em frente, acorrendo-se ao lado de Quenestil, combatendo o desejo de sorrir. O shura ignorou-a e ergueu a faca solenemente, deixando que os últimos raios de sol nela incidissem enquanto a empunhava. Slayra cerrou os seus olhos em duas frestas devido à brilhante reflexão na afiada lâmina, que Quenestil mergulhou na água de seguida, sempre solene e suavemente.

Assim vais acabar por enferrujar a lâmina...

O eahan retirou a faca da água num movimento brusco e virou-se para Slayra com uma expressão irada na face.

Vai-te embora! Não desejo a tua companhia!

A eahanoir retribuiu com uma expressão indiferente, sem olhar sequer para a faca que Quenestil empunhava perigosamente. Tão depressa como ardera, a ira do eahan arrefeceu e este levantou-se, virando as costas a Slayra e *fazendo* tenções de se embrenhar no bosque para encontrar um local onde pudesse estar descansado. Slayra, no entanto, também se ergueu e agarrou o braço de Quenestil.

Espera!

O shura parou e virou lentamente a cara, fitando a eahanoir com um olhar ameaçadoramente animal. Foi com algum esforço que Slayra resistiu ao ímpeto de o largar.

O que estavas a *fazer*? Ensina-me pediu, ainda a agarrar-lhe o braço.

Quenestil fitou-a longamente. Que espécie de jogo estava ela agora a jogar? O que queria ela? No entanto, mergulhando nas duas claras poças azuis da eahanoir, nada mais encontrou a não ser sinceridade. Nelas não havia escárnio nem zombaria, antes um interesse genuíno em saber. Algo surpreendidas, as suas feições suavizaram e a tensão dos seus músculos diminuiu, o que levou Slayra a largar-lhe o braço, sem no entanto tirar os seus olhos dos dele.

Bem...?

Senta-te. Ou põe-te de cócoras, como ficares mais confortável

disse por fim, acororando-se mais uma vez à beira do riacho. Slayra fez como ele.

Este ritual continuou, leccionando destina-se a avaliar as acções de quem empunha a arma. Faz parte dos deveres de um shura verificar se a Mãe aprova os procedimentos que ele tomou. Hesitou por breves segundos, como se ainda tivesse dúvidas sobre o que devia ou não dizer, mas acabou por retomar o discurso. Neste ritual, quem empunhou uma lâmina em defesa dos princípios da Mãe deve afundá-la em água corrente. Assim mostra a Mãe se está satisfeita ou não.

Como? perguntou a eahanoir.

Sem responder, Quenestil afundou a lâmina na água e Slayra olhou para o riacho cristalino. Nele flutuavam várias folhas de inúmeras árvores, mortas de longa data e a seguirem um rumo incerto ao sabor das águas. Quenestil esperou pacientemente até que a folha dentada de um carvalho foi de encontro à sua faca, que lhe barrou o caminho. Lentamente, a força da corrente e o gume da lâmina cortaram a folha em dois e Quenestil permitiu-se um sorriso e um leve suspiro de alívio.

O que quer isso dizer? perguntou Slayra.

Se a folha vem de encontro à lâmina e é cortada, a Mãe está satisfeita. Se a folha é presa mas a lâmina não a corta, a Mãe reconhece o potencial do indivíduo sem aprovar por completo as suas acções. Se as folhas evitam a lâmina, a Mãe não está satisfeita.

Estou a ver... e se o indivíduo se esqueceu de afiar a lâmina? Quenestil fitou Slayra, o fogo a recomeçar a arder nos seus olhos

cinzentos, mas a eahanna negra não lhe deu tempo para tal.

Acho que vou experimentar... Ajudas-me? perguntou, para a surpresa do shura. Desembainhou o seu afiado estilete e mostrou-lho. Como Quenestil ficou parado a olhar, reiterou: Ajudas-me?

Hesitando primeiro, o eahan acabou por pegar no delgado pulso da eahanoir e pôs-se atrás de Slayra. Sentiu um tremor que não soube dizer se viera do seu braço ou do pulso da mulher. E calor.

Agora ajoelha-te e mergulha a lâmina na água disse, acompanhando os movimentos de Slayra.
"Mãe, o que estou eu a fazer?" pensou.

A eahanoir olhou para Quenestil, cuja cara estava por cima do seu ombro, evitando tocar-lhe e olhando em frente com o maxilar tenso. A mão livre do shura também não lhe tocava e parecia evitar contacto

adicional do seu corpo com o dela. O Sol desaparecera atrás das árvores entretanto, sobrando apenas uma luz vermelha crepuscular no horizonte e as estrelas demarcavam a sua presença cintilante no céu enquanto a Lua tomava o lugar do seu irmão dourado, mas as tēmporas do eahan luziam de suor. Slayra voltou a olhar para a frente e os seus cabelos roçaram o braço de Quenestil. A temperatura também já não lhe parecia amena.

Olha agora para a lâmina. Reflecte nela as tuas acções.

Como é que...?

Lembra-te de tudo o que fizeste. A lâmina é o espelho da tua alma...

Vendo que não arrancaria mais nada ao eahan, Slayra concentrou-se no estilete, reflectindo sobre o curso das suas acções nas últimas semanas, tentando usá-lo como um foco. Uma das folhas parecia ir na direcção do seu estilete, para o espanto de Quenestil.

A folha encalhou na lâmina.

A eahanna negra não reagiu, pois não percebia o que aquilo implicava, mas Quenestil arregalou os olhos. A folha permaneceu na lâmina e os dois ficaram nas mesmas posições até a luz vermelha desaparecer por completo e o brilho prateado da lua reclamar o seu lugar na água. Por fim, Slayra tirou o estilete da água e da lâmina pendia a folha morta e molhada, pingando.

O que... A eahanoir perdeu a voz. O que quer dizer quando a folha fica na lâmina?

Quenestil não respondeu e Slayra não insistiu. Ficaram ambos mais uma vez parados nas mesmas posições, praticamente colados um ao outro durante um longo momento, até que a eahanna negra sacudiu a folha para fora do estilete, o limpou e embainhou. Quenestil afastou-se por fim.

O que me interessa se uma estúpida folha passa por uma lâmina ou não... disparate... disse, virando as costas ao rio algo irritada e fez tenções de se ir embora quando Quenestil, ainda de olhos arregalados, engasgou a olhar para trás dela.

A primeira acha começou a arder e os Vaucaarenses rejubilaram à volta duma das altas fogueiras espalhadas pelo relvado, dando as mãos e saltando de alegria. Longas mesas haviam sido estendidas e em cima delas estavam as iguarias pelas quais os aldeãos haviam trabalhado arduamente: bolos de mel, vinho importado do Norte, lampreias do Caar, queijos diversos e multiformes, carnes de animais criados e

engordados ao longo do ano e um sem-número de comes e bebes que ocupavam a mesa toda. Ninguém comeria à mesa, segundo o costume ditava. Cada um deveria arranjar a sua companhia, tirar o que quisesse para um prato e deambular pelo relvado ou pelo rio, tendo o chão e tocos como assentos. Os homens vestiam as melhores roupas que haviam comprado a um dos muitos mercadores, cujas carroças haviam visitado a aldeia de manhã como já o faziam há anos, sendo já todos velhos conhecidos dos Vaucaarenses. Por sua vez, as mulheres também não se haviam desleixado na indumentária, com a diferença de que cada uma envergava um xaile aos ombros e entrançara o cabelo numa madeixa enrolada à volta do pescoço ou simplesmente virada para a frente, para as raparigas de cabelos mais curtos. Num palco montado no relvado estava um grupo de músicos da aldeia equipado com violinos, gaitas de foles e flautas a afinar os instrumentos para a música que se prolongaria pela noite adentro num verdadeiro chinfrim de cordas a ranger, sopros desafinados e batidas de tamancos no palco de tábuas de madeira. Por cima deles estendia-se um firmamento pontado de brilhantes estrelas, como um enorme diadema de diamantes cintilantes com uma jóia prateada perfeitamente redonda nele incrustado. A noite apresentava-se prometedora e os aldeãos reagiram do devido modo, brindando e saudando e celebrando. Finalmente, a música começou.

Worick destacava-se no meio de toda a gente, devido à armadura que envergava e às espalhafatosas gargalhadas que soltava ao testar a resistência dos Vaucaarenses às bebidas.

Mas que meninas que vocês me saíram! berrava Worick. Parece que vos estão a mijar para a boca!

Longe dos gritos e gargalhadas do thuragar, Babaki brincava com as crianças e com os seus respectivos animais, cães, gatos e mesmo patos. Todos ofereciam a pata ou se enroscavam nele e as crianças pulavam-lhe em cima e pediam que as atirasse ao ar ou pegasse às cavalitas. Há muito tempo que os companheiros não viam o antroleo assim tão contente e ficaram felizes por ele.

Aewyre vestia um gibão branco de gola decotada enfiado numa calça preta que comprara aos mercadores, junto com umas botas castanhas de topo revirado. Andava a passos largos e confiantes de cabeça erguida e atrás dele cochichavam várias mulheres de todas as idades. Acedeu aos pedidos de danças das que lhe pediram e chegou mesmo a ter a velha tecelã da aldeia como par, mas escapulia-se sempre no fim da música com cortesias desculpadas. Enquanto se servia na mesa, reparou

em Lhiannah, que envergava uma comprida camisa verde que também lhe servia como uma toga curta, separada por um cinto de cabedal. Não usava calças (*e fazia* ela muito bem) e calçava uns simples tamancos. Estava de braços cruzados e encostada à única árvore do relvado, lugar destinado aos casais, que pareciam achar melhor não se aproximar muito da arinnir de expressão severa na cara. Aewyre abanou a cabeça e foi ter com ela de caneca de barro na mão e a mastigar um naco de pão com chouriço.

Não seria essa a cara de esperar numa festa... comentou, bebendo um trago de cerveja após falar.

Lhiannah continuou a olhar em frente.

Não há grandes motivos para celebrar respondeu secamente. Aewyre suspirou e encostou o braço à árvore, atraindo um breve olhar de soslaio da princesa.

O teu problema, Lhiannah disse, de boca estofada, é que não te sabes divertir. Se um homem te convida para uma dança, pensas logo que é com segundas intenções e... engoliu.

E não é verdade?

Aewyre exalou uma fungadela divertida com o nariz.

E se eu te convidasse para uma prova de bebidas, o que dirias? Lhiannah fitou-o desta vez.

Diria que me queres tentar embebedar para me lebares para a cama.

Aewyre arregalou os olhos e levou a mão ao peito inocentemente.

Mas mesmo que eu aceitasse, não o conseguirias continuou. Há anos que bebo com o Worick e garanto-te que aguento o dobro do que tu conseguirias beber. Ou mais...

Bem, só há uma maneira de o saber, não é? perguntou, sorvendo a cerveja que sobrava, sem tirar os olhos dos de Lhiannah.

A arinnir fitou-o longamente com uma cara inexpressiva, perscrutando os seus olhos escuros, tentando descobrir algum brilho malicioso.

Então?

Vais arrepender-te de ter proposto essa prova declarou confiante, descruzando os braços e desencostando-se da árvore.

Aewyre estendeu o braço convidativamente.

Faz as honras...

Assim avançaram os dois pelo relvado, atraindo vários olhares ciumentos das mulheres e resmungos invejosos dos homens, pois os dois pareciam de facto o par perfeito: ambos altos, com um passo

altivo e uma postura de rei e rainha. Chegaram à mesa e pararam frente às pipas.

Escolhe o teu veneno disse Aewyre.

Não, escolhe tu concedeu Lhiannah.

Agradeço, mas faço questão...

Escolhe *tu enfatizou* a princesa, sem paciência para cavalheirismos.

Se insistes... Aewyre escolheu a aguardente.

Aguardente de quê?

Medronheiro Até o Worick elogiou os medronheiros daqui.

Elogiou? duvidou Lhiannah, erguendo um sobrolho incrédulo

Bem, pelo menos só disse que eram bons o suficiente para a gamela das ovelhas... A arinnir baixou os olhos. Penso que é o melhor que se pode esperar, não? perguntou Aewyre, encolhendo os ombros.

Está bem, seja aguardente.

Os dois encheram as duas canecas de barro mais pequenas que encontraram com o conteúdo de uma pipa marcada com um ramo de medronheiro e puseram-se frente a frente.

À nossa propôs Aewyre.

Vais cair para o lado avisou-o Lhiannah, erguendo a caneca e despejando o líquido ardente para dentro da boca.

O sabor acre e o teor ácido da aguardente desagradaram-lhe logo de início e a bebida queimou o seu caminho pela garganta da annnir até entrar em ebulição no seu estômago, causando-lhe um aperto na traqueia. O coice foi imediato e a princesa vacilou, pois não bebia há muito tempo e aquela era uma bebida deveras forte. Aewyre tossiu e deu um murro no epigastro

Já estás a desistir? perguntou Lhiannah com uma voz sufocada e olhos semicerrados.

Grande coice... aguentas outra? respondeu Aewyre, abanando a cabeça.

Outra e dez iguais.

Voltaram a encher as canecas, brindaram à falta de resistência um do outro e beberam a aguardente de um só trago. O efeito foi mais forte e ambos tossiram, Aewyre pensou mesmo que iria vomitar, mas como tinha o estômago estofado com comida, conseguiu evitá-lo. Lhiannah exalou de olhos fechados e bateu com a caneca com força contra a mesa.

”Isto é o próprio sangue d’o Flagelo...”, pensou a arinnir. Sentia-se quente e as maçãs do seu rosto ruborizavam, pois as chamas que lhe ardiam no estômago espalhavam o fogo da aguardente pelas suas veias. Vai outra?

Pois claro tossiu Aewyre, manuseando a torneira da pipa. O próximo trago já nem foi sentido pelas bocas queimadas de ambos.

Quenestil estava dividido entre o espanto, a surpresa, o medo e a admiração. Slayra estava à sua frente, mas o eahan conseguia imaginar a expressão na sua face apesar de ela estar virada de costas para ele. Por cima do rio fluía graciosamente uma figura feminina de brilhante pele alabastrina, cabelos pretos entrançados e lustrosos que pareciam escorrer água cintilante enquanto fluía para a frente, enrolando-se no pescoço e enroscando-se pelo seu corpo, a ponta a pender e a pingar como uma folha de árvore vergada pelo orvalho. A única peça de indumentária que envergava era um simples xaile branco aos ombros delicados que lhe tapava parcialmente os seios alvos e luzidios, mas o resto do corpo estava nu e brilhante de água límpida a escorrer.

Quenestil despertou do seu estado de espanto e colocou-se instintiva e protectoramente à frente de Slayra, empunhando a sua comprida faca.

Não foi a palavra que saiu dos lábios roxos da mulher e foi o suficiente para que o eahan esquecesse todas as hostilidades e baixasse a arma, quase envergonhado. A voz da mulher era como a canção de uma fonte primaveril à volta da qual pássaros chilreavam e flores brotavam enquanto a sua água escorria pelos seixos cobertos de musgo verdejante, borrifando o ar fragrante dos odores das flores desabrochadas, encantadora e deslumbrante.

Não é necessário fazer uso de armas perante o perigo, e grave delito é fazê-lo quando este não existe disse ainda, fitando os dois eahan com olhos claros e tranquilos como charcos cristalinos.

O que és tu? perguntou Slayra, colocando-se ao lado de Quenestil com o estilete baixo mas firmemente empunhado.

O que é o rio? retorquiu a mulher. O que é a nascente que brota do flanco da montanha e escorre pelos vales e desagua no mar? Isso sou eu, somos nós. Juntas somo-lo, separadas somos as nayanas.

Uma nayana... murmurou Quenestil.

Uma quê?

O eahan não respondeu e levou um joelho ao chão, baixando a cabeça.

Perdoa-me, filha da nossa Mãe e irmã dos rios. Não foi a minha intenção...

Ergue-te, bravo shura interrompeu a nayana com a sua voz límpida. Não te recrimines pelo que não fizeste. Ergue-te e escuta as minhas palavras.

Uma nayana? Esta é uma nayana? perguntou Slayra a Quenestil enquanto este se levantava.

Cessa as tuas hostilidades, eahanna negra. Não te encontras perante perigo algum disse a nayana, flutuando sobre o pedestal aquático, iluminado pela lua. Os caminhos das vossas montanhas cruzaram-se e quiseram as circunstâncias que ficassem juntos. As venetas do destino são deveras tão imprevisíveis quanto o curso de um salmão pelos rápidos...

Irmã nayana, o que...?

Silencia por ora, shura, pois muito terás tu para dizer quando eu acabar. A ninfa flutuou pelo curso de água até aos dois eahan, que se encontravam perto da borda, ergueu duas brilhantes mãos cor de pérola e com elas tocou nas testas de Quenestil e Slayra, que se afastou quando o shura fechou os olhos tranquilamente.

Não fujas, eahanna negra. A tua raça não constitui qualquer tipo de preconceito para a Mãe. Nada tens a temer.

Relutantemente, Slayra permitiu que a nayana lhe tocasse na fronte.

A lua ilumina o vosso caminho e a minha bênção manterá os vossos corações resolutos e unidos. Os eahan ficaram sem palavras e Quenestil abriu os olhos. Agora vão e purguem-se dos preconceitos que vos mantêm afastados. Há forças maiores que aquelas que diferenciam as raças umas das outras e as distanciam... cabe-vos a vocês descobri-las.

Com isto a nayana desfez-se em milhares de gotículas cintilantes que caíram no rio e a ele se mesclaram, juntando-se a ele no seu curso. No mesmo instante, Quenestil pareceu despertar e estendeu a mão para a agarrar.

Irmã nayana, espera! gritou em vão, apanhando ar.

Os dois eahan ficaram espcados a olhar para a água, como se nela se tivesse diluído um sonho que ambos haviam partilhado, um sonho de revelações obscuras mas ao mesmo tempo claras para ambos. Sabiam, ou pelo menos pensavam saber, o que a nayana lhes tentara dizer, mas isso

era algo a que os dois haviam tentado renunciar desde a fatídica noite nas montanhas após o ataque dos boaroars. A noite que compartilharam num abrigo improvisado, protegidos contra o frio cortante apenas pelas peles de urso e pelo fogo apaixonado que ardera dentro de ambos.

Quenestil? despertou Slayra.

Sim...?

O que é que ela nos fez? A eahanoir esfregou os braços, como se um arrepio repentino lhe tivesse percorrido o corpo.

Abriu-nos os olhos... respondeu o eahan em surdina, mais para si do que para Slayra.

O quê?

Quenestil virou-se para ela e fitou-a longamente. Os claros olhos azuis da eahanna negra pareciam cintilar com a luz do luar reflectida na água. Slayra fez o mesmo e nenhum dos dois piscou, até que Quenestil baixou a cabeça para embainhar a faca. Os gestos do eahan disseram muito mais à perceptiva mulher do que meras palavras o poderiam ter feito, talvez por ter a certeza de estar a pensar a mesma coisa que ele.

Os caminhos das nossas montanhas cruzaram-se... na montanha... tentou o eahan gracejar, exibindo os dentes brancos com um meio sorriso. De alguma maneira sempre o soube, mas eu... eu... Abanou a cabeça e várias madeixas ruivas penderam à frente da sua cara. Não sei. Simplesmente não sei admitiu, puxando os cabelos resignadamente para trás.

Que estás para aí a dizer? disse a eahanoir, puxando o braço de Quenestil algo irritada.

O eahan parou e olhou para Slayra. Os corações de ambos começaram a palpitar antes de os seus olhos se voltarem a cruzar, retumbando sonoramente no peito de cada um quando uma faísca foi ateadada pelos olhares.

Ambos viraram as caras e exalaram como se não tivessem respirado nos momentos que haviam passado. Cada um deu um passo atrás em perfeita sincronia.

Talvez devêssemos ir ver como está a festa... sugeriu Slayra.

Sim... vamos ver.

Os eahan encaminharam-se para o relvado, do qual vinha um distante ruído a música e risos, mantendo distância um do outro.

Lhiannah entornou a sexta aguardente pelo seu queixo abaixo após ter conseguido com dificuldade levá-lo à boca. A princesa riu enquanto

esfregava o ardente líquido com a mão, assistida por um Aewyre tão alegre quanto ela

Essa não valeu! Derramaste pelo menos metade disse o guerreiro, a sua mão a deslizar pelo queixo, pelo pescoço até perto do peito de Lhiannah.

Tira a mão! exclamou a princesa, rindo de seguida ainda a empunhar a caneca. Estás bêbedo!

Eu não... tu é que estás borracha.

Eu? Estou é a rir-me de ti. Nem consegues ficar em pé.

Ai consigo pois! declarou Aewyre, levantando uma perna e apoiando todo o seu peso na outra extremidade trémula. Caiu logo de seguida, arrancando uma sonora risada a Lhiannah

Estás cá com uma piela' Nem te agentas em pé! disse, apontando para o guerreiro caído enquanto ria.

Foste tu que me empurraste... desculpou-se Aewyre enquanto se tentava levantar, o que conseguiu à terceira tentativa. Então e tu? Quero ver se te agentas em pé...

Claro Não estou bêbeda como tu... replicou, deixando a caneca cair, erguendo os dois braços e levantando uma perna. Vacilou por breves segundos e precipitou-se para os braços de Aewyre de seguida.

Vês, Ias caindo! disse o guerreiro entre uma risada divertida.

Não ia nada. Era só para ver se me apanhavas... desculpou-se Lhiannah, praticamente pendendo dos braços de Aewyre.

Os dois ficaram assim durante um longo momento, rindo e gozando um com o outro, até que Aewyre deixou cair a princesa, que ficou no chão a rir.

Queres dançar? perguntou o guerreiro, apercebendo-se por fim da música que os rodeava.

Lhiannah riu mais um pouco antes de responder.

Dançar? Só se for para te ver cair! Mais uma risada

Então vem disse, oferecendo a mão à arinnir

Os dois foram para a zona do relvado onde mais pessoas se haviam concentrado, perto do palco dos músicos que tocavam alegremente os seus instrumentos, incitando os aldeãos a uma furiosa dança de pares

Tu queres levar-me para a cama, não é? *perguntou* Lhiannah, sempre a rir

Claro. Mas para já, só quero dançar contigo admitiu Aewyre despreocupadamente

Os dois lançaram-se então para o meio da multidão, mãos dadas e os pés uma mancha de movimento para acompanhar o passo. Um dos dois tropeçava ou caía quase sempre após dois ou três passos, mas erguia-se sempre a rir e retomava a dança. Os violinistas castigavam impiedosamente os seus instrumentos com os arcos de crina de cavalo, afoitando os aldeãos a uma alegre jiga enquanto as batidas de pés ressoavam no palco de madeira e os gaiteiros sopravam de tal maneira que as suas faces estavam rubras. Aewyre e Lhiannah começavam a apanhar o ritmo, se bem que desferissem mais encontrões a pares vizinhos e pisassem mais pés do que executavam passos de dança, mas ambos riam alegremente. A aguardente tornava a percepção dos dois um tanto vaga e imprecisa, mas isso parecia incomodar mais os restantes pares do que a eles, pois continuavam a rodopiar despreocupadamente pela multidão de mãos dadas. Aewyre ergueu o braço de Lhiannah e ela girou, mas acabou por derrubar um casal e noutra ocasião, na qual os homens formavam círculos e erguiam as mulheres com os braços dados, Aewyre caiu e arrastou metade do círculo consigo, bem como as mulheres que se haviam sentado nos braços. Houve muitas risadas e os aldeãos acabaram por se divertir com as rocambolescas manobras do par, mas passaram a manter uma distância respeitosa durante o resto da animada dança. Finalmente, os violinos e as gaitas silenciaram-se e todos cessaram a dança menos Aewyre e Lhiannah, que cambalearam alguns passos, e a arinnir acabou por cair em cima do guerreiro. Os dois continuaram a rir e os restantes pares abanaram as cabeças e deixaram-nos estar.

Vês, caíste! Eu bem te disse proclamou Lhiannah, vitoriosa em cima do seu par, tão inebriada que mal sentia o contacto com o tronco musculoso de Aewyre.

Tu também!

Não, eu só tentei evitar que caíesses.

Aewyre riu mais um pouco e aceitou a ajuda da arinnir para se levantar. Por essa altura, os flautistas sopravam suavemente nas suas flautas, acompanhados pelo harmonioso tom dos violinos. As mulheres viraram as costas aos homens, chegaram-se perto deles e começaram uma dança tradicional da região, a *Tímida*. Era dançada com a mulher de costas para o homem, braço direito erguido e mão direita dada enquanto a mão esquerda do homem repousava no ventre da mulher e esta lha agarrava. Os casais começaram o passo lento da dança e o par de guerreiros olhou em redor, tentando imitar as posições com várias risadas, até que finalmente conseguiram a postura

correcta e iniciaram as passadas vagarosas. Mesmo ébrio, Aewyre não deixou de sentir a macia barriga de Lhiannah que baixava e subia ao ritmo da sua respiração. Por sua vez, a princesa encostara a sua cabeça de lado ao peito suado do guerreiro, mas como era alta teve de apoiar também no ombro e deixou-se envolver pelo forte odor do seu suor e pela dureza do peito.

Worick e Taislin estavam sentados lado a lado em bancos que o thuragar intimidara para fora da estalagem. Ambos beberricavam de canecas de cerveja, pois Worick fora convidado a não participar nos concursos de bebida e não ficara nada bem-disposto com isso. No entanto, Taislin achava-o mais acessível esta noite, fosse por que razão fosse, e já conseguira arrancar várias palavras da normalmente selada boca do thuragar, naturalmente acompanhadas de resmungos e ocasionais impropérios.

Olha para aqueles dois... tentou mais uma vez a sua sorte, apontando para Lhiannah e Aewyre.

Quem? Está ali a aldeia inteira, idiota...

O Aewyre e a Lhiannah! O de gibão branco com a de camisa verde!

Já sabes que vejo mal, cretino. Daqui só consigo distinguir corpos quentes. Que estão eles a fazer?

Lá quentes estão eles! Agarradinhos como uma lapa e uma rocha. Parece-me que o Aewyre até está com a mão na... eh, olha o malandro!

De repente mas num gesto natural, Lhiannah virou-se ao mesmo tempo que Aewyre lhe agarrava os ombros e os seus lábios encontraram-se, ávidos.

Ui, ui! Atirou-se mesmo de cabeça para a taça de leite!

Pára de usar essas estúpidas expressões de burrik e diz-me o que se está a passar de modo a que eu perceba! barafustou Worick.

Pronto, está a lambar-lhe a úvula!

Pedras te partam, fala como gente!

Está a beijá-la, homem!

O quê? berrou. Ora eu... Levantou-se mas parou a meio do movimento, pensativo. Não... isto pode vir a ser interessante.

Já o é! exclamou Taislin, empolgado.

Achas? Espera só pela manhã. Acho que amanhã vou acordar cedo...

O burrik olhou para o thuragar e viu-lhe um brilho malicioso nos olhos, bem como um sorriso mordaz. Lembrou-se do habitual temperamento

de Lhiannah e percebeu o porquê da alegria de Worick. Encolheu os ombros e gozou o espectáculo enquanto bebia um último trago de cerveja. E o Quenestil e a Slayra? Onde estariam?

Ébrios como estavam, Aewyre e Lhiannah deixaram-se levar pelos seus instintos e envolveram-se num lascivo ritual no meio do grupo de pares, que ainda dançavam tranquilamente.

Eh, parecem ursos a lambuzar mel! comentou ainda Taislin.

Worick ria como um diabrete.

A ESSÊNCIA DA LÂMINA

Worick, Taislin, Quenestil, Slayra e Babaki encontravam-se à mesa ao pequeno-almoço, lançando todos um olhar casual para a janela, que revelava o dia nublado. Como o thuragar e o burrik haviam previsto, Aewyre e Lhiannah não estavam presentes, o que causou um incontável surto de risadinhas a Worick, que pedia a todos que esperassem cada vez que lhe perguntavam pela razão do seu bom humor. Oweyn serviu-lhes a refeição matinal de queijo, pão e leite e obteve a mesma resposta ao perguntar pelos dois Finalmente, quando todos estavam concentrados na comida, ouviu-se um estrondo no andar de cima como se um móvel tivesse sido derrubado.

Já estás... murmurou Worick, satisfeito.

Os restantes companheiros e convivas sobressaltaram-se, mas o thuragar ergueu as mãos.

Tenham calma disse em voz alta. Isto já passa. Mas podem ir chamando o sacerdote... Finalizou com uma risota

Todos olharam para cima das suas cabeças, duvidosos, mas a mando de Worick, ninguém foi lá acima. Outro estrondo foi seguido pelo agudo estilhaçar de qualquer coisa e o thuragar cerrou um olho.

Ui, aquilo é. que vai ser uma festa.

Senhor Worick, o que está a acontecer? perguntou Oweyn, preocupado.

Não é nada. É só alguém a aprender a não se armar em esperto tranquilizou-o Worick.

Mas eles estão a destruir o quarto... disse o estalajadeiro, esfregando o suor da testa e encolhendo-se ante outro estrondo.

Não se preocupe que nós pagamos.

Worick, não vamos deixar os dois... discordou Quenestil.

Deixa sim. É uma boa lição para ele. Ou para ambos...

Eles vão destruir o quarto! E ainda se magoam! O shura levantou-se e correu para as escadas, seguido por Taislin e Babaki.

Eahan maricas... resmungou o thuragar, olhando para Slayra, que encolheu os ombros e se dirigiu para as escadas.

Quenestil percorreu os degraus com quatro saltos e a primeira coisa que viu ao chegar ao andar superior foi um banco a arrombar uma porta e a voar pelo corredor. Do quarto saíam gritos raivosos de Lhiannah e algumas tentativas de diálogo da parte de Aewyre, bem como um incrível estrépito de madeira partida e barro quebrado e o ressoar de objectos metálicos.

Mãe... praguejou o eahan, correndo rapidamente para dentro do quarto.

Lá dentro, contemplou a destruição causada pelos dois corpos nus que agora reboavam furiosamente pelo chão como dois carcajus de mandíbulas cerradas um no outro. No meio da lufada de golpes conseguiu distinguir Lhiannah, que mais parecia uma gata assanhada, e Aewyre, que tentava mantê-la à distância. Os cabelos louros da arinnir agitavam-se como as correias de um chicote e os seus braços eram um borrão de movimento a fustigar o guerreiro, que estava a ter dificuldades em apará-los a todos.

Lhiannah, Aewyre! Parem! gritou o eahan, aproximando-se com cuidado.

Eu bem que... O ar foi esmurrado para fora dos pulmões do guerreiro e este não falou mais.

Babaki e Taislin entraram no quarto, não menos surpresos pela devastação do mesmo e Quenestil fez-lhes moção que o ajudassem. Os três aproximaram-se, mantendo a devida distância para evitar golpes, e acercaram-se dos dois guerreiros. De alguma forma, Aewyre conseguiu *agarrar* Lhiannah e tirou-a de cima de si projectando-a para o lado contra uma mesa derrubada. Sabendo que a melhor maneira de imobilizar uma gata assanhada era pelas costas, virou-a de barriga para o chão e prendeu-lhe os braços atrás das costas, ouvindo os seus gritos todo o tempo.

Lhiannah, acalma-te! disse o guerreiro, sangrando de arranhadelas nos braços e no peito.

Agora, Babaki! vociferou Quenestil, atirando-se a Aewyre por detrás e envolvendo-o num abraço restrigente.

O shura puxou o guerreiro para longe de Lhiannah, mas esta, rápida como um relâmpago, virou-se completamente e pontapeou

selvaticamente em frente, ainda conseguindo atingir de raspão os testículos de Aewyre. Agarrado por Quenestil, o guerreiro teria ficado em sérios apuros não fosse por Babaki, que foi veloz o suficiente para agarrar a princesa gritante pelas costas antes que ela pudesse investir.

Acalmem-se os dois! berrou Quenestil, ainda a agarrar Aewyre, que se contorcia com as dores na virilha.

Saiam! urrou Lhiannah. Saiam todos do meu quarto! Saiam já!

Lhiannah, tenta... titubeou Babaki.

A arinir *já* nem falava, limitando-se a rugir furiosamente enquanto estrebuchava de raiva, abanando as pernas. Quenestil decidiu arrastar Aewyre para fora do quarto e Taislin acompanhou-os, apoiando o guerreiro. Quando fecharam a porta, Babaki soltou Lhiannah dos seus poderosos braços e, como esperava, ela investiu contra a entrada. Por sorte, os reflexos animais do antroleo permitiram-lhe agarrar um braço da arinnir, que em vão puxou violentamente, pois a mão de Babaki era como um torno.

Lhiannah, tem...

Sai daqui! berrou ela. SAI!

O antroleo teve de imobilizar a arinnir mais uma vez até Taislin acabar de repor a porta, momento no qual Babaki singrou para fora do quarto e fechou a porta quebrada atrás de si. Com um urro, Lhiannah precipitou-se contra a entrada, mas o antroleo susteve o impacto e decidiu ficar encostado. Quenestil e Taislin cobriam Aewyre com um lençol enquanto hóspedes admirados olhavam pelas portas entreabertas dos seus quartos, fitando-o enquanto ele se recompunha do golpe nos seus órgãos reprodutores. Worick apareceu e olhou para o guerreiro com um sorriso.

Então? perguntou. Foi divertido ou aprendeste a não pensar com o amigo de baixo?

Foi bom até acordar... - declarou Aewyre numa voz apertada e

com um custoso sorriso.

Já vi que ainda não foi desta. Talvez para a próxima possas tirar de vez a ideia de ter filhos... disse, rindo maliciosamente e encaminhando-se para a porta que Babaki bloqueava. Deixa-me entrar senão ela ainda deita este sítio abaixo. E não me interrompam na próxima hora.

Relutantemente, o antroleo deixou-o entrar e imediatamente ouviram Lhiannah a gritar, mas os seus berros foram sobrepostos pelos

possantes urros do thuragar e os dois pareceram iniciar uma violenta discussão. Abanando a cabeça, Babaki foi ter com os seus amigos que rodeavam Aewyre, ainda com as mãos na virilha, enquanto este se levantava lentamente.

Bem... disse o guerreiro com a voz ainda apertada. Parece que vou ter de arranjar outras roupas.

Os outros riram e ajudaram-no a levantar.

Chamo o Pêro? indagou Slayra jocosamente, encostada à parede de braços cruzados como se tivesse estado a observar a cena desde o princípio.

Na... são só uns arranhões. Exibiu os antebraços que sangravam de arranhadelas.

Também tens umas aí indicou Taislin, apontando para o peito do guerreiro.

Sim, e suponho que vou ficar com algumas nódoas negras... Aewyre não parecia minimamente envergonhado, parecia até exhibir os ferimentos como um veterano de guerra fazia com as suas cicatrizes. Nada de sério. Acho que vou para o meu quarto...

Consegues andar? perguntou Quenestil.

Devo conseguir cambalear até lá... gracejou, piscando o olho a todos e iniciando a vacilante caminhada.

Queres que te leve o pequeno-almoço? indagou Taislin.

Não, deixa estar. Tenho de ir falar com o Allumno informou Aewyre, sem sequer olhar para trás.

Sobre os...?

Cala-te, Taislin admoestou o eahan com uma palmada na cabeça do burrik, que tirou o barrete e esfregou o cabelo, olhando para o eahan com beicinho.

"Já estava à espera disto," pensou Aewyre, já distante dos outros, fazendo uma careta de dor.
"Mas valeu a pena." Riu maliciosamente.

Quando a dor na virilha começou a amenizar, endireitou-se um pouco. Abriu a porta do seu aposento, um quarto com uma cama, um armário velho, uma cómoda com uma bacia, um jarro e uma toalha, uma cadeira e um banco à janela. Poisou o lençol no chão, lavou as feridas com a toalha molhada e tapou os arranhões nos antebraços e no peito com ligaduras. Devidamente enfaixado, tirou roupas do armário, certo de que não voltaria a ver as outras.

"Deve estar a rasgá-las com as unhas...", pensou, divertido.

Já refeito, saiu do quarto e desceu as escadas, sorrindo e assegurando a Oweyn que os estragos seriam pagos. Saudou a manhã ensolarada

e caminhou pela estrada batida até à casa de Pêro, que surgiu com olheiras à porta.

Não dormiu, sacerdote?

Há sempre os que se descuidam nestas festas, rapaz. É preciso estar de olho na juventude... explicou, bocejando.

É verdade. Como está o Allumno?

Melhor. Deseja vê-lo? perguntou, indicando-lhe o corredor com um gesto convidativo.

Obrigado...

Desta vez, Aewyre pôde reparar na decoração da casa do sacerdote. Como era de esperar, os motivos fluviais predominavam na decoração, presentes tanto nas cornijas como nas pernas das mesas e cadeiras, talhadas de modo a adquirirem a forma de ondas ou feitos fluidos. As tapeçarias e pinturas a óleo sobre tábuas exibiam todas, cenas à beira-rio, provavelmente presentes dos aldeãos, tendo em conta o seu aspecto rústico, porém apazivelmente simples. Um longo tapete azul e branco percorria o corredor, cosido num padrão que sugeria o fluir de água, traçando linhas sinuosas ao longo do soalho de madeira.

Tem uma bonita casa, sacerdote.

Obrigado. Esforço-me por... olhe, é aqui. Faça favor de entrar disse Pêro, abrindo o trinco de uma porta com aldrava em forma de concha.

Agradecendo, Aewyre entrou e constatou que Allumno se encontrava sozinho no quarto iluminado pela luz que entrava pelas janelas, encostado de costas a uma almofada à cabeça da cama, lendo um livro de testa franzida.

Tens luz suficiente para ler, Allumno?

Que...? Oh, és tu Aewyre. Bom dia. De facto, este quarto não prima pela iluminação, mas serve.

Não devias estar a forçar os olhos assim... admoestou, caminhando para uma cama ao lado do mago. Como está a perna?

Ainda dói, mas penso que isso é o melhor que se podia esperar... Pêro e Dorfidel estiveram a tratá-la em conjunto, mas aquele crocodilo fez-me um mal dos diabos ao joelho.

Bem, pelo menos estás vivo. Aewyre sentou-se na cama ao lado, apoiando os cotovelos nos joelhos e entrelaçando os dedos. Allumno, tenho de falar contigo.

Sobre esses arranhões? Devias chamar o Pêro...

Não, nada disso explicou, abanando a cabeça. Foi quando recuperámos a manopla...

...e então libertei-o e deixei-o ir terminou o guerreiro, perscrutando os olhos de Allumno por qualquer indício de censura, mas nada encontrou nos impassíveis orbes do mago.

Deixaste-o ir... isso é muito interessante. Parou e coçou o queixo, olhando para o vazio. Dizes tu que te sentias atraído por ele...

Não sei se me fiz entender...

Deixa-te de parvoíces, Aewyre. Eu sei muito bem o que quiseste dizer. Isso é deveras interessante. Muito interessante mesmo, mas não de todo inesperado, se bem que um tanto imprevisto...

Queres deixar-te de conversa de mago e explicar-me o que aconteceu? retrucou Aewyre asperamente, erguendo-se.

Senta-te disse Allumno com um tom tão imperativo que o guerreiro assim o fez. E ouviu bem o que te vou dizer...

”Existem forças neste nosso mundo que transcendem os mortais. Não me refiro aos deuses, esses são um assunto completamente diferente. Não, essas forças são um resquício das eras antigas, quando as Entidades ainda agradavam o solo de Allaryia com os seus pés. Ninguém sabe ao certo o que são ou qual o seu propósito, ou mesmo quem as criou. Só sabemos que existem e que desempenham importantes papéis nas vidas de todos nós. Os guerreiros, esses também têm a força que os motiva, o primordial instinto de luta, o combate que lhes dá força quando dele saem vitoriosos, a estimulação das energias vitais, presente também no nascer do Sol ou no desabrochamento das flores, que fomentam a própria energia universal...

Allumno, eu...

Não me interrompas! Isto é muito importante para que percebas o que te vou dizer. Ora a luta... onde estava eu?

Aewyre não respondeu, apesar de saber muito bem onde Allumno parara.

Pois bem, vou explicar-to da maneira concisa de que os obtusos gostam. O que acontece é que, a cada período de tempo indeterminado, um guerreiro é escolhido entre muitos outros; por quem, ninguém sabe, mas é escolhido e torna-se mais um portador da Essência da Lâmina.

A quê? perguntou Aewyre, como se não tivesse estado a ouvir.

A *Essência da Lâmina*... repetiu o mago pacientemente. Acontece que não se é escolhido e eleito assim... Estalou os dedos para enfatizar. Não, é preciso lutar para isso.

Mas lutar por
quê? Para quê? Contra quem? Allumno suspirou com a ignorância do seu protegido.

As coisas têm sempre de ser pretas e brancas para ti, não é? Agua na púcara e jugo nos bois e já está. Suspirou mais uma vez. Vou tentar ser o mais simplório possível... tu e o drahreg são dois dos escolhidos. O sobrevivente do combate entre vocês os dois será o portador da Essência da Lâmina. Sim, porque vocês agora se sentem irremediavelmente atraídos um para o outro, como um cão fareja outro que entrou no seu território.

Vendo a expressão incrédula na cara de Aewyre, Allumno começou a desesperar.

Espera... acho que percebi. Nós agora temos de lutar um contra o outro, quer queiramos quer não?

Bem, podem sempre fugir, mas seria uma meiga na vossa orelha até ao fim das vossas vidas...

Mas então, por que não nos pegámos um com o outro quando o encontrei no bosque?

Muito simples.

Ele estava ferido, cansado e tu sabias que um combate contra ele não teria sido justo. Se calhar, foi a Essência, mas penso que tu tens bom senso o suficiente para ter percebido isso sozinho.

Aewyre bufou como se a quantidade de informação o tivesse saturado.

E agora? O que devo fazer? E o que vai acontecer?

O que fazer... boa pergunta. Deixaste-o ir, mas duvido de que tenha sido a última vez que vocês se encontraram. Serão fatalmente atraídos um para o outro, a menos que queiram passar a vida a fugir um do outro.

Mas que queres dizer com atraídos? Eu, pelo menos, não sinto nada.

Deve estar longe, mas se te esforçares, verás como o sentes. A falta de expressão na cara de Aewyre arrancou um suspiro impaciente ao mago. Pensa nele. Lembra-te de como ele era e pensa nele, pensa na maneira como ele lutou, pensa na sua arma...

Aewyre encolheu os ombros e assim fez. Olhando para o vazio e esfregando o seu incisivo saliente com a língua, pensou no drahreg, retratou-o precisamente na sua mente, recordando a graça e a fluidez dos seus movimentos mesmo quando amarrado, a confiança e o desafio do seu olhar, os temíveis alfanges que com tanta destreza empunhava... e sentiu um longínquo chamamento. Vago e indistinto como

o distante bater de uma pedra na parede do fundo corredor de uma caverna, mas estava lá, constante e regular, harmonioso na sua batida, quando o silvo de metal e o entrecocar de duas lâminas ressoaram na sua cabeça. Aewyre despertou com um sobressalto, olhando para a frente de olhos arregalados. Allumno tinha o sobrolho erguido.

Eu... senti-o. Senti-o e... ele também me sentiu. O mago sorriu e ergueu o queixo vitoriosamente.

Como vês... estão ligados até à morte de um de vocês.

Pareces contente... reparou o guerreiro, algo azedo.

Contente, eu? Claro que não. Só quero que compreendas aquilo em que estás envolvido. Sim, eu sei que não o pediste, mas também não pediste que o teu pai desaparecesse ou que a Nabella morresse, não é?

Aewyre fitou Allumno com um olhar invulgarmente sério para o jovial guerreiro. O mago tossicou.

Eu... já sabes como sou com estas coisas. A minha menção à rapariga não foi mal-intencionada foi o mais próximo a uma desculpa que Aewyre alguma vez ouviu da sua boca.

Eu sei... a sua expressão suavizou. E então? Que devo fazer?

Bem, ninguém te obriga a ires atrás dele, e pelo que me contaste, ele não parecia assim tão ansioso para vos voltar a encontrar. O que queres e deves fazer agora é, suponho, devolver a manopla à Igreja de Gilgethan e continuar o caminho para Asmodeon. O drahreg não se encaixaria bem nesses planos...

Queres dizer que o devo ignorar?

Pelo menos por enquanto. Mas a decisão é tua. Se fosse por mim, nem sequer terias saído de Allahn Anroth, muito menos estar por aí a fomentar revoluções, fazer incursões a Moorenglade para recuperar um artefacto e andar à caça de um drahreg enquanto procuras o melhor itinerário para Asmodeon...

Sem sarcasmos, por favor.

Sinceramente não to sei dizer, Aewyre. É uma decisão tua. Eu...

Senhor Allumno! Aewyre! gritou Pêro, entrando de rompante no quarto, a sua testa a luzir de suor.

Mas que lhe deu, homem? O que aconteceu? inquiriu Allumno.

O relicário... o relicário desapareceu!

A salgada brisa matinal do mar acariciava a pele seca e morena de Eduin, enchendo as suas narinas com o já habitual cheiro a sal que respirara desde o dia em que nascera em Chilreu, um vilarejo situado no local onde o Caar desaguava no mar. O jovem puxou os cabelos pretos espessos de sal para trás, aborrecido, e fitou a imensa planície azul que se estendia à sua frente, ondulando suavemente e originando vários rangidos no barco. O seu pai, um homem corpulento de farto bigode, içava a vela com os seus braços fortes, conformado com mais um dia de pouco peixe. Os malvados homens ricos de Sardin, uma cidade na vicinalidade, andavam a traçar uma linha de nassas entre o canal e o desaguar, dizia ele, e com isso, não sobrava peixe algum para eles, especialmente o esturjão, tão cobiçado pela alta sociedade. O pai de Eduin não se cansava de o repetir todos os dias, mas o rapaz aderira à teimosa esperança de apanhar peixe e assim acabavam por se fazer todas as tardes ao mar, em vez de ajudarem a mãe e as irmãs na horta. O jovem lançou um último olhar aos padrões da luz do sol espelhados na água e começou a puxar a rede, incitado por vários resmungos do seu pai. Surpreso, constatou que algo pesado se havia emaranhado nela.

Ei, pai! Acho que apanhámos peixe grande! declarou Eduin, entusiasmado.

Já vou ver, filho... respondeu o homem, secamente incrédulo. Deixa-me acabar de içar a vela.

Falo a sério, pai! E do grande! É hoje que a ostra cospe a pérola! continuou, rindo.

Eduin puxou a rede com mais força, ansioso por ver que peixe tão grande iria aparecer. Se fosse mesmo grande, poderia exibi-lo pela aldeia, mostrar quão grande pescador era. E depois, talvez até pudesse convidar a Lassa para um grande almoço, ou mesmo organizar uma festa e convidá-la para dançar... O peixe era realmente pesado e o rapaz grunhiu enquanto as veias se dilatavam nos seus braços. Regulou a respiração e os puxões e continuou a puxar a rede a um ritmo constante. Quando chegou ao fim, Eduin engasgou.

E então, rapaz? perguntou o pai, cuspidando nas mãos calejadas e esfregando-as. Que é que nos saiu?

Acabara de içar a vela e Eduin encontrava-se atrás do pano branco, podendo a sua sombra ser claramente vista. O pai do rapaz começou a contornar o mastro de vela içada, quando ouviu um silvo metálico e o pano branco foi esparramado de vermelho, ouvindo-se logo um pesado baque de algo a cair no convés, seguido de uma pancada menor, que continuou com um ruído reboiante. A sombra do seu filho caiu.

Eduin.

Gritou o homem.

Não chegou a mexer um músculo antes de *algo* desferir um corte transversal na vela, pelo qual passou um ser dos Infernos. O pai de Eduin esmaeceu ao ver a caveira desfeita, uma horrível carranca numa armadura *negra* como betume e uma espada que sorvia o sangue na lâmina escura e porosa. A morte veio rápida e inclemente.

A ESTRADA ESCURECE

Hazabel levava uma grande sacola castanha por cima do seu enganosamente delicado ombro. Era bastante pesado, mesmo tendo em conta a sua força, mas ainda conseguiria andar bastante antes que o seu braço ficasse dorido. Levava uma boa noite de avanço, mas tinha todos os motivos para se apressar. Na verdade, a sua pressa devia-se sobretudo à incerteza. Tinha o relicário, mas que fazer agora com ele? O facto de que o seu mestre mobilizara outro recurso para cumprir a missão que lhe fora incumbida enfurecera-a e, por mais que o odiasse ou talvez por isso mesmo, sentia agora uma necessidade ainda maior de cumprir o seu encargo. Sabia que não podia tocar em Ancalach, pelo que decidira roubar o relicário e com ele atrair Aewyre Thoryn, mas o problema eram os seus malditos amigos que viriam com ele. E para onde o deveria atrair? Talvez conseguisse matar o jovem Thoryn, mas a sua força residia na discrição e subtileza, não no combate e Hazabel sabia muito bem que a sua derrota seria certa numa luta com o grupo inteiro. Frustrada com a indecisão, deixou o relicário cair no chão do trilho da floresta e parou por momentos, esfregando o ombro.

Porcaria de trambolho! barafustou, principalmente por o peso do relicário não lhe permitir fundir-se às sombras, abundantes nesta parte densamente arborizada do bosque.

Suspirando exasperadamente, encostou-se a um abeto de braços cruzados e reflectiu. A sua esperança residia sobretudo no mago, na capacidade que ele possuía (esperava que possuísse) de seguir o rasto do artefacto que carregava consigo, mas não sabia o que fazer se ou quando a encontrassem. Ou como se apoderar de Ancalach, mesmo

que se conseguisse livrar do grupo. Atormentada por dúvidas, puxou os cabelos para trás e fitou o céu abafado por espessas nuvens escuras, que só serviram para a irritar mais com o seu prenúncio de chuva. Então ouviu o estalo de um graveto e os seus olhos dardejaram em redor, perscrutando as sombras com a sua visão sombria e distinguiram várias formas.

Quem está aí? perguntou, flectindo os dedos de afiadas unhas negras.

Ouviu-se uma risada zombeteira e detrás de um delgado abeto surgiu um homem magro, envergando peles e couro, com um arco atrás das costas e uma adaga na mão. Tinha cabelos cor de cobre espetados em tufo e uma cara quase tão suja como as suas mãos pretas, contrastando com os dentes amarelos do seu sorriso rasgado. Ria maliciosamente e andava com um ar gingão, o ar confiante de quem sabe que tem uma presa na mão, brincando com a *adaga*, enquanto se aproximava de Hazabel. A harahan manteve-se firme e inexpressiva. O homem disse qualquer coisa nas frases longas e contínuas de *esses* sibilantes da língua Urial dos Latvonianos, que Hazabel nunca chegara a aprender devidamente. Vendo que a expressão da mulher se mantinha inalterada, com a excepção do sobrolho erguido que indicava falta de compreensão, repetiu.

Que fazes sozinha por estes bosques, menina? Estás perdida? perguntou em Glottik, pronunciando os *erres* de maneira indistinta.

”Menina! Podia ser a tua mãe, cretino!”, pensou.

Não tens nada a ver com isso. Tu ou os teus amigos disse, apontando em redor.

O homem acenou aprovadoramente com a cabeça, franzindo os lábios e olhou de soslaio para trás.

És esperta, para uma cabra. Hazabel ouviu o retesar de arcos enquanto o presumível líder do grupo se aproximava. Mostra lá o que tens nessa sacola e depois mostra-me o que tens por baixo do vestido...

A harahan ficou imóvel, mas foi incapaz de conter um sorriso com o canto da boca. Talvez apanhasse uma flecha ou duas, mas estes maltrapilhos iriam ter uma surpresa...

Um silvar de aço e um grunhido vindos de trás fizeram o bandido imundo virar a cabeça e Hazabel também olhou em frente, surpresa. Seguiu-se uma comoção atrás das árvores, das quais vinham ruídos metálicos sibilantes e grunhidos de morte, interrompidos por breves

clangores de aço contra aço. Das árvores surgiram mais homens, tão imundos quanto o líder, que se juntaram a ele poucos segundos antes de um borrão negro rodopiante se abater sobre eles. O aço de lâminas afiadas zuniu, tracejando linhas de sangue pelo ar num macabro padrão fugaz que logo se desvanecia quando o líquido vital se esparramava no chão de folhas mortas. De súbito o remoinho negro parou e os bandidos desabaram numa pilha de corpos sem vida e Hazabel pôde ver o seu "salvador".

Um drahreg.

Numa posição de gato, pernas bem flectidas e alfanges cruentos erguidos numa pose de combate, o drahreg olhou em redor sem virar a cara e fitou a humana que se lhe deparava, que também o fitava de olhos arregalados e com uma expressão que identificou como medo. Mas Hazabel não estava assustada, antes surpresa, muito surpresa. O drahreg envergava uma armadura de couro enegrecido com placas de metal escuras em zonas vitais por baixo de um trapo verde-escuro que passava por uma capa.

Eu não te quero fazer mal disse o drahreg num Glottik arranhado, erguendo-se enquanto a tensão abandonava os seus músculos.

Hazabel permaneceu sem palavras e de olhos esbugalhados, pelo que o drahreg suspirou, limpou os alfanges com os trapos dos bandidos e embainhou-os atrás das costas, preparando-se resignadamente para partir.

Espera! pediu Hazabel na língua dos drahregs, que tão bem conhecia. Um drahreg! Uma criatura d'o Flagelo, tal como ela! Primeiro ficara surpreendida por encontrar um drahreg sozinho neste local e mais surpresa ficara quando o drahreg lhe dissera em Glottik que não a queria ferir, mas a maior surpresa fora a do drahreg ao ouvir a palavra saída da boca de Hazabel pronunciada na sua língua. Como um corço espantado, começou a correr para longe da harahan, que esticou um braço como para o apanhar.

Espera! disse mais uma vez em drahreg, conseguindo apenas dar-lhe mais alento às pernas. Maldição! praguejou, fundindo-se à sombra dum comprido pinheiro.

Saltando de sombra em sombra, alcançou o drahreg rapidamente e saltou para cima dele. Os dois reboaram no chão, mas a agilidade quase felina do drahreg permitiu-lhe ficar por cima e desembainhar os alfanges, cujo aço frio foi pressionado contra a suave garganta da harahan.

Afasta-te de mim. Vai-te embora ou mato-te.

Hazabel estava demasiado confusa para falar. O drahreg estava com medo dela? Pensou rapidamente e optou por uma aproximação diferente.

Por favor, não... pediu em Glottik na voz mais patética que conseguiu. Eu não... *eu*...

Aparentemente arrependido e envergonhado, o drahreg voltou a embainhar as suas armas e ofereceu a mão a Hazabel.

Desculpa. Não queria assustar-te.

A surpresa da harahan não parava de aumentar e Hazabel ficou na mesma posição a fitar os olhos escuros dos orbes vermelhos do drahreg. De momento, já não percebia nada. O drahreg salvara-a, não a tentara atacar, fugira ao ouvir uma palavra na sua língua e agora poupava-lhe a vida. Mas que se estava a passar?

Vendo que ele se preparava para partir mais uma vez, Hazabel conseguiu reorganizar a cabeça e agarrou-lhe o braço depressa mas com cuidado de modo a não trair a sua verdadeira força.

Espera! Eu... quem és tu? perguntou, tentando soar como se *ainda*, estivesse chocada mas não mais assustada. Hazabel era muito boa actriz.

Após um breve momento de hesitação, o drahreg respondeu.

Sou Kror. Acabou por se ajoelhar para olhar Hazabel nos olhos. Eles feriram-te? Como te chamas?

A harahan sorriu por dentro. Humanos ou drahregs; eram todos iguais.

Chamo-me Hazabel. Não, não estou ferida, mas tu pareces ter sobrevivido por pouco. Quem te causou tais ferimentos?

O quê? Não percebo. Não falo bem a tua língua...

Quem te fez mal? perguntou, apontando para os cortes e escoriações do drahreg.

Humanos. Se não estás ferida, tenho de ir. Hazabel não deixou que Kror se levantasse.

Estás muito magoado afirmou e uma careta de dor mal contida do drahreg confirmou o que disse. Eu posso ajudar-te. Tinha de reter Kror de alguma forma, pelo menos até descobrir mais sobre o bizarro drahreg.

Debatendo-se com a dor, Kror abanou a cabeça negativamente e tentou soltar o braço, mas a mão de Hazabel mantinha-se firme.

Estás muito magoado insistiu. Eu posso tratar os teus ferimentos. Sorriu amavelmente para o aquietar.

Kror fitou Hazabel longamente, parecendo desconfiado ou pelo menos incerto, mas a representação da harahan convenceu-o e sentou-se,

cerrando os olhos e arreganhando os dentes de caninos afiados numa careta de dor.

Isso. Agora fica quieto e eu trato de ti.

Quieto Kror ficou e Hazabel tratou mesmo dele, tirando-lhe a armadura de cabedal, removendo-lhe os enfaixes mal feitos e esfregando com eles as escuras crostas de sangue violeta seco que lhe manchara quase o corpo todo. Analisou os ferimentos, franzindo a testa e pôs as mãos nos joelhos para se levantar.

Preciso de ervas e água. Vou buscá-las. Prometes-me que não te vais embora?

Kror pareceu não compreender, pelo que Hazabel se aproximou dele e lhe pegou delicadamente na cara com as duas mãos.

Não vais fugir, pois não? Não te vais embora? Eu quero *ajudar-te*.

O drahreg pareceu entender e acenou com a cabeça. Hazabel sorriu e retirou-se, por pouco não se lembrando de evitar mesclar-se às sombras. Fazendo uso dos seus conhecimentos medicinais, reuniu os melhores ingredientes que se podiam encontrar e esvaziou o seu cantil com fel para o encher com a água de um ribeiro, coisa que fez com uma careta de repulsa. Lembrou-se ainda de ir buscar a sacola antes de ir ter com Kror e quando lá chegou, suspirou de alívio ao ver que o drahreg ainda se encontrava encostado ao pinheiro. Limpou-lhe então as feridas cuidadosamente de modo a não arrancar as crostas, rasgou bocados da saia do seu vestido negro nocticolor e com eles fez esparadrapos, aplicando uma pasta de ervas em cada um e enfaixando os ferimentos com eles.

Tira isso disse, indicando os braçais de cabedal. O sangue tem de correr livremente para que as feridas saiam.

Kror não percebera.

Tira isso simplificou. Ficas bom mais depressa. Relutantemente, o drahreg assim fez e Hazabel sorriu, satisfeita. Agora descansa.

Não, eu... Kror tentou levantar-se, mas a Harahan impediu-o de o fazer, sentando-se ao seu lado e colocando as mãos no seu pescoço suado.

Descansa. Eu trato de ti tranquilizou-o, massajando-lhe os trapézios tensos como arames.

O drahreg ainda olhou uma última vez para a humana ao seu lado, que lhe sorria amavelmente e o serenava com o suave toque dos seus dedos. Dias seguidos de exaustão e cansaço finalmente cobraram ao

corpo de Kror o que ele lhes devia e ele deixou que a abençoada escuridão lhe cobrisse os olhos.

Quando despertou, cheirava-lhe a assado e abriu os olhos para ver dois coelhos luzidios de gordura que escorria para uma fogueira, que silvava devido às ocasionais goras. Hazabel estava acocorada, empunhando o espeto sobre as chamas e sorriu a Kror quando viu que acordara.

Gosto dela sussurrou Kerhex dentro da cabeça do drahreg.

Como estás? perguntou a Harahan amavelmente.

Não gosto dela declarou Sassiras's em resposta.

Estou bem... a minha... Na falta da palavra para "armadura" Kror indicou o seu corpo com gestos largos.

Está ali. Hazabel apontou para a armadura de couro negro pendurada num ramo. Lavei-a do sangue. Vem comer.

Ela é afável disse Kerhex.

O drahreg assentiu e devorou o seu coelho vorazmente, rasgando a succulenta carne com os seus compridos caninos. A meio de uma dentada, reparou numa mancha amarelo-esverdeada no queixo de Hazabel e apontou-lha com um indicador negro. A harahan pareceu engasgar-se e esfregou a mancha rapidamente com as costas da mão, sorrindo ao ver a testa franzida de Kror e deu uma discreta palmada reconfortante no cantil cheio de fel dos bandidos atrás das suas costas. Os dois continuaram a comer os seus coelhos, olhando um para o outro num misto de desconfiança e curiosidade.

Que fazes sozinho nestes bosques de humanos? perguntou Hazabel por fim.

Ela é ardilosa acusou Sassiras's.

Kror fitou-a e pensou no que deveria dizer. Ajudara-o e podia tê-lo morto se assim tivesse querido enquanto dormira, mas não conseguia esquecer a palavra drahreg que a humana usara.

Como sabes a minha língua?

A harahan hesitou. Teria de pensar depressa.

Eu... já tinha visto drahregs antes. Prisioneiros... falei com eles e aprendi um pouco da tua língua.

Por que querias que eu esperasse?

Apesar dos seus esforços, Hazabel sentiu uma gotícula de suor formar-se por cima do seu lábio superior.

Porque... pensava que tu ias chamar os teus amigos drahregs e...

Não são meus amigos! disse Kror rispadamente, espantando Hazabel, que se sobressaltou. Ando sozinho. Não ando com drahregs.

Demasiado surpresa para falar, Hazabel ficou silenciosa enquanto Krór mastigava os últimos bocados de carne do coelho sem olhar para ela.

Quem te atacou?

Humanos. Clérigos humanos. E um grupo.

Grupo? Que grupo?

Uma humana, um eahan, uma besta e... um guerreiro humano

Krór estranhou o silêncio da harahan e o seu olhar de reconhecimento. Conheces? perguntou, poisando a carcaça de coelho.

Conheço. Um plano começava a formar-se na cabeça de Hazabel. Que te fizeram eles?

Krór fez-lhe então um relato do combate com Lhiannah e da sua rendição para com o grupo. Perante a insistência da harahan, descreveu-lhe também a estranha sensação de empatia que sentira com Aewyre, o interesse do grupo pela manopla e a sua posterior libertação por ordem do guerreiro.

Foi estranho, mas... quero lutar contra ele. Quando o vi, queria lutar, mas estava ferido e o humano sabia.

Muito... interessante observou Hazabel, só para manter Krór a falar enquanto digeriria a informação e com ela tramava um plano.

E tu? O que fazes aqui?

Eu.

Hazabel apanhou o fio à meada estava a fugir deles.

Perfeito, encontrara maneira de encaixar tudo! Eles são maus, queriam fazer-me mal. A mulher tem o coração mais negro que um drahhreg. Krór arregalou os olhos, mas Hazabel viu que acertara na escolha de palavras para Lhiannah. O eahan mata por prazer e a besta é uma fera selvagem. O guerreiro... o guerreiro é mau e...

Coitadinha... compadeceu-se Kerhex com uma voz sarcástica.

Não é mau. Os outros queriam fazer-me mal, mas ele deixou-me ir.

Porque te quer matar sozinho. A espada dele quer o teu sangue.

Não confio nela insistiu Sassiras's.

Como sabes?

Porque os conheço. Eles andam atrás de mim e querem matar-me! quase gritou Hazabel, humedecendo os olhos forçosamente.

Pobrezinha.. enfatizou Kerhex.

Kror ficou pensativo. O que a mulher lhe dizia não era de todo improvável e a descrição que fizera dos companheiros, especialmente a de Lhiannah, assentava como uma luva ao que ele havia visto. Mas ainda havia algo que o incomodava, uma estranha empatia que sentia.

para com Hazabel, quase como um sentimento fraternal, reforçado pelo facto de ela saber falar a sua língua materna. No entanto, essa sensação ia para além da barreira da língua... era como se tivesse voltado para casa e essa era uma desagradável impressão.

Eles mataram a minha família... o meu pai e a minha mãe... clarificou e *agora* andam atrás de mim para me matarem também. Hazabel já tinha pronta na sua cabeça a história da sua família e a razão pela qual o grupo os havia morto, mas Kror parecia estar a acreditar. Eles são tão maus como os drahregs.

Tens de a ajudar declarou Kerhex naturalmente.

Mas eu não vou deixar que te façam mal disse Kror. Quando os vir, não vou deixar que te magoem.

Penso que não devias... aconselhou Sassiras's.

No fundo, Hazabel estava atónita e ainda não tinha a certeza de compreender o drahreg, mas o seu plano corria perfeitamente.

Mas há mais. Ainda há um terrível thuragar e um mago que usa o poder das trevas. E uma eahanoir e um... um burrik assassino. Tu não podes lutar contra eles sozinho, precisas de ajuda.

Kror arregalou os olhos.

Tantos? E uma eahanna negra? Mas quem são eles?

Eles que venham! Tu mata-los! afirmou Kerhex.

São assassinos cruéis. Gostam de matar pessoas indefesas... como eu. O riso sufocado de Hazabel por pouco não arruinou a sua representação. Não podes vencê-los sozinho. Não tens ninguém para te ajudar?

Não o faças... advertiu Sassiras's.

Perdido nas suas contemplações, o drahreg pareceu nada mais ouvir a não ser o roçar da sua unha contra o seu queixo. Para não parecer insistente, Hazabel esperou pacientemente, se bem que as possibilidades que o seu plano lhe abria rodopiassem na sua cabeça num autêntico turbilhão. Se o drahreg tivesse amigos, poderia livrar-se do maldito grupo de vez, incluindo o jovem Thoryn e, por mais confusão que causasse à harahan ou por pouco que ela acreditasse nisso, Kror parecia ter um coração puro e como tal... talvez pudesse mesmo empunhar Ancalach! Mal podia acreditar na sua sorte: o drahreg era a solução para todos os seus problemas! Com um abanar de cabeça regressou à realidade e fixou a sua atenção em Kror mais uma vez. Ainda nada era certo e poderia estar errada sobre muito acerca do drahreg.

Vou ajudar-te declarou o drahreg por fim. Tenho amigos que me vão ajudar.

Não, Kror. Sabes muito bem que sou o teu único amigo declarou Kerhex prosaicamente.

Não o oiças. Sabes que sou a única que te pode ajudar interveio Sassiras's.

Calem-se os dois disse Kror em voz alta.

O quê? perguntou Hazabel.

Nada. Eu vou ajudar-te.

Hazabel tentou esconder a excitação mas não o contentamento de uma donzela desesperada eternamente grata.

Oh, obrigada! Muito obrigada! abraçou Kror. Já não sabia o que fazer!

Sem compreender na totalidade o que Hazabel dissera, Kror retribuiu o abraço relutantemente, surpreso de que alguém o tentasse fazer. Esta humana era estranha.

E então? Onde estão os teus amigos? perguntou, ansiosa com a ideia de um batalhão de drahregs às suas ordens. Podiam até ser ulkekhLens...

Em Karatai.

Karatai? *grasnou* Hazabel, incrédula. Que amigos são esses?

Os Cho Tirr, dos ocarr explicou Kror naturalmente, estranhando a hesitação da humana.

Ocarr? murmurou em surdina, cada vez mais surpresa.

Sim, ocarr. São meus amigos e vão ajudar-me. Levantou-se. Mas como os levamos lá?

O quê? Ah... eles... eles encontram-me. O mago., o mago consegue sempre encontrar-me disse, acrescentando um arrepio para mais verosimilhança.

Kror ainda não parecia ter ruminado toda a informação convenientemente, mas acabou por concordar.

Está bem. Se eles te vão procurar, vão ter de lutar contra mim e os meus amigos. Vamos.

Hazabel esboçou o mais radiante sorriso e levantou-se, pronta para partir e contendo um riso de satisfação a custo, se bem que ainda teria de esclarecer umas quantas coisas em relação a este bizarro drahreg...

Os companheiros faziam o melhor que podiam para seguir Aewyre. O guerreiro percorria a estrada de terra pisada com longas e obstinadas passadas que apenas Babaki conseguia igualar sem aumentar o

ritmo. Allumno montava uma burra (Worick aconselhara o grupo a começar a poupar dinheiro, já que iriam abandonar Nolwyn) e estava de olhos fechados, punhos cerrados com os nós dos dedos médios erguidos e a tocarem um no outro, a sua face uma escultura de granito, firme de concentração. A gema incrustada na sua testa brilhava, iridiscente.

Há já algum tempo que ele não diz nada sussurrou Taislin a Quenestil. Achas que perdeu o rasto?

Não sei, meu pequeno amigo. Teremos de aguardar. O eahan não encontrara rasto algum no quarto onde o relicário desaparecera ou pegadas ou marcas no terreno em redor. A única pista que haviam obtido fora um odor a... maldade; Babaki só o conseguia definir assim.

Ó Aewyre, aguenta os cavalos! berrou Worick com as rédeas da burra na mão. Com o Allumno montado não podemos andar assim tão depressa!

O guerreiro estacou e voltou-se para trás, batendo impacientemente com o pé no chão.

Mas por que comprámos nós uma burra? Por que não um cavalo?

Porque um cavalo custa o dobro, porque um cavalo é esquisito com a comida e estamos no Inverno e porque o Allumno não se consegue concentrar em cima de um cavalo a trote clarificou o thuragar.

Aewyre suspirou.

Eu sei. É claro que tens razão... Passou a mão pelos cabelos ondulados, cabisbaixo. Desculpem, eu sei que fiquei um bocado excitado, mas é que... E calou-se.

Lhiannah nem olhava para o guerreiro, observando antes o mago meditabundo.

Nós entendemos tranquilizou-o Babaki, sempre o compreensivo Babaki.

Todos nós estamos frustrados, Aewyre disse Quenestil, mas tens de te acalmar. Não podemos perder a cabeça...

Sim, sim... têm razão. Desculpem Levantou a cabeça e olhou para o mago. O Allumno já falou outra vez?

Ainda não disse Quenestil e todos os olhares se voltaram para o mago em cima da burra, que puxava a cabeça para o lado com a intenção de ir pastar um pouco da erva que ladeava a estrada, mas Worick mantinha um aperto firme como rocha nas rédeas.

Como se estranhasse a paragem, Allumno abriu primeiro um olho, depois o outro, fitando os companheiros

Parámos por alguma razão especial? indagou

Andavas calado há algum tempo. Clarificou Quenestil.

E vai ser por ficarmos parados que eu vou falar?

É o que estás a fazer... notou Taislin.

Allumno revirou os olhos e Worick deu uma palmada na cabeça do seu martelo em advertência ao burrik.

As emanações vêm de Nordeste, mas são muito ténues. Se pararmos, arrisco-me a perdê-las.

Então vamos quase ordenou Aewyre, retomando o passo.

Ele deve pensar que é o chefe... resmungou Lhiannah.

Escolhemo-lo como líder lembrou-lhe Quenestil.

Correcção, escolhemos o Worick como líder. Ele só lidera por desistência.

O eahan suspirou e Worick deu dois puxões às rédeas da burra para a incitar a mover-se, como se quisesse escapar ao assunto. A arinnir ficou para trás com Taislin, que a acompanhou

O que te preocupa, Lhiannah? perguntou o burrik.

Pareço preocupada com alguma coisa? retrucou Lhiannah asperamente.

Taislin baixou a cabeça com uma expressão triste e fez tenção de se afastar, mas a princesa agarrou-lhe o braço.

Oh, Taislin desculpa-me! pediu, ajoelhando-se para abraçar o burrik. Ando um pouco enervada e descarreguei em ti. Desculpa

Animado, o burrik retribuiu o abraço e ronronou, esfregando o seu queixo contra o ombro de Lhiannah enquanto ela lhe afagava o cabelo.

Anda. Não fiquemos para trás disse, levantando-se, e Taislin seguiu-a.

Os oito prosseguiram a silenciosa marcha, silenciosa demais para o extrovertido burrik.

"Até parece uma cantilena de crianças," pensou. "A Lhiannah não fala com o Aewyre, o Aewyre não conversa com a Slayra, a Slayra ignora o Quenestil, o Quenestil nem olha para o Worick, o Worick quer derrubar o Allumno, o Allumno não liga a ninguém..." A sua cabeça saltou e Taislin apercebeu-se de que a ladainha não ficara nada mal e repetiu-a com um ritmo quaternário. Arregalando os olhos de espanto, adicionou o seu assobio à cantilena e entreteve-se a compor durante o resto da caminhada.

Haviam atravessado a fronteira ao transpor o vau do rio Caar e encontravam-se agora mais uma vez em território latvoniano. Os guardas do posto de vigilância haviam-nos advertido de que “as coisas” não estavam fáceis em Latvonia, como se podia verificar pelo constante fluxo de refugiados e desertores para as terras de Nolwyn. Se os rumores eram verdadeiros, os ocar estavam “a sair aos magotes” das Estepes de Karatai, devastando cidades, queimando aldeias, matando, violando e pilhando. *“Dizem que o solo treme ante o tropel dos seus incarnáveis hemíonos e que as suas setas escurecem o céu, para depois caírem numa chuva assassina,* fora a sugestiva descrição do capitão da guarda e os companheiros podiam bem acreditar nela, pois haviam ouvido desde jovens as histórias do temido povo das estepes, e as crónicas que relatavam os anos em que uma horda de ocar devastara as regiões de Thyr e Latvonia durante uma campanha a meio do período glacial da Era da Discórdia até chegar a Nolwyn, que resistiu e acabou por convencer os ocar a assinar um tratado de paz devido a grandes perdas de ambos os lados. O povo das estepes deixara atrás de si uma destruição inferior apenas às do próprio Flagelo He Allaryia, que nãoi seria esquecida em eras vindouras. Nunca houvera represálias devido ao facto de a terra hostil e inóspita de Karatai não representar qualquer interesse para as nações atingidas, mas tanto Thyr como Latvonia reformaram as suas tácticas militares e construíram fortes e muralhas nos passes da Cinta, a fronteira das estepes.

A estrada, que tinha o mórbido nome de Estrada do Sangue, assim chamada por ter sido o principal itinerário dos refugiados durante as Guerras Ocar, fora bastante usada nesses últimos tempos, com marcas de botas e rodas de carretas bem gravadas no chão, e Quenestil verificou que vários trilhos se desviavam do caminho de terra pisada. Ladeavam-na salgueiros simbolicamente plantados, de cujos galhos brotavam botões vermelhos como sangue no Inverno, contrastando com o sombrio cinzento da paisagem; uma homenagem aos que nela haviam perecido a fugir da guerra.

Parece que andam a evitar os postos de guarda... concluiu. Devem fazer as suas próprias pontes e atravessar o Caar. Quão desesperada estará a situação?

Quando as pessoas querem muito alguma coisa, é usual quebrarem normas para a alcançar... sem medo de infringirem as regras disse Slayra num tom didáctico, mas não havia qualquer tom sarcástico na sua voz, nenhuma ironia, apenas uma constatação que, quando muito, era dirigida a ele.

O eahan fitou Slayra, a sua face tão indecifrável quanto o teor das palavras da eahanoir, mas havia emoção nas expressões de ambos. Para a surpresa de todos, Babaki interveio.

Vamos, não discutam pediu gentilmente na sua voz profunda. O Aewyre está muito enervado com isto tudo.

Para a adicional surpresa do grupo, nenhum dos eahan disse algo em contrário e puseram-se a caminho, deixando um Babaki perplexo para trás.

Não estou a entender...

Não és o único concordou Taislin. Humanos ou eahan, as relações entre homens e mulheres são mais complicadas que os túneis dos ratos do campo cavam buracos um no outro e desenterram tanto as trufas como os vermes...

O antroleo não tinha a certeza de ter compreendido a comparação, mas acenou com a enorme cabeça, agitando a farta juba e deu duas palmadas nas costas do burrik para recomçarem a andar, e muito andaram nesse dia, caminhando a um ritmo apressado pela desolada estrada fora. O ar estava estranho, húmido e os passos dos companheiros pareciam propagar-se mais longe que o habitual com sons bem definidos, quase com eco.

O céu alivia a sua pressão observou Quenestil, e a sua voz alcançou todos os membros apesar de não se ter pronunciado muito alto. Vamos ter mau tempo durante alguns dias.

Ao cair da noite, desviaram-se da estrada e montaram as tendas debaixo de uma ramosa faia desnuda, virando as entradas para Leste segundo as recomendações de Quenestil, de modo a protegê-las da chuva, que viria de Norte ou Oeste. A precipitação aumentou gradualmente de intensidade, forçando os companheiros a apressarem-se a atar as cordas às varas que sustentavam a lona e a cobrir a burra com uma manta.

O céu chora e quem se molha somos nós. disse Worick, emulando a voz de Quenestil enquanto enterrava à martelada a estaca que prendia o animal

E não vai parar de chover tão cedo. Vai piorar, até... afirmou o eahan em voz alta, ignorando o sarcasmo.

Porquê? perguntou Lhiannah, dando um firme nó às varas da tenda.

Chove sem vento explicou o eahan, puxando os cabelos ruivos ensopados para trás

Dividiram-se mais uma vez; as duas mulheres com Allumno e Babaki numa tenda e os restantes na outra. O antroleo sacudiu o

corpo antes de entrar por último e atar os nós, encolhendo-se numa posição fetal para evitar ocupar a tenda inteira. Lá dentro estava escuro e só se distinguiam duas formas irrequietas e a figura calma de Allumno, que devia estar cansado demais para se mexer mesmo que o quisesse. Imperava também um silêncio desconfortável, já que nenhum dos presentes se dava muito bem; mesmo o bondoso Babaki achava o mago demasiado distante e Slayra demasiado cheia de segredos para estabelecer qualquer tipo de diálogo. Gostava de Lhiannah, mas a arinnir andava mais volátil do que era habitual desde a luta com Aewyre. Não, não fora propriamente a luta... O antroleo grunhiu qualquer coisa na sua língua materna e ficou quieto.

Como está a tua perna, Allumno? perguntou Slayra inesperadamente.

Babaki foi o único que viu o mago ficar perplexo e o silêncio foi abafado pelos grossos pingos a catagupejar na lona.

Dói, mas suponho que isso era o mínimo que se podia esperar

respondeu por fim.

Claro. Devias fazer exercícios com a perna. Nada que force o joelho, apenas para fortalecer os músculos, senão a lesão vai recuperar mais devagar... Apesar de Slayra não o ter dito, os seus três companheiros sentiram que a eahanoir conseguira suprimir um esperado *"... se é que ele alguma vez recuperará"*.

Slayra apercebeu-se disso e nada mais disse, aconchegando-se de pernas cruzadas num canto da tenda.

Sim... mas a andar não conseguiria seguir o rasto da manopla

clarificou Allumno, ainda confuso.

Ninguém voltou a falar e o ambiente tornou-se pesado, apesar de não haver qualquer tipo de tensão entre os quatro. Babaki lembrou-se das palavras de Taislin *"Cavam buracos um no outro e desenterram tanto as trufas como os vermes..."* e começou a entender.

Onde estão as trufas? perguntou o burrik, vasculhando as mochilas dos seus companheiros.

Já te disse que eles ficaram com elas insistiu Quenestil, encerando o fio do seu arco. A Lhiannah guardou-as na mochila.

Devem é estar na mochila do Worick...

Nas minhas coisas não metes as patas, seu sebento! ameaçou o thuragar, de todos o que melhor via na escuridão, se bem que apenas distinguisse formas vermelhas. Viu a cabeça de Taislin a abanar. E não resfolegues, ou dormes lá fora.

O burrik bufou, indignado, e sacou um copo de couro de um dos seus muitos bolsos, chocalhando-o.

Alguém quer jogar aos dados?

Está um bocado escuro para isso, Taislin... lembrou-lhe Quenestil, produzindo um rangido agudo ao deslizar com os dedos cobertos de cera de abelha pelo fio do arco.

Então acendam uma lanterna!

Acaba de comer, Taislin disse Aewyre. Amanhã temos de nos levantar cedo. Jogo contigo outro dia, combinado?

O burrik suspirou e enfiou o copo no seu bolso, acabando de mastigar os últimos pedaços de carne de veado seca, pão e queijo e empurrou-os com um trago final de água com sabor a couro. Aos rangidos do arco de Quenestil juntaram-se as leves batidas de metal contra pedra quando Worick tirou o bloco esculpido do seu bolso e começou o trabalho de cinzel.

Que fazes, Worick? perguntou.

A tua lápide...

Resignado e amuado, o burrik aconchegou-se no seu saco-cama e tentou ignorar os barulhos para dormir. Worick resmungou, resmungava sempre quando estava ocupado, e prosseguiu com o seu trabalho. Tacteu o bloco novamente, desenhando uma imagem mental da pedra, e esfregou as partes mais importantes com os dedos, criando manchas vermelhas de calor como referência. Ninguém adivinharia que os dedos calosos e sapudos dos thuragar fossem tão sensíveis, mas assim o eram, especialmente quando estavam no escuro e a sua já fraca visão de nada lhes servia para além de ver corpos quentes. Com eles, Worick sentia a densidade da pedra, encontrava os seus eixos pesando-a com a mão e, tacteando-a, podia calcular a idade e identificar o tipo de terreno de onde fora desenterrada, se fora cascalho, ou partida por martelo ou picareta. Podia aprender-se muito com as pedras. Esta já lhe ensinara tudo o que ele precisava de saber e por isso retomou o cinzelamento, entoando um ritmo de trabalho gutural que só ele e alguém muito perto dele poderia ouvir, ou um eahan de audição apurada. Quenestil deitou-se e tapou os ouvidos.

A manhã não trouxe qualquer folga da incessante chuva à medida que o Inverno se fazia sentir em força, como se julgasse que o haviam ignorado até então e estivesse determinado a demarcar a sua presença. Chovia de tal forma que a área em redor estava esbranquiçada e os companheiros se viram forçados a vestir as capas com capuz que traziam

consigo desde Alyun. Não eram impermeáveis, mas a protecção adicional era bem-vinda, se bem que o tecido de linho forrado com algodão ficasse tão ensopado que se colava de forma molhada ao corpo. Allumno montava a burra e a sua gema era como um pequeno farol escarlata no meio da tempestade. O mago continuava a sentir a manopla a rumar para Noroeste, um zumbido grosso como o de um zangão, porém fraco e distante. No entanto, era só o seu corpo que estava a ser sacudido ao ritmo do andar da burra, pois a sua alma estava bem mais longe, singrando pelas águas etéreas do Pilar do Mundo. Era confuso andar pela floresta, pois as árvores possuíam a sua própria essência e emanavam energia vital que o desconcentrava, pelo que o mago desceu, se bem que também pudesse estar a subir, e alcançou o que seria uma caverna subterrânea, ou podia até ser uma extensão de rocha e pedra sem vida. Em todo o caso, não havia nada a emanar energia aqui, exceptuando o que deveriam ser vermes ou toupeiras, e Allumno deslizou mais à vontade, seguindo o sinal da manopla. Percorrendo milhas e cobrindo léguas a uma velocidade alucinante durante algum tempo dificilmente medido, a projecção espiritual do mago colocou entre si e os companheiros uma considerável distância. O zumbido do artefacto ia-se tornando mais distinto, ouvia-se melhor e Allumno julgou ver um brilho à distância. Se tal fosse possível, teria deslizado ainda mais depressa pelas águas etéreas. Parecia nunca mais lá chegar, tão perto e tão longe que estava... Começou a distinguir outras duas formas para além da brilhante forma da manopla... Sim, duas formas de humanóides que andavam. E uma delas carregava consigo a manopla. Finalmente, Allumno chegou perto delas e pairou à sua frente de braços cruzados à medida que avançavam. Encontrara-os, agora era altura de descobrir alguma coisa sobre os dois ladrões... Uma das figuras carregava às costas dois poderosos objectos, sem dúvida mágicos e com uma estranha aura e configuração, não deste mundo. A outra nada mais tinha para além da manopla. A manifestação de Allumno então descruzou os braços e preparou-se para uma análise mais profunda. Tocou na forma que carregava a manopla... e sentiu a mancha da Sombra. Retirou a mão como se tivesse apanhado um choque e a forma tornou-se mais distinta. Era mais que uma mancha, a figura *irradiava* sombra, tal era a sua maldade. O mago tocou-lhe mais uma vez.

Uma harahan.

Os deuses estejam connosco vociferou Allumno no absoluto silêncio do Pilar do Mundo. Os filhos d'o Flagelo voltaram mesmo a caminhar,...

Ponderou brevemente sobre a revelação, pairando em silêncio absoluto defronte das manifestações espirituais em movimento e decidiu analisar a outra, que revelou ser um drahreg, mas uma análise mais aprofundada revelou que a mancha da Sombra também era nele evidente, mas não passava disso: uma mancha.

”Interessante...”, pensou, procedendo a examinar os dois objectos mágicos que carregava.

Então um clarão ofuscou-o. Quando recuperou a visão, encontrava-se num lugar completamente diferente do Pilar do Mundo. Olhou com olhos de espanto em redor, contemplando o bizarro local onde fora parar: uma plataforma bronzeada disciforme que parecia girar em si no meio de uma extensão que se prolongava até onde a vista alcançava. Essa mesma extensão parecia ser o ponto intermédio entre uns infernais fogos rubros que rugiam por baixo e umas nuvens argêntas por cima.

Mas que lugar é este?

Urrh ban kahl ess, Kerhex domu recsos pronunciou-se uma cavernosa voz.

Allumno virou-se de imediato e deparou-se com duas enormes criaturas sentadas em tronos. Uma delas, provavelmente a que falara, era um colossal monstro de pele rugosa e alaranjada com desmedidas asas de tom castanho-escuro dobradas atrás das suas enormes costas. Protuberâncias ósseas sobressaíam-lhe dos ombros, dos cotovelos, por cima dos olhos, dos nós dos dedos... Allumno deixou de as ver, pois o seu olhar foi atraído para os olhos, pequenos, se comparados com o resto do corpo e quase escondidos, mas brilhantes e cheios de uma sabedoria e maldade de outro mundo.

Saalahn malean ehanean, Sassiras’s diveos aneglis disse a criatura ao lado com uma voz maviosa e musical. Era a mais bela mulher que Allumno alguma vez vira, com cabelos e olhos brancos e uma pele cor de alabastro. Dois pares de asas plúmeas jaziam dobrados atrás das suas costas níveas, cobertas por uma toga branca. Quase chocada, o mago constatou que os dois gigantes estavam de mão dada.

”Que espécie de criaturas são estas? Espera... não, não podem ser...” Como se tivesse ouvido, e talvez tivesse mesmo, o monstro ergueu uma mão de grotescas garras e pronunciou uma palavra de entoação grosseira e a mulher fez o mesmo, estendendo a delicada mão e cantando algo melodioso. Tão depressa como aparecera no estranho lugar, Allumno deu consigo de repente em cima da burra outra vez. Com um grito abafado, levou as mãos à gema, fazendo com que o seu

capuz caísse para trás, e a burra assustou-se. Allumno tombou para o lado, saudando a estrada lamacenta com um baque molhado de costas.

Ei! berrou Worick, segurando as rédeas com força. Que te deu, mago?

Os outros voltaram depressa atrás enquanto o thuragar levantava um Allumno estonteado pelo braço.

Que é que aconteceu? perguntou Worick.

O que foi? inquiriu Aewyre.

Eu... eu... tartamudeou o mago encontrei-os, mas... alguma coisa... que espécie de feitiço?

Acalma-te... tranquilizou-o Aewyre, vendo que o seu mentor estava bem. Babaki, ajuda-o a montar a burra outra vez.

O antroleo praticamente içou o mago para cima da sela e a burra orneou, como se exigisse explicações.

Calou exclamou Worick, autoritário.

Allumno assentou na sela, arregaçando os ombros como se a capa molhada e suja de lama o incomodasse. Apercebendo-se de que chovia com força e vento, cobriu os seus cabelos encharcados com o capuz e esforçou-se por recuperar a compostura.

Eu... tossicou encontrei os ladrões da manopla. O grupo estava reunido à sua volta como uma plateia, como Allumno gostava. Os nossos perseguidos são um drahreg e...

Vês? interrompeu Lhiannah bruscamente, cortando a chuva com um dedo acusador apontado a Aewyre. Eu não disse? Eu não disse que o drahreg não prestava? Eu sabia que ia acontecer algo do género! A arinnir estava visivelmente exaltada e engrossou a voz de modo a zombar de Aewyre. Voltaremos *a encontrar-nos*! E mesmo só pensar com os músculos e os pêlos do peito! Tornou a engrossar a voz, desta vez num tom ainda mais trocista. Eu *sou forte e vou vencer-te quando te vir outra vez*! Que tens tu em lugar dos miolos, homem?

O drahreg não estava soz... tentou Allumno continuar antes que a língua em brasa da arinnir atearse um fogo.

É bem feito... prosseguiu Lhiannah, mais calma. Agora vais ter de andar atrás dele que nem um cachorro a quem roubaram um osso! Talvez assim aprendas a usar a cabeça, por pouco que ela te possa vir a servir...

A enxurrada de insultos tomara todos de surpresa e não menos Aewyre, que levou algum tempo a digerir tudo o que Lhiannah dissera. A sua expressão foi endurecendo conforme o fazia e o guerreiro encaminhou-se para perto da arinnir e defrontou-a, fitando-a

severamente na falta de uma resposta adequada. Lhiannah retribuiu o olhar e as mãos de ambos pareciam perigosamente afastadas do corpo

Como estava a dizer, voltou Allumno a tentar.

Ei, ei! interveio Quenestil. Fiquem longe um do outro que eu não estou a gostar dessas caras, disse, afastando os dois guerreiros para evitar que se repetisse a cena da estalagem. Babaki pegou suavemente nos braços de Lhiannah por trás e conduziu-a para longe de Aewyre, esforçando-se para lhe desviar o olhar do seu amigo

Aewyre, tens de ter calma. Tu...

Não, Quenestil interrompeu o guerreiro, virando-se para o eahan. Eu sei que derrubei a carnola do estrume outra vez. Agora tenho de arcar com as consequências.

Sem mais nada para dizer, Quenestil deu duas palmadinhas no ombro do seu amigo e virou-se para Allumno. O mago estava de braços cruzados a olhar para o acinzentado céu nublado como se não estivesse presente

Estavas a dizer, Allumno!

Oh, sempre querem saber? indagou, fingindo surpresa. Quenestil suspirou e baixou a cabeça, puxando o estojo de couro

laçado que resguardava o seu arco da chuva, que lhe poderia desentesar o fio.

Continua, Allumno, por favor pediu Aewyre, puxando o seu capuz mais para a frente.

Pois bem acedeu, saibam que o drahreg olhou de soslaio para Lhiannah acompanha uma harahan.

Como o mago esperara, a surpresa atou as línguas de todos. Uma harahan Todos a conheciam das histórias contadas à lareira, quando as mães tentavam assustar as crianças malcomportadas com a mulher de negro que aparecia de noite à janela e levava os catraios para os comer. Conforme cresciam, as histórias tornavam-se mais grotescas e todos se lembravam da popular crença de que as harahan faziam com que outras mulheres parissem a sua ninhada e que essas pobres desgraçadas sempre morriam após o parto, já que a grotesca criança nascida acabava por comer o fígado da mãe.

Pedras me partam, só nos falta aparecer um Aesh'Alan a perguntar pelo caminho para Asmodeon .

Não digas isso! silvou Allumno, baixando a voz de seguida e olhando em redor. Há coisas que convém não dizer muito alto, principalmente agora...

Pedras me partam... praguejou Worick, abanando a cabeça. Um arrepio rastejou pelas espinhas dos companheiros e Lhiannah

esfregou os braços por baixo da capa. Uma harahan. Um Aesh'Alan. Não, um Aesh'Alan não, isso era loucura. Mas uma harahan, só por si...

Afinal, o que te aconteceu? perguntou Aewyre para dispersar a aura de desassossego que pairava sobre o grupo.

Magia. Mais poderosa que a minha, muito mais. Parecia que os olhos dos companheiros iriam saltar para fora das órbitas. Não a harahan, nem tão-pouco o drahreg, mas alguma coisa que ele carregava consigo, e não me refiro à manopla. Não são ladrões vulgares que perseguimos... declarou ainda.

Todos ficaram pensativos, com a impressão de que pareciam estar na história de um livro.

Bom, quanto mais depressa retomarmos a marcha, mais cedo os apanhamos aconselhou o jovial Taislin, descrevendo um arco ascendente com o punho à sua frente e conseguindo trazer um sorriso aos companheiros.

Meu querido burrik... Babaki pegou nele com uma mão e içou-o para cima dos seus ombros. Sempre a saltar de cabeça para o fogo.

Taislin riu como uma criança alegre e o antroleo retomou a marcha com as pernas do burrik enlaçadas no seu pescoço e os braços por cima da sua cabeça.

Em frente, homens! comandou, brandindo a sua adaga como um estandarte contra a chuva. Grandes perigos e privações nos esperam, mas enfrentemo-las de cabeça erguida e mão firme nas espadas!

O grupo inteiro riu e mesmo os lábios de Worick tremeram como se estivesse a conter uma gargalhada, que se transformou num meio sorriso.

Estúpido burrik... murmurou, mas num tom alegre. Vamos lá então, pedras me partam... A sua voz perdeu-se conforme avançava para Taislin e a sua montaria, caminhando ao lado da burra.

Worick, Aewyre, esperem pediu o mago. Os dois guerreiros pararam.

Worick, importas-te de me deixar com o Aewyre? Creio ser capaz de conduzir a burra por ora.

Se me importo? Imagina, eu até gosto de andar a puxar o raio da besta pela estrada fora... No entanto, antes de se afastar, ainda

deu um belo puxão às rédeas da burra, fitando-a cara a focinho, antes de as atirar ao mago. Porta-te bem, estúpido animal, ou levas uma martelada no focinho. E retirou-se.

Aewyre riu-se, julgando ver uma semelhança entre o thuragar e a burra quando esta abanou a cabeça no que lhe pareceu ser um gesto de menosprezo.

O que queres, Allumno? Descobriste mais alguma coisa que não queres dizer a ninguém?

NO COVIL DO SENHOR DA GUERRA

Alguém esteve aqui sussurrou Kerhex.

Perto de ti. Muito perto acrescentou Sassiras's.

Quem? perguntou Kror, esforçando-se por não falar em voz alta. Andava de cabeça baixa de modo a evitar que a chuva lhe batesse contra a cara.

Um idiota.

Não era idiota. Era bastante forte, até.

Um idiota.,.

Esteve aqui. Olhou para dentro de ti.

Mas quem? perguntou Kror.

Um mago idiota.

Um feiticeiro que pode ser perigoso.

Feiticeiro? O drahreg descuidou-se e falou em voz alta. Hazabel teve um curto sobressalto e olhou para ele. Ahh... eles têm um feiticeiro? perguntou, dirigindo-se à humana.

Sim... foi o que eu disse... explicou, franzindo o sobrolho.

Está bem...

Hazabel piscou os olhos, desconcertada, mas Kror nem reparou e retomou a sua conversa particular.

E então?

Afugentámo-lo como a um cão proclamou Kerhex

Não te voltará a incomodar declarou Sassiras's.

Eles estão muito perto? perguntou.

E se estiverem? Deixa-os vir!

Não sabemos, Kror. Mas julgo que ainda estão longe.

Obrigado agradeceu o drahreg, mais uma vez em voz alta. Encolheu-se, insultando-se mentalmente e olhou para Hazabel, que parecia cada vez mais perplexa.

O quê?

Eh... obrigado... obrigado por tratares das minhas feridas.

Não tens de quê... Kror viu que a testa de Hazabel estava franzida mesmo com o capuz negro que ela envergava e lhe ensombrava a cara.

Chovia copiosamente e o drahreg vestia a sua capa rústica com capuz em mau estado, o verde do tecido grosseiro ainda mais escuro por estar ensopado.

Vais ficar doente admoestou Hazabel.

Eu... pareceu procurar a palavra ... estou habituado.

Espero bem murmurou a harahan. *"Se este drahreg adoecer, ainda me arruina os planos."*, reflectiu, irritada, sabendo que Kror nunca aceitaria a sua capa. Se ao menos ele soubesse que ela não podia adoecer! Notou que o caminho do drahreg se desviava progressivamente para Noroeste, em direcção ao Vale dos Ventos. Queria mesmo ir para as Estepes de Karatai, para o domínio dos ocar. Mas o povo das estepes abominava tudo o que viesse de Asmodeon. O que fazia Kror lá? E tinha amigos? Realmente, nunca encontrara nenhum ser tão bizarro quanto este drahreg... que subitamente parou.

Vem aí alguém sussurrou.

Após escutar o incessante barulho da chuva, Hazabel deu a razão a Kror. Com ouvido atento, podia distinguir um leve tinir de metal e o distante ruído de vozes.

Ah indicou o drahreg, apontando para um emaranhado de arbustos em redor de uma grande rocha e empurrou a harahan gentilmente.

"Quererá fazer uma emboscada? Ou...?"

Deita-te! Hazabel foi puxada para o chão molhado. Ali ficaram ambos, distinguindo cada vez mais claramente o ruído de um grupo de homens que se ia aproximando, até que viram o primeiro bandido aparecer detrás das árvores.

Era em tudo semelhante aos que Kror havia morto, envergando peles e com um arco atrás das costas. Se o seu cabelo também estivera espetado em tufos, estava agora encharcado e colado à sua testa. Atrás dele vieram outros seis numa desorganizada marcha, como se estivessem em busca de um abrigo para a chuva, excepto um que parecia

atento, provavelmente o líder. Esse olhava atentamente em redor e ia ficando para trás à medida que os seus homens avançavam, perscrutando minuciosamente a área em redor. Krór e Hazabel encolheram-se instintivamente. De súbito, o homem estacou, olhando na direcção dos dois. Um dos bandidos juntou-se-lhe e seguiu-lhe o olhar.

Hazabel nem respirava, até que sentiu alguém a mexer-lhe na sacola, sabendo que era Krór sem ter de olhar para o lado, e ouviu o drahreg a emitir um som parecido com o de uma ave. Krór abanou um pouco mais a sacola e Hazabel arriscou-se a virar a cabeça quase imperceptivelmente. O drahreg olhava fixamente em frente, o seu nariz adunco a pingar água, e lambia os lábios em antecipação. Por fim, os dois bandidos entreolharam-se e o líder acenou com a mão como para esquecer o que quer que a mancha castanha fosse e ambos retomaram a marcha. Krór suspirou de alívio, levando a sua cabeça à terra molhada coberta com folhas mortas do ano passado. A harahan pôs a mão no seu ombro e sorriu-lhe amigavelmente.

Muito esperto elogiou.

Acenando com a cabeça, Krór ergueu-se e urgiu a Hazabel que continuassem a andar, quando ele próprio estacou, parecendo fitar o vazio.

O que foi?

O drahreg mexeu os lábios, mas Hazabel não percebeu nada do que ele disse.

Krór? Estás *bem*?

Eu... sim. Estou bem. Vamos, vamos... E continuou a andar como se nada tivesse acontecido. Mas que se estava a passar com o drahreg?

A cabeça de Aewyre deu um coice ao ouvir um silvo metálico e o entrecocar de duas espadas. O guerreiro parou e piscou os olhos, a sua boca entreaberta de espanto.

Eu... sinto-o. Ainda o consigo sentir, e acho que ele também

me sente.

Allumno cruzou os braços num gesto de triunfo.

Como vês... agora talvez eu possa descansar um pouco. Puxou o capuz mais para a frente para resguardar a sua cara da chuva. Podes sentir o nosso amigo com um mínimo de esforço, menor que aquele que a minha concentração requer. Importas-te então de aliviar um velho cansado?

Claro... eu...

Muito bem. Boa caçada e avisa-me se sentires alguma coisa fora do normal. O mago pegou nas rédeas da burra e incitou-a para a frente.

Fora do normal? Estar com um drahreg na cabeça, convocando-nos como um chamamento distante, como o prenúncio de um inevitável e mortal combate era alguma coisa trivial? Aewyre esteve prestes a dizê-lo, mas a burra trotava alegremente para a frente e o guerreiro nada mais pôde fazer senão ir atrás.

”Fora do normal? Tu não és normal, homem...”

A chuva inclemente não parou de fustigar os companheiros durante o resto da marcha. Fizeram uma breve paragem para um almoço debaixo de um cobertor a servir de dossel e andaram durante o resto do dia, que desde manhã estava baço como o entardecer. Aewyre conduzia-os agora, guiando-se pelo distante chamamento do drahreg, sabendo que ele também o sentia. Era uma sensação estranhíssima, parecendo estar tão fora do seu controlo e, no entanto, tão facilmente manipulável. Se pelo menos não estivesse a chover tanto... Os companheiros não conseguiam ver até onde a estrada lamacenta se prolongava, já que esta desaparecia constantemente em curvas no meio do bosque esbranquiçado pela intensa chuva.

Vem aí uma grande tempestade, Aewyre disse Quenestil, aparecendo ao lado do guerreiro e indicando-lhe o céu de densas nuvens cerradas e quase negras. Certamente o drahreg e a... outra... também terão de procurar refúgio.

Aewyre nem abrandou o passo.

Tens razão, Quenestil acabou por admitir. Que tipo de refúgio tinhas em mente?

O shura encolheu os ombros.

As nossas tendas servem perfeitamente, mas qualquer outro abrigo seria preferível. Não queremos que ninguém fique doente, não é?

Aewyre continuou a andar e acenou com a cabeça, suspirando.

Vamos ver o que nos aparece, então... Pode ser que demos com uma quinta.

Há-de haver um castelo aqui por perto declarou Allumno, aparecendo por detrás de ambos em cima da burra. Mesmo em Latvonia, ainda aceitam todos que pedirem hospitalidade.

Ah pois, mas entras lá pesado e saís leve... ripostou Worick. Aewyre começou a ter a sensação de que andavam todos a ouvir a sua conversa.

Ou então fazem com que compremos o castelo acrescentou Slayra, conhecedora da reputação de regateadores dos Latvonianos. Sim, estavam mesmo a ouvir a conversa...

Penso que uma quinta seria melhor... insistiu o guerreiro, puxando o capuz ensopado para a frente.

Ninguém está a discordar disse Taislin. Mas por que não falavam logo todos de uma vez? Depende do que aparecer primeiro.

Hm-hmm assentiu o guerreiro, sem nunca *parar* ou olhar para trás.

Como resposta a todos, ao virarem mais uma curva as árvores desapareceram e deram lugar a um extenso terreno verde e irregular desbravado, repleto de tendas, vagões, abrigos improvisados e pessoas. Muitas pessoas aglomeradas no que parecia um monte de trapos à distância a tentarem abrigar-se da chuva impiedosa. Um campo de refugiados. Viam-se algumas áreas cultivadas com palhoças para os fazendeiros, toscas habitações de palha e madeira que dificilmente iriam resistir a tempestade vindoura e que provavelmente estavam com mais pessoas lá dentro do que seria aconselhável. No ponto mais elevado do terreno de colinas reinava uma torre rectangular molhada e escurecida pela chuva, com duas torrinhas em dois cantos opostos, numa das quais uma bandeira ensopada se recusava a ser abanada pelo vento. Uma rajada mais forte revelou um brasão branco com a cabeça de um javali negro de perfil, que rapidamente se enrugou quando o peso do tecido molhado suplantou a força do vento.

Conheces? perguntou Aewyre a Allumno, apontando para a bandeira.

Um senhor da guerra o mago nem hesitou ao responder. Não havia qualquer rei em Latvonia e sempre fora caso de admirar como os "barões" que lutavam entre si pelo poder conseguiam ser uma barreira para a destruidora maré de Karatai. Pareciam encontrar compromissos face à adversidade, mas as alianças que surgiam eram sempre muito ténues e facadas nas costas não eram de todo invulgares.

Ao longe, viram um homem montado que cavalgava em direcção à torre.

Achas seguro pedir guarida? Allumno pensou.

Não seria idiota ao ponto de fazer mal a dois rebentos rebeldes das mais poderosas casas de Nolwyn, mas com Latvonianos nunca se sabe. Poderias acordar com uma faca na tua garganta tanto nesta torre como numa quinta qualquer...

Que

dizem? Vamos então? perguntou o guerreiro, parando e virando-se por fim para os companheiros.

Perante a concordância de todos, Aewyre tornou a avançar e o grupo encaminhou-se lentamente para a torre. Decidiram evitar o campo de refugiados, pois a visão era desoladora. Mães e crianças magras em trapos ensopados a abrigarem-se da chuva como podiam; homens a lutarem como animais por um lugar debaixo de um cobertor estendido e por comida; doentes e idosos abandonados à sua sorte, tiritando e tossindo convulsivamente... Não, os companheiros não ousariam passar por ali. Allumno esforçava-se por convencer o grupo de que não podiam resolver todos os males do mundo.

Viam-se dois guardas à distância na porta principal e com eles um batedor montado a cavalo, que provavelmente os havia advertido da presença dos companheiros. À medida que se aproximavam da fortificação, mesmo os menos conhecedores de alvenaria iam-se apercebendo do trabalho medíocre que era a marca dos pedreiros latvonianos. Entre outros defeitos ainda favoreciam ângulos pontiagudos nos cantos, convidando sapadores e prejudicando os defensores com um ângulo morto. A torre aparentava ter sido construída à pressa, pois as pedras que a constituíam não haviam sido bem cortadas, estavam mal posicionadas em alguns sítios e não havia sequer um portão de entrada, antes uma porta elevada que só podia ser alcançada com uma escada, que fora agora descida e pela qual saía um grupo de lanceiros para lhes dar as boas-vindas. Ou uma lançada na barriga. Em Latvonia era preciso contar com tudo.

Acho melhor que lhes digam quem são disse Allumno, incluindo Aewyre e Lhiannah no seu olhar. Arriscamo-nos a ser expulsos, ou pior.

Quando chegaram ao que devia ser o pátio exterior, que não mais era que terra batida e lamacenta, depararam com um grupo de dez lanceiros que lhes fizeram uma respeitosa, embora relutante continência com as armas. Um deles avançou para falar. Tal como os restantes, empunhava uma comprida arma de haste com uma ponta larga e um bico recurvo útil para desmontar cavaleiros e protegia-se com um grande escudo de madeira em forma de amêndoa coberto por pele curtida e fervida pintada com o javali negro do seu senhor. Tal como os outros, também envergava debaixo de uma capa uma túnica bege de várias camadas de lona acolchoada, que lhe oferecia protecção razoável contra espadas e o resguardava

de flechas. Para protecção adicional, tinha ainda uma tala de corrente ao longo dos braços com cotoveleiras e manoplas, para além de um capacete de aba larga com duas frestas para os olhos, igualmente útil contra flechas.

Saudações disse o homem em Glottik indistinto. Que fazeis em terras do senhor Dorstyev?

Saudações... replicou Aewyre com um tom entediado, como se estivesse farto destes rituais de formalidade. Sou Aewyre Thoryn, irmão de Aereth Thoryn, regente de Ul-Thoryn e aquela é Lhiannah Syndar, filha de Sunlar Syndar, regente de Vaul-Syrith. Pedimos guarida e comida ao vosso senhor Dorstyev.

O guarda hesitou. Nolvynos. Sempre houvera fricções nas relações entre as cidades-estado de Nolvyn e Latvonia, principalmente devido às ocasionais incursões dos senhores da guerra dos últimos, se bem que os Latvonianos se queixassem das políticas expansionistas dos Nolvynos e das suas tentativas de monopólio no canal do Caar. O homem fitou os membros do grupo um por um enquanto a água da chuva pingava de uma mossas na aba do seu capacete. Torcendo o nariz devido a ranho ou escárnio, retirou-se para subir a escada, pedindo-lhes que esperassem. Os companheiros aguardaram à chuva e Lhiannah parecia fumar com a falta de educação dos guardas em deixá-los à mercê da intempérie sem lhes oferecer entrada. Os mesmos fitavam-nos com expressões indiferentes com um ou outro olhar cobiçoso para as armas e para Lhiannah e Slayra, o que enfurecia ainda mais a já irritada arinnir.

Worick observou a construção e produziu estalos reprovadores com a língua e abanou a cabeça.

Muito mal feito. Muito, muito mal feito. Um bebé thuragar deitaria isto abaixo com uma roca de pedra.

Ninguém lhe respondeu, mas Worick continuou a criticar todos os aspectos da torre, desde o tipo de pedra à maneira deplorável com que fora trabalhada; da sua disposição ao seu posicionamento. Finalmente, o guarda voltou, mas o senhor não o acompanhava.

"Deve considerar-se um grande senhor, esse Dorstyev..", pensou Lhiannah. De regente para baixo, todos os anfitriões tinham como dever dignar-se a receber os hóspedes de alto estatuto à porta.
"Mas também, estamos em Latvonia..."

O meu senhor Dorstyev vai receber-vos. Podem deixar a burra com os meus homens. Eles levam-na para um estábulo. Sigam-me. E virou-lhes as costas, subindo a escada mais uma vez.

Os companheiros desempacotaram o equipamento que a burra carregava e fizeram o mesmo. Assim que entraram na torre, as portas foram fechadas atrás deles.

O interior era frio e escuro, iluminado por tochas que bruxuleavam devido às correntes de ar que encontravam o seu caminho para dentro do edifício. A sala de entrada tinha pouco que se lhe dissesse para além de frestas na parede para disparar flechas e uma estante com lanças e algumas espadas de pontas curvas e pesadas, as famosas *falchion* dos guerreiros do Leste. Como não eram grandes ferreiros, limitavam-se a fazer lâminas de pontas pesadas capazes de desferir terríveis golpes em armaduras.

O senhor estava presente; aparentemente só não fizera tenções de se molhar...

Saudações e agradecimentos por agraciarem a minha modesta casa com a vossa presença, senhores de Ul-Thoryn e Vaul-Syrith. Iwansk Dorstyeve, ao vosso dispor... declarou, curvando-se com um gesto exageradamente floreado. Era um homem não mais alto que Allumno, o seu cabelo, barba e bigode tinham um tom acastanhado sarapintado de branco e o seu nariz aquilino e olhos atentos davam-lhe um ar astuto, perigosamente astuto. Vestia uma jaqueta vermelha de algodão com botões de peltre e mangas reviradas por cima de uma camisa de linho castanha e as suas botas de couro, também de pontas reviradas, chegavam-lhe quase ao joelho e tapavam-lhe as calças azuis. Os seus dedos resplandeciam com o fulgor de vários anéis, na sua maioria prata, mas alguns de ouro e chamavam a atenção para um indicador em falta, certamente uma ferida de guerra. Outra marca de batalha eram as crinas pretas que pendiam do seu cinto, provavelmente das montarias dos ocar que matara, os estranhos animais chamados hemíonos, parecidos com burros mas com uma resistência e solidez fora do comum. Iwansk continuou a observar os companheiros um por um conforme estes lhe eram apresentados, curvando-se mais uma vez perante Aewyre, repetindo o processo com maior floreio para Lhiannah.

Desconhecia que as casas de Thoryn e Syrith se haviam juntado... comentou com um vocabulário perfeito mas com o inevitável sotaque latvoniano.

Não estão juntas disse Lhiannah, enfática.

Iwansk ergueu as mãos como para pedir perdão e as apresentações continuaram. Curvou-se respeitosamente perante Allumno, saudou

Worick com deferência, cumprimentou Quenestil e Taislin e os seus olhos astutos arregalaram-se quando Babakí removeu o capuz e se endireitou, mas parecia ser um homem culto e reconheceu o antroleo pelo que era, se bem que a sua surpresa não diminuísse. Só Slayra lhe conseguiu arrancar um sorriso e o homem curvou-se perante a eahanoir.

Sal ehta scbatta mannin-fe, eahanoir disse na língua dos eahan negros. Que as sombras te ocultem, eahanoir.

Slayra sorriu maliciosamente e presenteou Iwansk com uma graciosa varredura da sua capa negra e levou um pé para trás do outro numa estranha pose aparentemente defensiva de pernas flectidas.

Tuth schnev nursk ima bellom, uarlør replicou num Urial impecável. Que a tua espada se humedeca na batalha, senhor da guerra.

Iwansk bateu com as mãos e fez moção aos companheiros que o seguissem.

Entrem, entrem. Sejam bem-vindos ao meu modesto covil. Há carne e vinho para os meus convidados. Vírou-lhes as costas e entrou num corredor iluminado por tochas e uma única janela, as crinas de hemíono pendendo balanceantes do seu cinto. Venham aquecer-se à fogueira, são meus convidados. Comerão à vontade e dormirão nos meus melhores quartos.

Os companheiros entreolharam-se e olharam para Slayra, que encolheu os ombros, sorrindo falsamente. Os guardas estavam quietos, mas pareciam inclinados como se fizessem tenção de seguir em frente. Finalmente, Aewyre tomou a iniciativa e os outros seguiram-no. O corredor tinha uma única janela estreita, composta não por vidro, mas vidraças de chifre polido encaixadas numa armação de madeira que deixavam entrar a parca luz do dia cinzento mas que quase impossibilitavam a um observador de olhar para fora. Não havia qualquer tipo de decoração, nem tapetes, nem panóplias, nada. Apenas um reposteiro grosseiro ao fim do corredor, que Iwansk puxou, convidando os companheiros a entrar numa sala relativamente grande (em relação ao resto da torre) lajeada da mesma pedra fria coberta por uma extensa camada de palha suja e malcheirosa. A sala era alta e tinha janelas elevadas e estreitas, as de baixo fechadas com as vidraças de chifre e as de cima cobertas com guarda-ventos mas abertas de modo a deixar sair o fumo da grande lareira, cuja madeira parecia fumar mais do que propriamente arder. Pairava um odor discreto a estrume e cozinhados e um cheiro nada

discreto a urina, proveniente dos cantos da sala onde a palha estava mais escura, que se sobrepunha aos outros dois. Lá dentro estavam criadas atarefadas a pôr a mesa, ou melhor, tábuas de madeira sobre cavaletes e a cobri-las com compridas toalhas de linho branco manchado com várias nódoas. Numa corrente incessante vinda da cozinha, cortaram grandes fatias de pão e colocaram-nas juntamente com facas e colheres e tigelas de madeira na mesa, completando o conjunto com jarros de barro ao mesmo tempo que evitavam as mãos lascivas dos homens presentes, soldados com elmos por baixo do braço e armas depostas na parede. Iwansk bateu palmas.

Silêncio! berrou. Sentem-se, temos convidados de honra hoje. E vocês deu uma sonora palmada no traseiro de uma serva despachem-se a servir a comida!

Aewyre achou prudente advertir Lhiannah

Não te esqueças de que somos hóspedes disse entredentes. A arinnir nem respondeu, mas lançou um olhar de aviso ao guerreiro

Por favor, sentem-se convidou-os Iwansk, sempre acentuando os *erres*. *A comida* não tardará. Entretanto, decerto quererão descansar as pernas e sacudir o pó da estrada, se bem que, com esta chuva.

Riu-se, mas reparou que ninguém lhe seguira o exemplo. Sentem-se, por favor...

Iwansk sentou-se no centro da mesa principal, perto da fogueira e os soldados foram para os seus lugares, embora permanecessem em pé. Ao ver que os companheiros faziam o mesmo, o senhor gesticulou-lhes de modo a que se sentassem.

Como meus convidados, estão isentos da reza Peço-vos apenas que esperem que os meus homens terminem...

Ao sinal de Iwansk os soldados baixaram as cabeças e levaram as mãos às espadas, começando a entoar uma reza que mais parecia um cântico de guerra. Aewyre reconheceu-o como a Ária da Espada e da Foice, uma prece a Gilgethan relacionada com pilhagens de campos e a manutenção dos exércitos bem alimentados e bem do moral. Não soava mal de todo em Unal, apesar dos esses sibilantes que lembravam a cantilena de crianças sobre a batalha de Torun contra Raewonnach, o terrível tyarch das Montanhas de Ctonia, na qual o narrador assustava as crianças com os terríveis silvos do monstro. Sem querer, acabou por se juntar à ária, embora orasse em Glottik.

*Deus da guerra,
A nós que nos dais força,
Guerreiro da perene espada cruenta,
Que as nossas espadas sejam como foices
nos campos dos nossos inimigos,
Senhor da Batalha,
Que o trigo beba o sangue dos nossos algozes
e cresça vigoroso e dourado,
Eterno guerreiro que os abutres seguem,
Que esse trigo o comamos nós, teus fiéis.*

Todos desembainharam as suas *falchion* e levaram as lâminas curvas à cara em saudação, feito o qual se sentaram e, perante o sinal do seu senhor, iniciaram o repasto.

Coisas terríveis de se dizer... murmurou Allumno para Babaki, parecendo esquecer que o antroleo não falava Urial. Pensar que o Aewyre e a Lhiannah veneram este deus maníaco... Babaki acenou com a cabeça, sem compreender.

Assim que o mago acabou de falar, surgiram servas como formigas para servir os convivas. Umas cortavam fatias de carne suculenta e poisavam-nas nas fatias de pão duro que serviam de pratos, outras enchiam as taças de madeira com vinho e cerveja de jarros de barro e outras distribuíam mais taças de madeira com um guisado de ervilhas, feijões e toucinho, esforçando-se por não cair nas mãos dos soldados. Umas quantas foram agarradas e tiveram de suportar os abusos. Aewyre olhou de soslaio para Lhiannah, que não tirava os olhos da comida mas tremia de raiva a olhos vistos.

Mas disse-me... disse Iwansk. Que fazeis em Latvonia, jovem Thoryn?

Aewyre virou a cara de súbito e fitou o senhor da guerra. *Jovem Thoryn?* O guerreiro não costumava dar importância a este tipo de coisas, mas o à-vontade do homem rasava precariamente o limite da arrogância. Quem pensava ele que era? Um mísero barãozeco com uma torre que mais parecia um curral a dirigir-se assim a um lorde de Ul-Thoryn... Não, assim já começava a pensar como Lhiannah.

Vimos ver o estado das coisas em Latvonia mentiu. Iwansk tinha uma peculiar maneira de inclinar a cabeça ligeiramente para o lado e franzir a testa para ouvir enquanto mastigava. Os boatos sobre a horda oarr já alcançaram ouvidos importantes em Nolwyn.

É bem verdade, meu jovem...

”Não abuses, homem...”

... os malditos burricos já arrasaram os baronatos perto do Vale dos Ventos e já consolidaram o seu domínio neles. As incursões cada vez mais frequentes levam-nos a concluir que vem aí uma guerra em larga escala.

Burricos?

É como nós chamamos a esses amantes de burros. Maldito seja o dia em que o primeiro o carr coitou com uma burra...

A frase de Iwansk arrancou várias gargalhadas grosseiras dos seus homens, intensificadas pelo sonante arroteio que um soldado expeliu na cara de uma serva. Se a taça que Lhiannah tinha nas mãos fosse de vidro, ter-se-ia partido, disso estava Aewyre certo.

Peço desculpa pelos meus homens. Passamos dias difíceis e eles têm de aliviar a tensão... justificou-se o senhor da guerra, erguendo uma taça à saúde de Aewyre.

Com certeza... murmurou o guerreiro, trincando um naco de carne a pingar molho.

Bebeu-se muito vinho durante a longa refeição e era praticamente impossível manter uma conversa privada devido ao barulho. Estavam mais de cem homens na sala, cem homens ruidosos que cantavam, bebiam, falavam, berravam e se envolviam em pequenas zaragatas que passavam despercebidas no tumulto geral, tanto à mesa como fora dela. Grandes cães de guerra peludos e pulguentos roçavam-se nas pernas dos convivas e uns recebiam ossos ou pão ensopado com molho, outros pontapés que os lançavam a correr a ganhar por baixo da mesa improvisada. Os convivas levantavam-se regularmente para ir urinar nos cantos da sala, alguns voltavam com as calças molhadas e esfregavam as mãos nas roupas de outros companheiros, originando mais lutas que geralmente acabavam com ambos a dormir no chão sujo do seu próprio cuspe e excrementos de cão. Um homem que se sentava ao lado de Babaki, um barbudo veterano todo ele cicatrizes, inclinou-se bruscamente para o lado e vomitou no colo do antroleo. Lhiannah afastou-se, enojada, mas Babaki manteve a compostura, empurrando o homem delicadamente para o outro lado, causando a sua queda sem intenção, e limpou a sua perna com um pano. Nenhuma serva o ajudou, pois todas evitavam o antroleo e preferiam arriscar-se nas mesas mais agitadas a aproximar-se daquela estranha e enorme criatura. Uma chegou mesmo a ser colocada em cima da mesa, parcialmente despida e untada com molhos e manteiga por soldados ébrios. Ao ouvir o primeiro grito, Lhiannah levantou-se e dirigiu-se a Iwansk.

Senhor Dorstyeu, obrigada pelo jantar agradeceu numa voz glacial. Estamos cansados e desejamos deitar-nos.

O homem fitou a arinnir com os seus olhos astutos, mastigando. De repente, a sua expressão suavizou e o homem levantou-se, limpando a barba gordurosa com um pano.

Os meus homens estão a incomodá-la, princesa? Castigo-os já...

Não será necessário. Desejamos apenas descansar...

Mas ainda não acabaram de comer... indicou os restantes companheiros, Worick e Aewyre em especial, que ainda se deliciavam com a carne. Todos olhavam para Lhiannah.

Tenho a *certeza* de que estão todos cansados afirmou, puxando Taislin e Quenestil, um pelo colarinho e o outro pelo braço. Tenha a *bondade* de nos indicar os quartos, senhor Dorstyeu... Vens, Worick? Quenestil olhou para o seu guisado e balbuciou qualquer coisa, mas Lhiannah arrastou-o com uma mão de ferro.

Iwansk olhava para Lhiannah e para o grupo alternadamente. Acabaram por se levantar todos menos Allumno e Aewyre, que fitava Lhiannah enquanto mastigava e segurava uma côdea de pão ensopado. A arinnir ignorou o guerreiro e cruzou os braços perante Iwansk num gesto de expectativa. O senhor da guerra olhou uma última vez para Aewyre e indicou a Lhiannah que o seguisse. Os outros ainda olharam para o guerreiro, mas este virou-se para a comida e continuou a refeição tranquilamente. Encolheram os ombros e foram atrás de Lhiannah, menos Allumno.

Ficas? perguntou com a mão em cima do ombro do seu protegido.

Fico, Allumno. Já vou ter convosco respondeu Aewyre de boca cheia.

Muito bem. Vou fazer com que durmamos em dois quartos na mesma ordem das tendas. Vê se não fazes asneiras com as criadas acrescentou ainda com duas leves palmadas e seguiu os outros companheiros, encolhendo os ombros quando Quenestil lhe lançou um olhar interrogador.

Iwansk conduziu-os através de mais corredores ainda mais frios e escuros durante a noite, nos quais os passos ressoavam sonoramente, principalmente os das botas do senhor da guerra. Passaram por um soldado que usufruía de uma serva encostada à parede e nenhum se apercebeu da passagem do grupo.

Chega-lhe... disse Worick ao passar pelo casal, sem sequer olhar para eles. O par sobressaltou-se e Lhiannah fitou o thuragar, irada, mas sabia que era inútil dizer qualquer coisa.

Cuidado com os degraus. Andam escorregadios devido à chuva, acautelou Iwansk, indicando os referidos

Subiram por uma fria escada em espiral e os ruídos do jantar desvaneceram-se lentamente atrás deles. Chegaram a um andar tão escuro quanto o resto da torre, cujo único ruído era o do vento a uivar pelos corredores e o de persianas a bater

A senhora Lhiannah e Slayra decerto desejam um quarto para si sós, não? inquiriu Iwansk e os companheiros tiveram a impressão de que os seus olhos astutos haviam brilhado.

Não, senhor Dorstyeu respondeu a arinnir. Eu, a Slayra, o Allumno e o Babaki dormiremos num só quarto. Não queremos... *causar incómodo*.

Mas de maneira nenhuma, não causam qualquer incómodo. Com os desenhos sombrios que as bruxuleantes tochas pintavam na sua cara e o seu nariz aquilino, o senhor da guerra parecia um falcão.

Não é preciso, Lhiannah. Eu durmo na palha... disse Babaki.

Dormimos todos *juntos* declarou Lhiannah firmemente, fitando um de cada vez à procura de oposição. O Worick, o Quenestil e o Taislin dormirão noutro quarto, como sempre fizemos.

Os outros olhavam severamente para Lhiannah. Quem pensava ela que era para os andar a puxar de um lado para o outro como se fossem gado com anéis no nariz? Não fosse pela desconfiança que o senhor da guerra lhes inspirava, teriam dito algo em contrário, mas decidiram ficar calados e repreender a princesa noutra altura.

E o lorde Aewyre? perguntou Iwansk com expectativa.

Lorde Aewyre retorquiu Lhiannah com um toque de desprezo, fará o que muito bem entender.

Ligeiramente surpreso com a hostilidade da arinnir, Iwansk curvou-se mais uma vez e desejou uma *muito* boa noite a todos. O brilho dos seus olhos não parecera diminuir, no entanto.

Não gosto dele sussurrou Quenestil de lado ao ouvido de Allumno.

Muito cuidado aconselhou o mago, falando mais alto assim que Iwansk desapareceu nas sombras das escadas. Se tiverem vontade de ir às latrinas, tenham muito cuidado. Não devia ter deixado o Aewyre lá em baixo...

Está descansado que há muitas servas para o proteger comentou Lhiannah, azeda. Estou cansada. Boa noite. E puxou o reposteiro do quarto mais próximo. Slayra seguiu-a, aparentemente

divertida e Babaki e Allumno foram pouco depois, despedindo-se de Worick e os outros.

A Lhiannah anda um pouco irritável... notou Taislin.

Anda e sempre andou disse Worick, puxando de seguida um pedaço de carne que ainda tinha entre os dentes e contemplando-o antes de o voltar a enfiar na boca. Duvido de que isso alguma vez lhe passe. Como se reparasse que a conversa se estava a tornar íntima, indicou o reposteiro do quarto ao lado.

Worick disse ainda Quenestil, achas que aquilo do Aewyre...?

Bah! exclamou o thuragar. Ela nunca foi com a cara dele, ou com a cara de qualquer um, menos a deste caganito indicou Taislin, que lhe fez uma careta, abanando as mãos ao lado da cara. Por sorte, Worick não viu.

Quenestil puxou o reposteiro que tapava a entrada a outro quarto, pouco mais que um cubículo iluminado por uma única vela e com uma janela de chifre polido e uma cama de palha num chão de palha.

Bem, agora vou passar pelas brasas. Podem ficar vocês com a cama. Desenrolou o seu saco-cama e estendeu-o no chão, olhando para o tecto. Nele havia pequenos buracos. Fica de vigia, eahan. Se reparares que alguém está a olhar disse, indicando os buracos com um indicador grosso, acorda-me para eu lhos martelar para fora da cabeça.

Quenestil e Taislin olharam para cima e viram os buracos. O shura sentiu-se desconfortável, mas o burrik apressou-se a ocupar a cama e a tirar uma pequena funda da sua mochila.

Durmam bem e não me acordem disse o thuragar por fim e em breve o único ruído no quarto era o seu ressonar e o resfolhar de palha à medida que Quenestil se punha confortável no chão para o seu turno de vigia.

A meio da noite, Slayra levantou-se da cama. Lhiannah havia-se deitado no chão e a eahanoir não era de fazer cerimónias. Só se ouvia o pacífico ressonar de Babaki e os ocasionais movimentos de Allumno. Considerou brevemente fazer o que tinha de fazer num dos cantos do cubículo, mas só a ideia lhe parecia repulsiva. Que gente tão porca, estes humanos... Dormira vestida, pelo que se limitou a enfiar o estilete e o quebra-espadas nas respectivas bainhas antes de puxar o reposteiro silenciosamente e sair do quarto. Os corredores continuavam escuros, parcamente iluminados pelas tochas, cujas chamas eram agitadas pelas correntes de ar. Os passos suaves de Slayra não se *faziam* ouvir pela

pedra fria, apenas tossidos e roncões. Os companheiros não estavam sozinhos no corredor. Os olhos amendoados de Slayra olhavam em redor enquanto ela se encaminhava na direcção oposta da escada à procura da latrina, mas foi o fedor a excrementos que lhe revelou antes que a visse, uma porta numa parede transversal num dos cantos da torre. Sustentando a respiração, a eahanoir abriu a portinhola e entrou.

Saiu alguns momentos depois com olhos cerrados e nariz franzido e exalou ruidosamente. Estavam dois homens à sua frente, braços cruzados e sorrisos maliciosos na cara. Slayra endireitou-se depressa e os seus olhos claros tornaram-se glaciais. Inclinou a cabeça ligeiramente à laia de saudação e fez tensão de avançar, mas os dois nem se mexeram.

Com licença... disse Slayra pacientemente em Unal.

Onde vais com tanta pressa? A noite mal começou... retorquiu um dos homens. O seu bafo azedo fedia a vinho.

Deixem-me passar insistiu a eahanoir com um olhar que gelaria ossos. O outro homem, o menos ébrio, deu um passo hesitante atrás, mas o outro limitou-se a rir.

Slayra ouviu um ruído atrás de si e olhou nessa direcção. Um terceiro homem fechava a portinhola da latrina atrás dela, um sorriso rasgado nos seus lábios. Assim que a eahanoir se preparou para se colocar de costas contra a parede e desembainhar as suas armas, ouviram-se passos nada silenciosos.

Há algum problema? perguntou Worick, dirigindo-se aos homens sem armadura, envergando apenas uma camisa de cabedal e ceroulas (Slayra piscou os olhos para confirmar. O thuragar *sem* armadura?), mas de martelo na mão.

Os dois homens da frente viraram-se para ele e o outro permaneceu atrás, tentando ocultar-se atrás de Slayra.

Não há problema nenhum disse o menos ébrio num Glottik afectado. Queremos ir mijar.

Então estão com azar que eu também estou com vontade... Despachem-se, que um thuragar de bexiga cheia não é muito agradável.. afirmou, batendo ao de leve no chão com o espeto da cabeça do seu martelo.

Os homens entreolharam-se e o bêbedo pareceu querer dizer qualquer coisa, mas foi silenciado pelo menos ébrio, que chamou o terceiro.

Não é preciso... vamos para a outra... E retiraram-se sem olhar para trás, seguidos pelo olhar de Worick e pelas leves batidas do espeto contra a pedra do chão.

Eu dava conta deles sozinha afirmou Slayra.

Claro que davas redarguiu o thuragar sem sequer olhar para ela. Já fizeste o que tinhas a fazer ou tenho de ficar à tua espera?

Slayra deu uma fungadela divertida. Já fui.

Então volta lá para o teu quarto. Estou com uma destas vontades...

Não gostas muito de mim, pois não? perguntou a eahanoir. Worick olhou para Slayra por fim, um olhar pensativo na sua cara normalmente austera.

Não gosto nem deixo de gostar. Deixo essas coisas para o eahan. Só não gosto é de estar com a bexiga cheia... E virou-lhe as costas.

Worick...

O thuragar virou-se, suspirando impacientemente.

Obrigada agradeceu, esperando pela reacção dele.

De nada. Agora, se não te importas... Virou-se uma vez mais e abriu a porta.

Nada alteraria o humor do thuragar? Slayra insistiu, disposta a uma última tentativa.

Worick?

Desta vez o thuragar bufou ao virar-se.

Mas que queres tu, mulher? Daqui a nada...

Calou-se quando a eahanoir lhe pegou na cabeça e lhe beijou a testa enrugada e franzida. A sua reacção foi imediata, estrebuchando para fora do suave toque das mãos de Slayra como se fossem os tentáculos da criatura que havia mordido em Moorenglade.

Que fazes, mulher?

Um sinal da minha gratidão disse Slayra despreocupadamente, sorrindo e encolhendo os ombros como se não percebesse qual o motivo de tanta exaltação.

Irra! Excitada! insultou o thuragar, fechando a portinhola da latrina com violência e resmungando qualquer coisa sobre cadelas com cio.

Slayra riu e dirigiu-se para o seu quarto com um sorriso nos lábios.

"A pele dos thuragar é de cobre, a ma carne de pedra e os seus ossos de ferro", recitou mentalmente. "Paus e pedras não os magoam, mas afecto e carícias ardem como fogo e queimam como brasas..." E fechou o reposteiro silenciosamente atrás de si.

SURPRESAS

Começara a trovejar durante a noite e a tempestade prolongara-se até de manhã, quando os trovões amenizaram, mas a chuva continuou a cair em bátegas. Quenestil acordou com um mau jeito no pescoço. O terreno irregular da montanha, era capaz de suportar, mas odiava chão de pedra... Ao seu lado estava Aewyre, ainda adormecido, bem como Worick. Só Taislin, sentado na cama e de costas para a parede debaixo da fraca luz que entrava através das vidraças de chifre polido, estava desperto. Fora seu o último turno de vigia.

Descansaste o suficiente, Taislin?

O burrik olhou para o eahan e saudou-o com um sorriso.

Dormia um pouco mais...

O shura concordou e espreguiçou-se, descontraindo o pescoço e rodando a cabeça Maldito chão de pedra!

Tens palha no cabelo indicou o burrik, saltando da cama e pisando inadvertidamente a mão de Worick

Quando eu me der ao trabalho de virar a cabeça para ver quem foi, alguém vai voar pela janela! rosnou o thuragar de voz abafada pela dobra do saco-cama que usara como almofada.

Taislin apressou-se a saltitar para longe de Worick. Uma das poucas coisas piores que um thuragar com sono era acordar um thuragar com sono.

Pedras me partam, um destes dias ainda dou uma martelada a um de vocês enquanto dormem... resmoneou Worick enquanto se levantava. Imagino que estes Latvonianos javardos falou mais alto ao proferir o insulto, olhando para os buracos nem têm uma bacia de água para os convidados?

Acertaste disse Taislin.

Pedras me partam e a eles...

Com toda a algazarra, Aewyre acabou por acordar também, bocejando ruidosamente.

E então? Chegaste-lhes? perguntou Worick, referindo-se às servas.

Aewyre fitou o thuragar com olhos ensonados, parecendo apenas vagamente consciente do que o rodeava. Worick resmungou.

Bom dia, Aewyre cumprimentou Taislin. Que tal foi...

Taislin... disse Quenestil. Vai ver se os outros já acordaram.

O burrik fez uma cara amuada, mas puxou o reposteiro e saiu do quarto.

Está tudo bem, Aewyre?

Tudo respondeu o guerreiro a meio de um bocejo. Dormiram bem?

Melhor que tu, pelos vistos... comentou Worick.

Que tal te parece o tempo, Quenestil?

O eahan abriu a janela e levou com vento molhado na cara.

Mau disse Quenestil, esfregando a água para fora da cara e fechando a janela. Muito mau.

Quanto tempo vai durar?

Pelo menos mais este dia. Depois pode ser que tenhamos uma folga.

Mais um dia com estes ladrões de galinhas, então concluiu Worick e os outros acenaram com as cabeças. Todos desconfiavam de Iwansk e o estarem cercados por Latvonianos não ajudava nada.

Vamos comer qualquer coisa sugeriu Aewyre, erguendo-se.

Saíram do quarto frio para o corredor frio, pelo qual caminhavam vários homens de armas com olhos de fome. Lhiannah e os outros saíram pouco depois e Slayra piscou um olho a Worick, que retribuiu com uma carranca capaz de azedar leite. A bizarra troca de expressões não passou despercebida a Quenestil, que estranhou mas nada disse. Lhiannah continuava a não olhar sequer para Aewyre e a tensão entre os dois era óbvia.

"Deve ter mesmo feito um grande disparate, o Aewyre...", pensou Taislin.

O grupo desceu as escadas em caracol cuidadosamente e foram ter à grande sala, que já se encontrava cheia de homens à mesa. Iwansk

levantou-se e foi saudar os companheiros. Aparara a barba e encontrava-se bastante apresentável, com o seu casaco de fina lã de mangas estofadas com pêlo por cima de uma camisa azul de linho e umas calças vermelhas. As mesmas botas de topo revirado batiam ruidosamente no chão.

Bons dias, senhora Lhiannah, senhor Thoryn. Meus caros... Sentem-se, por favor. Há pão, queijo, frutas e vinho. Que tempo, não? Há muitos anos que eu não via uma tempestade assim.

De facto... disse Lhiannah de maneira sensaborona, sentando-se à mesa com a graciosidade de uma verdadeira princesa.

Muitos anos, mesmo... continuou, indicando aos companheiros que se sentassem. Não seria nada saudável saírem com esta chuva. Talvez seja aconselhável os senhores ficarem mais um dia, terei todo o prazer em vos acolher, se assim o desejarem...

Quenestil e Allumno trocaram olhares desconfiados e Worick olhou para Slayra. O que queria o homem-'

De facto considerou Lhiannah, sem esperar para ouvir a opinião dos outros, o melhor é ficarmos mais uma noite. Os outros olharam para a arinnir, que se limitou a bebericar calmamente uma taça de vinho. Isto é, a não ser que o nosso *líder* tenha outros planos acrescentou, falando como se Aewyre não estivesse presente.

Ninguém discordou da princesa, pois era verdade que nenhum dos companheiros estava com vontade de viajar debaixo da tempestade, mas a Lhiannah escusava de abusar...

Ficaremos, então acedeu Aewyre, calmamente. Andava muito calmo, o guerreiro. Calmo demais, pensaram os outros.

Ficamos, pois confirmou Lhiannah como se o guerreiro não se tivesse pronunciado.

"Deve ter sido um disparate mesmo muito grande..," pensou Taislin. Iwansk fitava os dois filhos de casas nobres com interesse, acabando por se recostar na sua cadeira.

Excelente. Comam então, por favor. Bom proveito.

Os companheiros comeram a frugal refeição, tentando permanecer alheios à algazarra na sala. Babaki parecia de todos o mais desconfortável, pois os olhares continuavam a recair sobre si e pão e queijo eram coisas que comia com pouco apetite.

Receio não haver muito para fazer no meu humilde covil lamentou-se Iwansk falsamente. Se eu pudesse arranjar forma de os meus convidados passarem o tempo...

Não será necessário assegurou-lhe Aewyre. Iwansk virou ligeiramente a cabeça para ouvir melhor e franziu a testa, como era seu hábito. Ficaremos nos quartos e não causaremos incômodo nenhum.

Oh, mas que incômodo poderiam causar? Ora essa! exclamou o homem. Aqueles astutos olhos de falcão predavam Lhiannah. Estejam à vontade, por favor.

Aewyre olhou atentamente para Iwansk por cima da taça da qual bebia. O homem estava a preparar algo, e tinha-os no seu covil, cercados pelos seus homens. Por fim, levantou-se.

Com licença... Senhor Dorstyeve, por acaso tem uma sala de treinos?

Bem... o homem pensou. Os meus homens costumam treinar lá fora, mas com esta chuva usamos a sala da torre ao pé dos dormitórios.

Se não se importa, gostaria de treinar.

Mas... com certeza. Rovid! Estalou os dedos para um homem robusto que mastigava uma fatia de queijo em pé. Leva o lorde Thoryn à sala de treinos.

Quenestil levantou-se assim que Aewyre se dirigiu ao homem.

Vou contigo Aewyre preparou-se para discordar, mas o eahan piscou-lhe o olho esquerdo de modo a que Iwansk não visse. Também quero treinar.

O guerreiro fitou o seu amigo por breves instantes, mas acabou por concordar e os dois foram encaminhados para a sala de treinos. O melhor era mesmo não andar sozinho nesta torre.

E por vocês, meus caros? Que posso fazer? Senhora? perguntou Iwansk.

Eu vou meditar para o quarto anunciou Allumno, limpando a boca com um lenço seu e levantando-se. Com licença...

Eu também seguiu-o Babaki.

Eu tenho uma lápide para esculpir... disse Worick, olhando propositadamente para Taislin. Iwansk não percebeu. Ficam? perguntou o thuragar às duas mulheres.

Talvez vá... disse Lhiannah sem pressa alguma, encolhendo os ombros com falta de interesse.

Olha, menina... Podes estar chateada com o Aewyre, mas comigo já sabes que não fazes farinha. Vens ou não?

A arinnir corou e lançou um olhar furioso a Worick, mas levantou-se e dirigiu-se à escada em caracol sem esperar pelo seu mentor.

Pedras partam as mulheres, apre! praguejou o thuragar perante o olhar perplexo de Iwansk. Entra um homem nas suas vidas e ficam piores que bichas! O seu olhar também incluiu Slayra, que lhe voltou a piscar o olho. Resmungando, Worick encaminhou-se também para as escadas.

Mas que se está a passar? perguntou Taislin.

Coisas de homens e mulheres, Taislin explicou a eahanoir. O burrik abanou a cabeça.

Desenterram os vermes e as trufas, é o que é... E retirou-se. Foi a vez de Slayra ficar sem perceber, até que encolheu os ombros

a Iwansk e abandonou a mesa. O senhor da guerra coçou o seu nariz aquilino, sobrancelhas franzidas sobre os seus olhos rapinantes. Estranhos, estes nolwynos...

Rovid conduziu Aewyre e Quenestil por um corredor igual a todos os outros, parecendo resmungar. Os dois trocavam olhares e mantinham-se atentos, principalmente quando começaram a ouvir o clangor de aço contra aço, grunhidos e sonoros latidos roucos. O guerreiro e o eahan já sentiam o acre odor a suor e o cheiro de cães e dos seus excrementos mesmo antes de Rovid puxar o reposteiro. Então os dois quase sufocaram com o bafo que se projectou contra eles. Aewyre agradeceu a relutante escolta com um aceno de cabeça e entrou, seguido por Quenestil. A sala era certamente a mais quente da torre e estava relativamente cheia de homens vestidos com as túnicas de lona acolchoadas, armados de espadas e lanças de madeira, treinando uns contra os outros debaixo dos gritos e ordens dos mestres de armas. Havia uns manequins rotos com o estofado de palha a cair pelos rasgos, que eram violentamente agredidos pelos praticantes, mas nada mais. Não, havia ainda uns alvos encostados à parede, mas esses certamente não seriam usados com tanta gente na sala. Aewyre notou ainda que estes soldados davam especial ênfase ao treino de lanças e a formações, deveras incómodas de realizar num espaço tão apertado, já que uma porção da sala estava cercada e servia de canil para os enormes cães de guerra latvonianos, que ladravam de excitação.

Ei, nolwyno! disse uma voz ao lado de Quenestil.

O eahan e o humano olharam nessa direcção e viram um homem moreno com barba esbranquiçada e uma pala num olho. Vestia a mesma túnica acolchoada dos restantes, mas tinha por cima dela um manto vermelho que o identificava como mestre, se bem que o seu andar seguro e cicatrizes o marcassem como tal mais distintamente. Empunhava um comprido pau.

Isto não é um dos vossos jardins para passear. Há homens a treinar aqui, não ocupem espaço.

Quenestil preparou-se para dizer qualquer coisa, mas Aewyre antecipou-se-lhe.

Estou aqui para treinar. Tem algum espaço mais amplo? O guerreiro sabia que entre dois homens armados nunca havia formalidades. Rituais sim, mas nada de formalidades.

O homem perscrutou ambos brevemente com olhos de guerreiro experimentado, avaliando um de cada vez e as suas armas. Torceu o nariz e fez moção que o seguissem.

Eu fico aqui disse Quenestil e encostou-se à parede, cruzando os braços.

Aewyre assentiu e foi atrás do mestre, mão no punho de Ancalach. O homem conduziu-o através de um mar de braços, paus e lanças, gritando ordens e vergastando o ocasional praticante devido a uma má postura. A meio da sala, parou e gritou aos seus alunos que se afastassem, agitando um braço e batendo com o pau no chão.

Pois bem, Nolvyno... disse, mostra-nos como vocês treinam.

Aewyre agradeceu com um aceno de cabeça e desembainhou Ancalach num movimento contínuo e gracioso. A esplendorosa lâmina refulgiu à luz cinzenta da sala e chamou a atenção de vários praticantes, que olharam gananciosamente para a espada. Aewyre não lhes prestou atenção e colocou-se em posição de guarda, perna da frente ligeiramente flectida com o peso apoiado em grande parte na de trás, também ela flectida e empunhando Ancalach com uma mão. O mestre afastou-se. Aewyre avançou a perna da frente e transferiu todo o peso para ela, desferindo uma fatal estocada à garganta. Deu um passo atrás e varreu o ar à sua frente. Daí partiu para uma sequência fulminante de posições alternadas, cortando e estocando, brandindo e girando a sua espada.

”Se não queres perder um combate contra um bom adversário, mantém a espada no seu sítio. Se queres impressionar idiotas, brande-a como um espanador”, fora o que Daveanorn sempre dissera.

Quenestil observava Aewyre, juntamente com os outros praticantes, que receberam várias pancadas de um mestre adjunto por se distraírem. O eahan acenou aprovadoramente com a cabeça. A perícia do seu amigo com a espada fora melhorando ao longo dos anos e Ancalach começava a parecer uma extensão do seu braço em vez de uma mera arma. Mesmo assim, espadas não eram o domínio do

eahan e este virou a sua atenção para os cães engaiolados. Eram animais possantes, sem pinga de gordura nos seus corpos, apenas músculos e tendões e os seus pêlos cinzentos faziam com que parecessem ainda maiores. Estavam todos excitados com a algazarra e os seus latidos eram quase ensurdecedores, mas não havia lutas no seu meio. Eram obviamente animais bem treinados e leais aos seus donos, ensinados apenas a assustar hemíonos e a morder-lhes as patas. O shura aproximou-se de uma gaiola e os latidos intensificaram-se. Um enorme cão espumava da boca e arreganhava os dentes, rosnando ameaçadoramente perante o cheiro desconhecido do eahan que lhe estendia a mão lentamente. Uns praticantes olharam para o shura com caras surpresas, julgando-o louco e pararam o treino para observar. Quenestil fez ruídos aquietadores com a língua, murmurando palavras brandas e olhando o cão nos olhos arregalados. Quando a sua mão se encontrava à distância de uma mordidela que a arrancaria, o cão parou de rosnar e inclinou a cabeça para o lado. Outros também silenciaram. Quenestil murmurou mais qualquer coisa ininteligível e afagou o espesso pêlo do animal, que acabou por lhe lambe a mão. Os outros juntaram-se-lhe e o eahan teve de enfiar as duas mãos na gaiola para fazer festas a todos, sorridente. Os Latvonianos fitaram-no com espanto.

O dia passou sem quaisquer incidentes, apesar de os soldados olharem para os companheiros com expectativa. De quê, ninguém soube dizer, mas mantiveram-se juntos e dentro dos quartos, ouvindo a chuva a cair. Até que, ao fim da tarde, um soldado puxou o reposteiro do quarto de Lhiannah.

Princesa... Princesa? Aprendera maneiras'' O meu senhor Dorstyev pede a Vossa presença na grande sala.

Lhiannah olhou para Allumno, virando o olhar para Slayra, já que o mago meditava.

Há qualquer coisa,.. parecia Slayra querer dizer.

Pede? Pois bem, diga-lhe que irei

Pediu-me que Vos acompanhasse. A voz do homem soava forçada, como se não estivesse habituado a falar de maneira tão formal

A arinnir reflectiu. Não era preciso ser muito inteligente para perceber que Iwansk preparava alguma, mas o quê?

Muito bem... disse, levantando-se, lançando um último olhar de aviso a Slayra e Babaki, e saiu com o guarda.

No corredor estava um grupo de homens encostados à parede, fingindo distração a afiar armas ou a assobiar, mas Lhiannah apanhou vários olhares dirigidos a ela que rapidamente foram escondidos. O guarda acompanhou-a pelas escadas em caracol e conduziu-a ao reposteiro da grande sala. Havia uma certa tensão no ar... O soldado puxou o reposteiro e a arinnir engasgou ao ver quem estava na sala.

Não podem sair disse um guarda com pouca delicadeza, colocando-se à frente de Slayra quando esta puxou o reposteiro. Outros juntaram-se-lhe.

Ai não? replicou a eahanoir. Então porquê?

Porque o nosso senhor assim ordenou disse, desembainhando uma *falcbion* de ponta curva e pesada. Não podem sair.

Não podemos sair... repetiu Slayra, olhando em redor. Havia mais homens no corredor e vários estavam defronte do reposteiro do quarto dos outros. O mago ainda meditava. Babaki, querido? Chega aqui, por favor.

Os homens entreolharam-se quando o antroleo se agigantou atrás de Slayra.

Estes senhores não me querem deixar sair. Podes perguntar-lhes porquê?

O antroleo encolheu os ombros nervosamente, pois sabia quais as intenções de Slayra e não lhe agradavam.

Por que não deixam a senhora sair? perguntou na sua voz profunda, ainda na esperança de evitar problemas.

O homem com a *falcbion* desembainhada olhou para os outros, pedindo apoio, e um deles falou.

São as ordens do nosso senhor. E desembainhou a sua espada também. Outros seguiram-lhe o exemplo.

Babaki, acho que eles não te estão a ouvir bem. Talvez devesses pedir com mais... *jeitinho?* disse, melíflua, sorrindo adoravelmente ao antroleo.

As orelhas de Babaki agitaram-se de nervosismo, mas o antroleo suspirou, resignado, e arreganhou os dentes, rosnando ameaçadoramente. Os homens recuaram. Babaki avançou, garras de fora e orelhas perigosamente inclinadas para trás. A sua juba estava eriçada. Quando uns soldados ousaram avançar, Babaki rosnou ruidosamente, obrigando-os a recuar enquanto Slayra observava de braços cruzados e um sorriso maroto na cara. O barulho chamou a atenção do outro quarto e a cabeça de Worick não tardou a espreitar.

Que é que se passa? perguntou, olhando para os soldados desconfiadamente.

Um deles levou a Lhiannah e agora não nos querem deixar sair... disse Slayra de forma natural.

O quê? O thuragar saltou para fora do quarto, martelo na mão. Aewyre, Quenestil e Taislin surgiram atrás dele. Acho bem que vão saindo da minha frente, senão podem magoar-se muito, ameaçou Worick, avançando.

Os soldados recuaram e formaram uma barreira de lanças. No outro lado do corredor, ao pé de Aewyre e dos outros, um grupo de mais homens fez o mesmo.

Vocês *não* querem fazer isto disse o thuragar, sem abrandar o passo. Acreditem. E se tocaram num cabelo da minha cachopa, enfio-vos essas lanças num certo sítio até elas vos saírem pela boca...

Os homens pareceram levar as ameaças a sério, pois fixaram as posições e colocaram as lanças em riste. Worick sorriu e Babaki colocou-se a seu lado.

Sem qualquer aviso, Ancalach apareceu nas mãos de Aewyre e o guerreiro investiu sobre a barreira de lanças do seu lado, decepando as cabeças das armas. Worick urrou e fez o mesmo, estraçalhando as lanças que o ameaçavam. Uma encalhou numa fresta da sua armadura. Babaki rosnou e juntou-se ao thuragar e Quenestil ajudou Aewyre, rosnando também, e esmurrou um soldado, tirou-lhe a lança e usou o cabo para agredir os outros. Aewyre batia com o lado da lâmina e afastava os soldados com largas varredelas da sua arma.

Worick não foi tão brando.

O seu martelo encontrou vários corpos e o thuragar deixou um monte de soldados a gemer e a arfar roucamente atrás de si à medida que avançava. Babaki tratava dos outros, arremessando homens como sacos de farinha. Um latvoniano ergueu-se, estonteado, mas pegou na suayâtó” e avançou para as costas desprotegidas do antroleo. Quando ergueu a lâmina para talhar o pescoço de Babaki, alguém lhe agarrou a mão e puxou-a para baixo. Caindo para trás, os rins do soldado colidiram contra algo que expeliu o ar dos pulmões para fora antes de tocar no chão. A última coisa que viu foi o cotovelo de Slayra a vir contra a sua cara, depois caiu inconsciente.

Lhiannah! bramou Worick enquanto descia as escadas. Aguenta-te! Já aí vou!

Lhiannah perdera completamente a compostura ao ver as faces severas que a fitavam. Para além de Iwansk, que estava sentado à mesa, e dos seus soldados, encontrava-se na sala um grupo de trinta homens de armas. Todos envergavam uma túnica de pequenas placas de metal cosidas e cobertas com uma camada de tecido branco costurado com gravuras amarelas heráldicas. Por baixo da túnica de placas tinham ainda uma camisa de cota de malha e os seus braços eram resguardados por manoplas, cotovelleiras e guardas de ferro com camadas de couro fervido, enquanto a cabeça era protegida por um elmo oval com protecção para as orelhas e queixo. As suas espadas triangulares e lanças estavam depostas na entrada, mas ostentavam os escudos ovais de madeira laminada e couro com orgulho. Lhiannah nem precisara de ver o brasão nos escudos, um cavalo amarelo empenado por cima de duas rosas brancas num fundo verde, para reconhecer os homens como soldados de Vaul-Syrith.

Princesa disse o comandante respeitosamente, ajoelhando-se. Os outros fizeram o mesmo. Lhiannah conhecia-o: Jestiban Kilune, o comandante da Guarda de Syrith, assim identificado por um talabarte azul brocado a ouro, do qual pendiam várias medalhas de peltre. O Vosso pai... continuou, sempre de expressão severa não está nada satisfeito.

A arinnir ainda estava demasiado surpresa para responder e limitou-se a olhar, lembrando-se de fechar a boca entreaberta. A Guarda de Syrith? *Aqui?*

Ficou muito exaltado quando recebeu a vossa... *carta prosseguiu. Não é da minha competência julgar as acções da princesa, mas devo dizer que a Vossa fuga causou vários... problemas.*

A face do homem mantinha-se inexpressiva, mas cada palavra espetava como uma faca. Tudo nele era sóbrio e impecável, desde a face angular aos cabelos castanhos aparados e os penetrantes olhos escuros.

Em todo o caso, é meu dever escoltar-vos sã e salva até Vaul-Syrith, onde vosso pai e nosso senhor administrará a punição que julgar... adequada.

Não conseguiu Lhiannah finalmente dizer. Não. Não quero nem vou voltar. Pelo menos tão cedo.

Sem alterar a sua expressão facial, mas suspirando como se estivesse a falar com uma criança teimosa, Jestiban prosseguiu.

Vosso pai e nosso senhor também disse... para usarmos a força, se necessário for... para Vos levar.

Com um grito, um Latvoniano voou para dentro da sala, arrancando o reposteiro da parede e caindo com um baque surdo no chão. Logo de seguida, foi espezinhado por Worick, que passou por cima dele como se fosse um tapete.

Lhiann...

O thuragar perdeu a voz ao ver os guardas de Synth na sala a olharem para ele com caras de espanto. Que a minha barba arda, que fazem vocês aqui? Jestiban? Mas que é isto, um raio dum encontro diplomático!

Senhor Worick... foi murmurado pelas fileiras dos guardas de Synth e todos inclinaram a cabeça em deferência ao grande general.

Worick de Taramon dos Veios de Ouro... disse Jestiban secamente. Haveis causado uma grande... dor de cabeça... ao nosso senhor.

Pedras me partam... resmungou, baixinho. Que fazes *tu* aqui? O humano sempre fora o maior rival de Worick, e sempre invejara o seu cargo de general.

Por ordem de nosso senhor Sunlar Syndar viemos buscar a princesa... e graças ao... *prestável* senhor Dorstyeve, conseguimos encontrá-la. Nosso senhor está muito... desapontado convosco.

"Assim talvez consigas ser general, não éy", pensou Worick, mas nada disse.

Aewyre e os outros irromperam pela sala adentro, armas desembainhadas, e os guardas de Synth uniram os escudos. Os Latvonianos levaram as mãos às espadas.

Mas Jestiban... disse Lhiannah por fim, encaminhando-se em direcção aos seus companheiros. Eu não posso ir convosco.

Nosso senhor Vosso pai..

Mas *Jestiban insistiu* a arinnir, não seria do agrado do meu pai uma maior proximidade entre as casas de Synth e Thoryn? Para grande espanto de todos, Lhiannah pegou no braço de Aewyre e aconchegou-se a ele.

A expressão do comandante mantinha-se inalterada, mas um rasgo de dúvida atravessou a sua face.

Esse jovem...?

Aewyre Thoryn, irmão de Aereth Thoryn, filho de Aezrel Thoryn, o campeão de Allaryia confirmou a princesa, olhando para o guerreiro com olhos de vitela.

Estais... prometida? O comandante parecia finalmente confuso.

Não, não. Estamos a... conhecer-nos melhor Aewyre fitava Lhiannah de olhos arregalados, mas Lhiannah mantinha um sorriso de adoração. Como membros das duas mais proeminentes casas de Nolwyn, achámos nosso dever investigar a agitação na vizinha Latvonia devido aos ocar acrescentou ainda.

Slayra estivera atrás dos companheiros e acenou aprovadoramente com a cabeça. Lhiannah não fazia aquilo nada mal. Talvez se pudessem dar bem, afinal de contas...

Mas... isso é uma missão diplomática que cabe às respectivas autoridades, não... Jestiban estava visivelmente confuso. Certamente não esperara isto.

Ora, Jestiban! admoestou Lhiannah suavemente. Quenestil franziu o sobrolho. Pensara que só Slayra fosse capaz de tal manha. Certamente o meu pai tem diversos assuntos muito mais importantes a tratar para perder o seu tempo a investigar rumores.

Mas... O homem abanou a cabeça quase imperceptivelmente. Não. Podeis trazer lorde Thoryn convosco se assim o desejardes, mas devo levar-Vos à presença do Vosso pai. Perdera a maneira de falar lenta e cuidada.

Lhiannah ficou sem nada dizer. Jogara a cartada mais arriscada, mas ainda não convencera o homem. Teria de...?

Ouve, Jestiban... interveio Worick. Jurei pelo meu sangue proteger esta rapariga. Fui encarregado pelo nosso senhor de a treinar e instruir nos caminhos da guerra e do combate. Mas como pode ela aprender em Syrith? Cortando abóboras? Dando sovas em rapazolas atrevidos? Alguns homens de Syrith riram, mas o comandante permaneceu impassível. Não, ela tem de aprender como o mundo *é*, andando pelo mundo. Não pode ficar numa gaiola dourada.

Lhiannah olhou para o seu mentor, radiante, mas Worick estava de costas para ela. Jestiban já não sabia o que dizer.

Mas... as ordens...

Diz ao nosso senhor o que eu te disse. Ele vai compreender. Ei, pode até ser que te nomeie general! O thuragar não resistira a essa provocação.

Jestiban fitou-o furiosamente, mas acabou por fungar, indignado.

Pois bem, assim farei. A responsabilidade é vossa por inteiro, *Worick de Taramon*.

Diz-me algo que eu não saiba... resmungou o thuragar, olhando zangado para Lhiannah, que lhe sorriu alegremente. Olhou para Aewyre, mas caiu em si, e largou-lhe o braço e olhou em frente.

Em todo o caso... continuou Jestiban, nosso senhor Sunlar Syndar está-vos agradecido, Iwansk Dorstyeu. E o regente de Vaul Synth sabe recompensar a ajuda. Foi ter com o senhor da guerra e entregou-lhe uma sacola de ouro

Isso foi demais para Lhiannah Afastando-se dos outros, encaminhou-se em direcção a Iwansk, que a fitava, divertido. Jestiban olhou apreensivamente para a princesa quando esta defrontou o senhor da guerra cara a cara. A arinnir era mais alta que Iwansk, mas nem por isso este deixou de a fitar com um olhar ao mesmo nível e um sorriso com o canto da boca. Lhiannah retribuiu o olhar por longos momentos, até que deu um passo atrás e lhe virou as costas. Iwansk sorriu triunfalmente Aewyre lambeu o seu incisivo saliente em expectativa.

A princesa desferiu um coice para trás, atingindo o senhor da guerra em cheio nos testículos. Iwansk deu um grunhido sufocado e curvou-se tão repentinamente que caiu de cara no chão. Os guardas Latvonianos levaram as mãos às armas e os guardas de Synth apressaram-se a formar um escudo defensivo à volta de Lhiannah, juntamente com os companheiros Alheia a tudo, a arnnir pegou descontraidamente na sacola ao pé da cara de Iwansk, que se contorcia em dores e pesou-a na mão

Aquela gente lá fora precisa bem mais disto do que este verme disse. Vão buscar as nossas coisas. Vamos embora daqui.

A princesa estava a ser autoritária outra vez, mas não era altura para discussões. Os Latvonianos pareciam à beira de atacar. Os companheiros abriram caminho para as escadas e Lhiannah ficou no meio do escudo protector enquanto Iwansk ainda se contorcia em dores. Voltaram pouco depois com o equipamento e os guardas de Syrith abriram caminho para a entrada.

Estais consciente... sibilou Jestiban de que haveis comprometido as relações entre Syrith e Latvonian

Se o meu pai se quer dar com vermes como este, ainda bem que me fui embora replicou a princesa. O comandante ficou furiosamente silencioso

Quando desceram a escada e se afastaram o suficiente da torre, receosos de uma flecha nas costas, o grupo parou à chuva, homens de Synth para um lado e os companheiros para o outro.

Tendes a certeza, princesa?” perguntou Jestiban uma última vez. Worick, Quereis arriscar a ira do vosso senhor?

Diz-lhe o que te disse reiterou o thuragar, piscando com uma gota que lhe entrou num olho

Muito bem. Que Gilgethan guie as vossas espadas. Curvou-se respeitosamente e virou as costas puxando o capuz da sua capa, mas Lhiannah chamou-o.

Jestiban... disse, estendendo o saco de ouro. Dá isto àquelas pessoas. Será necessário um grupo de homens armados para impedir que se transformem numa turba.

O homem permaneceu virado de costas.

É um comando real... princesa?

Por favor?

Surpreso, Jestiban virou-se e, após um breve olhar, pegou no saco.

Haveis mudado, princesa. Se mo permitis, o vosso temperamento permanece o mesmo os companheiros sorriram e Lhiannah corou ligeiramente, mas haveis crescido. Desejo-vos sorte. E retirou-se com os seus homens, após estes fazerem uma respeitosa continência.

Os companheiros viram-nos dirigir-se a um outro grupo de syrithianos que guardavam os cavalos, cercados por pedintes e mendigos. Lhiannah sorriu quando Jestiban os organizou numa fila e começou a distribuir moedas. Os companheiros deram palmadas amigáveis no ombro de Lhiannah, menos Aewyre e, naturalmente, Allumno. O guerreiro olhava para a arinnir com a máscara inexpressiva que pusera dias atrás e ainda não tirara.

Vamos, então? perguntou, puxando o seu capuz para a frente. Temos de ir buscar a burra.

Já a devem ter comido... resmungou Worick.

Não comeram, não disse Quenestil, convicto. Aquela burra não se deixaria apanhar.

Por que dizes isso? perguntou Worick, franzindo um curioso sobrolho.

O eahan sorriu e tirou de uma prega nas suas peles de carcaju um pedaço da crina da burra entrançado. Perante os olhares perplexos dos companheiros, Quenestil acariciou a crina e murmurou umas palavras de olhos fechados.

Mas que raio...? praguejou Worick, quando momentos mais tarde ouviram um zurro familiar. A burra trotava alegremente na sua direcção, orneando. Pedras me partam... passas a ser tu a conduzir o animal...

Quenestil riu e fez festas à besta quando esta finalmente os alcançou.

Coitadinha, estás toda molhada disse o shura, acariciando-lhe o focinho.

eh... Parece que o eahan se dá melhor com mulas do que com mulheres... gracejou Worick, olhando para Slayra, que o advertiu com o seu olhar. O thuragar sorriu maliciosamente: estava vingado o beijo.

Após cobrirem a burra com uma manta (Worick passou a chamá-la *Alfarna*, dizendo que significava "teimosa" na sua língua. Ninguém precisava de saber que era a palavra para eahanna...), puseram-se a caminho pela estrada até a floresta, os esconder das janelas vigilantes da torre. Atrever-se-ia Iwansk a enviar homens atrás deles?

Aewyre? perguntou Allumno, montado na burra. Sentes alguma coisa?

Sinto-o muito bem, e ele a mim. Sabe que o persigo respondeu o guerreiro, olhando em frente.

Continua a ir para Nordeste?

Sim. Haverá drahregs tão a Leste da Cinta?

Nem sabia que havia drahregs tão perto de Nolwyn... admitiu o mago. Aewyre acenou mas nada disse. Krór chamava-o...

Estava uma tarde invernal invulgarmente quente em Sardin. Os derradeiros raios de sol reflectidos pelo mar desenhavam estranhos padrões nos armazéns altos e caiados de tectos avermelhados das docas da cidade piscatória, ondulando suavemente como as águas salgadas. Havia nuvens escuras e espessas a Oeste, mas provavelmente não atravessariam o Caar. Pairava um odor a peixe, sal, betume e cânhamo das cordas dos barcos atracados que rangiam ao sabor das ondas. Habitado como estava, Americ Dasen, orgulhoso membro dos Tritões Azuis, nem reparava. Eram os odores que era obrigado a inalar todos os dias e já estava tão acostumado a eles como qualquer pescador que se prezasse. Envergava uma armadura de escamas de metal, um bacinete com uma crista parecida com uma barbatana de veleiro e uma espada embainhada a balançar da sua anca. As docas eram um lugar perigoso, sobretudo de noite, mas não havia falta de trabalho para os Tritões durante o dia: intimidações por parte da Guilda do Peixe, imigrantes clandestinos de Latvonia que compravam lugares escondidos em barcos, rixas entre famílias de pescadores e descarregamentos de ovas de esturção, um acontecimento que sempre exigia vigília devido ao valor da mercadoria. Não, trabalho não faltava, por muito monótono que fosse, mas Americ cumpria-o com brio e rigor. Nunca esqueceria o orgulho estampado na cara do seu pai e as lágrimas de alegria da sua mãe quando um dia chegara a casa, ostentando orgulhosamente a concha azul de chumbo na sua camisa...

Tritão Dasen! berrou

Chorben, seu capitão. Americ parou de imediato e estacou em continência.

Meu capitão?

Mais atenção! Os *meus* homens não sonham acordados, não no quartel, não nos treinos e muito menos em patrulha!

Sim, meu capitão! Peço desculpa, meu capitão! disse Americ mecanicamente.

Chorben fungou com desprezo e ajustou o seu elmo com duas barbatanas laterais munidas de espinhos em vez da crista do seu bacinete. Um dia, Americ também teria um elmo desses.

Tritões, marchar!

E os Tritões Azuis marcharam, atraindo olhares respeitosos mas contentes pela sua presença. As docas estavam superlotadas, com homens de tronco nu a rolarem barris para dentro e para fora de barcos, homens descalços a trazerem caixas de peixe do cais para os armazéns cheios, mulheres com cestos de marisco por cima das suas cabeças cobertas com lenços, homens a andarem dentro de enormes guindastes de rodas, que içavam a carga mais pesada, mulheres a conduzir mulas com caixas esburacadas para arejar o peixe que carregavam... Uma autêntica sinfonia de rangidos, grunhidos e berros, nada ao qual os Tritões Azuis não estivessem habituados. Atento, o grupo marchou através da multidão em direcção a um grande cais com uma insígnia que retratava dois peixes entrecruzados a saltarem fora de água: o cais da guilda. Nele laboravam vários homens, no meio dos quais se destacava um indivíduo obeso, que agitava um dos seus grossos braços, gritando ordens, enquanto o outro limpava o suor da sua testa com um lenço branco bordado. Vestia um casaco de lã azul com uma caríssima pele de arminho aos ombros e tirava regularmente o seu chapéu de feltro com uma comprida pala parecida com a proa de um navio para limpar a sua cabeça calva. Apertadas calças vermelhas, que acentuavam uma colossal barriga da perna, e sapatos de couro de topo revirado completavam a sua indumentária de intendente da guilda.

Boas tardes, intendente saudou o capitão de maneira reservada. Poucas pessoas honestas gostavam dos homens da guilda.

Já não era sem tempo, capitão! exclamou o homem numa voz balofa, presenteando a armadura do Chorben com perdigotos. O meu mestre está tão exaltado com este assunto que pediu o envolvimento da minha pessoa, veja lá você... É de facto preocupante.

Explique-me o que aconteceu... pediu Chorben pacientemente.

Os seus superiores não o informaram? Cada esse que o homem pronunciava fazia chover perdigotos.

Não. Tenha a bondade de me esclarecer...

O intendente fungou com indignação e limpou a testa. Mas quem mandava o homem vestir lã e pele de arminho numa tarde daquelas?

Que calor... bom, dois dos meus barcos Americ admirava a contenção do seu capitão encontraram esta tarde uma barçaça à deriva, que se podia ver daqui do cais. Atracaram os dois, mas nenhum voltou. Não sei o que lhes aconteceu, mas eram dois barcos de esturjão, e não podem estar parados. O prejuízo...

Não voltaram? Nenhum dos dois?

Não. Continuam atracados à barçaça, veja... Apontou um dedo sapudo a três barcos que se encontravam perto do cais. O vento está a empurrá-los na nossa direcção. Talvez agora o capitão possa ver quem está naquela carçaça e o que aconteceu aos meus homens.

Com efeito, as três embarcações aproximavam-se, apesar de apenas duas terem as velas içadas. A terceira parecia uma típica barçaça de aldeia.

Querem ver que foram os campónios, por causa deste assunto das nassas? sugeriu um dos Tritões.

Possivelmente concordou o intendente. Sempre suspeitei das suas acções, mas sempre pensei que se coibissem de se sublevarem. Americ tinha a certeza de que já teria esmurrado o homem se estivesse no lugar de Chorben. A armadura do capitão estava respingada de pontos brancos.

Enquanto esperavam, o intendente agitou nervosamente uma bolsa cheia a tilintar de dinheiro. Os Tritões Azuis tinham todos as mãos nos punhos das espadas.

Preparem-se, homens. Podemos estar a lidar com gente perigosa advertiu Chorben desnecessariamente.

Quando a proa de um barco embateu contra o cais, o capitão saltou para dentro dela, espada na mão, e atirou uma amarra a Americ, que a atou prontamente a um poste. Os restantes Tritões seguiram Chorben e investigaram o navio.

- Ó do barco! Está alguém aí? gritou o capitão.

- Não houve resposta.

Avancem!

Com cuidado.

O convés estava escorregadio, mas os Tritões não o estranharam. Era normal. Só a sua cor não era: manchas escuras com um tom avermelhado.

Deuses... praguejou um Tritão.

Fiquem prontos, Tritões...

Chorben deu a volta ao convés e deparou com uma entrada para a ponte de comando encharcada de sangue seco.

Em nome de Gilgethan! praguejou.

Os restantes Tritões foram ver e arrombaram a porta, mas não encontraram ninguém lá dentro, nem mesmo após uma minuciosa busca. Apenas manchas de sangue com rastos que indicavam que corpos haviam sido arrastados. Cheirava a morte. Uma *gaivota* levantou voo da última barça com algo vermelho no bico.

Que espécie de homem...?

O que fez isto...?

Como...?

Porquê...?

Silêncio! berrou Chorben, impondo a ordem. Mantenham a calma, Tritões! Sigam-me. E saltou para a outra embarcação, a barça.

Assim que pôs os pés no convés, os seus olhos arregalaram-se. O corpo lívido e exangue de um homem jazia morto no convés, sem uma única gota de sangue. Os primeiros Tritões que o viram ficaram quase tão pálidos como o cadáver.

Chorben observou a barça, com a vela rasgada e ensopada de sangue escuro e, ao virar a curva do mastro, o seu pé bateu em alguma coisa, que rebolou pelo convés. Quando olhou para baixo, deu um salto para trás.

Uma cabeça.

Atrás de si, Americ correu para a ré da barça e vomitou. Outros dois fizeram o mesmo.

Para o último, tritões ordenou o capitão, a sua face uma máscara de firmeza com a exceção de gotas de suor na testa.

Nada encontraram no convés da última, e Chorben reuniu coragem para abrir a porta da ponte de comando.

Então engasgou.

Vira muita violência na sua vida, homens espancados até à morte, as suas caras pouco mais que bolos roxos inchados, vira crianças mutiladas e mulheres violadas e abusadas, mas nada que se comparasse ao que via naquele momento. Um cadáver pendurado baloiçou contra ele assim que abriu a porta, lívido e com os olhos quase a sair das órbitas como consequência de uma talhada na cabeça. Atrás dele, emanando um insuportável fedor a morte e putrefacção cadavérica,

estavam amontoados os cadáveres das outras duas tripulações em pilhas de carne lívida e sangue seco. Recuou, incapaz de suportar a visão, quando foi avassalado por uma súbita onda de terror. Da escuridão da ponte de comando veio um rosno ominoso, acompanhado de dois pontos brilhantes, que dispararam na direcção de Chorben.

A mim, Tritões Azuis! gritou o homem, antes de uma lâmina negra e porosa trespassar escamas de metal, carne e osso de um lado ao outro.

Com um gorgolejar de morte, Chorben caiu e os Tritões gritaram em terror quando a criatura se abateu sobre eles, a sua lâmina negra a dançar uma dança de morte com os seus corpos. Gritos e morte. Gritos, sangue e morte. Gritos, silvos metálicos, carne rasgada, sangue e morte. Americ observou com terror do outro barco como os seus companheiros eram massacrados. As suas pernas tremiam, o seu estômago pareceu contorcer-se e ele nem enfrentava a criatura. O último Tritão tombou, caindo numa poça de sangue e escamas metálicas, e a criatura uivou em êxtase. Ouviram-se gritos no cais. Os Tritões Azuis gemiam, os que ainda estavam vivos. Americ entrou em pânico. Saltou para o mar, sem sequer pensar em tirar a armadura ou o elmo.

Baodegoth uivou de triunfo e saltou para a outra embarcação, em direcção ao cais, em direcção aos gritos, em direcção ao sangue.

RESOLUÇÕES

Conduzidos por Aewyre, os companheiros caminharam durante duas semanas pelas florestas desbravadas de Latvonia, tendo a chuva cessado no terceiro dia de viagem, para grande alívio de todos. À medida que avançavam para Norte, pelas serras, o terreno ia-se elevando e a temperatura ia baixando, acompanhada de nevoeiro, e os companheiros vestiram peles por cima das suas capas. Mesmo Quenestil adicionou mais umas peles à sua uniforme indumentária de pêlo de carcaju. O eahan também achou prudente poupar as reservas de provisões e, na noite do décimo quarto dia, voltou com quatro perdizes e ovos. Fartos de queijo, os companheiros deliciaram-se com as suculentas aves e ovos cozidos. Aewyre descobriu que o vinho de Iwansk tinha ido parar misteriosamente ao cantil de Taislin e obrigou-o a partilhar com os outros, por mais que o burrik insistisse que fora um símbolo de apreço do senhor da guerra.

Pois olha que não te apreciou muito... comentou Worick, torcendo os lábios em desprezo após provar o vinho.

Nessa noite, o burrik conseguiu que Aewyre jogasse dados com ele em cima de um toco. O guerreiro não ganhou uma única jogada.

Doze! proclamou Taislin vitoriosamente. Deves-me dinheiro!

Taislin, estamos a jogar pela diversão...

Qual diversão! Com um massacre destes, há que aproveitar. Com um suspiro, Aewyre pegou na sua bolsa, mas a mão sapuda

de Worick apareceu do nada e pegou nos dois dados de osso.

Espera aí! Não dês nada ainda a esse mafarrico! disse, levando os dados perto da cara, observando-os, fechando a mão e sentindo-lhes

o peso. Olha, olha., alguém se deu a *muito* trabalho a polir estes dados .

As sobrelhas franzidas de Aewyre fizeram com que o burrik se encolhesse e se fosse dirigindo ao seu saco-cama como um cão cuja asneira fora descoberta

Burriks... resmungou Worick, atirando os dados para cima do toco e retirando-se para se ir deitar com os outros Burriks... repetiu Aewyre, incapaz de esconder o seu divertimento

Aewyre disse Quenestil, aparecendo-lhe atrás das costas como sempre, eu faço a primeira vigia

Não, deixa estar, faço eu Ainda não tenho vontade de dormir

Tudo bem assentiu o eahan. Vou... dar uma vista de olhos por aí. Ver se está tudo em ordem

Aewyre concordou. A memória dos latidos dos cães latvonianos atrás deles ainda estava bem viva nos pensamentos de todos. Se Quenestil não os tivesse descoberto e amansado a tempo... Um sorriso veio aos lábios de guerreiro, pensando nas caras de consternação dos homens de Iwansk ao verem os cães voltar para trás com as caudas a abanar de contentamento.

O shura pôs o arco às costas e desapareceu nas árvores, uno com a floresta. Aewyre recostou-se num tronco perto da fogueira e brincou com os ramos ardentes com um graveto O canto do seu olho captou movimento e o guerreiro virou a cara para ver Slayra a dirigir-se para as árvores

Onde vais?

A eahanoir parou e virou-se

Há coisas que não se fazem à frente de outros respondeu, na frase mais ambígua que Aewyre alguma vez ouvira.

Seja lá o que for.. disse o guerreiro, dispensando-a com a mão.

Slayra nada disse e desapareceu nas árvores. Sentia-se aceite no grupo, mas sabia que alguém sempre haveria de suspeitar dela por alguma razão. O bosque estava escuro, mas Slayra lidava com as sombras e caminhava agilmente. Distinguindo o suave burburinho de água a escorrer ao longe, encaminhou-se para lá com uma cara resoluta. Finalmente, chegou à origem do ruído, um ribeiro sinuoso cercado por pinheiros-silvestres de copas arredondadas e flanqueado por fetos e erva. Pedras musgosas resistiam à força da corrente com uma silenciosa determinação, o único traço do seu esforço a espuma

que a água provocava ao embater contra elas. Mas encontravam-se sozinhas, ela e as pedras. **Ou** seria mesmo?

Como sabias que eu estava aqui? perguntou a voz de Quenestil atrás dela.

Slayra sobressaltou-se e virou-se para o eahan, levando a mão ao peito, obviamente acostumada a assustar e não a ser assustada.

Para que foi isso? questionou a eahanoir.

Não respondeste à minha pergunta:

Nem tu à minha.

O shura não continuou, limitando-se a virar-se para o ribeiro e a cruzar os braços. Um mocho piou.

É sempre assim... gracejou Slayra. Nenhum de nós é capaz de fazer concessões e acabamos sempre assim.

Quenestil fitou-a, erguendo o sobrolho por breves segundos e os dois ficaram nas mesmas posições: ele de braços cruzados e ela com uma mão na anca, olhos cinzentos e azuis-claros a investigarem as profundezas um do outro.

Lembras-te da nossa conversa no telhado? perguntou a eahanoir.

Sim... disse o shura, sem ter a certeza de se querer recordar.

Quando tu disseste que estavas disposto a falar e que, só por isso, eu devia... Fez movimentos circulares com os braços como se quisesse puxar as palavras para fora da boca do eahan.

Sim...

Pois bem, *eu* estou disposta a falar agora.

Sim... reiterou Quenestil, como se não estivesse a perceber.

E então? Vais ficar aí de braços cruzados a crocitar "sim" que nem um corvo enquanto eu estou aqui a falar como uma rapariga tonta? perguntou num tom mais áspero.

O eahan ficou silencioso por alguns momentos, até que falou.

Por que vieste aqui? É óbvio que não conseguiste seguir o meu rasto.

Vejam lá, é óbvio que não consigo seguir o rasto do homem... gracejou a eahanoir.

Muito bem. Se é assim que queres... E virou-se mais uma vez para o riacho, sem descruzar os braços. Slayra fê-lo por ele.

Casmurro, teimoso e imbecil! insultou a eahanoir, agarrando-lhe um braço com força. Não és mesmo capaz de ceder, pois não? Por que achas que eu vim aqui? Pára de fingir como se te tivesses

esquecido daquela Navada ou Nayama ou seja lá como ela se chamava Estou aqui pela mesma razão que tu, idiota!

Então agora já acreditas? perguntou o eahan, libertando-se do aperto.

E tu? Acreditas’

Quenestil fungou, divertido. *Divertido?* Slayra estava a abrir a sua mente, o seu coração como um livro para o eahan ler e o imbecil estava a divertir-se?

Deves pensar que as *Nayanas* funcionam como as mestras das meretrizes nas tuas cidades, não! Escolhem um homem para ti e ele é teu, não é? Slayra abriu a boca. De espanto ou indignação, Quenestil não soube dizer Pois bem, isto não é assim. Se tu..

Foi uma estalada forte. O sonoro ruído do estalo ensurdeceu o ouvido esquerdo do eahan e os seus olhos cerraram-se com o impacto. Quenestil ficou perplexo com o facto de não a ter notado, visto que a eahanoir levava o braço todo atrás, mas a verdade é que não vira a estalada até ser tarde demais. Ficou alguns momentos naquela posição, de cara virada na direcção da bofetada e quando a voltou e abriu os olhos viu pontos brancos à volta de Slayra, que tremia de raiva e cujos punhos estavam cerrados. Os seus olhos ardiam, tanto quanto gelo podia arder.

Teimoso como uma mula, e tão estúpido como uma, é o que tu és! Se é assim que queres, tudo bem! Enfia a tua faca no... riacho e vê o que as folhas te dizem, parece que te dás melhor com elas e com cães... e com mulas, tão casmurro como elas! A eahanoir estava à beira de espumar da boca. Para os infernos com os teus preconceitos e com os da tua raça! finalizou, virando-se tão bruscamente que a capa negra bateu como uma asa de corvo e retirou-se em passadas furiosas.

Uma estalada... pensou Quenestil, esfregando a bochecha agora que ela lhe começava a arder. Iria deixar uma bela marca, mas não fora mais que isso: uma estalada. Nenhum murro, nenhum golpe à garganta, nenhum pontapé à virilha... Slayra ficara irritada, *ofendida*. Ofendida...

O shura ajoelhou-se perante o riacho, levando uma mão com água fresca ao lado ruborizado da sua face, e olhou para o reflexo da lua Estava cheia. A boca do eahan ficou entreaberta quando o seu queixo descaiu ligeiramente

Os caminhos da montanha cruzam-se... murmurou.

Erguendo-se de súbito, secou a cara com um bocado da pele de carcaju e apressou-se nas passadas em direcção ao acampamento Assim

que lá chegou, viu uma Slayra furiosa a enfiar-se à força dentro do seu saco-cama. Aewyre virou o seu olhar confuso dela para Quenestil e os movimentos bruscos da eahanoir acordaram os outros, que observaram os dois eahan alternadamente. Quenestil encostou-se a uma árvore e cruzou os braços, erguendo o canto da sua boca num sorriso que Aewyre só soube descrever como maroto. Mas que se estava a passar? Slayra pareceu reparar também e fitou o eahan como se o quisesse envolver num cubo de gelo com o seu olhar. Como tal não sucedeu, a eahanoir desembaraçou-se do saco-cama e dirigiu-se a ele com uma cara austera, parando a um passo do shura.

O que queres? perguntou com uma voz glacial. Quando muito, o canto da boca de Quenestil subiu um pouco mais

e o gelo da expressão da eahanoir derreteu-se com as chamas que arderam nos seus olhos. Levou o braço mais uma vez atrás, mas desta vez Quenestil vira-o. Assim que a mão de Slayra descreveu meio círculo, o shura saltou de través para dentro do movimento, envolvendo a cintura da eahanoir com um braço e agarrando-lhe o pulso com o outro. Chegou-se a ela e a sua boca abriu-se, não para morder mas para silenciar qualquer protesto da boca de Slayra com um envolvente beijo. Desequilibrada, a eahanoir caiu para trás com a força do próprio movimento, mas a mão de Quenestil na sua cintura manteve-se firme e a outra largou-lhe o pulso para lhe apoiar a cabeça. Os olhos do eahan estavam deleitosamente fechados, mas os de Slayra estavam arregalados como os de uma égua assustada e as suas pernas pendiam-lhe sem vida das ancas. Os seus braços tremeram, parecendo indecisos entre agredir ou deixar-se cair, até que abraçaram o pescoço do eahan ao mesmo tempo que os seus olhos se fecharam suavemente e a sua perna se ergueu. Os companheiros ficaram mudos. Até mesmo as sobranceiras de Allumno se arquearam. Para eles, era como se estivessem a ver um lobo a lambar uma ovelha com afecto, um latvoniano a abraçar um ocar, fogo a arder em cima de água. Só Worick se riu.,

Estava difícil... comentou o thuragar, mas ninguém o ouviu tal era o espanto.

Finalmente, quando parecia que os dois eahan iriam ficar ali toda a noite, os seus lábios separaram-se e ambos se endireitaram, ainda abraçados um ao outro. Slayra piscou os olhos e pareceu oscilar, mesmo agarrada a Quenestil.

O que... o que foi isso? perguntou a eahanoir, puxando o cabelo para trás da orelha pontuda com uma mão enquanto a outra repousava no ombro do shura.

Os caminhos das nossas montanhas cruzaram-se... na montanha disse Quenestil como dissera naquela noite de lua cheia após a conversa com a Nayana. A única diferença era que agora parecia acreditar nas suas palavras.

Slayra nada disse, limitando-se a olhá-lo nos olhos, não encontrando qualquer ódio ou desprezo lá dentro, apenas franqueza. Os lábios de ambos voltaram a juntar-se.

Então? Já percebemos! exclamou Worick. Uma vez chega... Os dois eahan olharam para o thuragar, mas se a interrupção os irritara, não o mostraram e limitaram-se a sorrir para o rabugento veterano. Apenas Worick, com a sua visão sensível ao calor, viu que os dois coravam. Quenestil pegou na mão de Slayra e os dois desapareceram no meio das árvores em poucas passadas.

Eu seja um latvoniano honesto... disse Aewyre, espantado.

Ora, não passas de um rapazola, não percebes nada destas coisas. Mais cedo ou mais tarde, tinha de ser...

Mais cedo pensei ver o Worick a dar um beijinho à *Alfarna*... comentou Taislin. A própria burra pareceu acordar ao ouvir o seu nome e olhou para o burrik.

A dar o quê? Ora seu...

Antes que alguém pudesse fazer algo, o thuragar corria à volta do campo em perseguição a Taislin e quando este trepou a uma árvore, o thuragar foi buscar o seu martelo e começou a bater no tronco.

"Bom, passa a ser o turno do Worick, então,..", conformou-se Aewyre e deitou-se, tentando não pensar muito nos dois eahan para conseguir dormir.

Quenestil e Slayra caminhavam de mãos dadas pelo bosque iluminado pela lua cheia, que raiava uma viva luz branca. Os seus pés esmagavam pinhas e outras coisas debaixo do fofo tapete de caruma e erva seca.

Onde vamos? perguntou Slayra sem na verdade se importar onde iam.

Um sítio que eu vi... explicou o shura, puxando-lhe a mão gentilmente. Anda.

Quenestil levou-a ao ponto elevado de uma clareira, que providenciava uma ampla vista para um prado silvestre que se estendia à sua frente. O eahan deitou-se na relva macia, apoiado nos cotovelos e puxou Slayra para si. A eahanoir sentou-se, apoiada na coxa e pôs uma mão na perna de Quenestil.

Olha disse o eahan, apontando para a frente.

Slayra olhou nessa direção. A Lua estava parcialmente tapada por nuvens em movimento, mas iluminava bem o prado silvestre cercado por abetos e acácias. Nele distinguiam-se agora maciças formas quadrúpedes com as silhuetas delineadas pela lua, que remexiam na relva com os focinhos.

Javalis? Pouco apropriado, não? inquiriu a eahanoir.

Não te trouxe aqui por causa deles. Ignora-os disse, cobrindo a área com um gesto da sua mão.

De facto, o prado era um lugar bonito, iluminado pela lua, sombreado pelos altos abetos, embalado pelos ralos, mas Slayra não conseguia ignorar o ocasional grunhido de contentamento quando um javali arrancava um bolbo da terra.

Sabes disse, devia bater-te mais vezes.

O eahan fitou-a, levando a mão à parte ainda vermelha da sua cara. A eahanoir sorriu, beijou os dedos e poisou-os na marca da sua mão na face de Quenestil.

A estalada também ajudou... admitiu o shura. Mas foi preciso bem mais que isso.

Slayra poisou os dois braços no joelho de Quenestil e apoiou o queixo neles, ouvindo atentamente.

Desde o primeiro dia em que te vi, a partir do momento em que removi a tua máscara, aconteceu tudo como uma torrente. Tu... hesitou. Os olhos amendoados da eahanoir estavam bem abertos. Eu e o Babaki somos muito parecidos, na medida em que ambos tentamos impedir que o animal dentro de nós nos domine. O Babaki tem o legado shakarex, eu tenho o espírito do carcaju. Contigo... contigo ele sempre veio à tona, com o lúcio assassino, quando te vi ferida na fortaleza, mesmo nas nossas conversas... Tu despertas-me os instintos, fazes com que eu esqueça tudo o que aprendi, com que tudo pareça obsoleto, com que... hesitou mais uma vez. Eu disse-o, não disse?

Disseste assegurou Slayra, sorrindo discretamente sem qualquer malícia.

Então está dito. É isso...

Pois bem, agora eu:

Slayra tirou a cabeça de cima dos seus braços e apoiou-se neles por cima de Quenestil, aproximando a sua cara da dele. Tu, meu querido shura, deste-me a volta à cabeça, Quenestil piscou. Desde o momento em que te vi, tão seguro de ti, como se fosses o senhor da floresta, quis saber mais sobre ti. A minha primeira ideia foi capturar-te, mas depois foi o que foi... Mesmo assim,

não fugi quando o poderia ter feito e, quando o fiz, acabei por voltar atrás, por *tua* causa, por mais que me tentasse convencer do contrário. Tirei-vos da fortaleza não pelo risco ou pela emoção, mas por *ti*. A noite na montanha.

Olhou com um ar sonhador para o vazio, mas os seus olhos azuis depressa voltaram a fitar o eahan. A noite na montanha ainda hoje me lembro dela. Não penses que foste o único... acrescentou com um toque de malícia. Mas. foi diferente. Tu és diferente, diferente de todos os outros.

Cada um pertence a si próprio e a todos os outros, não é assim que vocês, eahanoir pensam? disse Quenestil por fim

Não consumarás a união carnal com uma mulher pelo prazer, apenas a bem da procriação, não é assim que vocês, os outros eahan, pensam? retorquiu Slayra.

Mas o que aconteceu na montanha..

A eahanoir calou-o, tapando-lhe a boca com o indicador.

És tu quem eu quero, e mais ninguém sussurrou, tão bela... Queres-me?

Parecendo libertar-se dos últimos laços que o prendiam à tradição e aos seus ensinamentos, Quenestil pegou na face de Slayra

Quero-te sussurrou e beijou-a profundamente. A Lua brilhou vivamente quando a última nuvem a descobriu.

Kror tossiu violenta e roucamente, dobrando-se com a força de cada tossido. O drahreg apoiava-se no ombro de Hazabel, que o carregava para dentro da caverna que avistara. Estúpido drahreg, estúpido! Fraco como estivera, fora de facto estúpida a sua decisão de continuar a andar durante a tempestade e agora adoecera. Estúpido! Hazabel não podia adoecer, mas não tinha maneira de explicar isso ao drahreg, que recusara a sua capa negra. Agora respirava ruidosamente e cuspiam cuspe amarelado a custo. Estúpido!

Deita-te disse a harahan, poisando Kror numa pequena área de terra seca.

O drahreg assim fez, aconchegando-se na sua capa verde e contorcendo-se a cada tossido. Hazabel enrolou a sua capa forçosamente à volta de Kror contra a vontade deste.

Não te mexas! Tens de ficar bom acrescentou, mordendo uma palavra ofensiva.

Sem forças para resistir, Kror resignou-se a aceitar a capa e enrolou-se nela. A harahan suspirou e preparou um fogo com gravetos e folhas secas que se haviam armazenado à entrada da caverna. Em

breve ardia uma pequena, se bem que reconfortante e agradável fogueira. A tosse de Kror não amainou, mas pelo menos agora o drahhreg estava quente e resguardado do frio. Mas não era suficiente. Hazabel queria chegar o quanto antes a Karatai, se lá conseguiria arranjar ajuda. Tanto quanto sabia, o jovem Thoryn podia estar a milhas de distância ou lá fora à sua procura. Irritava-a não saber. Kror não podia ficar doente, teria de o ajudar a recuperar, e depressa.

Fica aqui disse. Vou ver o que há dentro da caverna.

Kror limitou-se a acenar, tossindo. Hazabel levantou-se e caminhou pelo túnel adentro até desaparecer da vista do drahhreg e os seus tossidos se tornarem indistintos. Odiava o que ia fazer, mas a harahan fazia sempre o que fosse preciso para alcançar os seus objectivos. Tirou de uma bolsa um copo de chifre polido embutido com runas de um poder negro e incrustado com pequenas pedras pretas. Arregaçou as mangas e começou a entoar um cântico gutural. Descontraidamente, cortou o seu pulso esquerdo com a unha do indicador e, cerrando o punho, verteu o seu sangue em gotas contínuas para dentro do chifre. Quando o encheu quase pela metade, enfaixou o pulso com uma fita preparada para o efeito, tirou folhas de beladona e flores secas de dedaleira de outra bolsa e mastigou-as, por muito venenosas que fossem. Passado algum tempo, cuspiu uma pasta esverdeada para dentro do chifre, que originou um fumo negro assim que foi imersa no sangue escuro da harahan. Feito isto, Hazabel encaminhou-se de volta à entrada e encontrou Kror aconchegado às capas e a cuspir para dentro do fogo a cada vez que tossia.

Toma, bebe disse-lhe, entregando o chifre ao drahhreg.

Bebe, vai fazer-te bem disse Kerhex.

Vai fazer-te mais mal que bem comentou Sassiras's.

Kror aceitou o chifre, mal ouvindo as duas vozes, e tentou cheirar, mas o seu nariz estava entupido. Viu o líquido negro e espesso e franziu a testa, tossindo de seguida.

Bebe tudo. Vai fazer-te bem insistiu a harahan.

O drahhreg olhou mais um pouco, mas acabou por levar a cabeça atrás e verter o líquido para dentro da garganta arranhada. Tinha um sabor acre, férreo e completamente repulsivo. Kror fez uma careta e exalou ruidosamente, arregalando os olhos de seguida quando o seu estômago pareceu entrar em efervescência. O drahhreg curvou-se em dores, levando as mãos à barriga. A sua garganta apertou-se, o seu coração palpitou, a sua boca secou e os seus pulmões ardiam a cada custosa golfada de ar que inalava.

Vai magoar-te um pouco tranquilizou-o Hazabel, mas vai fazer bem à tua tosse.

Kror grunhiu de dor e contorceu-se no chão, enrolando-se nas capas. Hazabel também começou a sentir a fraqueza que o ritual trazia consigo e sentou-se, aquietando o drahreg com uma mão tranquilizadora.

Descansa agora. Vais ficar bom... Vais ficar bom... E as trevas da inconsciência taparam os olhos de ambos.

CAMINHOS SEPARADOS

A relva estava fresca debaixo das costas de Quenestil; molhada. Sentia o orvalho na pele e a sua frescura era revigorante, puxando-o para fora do mundo dos sonhos. Sentiu uma sombra a tapar a sua cara e algo quente agarrou o seu ombro e sacudiu-o. Os seus ouvidos também captaram algo, mas soava-lhe de maneira indistinta. Quis mexer-se, mas os seus membros estavam dormentes, duros, preguiçosos.

Então lembrou-se.

Eahanoir! gritou, sobressaltado, erguendo-se com a ajuda dos braços.

Aewyre assustou-se e caiu para trás contra Worick.

Ei, cuidado! berrou o thuragar.

Eahanoir, acordem! continuou o eahan a berrar, erguendo-se.

Quenestil, acalma-te! Estamos aqui disse Lhiannah, agarrando-lhe os ombros.

Os eahanoir! Eles...

Já percebemos, irra! sobrepôs-se Worick. Mas onde estão eles?

Eu não vi nenhuns... disse Taislin.

O shura pareceu então aperceber-se de que era de manhã e que os seus amigos estavam com ele. Mas os eahanoir... Slayra!

Slayra! exclamou, olhando para baixo, onde ela deveria estar. Onde está a Slayra?

Pensámos que soubesses... disse Aewyre.

Maldição, os eahanoir! Foram eles! O eahan parecia estar a recordar algo. Calou-se abruptamente quando reparou que todos olhavam atentamente para algo na sua garganta.

O que foi. ? perguntou, até que sentiu algo plúmeo com a sua mão ao esfregar o pescoço Agarrou-o e puxou-o, sentindo um estranho alívio.

Um dardo.

Deuses, os eahanoir! Levaram-na! Agora Quenestil lembrava-se de tudo. Vieram a meio da noite, acordei, vi-os, dispararam qualquer coisa contra mim e voltei a adormecer A Slayra estava ao meu lado, levaram-na! A repentina torrente de informações deixou os companheiros aturdidos, mas Quenestil empurrou-os para o lado e acocorou-se no chão, sentindo a relva com a mão.

Antes que alguém pudesse falar, o eahan correu pela clareira abaixo e parou na orla do bosque.

Leste... sussurrou. Eles foram para Leste gritou aos companheiros, correndo na sua direcção. Tenho de ir buscar as minhas coisas. Tenho de ir atrás de... calou-se de súbito, vendo os olhares de surpresa do grupo. Eu... emudeceu. Eu tenho de ir. Mas tu, Aewyre. A manopla, o drahreg, não te posso abandonar assim.. Eu... eu...

Quenestil, queres explicar-nos o que aconteceu, por favor? indagou o guerreiro, ainda várias frases atrás na conversa, tal como o resto dos companheiros.

O eahan exalou longamente para se acalmar e explicou a situação aos companheiros, cujas faces se foram tornando mais sérias à medida que Quenestil os esclarecia sobre os acontecimentos.

... e é isso. Tenho de ir atrás deles, mas... Olhou para Aewyre. Todos ficaram pensativos durante longos momentos. Quenestil

olhava para cada um alternadamente, mas sobretudo para Aewyre.

Meu amigo, não te posso pedir que venhas comigo disse o guerreiro por fim. Eu faço isto pela mulher que amei... Aewyre pareceu tremer, como se alguém lhe espetasse um alfinete. Tu farás o que tens de fazer pela mulher que amas. Ninguém disse nada, nem o eahan. Vem, vamos buscar o teu equipamento disse o guerreiro.

Silenciosos, os companheiros encaminharam-se para o acampamento e lá Quenestil empacotou as suas coisas, pôs o arco às costas num estojo de couro e tirou o seu quinhão de provisões; poucas, pois era o melhor caçador do grupo. Já pronto, foi ter com os seus amigos, que o aguardavam numa linha. Abraçou primeiro Aewyre, um genuíno e caloroso abraço de amigos.

Aewyre, tens a certeza? perguntou ainda o shura.

Vai, meu amigo. Faz o que tens a fazer assegurou-lhe o guerreiro, abraçando-o mais uma vez.

Vou ter contigo prometeu-lhe o shura. Vou recuperar a Slayra e vou ter contigo, nem que tenha de atravessar o Istmo Negro sozinho e esperar-te nas escarpas de Carcar-en-Moroth.

Deram fortes palmadas nas costas um do outro e apertaram as mãos com força.

Voltaremos a encontrar-nos, meu amigo jurou Quenestil.

Estarei à tua espera respondeu Aewyre.

Seguiu-se Allumno, que também se dignou a abraçar o eahan e lhe ofereceu duas caixas de latão com o seu unguento especial.

Podes vir a precisar...

Obrigado, velho amigo agradeceu Quenestil. Worick estava a seguir.

Adeus Worick. Toma conta deles. Desejo-te sorte disse o eahan e seguiu para Lhiannah.

Ei! exclamou o thuragar. Quenestil olhou para baixo e viu que a mão de Worick estava aberta e à sua espera. Ao menos despede-te como um homem.

O shura sorriu e deu um forte aperto de mão ao thuragar e os nós dos seus dedos roçaram uns contra os outros.

Vais no bom caminho, eahan assegurou-lhe o veterano, piscando-lhe um olho sem sorrir e apertando-lhe a mão.

Quando se dirigiu a Lhiannah, flectindo a mão discretamente, foi surpreendido pelo abraço e pelo beijo na face que a arinnir lhe deu.

Segue o teu coração, Quenestil disse, sorrindo.

Assim que se recuperou, o eahan sorriu de volta e retribuiu o abraço.

Tu também, Lhiannah sussurrou-lhe ao ouvido e deixou-a perplexa para trás, ajoelhando-se à frente de Taislin.

Meu pequeno amigo... disse, abraçando o burrik. Não sei como vou aguentar viajar sem a tua eterna boa disposição.

É simples. Lembra-te da cara do Worick e tens gargalhadas garantidas para toda a viagem.

Apesar da situação, todos riram quando o thuragar iniciou a perseguição do burrik, brandindo o martelo e proferindo palavras capazes de envergonhar uma pedra.

Babaki era o último.

Meu amigo... O eahan tentou abraçar o antroleo, mas a sua enorme mão impediu-o.

Vou contigo, Quenestil declarou, para a surpresa de todos.

Fere-me o coração abandonar-vos, meus amigos, mas a minha primeira dívida de honra é para com o Quenestil. Salvaste-me a vida naquela fossa, agora ela é tua.

Nem o eahan nem nenhum dos companheiros esperara tal coisa, mas ninguém podia ou queria dizer algo em contrário.

Aewyre...? perguntou o antroleo.

Vai com ele, Babaki. Não precisas da minha autorização. Mas vamos todos sentir a tua falta.

Para a sorte de Taislin, houve outra ronda de despedidas e Worick voltou relutantemente atrás a pedido de Lhiannah, que abraçou o antroleo afectuosamente.

Toma conta de ti, Babaki disse, emocionada.

O antroleo deu-lhe palmadinhas reconfortantes nas costas e afastou-a para ver a sua cara.

Posso pedir-te uma coisa? perguntou.

O que quiseses.

Gostava... gostava de levar uma madeixa do teu cabelo comigo.

Se pudesse, o antroleo teria corado.

Lhiannah desembainhou prontamente a sua adaga e cortou um negalho do seu cabelo, que entregou ao antroleo.

Guardá-lo-ei como uma recordação da tua beleza e coragem, Lhiannah, para que delas não me esqueça até ao dia em que os deuses me concedam a dádiva de te ver outra vez.

Lhiannah abraçou o antroleo mais uma vez e esfregou a cara no seu grande ombro, talvez para limpar lágrimas. Babaki abriu a boca para lhe sussurrar algo ao ouvido, mas fechou-a outra vez. Quando largou Lhiannah e se endireitou, fitou os companheiros um por um.

Adeus, meus amigos disse, atirando a sua grande mochila para trás do ombro.

Ele e Quenestil encaminharam-se para a margem do bosque, dirigidos a Norte, e viraram as costas mais uma vez, acenando aos companheiros, que retribuíram.

Vamos, Babaki? perguntou o shura.

Vamos.

Obrigado, meu amigo agradeceu ainda o eahan. Avante, então!

E os dois caçadores lançaram-se numa corrida pelas árvores adentro até desaparecerem da vista. Lhiannah fungou e Taislin apertou-lhe a mão.

Eles voltam afirmou Worick de confiantes braços cruzados. Nada vai parar aquele eahan. Vendo que atraíra olhares surpresos para si, mudou o assunto depressa. Vamos ficar agora aqui à espera que eles voltem? Toca a andar...

Lançando um último olhar ao local onde o eahan e o antroleo haviam desaparecido, os companheiros seguiram Worick um por um. Lhiannah foi a última.

Quando Hazabel acordou, um fecho de luz do sol cortava a escuridão da caverna e parecia traçar uma barreira entre ela e o drahreg que dormia, agitado a seu lado. Bagas de suor aglomeravam-se na sua testa e Kror não parava de se mexer durante o sono. A cura vinha com um preço, e tanto o drahreg como Hazabel estavam a pagá-lo. A harahan tentou levantar-se, mas estava enfraquecida e decidiu permanecer sentada. Pensando em maneiras de passar o tempo até Kror acordar, ocorreu-lhe que já não comunicava com o seu mestre há bastante tempo. Tirou a tiara de um bolso apressadamente, colocou-a na testa, lançando um último olhar a Kror para se Sertificar de que dormia e fechou os olhos. Concentrando-se, em breve avistou a névoa espiritual e a silhueta do seu mestre não tardou a aparecer.

Minha querida Hazabel... já lá vai algum tempo...

Mestre, eu...

O que tens feito sem me consultar, bruxa idiota? cuspiu o mestre. Há *semanas* que não oiço uma palavra tua. Que fazes?

Tenho aquilo que Aewyre Thoryn quer e ele virá a mim disse a harahan, mantendo a calma. E o vosso outro servidor, mestre? Que tem ele feito? Da última vez que vi o jovem Thoryn, ele pareceu-me muito bem de saúde...

A silhueta escureceu.

São assuntos que não te dizem respeito. Se tu falhares, ainda o tenho a ele. Mas tu *não* me vais falhar, pois não, querida Hazabel?

Trar-vos-ei Ancalach, com a cabeça de Aewyre Thoryn espetada nela jurou a harahan, apesar de ser a cabeça do seu mestre que ela desejava na ponta da espada.

Muito bem, vejo que continuas motivada. Faz isso então... ah, a propósito: a rapariga come como uma loba e ri como uma inebriada. E está a ficar bonita, Hazabel. Muito bonita. Certamente rivalizará com as mais belas mulheres da corte quando crescer.

É o sangue siruliano do pai, de certeza explicou Hazabel. Parece que a essência dos escolhidos de Sirul corre forte nas veias do jovem Thoryn.

Esplêndido. Não queríamos que ela se tornasse numa megera como tu, pois não? Riu-se e Hazabel ardeu em fúria. Não fiques ofendida. Sabes que és muito bonita, não sabes?

Sim... *mestre*.

Muito bem. Agora deixa-me. E *mantêm-me informado*. E desapareceu.

Hazabel rosnou, arrancou a tiara da sua testa e atirou-a com força contra a parede da caverna. A peça não se partiu e rodopiou pelo chão após a queda.

Maldito desgraçado! gritou, levando a mão de seguida à boca e olhando para Kror. O drahreg dormia, febril.

Suspirando de alívio, a harahan levantou-se, oscilando devido à fraqueza, e foi buscar a tiara.

Vou encontrar maneira de te destruir, humano miserável jurou. Morrerás, mesmo que não seja pelas minhas próprias mãos.

Hazabel maldisse o dia em que fora invocada no círculo profano que o seu mestre fizera (como, não soube dizer) e a condenara a esta vida de servidão. De onde vinha o poder do maldito? Como conseguia ele mantê-la ao seu serviço após tanto tempo? *Uma* tarefa, era o que o círculo a obrigava a efectuar. Uma, não mais. Mas o poder dele sobre ela não diminuía. Apenas o seu ódio aumentava.

Vou destruir-te, desgraçado. Serei a causa da tua ruína, se nada mais for.

Tentando acalmar-se, sentou-se ao lado de Kror outra vez e sentiu-lhe a temperatura. O drahreg estava quente.

"Resta-me esperar...", pensou a harahan, desanimada. Teria de aguardar pelo menos este dia até que o drahreg estivesse restabelecido.

Resignada, recostou-se na parede de pedra fria e fechou os olhos para recuperar também as suas forças.

"Aewyre Thoryn... Mestre... os dois serão meus... meus..." E adormeceu.

A BATALHA DO VALE DOS VENTOS

Os companheiros caminharam, infatigáveis, durante umas longas sete semanas. Passaram das serras para as vertentes das montanhas da Cinta, onde proliferavam pinheiros, rododendros e abetos. O Vale dos Ventos estava próximo, a passagem para as inóspitas Estepes de Karatai, lar dos temidos ocar. Aewyre sentia que Kror estava perto, muito perto, tendo em conta a distância que os separara até agora. O terreno era íngreme, sempre a subir e os companheiros haviam andado bastante. Apesar do ar frio e seco, Aewyre e os outros transpiravam, exalando longos arquejos de ar condensado.

Que tal, Aewyre? perguntou Allumno, inclinado sobre Alfarna, que subia a encosta com facilidade.

Ele está muito perto... será desta que o apanhamos? As suas próprias palavras apressaram as suas pernas e o guerreiro tornou a subir com renovado alento. Não só a vontade de recuperar a manopla; sentia uma necessidade de combater o drahreg, testar o seu aço contra o dele.

Aewyre, espera! disse Worick, parando.

O que foi?

Não o sentes? Há algo no ar... não oiço pássaros.

Bem, já não estamos propriamente na floresta... sugeriu Taislin.

Não, estúpido. Há algo no ar, como uma tempestade que se avizinha... as pedras vibram, tenuemente, mas vibram...

Vibram? perguntaram todos ao mesmo tempo.

Sim... como... o thuragar fechou os olhos como o tropel de cascos.

O silêncio abateu-se sobre o grupo. De facto, não se ouvia mais nada, até que um ruído distante se fez sentir, contínuo, indistinto, porém poderoso, como o de uma marcha longínqua.

O que é que se estará a passar? perguntou Aewyre ao ar.

Espero que não seja o que penso... respondeu Worick, retomando a marcha antes dos outros. Venham, vamos ver.

Continuaram a caminhar pela vertente, cujas depressões os forçavam ora a subir, ora a descer, até que avistaram algo à distância.

Que é aquilo? perguntou Worick, cerrando os fracos olhos. Uma muralha?

O que sobra dela clarificou-o Aewyre.

De facto, assim que chegaram mais perto, depararam com pouco mais que um monte de pedras caídas e cinzas há muito apagadas do que deveriam ter sido parapeitos de madeira da muralha. Certas partes ainda constituíam uma barreira, por mais obsoleta que fosse devido aos inúmeros buracos e brechas, mas pouco sobrava da antiga muralha que deveria ter servido de barreira contra os cavaleiros das estepes.

Pedras me partam... eu não disse que estes Latvonianos não sabiam construir? disse Worick, escandalizado.

Ninguém se pareceu importar com as pedras.

Então é mesmo verdade... disse Lhiannah.

Temo bem que sim anuiu Allumno. Se os Latvonianos falharem, Nolwyn poderá estar a braços com uma invasão.

Ninguém disse mais nada, apenas Worick continuou a resmungar, dando pontapés em pedras e derrubando montes de cascalho.

Devemos ir com cuidado advertiu Aewyre. Vejamos se há caminhos que passem ao lado do vale.

Brilhante ideia... comentou Lhiannah. Aewyre fingiu não ouvir.

O grupo acabou de subir a ladeira que parecia dar a um trilho e todos menos Worick e Allumno arquejavam ao chegar ao topo. O thuragar também era o único que não apoiava as mãos no joelho e apressou-se a subir uma grande rocha para contemplar o vale que se estendia por baixo.

Era uma magnífica vista, o Vale dos Ventos. Dizia-se que fora formado por uma enorme massa de gelo que serpenteou pelas montanhas durante a Era Glacial. Chamavam-na "glaciar" nas terras nórdicas e Worick nunca vira nenhum, mas contemplava agora a sua obra com espanto. Estreito, apesar de extenso, um grande vale em forma de U,

prolongava-se até onde a vista alcançava, fendido em dois mais ao fundo por uma encosta montanhosa de aresta inclinada. Vários vales escavados por glaciares afluentes alcandoravam-se sobre o nível do vale principal, como caudais de rios secos. Era um vale verdejante, com algumas extensões rochosas e encontrava-se parcialmente coberto por neblina. Nele, Worick avistou o exército.

Encontravam-se à roda de quinze mil latvonianos aglomerados em apertadas formações: lanceiros como os que vira na torre de Iwansk, armados de compridas lanças e grandes escudos amendoados; arqueiros com longos arcos de teixo, protegidos por paveseiros, homens que carregavam enormes escudos de madeira e couro; cavalaria leve armada de espada, lança, escudo e protegida por armaduras de couro; infantaria leve sem qualquer armadura mas com grandes escudos quadrangulares de madeira e uma série de dardos e lanças de arremesso às costas e nas mãos; e homens desarmados que tentavam acalmar os seus possantes cães de guerra, que ladravam de excitação.

Pedras me partam... praguejou.

Worick... arfou Aewyre, subindo a pedra, afinal o que... e emudeceu.

Pois é... desta é que não estávamos à espera...

Apressemos-nos então, antes que sejamos apanhados no fogo cruzado! disse Lhiannah num tom imperativo que não passou despercebido a Aewyre.

De facto, estamos fora do alcance deles... corroborou Allumno.

Isso querias tu, mago gozou Worick. A menos que sejam muito estúpidos, eles ou quem quer que eles vão enfrentar vão utilizar as encostas e vertentes para a sua vantagem. Este vale é ideal para manobras.

Passaremos despercebidos? perguntou Aewyre. Worick encolheu os ombros.

Se formos com cuidadinho, se soubermos esconder-nos, se não depararmos com nenhum batalhão, somos bem capazes de conseguir. Mas há sempre um risco.

Sinceramente, Worick repreendeu Allumno. Posso não ser grande estratega, mas com tantos caminhos, se formos pelo mais alto, como poderemos encontrar alguém?

O thuragar voltou a encolher os ombros.

-Já vos dei a minha opinião. Façam como quiserem agora...

Os companheiros já discutiam há algum tempo e os latvonianos não se haviam mexido. Worick advertiu para o perigo de batedores, mas achou improvável que fossem investigar o terreno atrás do corpo do seu próprio exército.

Ei! exclamou a voz aguda de Taislin. Venham cá ver isto. O burrik estava deitado de barriga em cima da rocha e acenava

aos companheiros que se aproximassem. Worick e Aewyre foram, seguidos pelos outros, e as armaduras de ambos roçaram na pedra áspera

Olhem ali. Indicou o fundo do vale, perto da encosta montanhosa em aresta que o fendia, onde a neblina se dissipara.

Cavaleiros, diferentes de quaisquer outros que os companheiros alguma vez haviam visto. Àquela distância era difícil ver detalhes, mas as suas montarias pareciam mais pequenas que cavalos e tinham pêlo com tom alaranjado. Os reputadamente incansáveis hemíonos. Dos seus cavaleiros via-se pouco, excepto que todos tinham arcos curvos como o de Quenestil e que vestiam leves armaduras de couro.

Vai haver uma valente safarrascada.. disse Worick.

Aqueles são...? tentou Lhiannah perguntar.

Sim, o carr esclareceu o thuragar com um ligeiro tom de desconforto na voz, pois nunca enfrentara os cavaleiros das estepes.

A horda estacou, ainda parcialmente oculta pela neblina que se desvanecia lentamente. Um deles cavalgou, um homem que transportava um estandarte com um crânio chifrudo, crinas e caudas. Outro cavaleiro cavalgou na sua direcção, sem brasão mas com um ramo de azevinho na ponta da lança como sinal de paz.

O que leva ele? perguntou Worick, cerrando os seus fracos olhos como se pudesse forçar a sua fraca visão.

Por que não leva o latvoniano também um estandarte? indagou Aewyre, parecendo esquecer-se da pergunta do thuragar.

Deve ser uma aliança de vários senhores da guerra esclareceu Allumno, apontando para os inúmeros estandartes nas fileiras latvonianas. Não poderia haver um único estandarte.

Então devíamos ir agora disse Worick. Aewyre concordou com um aceno de cabeça.

Vamos, então E puseram-se apressadamente a caminho.

Apenas Taislin, movido pela insaciável curiosidade tão característica da sua espécie, caminhou pela beira do caminho, ocultando-se discretamente por detrás de rochas e arbustos e árvores enquanto apanhava breves vislumbres da cena que se desenrolava no vale em

baixo. Ficou para trás, mas isso não importava. Não queria perder um momento de algo tão interessante. Uma batalha! Nunca vira uma batalha.

Os dois porta-estandartes encontraram-se à distância de um tiro de arco de ambos os lados e pareceram parlamentar, com gestos calmos e cuidados no início, mas que se foram tornando mais bruscos à medida que a conversa se prolongava.

”Então? Uma batalha é isto?”, pensou o burrik. *”Já vi piores conversas entre o Aewyre e a Lhiannah...”*

Os dois porta-estandartes pareceram ficar aborrecidos, pois ambos viraram as costas um ao outro e cavalgaram em direcção aos seus.

A tensão no vale era mais espessa que a neblina que ainda ocultava os oarr, o nervosismo bem visível na seara de lanças que se mexiam nervosamente como espigas de trigo agitadas pelo vento. O único ruído que se ouvia era o dos cães que ladravam raivosamente, cheirando os hemíonos que haviam sido treinados a odiar, o do tilintar dos arreios e o ranger das selas, os resfôlegos nervosos dos cavalos e os toques entre hastes de lanças. Ninguém queria tomar a iniciativa.

”Então? Agora ficam a olhar uns para os outros?”, pensou Taislin. Afinal, a guerra não era nada como o impaciente burrik esperara. Mal sabia ele quão certo estava.

Inesperadamente, um estandarte de crinas balanceantes dos oarr foi baixado e os cavaleiros das linhas da frente incitaram os seus hemíonos a galope, cavalgando numa formação de três linhas, cada uma delas quase cobria a largura do vale. O tropel dos seus cascos em breve se tornou num trovão crescente, aumentando de intensidade e fazendo o chão tremer.

Começou! guinchou Taislin para os outros.

Então não fiques aí, imbecil! respondeu-lhe Worick. Anda, enquanto temos tempo!

”Ora, eles não chegam aqui...”, pensou. *”Bem posso aproveitar e continuar a ver.”* E prosseguiu com a sua marcha saltitante.

Os cavaleiros das estepes levaram flechas aos seus arcos curvos e o ar vibrou quando os fios foram soltos. Uma chuva de setas caiu sobre as linhas latvonianas que, ao comando dos seus capitães, haviam erguido os enormes escudos amendoados, que ficaram cravejados de hastes. A primeira linha de oarr ficou para trás e foi ultrapassada pela segunda, que lançou uma nova salva de setas, abrandando de seguida e sendo por sua vez ultrapassada pela terceira linha, que lançou as suas flechas. Assim, a segunda e primeira linhas da formação que ficaram

para trás cobriram a retirada da terceira de modo a que esta ficasse fora de alcance dos arqueiros latvonianos antes que estes pudessem responder. Os homens do Leste não se mexeram, apesar de alguns soldados terem inevitavelmente sido vitimados pela chuva de flechas. Sabiam que a vantagem era deles neste vale apertado que dificultava a mobilidade dos ocar. Os cães espumavam da boca, mas os seus donos não os soltavam. A formação dos ocar voltou para trás, reagrupou-se e partiu para uma nova investida.

”Então? E os outros ficam parados?”, interrogou-se Taislin. *”Vão ficar a servir de almofadas de alfinetes?”*

Os cavaleiros das estepes repetiram a manobra três vezes e à terceira os poderosos arcos longos latvonianos foram soltos e a maré de flechas viu-se invertida para o lado dos ocar. Hemíonos relincharam, homens gritaram e caíram. A linha latvoniana avançou cautelosamente.

”Bem respondido!”, Taislin decidira que estava do lado dos homens do Leste. *”Mas por que fica o resto do exército parado?”*

As três linhas ocar retiraram, cavalgando apressadamente, voltaram a reagrupar-se e outros cavaleiros preencheram os lugares que os mortos haviam deixado. Tornaram a investir e desta vez a formação partiu-se em três, que atacaram ao mesmo tempo. Voaram setas de ambos os lados e mais homens caíram e mais hemíonos relincharam, alguns em agonia mortal. Apenas uma das três partes da formação fora atingida e as outras voltaram atrás ilesas, voltando a reagrupar-se perto do corpo principal do seu exército. Partiram numa nova investida, sem gritos, sem trompas, nada. Um ataque mortal e silencioso que deveria ir exaurindo o exército inimigo aos poucos e poucos. Mas o vale era apertado, estorvando a mobilidade dos ocar e teriam de fazer as coisas de maneira diferente...

Mais flechas voaram, mais homens caíram, mas desta vez as linhas traseiras do exército ocar iniciaram um rápido galope, revelando os seus vastos números ao sair da neblina que os encobria até então. Enquanto os cavaleiros da formação inicial voltavam para trás, a surtida inesperada trovejou para a frente e uma tempestade de flechas caiu. Os gritos de morte foram sonoros desta vez, acompanhados pelo ruído oco de flechas a furarem madeira. Os arqueiros latvonianos ripostaram e os cães foram por fim soltos, rosnando e ladrando selvaticamente enquanto corriam de forma errática em direcção aos hemíonos. Os ocar cobriam a sua retirada com flechas, mas os arqueiros latvonianos também continuaram a disparar enquanto a infantaria, os lanceiros e os cavaleiros avançavam, urrando a plenos pulmões.

Mas que maricas! disse Taislin.

O quê? berrou Worick, tendo ficado para trás devido à dimensão das suas pernas.

Eles estão sempre a bater e a fugir! protestou o burrik.

Mas ainda estás a ver isso? Mexe esse teu rabo para aqui, inconsciente! barafustou o thuragar, correndo para Taislin e agarrando-o pelo colarinho antes que ele o tivesse visto. Temos de sair daqui, e depressa!

Mas a batalha...

Esquece a porra da batalha! Mexe-te ou arreio-te à martelada! Worick puxou Taislin e empurrou-o à sua frente, impedindo-o de ver a retirada dos ocarr. Pelo menos, parecia uma retirada. Os cães mordiam as patas dos hemíonos, que escoiceavam, apavorados, derrubando os seus cavaleiros, que depois eram mortos pela infantaria. Os cães haviam sido treinados apenas a amedrontar os cavalos, e cumpriam a sua função muito bem. Muitos ganiram ao ser atingidos por uma flecha, mas os temerários animais não paravam. Os arqueiros latvonianos iam ficando para trás, pausando alternadamente para disparar flechas e a cavalaria cavalgava com afinco, espetando as suas lanças nas costas de cavaleiros inimigos. Parecia de facto uma debandada geral, até que os ocarr chegaram à aresta da encosta ainda coberta de neblina.

Então a verdadeira batalha começou.

Mas anda em frente, pedras te partam! berrou Worick, puxando Taislin violentamente para trás ao ver que o burrik fazia tenções de ir espreitar por cima das rochas.

Mas o fragor da luta sobrepôs-se à voz do thuragar. Como se a própria Cinta gritasse, gritos e urros de homens propagaram-se pelas encostas do Vale dos Ventos, ecoando pelas montanhas.

No momento em que os ocarr em debandada haviam alcançado a encosta que fendia o vale em dois, uma enxurrada de mais cavaleiros das estepes rompeu pelo outro lado, escorrendo pelo flanco do exército latvoniano, jorrando setas. Tomados de surpresa pelo inesperado ataque, muitos homens tombaram e vários outros ficaram feridos, mas a enxurrada continuou a sua cavalgada, impedindo qualquer reacção da parte dos latvonianos com constantes saraivadas, até chegarem aos arqueiros desprotegidos, apoiados apenas pelos paveseiros. Em questão de segundos, o exército latvoniano ficara dividido em dois e o apoio dos arqueiros fora vedado à infantaria e cavalaria. Os arcos

longos dispararam na mesma detrás dos pavezes, mas com os cavaleiros de arco o carr viera também a sua cavalaria mais pesada, armada de lanças e escudos. Esses investiram contra o círculo de pavezeiros e, apesar de vários tombarem devido aos arqueiros latvonianos, o choque quebrou os pavezeiros, que não eram treinados para resistir à temível carga de cavalaria. Os arqueiros duraram pouco mais.

Do outro lado, os comandantes latvonianos tentavam organizar as tropas desmoralizadas, excepto os bravos cães de guerra, que corriam à solta entre as formações de carr, semeando o caos, mordendo patas, morrendo pisoteados ou trespassados por lanças. Aproveitando a confusão, a infantaria lançou uma salva de dardos e lanças de arremesso para os cavaleiros das estepes que haviam ficado mais para trás, juntando de seguida os seus escudos aos dos lanceiros. Os carr aglomeraram-se mais uma vez, sabendo que uma firme muralha de escudos dificilmente seria quebrada por flechas. Mantiveram uma constante chuva de setas, no entanto, esperando que a sua cavalaria pesada se recuperasse.

Houve então um breve intervalo, durante o qual o ar ficou cheio de gemidos, choros e lamentos de carr e Latvonianos que morriam ou que sabiam que iriam morrer.

A reserva do exército de Latvonianos, apareceu então, arqueiros e pavezeiros flanqueados por cavalaria leve, e alterou a situação difícil dos latvonianos. Nesse momento, o corpo principal do exército dos homens do Leste, lanceiros e infantaria, encontrava-se cercado pelos arqueiros montados e pela cavalaria pesada dos carr, que agora via a inesperada reserva a aproximar-se pela sua retaguarda. Poderia dizer-se que os exércitos se encontravam num precário impasse, que pendia ligeiramente para o lado dos cavaleiros da estepe.

Nenhum dos exércitos se moveu, excepto a reserva, que avançava cautelosamente.

Os companheiros passaram apressadamente por um carreiro no declive de um dos vales alcandorados que dava para o campo de batalha. Taislin ainda vislumbrou os exércitos parados antes que Worick o empurrasse em frente.

Então? Tanto barulho e agora estão parados outra vez?

O thuragar resmungou vitupérios e continuou a empurrar o burrik.

Despachem-se vocês os dois! sibilou Aewyre. Apesar da distância que o separava dos exércitos, não ousou levantar a voz.

Esperou até que Worick e Taislin lhe passassem à frente para retomar a marcha através do caminho oculto do campo pelas árvores e rochas. Também ouvira o clamor da batalha (quem não ouvira?

A e ele deixara-o francamente apavorado. Os contos de guerra que ouvira não diziam nada sobre uma sensação de aperto no estômago ou pernas trêmulas, e isso só de ouvir os sons da batalha. Também vislumbrara cenas do combate, vira a incrível velocidade com a qual a cavalaria ocorr se havia precipitado contra os paveseiros, o estrondoso choque que havia estraçalhado escudos e homens, vira a mancha negra no ar que nada mais fora que uma chuva de setas, ouvira os hemíonos a zurrarem de dor quando cães lhes haviam dilacerado as patas e vira os seus cavaleiros caídos a serem trespassados por lanças no chão como javalis durante uma caçada. Não era isso que as histórias contavam. Nas histórias só havia os maus e os bons (quem era pior aqui, latvonianos ou ocorr?), nobres cavaleiros que destruíam o exército inimigo com uma única carga, homem contra homem, aço contra aço, mas não isto...

Aewyre! A voz de Worick acordou o guerreiro.

O quê? perguntou este, mas o thuragar indicou-lhe apenas o ar.

Aewyre escutou... e ouviu o tropel de cascos.

Pelas profundezas de Asmodeon! praguejou. Escondam-se!

Mas os outros já se haviam escondido. Allumno puxara *Alfarna* consigo para detrás de uma grande rocha e Lhiannah refugiava-se atrás de um denso arbusto, arco curto na mão. Taislin desaparecera de vista e Worick correu a ocultar-se por detrás de um pedregulho mais à frente. Aewyre não o seguiu, mas escondeu-se atrás de uma grande rocha arredondada. O carreiro era apertado e ladeado por árvores e rochas, ideal para uma emboscada, mas isso seria coisa de loucos. Estavam entre dois exércitos, e tanto um quanto o outro poderiam matá-los se os vissem.

O ruído de cascos aproximou-se.

Aewyre desembainhou Ancalach e empunhou-a com as duas mãos. Quantos seriam eles? Vinte? Duzentos? Dois mil?

O guerreiro já ouvia o rangido das selas.

Não, teriam de ficar quietos. Não se poderiam mostrar, isso seria... seria?

Um quadrúpede resfolegou, bastante perto.

"Não. Não haverá outra invasão ocorr. Não se eu puder fazer algo a respeito... nem que seja só isto"

Descurando quaisquer cuidados e toda e qualquer precaução, saltou para cima da rocha e, com um grito de guerra, varreu o ar à sua frente com Ancalach. Uma cabeça de ocarr voou pelo ar, deixando um carreiro de sangue atrás de si. Aewyre nem viu o que aconteceu ao corpo, continuou a olhar em frente e viu outro cavaleiro das estepes. Os seus olhares cruzaram-se, mas o guerreiro mal reparou nas feições do seu inimigo, dando continuidade ao movimento e desferindo um corte transversal com a espada, que cortou o trapézio do cavaleiro e lhe partiu a clavícula, enterrando-se-lhe na garganta. O ímpeto do hemíono foi o suficiente para que Aewyre soltasse a espada da carne do adversário, levando um pé atrás para manter o equilíbrio enquanto o ocarr levava a mão ao trapézio, tentando estancar o sangue que jorrava aos borbotões da horrível ferida. O terceiro ocarr a aparecer à sua frente já tinha o arco na mão e uma flecha a meio caminho. Totalmente possuído pelo júbilo da batalha, Aewyre saltou para cima dele e Ancalach trespassou o peito do ocarr de um lado ao outro. Cara a cara e abraçado ao seu inimigo, Aewyre pôde observar-lhe as feições enquanto ambos caíam da montaria. A sua cara larga e chata tinha pele escura, mas o que mais atenção chamava eram os olhos ovais, que estavam arregalados na surpresa da morte inesperada. Não reparou em mais nada, pois o contacto com o solo não tardou e o guerreiro teve de se erguer, puxando Ancalach do peito do moribundo. Dois ocarr cavalgavam na sua direcção, incitando as suas montarias e brandindo sabres enquanto outros atrás levavam setas aos arcos. Aewyre preparou-se para o choque, quando a cabeça e parte do cabo de um martelo se projectaram detrás de uma rocha, fazendo com que o hemíono tropeçasse e caísse violentamente de frente, derrubando o seu cavaleiro. Worick saltou então para o carreiro, urrando e levando o seu poderoso martelo com ímpeto contra a cabeça de um outro hemíono. O denso crânio do animal estalou ruidosamente e os seus olhos rolaram para cima quando caiu, levando um ocarr praguejante atrás, que viu de seguida a cabeça do martelo do thuragar a descer contra a sua. Uma seta de Lhiannah alojou-se no peito de um ocarr montado, que levou a mão à haste, grunhindo de dor. O seu companheiro apontou o arco à arinnir descoberta, mas Taislin saltou para cima da sua sela e enterrou duas adagas profundamente nos pulmões do homem. Quando as costas deste se arquearam para trás, o fio das adagas deslizou pela sua garganta e o ocarr caiu, contorcendo-se em convulsões de morte no chão. O hemíono empinou-se e orneou, mas Taislin conseguiu agarrar as rédeas e fez com que o animal virasse para trás, bloqueando o caminho a outros ocarr

montados. O burrik riu-se para dentro e deu dois violentos golpes de calcanhar nas costelas do animal, que começou a galopar em frente contra os oarr que se aproximavam. Estes evitaram o animal desvairado e perderam os companheiros de vista nesse breve instante, no qual eles se esconderam mais uma vez nas rochas.

Para os Infernos com os músculos que te crescem na cabeça, Aewyre Tborn! praguejou Lhiannah. Que ideia foi essa? Olha em que linda situação nos meteste agora, contra um batalhão de oarr! inspirou fundo, pronta para tudo e a sua coiraça raspou contra a superfície pétrea quando a arinnir colocou outra flecha entre os dedos.

Worick esperou, paciente. O seu martelo pingava sangue e tinha pedaços de cabelo colados na cabeça. Onde estava a Lhiannah? Bom, desde que a rapariga se limitasse a usar o arco, não teria de se preocupar. Esfregou o cabo da sua arma pensativamente. Sete oarr para cada um deles, e o efeito surpresa desvanecido. Já ouvia o ruído dos cascos à medida que os cavaleiros das estepes se iam posicionando, ouvia o retesar de fios de arcos curvos. Mas por que nunca enfrentavam inimigos em número igual?

De repente, fez-se ouvir um ruidoso clamor de batalha, o entrechocar de aço e madeira e o fragor de milhares de vozes a pronunciarem-se ao mesmo tempo.

A batalha recomeçara.

Os oarr praguejaram qualquer coisa, mas não saíram das posições, tementes do que as rochas escondiam. Ouviu-se um tropel pesado vindo de perto, o ruído que apenas cascos de possantes corcéis de guerra produzem. Os companheiros olharam para trás, mas as mesmas rochas e árvores que os ocultavam dos oarr impediam-nos de ver quem se aproximava.

Então Aewyre ouviu o silvo e o entrechocar de aço e quase bateu com a nuca contra a rocha.

Kror despertou, sobressaltado. Envolviam-no a sua capa verde rota e a capa negra de Hazabel, mas já não sentia frio e livrou-se de ambas. Olhou em redor e viu a humana plantada à entrada de caverna, olhando para ele com um ar preocupado.

Não te levantes. Há...

Ele está aqui! disse-lhe o drahreg. Hazabel não percebeu.

Deixa-te estar. Há humanos lá fora, muitos. Fica cá dentro senão...

Ele está aqui! repetiu Kror. Aewyre, ele está aqui, muito perto! E ele sabe que eu estou aqui.

A harahan ficou surpresa. Quanto tempo havia dormido? Como conseguira o jovem Thoryn apanhá-los?

Perguntas que teriam de ficar para depois, pois Kror fazia tenções de sair da caverna, de encontro a Aewyre Thoryn, sem dúvida. Com algum esforço, desencostou-se da parede e tentou bloquear o caminho ao drahreg. O feitiço para o curar deixara-a bastante fraca.

Não, Kror. Há luta lá fora, muitos humanos. Tu não deves...

Ele está lá fora insistiu o drahreg, empurrando-a gentilmente para o lado. O facto de o conseguir mostrava o quão fraca a harahan estava.

Kror, espera! pediu Hazabel, estendendo-lhe uma mão suplicante, mas o drahreg estava com olhos vítreos e não pareceu ouvi-la.

Kror... o drahreg estava perto. Aewyre crispou os dedos em Ancalach, cuja lâmina estava oleada de sangue. O guerreiro ouviu então as palavras arcanas de Allumno no meio do tropel cada vez mais próximo dos cavaleiros que se aproximavam e soube que o mago preparava um feitiço. Focando a sua mente na presente situação, flectiu as pernas e preparou-se.

Allumno ergueu-se das rochas, a gema na sua testa a resplandecer com poder e de cada um dos seus dedos singrou um raio branco crepitante que explodiu contra um oarr. Dez cavaleiros das estepes gritaram de dor e Aewyre e os outros tomaram isso como um sinal. Uma flecha de Lhiannah foi plantada no tronco de um oarr enquanto Aewyre e Worick saíam dos esconderijos e atacavam os cavaleiros, que haviam esperado tudo menos magia, que os pareceu assustar. Os dois guerreiros viram-nos, um grupo de uns bons sessenta em fila, mas não se importaram e investiram como possesos. Cinco caíram antes que os oarr conseguissem desembainhar as espadas. Aewyre aparou um corte e Worick partiu a perna a um hemíono, que tombou. Uma flecha de Lhiannah furou as costas de um oarr. Aewyre decepou o braço do seu adversário montado enquanto Worick enganchava outro com o bico curvo do seu martelo e o puxava para fora da sela. À volta dos dois só se viam pernas de hemíono, sabres, pernas apoiadas em estribos e mais sabres.

Então apareceu a Guarda de Syrith.

Jestiban comandava a carga, apontando a sua lança e envergando o seu escudo com o cavalo amarelo sobre a rosa branca e atrás dele vinham os restantes cavaleiros, todos de lanças em riste e gritando.

Por Vault-Syrith!

Pela princesa!

Pelo Corcel Amarelo!

Aewyre e Worick souberam sair do caminho da carga, cortando e martelando o seu caminho para fora do círculo de ocar. Os cavaleiros das estepes, apesar de mais numerosos, foram completamente surpresos e o choque foi impiedoso, uma ruidosa colisão de lanças contra corpos protegidos apenas por armaduras de couro. As hastes partiram-se com a força do impacto e os cavaleiros das estepes foram projectados para fora das selas, mas a Guarda de Syrith desembainhou as espadas triangulares e cortou e estocou sem piedade.

Pela princesa! gritavam.

Como se respondesse a um chamamento, Lhiannah largou o arco e surgiu no meio da peleja de espada em mão, gritando a plenos pulmões. Worick juntou-se-lhes e Aewyre preparou-se para fazer o mesmo, quando os pêlos nas suas costas se eriçaram e algo formigou no meio das suas omoplatas. Virou-se.

Era Krór.

AÇO CONTRA AÇO

O drahreg estava entre duas rochas, alfanges famintos desembainhados, alheio à sangrenta escaramuça que se desenrolava por perto. Só tinha olhos para Aewyre e o guerreiro nada mais via a não ser Kror.

A Ancalach refulgia, escarlate e sequiosa nas suas mãos. Aewyre saltou para cima de uma rocha e confrontou aquele que perseguira este tempo todo, aquele que o chamava, aquele cujas lâminas clamavam o seu sangue. Os dedos de ambas as mãos aliviaram um pouco do aperto no punho de Ancalach. Não seria a força a vencer este combate, Aewyre sabia-o. Sabia também que teria de dar tudo por tudo para derrotar o seu adversário.

Kror fitou-o com olhos vermelhos. Não arreganhou os caninos, não brandiu os seus alfanges. Uma gota de suor a mais poderia significar a derrota nesta luta. Os dois estudaram-se um ao outro e sentiram-se arrastar para um local longe da escaramuça, longe da montanha, longe de Allaryia. Só eles e as suas armas. O resto era o vazio. Os seus pés pareceram mexer-se por sua própria iniciativa e os dois guerreiros andaram em círculo, sem que os seus pés os traíssem nas traiçoeiras rochas. Por fim, Kror investiu.

Aewyre recuou para evitar um rápido corte para baixo e um alfange silvou perto do lugar onde o seu corpo estivera. Como mantivera Ancalach em riste, projectou-a para a frente em direcção à garganta de Kror, mas o corpo deste pareceu dar um solavanco e o drahreg evitou a estocada mortal, virando-se para o lado. Kror estava dentro da guarda de Aewyre e torceu as ancas para dar mais ímpeto ao alfange da mão esquerda, que mantivera afastada e que descreveu um meio círculo em direcção ao estômago do humano num golpe que

provavelmente lhe fenderia a coiracha. Com uma brusca torção de pulsos, Aewyre orientou Ancalach para baixo e para trás, ficando de lado para Kror e bloqueando o alfange. O drahreg levou o segundo acima e trouxe-o abaixo, mas relaxou a pressão no outro e Aewyre apenas teve de dar uma passada lateral para evitar o golpe. Vendo Kror com a guarda aberta, desferiu uma estocada na diagonal para baixo, visando a barriga da perna do adversário, mas este desviou o peso do corpo para a outra perna, retirou a visada e voltou a uma posição equilibrada.

Estavam feitas as apresentações. O combate podia começar.

Kror abateu-se sobre Aewyre, um remoinho de alfanges sibilantes, lançando reflexões da fraca luz do dia em padrões desconcertantes. Ancalach, mais comprida que as espadas curvas, varria o ar, mantinha o drahreg à distância, bloqueava um alfange e seguia para o outro, desferia cortes e rápidas estocadas. As pernas de ambos estavam em constante movimento; ora se esticavam ao máximo, ora se flectiam bruscamente, levando o peso atrás e à frente. Os olhos eram a única parte dos seus corpos que se mantinha fixa, um discreto cerrar traía um movimento, um fugaz piscar convidava um ataque. O ar vibrou com o clangor e o tinir de aço contra aço.

Jestiban enterrou a sua espada triangular na garganta de um ocurr, que deixou a sua arma cair e não tardou a tombar atrás dela. O seu cavalo relinchava, pingando saliva espumosa da boca e empinou-se quando um ocurr derrubado se dirigiu a ele, gritando e brandindo o seu sabre. Lhiannah levou a sua espada num arco horizontal e atingiu o homem em cheio no estômago. Este caiu, apertando a sua barriga rasgada com ambas as mãos e a arinnir acabou com o seu sofrimento espetando-lhe a espada no peito. A cabeça do ocurr que estava atrás da princesa de sabre erguido explodiu quando o martelo de Worick desceu.

Por todo o lado guardas de Syrith combatiam cavaleiros das estepes que, apesar de em maior número, estavam em desvantagem num combate corpo a corpo com cavaleiros de armadura. Allumno surgiu por cima de uma rocha e levou as mãos atrás, desenhando um arco flamejante que queimou os ocurr à sua frente. Um cavaleiro das estepes ainda teve a presença de espírito para levar uma flecha ao seu arco curvo, mas algo saltou para cima da sua montaria e mordeu profundamente os seus rins, uma mordidela fria que fez com que as suas costas se arqueassem bruscamente. Então algo frio deslizou pela

sua garganta e o calor escorreu-lhe pelo pescoço abaixo. Taislin empurrou o moribundo para fora da sela e deixou-se cair com ele, rebolando pelo chão em direcção à protecção das rochas.

Aewyre estocou em frente, penetrando o movimento de Kror, que cortara mais uma vez para baixo. Ancalach resvalou pelo alfange, em direcção à garganta de Kror. Apenas devido aos seus reflexos superiores conseguiu o drahreg desviar-se da ponta, mas a lâmina cortou um razoável talho no seu ombro. Kror grunhiu de dor, mas o seu outro alfange não estivera parado e o seu fio descreveu uma incisão no antebraço esquerdo de Aewyre.

O primeiro sangue fora derramado e os dois guerreiros afastaram-se respeitosamente para avaliar as feridas, sem no entanto tirar os olhos um do outro. Não eram ferimentos profundos, mas Aewyre colocou a sua mão direita por cima da esquerda no punho de Ancalach e Kror colocou o seu pé direito à frente, dando a entender que iria manter o braço ferido atrás. Ambos sabiam que eram gestos enganadores, mas não se importaram e tornaram a aproximar-se. Ancalach desenhava dois arcos transversais para manter distância e o pé esquerdo de Aewyre avançou quando a mão esquerda largou a espada e a direita desferiu um longo corte à sua frente. Kror recuou e avançou, rápido como uma cobra, e o seu alfange varreu o ar. Aewyre executou uma destra passada atrás, varrendo o ar por sua vez num movimento ascendente, que desviou a espada de Kror. O humano aproveitou para pressionar o seu adversário com rápidas varreduras que se convertiam em estocadas com breves torções de pulso. O drahreg apressava-se a ripostar com alfanges zumbidores, bailando uma autêntica dança mortal, mas a vantagem que o facto de usar duas armas lhe conferia era anulada pelos movimentos largos que efectuava com elas.

Então Aewyre perdeu um apoio para o pé e caiu para o lado, batendo com as costas couraçadas contra a pedra, e tombou no chão, onde a furiosa peleja se desenrolava. Kror saltou e um dos seus alfanges apontou para baixo. Aewyre rebolou para o lado e a ponta curva enterrou-se inofensivamente no solo batido do carreiro. O guerreiro evitou por pouco o casco de um cavalo e encostou-se a uma rocha, procurando apoio para se levantar. Um alfange desceu em direcção à sua cara e Aewyre teve de se desviar. A lâmina ressoou sonoramente ao embater contra a pedra e o braço de Kror vibrou e os seus dentes rangeram. Ancalach surgiu, impiedosa no seu flanco e partiu a sua armadura de couro, cortando carne negra. O drahreg grunhiu e afastou

a lâmina com um golpe de alfange, preparando-se para continuar a exercer pressão enquanto Aewyre se encontrava no chão. Um ocarrit gritou atrás de si quando uma lança se enterrou profundamente no seu peito, atirando-o para fora do cavalo. Um grito feminino fez-se ouvir e Kror reconheceu-o. Aewyre gritou qualquer coisa que se misturou ao som da escaramuça e, apesar de estar a rastejar de costas, orientou a ponta de Ancalach ao estômago do drahreg. Kror desviou a espada facilmente para o lado com um alfange e deu as costas ao seu adversário para afastar a estocada de Lhiannah.

A cara da princesa estava contorcida numa máscara de ódio e gritava como gritara da primeira vez que enfrentara o drahreg.

Lhiannah, não! gritou Aewyre, levantando-se ao ver que um ocarrit corria na direcção da arinnir.

Kror virou-se para ele mais uma vez, desferindo um corte em arco para trás, mas Aewyre bloqueou-o lateralmente, girou em si, aparou o segundo alfange, tornou a girar em si, passou por Lhiannah e travou o sabre do ocarrit num bloqueio duro. Os olhos ovais do seu adversário arregalaram-se de espanto antes de Aewyre lhe talhar a perna com um corte descendente e fender a cabeça em dois num golpe certo. O guerreiro virou-se para trás e viu Lhiannah, que ferroava como uma abelha tonta. Kror olhava para além dela, olhava para Aewyre, mas tinha de dar a sua atenção à princesa furiosa para desviar as suas relampejantes estocadas.

Lhiannah, sai daqui! berrou Aewyre, sem que o seu pedido tivesse sucesso. Lhiannah não ouvia nada a não ser os seus próprios gritos.

Aewyre ouviu passos pesados e virou-se a tempo de evitar um temível corte de sabre que descera com a intenção de o partir ao meio. O guerreiro ocarrit ainda foi hábil o suficiente para tentar desferir outro golpe, mas a meio do movimento Ancalach cortou-lhe a cabeça.

Kror cerrou os dentes de frustração e os seus olhos flamejaram. Com os dois alfanges, desviou a espada de Lhiannah para cima e girou em si.

Mata-a! disse Kerhex.

Não a mates! disse Sassiras's.

Kror desferiu uma forte cotovelada nas costelas de Lhiannah, que se contorceu para o lado e deixou cair a arma. Lançando um último olhar a Aewyre, que agora combatia dois ocarrit montados, o drahreg saltou para cima das rochas e dirigiu-se à caverna.

Taislin estava acororado atrás de um enorme pedregulho com uma adaga em cada mão Tentou encontrar uma abertura no acirrado combate, mas agora parecia-lhe difícil entrar naquele turbilhão de braços, cavalos e aço Procurou então uma posição melhor e ouviu o ruído de algo a ser arrastado atrás de si. Virou-se e pegou nas pontas quentes de sangue das suas adagas, pronto para as arremessar, quando viu uma mulher vestida inteiramente de negro a puxar uma grande sacola atrás de si para fora de uma fenda nas rochas Os olhos da mulher arregalaram-se quando avistou o burrik, mas este suspirou brevemente de alívio

Esconda-se, senhora. É perigoso para si ficar cá fora' gritou, mal se sobrepondo aos ruídos da batalha

Mas uma voz conseguiu-o

Taislin, imbecil, olha para cima! berrou a possante voz do thuragar atrás de si

O burrik assim fez e engasgou ao ver o drahreg de alfanges desembainhados a olhar na sua direcção As adagas de Taislin voaram contra ele, mas o drahreg saltou para o lado, ressaltou numa rocha e aterrou perto do burrik com a graciosidade de um gato, fitando-o com olhos vermelhos Worick urrou e principiou a correr na sua direcção

Mata-o! tornou Kerhex a dizer

Não o mates! insistiu Sassirass

O drahreg bateu com o pomo do seu alfange na cabeça de Taislin, derrubando-o

Humana, anda! gritou, dirigindo-se a ela e puxando-a pela manga. Temos de ir!

Não! A sacola?

Deixa-a. Temos de ir, repetiu e puxou-a

A mulher pareceu gritar algo, mas o drahreg ignorou-a e empurrou-a para cima de uma rocha Worick surgiu e o seu martelo lascou a dura rocha quando o drahreg evitou o golpe Um alfange desceu contra o thuragar, mas este bloqueou o golpe com o escudo acoplado à sua manopla Quando Worick se preparou para uma nova investida, o drahreg saltou agilmente para cima da rocha e desapareceu atrás dela

Volta aqui, seu monte de esterco preto! praguejou o thuragar em vão, agitando o martelo

Pouco mais de vinte ocarr conseguiram fugir, incitando os hemíonos a cavalgar desvairadamente para longe daquele desastroso combate.

Paralelamente, os ruídos da batalha no vale também cessaram e foram substituídos pelo desesperado tropel de quem fugia da batalha. Não se ouviam gritos de vitória, no entanto, apenas gemidos.

O carreiro onde o combate se desenrolara estava repleto de corpos. Quase cinquenta cavaleiros das estepes jaziam mortos ou a morrer, apanhados entre magia e espadas e lanças num local apertado no qual a sua mobilidade não lhes pudera valer. Por cima, por baixo ou ao lado desses estavam os corpos de nove guardas de Syrith. Um bom balanço, mas isso de pouca consolação serviu a Jestiban Kilune, seu comandante, que dizia os nomes de cada um dos soldados tombados em voz alta e encomendava as suas almas a Gilgethan. Lhiannah, Aewyre e Worick estavam a seu lado, cabeças solenemente baixas enquanto Allumno tratava dos feridos.

... Keff Irandi, leal Guarda de Syrith. Que alcances o pináculo da tua montanha finalizou Jestiban, sempre calmo.

Lhiannah pôs uma mão no ombro do comandante.

Jestiban, eu sinto muito. Sofro por ver homens bons e leais ao meu pai e a mim, morrer.

Eu sofro por ver *bons* homens morrer... princesa. Lhiannah nada disse.

Obrigada... salvaram a minha vida e a dos meus amigos.

Sempre a cumprir o dever... princesa disse o comandante secamente.

Jestiban, por favor, não fiques amargurado pediu Lhiannah. *"Eu sei o que estás a pensar. Se eu não tivesse fugido, estes homens ainda estariam vivos... e é verdade."*

Os homens seguiram-me de sua livre vontade, princesa. Também era deles a opinião de que correríeis perigo numa região tão... selvagem. Morreram no cumprimento do seu dever... como prometeram nos juramentos de fidelidade.

A garganta de Lhiannah estava seca e a arinnir não soube o que dizer.

Agiste bem, Jestiban disse Worick a custo. Serviste a tua princesa e com isso salvaste-lhe a vida.

Por minha parte e pela da cidade de Thoryn acrescentou Aewyre, estou-te eternamente grato, Jestiban Kilune de Syrith. A ti e a estes bravos homens, os que lutaram e os que morreram.

Jestiban virou-se para os três e levou a mão direita de punho cerrado ao coração.

No cumprimento do dever para vos servir, senhores... E curvou-se.

Lhiannah pegou-lhe na face marmórea e beijou-lha.

A gratidão da princesa é tua, nobre comandante disse em voz baixa mas com toda a realeza de uma rainha.

A expressão do comandante manteve-se a mesma, mas as suas costas retesaram-se e subiu-lhe alguma cor às maçãs do rosto.

Com a Vossa licença, princesa disse por fim, devemos partir para transmitir a Vossa mensagem a Vosso pai e nosso senhor.

Vai, bravo Jestiban. Desejo-te boa viagem.

O comandante curvou-se respeitosamente mais uma vez e montou o seu cavalo. Os restantes guardas de Syrith seguiram-lhe o exemplo, ajoelhando-se perante Lhiannah e subindo às suas selas.

Tendes a certeza de que não desejais vir connosco... princesa? foi a última tentativa de Jestiban.

Não, Jestiban. Não posso abandonar os meus amigos.

Boa viagem, então, princesa. Que o escudo de Gilgethan vos resguarde E iniciaram galope.

Esperem! gritou uma voz estridente.

A Guarda de Syrith parou e todos olharam para trás. Taislin arrastava a custo uma sacola aparentemente bastante pesada.

Esperem... ofegou, fazendo um intervalo e esfregando o suor da testa.

Que foi, Taislin?

A manopla está aqui! declarou, poisando um pé triunfante em cima de uma forma quadrada dentro da sacola.

Os companheiros correram na direcção do burrik, mesmo Allumno, apoiando-se no cajado, e Jestiban desmontou. Taislin abriu a sacola e Aewyre e Worick puxaram o pesado relicário para fora. Os guardas de Syrith ficaram boquiabertos com o esplendor da decoração da caixa e mesmo os olhos de Jestiban se arregalaram. Aewyre reuniu coragem suficiente para abrir o relicário, vislumbrar a manopla, e fechar a caixa de seguida. Então deu um abraço forte a Taislin.

Querido amigo! Prometo que vou jogar dados contigo todas as noites e que vou pagar as apostas que te devo!

O burrik não conseguiu responder, sufocado pelos braços fortes do guerreiro. Quando Aewyre o largou, o burrik bafejou por ar.

Jestiban disse, custa-me ter de te pedir um favor depois de tudo o que já fizeste, mas devo fazê-lo.

E qual será... lorde Thoryn? perguntou o comandante respeitosamente. Aewyre indicou-lhe o relicário.

Isto deve ser levado ao templo de Gilgethan mais próximo. É uma relíquia preciosa aos fiéis do deus da guerra e pertence-lhes.

Como um bom soldado, Jestiban não fez perguntas e ordenou a dois dos seus homens que amarrassem o relicário às costas de um dos cavalos que haviam perdido os seus cavaleiros e voltou a montar.

Assim farei. Uma viagem segura para vocês, princesa, lorde Aewyre... E partiu.

Quando o último cavaleiro desapareceu atrás da curva do carreiro, os companheiros ficaram parados nas mesmas posições, sem saber o que dizer ou *fazer*.

Bem... disse Taislin. Encontrámo-la. Agora o Jestiban vai levá-la a um templo de Gilgethan e o Aewyre cumpriu a sua parte do acordo, não é?

O guerreiro limitou-se a acenar com a cabeça e todos olharam para ele. Estava dividido entre várias emoções. Frustração por o seu combate com Krór ter sido interrompido, alegria por ter encontrado a manopla, uma alegria ainda maior por saber que Nabella poderia agora descansar em paz, dúvida sobre as suas intenções, se queria apenas deixar a memória da rapariga para trás ou se a quisera honrar, raiva para com Lhiannah por se ter envolvido na sua luta, e cansaço. Agora que acabara, sentia-se cansado. Virou as costas aos companheiros, subiu uma rocha e contemplou o Vale dos Ventos.

O solo estava semeado de corpos. Hastes de lanças partidas projectavam-se do chão como pequenas árvores mortas, estandartes rotos esvoaçavam ao sabor do vento, que trazia consigo corvos e outras aves de carniça que iriam ter um autêntico festim. Cavalos, cães e hemíonos mortos davam uma cor mórbida ao cenário de outra maneira monótono nos seus tons castanhos, beges e cinzentos das armaduras de couro e lona e dos elmos e armas e escudos partidos. E o vermelho do sangue que nesse dia irrigara o Vale. Aqui e ali algo se mexia e o vento arrastava o seu gemido ou a sua prece patética aos ouvidos do guerreiro, que não pôde mais ver e teve de virar as costas, baixando a cabeça.

Lágrimas afloraram-se aos olhos de Taislin, que foi consolado por Lhiannah. A princesa ajoelhou-se para o abraçar e evitou olhar para o campo de batalha. Apenas Allumno e Worick olhavam em frente.

Ninguém ganhou disse o thuragar, olhando para as sobras do exército latvoniano a recuar para fora do vale. Mal sabia Worick que ele e os seus companheiros haviam desbaratado o batalhão que devia ter atacado a reserva dos latvonianos, que invertera o curso da batalha.

Ninguém pode ganhar com tanta gente morta... disse Aewyre, saltando para o carreiro e sentando-se num pedregulho, levando as mãos à cara. Tão cansado...

Passou algum tempo até sentir a mão de Allumno no seu ombro e ouvir a sua voz calma.

E agora, Aewyre?

O guerreiro tirou as mãos da cara e olhou em frente para os companheiros que o fitavam. Deu pela falta de Quenestil.

"Meu amigo... vou sentir a tua falta. Como precisava agora de ti", pensou, erguendo-se. Vou atrás de Krór, para as Estepes de Karatai disse como se estivesse a proclamar um édito real. Tenho de o fazer. Não posso pedir a nenhum de vocês que me acompanhe.

Onde é que eu já ouvi esta... disse Worick, olhando para Lhiannah.

Allumno ficou onde estava, dando a entender que não abandonaria o seu protegido. Taislin limpou o nariz com a mão e foi ter com Aewyre, olhando para Lhiannah com olhos vermelhos.

Vou convosco disse a princesa e Worick avançou com ela.

Obrigado a todos agradeceu Aewyre, lançando um olhar duvidoso a Lhiannah. A arinnir manteve-se inexpressiva. Vamos então?

E puseram-se a caminho, para a neblina, para as Estepes de Karatai.

EPÍLOGO

Justemy e Sibin, um rapaz e uma rapariga de Alyun, brincavam alegremente à beira do riacho perto do velho salgueiro. As suas mães haviam-nos advertido contra ir para o bosque, pois estava um dia cinzento e a chuva parecia eminente, mas era sabido e provado que as crianças sabiam ter ouvidos de mercador de Thoryn quando queriam. Justemy chapinhou com os pés descalços na água cristalina, molhando Sibin, que aproximara a cara da beira para ver um peixe. A rapariga abanou a cabeça, agitando as duas tranças e insultou o rapaz. Este riu-se e arrastou-se para trás de gatas quando Sibin começou a atirar-lhe *água*.. Inesperadamente, o clarão de um relâmpago iluminou o céu e a rapariga guinchou, encolhendo-se. Justemy foi ter com ela e fez tenção de correr até ao vau que haviam usado para transpor o rio, mas a chuva começou a cair assim que o estampido do trovão ribombou no céu, como se um gigante tivesse desferido uma pancada para derrubar um enorme alguidar. Os dois decidiram então refugiar-se debaixo do frondoso salgueiro, cujas raízes retorcidas e densa ramagem ofereciam boa protecção contra a chuva. Ali ficaram, abraçados um ao outro por cima de um montículo macio e folhoso. Entreolharam-se e foram incapazes de conter risadinhas. Se as mães os vissem assim abraçadinhos... Poderiam pensar que se queriam casar! Por alguma razão, isso não assustou nenhum dos dois e Justemy deu consigo a beijar a testa de Sibin e a abraçá-la com mais força. Por cima deles, sem que vissem, um escudo em pala atravessado por uma espada inscrito na casca do salgueiro começou a brilhar com um fulgor amarelado e as duas crianças sentiram-se seguras e adormeceram nos braços uma da outra.

PÓS-FÁCIO

E assim foi que Aewyre Thoryn se lançou na sua inesperada demanda. Carrega consigo o legado do seu pai, Aezrel Thoryn, campeão de Allaryia, e almeja descobrir o destino que lhe coube. Estará vivo? Isso não o devo dizer, pois a minha tarefa é meramente observar e relatar. Resta-nos esperar que o jovem Thoryn tenha a força de espírito e de braço suficientes para ter êxito no que nenhum tentou até hoje: alcançar Asmodeon e descobrir o destino de Aezrel Thoryn. Rodeou-se de bom e leais amigos, humana, eahan, thuragar, burrik e antroleo, e muito espera certamente este improvável grupo antes de chegar ao seu destino.

A Sombra mexe-se, quase imperceptível nos seus movimentos, oculta na escuridão que é o seu domínio. Criaturas há muito desaparecidas e até hoje apenas parte dos pesadelos de homens e mulheres caminham mais uma vez no solo de Allaryia. Será o prenúncio de dias negros que se avizinham? Hora malograda para que tal aconteça, agora que os povos de Allaryia se encontram sem campeão!

Resta-me esperar, pois as areias do tempo não serão apressadas e erodirão as barreiras que me impedem de olhar para a frente de acordo com as venetas do destino. Até lá, que os Deuses estejam connosco.

Pearnon, o Escriba Crônicas de Allaryia

GLOSSÁRIO

Acquon (A-quón) Deus da medicina.

Adelayne (a-de-LAI-ne) Princesa siruliana, mulher de *Aezrel Thoryn*, de quem teve dois filhos, *Aereth Thoryn* e *Aewyre Thoryn*. Morreu de desgosto quando se disse que o marido morrera em *Asmodeon*.

Aereth Thoryn (EI-reth-THÓ-rine) Irmão de *Aewyre Thoryn*, filho de *Aezrel Thoryn* e *Adelayne*. Reina em Ul-Thoryn como o primogénito de *Aezrel*.

Aesh'Alan (Aish-Alaan) Generais de *Seltor*, cinco seres corrompidos até ao âmago do seu ser pela Sombra, detentores de um terrível poder negro. Serviam como emissários e como condutas para a influência de *Seltor*, seu senhor. Eram os seus nomes Turriel, Nishekan, Othragon, Nibus e Thirvex. Nibus perdeu um duelo e a vida com *Zoryan*. Thirvex caiu em combate durante a *Guerra da Hecatombe*. Nibus foi morto por *Aezrel Thoryn*. Nishekan e Othragon não mais foram vistos desde então e crê-se que morreram após a queda de *Seltor*.

Aezrel Thoryn (EI-zrél-THÓ-rine) Herói da *Guerra da Hecatombe*, o Rei sem Linhagem, pai de *Aereth Thoryn* e de *Aewyre Thoryn*. Casado com *Adelayne*. Desaparecido e dado como morto após a batalha com *Seltor* em *Asmodeon*.

Aewyre Thoryn (EI-uaer-THÓ-rine) Filho de *Aezrel Thoryn* e *Adelayne*, irmão de *Aereth Thoryn*. Empunha Ancalach.

Allaryia, Pilar de Obra das Entidades, um imenso pilar que atravessa Allaryia de um lado ao outro, fazendo com que gire em si e permitindo-lhe ser banhada pelo Sol. Contém a essência das Entidades,

da qual se alimentam os Novos Deuses, a fonte de energia que também é moldada pela Palavra.

Allumno (ál-LUM-nu) Pupilo do aquimago Zoryan, cuja alma transporta na gema vermelha incrustada na sua testa.

Ancalach (AN-qa-láq) A Espada dos Reis, criada a partir das sobras da Lança de Istegard. O seu poder é lendário, mas desde o fim da Guerra da Hecatombe que pouco mais aparenta ser que uma belíssima espada da melhor qualidade.

Ankhamon (a-gha-món) Antigo deus da morte e dos mortos. Ludibriado por *Sei for*, foi morto pelos seus pares e a morte foi reconhecida como uma força elementar e algo que não devia ser representado por deus algum.

Antroleo (a-TRÓ-liu) Raça de origem indeterminada, possivelmente primordial. Têm uma aparência animalesca, que contribui para a sua justa reputação de ferocidade. Teoricamente menos evoluídos que os humanos, sempre ficaram na sua sombra; as suas sociedades tribais pálidas perante os impérios humanos. A maioria dos clãs persiste nas regiões montanhosas de Latvonia, no Noroeste de Allarya, nos Bosques Indomáveis do Norte e nas Colinas Anathol em Thyr.

Arinnir (aã-RINE-nir) Povo de mulheres exiladas que vivem em sociedades matriarcais, pregando a paz e isolando-se do mundo, que consideram corrupto e mau. Os únicos homens presentes nessas sociedades são escravos e reprodutores.

Asmodeon (az-MÓ-dé-ón) Antiga Syntadel, posteriormente corrompida por *Seltor*. Fortaleza negra situada numa península homónima, ligada ao continente pelo Istmo Negro.

Assana (as-SA-na) Deusa do amor, da paixão e do casamento.

Azigoth (a-zí-GÓ-th) Seres demoníacos criados à imagem de *Luris*.

Babaki (bá-BÁ-qui) *Antroleo* exilado, o último descendente dos shakarex, uma antiga linhagem de ferozes guerreiros.

Baodegoth (bá-ó-dé-GÓTH) Um *moorul* sobrevivente da Guerra da Hecatombe.

Boaroar (BOA-róar) Raça primitiva de seres humanóides corpulentos com cabeça de javali. Calcula-se que a sua origem seja tão antiga quanto a dos antroleos.

Burrik (BUR-rique) Seres diminutos com olhos felinos não verdadeiramente nativos a Allarya. Foram criados por *Kispryn*, que teve a sua mão cortada pelos seus pares como castigo pela audácia, vista

como uma heresia e um atentado a toda a Criação, e foi graças a esta espécie que mais nenhum deus ousou criar vida. Criados à imagem do seu deus, são irreverentes, despreocupados e individualistas, merecendo a desconfiança de todos.

Caos, Filhos do Criaturas da entropia; a reacção cósmica às energias criativas das *Entidades*. Monstros desmesurados de terrível poder que assolaram Allaryia durante a Terceira Era. Foram destruídos pelos esforços unidos dos humanos e do *Delta*.

Delta, O Triunvirato das *Entidades*.

Deuses, Novas Divindades criadas aquando a fragmentação A'As *Entidades*. São eles *Acquon*, *Assana*, *Gilgethan*, *Gorfanna*, *Joral*, *Kispryn*, *Nirille* e *Tharobar*.

Divaroth (dí-vá-RÓ-th) Seres angelicais criados à imagem de *Sirul*.

Drahreg (DRÁ-reg) O Primeiro Pecado. Criaturas de pura maldade criadas a partir da essência dos *thuragar*.

Eahan (ÉÁ-hãne) Os Irmãos Belos dos humanos, criados à imagem de *Sirul*. São conhecidas quatro raças: eahan da montanha, ruivos e de olhos cinzentos, eahan da floresta, de cabelos castanhos e olhos verdes, *eahlan* e *eahanoir*. São belos e, com a notória excepção dos *eahanoir*, conhecidos pela bondade e compaixão.

Eahanoir (ÉÁH-nuar) *Eahan* corrompidos por *Seltor*. São das poucas coisas que podem fazer um *eahan* cometer actos contrários à sua natureza bondosa.

Eahlan (ÉÁL-lane) *Eahan* antigamente protegidos por *Luris*, tendo vivido debaixo do braço da benévola Entidade até esta se fragmentar. Migraram para *Sirulia*, onde vivem com os seus habitantes, ansiando pelo dia em que poderão tomar *Asmodeon*.

Entidades, As Três seres demiurgos nados há tempos imemoriais, seus nomes *Sirul*, *Luris* e *Siris*. Ver *Delta*, O.

Essência, A Resíduo de energia deixado pelas *Entidades*, que move o *Pilar de Allaryia* e alimenta os deuses.

Flagelo, O Ver *Seltor*.

Gilgethan (GUIL-gé-thãne) Deus da guerra, da perícia, da força de armas e dos feitos heróicos, bons ou maus.

Glottik (GLÓ-tiq) Linguagem derivada dos antigos dialectos Sirulianos. Presentemente, é a língua corrente em Allaryia, falada ou aceite em quase todas as regiões como o idioma universal.

Gorfanna (gór-FAN-na) Deusa da agricultura, dos animais domésticos, da colheita, do lar e das terras domadas.

Harahan (ha-ra-HAN) Seres femininos criados por *Seltor* e que o serviram como assassinas, espias e agentes de corrupção. Diz-se que os seus característicos lábios negros são efeito do beijo de *Seltor*.

Hecatombe, Guerra da Conflito durante a Oitava Era que parecia anunciar a vitória total de *Seltor*.

Joral (Jõ-RALE) Deus do dinheiro, dos negócios e do comércio.

Kispryn (kiss-PRINE) Deus da rebeldia, da irreverência, da brincadeira, das partidas, o Parlapatão dos Deuses. Criador dos *Burriks*.

Lhiannah (LÍ-ãn-na) Filha do regente de Vaul Syrith e Lhiannon, uma *arinnir*.

Luris (LÚ-rij) Ser negro e maldoso, uma das *Entidades*.

Mãe Obscuro ser incumbido pelas *Entidades* de velar pela Natureza em Allarya.

Montanha Aquando da morte de um indivíduo, a alma deste voa para um estranho e montanhoso reino espiritual. Lá deve escalar a montanha que representa aquilo que alcançou enquanto vivo, sendo a sua altura correspondente aos seus feitos. No fim da escalada, na qual um indivíduo revê tudo em retrospectiva, são-lhe abertas as portas para o domínio do deus que venera.

Moorul (MÓ-rule) Os Tenentes de *Seltor*. Seres esqueléticos que envergam armaduras negras e enchem os corações dos que se lhes opõem de medo. As lâminas das suas temidas *darcsuords* absorvem o sangue das vítimas e fortalecem-nos.

Nayana (NA-iã-nã) Ninfas dos rios, emissárias da *Mãe*.

Nirille (ni-RÍL-le) Deusa da arte, da música e da dança.

Nolwyn (NÕLE-uin) A que já foi a mais poderosa das nações humanas, presentemente reduzida a oito domínios de cidades-estado, que são: Ul-Thoryn, Vaul-Syrith, Sardin, Lennhau, Promontório de Durlan, Sicoro, Antumnía e Sandona.

Ocarr (Ó-cáre) Povo das Estepes de Karatai, uma gente de baixa estatura, pele tostada pelo sol e olhos ovais. São conhecidos pelas suas tácticas de guerra únicas: unidades de arqueiros montados em hemíonos, burros selvagens das estepes.

Ogroblin (õ-GRO-bline) Criações de *Seltor*, humanóides de grande porte, parecidos com enormes drahregs. Vivem apenas para matar e comer, e as regiões que habitam tendem a ficar extremamente pobres em fauna e flora.

Palavra, A Língua primordial, ensinada pelas *Entidades* aos humanos durante a Terceira Era. Através das palavras nela proferidas, é possível fazer uso da *Essência* para criar efeitos desejados. Este acto

é conhecido como a Arte da Palavra e a sua ciência é conhecida como Magia. Leigos chamam-lhe "esconjurar feitiços" ou "encantamentos".

Quenestil (QUÉ-néss-tile) *Eahan* das montanhas, *sbura*.

Sarea (SÁ-ria) O Arauto Divino, enviada pelos *Novos Deuses* para combater a nefasta influência de *Seltor* em Allaryia. Pereceu dos ferimentos que recebeu no combate a lado de *Aezrel Tborn* contra *Seltor*.

Selenn (sé-LÉ-ne) Espíritos da noite, almas perdidas que atraem vítimas com visões dos seus desejos e lhes sugam a essência vital.

Seltor (SEL-tóre) Filho da união profana entre *Luris* e um mortal. O Segundo Pecado, o Usurpador de Deuses, o Flagelo de Allaryia, o Anátema, o Bastardo, o Mal Encarnado, a Sombra.

Shadden (XÁ-dé-ne) Criaturas de pura penumbra, diz-se que são fragmentos da sombra de *Seltor* que vagueiam Allaryia desde a morte d'o Flagelo.

Shura (SHÚ-ra) Servos da *Mãe*, dedicados à protecção e preservação da Natureza.

Sirul (sí-RULE) Ser radiante e benévolo, uma das *Entidades*.

Sirulianos Humanos que viveram sob a protecção de *Sirul* durante a Quarta Era. São um povo alto, forte e nobre, que habita Sirulia e cujos castelos servem de barreira às ameaças de *Asmodeon*.

Siris (si-RÍJ) Ser opaco e neutro, uma das *Entidades*.

Slayra (SLEI-ra) Assassina *eahanoir*.

Taislin (TEI-sline) *Burrik* aventureiro.

Tharobar (THÁ-ró-báre) Deus da manufactura, dos ferreiros e do engenho.

Thuragar (TÚ-rá-gáre) Seres criados por *Luris* a partir do pior que os humanos possuem. São baixos, atarracados e conhecidos pela mesquinhez e má disposição. Os seus olhos são pequenos por viverem debaixo de terra e os narizes e dedos sensíveis e apurados.

Thyr (THÍR) Nação rodeada pela cadeia montanhosa d'A Cinta.

Torun (TÓ-rune) Filho de *Sirul* e *Luris*. Irmão de *Wrallach*. Morto durante a Guerra da Hecatombe.

Tyarch (Tl-arq) Antigos seres alados de proporções monstruosas, presumivelmente extintos durante a Guerra da Hecatombe.

Ulkekhlen (ÚL-qéq-lén) Diminutos duendes malignos, semelhantes a pequenos *drahregs*.

Urnán (Ú-má-ne) Seres andróginos, criados à imagem de *Siris*.

Urial (U-riále) Língua de *Latvonia*.

Vegear (VÉ-jé-áre) Homens-plantas, habitantes de regiões húmidas.

Worick (uó-RIQ) *Thuragar* mentor de *Lhiannah*.

Wrallach (WRÁL-laqh) Filho de *Sirul* e *Luris*. Irmão de *Torun*. Morto durante a Era Negra, posteriormente ressuscitado por *Seltor* e definitivamente morto na Guerra da Hecatombe.

Zoryan (zó-RI-âne) O Arquimago, companheiro de *Aezrel Thoryn*. Morto durante a Guerra da Hecatombe.

ÍNDICE

Prefácio 9

Prólogo 19

LIVRO PRIMEIRO

Encontros inesperados 33

Perigos no bosque 50

Um companheiro indesejado 63

Llen 77

A caçada 93

O animal dentro de nós 105

A caravana 123

Alyun 132

A fortaleza 150

Traição 169

Resgate 179

O tirano 194

Breve interlúdio 207

A sombra move-se 225

Vingança 236

LIVRO SEGUNDO

Compromissos divinos 257

Os pântanos 271

Fuga 295

A presa e o caçador 312

Vau do Caar 326

533

A manopla 350

Sombras na noite 372

Os muitos braços do Flagelo 385

A bênção da nayana 399

A essência da lâmina 419

A estrada escurece 429

No covil do senhor da guerra 450

Surpresas 467

Resoluções 486

Caminhos separados 496

A Batalha do Vale dos Ventos 502

Aço contra aço 515

Epílogo 525

Posfácio 526

Glossário 527

534